SCOTT TUROW

Autor de *Erros irreversíveis*



ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

RECORD

"Um fato é certo: se você começar a ler este livro, vai terminá-lo."
The Sunday Times

SCOTT TUROW

ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

Tradução de
A. B. PINHEIRO DE LEMOS

9ª EDIÇÃO



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Turow, Scott
T858a Acima de qualquer suspeita / Scott Turow; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. – Rio de Janeiro: Record, 2012..
recurso digital

Tradução de: Presumed Innocent
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-09973-0 [recurso eletrônico]

1. Ficção norte-americana. I. Lemos, A. B. Pinheiro de (Alfredo Barcelos Pinheiro de), 1938- . II Título.

CDD: 813
CDU: 821.111-(73)-3

Título original norte-americano:
PRESUMED INNOCENT

Para minha mãe Copyright © 1987 by Scott Turow

Esta edição é publicada mediante acordo com o autor. O contrato celebrado com o autor proíbe a exportação deste livro para Portugal.
Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares, personagens e incidentes são inteiramente imaginários, e qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas reais, vivas ou mortas, não passa de coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 - Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09973-0

Para minha mãe

Alegações preliminares

É assim que sempre começo:

"Sou o promotor.

"Represento o Estado. Aqui estou para lhes apresentar as provas de um crime. Juntos, vocês vão avaliar essas provas. Vão deliberar a respeito. E decidirão se confirmam a culpa do réu.

"Este homem..." E a essa altura eu o aponto.

Você sempre deve apontar, Rusty, foi o que John White me disse no dia em que comecei no gabinete. O xerife me tirou as impressões digitais, o juiz tomou meu juramento e John White levou-me para assistir ao primeiro julgamento de júri da minha vida. Ned Halsey fazia as alegações preliminares para o Estado; enquanto gesticulava pelo tribunal, John, à sua maneira generosa e paternal, cheirando a álcool às 10 horas, sussurrou minha lição inicial. Ele era, então, o subchefe da promotoria, um irlandês vigoroso, os cabelos brancos sempre desgrenhados como barbas de milho. Foi há quase 12 anos, muito antes de eu sequer acalentar a ambição secreta de ocupar o cargo de John. Se você não tem coragem de apontar, sussurrou John White, não pode esperar que eles tenham coragem de condenar.

Por essa razão, eu aponto. Estendo a mão ao longo do tribunal. Estico um dedo. Procuro os olhos do réu. E digo:

"Este homem foi acusado."

Ele desvia o rosto. Ou pisca. Ou não demonstra a menor reação.

No começo eu me preocupava com freqüência, imaginando como me sentiria sentado ali, sob o foco de olhares atentos, denunciado com veemência perante todos que quisessem escutar,

sabendo que os privilégios mais comuns de uma vida decente – boa-fé, respeito pessoal e até mesmo liberdade – eram agora como um capote que se deixava na porta e talvez nunca se pudesse recuperar. Podia sentir medo, frustração intensa, isolamento angustiante.

Agora, como os depósitos de minério, o material mais duro do dever e da obrigação instalou-se nas veias em que circulavam esses sentimentos mais brandos. Tenho um trabalho a fazer. Não que eu tenha me tornado indiferente. Podem estar certos. Mas essa função de acusar, julgar e punir sempre existiu; é uma das grandes engrenagens por trás de todos os nossos atos. Faço a minha parte. Sou um funcionário do nosso único sistema universalmente reconhecido de distinguir o errado do certo, um burocrata do bem e do mal. Isto deve ser proibido; não aquilo. Era de se esperar que, depois de tantos anos a formular acusações, atuar em casos, observar réus irem e virem, tudo poderia se tornar uma confusão. Mas isso não aconteceu.

Torno a me virar para os jurados.

"Hoje vocês, todos vocês, assumiram uma das mais solenes obrigações da cidadania. Têm a incumbência de descobrir os fatos. A verdade. Não é uma tarefa fácil. Sei disso. As memórias podem falhar; as lembranças podem ser enevoadas. As provas podem apontar para direções divergentes. Vocês podem ser forçados a decidir sobre coisas que ninguém parece saber ou está disposto a contar. Se estivessem em casa, no trabalho, em qualquer lugar da vida cotidiana, poderiam sentir o impulso de levantar as mãos em desistência, poderiam não querer fazer o esforço. Mas aqui devem fazê-lo.

"E devem mesmo. Deixem-me lembrar a vocês. Houve um crime real. Ninguém vai contestar isso. Houve uma vítima real. Dor real. Não precisam nos explicar por que aconteceu. Afinal, os motivos das pessoas podem permanecer para sempre encerrados dentro delas. Mas devem, no mínimo, tentar determinar o que de fato aconteceu. Se não puderem, não saberemos se este homem merece ser libertado... ou punido. Não teremos a menor idéia de quem culpar. Se não pudermos descobrir a verdade, qual será nossa esperança de justiça?"

Primavera

1

— Eu deveria me sentir mais triste – diz Raymond Horgan.

Imagino a princípio se ele se refere ao elogio solene que está prestes a pronunciar. Consultou mais uma vez suas anotações e está guardando os dois cartões de fichário no bolsinho do terno de sarja azul. Mas, quando percebo sua expressão, reconheço que o comentário foi pessoal. Do banco traseiro do Buick oficial, ele olha fixamente pela janela para o tráfego intenso à medida que nos aproximamos do South End. O olhar assumiu um aspecto meditativo. Enquanto o observo, ocorre-me que essa pose seria bastante eficaz como a imagem para a campanha deste ano: as feições rudes de Raymond fixadas num misto de solenidade, coragem e vestígio de pesar. Ele exibe algo do ar estóico desta metrópole às vezes triste, como os tijolos enegrecidos e os telhados de papel alcatroado desta parte da cidade.

É um lugar-comum entre os que trabalham com Raymond comentar que parece que ele não está bem. Há vinte meses separou-se de Ann, sua esposa por trinta anos. Engordou e adquiriu uma perpétua expressão sombria, que sugere ter finalmente alcançado aquele estágio da vida em que acredita que muitas coisas dolorosas não vão melhorar. Um ano antes, a aposta era de que Raymond não teria a energia ou o interesse em concorrer de novo, e ele esperou até quatro meses antes das eleições primárias para anunciar sua decisão. Alguns dizem que foi o vício do poder e da vida pública que o levou a disputar outra vez. Creio que o principal impulso foi o ódio absoluto de Raymond a seu adversário, Nico Della Guardia, que até o ano passado era o outro vice-promotor em nosso gabinete. Qualquer que tenha sido a motivação, foi uma campanha difícil. Enquanto houve dinheiro, agências e consultores de mídia estiveram envolvidos! Três rapazes de sexualidade duvidosa decidiram questões de imagem e providenciaram para que esse retrato de Raymond fosse colocado na traseira de um em cada quatro ônibus da cidade. Ele exibe um sorriso insinuante, com a intenção de parecer alguém determinado. Acho que a fotografia o faz parecer um imbecil. É mais um sinal de que Raymond caiu em descompasso. Provavelmente, é a isso que se refere quando diz que deveria se sentir mais triste. Está querendo dizer que os acontecimentos parecem resvalar por ele mais uma vez.

Raymond continua a falar sobre a morte de Carolyn Polhemus, há três noites, no dia 1º de abril.

– É como se eu não pudesse chegar lá. Tenho Nico de um lado, procurando dar a impressão de que fui eu quem a matou. E todos os idiotas do mundo com credenciais da imprensa querem saber quando vamos descobrir o assassino. E as secretárias se trancam no banheiro para chorar. E, ainda por cima, não se pode deixar de pensar nessa mulher. Afinal, eu a conheci como agente de condicional, antes de se formar na faculdade de direito. Trabalhava para mim. Fui eu quem a contratou. Uma garota esperta, sensual. Uma advogada sensacional. E a gente acaba pensando a respeito, sabe como é, o fato concreto... Acho que estou meio calejado, mas, mesmo assim, é demais. Algum cretino arromba o lugar. E é assim que ela se apaga, é esse o seu *au revoir*? Com algum maluco arrebentando seu crânio e lhe dando uma trepada. Santo Deus! – E Raymond repete: – Não se pode sentir pena suficiente.

– Não houve arrombamento – finalmente me manifesto.

O súbito tom assertivo surpreende até a mim. Raymond, que por um momento retomou a consideração de um punhado de papéis trazidos do escritório, inclina a cabeça para trás e me fita com um olhar astucioso.

– De onde tirou essa idéia?

Demoro a responder.

– Encontramos a garota estuprada e amarrada – acrescenta Raymond. – Aqui entre nós, eu não começaria a investigação por seus amigos e admiradores.

– Não havia janelas quebradas – ressalto. – Nem portas arrombadas.

A essa altura, Cody, tira por trinta anos que passa seus últimos dias na polícia guiando a viatura oficial de Raymond, intervém na conversa, lá do banco da frente. Cody se mantém estranhamente quieto hoje, poupando-nos o devaneio habitual sobre as transas de vagabundos e os grandes golpes que testemunhou a granel na maioria das avenidas da cidade. Ao contrário de Raymond – e também de mim, não posso deixar de acrescentar –, ele não tem a menor dificuldade para chegar ao pesar. Parece estar sem dormir, o que dá a seu rosto uma expressão de desgosto irritado. Meu comentário sobre as condições do apartamento de Carolyn o atiçou, por algum motivo.

– Todas as portas e janelas do apartamento estavam destrancadas – informa Cody. – Ela gostava assim. A garota vivia num lugar semelhante a um reino de fadas.

– Acho que alguém bancou o esperto – asseguro aos dois. – Queria nos lançar na direção errada.

– Não venha com essa, Rusty – protesta Raymond. – Estamos procurando por um vagabundo. Não precisamos de nenhuma porra de Sherlock Holmes. Não tente se antecipar aos detetives da Divisão de Homicídios. Fique de cabeça baixa e ande em linha reta. Certo? Pegue um culpado e salve meu rabo imprestável.

Ele me sorri então, um sorriso efusivo e sugestivo. Quer que eu saiba que está segurando a barra. Além disso, não há necessidade de enfatizar ainda mais as implicações de se pegar o assassino de Carolyn. Em seus comentários noticiados sobre a morte de Carolyn, Nico foi vil, aproveitador e implacável.

– A negligência do promotor na aplicação da lei durante os últimos 12 anos converteu-o em cúmplice dos elementos criminosos da cidade. Até mesmo as pessoas de sua equipe não estão mais seguras, como demonstra esta tragédia.

Nico não explicou como sua contratação de Raymond para promotor-assistente, há mais de dez anos, se enquadra na ligação deste com a ilegalidade. Mas os políticos não precisam explicar

certas coisas. Além do mais, Nico sempre foi descarado em seu comportamento público. É uma das coisas que o tornam maduro para uma carreira política.

Maduro ou não, todos esperam que Nico perca a eleição primária, daqui a 18 dias. Raymond Horgan vem fazendo o maior sucesso com 1,5 milhão de eleitores registrados do Condado de Kindle há mais de uma década. Este ano ele ainda precisa conquistar o endosso do partido, mas isso acontece em grande parte devido a uma antiga divergência de facções com o prefeito. O grupo político de Raymond – que nunca me incluiu – está convencido de que, no momento em que forem publicadas as primeiras pesquisas de opinião, dentro de uma semana e meia, outros líderes do partido poderão pressionar o prefeito a mudar de posição, e com isso Raymond estará garantido por mais quatro anos. Nesta cidade de um só partido a vitória na primária equivale à eleição.

Cody se vira do banco da frente e diz que já são quase 13 horas. Raymond balança a cabeça, distraído. Cody interpreta esse gesto como assentimento e estende a mão por baixo do painel para ligar a sirene. Usa-a em dois toques curtos, quase como uma pontuação no tráfego, mas os carros e caminhões se afastam e o Buick escuro arremete. A vizinhança por aqui ainda é marginal – casas mais antigas com as laterais de ripas, varandas arrebentadas. Crianças pálidas brincam com bolas e cordas na beira da calçada. Fui criado a uns três quarteirões daqui, num apartamento em cima da padaria de meu pai. Recordo esse tempo como anos sinistros. Durante o dia, quando não estava na escola, eu e minha mãe ajudávamos papai na padaria. À noite ficávamos em um cômodo trancado, enquanto meu pai bebia. Não havia outros filhos. O bairro hoje não é muito diferente, ainda habitado por pessoas como meu pai: sérvios, como ele era, ucranianos, italianos, poloneses – tipos étnicos que mantêm sua paz e as próprias perspectivas sombrias.

Somos detidos no tráfego intenso da tarde de sexta-feira. Cody se enfiou atrás de um ônibus municipal, que lança suas fumaças nocivas ruidosamente. Um cartaz da campanha também está pregado ali, com 2 metros de largura, e Raymond observa lá de cima, a expressão infeliz de um entrevistador de televisão ou o porta-voz de comida enlatada para gatos. E não posso me controlar. Raymond Horgan é meu futuro e meu passado. Estou com ele há 12 anos, anos repletos de genuína lealdade e admiração. Sou o seu braço direito, e sua queda acarretaria a minha. Mas não há como silenciar a voz de descontentamento; ela possui seus próprios imperativos. E fala agora à imagem lá em cima com uma repentina franqueza. Você é um imbecil, diz ela. Isso mesmo, insiste, não passa de um imbecil.

AO VIRARMOS na Third Street, posso constatar que o funeral se tornou um evento importante para o Departamento de Polícia. Metade dos carros estacionados tem duas cores, preto e branco, há policiais em duplas e trincas circulando pelos caminhos. Matar alguém da promotoria só está a um passo de matar alguém da polícia; e quaisquer que sejam os interesses institucionais, Carolyn tinha muitos amigos no departamento – o tipo de relacionamento leal que uma boa promotora desenvolve ao apreciar o eficiente trabalho policial e ao cuidar para que não seja desperdiçado no tribunal. Além disso, é claro, há o fato de que era uma mulher bonita e de temperamento extrovertido. Carolyn, todos sabemos, gostava de se divertir.

Mais perto da capela o tráfego está irremediavelmente congestionado. Avançamos apenas uns poucos metros antes de parar e esperar que os veículos lá na frente descarreguem passageiros. Os veículos das pessoas importantes – limusines com placas oficiais, pessoal da imprensa à procura de vagas próximas – bloqueiam a passagem completamente indiferentes. Os repórteres de rádio e televisão não obedecem às posturas municipais nem às regras comuns da urbanidade. O furgão Minicam de uma emissora, equipado até com radar, está parado na calçada,

bem diante da porta de carvalho aberta da capela. Diversos repórteres trabalham no meio da multidão, como se estivessem numa luta de boxe, enfiando microfones na cara das autoridades que chegam.

– Mais tarde – diz Raymond, arremetendo como um touro pela horda da imprensa, que cerca o carro no instante em que finalmente encostamos no meio-fio.

Ele explica que fará alguns comentários em seu elogio fúnebre e que os repetirá ao sair. Faz uma pausa, tempo suficiente para fazer um agrado em Stanley Rosenberg, do Canal 5. Stanley, como sempre, terá a primeira entrevista.

Paul Dry, do gabinete do prefeito, gesticula para mim. Vossa Senhoria, ao que parece, gostaria de trocar uma palavrinha com Raymond antes de a cerimônia começar. Transmito o recado no momento em que Horgan se desvencilha dos repórteres. Ele faz uma careta – uma reação insensata, pois Dry pode ver – antes de se afastar com Paul, desaparecendo na escuridão gótica da igreja. O prefeito, Augustine Bolcarro, tem o caráter de um tirano. Há dez anos, quando era o sujeito mais quente da cidade, Raymond Horgan quase tirou Bolcarro do cargo. Quase. Desde que perdera aquela primária, Raymond tivera todos os gestos apropriados de lealdade. Mas Bolcarro ainda sente a dor dos ferimentos antigos. Agora que finalmente chegou a vez de Raymond enfrentar uma eleição primária disputada, o prefeito alegou que seu papel no partido exige neutralidade e anunciou que pretende se abster na hora da decisão. É evidente que está gostando de observar Raymond lutar sozinho para alcançar a praia. E, quando Horgan chegar lá, Augie será o primeiro a cumprimentá-lo, garantindo que sabia desde o início que Raymond era um vencedor.

Lá dentro, quase todos os bancos já se encontram ocupados. O caixão na frente está cercado por flores – lírios e dálias brancas – e imagino sentir, apesar de tantos corpos, uma vaga fragrância floral no ar. Trato de avançar, acenando com a cabeça para diversos personagens, apertando suas mãos. É o que se poderia chamar uma multidão de peso: todos os políticos da cidade e do condado. A maioria dos juízes está presente; e também a maioria dos luminares de defesa. Alguns grupos esquerdistas e feministas, com os quais Carolyn às vezes se alinhava, também estão representados. A conversa é apropriadamente moderada, as expressões de choque e pesar são sinceras.

Esbarro em Della Guardia, que também está no meio da multidão.

– Nico! – Aperto sua mão. Ele tem uma flor na lapela, um hábito que adquiriu desde que se tornou candidato. Pergunta por minha mulher e por meu filho, mas não espera a resposta. Em vez disso, assume uma súbita expressão de sobriedade trágica e começa a falar da morte de Carolyn.

– Ela era simplesmente...

Ele gira as mãos, em busca da palavra certa. Percebo que o impetuoso candidato a promotor aspira à poesia e trato de interrompê-lo:

– Ela era esplêndida – digo e fico momentaneamente espantado com o meu repentino ímpeto de sentimento e a força e a rapidez com que se desprendeu de algum lugar íntimo e secreto.

– Esplêndida. É isso mesmo. Muito bom.

Nico acena com a cabeça; depois, uma sombra parece atravessar seu rosto. Eu o conheço bastante bem para saber que encontrou um pensamento que pode lhe ser benéfico.

– Imagino que Raymond está se empenhando ao máximo neste caso.

– Raymond sempre se empenha ao máximo em todos os casos. Você sabe disso.

– Ah... Sempre pensei que você fosse apolítico, Rusty. Mas agora está usando as frases dos redatores de campanha de Raymond.

– Que são melhores do que os seus, Delay. – Nico ganhara esse apelido quando ambos éramos novos no gabinete do promotor, trabalhando na seção de apelações. Nico jamais conseguia concluir um sumário no prazo. John White, o antigo subchefe da promotoria, chamava-o de “Sempre atrasado”.

– Oh, não! – ele exclama. – Estão zangados comigo pelo que andei dizendo? Porque de fato acredito no que falei. Creio que a imposição eficaz da lei começa por cima. Estou convencido de que isso é verdade. Raymond está mole. E cansado. Não lhe resta ânimo para ser duro.

Conheci Nico há 12 anos, em meu primeiro dia como assistente de promotoria, quando fomos designados para partilhar uma sala. Onze anos depois eu era o vice-promotor e ele, o chefe da Seção de Homicídios, e tive de despedi-lo. Àquela altura, ele já começara abertamente a tentar remover Raymond do cargo. Havia um médico negro, um aborteiro, que Nico queria processar por homicídio. Sua posição não fazia o menor sentido em termos legais, mas atiçava as paixões de vários grupos de interesses, cujo apoio ele procurava. Nico plantava notícias sobre suas divergências com Raymond; sustentava alegações em tribunais de júri – para os quais sempre havia uma abundante cobertura da imprensa – que não passavam de discursos de campanha. Raymond deixou o ato final para mim. Certa manhã fui ao Kmart e comprei o par de sapatos de corrida mais barato que encontrei. Deixei na mesa de Nico com um bilhete: “Adeus. Boa sorte. Rusty.”

Sempre tive certeza de que uma campanha política combinaria muito bem com ele. Nico Della Guardia tem cerca de 40 anos agora, um homem de estatura mediana, com uma aparência esmerada desde que o conheço. Preocupa-se com o peso, em não comer carne vermelha, coisas assim. Embora a pele seja ruim e a combinação de cores esquisita – cabelos ruivos, pele azeitonada, olhos claros –, possui o tipo de rosto cujas imperfeições não são detectadas por uma câmera ou mesmo em um tribunal, sendo no conjunto considerado bonito. E, sem dúvida, ele sempre se vestiu para corresponder a esse papel. Mesmo nos dias em que consumia a metade do seu salário, Nico sempre usou ternos sob medida.

Muito além da boa aparência, no entanto, o aspecto mais fascinante de Nico sempre foi a audácia e a sinceridade indiscriminada que ele exibe aqui, recitando os aspectos de sua plataforma enquanto conversa, no meio de um funeral, com o principal assistente de seu adversário. Depois de 12 anos, inclusive dois em que partilhamos a mesma sala, aprendi que Delay sempre pôde ostentar esse tipo de fé espontânea e exuberante em si mesmo. Na manhã em que o despedi, há nove meses, ele passou por minha sala na saída, radiante como uma moeda nova, e disse simplesmente: “Eu voltarei.”

Tento me livrar de Nico agora.

– É tarde demais, Delay. Já prometi meu voto a Raymond Horgan.

Ele demora a perceber a piada, mas não desiste mesmo depois disso. Continuamos numa espécie de jogo, realçando as fraquezas. Nico admite que sua campanha dispõe de pouco dinheiro, mas alega que o apoio tácito do arcebispo lhe empresta “capital moral”.

– É nisso que somos fortes – ele declara. – De verdade. É com isso que conquistaremos os votos. As pessoas já esqueceram por que alguma vez quiseram votar em “Direitos Civis Raymond”. Ele não passa de uma lembrança vaga. Uma sombra. E eu tenho uma mensagem forte e clara. – A confiança de Nico é radiante, como sempre, quando se põe a falar de si mesmo. – Sabe o que me preocupou? Sabe a quem seria muito difícil derrotar? – Ele se aproximara mais um passo, baixando a voz. – Você.

Solto uma risada, mas Nico continua:

– Fiquei aliviado. Estou dizendo a verdade. Fiquei aliviado quando Raymond anunciou sua

decisão. Já estava prevendo: Horgan convoca uma entrevista coletiva, diz que vai se aposentar, mas pediu a seu principal assistente para continuar sua obra. A mídia vai adorar Rusty Sabich. Um cara apolítico. Um promotor profissional. Estável. Maduro. Alguém em quem todos podem confiar. O homem que acabou com a quadrilha dos Night Saints. Eles armam tudo isso e Raymond ainda consegue o apoio de Bolcarro para você. Seria um adversário difícil, muito difícil.

– Isso é ridículo – respondi, fingindo bravamente que o roteiro descrito não aflorara em minha imaginação pelo menos cem vezes durante o último ano. – Você é mesmo terrível, Delay. Dividir para conquistar. Nunca vai parar de agir assim.

– Ei, espere um pouco, meu amigo. Sou um dos seus verdadeiros admiradores. E falo sério. Não há ressentimentos aqui. – Ele toca na camisa, por cima do colete. – É uma das poucas coisas que continuarão como estão quando eu chegar lá. Você permanecerá no seu cargo.

Digo a ele, muito afável, que tudo aquilo não passa de besteira.

– Você nunca será o promotor. E, se fosse, Tommy Molto seria o seu homem. Todo mundo sabe que Tommy é o seu predileto.

Tommy Molto é o melhor amigo de Nico, seu antigo subchefe na Seção de Homicídios. Molto não dá as caras no escritório há três dias. Não telefonou e sua mesa está limpa. A convicção geral é de que, no momento em que diminuir um pouco a repercussão da morte de Carolyn, na próxima semana, Nico vai promover outra entrevista coletiva e anunciar que Tommy aderiu à sua campanha. Isso proporcionará mais algumas manchetes. ASSISTENTE DESAPONTADO DE HORGAN APÓIA NICO. Delay sabe encenar essas coisas muito bem. Raymond tem uma crise sempre que ouve o nome de Tommy.

– Molto? – Nico me pergunta agora. Sua expressão de inocência não é nada convincente, mas não tenho a oportunidade de responder. O reverendo acaba de pedir aos presentes para que se sentem. Limito-me a sorrir para Della Guardia – um sorriso afetado – ao nos separarmos, e começo a abrir caminho para a frente da capela, onde Raymond e eu devemos sentar, como representantes da promotoria. Mas, enquanto avanço, fazendo gestos comedidos de reconhecimento para as pessoas que conheço, o calor da confidência veemente de Nico ainda me envolve. É como sair do sol ardente: a pele comicha e fica sensível ao contato. E me ocorre então, abruptamente, no momento em que tenho a primeira visão plena do caixão cinzento, que Nico Della Guardia pode até vencer. Essa profecia é anunciada por uma vozinha em algum lugar do meu íntimo, como uma consciência esganiçada, para me dizer o que não quero ouvir. Por mais indigno que Nico seja, desqualificado, um pigmeu na alma, algo pode estar impelindo-o para o triunfo. Aqui, nesta região dos mortos, não posso deixar de reconhecer o apelo carnal de sua vitalidade e como isso pode levá-lo longe.

COMO ERA APROPRIADO àquela cerimônia pública, duas fileiras de cadeiras dobráveis foram dispostas junto ao caixão de Carolyn. A maior parte está ocupada pelas autoridades aguardadas. A única presença desconhecida é um garoto no final da adolescência, sentado ao lado do prefeito, ao pé do caixão. O garoto tem cabelos louros emaranhados e uma gravata tão apertada que as pontas do colarinho de camisa de raiom projetam-se pelo ar. Um primo, concluo, talvez um sobrinho, mas, com toda certeza – e surpreendentemente –, alguém da família. Os parentes de Carolyn, pelo que eu sabia, estavam todos lá no Leste, onde ela tencionara deixá-los, há muito tempo. Ao lado do garoto, na primeira fila, há mais gente do prefeito do que deveria, não sobra lugar para mim. Quando passo pela segunda fila, Raymond inclina-se para trás. Ao que parece, observou minha conversa com Della Guardia.

– O que Delay tinha a dizer?

– Nada. Só besteira. Está ficando sem dinheiro.

– Quem não está?

Pergunto pelo encontro com o prefeito e Horgan revira os olhos.

– Ele queria me dar uns conselhos, em caráter confidencial, só nós dois, pois não quer dar a impressão de que está apoiando apenas um lado. Acha que minhas chances aumentariam muito se prendêssemos o assassino de Carolyn antes da eleição. Dá para acreditar nisso? E ele falou com a cara mais limpa do mundo, não pude nem me mandar. Está no maior alvoroço. – Raymond aponta. – Olhe só para ele. O principal pranteador.

Raymond, como de hábito, não é capaz de se controlar quando fala de Bolcarro. Olho ao redor, torcendo para que ninguém nos tenha ouvido. Balanço a cabeça na direção do garoto sentado ao lado do prefeito.

– Quem é o garoto? – pergunto.

Acho que não entendi a resposta de Horgan e me inclino ainda mais. Raymond levanta a cabeça, quase encosta em meu ouvido.

– O filho dela.

Eu me enrijeço bruscamente.

– Foi criado com o pai em Nova Jersey e depois veio para cá – explica Raymond. – Está na universidade.

A surpresa parece me empurrar para trás. Murmuro alguma coisa para Raymond e continuo ao longo da fila, a caminho de meu lugar, na ponta, entre dois grandes arranjos florais, sobre pedestais. Por um instante, tenho certeza de que aquele momento vertiginoso de choque passou, mas, enquanto um tom inesperadamente forte sai do órgão logo atrás de mim e o reverendo pronuncia suas primeiras palavras, meu espanto se aprofunda, ondula, espalha-se, sobrepõe-se à dor contagiante do pesar genuíno. Eu não sabia. Experimento uma espécie de incompreensão vaga. Não parece plausível que ela pudesse manter em segredo um fato assim. A existência do marido, eu presumira há muito, mas ela nunca mencionara um filho, muito menos morando próximo. Tenho de reprimir um instinto imediato de me retirar, de me afastar daquela semi-escuridão teatral para o efeito tranqüilizante da claridade intensa. Como uma questão de força de vontade, trato de exortar a mim, depois de alguns momentos, a acompanhar o que está acontecendo.

Raymond subiu ao púlpito; não houve apresentação formal. Outros – o Reverendo Hiller, Rita Worth, da Associação das Mulheres Advogadas – falaram rapidamente, mas agora paira no ar uma súbita solenidade, uma iminência de algo fora do comum, uma corrente bastante forte para me arrancar da mortificação. As centenas de pessoas se tornam ainda mais quietas. Raymond Horgan tem suas deficiências como político, mas é um homem público consagrado, um grande orador, uma presença e tanto. Calvo, começando a ficar corpulento, parado ali, de terno azul, irradia angústia e poder, como o foco luminoso de um farol.

Seus comentários são anedóticos. Recorda a contratação de Carolyn, apesar das objeções dos promotores mais obstinados e renitentes, que consideravam as agentes de condicional autênticas assistentes sociais. Exalta a determinação e o brilho de Carolyn. Lembra casos que ela ganhou, juízes que desafiou, regulamentos arcaicos que expressou prazer ao destruir. Partindo de Raymond, essas histórias possuem um espírito emocionante, um hino doce e melancólico a Carolyn e a toda sua coragem perdida. Ele não tem igual quando se apresenta assim, apenas falando às pessoas sobre o que pensa e sente.

Para mim, no entanto, não há uma recuperação rápida do distúrbio que sofri momentos antes. Descubro tudo – a mágoa, o choque, a força penetrante das palavras de Raymond, meu

pesar profundo e indescritível – aflorando, pressionando os limites da tolerância e de um controle que procuro desesperadamente manter. Argumento comigo mesmo. Não assistirei ao enterro. Há muito trabalho a fazer e o escritório estará representado. As secretárias e escriturárias, as mulheres mais velhas que sempre criticaram o jeito de Carolyn e agora se acham aqui, chorando nas primeiras filas, vão se comprimir em torno da sepultura, soluçando por mais uma das intermináveis desolações da vida. Deixarei que testemunhem o desaparecimento final de Carolyn.

Raymond chega ao fim. O impressivo registro de seu desempenho, testemunhado por tantos que o consideram pressionado, causa uma emoção palpável na audiência, enquanto ele retorna a seu lugar. O reverendo relata os detalhes do sepultamento, mas ignoro. Já resolvi: voltarei ao escritório. Como Raymond deseja, recomeçarei a busca pelo assassino de Carolyn. Ninguém se importará – muito menos, penso, a própria Carolyn. Já lhe prestei minhas homenagens. Até demais, ela poderia dizer. Ela sabe, eu sei, que já cumpri meu lamento por Carolyn Polhemus.

2

O escritório está com o ar bizarro de calamidade, de coisas totalmente fora do lugar. As salas se acham vazias, mas os telefones tocam numa sucessão aflitiva. Duas secretárias, as únicas que ficaram, correm de um lado para outro, pelos corredores, atendendo às ligações.

Mesmo nas melhores ocasiões, o gabinete do promotor público do Condado de Kindle tem um aspecto melancólico. A maioria das assistentes trabalha em duplas na mesma sala, num espaço de horror dickensiano. O prédio do Condado de Kindle foi construído em 1897, no estilo institucional então emergente de fábricas e escolas secundárias. É um bloco sólido de tijolos vermelhos, com umas poucas colunas dóricas para avisar a todos que se trata de um lugar público. Lá dentro, há bandeiras por cima das portas e austeras janelas de batente. As paredes são daquele verde-musgo de hospital. O pior de tudo é a luz, uma espécie de amarelo fluido, como goma-laca antiga. E aqui estamos, duzentas pessoas atormentadas tentando lidar com todos os crimes cometidos numa cidade de um milhão de habitantes e no condado ao redor, onde residem mais dois milhões. No verão trabalhamos numa umidade digna de selva, com as janelas matraqueando por cima do clamor constante dos telefones. No inverno os radiadores tossem e sacodem estrepitosamente, enquanto a insinuação de trevas parece jamais deixar entrar a luz do dia. A justiça no Meio-Oeste.

Lipranzer me espera na minha sala, como um bandido num *western*, sentado atrás da porta, escondido.

– Todo mundo morto e enterrado? – ele indaga.

Faço um comentário sobre seu sentimentalismo e jogo meu casaco numa cadeira.

– Onde você estava, por falar nisso? Todos os tiras com cinco anos de serviço apareceram.

– Não sou de ir a funerais – responde Lipranzer, secamente.

Reflito que há alguma coisa significativa na aversão de um detetive da seção de homicídios a funerais, mas não me ocorre uma ligação imediata e por isso deixo a idéia passar. A vida no lugar de trabalho: tantos indícios do mundo oculto dos significados me escapam num dia,

solavancos na superfície, sombras, como criaturas passando a toda velocidade.

Cuido dos fatos. Há dois itens na minha mesa: um memorando de MacDougall, a subchefe administrativa, e um envelope que Lipranzer pôs ali. O memorando de Mac diz apenas: “Onde está Tommy Molto?” Ocorre-me que, apesar de todas as suspeitas de intriga política, não devemos ignorar o óbvio: alguém deve verificar nos hospitais e no apartamento de Tommy. Já há uma promotora-assistente morta. E esse é o motivo do envelope de Lipranzer. Há uma etiqueta datilografada do laboratório da polícia afixada: CRIMINOSO: DESCONHECIDO. VÍTIMA: C. POLHEMUS.

– Sabia que nossa morta deixou um herdeiro? – pergunto, enquanto procuro a espátula.

– Não diga – diz Lip.

– Um garoto. Parece ter uns 18 ou 20 anos. Estava no funeral.

– Não diga – repete Lip, contemplando seu cigarro. – Uma coisa que se espera num funeral é que pelo menos não tenha surpresas.

– Um de nós deve conversar com o garoto. Ele está na universidade.

– Arrume um endereço e irei procurá-lo. “Qualquer coisa que o pessoal de Horgan quiser.” Morano me veio com essa hoje de manhã, mais uma vez. – Morano é o chefe de polícia, um aliado de Bolcarro. – Está esperando para ver Raymond cair de quatro.

– Ele e Nico. Encontrei Delay. – Relato o encontro a Lip. – Nico está mesmo convencido. Até me fez acreditar por um momento que era possível.

– Ele vai se sair muito melhor do que estão pensando. E você vai começar a chutar o próprio rabo, achando que deveria ter concorrido.

Faço uma careta: quem sabe? Não tenho mais de me preocupar com Lip.

Para a décima quinta reunião da minha turma no colégio recebi um questionário com uma porção de perguntas pessoais, que tive a maior dificuldade para responder. Qual o americano contemporâneo que você mais admira? Qual é o seu bem material mais importante? Indique o seu melhor amigo e descreva-o. Neste ponto fiquei confuso por algum tempo, mas acabei escrevendo o nome de Lipranzer: “Meu melhor amigo é um policial. Tem 1,72 metro de altura, pesa 55 quilos depois de uma lauta refeição, usa um penteado parecido com rabo de pato e tem a aparência furtiva de um garoto que gosta de fazer pequenas maldades e passa o tempo todo numa esquina. Fuma dois maços de Camel por dia. Não sei o que temos em comum, mas eu o admiro. Ele é muito bom no que faz.”

Cruzei com Lip pela primeira vez há sete ou oito anos, quando acabara de ser designado para a Seção de Violência e ele mal começava a trabalhar na Delegacia de Homicídios. Cuidamos juntos de uma dúzia de casos desde então, mas ainda há coisas em que o considero um mistério, até mesmo um perigo. O pai era comandante de ronda numa delegacia do West End; quando morreu, Lip deixou o colégio para assumir o lugar que lhe pertencia por uma espécie de direito de primogenitura departamental. Agora, ele está destacado para o gabinete do promotor, num suposto Comando Especial. No papel, sua função é atuar como elo com a polícia, coordenando as investigações de homicídios com um interesse especial para nós. Na prática, ele é tão solitário como uma estrela cadente. Reporta-se a um tal de Capitão Schmidt, que só está interessado em ter 16 condenados por homicídio para exibir ao fim de cada ano fiscal. Lip passa a maior parte do tempo sozinho, em bares nas docas, bebendo com qualquer um que tenha boas informações – vigaristas, repórteres, homossexuais, agentes federais, toda e qualquer pessoa que possa mantê-lo atualizado sobre o mundo dos criminosos mais graúdos. Lipranzer é um estudioso do mundo do crime. E acabei chegando à conclusão de que é o peso fantástico dessas informações que explica de alguma forma sua aparência soturna, de olhos úmidos.

Ainda estou com o envelope nas mãos.

– O que temos aqui?

– O relatório da patologia. Três páginas. Uma porção de fotografias de uma dona nua e morta. As três páginas são a cópia da promotoria dos relatórios dos guardas que primeiro chegaram lá... a terceira cópia está a carbono. Conversei com os guardas pessoalmente. Tem o relatório do patologista da polícia, Dr. Kumagai, um japonês pequeno e esquisito, que parece ter saído de alguma propaganda dos anos 1940. É conhecido como "Indolor", um chato notório. Nenhum promotor o chama ao banco das testemunhas sem cruzar os dedos.

– E qual é a grande descoberta? Fluidos masculinos em todos os buracos?

– Apenas o trivial. A mulher morreu de fratura do crânio e subseqüente hemorragia. As fotos podem levar a pensar que foi estrangulada, mas Indolor diz que havia ar nos pulmões. Seja como for, o cara deve ter batido nela com alguma coisa. Indolor não tem idéia do quê. Pesada, ele garante. E muito dura.

– Posso presumir que já procuramos a arma do crime no apartamento?

– Reviramos o lugar pelo avesso.

– Alguma coisa óbvia faltando? Castiçais? Suportes de livros?

– Nada. Mandei três equipes diferentes fazerem a revista.

– Ou seja, nosso homem já foi até lá pensando que poderia dar algumas porradas.

– É possível. Ou, então, ele simplesmente levou o que usou. Não tenho certeza se o cara foi preparado. Parece que ele batia para subjugá-la... e não percebeu que a estava apagando. Imagino... você pode observar isso quando der uma olhada nas fotos... pela maneira como as cordas estavam presas, que o cara se colocou entre as pernas dela e tentava deixar seu peso sufocá-la. Os nós são corrediços. Em outras palavras, ele estava mais ou menos tentando fodê-la até a morte.

– Fascinante.

– Tem toda razão, é fascinante. O cara é do tipo encantador. – Ficamos em silêncio por um momento e depois Lip continua: – Não há equimoses nos braços e nas mãos, nada parecido. – Isso significaria a ausência de luta antes de Carolyn ser amarrada. – Há uma contusão atrás, no lado direito. É possível que ele a tenha acertado por trás, amarrando-a depois. Só que parece estranho que ele a tenha deixado sem sentidos para começar. A maioria desses caras gosta que as mulheres saibam o que estão fazendo.

Dou de ombros. Não tenho tanta certeza assim.

As fotografias são a primeira coisa que tiro do envelope. São bem nítidas, coloridas. Carolyn vivia num lugar à beira d'água, um antigo armazém dividido em apartamentos. Ela separara o lugar com biombos chineses e grossas tapeçarias. Seu gosto era mais para o moderno, com toques elegantes do clássico e antigo. Foi assassinada no espaço ao lado da cozinha, que usava como sala de estar. Uma fotografia de toda essa área é a primeira da pilha. O grosso tampo de vidro verde da mesinha de centro foi arrancado de seus encaixes de metal; uma cadeira modulada está virada de cabeça para baixo. Mas, de um modo geral, concordo com Lip, há menos sinais de luta do que tenho observado em outras ocasiões, particularmente se se ignorar a mancha de sangue que se entranhou nas fibras do tapete *flokati*, parecendo uma nuvem. Levanto os olhos. Ainda não me sinto preparado para estudar as fotografias do cadáver.

– O que mais Indolor tem para contar?

– O garoto estava disparando tiros de festim.

– Como assim?

– Vai gostar dessa. – Lipranzer se esforça para repetir a análise de Kumagai sobre o depósito de esperma encontrado. Pouco vazara para os lábios vaginais, o que significa que

Carolyn não pode ter passado muito tempo de pé depois do contato sexual. É a outra maneira que nos permite saber que o estupro e a morte não podem ter sido contemporâneos. A 1º de abril ela deixou o escritório pouco depois das 7 horas. Kumagai calcula a hora da morte por volta de 9 horas.

– O que representam 12 horas antes de o corpo ser encontrado – diz Lip. – Indolor garante que normalmente, dentro desse prazo, ainda encontraria as coisinhas do cara nadando rio acima, nas trompas e no útero, ao examinar no microscópio. Em vez disso, toda a porra do cara estava morta. Nada foi a parte alguma. Indolor calcula que o cara é estéril. E diz que se pode ficar assim por causa de caxumba.

– Ou seja, estamos procurando por um estuprador que não tem filhos e já teve caxumba?

Lipranzer dá de ombros.

– Indolor diz que vai recolher a amostra do sêmen e mandar para o laboratório. Talvez possam lhe dar outra idéia do que contém.

Não posso reprimir um resmungo à idéia de Indolor explorando os reinos da química superior.

– Não podemos arrumar um patologista decente?

– Vocês têm Indolor – responde Lip, com uma expressão inocente.

Solto outro grunhido e folheio mais algumas páginas do relatório de Kumagai.

– Temos um segregador?

As pessoas são divididas não apenas pelo tipo de sangue, mas também se segregam agentes identificadores nos fluidos do corpo. Lip me toma o relatório.

– Claro.

– Tipo de sangue?

– A.

– É o meu.

– Pensei nisso. Mas você tem um filho.

Faço outro comentário sobre o sentimentalismo de Lipranzer. Ele não se dá ao trabalho de responder. Em vez disso, acende outro cigarro e sacode a cabeça.

– Ainda não estou pegando a coisa. Toda a história é muito esquisita. Estamos perdendo algum detalhe.

E assim recomeçamos o jogo de salão predileto dos investigadores: quem e por quê. A suspeita número 1 de Lipranzer, desde o começo, é a de que Carolyn foi assassinada por alguém que condenara. É a pior fantasia de todo promotor, a vingança por muito acalentada de algum cara que se pôs em cana. Pouco depois de minha designação para a seção de julgamento por júri, um jovem, como os jornais disseram, chamado Pancho Mercado, desaprovara minhas alegações finais, em que questionara a masculinidade de qualquer um que ganhava a vida batendo com uma pistola em homens de 77 anos. Com mais de 1,90 metro de altura e passando muito dos 100 quilos, Pancho pulara a grade do recinto dos réus e me perseguira por quase todo o tribunal, antes de ser detido no refeitório da promotoria por MacDougall, com cadeira de rodas e tudo. O incidente acabara na terceira página do *Tribune*, com uma manchete grotesca: PROMOTOR EM PÂNICO SALVO POR PESSOA ALEIJADA. Ou algo parecido. Barbara, minha mulher, gosta de se referir à ocorrência como meu primeiro caso famoso.

Carolyn trabalhava com tipos mais estranhos do que Pancho. Por vários anos chefiara o que é conhecido no escritório como Seção de Estupro. O nome dá uma boa idéia do que está envolvido, embora todas as formas de agressão sexual sejam encaminhadas para lá, inclusive os abusos contra crianças. Posso recordar um caso em que um *ménage à trois* todo masculino se

tornara tumultuado, a principal testemunha do Estado terminando a noite com uma lâmpada enfiada no reto. É a hipótese de Lipranzer que houve desforra de um dos estupradores processados por Carolyn.

Portanto, concordamos em levantar os registros judiciais de Carolyn, a fim de descobrir se ela julgou – ou investigou – um crime parecido com o que ocorreu há três noites. Prometo verificar os arquivos na sala de Carolyn. As agências estaduais de investigação mantêm um registro em computador de criminosos sexuais e Lip vai verificar se podemos encontrar ali o nome de Carolyn ou a proeza com as cordas.

– Quais são as pistas que estamos investigando?

Lipranzer começa a enumerar para mim. Todos os vizinhos foram procurados no dia seguinte ao assassinato, mas as entrevistas provavelmente foram apressadas e Lip vai providenciar para que o pessoal da Homicídios fale outra vez com todo mundo no quarteirão. Dessa vez farão isso à noite, a fim de encontrar os vizinhos que estão em casa na hora em que ocorreu o homicídio.

– Uma mulher diz que viu um cara de capa no corredor. – Lip consulta seu caderno de anotações. – Sra. Krapotnik. Diz que talvez ele parecesse familiar mas acha que não mora ali.

– A turma dos Cabelos e Fibras já passou por lá, não é mesmo? Quando darão notícias?

A esse pessoal cabe a função grotesca de vasculhar o cadáver, examinar o local do crime com pinças, a fim de efetuar exames microscópicos de qualquer material descoberto. Muitas vezes, podem determinar o tipo de cabelo, identificar as roupas de um criminoso.

– Teremos de esperar uma semana, dez dias – diz Lip. – Tentarão encontrar alguma coisa. O único fato interessante que me contaram é que havia muitas felpas no chão. Descobriram alguns cabelos, mas não o que haveria se houvesse alguma luta.

– Impressões digitais?

– Espalharam pó pelo apartamento inteiro.

– Inclusive nesta mesa de vidro? – Mostro a fotografia a Lip.

– Claro.

– Encontraram algumas latentes?

– Encontraram.

– Alguma conclusão?

– Só preliminares.

– Impressões de quem?

– Carolyn Polhemus.

– Isso é ótimo!

– Não é tão ruim assim. – Lip pega a fotografia e aponta. – Este bar aqui. Está vendo o copo? – Um copo alto, ali no canto. – Três impressões latentes aí. Três dedos. E não são da vítima.

– Temos alguma idéia de quem elas são?

– Não. A identificação pede três semanas. O serviço está totalmente obstruído.

A divisão de identificação do Departamento de Polícia mantém um arquivo de cada pessoa que já tirou impressões digitais, classificadas pelos chamados pontos de comparação, as cristas e os vales nas extremidades do dedo, a que são atribuídos valores numéricos. Nos velhos tempos, não podiam identificar uma impressão desconhecida, a menos que a pessoa deixasse latentes de todos os dez dedos, o que permitia à divisão vasculhar todo o catálogo existente. Agora, na era do computador, a busca pode ser efetuada pela máquina. Um mecanismo a laser lê a impressão e a compara com cada uma que se encontra na memória. O processo leva apenas uns poucos

minutos, mas o departamento, por conta de restrições orçamentárias, ainda não possui todo o equipamento necessário e tem de pedir emprestadas peças à polícia estadual, nos casos especiais.

– Falei com eles para acelerarem o processo, mas me vieram com toda aquela merda sobre Zilogs e carga, não sei mais o quê. Um telefonema da polícia ajudaria. Diga a eles para compararem com todas as impressões conhecidas no condado. De qualquer pessoa. Qualquer mão suja que já tenha sido fichada.

Faço uma anotação.

– Precisamos também de RLUs – acrescenta Lipranzer.

Ele aponta para o bloco. Não é um fato conhecido, mas a companhia telefônica mantém registros computadorizados de todas as ligações locais, da maioria das centrais: os Registros de Ligações de Unidade (RLU). Começo a escrever a intimação *duces tecum*, uma solicitação de documentos. E Lip sugere mais:

– Aproveite e peça também os RLUs de todas as pessoas para quem ela ligou nos últimos seis meses.

– Eles vão chiar. Provavelmente, está falando de uns duzentos números.

– Qualquer pessoa para quem ela ligou três vezes. Tornarei a procurá-los com uma lista. Mas peça agora, a fim de que eu não tenha de correr de um lado para outro à sua procura para me arrumar outra intimação.

Balanço a cabeça. Estou pensando.

– Se vai voltar seis meses, provavelmente encontrará este número.

Aponto o telefone sobre a mesa. Lipranzer me fita calmamente e responde:

– Sei disso.

Então ele sabe. Levo um minuto remoendo a idéia, tentando imaginar como. As pessoas adivinham, concluo. E conversam. Além do mais, Lip perceberia coisas de que os outros sequer tomariam conhecimento. Duvido que ele aprove. É solteiro, mas não vive pulando de galho em galho. Tem uma polonesa pelo menos uns dez anos mais velha, uma viúva com um filho crescido, que prepara uma refeição e vai para a cama com Lipranzer duas ou três vezes por semana. Pelo telefone, ele a chama de Mama.

– Já que estamos falando nisso, quer saber de uma coisa? Carolyn sempre trancou portas e janelas – digo com uma calma admirável. – E, quando falo sempre, é sempre mesmo. Carolyn podia ser meio mole, mas tinha a cabeça no lugar. Sabia que vivia em uma cidade grande.

O olhar de Lipranzer focaliza gradativamente, os olhos assumem um brilho metálico. Não perdeu o significado do que estou lhe dizendo ou, ao que parece, o fato de que atrasei a informação.

– O que acha então que aconteceu? – ele finalmente pergunta. – Alguém circulou pelo apartamento abrindo todas as janelas?

– É possível.

– Para dar a impressão de que houve uma entrada forçada? Alguém que ela deixou entrar sem problemas?

– Não acha que faz sentido? Foi você quem me disse que há um copo no bar. Ela estava recebendo alguém. Eu não apostaria na possibilidade de o bandido ser um cara pirado em liberdade condicional.

Lip olha para seu cigarro. Espio pela porta aberta e constato que Eugenia, minha secretária, já voltou. Há vozes agora pelos corredores, enquanto as pessoas retornam do enterro. Escuto risadas nervosas de alívio.

– Não necessariamente – comenta Lip, depois da pausa prolongada. – Não com Carolyn

Polhemus. Era uma mulher bem esquisita. – Ele torna a me fitar nos olhos.

– Acha que ela abriria a porta para algum vagabundo que mandou para a cadeia?

– No caso de Carolyn, acho que não há como ter certeza. Vamos supor que ela tenha esbarrado com um desses caras num bar. Ou que algum cara tenha telefonado e dito: Vamos nos encontrar. Não haveria a menor possibilidade de ela responder sim? Lembre-se de que estamos falando de Carolyn.

Posso perceber aonde Lip está querendo chegar. A Dama da Justiça, Promotora dos Pervertidos, Fode com Réu e Vive Fantasia Proibida. Lip está mesmo por dentro. Carolyn Polhemus não se importaria absolutamente com a idéia de que algum cara teria pensado nela por anos. Mas, por algum motivo, com essa discussão começa a me invadir uma angústia que me deixa tonto.

– Não gostava muito dela, não é mesmo, Lip?

– Não muito. – Olhamos um para o outro. E depois Lipranzer se inclina e me aperta o joelho. – Pelo menos sabemos de uma coisa. Carolyn tinha um péssimo gosto em matéria de homens.

É a sua frase de despedida. Ele guarda os Camels no blusão e se manda. Peço a Eugenia para fazer o favor de não deixar ninguém me interromper por um momento. Com algum tempo de privacidade, estou pronto agora para examinar as fotografias. Por um minuto, depois que começo, a atenção se concentra principalmente em mim mesmo. Como conseguirei? Exorto-me a manter um controle profissional.

Mas isso, é claro, começa a desmoronar. É como um rendilhado que às vezes se espalha pelo vidro na esteira de um impacto. Há algum excitamento a princípio, lento e relutante, porém mais do que apenas um pouco. Nas fotografias de cima o pesado vidro da mesa está virado, comprimindo o ombro de Carolyn, o que permite que quase se faça a comparação com um slide de laboratório. Mas logo o tampo de vidro é removido. E lá está o corpo espetacularmente gracioso de Carolyn, numa pose que, apesar de toda agonia que deve ter havido, parece a princípio flexível e elástica. As pernas são bem torneadas e atraentes, os seios, empinados e grandes. Mesmo na morte, ela conserva uma postura erótica. Mas, pouco a pouco, reconheço, outras experiências devem influenciar esta reação. Porque a cena real é horrível. Há equimoses no rosto e no pescoço, manchas de amora. Uma corda se estende dos tornozelos aos joelhos, cintura, pulsos; depois, envolve apertada o pescoço, onde é visível a borda da queimadura. Ela está puxada para trás, num arco horrendo e atormentado, o rosto é medonho; os olhos estão enormes e saltados da tentativa de estrangulamento, a boca se encontra paralisada num grito silencioso. Observo, estudo. Seu olhar contém o mesmo aspecto desvairado, incrédulo, desesperado que tanto me assusta quando encontro coragem para contemplar o olho preto arregalado de um peixe encalhado, morrendo num píer. Contemplo agora, da mesma forma reverente, horrorizada, incompreensiva. E, depois, o pior de tudo, quando toda a terra é raspada da arca do tesouro, surge lá do fundo, sem se deixar estorvar pela vergonha ou mesmo pelo medo, uma borbulha bastante clara para que eu possa acabar reconhecendo como satisfação; e não há sermão sobre a vileza de minha natureza que possa me desencorajar. Carolyn Polhemus, aquela torre de graça e fortaleza, encontra-se aqui, no meu campo de visão, com uma expressão que nunca teve em vida. Agora finalmente percebo. Ela quer minha compaixão. Precisa da minha ajuda.

3

Depois que tudo acabou, procurei um psiquiatra. Seu nome era Robinson.

– Eu diria que ela é a mulher mais excitante que já conheci – comentei.

– Sensual? – ele perguntou, depois de um momento.

– Isso mesmo, sensual. Muito sensual. Torrentes de cabelos louros e quase nenhum traseiro, mas os peitos cheios. E unhas vermelhas compridas, ainda por cima. Decididamente, deliberadamente, quase ironicamente sensual. Nota-se logo. Essa é a idéia com Carolyn. Você tem de notar. E eu notei. Ela trabalhou no escritório por anos. Foi agente de liberdade condicional antes de ingressar na faculdade de direito. No começo, ela foi apenas isso para mim. Sabe como é: uma loura atraente de peitos grandes. Cada tira que aparecia por lá revirava os olhos e parecia tocar uma punheta mental. Isso é tudo.

"Com o tempo, as pessoas começaram a falar sobre ela. Mesmo quando ainda trabalhava nos tribunais distritais. Sabe como é: dinâmica, competente. Depois, por algum tempo, ela saiu com um jornalista do Canal 3. Chet-qualquer-coisa. E aparecia em uma porção de lugares. Muito ativa nas organizações profissionais. Diretora por algum tempo da seção local da National Organization for Woman (NOW), uma associação de mulheres. E esperta. Pediu para ser designada para a Seção de Estupro quando todos achavam que era o pior lugar para se trabalhar. Todos aqueles casos insuportáveis de um contra um, em que nunca se podia ter certeza se era a vítima ou o réu quem estava mais próximo da verdade. Casos difíceis. Só para descobrir os que mereciam ser levados a julgamento, para não falar em vencê-los. E ela se saiu muito bem. Raymond colocou-a no comando de todos aqueles julgamentos. Gostava de mandá-la para esses programas de televisão de entrevistas de serviço público, nas manhãs de domingo. Para mostrar sua preocupação com as questões femininas. E Carolyn gostava de empunhar essa bandeira. Adorava a luz dos refletores. Mas era uma boa promotora. E bem dura. Os advogados de defesa costumavam se queixar de que tinha um complexo, que tentava provar que possuía colhões. Mas os caras da polícia a adoravam.

"Não sei direito o que eu pensava a seu respeito na ocasião. Acho que pensava que ela era um pouco demais."

Robinson olhou para mim.

– Demais em tudo – expliquei. – Sabe como é. Ousada demais. Confiante demais. Sempre correndo em marcha muito alta. Não tinha um senso justo de proporções.

– E você se apaixonou por ela – disse Robinson, acrescentando o óbvio.

Fiquei em silêncio, imóvel. Quando as palavras são suficientes?

– Eu me apaixonei por ela – acabei murmurando.

RAYMOND ACHAVA que ela precisava de um parceiro e Carolyn me escolheu. Foi em setembro do ano passado.

– Você não poderia dizer não? – indagou Robinson.

– Acho que sim. Não se espera que o segundo homem da promotoria atue pessoalmente em muitos casos. Eu bem que poderia dizer não.

– Mas...

Mas eu disse sim.

Porque, aleguei para mim mesmo, o caso era interessante. Era estranho. Darryl McGaffen

tinha um emprego num banco. Trabalhava para o irmão, Joey, que era um gangster, personalidade exuberante, um tipo agressivo que gostava de ser o alvo de todas as agências policiais e judiciárias da cidade. Joey usava o banco, lá em McCrary, para lavar um rio de dinheiro sujo, a maior parte da grana da Máfia. Mas essa era uma ação de Joey. Darryl mantinha a cabeça baixa e as contas em ordem. Era manso e discreto, enquanto Joey era ostensivo. Um cara comum. Vivia na região oeste, perto de McCrary. Tinha uma esposa. E uma vida um tanto trágica. A filha mais velha morrera aos três anos de idade. Eu sabia de tudo a respeito porque Joey testemunhara no grande júri sobre a queda da sobrinha de uma varanda, no segundo andar da casa do irmão. Joey explicara, de maneira quase convincente, que a fratura de crânio e a morte imediata da garota povoavam de tal forma seus pensamentos e obstruíam o julgamento que não dera muita importância quando quatro caras misteriosos entregaram em seu banco alguns títulos que, para sua consternação, eram roubados. Joey retorcia as mãos ao falar sobre a menina. E levava aos olhos um lenço de seda que trazia no bolsinho do paletó.

Darryl e a mulher tiveram outro filho, um menino chamado Wendell. Quando Wendell tinha 5 anos, a mãe o levou ao pronto-socorro do West End Pavillion Hospital. O garoto estava inconsciente e a mãe, histérica, pois o filho sofrera uma queda horrível, causando graves ferimentos na cabeça. A mãe alegou que ele nunca estivera no hospital antes, mas a médica do pronto-socorro – uma indiana, Dra. Narajee – lembrou-se de ter tratado de Wendell um ano antes. Pediu sua ficha médica e descobriu que ela já estivera no hospital duas vezes, uma com a clavícula fraturada, outra com o braço quebrado, resultado de quedas, segundo a mãe. O menino se encontrava inconsciente agora e, de qualquer forma, não era provável que falasse. A Dra. Narajee estudou as lesões. Ao testemunhar, mais tarde, disse que percebeu logo que os ferimentos eram muito simétricos e com um posicionamento lateral igual para resultarem de uma queda. Examinou várias vezes os talhos, 5 por 2 centímetros, nos lados da cabeça, por mais um dia, antes de chegar a uma conclusão. Ligou então para Carolyn Polhemus, no gabinete da promotoria, a fim de comunicar que estava tratando de uma criança cujo crânio parecia ter sido fraturado quando a mãe pusera sua cabeça num torno.

Carolyn obteve no mesmo instante um mandado de busca. Encontraram o torno ainda com fragmentos de pele no porão da casa dos McGaffen. Examinaram o menino inconsciente e descobriram ferimentos curados, que pareciam ter sido queimaduras de cigarro no ânus. E esperavam para ver o que aconteceria com o menino. Ele sobreviveu.

A essa altura, já se encontrava sob custódia do tribunal. E o gabinete do promotor se descobriu assediado. Darryl McGaffen partiu em defesa da esposa. Ela era uma mãe amorosa e devotada. Era insanidade, ele proclamou, alegar que ela poderia fazer algum mal ao filho. Ele vira o menino cair, assegurou McGaffen, um acidente terrível, uma tragédia, agravada por aquela experiência de pesadelo, em que médicos e advogados conspiravam loucamente para lhes arrebatar o filho doente. Emocionante. E muito bem encenado. Joey providenciou para que as câmeras estivessem presentes quando o irmão comparecia ao tribunal e Darryl declarou que era uma vendeta de Raymond Horgan contra sua família. A fim de demonstrar sua integridade, Raymond decidiu a princípio atuar pessoalmente no julgamento. Mas a campanha começou a esquentar. Raymond devolveu o caso a Carolyn e recomendou, tendo em vista a atenção da imprensa, que ela trabalhasse com um veterano, alguém como eu, cuja presença indicaria todo o empenho da promotoria. E, assim, ela me pediu. E concordei. Disse a mim mesmo que estava fazendo aquilo por Raymond.

OS FÍSICOS CHAMAM de movimento browniano a ação de moléculas colidindo no ar. Essa atividade produz uma espécie de zumbido, um som agudo, quase estridente, num nível de

freqüência nas margens da audição humana. Quando criança, eu podia ouvir esse tom, se assim decidisse, praticamente a qualquer momento. Quase sempre o ignorava, mas, de vez em quando, a vontade se erodia e deixava que o som aumentasse nos ouvidos, a um ponto que era quase um clangor.

Aparentemente, na puberdade, os ossos do ouvido interior endurecem e não se pode mais escutar o zumbido browniano. Ainda bem que isso acontece. Porque a essa altura existem outras distrações. Para mim, durante a maior parte da vida conjugal, a atração de outras mulheres foi como aquele zumbido diário, que eu deliberadamente ignorava; mas, quando comecei a trabalhar com Carolyn, essa determinação enfraqueceu, o som aumentou, vibrou, *cantou*.

– E não posso realmente explicar o motivo – declarei a Robinson.

Considero-me uma pessoa de valores. Sempre desprezei meu pai por suas aventuras extraconjugais. Nas noites de sexta-feira ele saía de casa como um gato ansioso, seguia para uma taverna e, depois, para o Hotel Delaney, na Western Avenue, apenas um pouco melhor que um albergue noturno, com os velhos carpetes puídos na escada e o cheiro de naftalina de algum agente químico usado para controlar a infestação de insetos. E ali se entregava à sua paixão com várias mulheres conspurcadas – prostitutas de bar, divorciadas cheias de tesão, esposas dissimuladas. Antes de partir nessas excursões, ele jantava com minha mãe e comigo. Ambos sabíamos para onde ele ia. O velho cantarolava, o único som próximo de música que emitia durante toda a semana.

Mas, de alguma forma, enquanto trabalhava com Carolyn, com suas jóias ostentosas e perfume inebriante, blusas de seda, batom vermelho e unhas pintadas, aqueles peitos grandes e pernas compridas, a cascata de cabelos brilhantes, acabei me deixando envolver por completo – e exatamente assim, detalhe por detalhe, de tal forma que me sentia excitado quando farejava seu perfume em outra mulher que passava por mim no corredor.

– E não posso realmente explicar a razão – disse a Robinson. – Talvez seja por isso que estou aqui. Ouve-se alguma freqüência e tudo começa a desmoronar. Uma vibração se impõe, um tom fundamental, todo o interior treme. Conversávamos sobre o julgamento, nossas vidas, qualquer coisa, ela parecia uma mistura extraordinária de fatores. Sinfônica. Uma personalidade sinfônica. Disciplinada e encantadora. Uma risada musical. E um sorriso que era uma maravilha da ortodontia. Era muito mais espirituosa do que eu imaginara; dura, como todos diziam, mas nem tanto assim.

Fiquei particularmente afetado por seus comentários casuais, a maneira como os olhos, escurecidos pela maquilagem, assumiam um ar de avaliação objetiva. Analisando política, testemunhas ou policiais, ela demonstrava como tinha uma visão firme de tudo o que estava acontecendo. E isso era muito excitante para mim, conhecer uma mulher que parecia estar de fato por dentro das coisas, que avançava pelo mundo com a velocidade de Carolyn e que era tantas coisas diferentes para pessoas diferentes. Talvez tenha sido o contraste com Barbara, que deliberadamente não é nada disso.

– Lá estava aquela mulher impetuosa, inteligente, bonita, muito celebrada, com uma espécie de radiância intensa. E descubro que estou indo para sua sala... que por si mesma é uma pequena maravilha, num lugar tão árido como o nosso escritório, pois Carolyn se deu ao trabalho de acrescentar um pequeno tapete oriental, plantas, uma estante antiga, uma escrivaninha Empire que conseguiu por intermédio de um contato nos Serviços Centrais... indo até lá sem nada para dizer. Há aquele calor, a sensação de estar ressequido... todas as antigas metáforas idiotas... e começo a pensar: Santo Deus, isso não pode estar acontecendo. E talvez jamais acontecesse, mas a essa altura começo a perceber, começo a pensar que ela presta alguma atenção em mim. Está

mesmo olhando para mim. Claro que isso parece coisa de escola secundária. Mas aí está o problema, as pessoas não *olham* umas para as outras.

E, quando entrevistamos testemunhas, eu me viro e descubro que Carolyn me olha, observando-me com aquele sorriso plácido, quase triste, enquanto faço meu trabalho... ou numa reunião com Raymond, todo o pessoal da cúpula do crime presente, levanto o rosto, sinto o peso de seus olhos em mim, e ela continua a me observar de maneira resoluta, levando-me a fazer alguma coisa, uma piscadela, um sorriso, como uma forma de reconhecimento, e ela responde, geralmente com aquele sorriso de gata. E se estou falando, paro, tudo se apaga da mente, fica apenas Carolyn, o fio está se desenrolando do centro da meada.

– Essa era a pior parte, aquele incrível domínio sobre meus sentimentos. Entro no chuveiro, estou guiando pela rua... e lá está Carolyn. Fantasias. Conversas com ela. Um filme ininterrupto. Contemplo-a divertida e relaxada, apreciando... a mim. Isso mesmo, a mim. Não consigo concluir um telefonema; não consigo ler um memorando ou um sumário.

E tudo isso, toda essa espetacular obsessão, arrostando um coração disparado, entranhas pelo avesso, uma sensação frenética de resistência e incredulidade. Digo a mim mesmo que não aconteceu, é um episódio juvenil, um truque da mente, como *déjà vu*. Estremeço nos momentos mais inesperados. Tateio pelo íntimo, em busca da antiga realidade. Garanto a mim mesmo que me levantarei pela manhã me sentindo incólume, sentindo-me bem outra vez, sentindo-me são.

Mas isso não acontece, é claro, e os momentos em que estou com ela, a expectativa, a apreciação, são primorosos. Sinto-me sem fôlego, meio tonto. Rio com muita facilidade, facilidade demais. Faço o que posso para permanecer junto dela, mostro um papel por cima de seu ombro enquanto está na escrivaninha, a fim de observar com mais detalhes alguns aspectos: os brincos de ouro, os odores dos sais de banho e da respiração, a cor azulada da nuca quando os cabelos se entreabrem. E depois, quando estou sozinho, sinto-me desesperado e envergonhado. Essa obsessão devastadora e louca! Onde está meu mundo? Estou partindo. Já parti.

4

No escuro, o vulto vermelho e azul do Homem-Aranha pode ser divisado na parede por cima da cama de meu filho. Em tamanho natural, agacha-se na posição de um campeão de luta livre, pronto para enfrentar todos os invasores.

Não cresci lendo histórias em quadrinhos – era uma atividade descontraída demais para o lar em que fui criado. Mas, quando Nat tinha dois ou três anos, começamos a explorar juntos essas histórias. Enquanto Barbara dormia, eu preparava o desjejum de Nat. Depois, com meu filho bem junto de mim, sentávamos no sofá no jardim-de-inverno, discutíamos e recordávamos o progresso semanal de cada tira. Toda a fúria fortuita do garoto daquela idade o deixava e ele se via reduzido a um eu mais essencial, pequeno e transbordando de arrebatamento, que eu podia sentir através de seu corpo. E foi assim que estabeleci meu relacionamento com o Homem-Aranha. Nat, agora na segunda série e quase agressivamente auto-suficiente, lê os gibis sozinho. Tenho de aguardar um momento em que não serei notado para descobrir o destino de Peter Parker. São realmente divertidas, expliquei a Barbara há poucas semanas, quando fui

surpreendido com a revista nas mãos. Ah, o clamor do sangue, murmurou minha esposa, uma quase Ph.D.

Toco agora nos cabelos lisos e muito finos de Nat. Se mexer por tempo suficiente, Nat, acostumado a tantos anos de minha chegada tardia, provavelmente vai despertar para sussurrar algumas palavras de apreço. Passo primeiro por aqui todas as noites. Experimento um anseio quase físico de ser tranqüilizado. Mudamos para cá, para Nearing, pouco antes do nascimento de Nat. É uma antiga estação da barca para onde os moradores da cidade fugiram há muito tempo, o suficiente para que seja conhecida como uma pequena cidade, e não como um subúrbio. Embora tenha sido Barbara quem defendeu inicialmente a mudança, agora ela renunciaria com a maior satisfação a Nearing, local que às vezes responsabiliza por seu isolamento. Sou eu quem precisa da distância da cidade grande, do hiato no tempo e no espaço, a fim de fabricar a sensação de que algum perímetro nos protege do que testemunho todos os dias. Creio que esse é outro motivo pelo qual me sinto feliz em ver o Homem-Aranha assumir seu lugar aqui. Encontro conforto em sua vigilância ágil.

Encontro Barbara estendida de barriga para baixo em nossa cama, quase inteiramente despida. Está ofegante, os músculos das costas estreitas lustrosos de suor. O gravador zumbe no retorno. Na televisão, o noticiário acaba de começar.

– Ginástica?

– Masturbação – responde Barbara. – Refúgio da dona de casa solitária.

Ela não se dá ao trabalho de lançar um olhar para trás. Em vez disso, avanço e deposito um beijo rápido em seu pescoço.

– Liguei da estação quando perdi o ônibus de 20h35. Não estava em casa. Deixei um recado na secretária eletrônica.

– E eu recebi. Tinha ido buscar Nat. Ele jantou com mamãe. Precisava de um tempo extra para trabalhar.

– E foi produtivo?

– Um desperdício.

Ela se vira e fica estendida de costas, os seios comprimidos no sutiã de ginástica.

Enquanto me dispo, recebo um relatório lacônico de Barbara sobre as ocorrências do dia. A doença de uma vizinha. A conta do mecânico. O último encontro com sua mãe. Barbara transmite todas essas informações de cima da colcha, num tom de cansaço. É a sua terrível ofensiva, uma amargura exausta demais para sequer ser pesarosa, contra a qual me defendo da maneira mais simples, aparentando não perceber. Demonstro interesse em cada comentário, entusiasmo em cada detalhe. E, enquanto isso, uma densidade interior vai se acumulando, uma sensação conhecida, como se as veias estivessem obstruídas por chumbo. Estou em casa.

Há uns cinco anos, no momento em que eu pensava que estávamos quase prontos para ter outro filho, Barbara anunciou que voltaria a estudar, ingressando num programa de Ph.D. em matemática. Encaminhara o pedido e prestara os exames sem falar comigo. Minha surpresa foi interpretada como desaprovação e meus protestos em contrário sempre foram ignorados. Mas eu não desaprovava. Nunca achei que Barbara tivesse a obrigação de se dedicar exclusivamente ao lar. Minha reação foi por outra coisa. Não tanto por não ter sido consultado, mas sim porque nunca adivinhara. No colégio, Barbara fora um gênio em matemática, tomando aulas na divisão de pós-graduação com mais dois ou três alunos, dadas por professores renomados, todos parecendo eremitas, com barbas desgrenhadas. Mas ela sempre se mostrara desdenhosa em relação a seus talentos. Agora, eu descobria, a matemática era uma vocação. Um interesse absorvente sobre o qual eu não ouvira uma única palavra em mais de meia década.

Barbara enfrenta no momento sua dissertação. Ao começar, ela me disse que projetos como o seu – eu nunca seria capaz de explicar isso – cabem às vezes num espaço tão pequeno quanto uma dúzia de páginas. Quer tais palavras fossem de esperança ou ilusão, o fato é que a dissertação tem se prolongado como uma doença crônica, mais uma fonte de sua melancolia angustiada. Sempre que passo pelo estúdio, ela está olhando desconsolada por cima da mesa, pela janela, na direção de uma solitária cerejeira raquítica, que não conseguiu vicejar no aterro de barro do nosso quintal dos fundos.

Esperando por inspiração, Barbara lê. Não tanto as coisas deste mundo, como jornais e revistas. Em vez disso, traz da biblioteca da universidade enormes cargas de pesados compêndios sobre os assuntos mais misteriosos. Psicolingüística. Semiótica. Braille e a linguagem dos sinais para os surdos. É uma devota dos fatos. Reclina-se à noite no sofá de brocado da sala de estar, comendo chocolates belgas, enquanto descobre tudo sobre a operação do mundo que nunca visita. Lê, literalmente, sobre a vida em Marte, as biografias de homens e mulheres que a maioria das pessoas acharia uns chatos e ainda por cima obscuros. E também há uma enxurrada de leitura médica. Ela passou o último mês em companhia de livros que pareciam ser sobre criogenia, inseminação artificial e a história das lentes. O que ocorre nessas visitas galácticas a outros planetas do saber humano é desconhecido para mim. Sem dúvida, ela partilharia seus novos conhecimentos, se eu pedisse. Mas já perdi até a capacidade de simular interesse e Barbara considera minha obtusidade nessas questões uma falha. É mais fácil me manter retraído, enquanto Barbara vagueia por reinos distantes.

Não faz muito tempo me ocorreu que minha esposa, com seus bruscos maneirismos sociais, aversão geral à maioria dos seres humanos, um sinistro lado taciturno e um verdadeiro arsenal de paixões particulares e em grande parte jamais comunicadas, só podia ser descrita como uma pessoa excêntrica. Praticamente não tem amizades mais profundas, além do relacionamento com a mãe, com quem, quando a conheci, Barbara mal falava e a quem ainda encara com ceticismo e suspeita. Como minha própria mãe, quando ainda era viva, Barbara parece em grande parte uma cativa voluntária dos muros do próprio lar, mantendo a casa em condições impecáveis, cuidando de nosso filho e labutando interminavelmente com suas fórmulas e algoritmos.

Sem realmente notar a princípio, descubro que ambos suspendemos os comentários, até os movimentos, e estamos virados para a televisão, a tela povoada por imagens do serviço fúnebre de hoje por Carolyn. O carro de Raymond chega e a parte posterior de minha cabeça aparece por um instante. O filho é escoltado até a porta da capela. O locutor fala enquanto as imagens vão surgindo: “Oitocentas pessoas, inclusive muitos líderes da cidade, reuniram-se na Primeira Igreja Presbiteriana para os ritos finais por Carolyn Polhemus, promotora-assistente assassinada há três noites, num brutal homicídio com estupro. As pessoas começam a sair agora.”

O prefeito e Raymond são mostrados a falar com os repórteres, mas apenas Nico consegue o áudio. Usa a voz mais suave que conhece e esquiva-se às perguntas sobre a investigação do crime.

– Vim me despedir de uma colega – ele diz à câmera, com um pé em seu carro.

É Barbara quem fala primeiro.

– Como foi?

Ela já se envolveu agora num robe vermelho de seda.

– Um acontecimento de gala – respondo. – Pelo menos de certa forma. Uma reunião de todos os luminares.

– Você chorou?

– Pare com isso, Barbara.

– Falo sério.

Ela se inclina para a frente. O queixo se projeta com determinação, há uma apatia selvagem nos olhos. Sempre me espanto por constatar que a raiva de Barbara permanece tão à flor da pele. Ao longo dos anos, seu acesso superior tornou-se uma fonte de intimidação. Ela sabe que sou mais lento na reação, contido por medos arcaicos, o peso tenebroso da memória. Meus pais se empenhavam com freqüência em veementes discussões aos gritos, até mesmo em lutas físicas ocasionais. Tenho uma recordação nítida de uma noite em que acordei com o tumulto e descobri que minha mãe agarrara um punhado dos cabelos ruivos de meu pai, cheios de brilhantina, enquanto batia nele com um jornal enrolado, como se fosse um cachorro. Na esteira dessas brigas, minha mãe passava dias na cama, exausta, suportando a dor sensacional de tremendas enxaquecas, que exigiam sua permanência no quarto escuro e me deixavam com a disposição de não fazer qualquer barulho.

Carecendo desse tipo de refúgio agora, vou até um cesto com roupa lavada que Barbara trouxe para cima e começo a separar as meias. Por um momento, ficamos em silêncio, envolvidos pelos murmúrios da televisão e os ruídos noturnos da casa. Um pequeno afluente do rio corre por trás das casas, a meio quarteirão de distância, pode-se ouvi-lo quando não há tráfego. A fornalha se sacode dois andares abaixo. Acesa pela primeira vez hoje, vai lançar pelos dutos um eflúvio oleoso.

– Nico estava se esforçando ao máximo para parecer infeliz. – Barbara finalmente comenta.

– Não foi muito bem-sucedido, se você o observasse de perto. Estava absolutamente radiante. Acha que agora tem uma chance contra Raymond.

– Isso é possível?

Acabo de separar as meias e dou de ombros.

– Ele avançou muito com essa coisa.

Barbara, testemunha por todos esses anos da invencibilidade de Raymond, está obviamente surpresa, mas a matemática nela prevalece, pois dá para perceber que está computando depressa os novos fatores. Passa a mão pelos cabelos, um pouco grisalhos e crespos, e o rosto bonito assume um brilho de curiosidade.

– O que você faria, Rusty, se isso acontecesse... se Raymond perdesse?

– Aceitaria. O que mais poderia fazer?

– Estou querendo saber o que faria para ganhar a vida.

Azul com azul. Preto com preto. Não é fácil, só com a luz incandescente. Há alguns anos eu costumava falar em deixar a promotoria. Quando ainda podia me imaginar como um advogado de defesa. Mas nunca fui capaz de tomar a iniciativa e já faz algum tempo que deixamos de conversar sobre o meu futuro.

– Não sei o que eu faria – respondo, com absoluta sinceridade. – Sou um advogado. Poderia advogar. Ensinar. Não sei. Delay garante que vai me manter no cargo.

– E você acredita nisso?

– Não. – Levo as meias para a gaveta. – Ele veio com um monte de merda hoje. Disse, muito sério, que o único adversário de que teria medo na primária seria eu. Sabe como é, como se eu pudesse persuadir Raymond a desistir e me apontar para o sucessor.

– É o que deveria ter feito.

Olho para ela, que acrescenta:

– Falo sério.

O entusiasmo de Barbara, de certa forma, não é surpreendente. Ela sempre sentiu o desdém de cônjuge pelo chefe. Além do mais, tudo isso é em meu detrimento. Foi a mim que faltou

coragem para fazer o que todo mundo percebia como óbvio.

– Não sou político.

– Mas daria um jeito. E tenho certeza de que adoraria ser o chefe da promotoria.

Como eu já previa: sou pressionado pelo conhecimento superior de Barbara acerca de minha própria natureza. Resolvo me esquivar e Barbara diz que toda essa conversa é acadêmica. Raymond vai vencer.

– Bolcarro acabará apoiando-o. Ou pegaremos o assassino... – Aceno com a cabeça na direção da televisão. – ... e ele chegará à eleição com todos os meios de comunicação murmurando seu nome.

– Como ele conseguirá isso? – indaga Barbara. – Vocês já têm um suspeito?

– Não temos porra nenhuma.

– E o que acontece?

– Acontece que Dan Lipranzer e Rusty Sabich vão trabalhar dia e noite durante as duas próximas semanas e encontrar um assassino para Raymond. Essa é a estratégia. Planejada com muito cuidado.

Os estalos remotos e o murmúrio da televisão murcham por completo. Atrás de mim, escuto Barbara soltar um relincho, uma risada desdenhosa. Não é um som dos mais agradáveis. Quando a fito, seus olhos, fixados em mim, ainda se encontram congelados no ponto zero, um absoluto em ódio.

– Você é tão previsível... – ela comenta, em voz baixa e mesquinha. – Está encarregado da investigação?

– Claro.

– Por que claro?

– Ora, Barbara, sou o subchefe da promotoria e Raymond está lutando por sua vida. Quem mais poderia cuidar da investigação? Raymond o faria pessoalmente, se não estivesse absorvido na campanha 14 horas por dia.

Foi a perspectiva de um momento assim que me deixou num estado de apreensão angustiante há dois dias, quando compreendi que teria de ligar para Barbara e contar o que acontecera. Não podia ignorar; seria fingir demais. O propósito anunciado da ligação foi avisar a Barbara que eu chegaria tarde. O escritório, expliquei, estava na maior confusão.

Carolyn Polhemus morreu, acrescentei.

Ah... murmurou Barbara. O tom era de espanto indiferente. Uma overdose?, ela perguntou.

Fiquei olhando para o fone em minha mão, impressionado com a profundidade daquele desentendimento.

Mas não posso desviá-la agora. A raiva de Barbara é cada vez maior.

– Diga-me a verdade – ela fala. – Isso não é um conflito de interesses ou alguma coisa parecida?

– Barbara...

– Não – ela me interrompe, de pé agora. – Responda à minha pergunta. É um comportamento profissional... você assumir a investigação? Há 120 advogados no escritório. Não podem encontrar ninguém que não tenha dormido com ela?

Conheço bem esse aumento na estridência e recuo na tática. Esforço-me para permanecer controlado.

– Raymond me pediu para cuidar do caso, Barbara.

– Não me venha com essa, Rusty. Esqueça os propósitos elevados, as besteiras de nobreza. Poderia explicar a Raymond por que não deve cuidar do caso.

– Não quero fazer isso, pois não posso deixá-lo na mão. E acontece que o resto não é da conta dele.

A essa prova do meu constrangimento, Barbara solta uma vaia. E compreendo que a estratégia foi péssima, o pior momento para contar a verdade. Barbara não tem a menor simpatia por meu segredo; se não fosse afligi-la da mesma forma, seria capaz de anunciá-lo em cartazes por toda a cidade. Durante o curto período em que saí com Carolyn, não tive o que quer que fosse necessário – coragem, decência, disposição para ser perturbado – para confessar a Barbara. Esperei até o final, uma ou duas semanas depois de decidir que o episódio pertencia ao passado. Cheguei cedo em casa para o jantar, compensando o mês anterior, quando me mantivera ausente quase todas as noites, a liberdade obtida pela falsa desculpa de preparativos para um julgamento, que acabei alegando ter sido adiado. Nat acabara de sair para sua meia hora permitida com a televisão. E, por algum motivo, eu me soltei. A lua. O ânimo. Um drinque. Os psicólogos falariam em estado de fuga. Fiquei à deriva, olhado fixamente para a mesa de jantar. Peguei um copo alto, igual aos de Carolyn. E me lembrei dela com tanta intensidade que subitamente estava além do controle. Chorei – solucei em paixão tempestuosa, sentado ali – e Barbara percebeu no mesmo instante. Não pensou que eu estivesse doente; não pensou que fosse fadiga, estresse de julgamento ou irritação dos dutos lacrimais. Ela compreendeu; e sabia que eu chorava por perda, não por vergonha.

Não houve nada de terno em sua inquisição, mas também não foi prolongada. Quem? Eu contei. Eu ia sair de casa? Já acabara, respondi. Foi breve, expliquei, mal aconteceu.

Ah, fui mesmo heróico... Sentei ali, à minha própria mesa de jantar, chorando, quase uivando, nas mangas da camisa. Ouvi os barulhos da louça quando Barbara levantou-se e começou a tirar a mesa. E ela comentou:

– Pelo menos não tenho de perguntar quem largou quem.

Mais tarde, depois que levei Nat para a cama, subi, abalado e ainda patético, fui encontrá-la no quarto, onde se refugiara. Barbara fazia ginástica de novo, com a música insípida tocando alto no gravador. Observei-a abaixar-se, fazer flexões, enquanto continuava a me sentir em profunda perturbação, devastado, abatido, a tal ponto que a pele parecia ser a única coisa que podia me manter coeso, uma casca frágil. Subira para dizer alguma coisa prosaica, que queria continuar. Mas isso jamais chegou a acontecer. A raiva intensa com que Barbara castigava o próprio corpo deixou patente para mim, mesmo em meu estado indefeso, que o esforço seria vão. Limitei-me a observar, talvez por uns cinco minutos. Barbara não me olhou uma vez sequer, mas acabou revelando, no meio de uma contorção, sua opinião:

– Você poderia ter feito melhor.

Houve mais alguma coisa, mas não escutei. A palavra final foi “ordinário”.

Continuamos a partir daí. De certa forma, a ligação com Carolyn proporcionou uma estranha espécie de alívio. Há agora uma causa para o efeito, um pretexto para a ira tenebrosa de Barbara, uma razão para não nos darmos bem. Agora há alguma coisa superada e, em decorrência, uma tênue esperança de que as coisas possam melhorar.

Posso compreender que a questão agora é a seguinte: se vamos desistir de qualquer progresso ocorrido. Por meses Carolyn foi um demônio, um espírito sendo lentamente exorcizado desta casa. E a morte a trouxe de volta à vida. Entendo a queixa de Barbara. Mas não posso – não posso mesmo – ceder ao que ela quer de mim; e meus motivos são bastante pessoais para se situar no reino do tácito, até mesmo do indizível.

Tento um apelo simples e suave.

– Que diferença isso faz, Barbara? Serão apenas duas semanas e meia. Até a primária. Mais

nada. E depois será outro caso policial rotineiro. Um homicídio sem solução.

– Não percebe o que está fazendo? A si mesmo? A mim?

– Barbara...

– Eu sabia... eu sabia que você faria algo assim. Quando telefonou no outro dia. Pude sentir na sua voz. Vai passar por tudo de novo, Rusty. E quer assim, essa é a verdade, não é mesmo? É o que você quer. Ela está morta, mas você continua obcecado.

– Barbara...

– Já agüentei mais do que tenho capacidade de suportar, Rusty. Não pretendo aturar mais isso. – Barbara não chora nessas ocasiões. Em vez disso, recua para a cratera ardente de uma ira vulcânica. Vira-se agora para controlar sua vontade, senta na cama. Pega um livro, o controle remoto, dois travesseiros. O vulcão Saint Helens estrondeia. E decido me retirar. Vou ao closet e pego meu robe.

Barbara fala quando chego à soleira:

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Que eu sempre quis fazer?

– Claro.

– Por que deixou de se encontrar com ela?

– Com Carolyn?

– Não, com o homem da lua.

As palavras transbordam de tanta amargura que especulo se ela não vai cuspir. Eu pensaria que a pergunta de Barbara seria sobre o motivo pelo qual comecei, mas aparentemente ela já encontrara há muito tempo suas respostas para isso.

– Não sei. Minha tendência é pensar que eu não era muito importante para ela.

Barbara fecha os olhos, torna a abri-los. Sacode a cabeça.

– Você é um idiota – minha esposa me diz solenemente. – Saia daqui.

Obedeço. Rapidamente. Já houve ocasiões em que ela jogou coisas. Não tendo nenhum outro lugar para ir e ansiando por alguma forma de companhia, atravesso o corredor para verificar mais uma vez como está Nat. Sua respiração é ininterrupta, na fase mais profunda do sono. Sento na cama, a salvo no escuro, sob os braços protetores do Homem-Aranha.

5

Manhã de segunda-feira: um dia na vida. O ônibus desembarca o rebanho de terno cinza no lado leste do rio. A praça do terminal é cercada por salgueiros, as saias esverdeando na primavera. Chego ao escritório antes de 9 horas. Recebo de minha secretária, Eugenia Martinez, as coisas de sempre: correspondência, bilhetes com recados telefônicos e um olhar sombrio. Eugenia é obesa, solteira, está na meia-idade e, ao que parece com freqüência, determinada a se vingar por tudo isso. Bate à máquina com relutância, recusa-se a anotar ditados e muitas vezes por dia a surpreendo olhando imóvel e irritada para o telefone que toca. Claro que ela não pode ser despedida ou mesmo rebaixada, porque o serviço público é como concreto, não se sai mais do

lugar depois de instalado. Eugenia permanece, uma praga para uma década de subchefes, colocada naquele posto por John White, que assim fez para evitar os protestos inevitáveis se a designasse para qualquer outro.

Por cima do que Eugenia me entregou, há um memorando sobre Tommy Molto, cuja ausência continua inexplicável. A seção de pessoal quer registrá-lo como Ausente Sem Licença. Faço uma anotação para conversar a respeito com Mac e passo em revista as comunicações. O pessoal do sumário forneceu-me uma lista de 13 pessoas que foram soltas da custódia do Estado nos últimos dois anos e cujos casos haviam sido levados a julgamento por Carolyn. Um bilhete manuscrito informa que as respectivas pastas de arquivo foram entregues na sala de Carolyn. Ponho a listagem de computador no centro da mesa, a fim de não esquecê-la.

Com Raymond fora durante a maior parte do dia, empenhado na campanha, resolvo muitos dos problemas que seriam encaminhados a ele. Dou as ordens nos casos em julgamento, imunidades, apelações, faço os contatos com as agências de investigações. Esta manhã presidirei uma reunião em que decidiremos as formulações e os méritos de todos os indiciamentos da semana. Esta tarde tenho uma outra, sobre o fiasco da semana passada, quando um agente secreto da polícia negociou com um agente disfarçado da agência federal de repressão aos tóxicos; os dois sacaram as armas e os emblemas, um contra o outro, exigindo rendição. Os homens de apoio também se envolveram e ao final havia 11 agentes da lei em esquinas opostas, gritando insultos e brandindo pistolas. E agora estamos promovendo reuniões. Os policiais me dirão que os federais costumam fazer tudo em segredo; o agente federal encarregado do caso vai insinuar que qualquer confidência ao departamento de polícia estará à venda logo depois. Enquanto isso, devo encontrar alguém para levar a julgamento pelo assassinato de Carolyn Polhemus.

Mais alguém pode estar procurando também. Perto de 9h30, recebo um telefonema de Stew Dubinsky, do *Trib*. Durante a campanha, Raymond atende pessoalmente à maioria das ligações da imprensa; não quer perder o brio ou provocar críticas de que está perdendo o controle sobre o escritório. Mas Stew é, provavelmente, o melhor repórter do tribunal que temos. Obtém a maioria dos fatos diretamente e conhece os limites. Posso conversar com ele.

– O que há de novo sobre Carolyn? – ele pergunta.

A maneira como abrevia o assassinato pelo nome me desconcerta. A morte de Carolyn já está deixando a categoria da tragédia para virar mais um macabro evento histórico.

Claro que não posso dizer a Stew que não se está fazendo nada. A notícia poderia chegar a Nico, que aproveitaria a ocasião para nos bombardear mais uma vez.

– O Promotor Raymond Horgan não tinha comentários a fazer – trato de responder.

– O promotor não gostaria de comentar outra informação? – O que quer que seja, este é o verdadeiro motivo para o telefonema de Stew. – Ouvi comentários sobre uma deserção em alto nível. Da Seção de Homicídios. Sabe de alguma coisa?

Só pode ser Molto. Depois que Nico saiu, Tommy, seu auxiliar imediato, ficou respondendo interinamente pela seção. Horgan recusou-se a lhe dar o cargo em caráter permanente, desconfiado de que mais cedo ou mais tarde aconteceria algo assim. Reflito por um momento que a imprensa já está farejando. O que não é nada bom. Muito ao contrário. Posso perceber, pela maneira como Dubinsky formulou a pergunta, como será o desenvolvimento. Uma assistente de alto nível é assassinada; outro assistente, que deveria estar no comando da investigação, renuncia. Vai parecer que o escritório se encontra à beira do caos.

– A mesma resposta. Cite o promotor.

Stew solta um grunhido. Está chateado.

– Não oficialmente? – pergunto.

– Claro.

– Até que ponto sua informação é segura?

Quero saber quão perto estamos de ler notícias a respeito.

– Até certo ponto. Um cara que sempre pensa que sabe mais do que na realidade. Calculo que só pode ser Tommy Molto. Ele e Nico são unha e carne, não é mesmo?

É evidente que Stew não tem muito para contar. E evito sua pergunta fazendo outra:

– O que Della Guardia lhe disse?

– Diz que não tem comentários a fazer. Vamos logo, Rusty, o que está acontecendo?

– Extra-oficialmente, Stew, não tenho a menor idéia de onde está Tommy Molto. Mas se ele está de mãos dadas com Nico, por que o candidato não lhe conta?

– Quer uma teoria?

– Claro.

– Talvez Nico o tenha incumbido de investigar o caso por conta própria. Pense nisso. DELLA GUARDIA DESCOBRE O ASSASSINO. O que acha da manchete?

A idéia é absurda. Uma investigação particular de um crime poderia facilmente acabar como um obstáculo à polícia. Obstrução da justiça é péssima política. Por mais ridícula que pareça, no entanto, o mero fulgor da idéia parece típico de Nico. E Stew não é de lançar boatos malucos. Sempre se baseia em informações.

– Posso presumir que isso também é parte do seu rumor?

– Sem comentários.

Rimos um do outro, antes de desligarmos. No mesmo instante, dou alguns telefonemas. Deixo um recado com Loretta, a secretária de Raymond, de que preciso falar com ele assim que entrar em contato. Tento encontrar Mac, a subchefe administrativa, para conversar sobre Molto. Não está, sou informado. Deixo outro recado.

Depois, faltando ainda alguns minutos para a reunião, desço pelo corredor até o gabinete de Carolyn. Já está com um ar desolado. A escrivaninha Empire que Carolyn requisitou dos Serviços Centrais já foi esvaziada e o conteúdo das gavetas – dois velhos estojos de maquilagem, uma caixa de lenços de papel, uma suéter de tricô, uma garrafa pequena de licor de hortelã – foi guardado numa caixa de papelão, junto com os diplomas e certificados de Carolyn que estavam pendurados nas paredes. As caixas trazidas do armazém estão empilhadas no meio da sala, proporcionando ao escritório uma aparência óbvia de desuso. A poeira acumulada em uma semana de inatividade possui um tênue cheiro de decomposição. Despejo um copo d'água na planta murcha e removo a poeira de algumas folhas.

A agenda de casos de Carolyn era constituída basicamente por agressões sexuais. Segundo os códigos nos indicadores das pastas, há, pela minha contagem, 22 casos assim aguardando indiciamento ou julgamento que encontro nas gavetas de cima do velho arquivo de carvalho. Carolyn alegava uma simpatia especial pelas vítimas de tais crimes e descobri, com o passar do tempo, que seu empenho era mais genuíno do que eu acreditara a princípio. Quando falava sobre os terrores recorrentes que essas mulheres experimentavam, as superfícies reluzentes se afastavam de Carolyn e surgiam sentimentos alternados de ternura e raiva. Mas também há, nesses casos, um elemento bizarro: um interno do hospital universitário que realizou exame físico em diversas pacientes que terminou com a inserção do próprio instrumento; uma vítima recebeu esse tratamento em três ocasiões diferentes, antes de ser levada a se manifestar. A namorada de um suspeito que, no segundo dia de interrogatório, admitiu que o conhecera quando ele arrombara a porta de tela do seu apartamento e a possuíra à força. Quando largou a faca, a garota disse, ele parecera um excelente rapaz.

Como muitos outros, desconfiei que Carolyn tinha mais do que um fascínio superficial por esse aspecto de seu trabalho. Examino as pastas de arquivo na esperança de que haja um padrão que possa encontrar – de que possamos alegar que foi na verdade uma cerimônia de culto, repetida há seis dias no apartamento de Carolyn, ou na imitação brutal de algum caso em que Carolyn tivesse demonstrado um interesse voyeurista óbvio demais. Mas não há nada disso; os 13 nomes não levam a parte alguma. E as novas pastas não revelam pistas.

Chegou a hora da reunião, mas alguma coisa está me incomodando. Quando torno a verificar a listagem do computador, descubro que há um caso que ainda não encontrei – um Arquivo B, como o chamamos, uma referência à subseção do Código Penal do Estado que trata do suborno de autoridades policiais e judiciárias. Carolyn raramente cuidava de alguma coisa fora dos seus domínios e os Arquivos B, que são os chamados casos de Investigação Especial, estavam diretamente sob a minha supervisão, quando aquele fora distribuído. A princípio, presumi que a designação B não passava de uma confusão corriqueira do computador ou talvez apenas uma acusação adicional. Mas não há qualquer caso correlato; e esse se encontra relacionado como um InDes – Indivíduo Desconhecido –, o que geralmente indica uma investigação sem prisão. Revisto as gavetas mais uma vez, rapidamente, e confiro em minha sala. Tenho uma listagem dos casos B, mas esse não está incluído. Na verdade, parece ter sido eliminado completamente do sistema de registro do computador, exceto na listagem de Carolyn.

Faço uma anotação no bloco: Arquivo B? Polhemus?

Eugenia está parada na porta.

– Ah, os homens... – ela diz. – Onde se meteu? Estava à sua procura. O Chefão ligou. – O Chefão, obviamente, é Raymond Horgan. – Procurei você por toda parte. Ele deixou o recado para você ir encontrá-lo no Delaney Club, por volta de 13h30.

Raymond e eu temos muitos desses encontros durante a campanha. Eu o procuro depois de um banquete e antes de um discurso, a fim de informá-lo sobre a situação no escritório.

– E Mac? Recebemos alguma notícia?

Eugenia lê o recado:

– “Passei toda a manhã no outro lado da rua.”

Observando, sem dúvida, assistindo a alguns dos promotores-assistentes mais novos realizarem seu trabalho no turno da manhã do Distrito Central.

Peço a Eugenia para atrasar a reunião por meia hora e depois me dirijo para o tribunal, ao encontro de Mac. A sessão do Distrito Central está em andamento no segundo andar. Os tribunais distritais são os lugares em que as pessoas presas têm sua primeira audiência judicial formal para a fixação da fiança, em que os pequenos delitos são julgados e são realizadas as audiências preliminares nos casos de delitos graves. O serviço em uma distrital é geralmente o segundo ou o terceiro estágio de um promotor-assistente, depois da passagem por Apelações ou pela Seção de Mandados. Trabalhei nesse tribunal por 19 meses, antes de ser transferido para a Revisão de Crimes. Tento voltar aqui só o mínimo indispensável. É nesse lugar que o crime sempre pareceu mais real, o ar palpitando numa agonia agitada, prestes a encontrar uma voz.

No corredor, junto das duas enormes salas de audiência centrais, há uma massa fervilhante, como minhas imagens dos pobres oprimidos nos porões dos antigos navios que cruzavam os oceanos. Mães, namoradas e irmãos aqui estão, chorando e gritando pelos jovens detidos no cárcere de granito ao lado do tribunal. Advogados medíocres carregam de um lado para outro os clientes alvoroçados, falando no tom corrompido de cambistas, enquanto os defensores públicos gritam os nomes de pessoas que nunca viram antes e que estarão defendendo dentro de alguns instantes. Os promotores também gritam, procurando pelos agentes que efetuaram as prisões em

uma dúzia de casos, esperando aumentar os escassos conhecimentos fornecidos pelos relatórios policiais, preparados de uma maneira deliberadamente elíptica, a melhor forma de atrapalhar uma reinquirição.

Dentro do tribunal abaulado, com suas colunas de mármore vermelho, pilares de carvalho e bancos de encosto reto, o tumulto continua, um alarido persistente. Postados mais na frente, a fim de ouvirem seus casos serem chamados, promotores e advogados de defesa discutem amigavelmente as perspectivas. Ao lado da bancada do juiz, seis ou sete advogados se agrupam em torno do meirinho, entregando petições, examinando documentos, pedindo que seus casos sejam chamados em seguida. Os policiais, a maioria, estão encostados em duplas nas paredes sujas – muitos saindo do turno da meia-noite às 8 horas para as audiências de fiança dos presos capturados durante a noite – tomando café e balançando-se sobre os pés para se manterem acordados. E a distância, de um lado do tribunal, há um clamor contínuo partindo do cárcere, onde réus sob custódia aguardam a convocação, um ou dois sempre gritando obscenidades para os oficiais de justiça ou para seus advogados, queixando-se do aperto e dos odores repulsivos. O restante geme e resmunga ocasionalmente ou bate nas grades.

Agora, ao final do chamado da manhã, as prostitutas estão sendo indiciadas, julgadas, multadas e soltas a tempo para dormir um pouco e iniciar outra noite de trabalho. Em geral, são representadas em grupos por dois ou três advogados, mas de vez em quando um cafetão, para economizar, assume pessoalmente a defesa. É o que ocorre neste momento, com um idiota de terno vermelho discorrendo sobre a brutalidade policial.

Mac me leva para a sala dos casacos, onde não há nenhum casaco pendurado. Nenhum visitante seria tão descuidado a ponto de deixar um traje valioso desprotegido em semelhante companhia. A sala está completamente vazia, exceto por uma máquina de taquigrafia e um enorme candelabro de sala de jantar, num saco plástico, com toda certeza a prova de um caso que entrará em julgamento.

Ela me pergunta qual é o problema.

– Eu queria saber o que Carolyn Polhemus estava fazendo com um Arquivo B.

– Nem sabia que Carolyn se interessava por crimes acima da cintura.

Uma piada antiga. Ela me fita radiante de sua cadeira de rodas, a espertinha predileta de todo mundo, desavergonhada e irreverente. Faz diversas sugestões sobre o Arquivo B, mas já tentei todas.

Como subchefe administrativa, Lydia MacDougall está encarregada do pessoal, do material e da alocação dos funcionários. É um trabalho horrível e ingrato, com um título pomposo, mas Lydia está acostumada à adversidade. Ficou paraplégica pouco depois de começarmos juntos no escritório, há quase 12 anos. Foi numa daquelas noites no início do inverno, em que a neblina é metade neve. Lydia guiava. Seu primeiro marido, Tom, morreu ao cair no rio.

Considerando tudo, eu diria que Mac é provavelmente a melhor advogada do escritório: organizada, astuta e talentosa no tribunal. Ao longo dos anos, ela até aprendeu a tirar proveito da cadeira de rodas perante um júri. Há algumas tragédias tão profundas que nossa compreensão a respeito é evolucionária, na melhor das hipóteses. Os jurados têm dois dias para pensar no que seria ficarem com as pernas flácidas, inúteis, bambas como bandeiras, enquanto escutam aquela mulher, bonita, dinâmica e jovial, observam a aliança, registram a menção casual ao filho, constatam que ela é – impossivelmente – normal, acabam transbordando de admiração e também, como deveria acontecer a todos, de esperança.

No próximo mês de setembro, Mac se tornará juíza. Já tem o apoio total do partido e disputará a primária sem oposição. Sua eleição será automática. Ao que parece, não há muitas

pessoas achando que podem vencer uma advogada que conta com o apoio de grupos feministas, associações femininas, deficientes, os ardorosos defensores da lei e da ordem e as três principais organizações de advogados da cidade.

– Por que não pergunta a Raymond sobre o arquivo? – ela finalmente sugere.

Solto um grunhido. Horgan não é um homem de detalhes. É improvável que saiba alguma coisa sobre um caso isolado. E a essa altura reluto em aconselhá-lo sobre qualquer problema. Raymond está sempre procurando alguém para culpar.

Seguindo pelo corredor para o tribunal ao lado, onde Mac deve fazer suas observações, converso com ela sobre Tommy Molto e o problema de sua situação inexplicada. Se despedirmos Molto, Nico vai capitalizar o incidente, alegando que Horgan se lançou numa caça às bruxas dos amigos de Delay. Se mantivermos Tommy na equipe, aumentaremos o proveito de Nico na deserção. Decidimos que ele entrará em Licença Sem Autorização, uma categoria trabalhista que não existia antes. Digo a Mac que me sentiria mais tranqüilo se alguém em quem confiasse o bastante tivesse visto Molto vivo.

– Vamos enviar uma equipe à sua procura. Já temos uma promotora-assistente morta. Se alguma mulher encontrar pedaços de Molto em sua lata de lixo amanhã de manhã, eu gostaria de poder dizer que o procuramos por toda parte.

É a vez de Mac. Ela faz uma anotação.

O MERITÍSSIMO Larren Lyttle, o rosto grande e escuro irradiando astúcia e impotência, é o primeiro a me notar. Um negro num clube em que só brancos ingressavam até três anos atrás, o juiz não demonstra o menor sinal de submissão ao ambiente. Está à vontade entre as poltronas de couro e os criados de libré verde.

Larren é o antigo colega de escritório de advocacia de Raymond. Naquele tempo, eram agitadores, defendendo os que se esquivavam ao recrutamento militar e aos que eram presos com *marijuana*, além da maioria dos militantes negros locais e de uma clientela pagante. Atuei num caso contra Larren antes de ele se tornar juiz – um simples processo de delinqüência juvenil contra um garoto muito rico da zona da West Shore que gostava de arrombar as casas dos amigos dos pais. Larren foi uma presença imponente, de estatura vigorosa, sagaz e algoz com as testemunhas, apresentando uma amplitude retórica de dimensões operísticas. Podia adotar um comportamento refinado e depois passar na elocução seguinte para a oratória exuberante de um pregador sulista ou um líder do gueto. Os jurados raramente notavam que havia outro advogado no tribunal.

Raymond partiu para a política primeiro. Larren dirigiu a campanha, ostensivamente, atraiu eleitores negros em quantidades consideráveis. Dois anos depois, quando Raymond pensou que poderia se tornar o prefeito, Larren entrou na chapa como candidato a juiz. Larren ganhou e Raymond perdeu. O Juiz Lyttle sofreu por sua lealdade. Bolcarro manteve-o de quarentena na Distrital Norte, onde Larren julgava infrações de trânsito e pequenos delitos, em geral o posto de magistrado nomeado, até que Raymond adquiriu sua liberdade quatro anos mais tarde, com o apoio antecipado e entusiástico à campanha de reeleição do Prefeito Bolcarro. Desde então, Larren tem sido um juiz criminal no centro, um autocrata implacável em seu tribunal e, apesar da amizade com Raymond, inimigo declarado dos promotores-assistentes. Dizem que há dois advogados de defesa no tribunal e que o mais difícil de vencer é o que usa uma toga.

Mesmo assim, Larren permanece uma força ativa nas campanhas de Raymond. O Código de Conduta Judiciária o proíbe agora de assumir qualquer função oficial. Mas ele ainda pertence ao círculo íntimo de Raymond, os homens que o acompanhavam nos anos da faculdade de direito e no início do exercício profissional, cujo relacionamento me provoca às vezes uma espécie de

anseio adolescente. Larren; Mike Duke, o sócio-executivo de um grande escritório no centro; Joe Reilly, da Primeira – essas são as pessoas a que Raymond recorre nessas ocasiões.

A Mike Duke cabia a supervisão das finanças da campanha. Este ano foi uma tarefa mais difícil do que no passado, quando Raymond não teve adversários significativos. Além do mais, Raymond não queria participar de qualquer tipo de campanha de arrecadação de fundos, temendo que isso pudesse comprometer sua independência. Mas tais escrúpulos foram postos de lado este ano. Raymond tem passado por diversas reuniões assim ultimamente, insinuando-se aos talões de cheques liberais, aos cavalheiros de aparência elegante, como o grupo aqui reunido hoje, garantindo-lhes que ainda é o mesmo instrumento eficiente de justiça como há dez anos. Raymond faz o discurso de campanha em tom de conversa, aguardando o momento em que primeiro ele e depois o juiz sejam chamados a outro lugar, a fim de que Mike, na ausência de ambos, possa fazer a pressão.

Essa é a minha função aqui hoje. Serei o pretexto de Raymond para se retirar. Ele me apresenta e explica que precisa pôr em dia o expediente do escritório. Nesse ambiente, não passo de um lacaio – ninguém se lembra de me convidar a sentar e apenas o Juiz Lyttle se dá ao trabalho de se levantar para me apertar a mão. Permaneço por trás da mesa e da fumaça de charuto, enquanto há uma rodada final de apertos de mãos e gracejos joviais, e depois saio, atrás de Raymond.

– O que está acontecendo? – ele me pergunta assim que passamos pelo porteiro e sob o toldo verde da entrada do clube.

Pode-se sentir, desde o início da manhã, que o ar começa a suavizar. Meu sangue se agita. A primavera está chegando.

Quando lhe falo a respeito do telefonema de Dubinsky, Raymond não faz nenhum esforço para esconder sua irritação.

– Eu bem que gostaria de pegar qualquer um dos dois querendo me sacanear desse jeito. – Ele se refere a Nico e Molto. Estamos agora andando apressados pela rua, a caminho do prédio oficial do condado. – Mas que besteira é essa? Uma investigação independente!

– Ora, Raymond, foi apenas um repórter pensando algo. Provavelmente, não há nada por trás.

– É melhor mesmo que não haja.

Começo a relatar a divergência entre a polícia e os agentes federais de narcóticos, mas Raymond não me deixa terminar, indagando:

– Como estamos em relação a Carolyn?

Percebo que a especulação sobre as atividades de Molto reativou o desejo de Raymond por resultados em nossa própria investigação. Ele dispara perguntas como uma metralhadora. Já temos um relatório de Cabelos e Fibras? Quanto tempo vai demorar? Recebemos boas notícias sobre impressões digitais? O que me diz do relatório sobre os criminosos sexuais que Carolyn acusou?

Informo a Raymond que tudo isso ainda está sendo providenciado e que passei as últimas três horas na reunião de sumário dos casos em andamento na promotoria. Ele estaca abruptamente. Está furioso.

– Mas que droga, Rusty! – Sua cor é forte e a testa se contrai furiosa por cima dos olhos. – Eu lhe disse no outro dia: dê a essa investigação prioridade *absoluta*. É o que merece. Della Guardia está me devorando vivo com essa história. E devemos pelo menos isso a Carolyn. Deixe Mac dirigir o escritório. Ela é mais do que capaz. Pode observar os agentes federais e o pessoal da polícia mijarem uns nos outros. E pode orientar os indiciamentos. Você se concentra neste

caso. Quero que investigue todas as pistas e faça isso de maneira ordenada. Comece a agir! Banque o profissional!

Olho para um lado e outro da rua. Não descubro ninguém conhecido. Estou com 39 anos, penso. Sou advogado há 13 anos.

Raymond vai andando na frente em silêncio. Finalmente vira o rosto para me fitar, sacode a cabeça. Espero uma crítica adicional por meu desempenho, mas ele comenta, em vez disso:

– Aqueles caras são uns idiotas. – Dá para perceber que Raymond não gostou do almoço.

No prédio oficial do condado, Goldie, o pequeno ascensorista de cabeça branca, que passa o dia inteiro sentado no elevador vazio, esperando para levar Raymond e os comissários do condado para cima e para baixo, empurra o banquinho para dentro e dobra o jornal. Já começara a abordar o problema do Arquivo B desaparecido, mas suspendo enquanto estamos no elevador. Goldie e Nico eram grandes amigos. Até testemunhei Goldie quebrar o protocolo algumas vezes e levar Nico para cima e para baixo: era o tipo de coisa que Nico adorava – o elevador oficial. Seu destino. Nico mantinha uma expressão altiva e impassível enquanto Goldie esquadrinhava o saguão, para se certificar de que o caminho estava livre.

Depois que chegamos lá em cima, eu fico para trás. Diversos promotores-assistentes se adiantam para falar com Raymond, alguns com problemas, outros querendo apenas notícias da campanha. Aproveito um ou dois dos intervalos para explicar que examinei os registros de Carolyn. Faço isso de maneira vaga, pois não tenho o menor desejo de confessar fracassos adicionais. Raymond perde o fio do que estou dizendo, enquanto avança de uma conversa para outra.

– Há um arquivo desaparecido – anuncio outra vez. – Carolyn tinha um caso que não conseguimos determinar.

E isso finalmente atrai a atenção de Raymond. Acabamos de passar pela porta lateral de seu gabinete.

– Que tipo de caso? Sabemos alguma coisa a respeito?

– Sabemos que foi registrado como um caso de suborno... um B. Parece que ninguém sabe o que aconteceu com o processo. Perguntei a Mac. Verifiquei em meus próprios registros.

Raymond me estuda por um instante e depois sua expressão se torna ausente.

– Onde devo estar às 14 horas? – ele me pergunta.

Respondo que não tenho a menor idéia e ele grita por Loretta, sua secretária, repetindo o nome até que ela aparece. Raymond, Loretta informa, deve comparecer a uma reunião do Comitê Judicial para tratar de normas de processo penal. O objetivo é descrever as várias reformas no sistema estadual que ele vem propondo como parte da campanha.

Foi distribuído um comunicado à imprensa; repórteres e equipe de televisão estarão presentes... e ele já está atrasado.

– Merda! Merda! – exclama Raymond, andando furioso pela sala. – Merda!

Tento de novo.

– De qualquer maneira, o caso ainda está no computador.

– Ela falou com Cody? – ele me pergunta.

– Carolyn?

– Não. Loretta.

– Não sei, Raymond.

Ele grita outra vez por Loretta.

– Chame Cody. Já falou com ele? Pelo amor de Deus, chame Cody! Ou então mande alguém descer até lá. – Raymond olha para mim. – O idiota não larga o telefone do carro e não

há jeito de falar com ele. Com quem ele fica conversando o tempo todo?

– Pensei que talvez soubesse alguma coisa sobre esse caso ou pudesse se lembrar de algo.

Raymond não está me escutando. Arriou numa poltrona, virada para o que os assistentes chamam, irreverentes, de Muro do Respeito de Raymond, um trecho de reboco com placas, fotografias e outros momentos de grandes triunfos ou homenagens: prêmios de associações de advogados, esboços de desenhistas do tribunal, caricaturas políticas. Raymond exibe outra vez aquela expressão envelhecida, digressiva, pensativa, um homem que viu as coisas se desenrolarem.

– Porra, que desastre! Em todas as campanhas Larren me disse para pedir a um assistente que entrasse de licença, a fim de ter alguém para controlar a situação em tempo integral. Sempre conseguimos passar sem isso. Mas esta campanha escapou ao controle. Há muito para fazer e ninguém no comando. Sabia que não fazemos nenhuma pesquisa há dois meses? A eleição será daqui a duas semanas e não temos a menor idéia de onde estamos e com quem. – Ele leva a mão à boca e sacode a cabeça. Não é tanto ansiedade que demonstra; é mais aflição. Raymond Horgan, promotor público do Condado Kindle, perdeu a capacidade de enfrentar as situações.

Um momento passa entre nós, em silêncio absoluto. Não estou propenso, no entanto, depois da bronca que levei na rua, a ser reverente. Depois de 13 anos trabalhando para o governo, sei como ser um burocrata e quero ter certeza de que estou seguro com Raymond no caso do arquivo desaparecido.

– Seja como for, não sei que significado atribuir ao caso – insisto. – Nem mesmo sei se foi arquivado por engano ou há algo mais sinistro.

Raymond me lança um olhar irritado.

– Está falando outra vez daquele arquivo?

Não tenho chance de responder. Loretta anuncia um telefonema e Raymond atende. Alejandro Stern, advogado e presidente do Comitê Judicial, está na linha. Raymond pede desculpas, explica que se viu envolvido no bizarro episódio entre os agentes federais de narcóticos e a polícia local, mas já se encontra a caminho. Ao desligar, ele grita novamente por Cody.

– Estou bem aqui – informa Cody, entrando pela porta lateral do escritório.

– Muito bem. – Raymond parte numa direção, depois inverte o rumo. – Onde está meu casaco?

Cody já o pegou.

Desejo boa sorte a Raymond.

Cody abre a porta. Raymond sai, mas volta no instante seguinte.

– Loretta! Onde está meu discurso?

Cody também já o pegou. Mesmo assim, Raymond continua até sua mesa. Abre uma gaveta, retira uma pasta de arquivo e me entrega ao se encaminhar de novo para a porta.

É o Arquivo B.

– Conversaremos a respeito – ele me promete.

E com Cody apressado em sua esteira, ele atravessa o corredor quase correndo.

— De certa forma, o garoto, Wendell, tornou-se importante – comentei com Robinson. – Para nós, é claro. Ou pelo menos para mim. É difícil explicar. Mas ele foi parte dessa coisa com Carolyn.

Era um garoto fora do comum, grande para a idade, a falta de jeito cômica de algumas crianças grandes, uma aparência obtusa, quase retardada. Não era tão retardado assim, mas apático. Pedi uma explicação a um dos psiquiatras, como se fosse necessário, e ele disse sobre o menino de 5 anos:

– Ele sofre de depressão.

Wendell McGaffen, durante o julgamento da mãe, fora transferido do abrigo do condado para um lar adotivo. Via o pai todos os dias, mas nunca a mãe. Depois das disputas habituais no tribunal, Carolyn e eu obtivemos permissão para falar com ele. Mas, na verdade, a princípio não falamos nada. Sentávamos em silêncio nas sessões com os psiquiatras, que nos apresentaram a Wendell. O menino se divertia com os brinquedos e as figuras em torno da sala. O psiquiatra indagava se Wendell pensava em coisas diferentes, o que não acontecia, quase que invariavelmente. O psiquiatra, chamado Mattingly, disse que Wendell não perguntara uma única vez pela mãe em semanas. E, por isso, não abandonaram o assunto.

Wendell gostou de Carolyn desde o início. Levava-lhe os bonecos. Fazia comentários com ela. Chamava a atenção de Carolyn para passarinhos, caminhões e outros objetos que passavam além da janela. Na terceira ou quarta visita, Carolyn disse a Wendell que queria conversar com ele sobre a mãe. O psiquiatra ficou alarmado, mas Wendell apertou o boneco com as duas mãos e indagou:

– Sobre o quê?

E assim progredimos, vinte a trinta minutos por dia. O psiquiatra mostrou-se visivelmente impressionado e acabou pedindo permissão a Carolyn para permanecer na sala durante as entrevistas. Ao longo de algumas semanas, a história foi relatada, aos pedaços, em comentários murmurados, em respostas desordenadas e sem reflexão às perguntas que Carolyn formulara, muitas vezes dias antes. Wendell não demonstrava qualquer emoção concreta além da hesitação. Quase sempre ficava de pé na frente de Carolyn, as mãos apertando com força algum boneco, para o qual olhava fixamente. Carolyn repetia o que ele contara e perguntava mais coisas. Wendell balançava a cabeça ou não oferecia qualquer resposta. De vez em quando, dava explicações: “Doeu”. “Chorei”. “Ela disse que eu não tinha de ficar quieto”.

– Ela não queria que você ficasse quieto? – perguntou Carolyn.

– É. Disse que eu não tinha de ficar quieto.

De outra pessoa, a insistência, em particular, poderia parecer cruel, mas Carolyn demonstrava uma necessidade de saber que era de certa forma altruísta. Pouco antes do julgamento, Carolyn e o psiquiatra decidiram que o condado não chamaria Wendell para testemunhar, a menos que fosse absolutamente necessário. A confrontação com a mãe, ela argumentou, seria demais para a criança. Mas, mesmo depois de tomada essa decisão, Carolyn continuou a se encontrar com Wendell e a lhe arrancar mais e mais informações.

– É difícil explicar a maneira como ela olhava para aquele garoto – comentei com Robinson. – Quase que penetrando em seu interior. Com muita intensidade. Com enorme fervor. Nunca imaginei que Carolyn fosse do tipo de estabelecer qualquer relacionamento com crianças. E, quando isso aconteceu, fiquei espantado.

Aumentava ainda mais o mistério de Carolyn. Ela parecia alguma deusa hindu, que continha todos os sentimentos na criação. Quaisquer que fossem os rios impetuosos, incontroláveis e libidinosos que Carolyn liberava em mim, por seu comportamento e aparência, havia alguma

coisa na terna atenção com aquela criança necessitada que me levava além da margem, que acrescentava às minhas emoções uma qualidade enternecida e anelante muito mais significativa do que todo o calor priápico. Quando assumia um tom suave e sério e se inclinava para o apático e machucado Wendell, eu me sentia, apesar dos pesares, transbordando de amor por ela.

Um amor desenfreado. Desesperado e obsessivo, deliberadamente cego. Amor, no que o amor tem de mais autêntico, sem qualquer noção do futuro, o amor concentrado no presente e incapaz de compreender o significado dos sinais.

Um dia, conversei com Mattingly sobre a maneira como Carolyn trabalhara com o menino. "Não acha que foi extraordinário?", indaguei. Espantoso. Inexplicável. Eu queria ouvi-lo a desfiar louvores a Carolyn. Mas Mattingly interpretou meus comentários como uma indagação clínica, como se eu quisesse saber o que podia explicar aquele fenômeno. Ele deu uma baforada no cachimbo, pensativo.

– Tenho pensado muito a respeito. – Sua expressão tornou-se conturbada, creio que reconhecendo que ele próprio estava sujeito a ser ofensivo ou mal interpretado. Mas acrescentou: – E creio que, numa escala reduzida, ela deve lembrá-lo da mãe.

O JULGAMENTO correu bem. A Sra. McGaffen foi defendida por Alejandro Stern – Sandy, fora do tribunal, um judeu argentino, um fidalgo hispânico, impecavelmente penteado e perfeito em seu sotaque suave e unhas bem cuidadas. É um advogado polido e meticuloso e resolvemos acompanhar sua abordagem discreta. Apresentamos as provas físicas, os depoimentos dos médicos. E os resultados de seus exames; depois, oferecemos os resultados da busca. E, com isso, o Estado suspendeu sua argumentação. Sandy chamou um psiquiatra, que descreveu a gentil natureza de Colleen McGaffen. Em seguida, provou como era um bom advogado ao inverter a ordem usual da apresentação. A ré testemunhou primeiro, negando tudo; depois, o marido subiu ao banco das testemunhas, chorando insuportavelmente, enquanto descrevia a morte da filha; a queda de Wendell, que ele insistiu ter testemunhado; e a devoção da esposa ao filho. Um competente advogado criminal sempre tem uma mensagem latente para os jurados, muito preconceituosa ou imprópria para expressar em voz alta, quer seja um apelo racista quando vítimas negras identificam réus brancos ou a atitude de não-foi-grande-coisa que um profissional como Stern assume quando um crime é apenas uma tentativa. Neste caso, Sandy queria que os jurados soubessem que o marido perdoava Colleen McGaffen; e se *ele* podia perdoá-la, por que *eles* também não podiam fazer a mesma coisa?

Numa espécie de salvação profissional, descobri que no tribunal podia quase me isolar de Carolyn; desfrutava períodos prolongados de concentração e despertava para a sua presença ao meu lado e para o domínio da obsessão quase com surpresa. Mas esse esforço da vontade tinha um alto preço. Lá fora, eu era quase totalmente inútil. Desempenhar as tarefas mais rotineiras – conversar com testemunhas, reunir provas – exigia que todas as minhas energias se voltassem para uma desatenção congelada: "Não pense nela, por favor, não pense nela agora." E assim eu fazia. Circulava numa realidade compartimentada, vacilando entre várias fantasias exuberantes e momentos de intensa autocensura e instantes em que ela se encontrava presente e me mantinha simples e irremediavelmente embasbacado.

– Até que lá estávamos uma noite, trabalhando em sua sala – contei a Robinson.

A apresentação da defesa estava quase terminada. Darryl iniciara sua sustentação oral e a sua patética incapacidade em enfrentar os acontecimentos era, na verdade, profundamente comovente. Carolyn faria a reinquirição e estava bastante animada. O tribunal estava cheio de repórteres; havia matérias sobre o caso nas emissoras de tevê quase todas as noites. E a própria reinquirição era excitante, porque exigia uma habilidade cirúrgica: Darryl tinha de ser destruído

como testemunha, mas não como ser humano. Nunca perderia a simpatia dos jurados, pois no final das contas estava fazendo o que todo mundo tentaria: salvar o que restara de sua família. Por isso, Carolyn se preparava com todo cuidado para a reinquirição, praticando-a, modulando-a, exibindo-a para mim como uma moeda virando no ar. Estava de meias, sem sapatos, uma saia rodada que girava ao seu redor sempre que se virava no espaço limitado; ela se movimentava vigorosamente de um lado para o outro enquanto definia o tom e as perguntas.

– As embalagens de nosso jantar estavam sobre a mesa, assim como diversos registros: as folhas de ponto de Darryl no trabalho para mostrar que ele é ocupado demais para saber o que acontece em casa; relatórios médicos sobre a criança; depoimentos de suas professoras e uma tia. E estávamos elaborando cada pergunta. "Não, não, mais suave, mais suave. 'Sr. McGaffen, não poderia saber que Wendell mostrou as contusões na escola?' Desse jeito. Talvez três perguntas: 'Conhece Beverley Morrison? Refrescaria sua memória saber que ela foi professora de Wendell? Sabia que a Sra. Morrison discutiu a condição física de Wendell com sua esposa ao final da tarde de 7 de novembro do ano passado?'"

'"Mais suave', ela diz."

"'Está bem, mais suave', concordo. 'Não chegue muito perto dele. E não se movimente demais no tribunal. Não deve dar a impressão de que está furiosa.'"

E Carolyn está excitada, inclina-se através da mesa, na maior animação, segura minhas mãos.

"'Vai ser sensacional', ela diz." E seus olhos, que são muito verdes, permanecem fixados em mim um pouco além do necessário, apenas o suficiente para que saibamos que subitamente deixamos o tribunal. E eu digo – nunca dissera uma só palavra até aquele momento –, eu apenas digo, tão vazio e patético quanto me sinto: "O que está acontecendo, Carolyn?" E ela sorri, pelo instante mais fugaz, mas com uma radiância deslumbrante, e diz: "Não agora." E volta a falar sobre a reinquirição.

"Não agora." Não agora. Peguei o último ônibus para Nearing naquela noite e fiquei pensando no escuro, enquanto corríamos sob os lampiões. Não agora. Ainda não me decidi? Já, sim. É bom. É mau. Estou em dúvida. Quero deixar você à vontade.

Mas pelo menos havia alguma coisa. Aos poucos, reconheci o significado de nossa comunicação. Eu não estava louco. Não me deixara envolver por algo imaginário; algo estava mesmo acontecendo. Conversáramos sobre *alguma coisa.* E aquela minha apreensão, perdida, turbulenta, começou a mudar. Ali, no ônibus, sentado lá no fundo, num poço de escuridão, minhas obsessões assumiram uma qualidade contundente; e, sabendo que ingressara na região do real, comecei a sentir apenas medo.

7

Estúdio B, diz na porta. Entro num espaço grande e aberto, do tamanho de um ginásio pequeno. Há uma característica amostardada na luz aqui; as paredes são de ladrilhos amarelos e parecem vagamente luminescentes. A impressão é muito parecida com a escola primária de Nat: uma fileira de pias, divisórias do chão ao teto, de bétula branca, que devem ser os armários dos

estudantes. Um rapaz trabalha em seu cavalete, ao lado das janelas. Passei muitos anos na universidade – provavelmente, se tiver de chegar a esse tipo de estimativa melancólica, o período mais feliz de minha vida –, mas duvido que alguma vez antes tenha entrado no Centro de Arte, especialmente se não contar o auditório adjacente, para onde Barbara me levou em poucas ocasiões para assistir a algumas peças. Por um instante, sinto-me perplexo por me encontrar aqui. Teria sido melhor enviar Lipranzer, penso claramente. E depois falo:

– Marty Polhemus?

O rapaz se vira, algum sinal de ansiedade se insinuando na expressão.

– Você é da polícia?

– Gabinete do promotor. – Estendo a mão e digo meu nome. Marty larga o pincel numa mesa em que se espalham ao acaso tubos de tinta acrílica e vidros brancos redondos de gesso; levanta a fralda da camisa para limpar a mão antes de apertar a minha. Marty é estudante de arte, um garoto com espinhas no rosto, com cabelos que não acabam mais, em anéis soltos, cor de bronze; tem manchas de tinta por toda a roupa e uma massa de tinta e sujeira pura e simples sob as unhas compridas.

– Disseram que mais alguém poderia vir me procurar – comenta Marty.

Ele é um tanto nervoso, ansioso em agradar. Pergunta se quero café e vamos até uma cafeteira perto da porta. Marty serve duas xícaras, enchendo até a borda, depois as larga e tateia os bolsos em busca de troco. Sou eu quem larga duas moedas de 25 centavos no balcão.

– Quem disse que mais alguém poderia procurá-lo? – pergunto, enquanto ambos sopramos o café. – Mac?

– Raymond. O Sr. Horgan. Foi ele quem me disse.

– Ah...

Um silêncio contrafeito – embora Marty seja o tipo de garoto que parece existir aos montes. Explico que sou subchefe da promotoria, destacado para a investigação do assassinato de sua mãe. E que obtive seu horário de estudo na secretaria. Terça-feira, 13h às 16h, Estúdio de Arte Independente.

– Eu apenas queria fazer contato para o caso de haver alguma coisa que você possa acrescentar.

– Claro. Não tem problema. Qualquer coisa que quiser.

Tornamos a voltar para junto do cavalete e ele acaba sentado no peitoril largo da janela. Dali se pode avistar, além da universidade, as linhas de trem, escavadas e concentradas na barriga da cidade como uma cicatriz grande e tangível. O garoto está olhando nessa direção e por um momento também olho.

– Eu não a conhecia muito bem – ele me diz. – Já ouviu a história, não é mesmo? – Ao perguntar, seus olhos se agitam e não tenho certeza se prefere que eu responda sim ou não. Quando admito minha ignorância, ele balança a cabeça e desvia os olhos. – Não a via há muito tempo. Meu pai pode lhe contar toda a história se quiser. Basta telefonar. Ele disse que faria o possível para ajudar.

– Ele está em Nova Jersey?

– Isso mesmo. Eu lhe darei o telefone.

– Presumo que eram divorciados.

Marty solta uma risada.

– Espero que sim. Ele está casado com minha mãe... estou falando de Muriel, mas sempre a chamo de mãe. Estão casados há 15 anos. – Marty coloca as pernas no peitoril da janela e olha para fora, para o campus da universidade, enquanto fala. Depois de sugerir que eu ligue para seu

pai, o garoto, por um momento, me revela o que está por trás de seu comportamento.

Não se sente muito à vontade com o assunto; as mãos se entrelaçam, quase como as de um aleijado. A história que ele me conta, aos trancos e barrancos, é típica da era contemporânea. O pai, Kenneth, era professor de inglês de escola secundária numa cidadezinha de Nova Jersey. Carolyn era sua aluna.

– Meu pai disse que ela era muito atraente. Acho que começaram a se encontrar quando ela ainda estava na escola. O que não é típico de papai. De jeito nenhum. Ele é muito retraído. Aposto que não conhecia nem duas garotas quando a conheceu. Nunca disse isso, mas posso apostar. Acho que foi uma dessas grandes paixões. Sabe como é. Uma coisa romântica. Pelo menos da parte de papai.

Nesse ponto, o garoto parece confuso. Sua avaliação de Carolyn é vaga. Obviamente, não sabe o bastante para sequer adivinhar as emoções da mãe.

– Ela... Carolyn. Sabe, minha mãe. Minha *verdadeira* mãe. – O garoto contrai o rosto. – Meu pai a chamava de Carrie. Ela tinha uma porção de irmãos. E o pai. A mãe já havia morrido. Acho que ela odiava a todos. Não tenho certeza. Todos odiavam uns aos outros. Papai me contou que o pai dela estava sempre surrando-a. E ela ficou feliz por escapar de todos eles.

O garoto deixa o peitoril abruptamente e se aproxima do seu quadro, um olho turbilhonante em vermelho. Contempla-o com os olhos contraídos, estende a mão para um tubo de tinta. Tenciona trabalhar enquanto conversamos.

Diz que não sabe exatamente como os pais se separaram. Quando nasceu, Carolyn tentava entrar na universidade e ficou infeliz por ter de interromper os estudos. O pai diz que houve o maior caos naquele tempo e Carrie se encontrava bem no meio dele. Ela teve um namorado, diz Marty, tem certeza disso, pela maneira como o pai fala. Mas o pai, ao que parece, não se aprofunda no assunto. O que ele diz é que por causa de outras insatisfações ela deixou de gostar da cidade, do marido e da vida que levava.

– Meu pai diz que ela era muito jovem quando casaram. Cresceu e queria ser mais alguma coisa, decidiu que seria. Papai diz que foi uma grande confusão. E um dia ela foi embora. Papai diz que, provavelmente, foi melhor assim. Ele é esse tipo de pessoa. Diz essas coisas e fala sério.

O pai aflora nas palavras do filho como uma espécie de figura de Norman Rockwell, sábio e gentil, com óculos na mão e uma folha de papel na outra – o tipo de homem que passa longas noites imerso em pensamentos na sala de estar, um professor que sempre teve o maior carinho pelos alunos. Tenho um filho, quase digo ao garoto. Gostaria de pensar que algum dia ele se sentirá assim em relação a mim.

– Não tenho a menor idéia de quem a matou – Marty Polhemus declara subitamente. – Imagino que foi por isso que veio me procurar.

Por que vim? A especulação é inevitável. Para descobrir o que ela escondia, calculo, ou não queria contar. Para diminuir mais um pouco a noção do que eu julgava ser intimidade.

– Acha que foi alguém que ela conhecia? – pergunta Marty. – Tem algumas indicações... ou como quer que vocês chamem... pistas?

A resposta, eu digo a ele, é não. Descrevo a situação equívoca das provas: as janelas destrancadas, o copo. Poupo o garoto da descrição das cordas, a condição inviável do fluido seminal. Afinal, era sua mãe. Embora eu tenha a impressão de que há pouca necessidade de preocupação ou cuidado. Duvido que a expressão de perplexidade nervosa de Marty tenha alguma relação com os acontecimentos recentes. Na verdade, há algo que dá impressão de que ele se considera, de um modo geral, um estranho a tudo aquilo.

– Carolyn atuou em muitos casos de estupro – comento. – Algumas pessoas acham que

pode ter sido alguém assim.

– E você não acha?

– Os assassinatos, em geral, não são misteriosos. Nesta cidade, hoje em dia, metade está relacionada ao crime organizado. Em quase todos os outros casos, a vítima e o assassino se conheciam muito bem. Cerca de metade é de ligações amorosas rompidas: casamentos fracassados, amantes infelizes, esse tipo de coisa. Quase sempre houve algum rompimento nos últimos seis meses. E a motivação é bastante óbvia.

– Minha mãe tinha muitos namorados – Marty sugere.

– Tinha?

– Acho que sim. Houve muitas ocasiões em que ela não me queria por perto. Eu telefonava e podia perceber que havia mais alguém presente. Nem sempre podia imaginar o que estava acontecendo com ela. Acho que gostava de ter segredos, entende? – Marty dá de ombros. – Pensei que gostaria de conhecê-la. Foi por isso que vim para cá. Papai bem que tentou me fazer mudar de idéia, mas achei que seria ótimo. De qualquer forma, não estou tão interessado na escola neste momento. Calculei que um colégio seria tão bom quanto qualquer outro. Mas acontece que devo ser reprovado em tudo.

– É mesmo?

– Nem tudo. É verdade que não entendo nada de física. Não consigo. Tenho certeza de que serei reprovado nisso.

Uma garota com uma camiseta da excursão mundial de um conjunto de rock e aparência desenvolta passa pela porta e pergunta se ele viu alguém chamado Harley. Marty responde que não. Dá para se ouvir um estéreo em algum lugar nas proximidades quando ela entra e sai. O garoto troca de pincel e se aproxima a poucos centímetros da tela enquanto trabalha. As pinceladas são meticulosamente pequenas.

E ele continua a falar de Carolyn.

– Há anos que eu sabia que ela estava aqui. Comecei escrevendo cartas. Depois, quando reuni coragem suficiente, falei com ela pelo telefone. Não foi a primeira vez, é claro. Antes, ela ligava de vez em quando. Quase sempre no início do ano. Como se quisesse aparecer nos feriados, mas sabia que era melhor não fazer isso. Seja como for, ela era amável. Muito amável. "Seria maravilhoso." E por aí afora. Amável de verdade. – Ele acena com a cabeça para si mesmo. – Polida. Uma palavra e tanto, não acha?

– Tem razão.

– Eu me encontrava com ela. Aos domingos, muitas vezes. E houve algumas ocasiões em que conheci pessoas... acho que isso aconteceu quando ela achava que era a coisa certa. Foi assim que me apresentou ao Sr. Horgan.

As correntes emocionais são muito fortes. Parece que o melhor é deixar o garoto solto, reprimindo meu impulso de fazer perguntas.

– Ela era muito ocupada. Tinha sua carreira e todo o restante. Queria um dia concorrer ao cargo de promotor-geral. Sabia disso?

Hesito por mais tempo do que deveria, mesmo nesta conversa desajeitada. Talvez minha expressão revele algum reflexo de aflição, pois o garoto me olha de maneira estranha. E acabo comentando que o gabinete do promotor está repleto de pessoas que contemplavam essa perspectiva em seu futuro. Mas isso não o desconcerta.

– Você a conhecia bem? Trabalhou com ela ou qualquer coisa assim?

– Algumas vezes. – Mas percebo pela maneira como seu olhar persiste que fracassei no esforço de ser evasivo. – Estava me contando o que aconteceu quando a encontrou.

Ele espera por um momento, mas está acostumado a cooperar com os adultos. Concentra sua atenção no pincel, esfregando-o dentro de uma pequena bandeja de plástico. Os ombros se mexem antes de começar a falar.

– Não aconteceu muita coisa. – Ele inclina para trás a cabeça de cabelos cor de bronze emaranhados e me fita nos olhos. – O que estou querendo dizer é que ela nunca falou sobre aquele tempo, quando eu era criança. Acho que eu esperava que ela falasse. Mas tenho a impressão de que ela não se interessava por essa parte de sua vida. Entende? Não falava nada a respeito.

Balanço a cabeça e por um momento ficamos em silêncio, ainda olhando um para o outro. Os olhos do garoto tornam a assumir aquele brilho agitado.

– Eu não fazia a menor diferença para ela. Entende? Ela se mostrava agradável como uma torta. Mas não se importava. Por isso é que meu velho não queria que eu viesse para cá. Ele passou todos aqueles anos desculpando-a, dizendo que era apenas um momento na vida de Carrie, essas coisas. Não queria que eu sentisse que ela havia ido embora por minha causa. Mas sabia o que estava acontecendo. – Marty larga o pincel. – Se quer saber a verdade, o Sr. Horgan teve de me convencer a comparecer ao funeral. Eu não ia. Não sentia a menor vontade. Minha própria mãe. Não acha terrível?

– Não sei.

Ele tira a tela do cavalete, coloca-a no chão e a contempla, perto de seus pés. Parece reconhecer – e agradecer – a observação que lhe dispenso. Jovem, eu penso. Há uma qualidade enternecedora no desconforto desse garoto. Falo suavemente.

– Minha mãe morreu quando eu estava na faculdade de direito. Na semana seguinte, fui procurar meu pai. Nunca tinha feito isso, mas achei que nessas circunstâncias... – gesticulo. – Ele estava arrumando as malas. Metade da casa já se encontrava em caixas. Perguntei: “Pai, para onde vai?” Ele responde: “Arizona.” Havia comprado um pedaço de terra, um trailer. E nunca me dissera uma só palavra a respeito. Se eu não aparecesse naquele dia, tenho certeza de que ele deixaria a cidade sem sequer se despedir. E foi sempre assim entre nós. Às vezes, as coisas são assim entre pais e filhos.

O garoto me fita por um longo momento, aturdido com a minha franqueza ou com as coisas de que falamos.

– E o que se faz a respeito? Nada?

– Tenta-se crescer. À sua maneira. Tenho um filho e ele é tudo para mim.

– Qual é o nome dele?

– De meu filho?

– Isso mesmo.

– Nat.

– Nat... – O filho de Carolyn torna a me fitar. – O que ela era para você, afinal? Não era apenas trabalho, não é mesmo? Ela também foi sua namorada?

Tenho certeza de que ele viu minha aliança. O gesto com o queixo em minha direção, enquanto faz a pergunta, parece quase apontar para a aliança, mas não me sinto capaz de mais artifícios com aquele garoto delicado e decente.

– Em determinada ocasião, ela também foi minha namorada. No final do ano passado. Apenas por pouco tempo.

– Ah...

O garoto sacode a cabeça, com uma repulsa genuína. Espera conhecer alguém que ela não tenha enganado e não há ninguém por aqui que possa fazer tal afirmação.

– Quando eu for aprovado, voltarei para casa.

A declaração tem peso suficiente para me dar a impressão de que é uma decisão que acabou de ser tomada. Mas não digo nada. Ele não precisa que eu lhe assegure que está certo. Sorrio, com bastante efusão, espero, para mostrar o quanto gosto dele. E vou embora.

8

— Lá no Hall, você sabe – diz Lip, referindo-se ao McGrath Hall, onde fica a chefatura de polícia –, estão chamando esse negócio de Missão Impossível. – Ele se refere à investigação do assassinato de Carolyn. – É assim que o pessoal está falando: "O que há de novo com a Missão Impossível?" Como se ninguém jamais fosse descobrir nada. Pelo menos não na gestão de Horgan. Ele nunca deveria deixar a imprensa pensar que poderíamos apresentar algum resultado depressa. Devia ter ficado na moita, em vez de dar quarenta entrevistas sobre a maneira como estamos trabalhando duro.

A boca de Lip está cheia de pão e molho vermelho, mas isso não o impede de se queixar. Sua irritação é profunda. Estamos parados diante de um terreno baldio, uma espécie de vazadouro de lixo, sob o viaduto da estrada. Fragmentos de concreto, com pontas enferrujadas da armadura se projetando, espalham-se pelo terreno irregular, junto com refugos mais comuns: garrafas, jornais, peças de automóvel abandonadas. Há também uma nevasca de bolas brancas de papel encerado e copos de papel amassados deixados pelos muitos fregueses que nos precederam num sanduíche do Giaccalone's, que fica no outro lado da rua. É um dos lugares prediletos de Lip, uma lanchonete italiana em que servem uma costeleta de vitela inteira, com muito molho marinara, dentro de um pão vienense. Lipranzer gosta de uma comida pesada na hora do almoço, a resposta do homem solteiro à anomia do jantar. Nossos refrigerantes repousam em um banco público sem encosto, sobre o qual cada um apoiou um pé. Várias turmas de garotos e amantes adolescentes gravaram seus nomes no assento do banco imprestável.

Voltando para o carro de Lip, trocamos informações. Falo sobre a visita ao garoto e do fato de que não ofereceu pistas expressivas. Lip discorre sobre suas atividades recentes. Entrevistou a vizinha que disse ter pensado que vira um estranho.

– A Sra. Krapotnik. Ela é uma vencedora. Não pára de falar. – Lip sacode a cabeça. – Ela vai dar uma olhada nos álbuns de fotografias, mas antes preciso comprar tampões para os ouvidos.

– O que me diz do Índex?

O Índex é o arquivo estadual sobre criminosos sexuais.

– Nada.

– Nenhum caso de cordas?

– A tal mulher com quem estou falando me diz que já leu alguma coisa assim num livro. Mas ninguém, ao que ela saiba, já fez isso. Pode imaginar o que ela anda lendo? Era de se pensar que ela tivesse o bastante dessas coisas no trabalho.

Lip está com sua habitual viatura policial – um carro dourado, sem qualquer identificação, a não ser os pneus pretos e as placas, começando com ZF, como todas as viaturas, formando assim

um código reconhecido por todos os marginais da cidade. Lip se afasta do meio-fio em disparada. Tiras, motoristas de táxi, pessoas que vivem em seus carros, sempre guiam muito depressa. Ele ingressa em um dos seus muitos atalhos, para voltar ao centro, mas há um desvio e é obrigado a pegar a Kinbark, a via principal do meu antigo bairro. O tráfego desviado é intenso e descemos pela avenida numa lentidão de procissão. Lá está, eu penso, lá está. O primo Milos, que comprou a padaria quando meu pai foi embora, nunca se deu ao trabalho de mudar o letreiro. Ainda está escrito SABICH'S, em letras grossas, em cor azul-marinho.

Embora trabalhasse ali todos os dias, lembro apenas de alguns detalhes do interior – a porta de tela do verão que transfigurava os vultos em movimento na rua, as prateleiras de metal azul por trás do balcão, a pesada caixa registradora de aço, com a campainha redonda. Minha presença foi exigida pela primeira vez quando eu tinha 6 anos. Era um par de mãos, desempregadas, sem necessidade de pagamento. Fui ensinado a montar as caixas de bolo, lisas, de laterais brancas. Produzia uma dúzia e levava do porão cheio de teias de aranha para a loja. Como as caixas eram lisas e firmes, as beiradas tinham, em certos ângulos, o poder lacerante da melhor cutelaria; eu ficava muitas vezes com as articulações e as pontas dos dedos cortadas. Aprendi a temer isso, pois meu pai considerava qualquer vestígio de sangue no exterior de uma caixa de bolo um verdadeiro escândalo.

– Isto aqui não é um açougue.

O comentário era acompanhado de um olhar que misturava aversão e repulsa em proporções assustadoras. Em meus sonhos daquele tempo, é sempre verão, quando o ar deste vale é tão pesado quanto o de um pântano e o calor seco adicional dos fornos obriga a um grande esforço só para se andar pela loja. Sonho que tenho a pele lustrosa de suor, meu pai está chamando, um bolo caiu e o medo é como um ácido que me corrói as veias e os ossos.

Se eu fosse pintar meu pai, ele teria um rosto de gárgula e um coração escamado de dragão. Os canais de suas emoções davam voltas sobre si mesmos de maneira muito intrincada, estavam muito obstruídos, estrangulados, espinhados de rancor, para admitir qualquer sentimento por uma criança. Nunca houve a menor possibilidade de ele se aproximar de mim. Como o apartamento, suas paredes e quadros, os móveis que ele quebrava, era evidente que meu pai me considerava um pertence de minha mãe. E cresci com o que parecia ser uma noção simples: minha mãe me amava; meu pai, não.

Encontrava satisfação, se é que se pode chamar um sentimento tão árido por esse nome, em abrir a loja, acender o forno, levantar a cortina, tirar a poeira embranquecida pela porta dos fundos ao final do dia. Sua família era de padeiros há quatro gerações e ele simplesmente agia como lhe fora ensinado. Seus padrões eram inflexíveis e os procedimentos, metódicos. Nunca tentou ser simpático com os fregueses; era muito insosso e tacanho para isso. Na verdade, encarava cada pessoa que entrava como um inimigo em potencial, alguém que se queixaria, enganaria e acabaria se contentando com pão dormido. Mas sua renda sempre foi consistente; era conhecido como alguém confiável; desconfiava dos empregados e trabalhava pessoalmente por dois pelos menos; e não apresentou uma única declaração de rendimentos durante mais de vinte anos.

Ele chegara a este país em 1946. Fui batizado com o nome da cidade em que ele foi criado, apenas uma aldeia, a cerca de 300 quilômetros de Belgrado. Quase todos ali eram guerrilheiros. Quando os nazistas chegaram, em 1941, todos os adultos foram alinhados contra o prédio escolar e fuzilados. As crianças ficaram abandonadas. Meu pai, com então mal completados 18 anos e com um aspecto bastante infantil para ser poupado, vagueou com um bando pelas montanhas durante quase seis meses, até que todos foram capturados. Passou o restante da guerra em

campos – primeiro, os campos de trabalhos forçados dos nazistas, depois os campos de refugiados dos Aliados, após a libertação. Seus parentes conseguiram que viessem para cá, pressionando o congressista do distrito em que residiam e a equipe local do congressista, de maneira incessante e excêntrica. Meu pai foi um dos primeiros refugiados de guerra a entrar nos Estados Unidos. E depois de um ano aqui não falava mais com minha tia-avó e com os primeiros que tanto se empenharam para salvá-lo.

Ouvindo o coro agressivo de buzinas de automóvel, olho para trás, a fim de descobrir qual é o problema. Um branco num carro atrás da gente bate no volante e faz um gesto beligerante em minha direção; finalmente, percebo que Lip parou abruptamente no meio do tráfego. Presumo que ele constatou a direção de meu olhar e deixou os outros carros seguirem adiante, mas, quando me viro para observar sua expressão, ele desvia o olhar, assume o esforço determinado de estudar o trânsito.

– Cabelos e Fibras mandaram notícias – Lip finalmente se manifesta.

Os olhos cinzentos, o rosto vincado e de malares altos, nada deixam transparecer, serenos como um laguinho.

– Pois então me conte.

Obediente, Lip relata o que contém o relatório. Nas roupas e no corpo de Carolyn foram encontradas fibras minúsculas de um carpete que não existe no apartamento – Zorak V é o nome. É uma fibra sintética, trabalhada artesanalmente. A cor é chamada malte escocês, a tonalidade mais popular. A origem da tintura não pode ser determinada e a fibra talvez seja de um tear industrial ou doméstico. No total, há provavelmente 50 mil casas e escritórios no Condado de Kindle de onde as fibras poderiam ter saído. Não há cabelos ou fragmentos de pele nos dedos ou sob as unhas de Carolyn, confirmando que não houve luta antes de ela ser amarrada. O único fio de cabelo humano que não é da tonalidade de Carolyn encontrado nas proximidades do cadáver é de mulher e, portanto, insignificante. A corda com que ela foi amarrada é de um tipo comum, usado em varal, fabricação americana, vendida em qualquer loja Kmart, Sears e Walgreen's.

– Isso não nos leva muito longe – comento com Lipranzer.

– Não muito – ele concorda. – Mas pelo menos sabemos que ela não agarrou ninguém.

– Tenho minhas dúvidas. Não consigo deixar de pensar no que comentamos na semana passada. Que talvez o cara fosse alguém que ela conhecia. Lembro de uma história que todos contavam no tempo da faculdade, sobre um cara cuja seguradora se recusou a pagar o seguro de vida. A viúva entrou com uma ação judicial que era sensacional, porque o cara fez o seguro quando estava se enforcando. Literalmente. Com a cabeça num laço e tudo mais. Ele se estrepou quando derrubou o banco em que deveria pousar.

– Essa é demais. – Lipranzer solta uma risada. – Quem ganhou o caso?

– A seguradora, pelo que me lembro. O tribunal decidiu que não era um risco coberto. De qualquer forma, talvez seja isso o que aconteceu. Está me entendendo, as perversões, buscas de novas sensações? Estou pensando nisso mais e mais. Aparentemente, é muito esquisito, gozar enquanto você está apagando.

– E como ela acabou morta de uma porrada?

– Talvez o garanhão tenha se apavorado. *Pensou* que foi ele quem a liquidou. Acha que é John Belushi outra vez e começa a querer dar a impressão de que foi outra coisa.

Lip sacode a cabeça. Não gosta da idéia.

– Está forçando a barra – ele diz. – O relatório da patologia não apóia essa teoria.

– Mesmo assim, vou conversar com Indolor sobre essa possibilidade.

Isso faz Lipranzer lembrar uma coisa.

– Indolor me ligou há dois dias. Diz que recebeu um relatório do laboratório. Pela maneira como ele falou, acho que não temos muita coisa, mas talvez você possa pegá-lo quando passar por lá. Tenho de seguir para o lado oeste hoje. Vou mostrar algumas fotos à Sra. Krapotnik.

Ele fecha os olhos e balança a cabeça, como se assim, ao tentar com bastante afinco, torne-se capaz de suportar a perspectiva.

Estamos de volta ao centro agora. Lip entra na primeira vaga do estacionamento da polícia e seguimos a pé, pela multidão de meio-dia, para o prédio oficial do condado. Aqui na rua, nossa primavera, como acontece com tanta freqüência, está se transformando muito depressa em verão. Pode-se sentir a fragrância que só deveria chegar dentro de um ou dois meses. Inspirou algumas mulheres a desfilarem na avenida e adotarem a moda de verão: blusas sem mangas e aqueles tecidos leves e aderentes da estação. Puxa, algumas dessas mulheres mais morenas – especialmente as italianas e mexicanas – são bonitonas quando jovens.

– Irmão – eu digo a Lip abruptamente –, não temos realmente nada.

Ele solta um grunhido.

– Já tem o relatório sobre as impressões digitais?

Não consigo conter um palavrão.

– Eu sabia que havia esquecido alguma coisa.

– Você é mesmo um sacana de primeira classe. Eles não vão fazer isso por mim. Já pedi duas vezes.

Prometo que cuidarei do assunto, além de procurar Indolor, hoje ou amanhã.

Quando chegamos à minha sala, peço a Eugenia para controlar todas as chamadas e fecho a porta. Tiro da gaveta o Arquivo B que Horgan me entregou.

Lip o estuda por um momento.

O Arquivo B, como o recebi de Raymond, consiste, em sua totalidade, de uma ficha de registro, feita quando o caso foi passado para o nosso sistema de computador; uma única folha de anotações esparsas, com a letra de Carolyn; e a xerox de uma longa carta. Não há nada a indicar se foi recebido um original dessa carta ou se a cópia é tudo o que existe. A carta está datilografada e limpa – mas, ainda assim, não parece um trabalho profissional. As margens são estreitas e há apenas um parágrafo. A pessoa que a escreveu é alguém que sabe datilografia, mas não pratica com freqüência – talvez uma dona de casa ou um profissional liberal.

Já li a carta quatro ou cinco vezes a esta altura, mas leio de novo, pegando cada página à medida que Lip termina.

Prezado Sr. Horgan:

Estou lhe escrevendo porque sou fã de seu trabalho há muitos anos. Tenho certeza que não sabe nada sobre as coisas que me levam a escrever esta carta. Mais do que isso, acho que gostaria de fazer alguma coisa a respeito. Provavelmente, não há nada que possa fazer, já que tudo aconteceu há muito tempo. Mas achei que gostaria de saber. Aconteceu quando era promotor-geral e é a história de alguém que trabalhava em sua equipe, um promotor-assistente que eu acho que aceitava suborno. Faz nove anos neste verão que uma pessoa, a quem chamarei de Noel, foi presa. Noel não era o verdadeiro nome dessa pessoa. Mas se eu disser o nome verdadeiro, tenho certeza de que vai procurá-lo para falar sobre as coisas que revelo nesta carta, e aí ele pensaria um pouco e descobriria quem o entregou. E depois me faria mal, para se vingar. Pode ter certeza, eu o conheço bem e sei do que estou falando. Ele faria com que me arrependesse – e muito. Mas vamos à história. Noel foi preso. Acho que o motivo da prisão não é realmente importante, mas posso adiantar que foi uma coisa pela qual ele se sentia bastante embaraçado, porque ele é desse tipo de pessoa. Noel pensou que

se as pessoas com quem trabalhava e saía descobrissem, não iam querer mais nada com ele. Grandes amigos. Mas assim é Noel. O advogado que ele arrumou disse que devia admitir tudo no tribunal, porque nada aconteceria e ninguém jamais saberia qualquer coisa a respeito. Mas Noel é um tipo muito paranóico e ficou muito ansioso, preocupado com o que aconteceria se alguém descobrisse algum dia. E não demorou muito para que ele começasse a dizer que ia pagar a alguém para sair da enrascada. A princípio, pensei que ele estivesse brincando. Noel se rebaixaria a qualquer coisa, mas não era o tipo de negócio que combinasse com ele. Se o conhecesse, compreenderia o motivo. Mas ele continuou a me dizer que ia fazer isso. E custaria 1.500 dólares. Sei de tudo isso porque, para abreviar uma história comprida, fui eu quem lhe deu o dinheiro. Sendo Noel quem é, pensei que era melhor me certificar de que o dinheiro iria mesmo para onde ele dizia. Fomos juntos até o Distrito Norte, na esquina da Runyon com a 111. Ali, não esperamos nem um minuto, até que uma secretária que parecia conhecer Noel se aproximou e nos levou ao gabinete da promotoria. Lembro que seu nome, RAYMOND HORGAN, estava escrito na porta. Noel me disse para esperar do lado de fora. Eu sentia tanto medo àquela altura que não protestei, o que foi uma estupidez, já que eu tinha ido até ali só para vê-lo entregar o dinheiro a alguém. Mas, seja como for, ele não ficou na sala nem dois minutos. Saiu logo. Havia posto todo o dinheiro numa meia (Não estou brincando!) e quando saiu me mostrou a meia e estava vazia. Quase que saí correndo de lá, mas Noel estava muito calmo. Perguntei a ele depois o que havia acontecido. Noel jamais gostou de falar a respeito dessa história. Disse que estava me protegendo assim, o que é uma piada. Tenho certeza de que ele apenas imaginou que, se eu não esquecesse a história, mais cedo ou mais tarde iria querer o dinheiro de volta. Seja como for, ele disse que a garota o levou a uma sala e disse para esperar ali, numa escrivaninha. E depois um homem falou atrás dele. Disse a Noel para deixar o que trouxera na gaveta do meio da mesa e depois ir embora. Noel contou que não olhou para trás ou qualquer coisa assim. Dez dias depois, Noel teve de comparecer outra vez ao tribunal. E enlouqueceu novamente. Não parava de dizer que sabia que ia se estrepar e tudo mais, mas, quando chegamos lá, o advogado da promotoria disse ao juiz que o caso havia sido arquivado. Tentei e tentei me lembrar do nome desse advogado, mas não consigo. Uma ou duas vezes perguntei a Noel o nome do cara que ele havia subornado, mas, como eu disse, ele jamais gostou de falar sobre isso e me disse para cuidar apenas de minha própria vida. Por isso estou lhe escrevendo esta carta. Não vejo Noel há cerca de dois anos. Francamente, essa não é a pior coisa que ele já fez, nem de longe, a se acreditar no que ele conta, mas é a única coisa que o vi fazer pessoalmente. Claro que não estou a fim de pegar Noel, mas achei que esse promotor estava muito errado em aceitar dinheiro e se aproveitar das pessoas dessa maneira, por isso queria lhe escrever, a fim de que possa fazer alguma coisa a respeito. Algumas pessoas a quem contei essa história, sem usar nenhum nome, me disseram que você não poderia fazer coisa alguma num caso tão antigo, já que o instituto da prescrição faz com que não possa mais haver processo. Mas calculo que não pode ter sido a única vez em que uma coisa assim aconteceu e talvez até ainda estejam fazendo o mesmo. Para usar de toda franqueza, acho que o que acabei de escrever não é verdade. Espero que pegue Noel também. Mas não quero que ele saiba quem foi que contou a história. E se conseguir chegar a ele por intermédio de outra, eu lhe suplico por favor (Por favor!) para não lhe mostrar esta carta. Estou CONFIANDO EM VOCÊ.

A carta, é claro, não tem assinatura. O escritório recebe cartas assim todos os dias. Dois assistentes judiciários não fazem praticamente outra coisa senão responder a esse tipo de

correspondência e conversar com os vários malucos que aparecem pessoalmente na recepção. As queixas mais sérias tendem a ser passadas adiante e presumivelmente foi por isso que esta chegou às mãos de Raymond. Mesmo a essa altura, muita coisa não passa de lixo. Mas essa carta, apesar de todo o seu jeito estranho, parece ser uma coisa genuína. É mais do que possível, é claro, que o informante tenha sido passado para trás por seu amigo Noel. Mas o cara que escreveu a carta se encontrava na melhor posição para julgar e parece pensar que não foi esse o caso.

Golpe ou não, é fácil compreender por que Raymond Horgan não queria que esse arquivo ficasse dando sopa num ano de eleição. Nico adoraria ter a prova de qualquer crime não-resolvido cometido durante a gestão de Raymond. Como o autor da carta presume, não é provável que o caso do amigo Noel tenha sido um episódio isolado. O que temos aqui é um escândalo de primeira classe: uma operação de suborno despercebida e – pior ainda – impune ocorrendo num dos tribunais distritais.

Lipranzer acendeu um cigarro. Está quieto há muito tempo.

– Acha que é besteira? – pergunto.

– Não. Tem alguma coisa aí. Talvez não seja o que esse cara pensa, mas tem alguma coisa.

– Acha que vale a pena investigar?

– Não pode fazer mal. E não estamos exatamente cobertos de pistas.

– Foi o que pensei. Carolyn achou que os caras eram homossexuais. Provavelmente estava na pista certa.

Aponto para as suas anotações. Ela registrou os números de vários artigos do que ainda é intitulado o Capítulo da Moral do Código Penal estadual, com um ponto de interrogação ao lado.

– Lembra daquelas batidas na Floresta Pública? Deve ter sido mais ou menos nessa ocasião. Estávamos pegando os caras aos bandos. E os casos foram para o Distrito Norte, não é mesmo?

Lip está acenando com a cabeça: tudo se ajusta. A natureza embaraçosa do crime, a obsessão para escondê-lo. E o momento é o certo. Os crimes sexuais, envolvendo adultos consensuais, foram ignorados como uma questão de política na primeira administração de Raymond. A polícia trazia os casos, mas nós os arquivávamos. Quando Raymond iniciou a campanha para a reeleição, determinados grupos, prostitutas e homossexuais em particular, nos segmentos mais espalhafatosos, estavam em grande parte fora de controle. Com os homossexuais o problema era mais intenso nas florestas públicas que cercam a cidade. As famílias não iam até lá ao meio-dia nos fins de semana, com receio de expor os filhos. Houve alguns protestos bastante veementes sobre o que ocorria em plena luz do dia nas mesas de piquenique, onde as pessoas deveriam comer, como ressaltavam os mais puritanos. Faltando nove meses para a eleição, efetuamos uma grande operação de limpeza. Dezenas de homens eram presos todas as noites, muitas vezes em flagrante. Os casos eram geralmente resolvidos sumariamente, com a supervisão do tribunal, uma espécie de admissão de culpa que encerrava o processo, e os réus desapareciam logo em seguida.

Esse é o problema. Tanto Lip quanto eu sabemos que será difícil descobrir Noel. Houve, provavelmente, quatrocentos casos assim naquele verão e nem mesmo sabemos seu verdadeiro nome. Se Carolyn fez algum progresso, o arquivo não indica. A data na capa mostra que recebeu o caso cerca de cinco meses antes de seu assassinato. Suas anotações não revelam muita investigação. “Noel” está escrito num canto superior e sublinhado várias vezes. Um pouco mais abaixo, ela escreveu “Leon”. O significado desse registro me escapou a princípio; depois compreendi que ela presumira que, como muitos pseudônimos, o nome escolhido pelo autor da carta era o produto de alguma associação significativa. Talvez fosse um rébus. Carolyn ia supor

que procurava por alguém chamado Leon. Ao pé da página, ela escrevera outro nome: “Kenneally”, e sua designação. Esse é Lionel Kenneally, um bom tira, agora um comandante. Trabalhamos juntos nos casos dos Nigh Saints. Ele comanda a ronda na 32ª Delegacia Policial, cujos casos são encaminhados para o Distrito Norte.

– Ainda não entendo por que nunca ouvi falar desse caso – comento com Lip.

Não posso imaginar qualquer motivo funcional para não me informar... ou para o caso terminar nas mãos de Carolyn, que não trabalhava em nossa unidade de corrupção pública. Passei mais do que uns poucos momentos absorvido nesse enigma, repleto de implicações pesarosas sobre meu romance definhante com Raymond Horgan, e o dele comigo.

Lip dá de ombros.

– O que Horgan lhe disse?

– Não tenho conseguido conversar com ele. Faltam 12 dias para a eleição. Ele se concentra na campanha 24 horas por dia.

– E Kenneally? O que ele disse?

– Está de licença.

– É melhor você falar com ele. Kenneally não vai querer me contar nada. Não somos do fã-clube um do outro.

O Departamento de Polícia está repleto de pessoas com quem Lipranzer não se dá bem, mas eu poderia imaginar que esse não fosse o caso de Kenneally. Lip gosta dos bons tiras. Mas há alguma coisa entre os dois. Lip já insinuou isso antes.

Ele começa a se retirar, mas depois volta até a mesa. Já estou indo falar com Eugenia, mas Lip me pega pelo cotovelo para me deter. Fecha a porta que acabei de abrir.

– Mais uma coisa. – Ele me fita nos olhos. – Recebemos os RLUs da vítima.

– E o que dizem?

– Nada de sensacional. Apenas queríamos os registros de qualquer número para o qual ela tivesse ligado mais de três vezes nos últimos seis meses.

– E daí?

– Dei uma olhada e notei que um dos números que entra nessa categoria é o seu.

– Aqui?

Um olhar especialmente contraído se projeta do rosto tenso e eslavo de Lip.

– Sua casa. Outubro passado. Por aí.

Estou prestes a lhe dizer que isso não pode estar certo. Carolyn nunca tentou me encontrar em casa. E depois compreendo o que houve. Eu dei esses telefonemas do apartamento de Carolyn. Mentindo para minha mulher. Atrasado outra vez, garota. Esse julgamento não será fácil. Jantarei por aqui.

Lip me observa calcular. Seus olhos estão impassíveis.

– Eu preferia que você riscasse isso – digo finalmente. – Barbara vai explodir se descobrir um aviso da companhia telefônica. É inevitável, nessas circunstâncias. Se não se importa, Lip, eu agradeceria.

Ele acena com a cabeça, mas posso perceber que ainda não acha certo. Se nada mais, sempre confiamos que um e outro se manteriam acima desses tipos mesquinhos de estupidez. Dan Lipranzer seria infiel a esse pacto se não demorasse mais um momento para me fitar com extremo rigor com seus olhos cinzentos, a fim de que eu saiba que o decepcionei.

9

— No final – eu disse a Robinson –, tivemos de pôr Wendell McGaffen no banco das testemunhas.

Seu depoimento era a única reação eficaz ao que o pai dissera e por isso chamamos o garoto na réplica. Carolyn foi esplêndida. Vestia tailleur azul-escuro e uma blusa bege de cetim, com um enorme laço. Permaneceu ao lado de Wendell, cujos pés não alcançavam o chão, da cadeira de testemunha de carvalho. Não se ouvia coisa alguma no tribunal.

E o que sua mãe fez então, Wendell?

Ele pediu água.

Quando sua mãe levava você para o porão, Wendell, o que ela fazia?

Era ruim, ele respondeu.

Era isto aqui? Carolyn foi até o torno, que se destacava, como um presságio sinistro, na beira da mesa da promotoria, manchado de graxa e preto, mais grosso em todas as suas peças do que qualquer dos membros de Wendell.

Hum-hum.

Machucou você?

Hum-hum.

E você chorou?

Hum-hum. Wendell bebeu mais um pouco de água e depois acrescentou: Muito.

Conte como aconteceu, disse Carolyn afinal, suavemente. E Wendell contou. Ela disse para ele deitar. Ele disse que gritou e chorou. Não, mamãe, ele suplicou.

Mas acabou deitando.

E ela disse a ele para não gritar.

Wendell balançava os pés enquanto falava. Apertava o boneco. E, como Carolyn e Mattingly o haviam instruído, não olhou uma só vez para a mãe. Na reinquirição, Stern fez o pouco que podia, perguntou a Wendell quantas vezes se encontrara com Carolyn e se amava a mãe, o que fez com que o menino pedisse mais água. Não houve realmente uma contestação.

Cada pessoa ali sabia que o menino estava contando a verdade, não porque ele se mostrasse experiente ou bastante emocional, mas porque havia em cada sílaba que Wendell pronunciava um tom, um conhecimento, um instinto profundo, de que era errado o que estava descrevendo. Wendell convenceu com sua coragem moral.

Apresentei as alegações finais para o condado. Meu estado de agitação pessoal era tão grande que não tinha a menor idéia do que ia dizer ao me encaminhar para o púlpito. Por um momento, fui dominado pelo pânico, convencido de que não conseguiria falar. Mas encontrei a fonte de todo o meu turbilhão exaltado e falei fervorosamente por aquele garoto, que devia ter vivido, ressaltei, desesperado e inseguro a cada momento, querendo, como todos nós queríamos, amor, mas recebendo, em vez disso, não apenas indiferença ou severidade, mas tortura.

E depois esperamos. Um júri em deliberação é a coisa mais próxima na vida da animação suspensa. Até mesmo as tarefas mais simples, limpar a mesa, atender telefonemas, ler relatórios, estão além da minha atenção; acabo andando pelos corredores, conversando sobre as provas e argumentos com qualquer um que seja bastante desafortunado para me perguntar como foi o caso. Por volta das 16 horas, Carolyn apareceu para dizer que ia devolver alguma coisa à Morton's e me ofereci para acompanhá-la. Começou a chover forte quando deixamos o prédio, um aguaceiro frio caindo quase de lado, tangido pelo vento, que era todo de inverno. As pessoas corriam pela rua, cobrindo a cabeça. Carolyn devolveu a mercadoria, uma tigela de vidro cuja origem ela não identificou, depois voltamos para a chuva. Ela quase gritou quando o vento aumentou e passei o braço por seus ombros, num gesto protetor, e ela encostou-se em mim, sob o guarda-chuva. Foi como alguma coisa que se desprendia e assim seguimos por alguns quarteirões, sem dizer nada, até que finalmente obedeci a meu impulso para falar.

Escute, falei. Comecei de novo. Escute.

De salto alto, Carolyn tinha cerca de 1,83 metro de altura, 2 ou 3 centímetros mais alta do que eu, por isso foi quase um abraço quando ela virou o rosto em minha direção. À luz natural, podia-se ver o que Carolyn, com sua devoção a loções, ginásticas e modas espetaculares, tentava esconder – que era um rosto mais velho, além dos 40, a maquilagem grudando nas rugas que se irradiavam dos olhos, uma imperfeição que agora é parte da pele. Mas, de certa forma, isso a fazia parecer mais real para mim. Isso era a minha vida e estava acontecendo.

Tenho especulado, falei para ela, sobre uma coisa que você disse. O que estava querendo dizer na outra noite quando falou "Não agora".

Ela me fitou. Sacudiu a cabeça, como se não soubesse, mas seu rosto estava cheio de capricho, os lábios comprimidos para conter o riso.

O vento tornou a soprar com força e eu a puxei para o abrigo de uma fachada de loja recuada. Estávamos no Grayson Boulevard, onde as lojas ficam de frente para os imponentes olmos da Midway.

O que estou querendo dizer, acrescentei, perdido, lamentável e pequeno, é que parece haver alguma coisa acontecendo entre nós. Acha que estou louco? Por pensar assim?"

Acho que não.

Não?

Não.

Ah, murmurei.

Ainda sorrindo maravilhosamente, ela passou o braço pelo meu e voltamos para a rua.

Os jurados voltaram pouco antes das 19 horas. Culpada de todas as acusações. Raymond permanecera em sua sala aguardando o veredicto e desceu conosco para o encontro com a imprensa, pois as câmeras não são permitidas acima do saguão do prédio. E depois nos levou

para um drinque. Tinha um compromisso e nos deixou por volta de 20h30, num reservado nos fundos do Caballero's, onde Carolyn e eu conversamos, ficamos embriagados e sonhadores. Eu disse que ela fora magnífica. Magnífica. Não sei quantas vezes falei isso.

A televisão e o cinema estragaram os momentos mais íntimos de nossas vidas. Deram-nos convenções que dominam nossas expectativas, em instantes cuja intensidade normalmente as tornaria espontâneas e singulares. Temos convenções de pesar, que aprendemos com os Kennedy, e gestos ordenados para a vitória, que imitamos dos atletas que vemos na tela, os quais, por sua vez, aprenderam as mesmas coisas de outros caras que viram na televisão. A sedução também tem seus padrões agora, seus momentos de olhos enevoados, suas réplicas ofegantes.

E assim acabamos assumindo uma atitude suave, distorcida e bravamente controlada, como todos aqueles deslumbrantes e equilibrados casais do cinema, provavelmente porque não tínhamos outra idéia de como deveríamos nos comportar. E, mesmo assim, havia eletricidade no ar, uma corrente vertiginosa que tornava difícil permanecer sentado, mexer minha boca ou levantar o copo para beber. Não creio que tenhamos pedido o jantar, mas pegamos os cardápios, alguma coisa para olhar, como coquetes com leques de seda. Por baixo da mesa, a mão de Carolyn estendia-se descontraída, bem próxima de meu quadril.

Eu não a conhecia quando isso começou.

O quê?, ela pergunta. Estamos próximos no banco, mas ela precisa se inclinar um pouco mais perto, pois estou falando baixinho. Posso sentir o cheiro de álcool em sua respiração.

Eu não a conhecia antes desse caso, antes que tudo isso começasse. Isso me espanta.

Por quê?

Porque não parece assim agora... que eu não a conhecia.

E me conhece agora?

Melhor. Acho que sim. Não conheço?

Talvez, ela diz. Talvez o que esteja acontecendo é que agora você sabe que quer me conhecer.

É possível, respondo, e ela repete:

É possível.

E vou conhecê-la?

Isso também é possível, ela diz. Se é o que você quer.

Acho que é, respondo.

Acho que há algo que você quer, ela diz.

Algo?

Algo, ela diz.

Levanta o copo para beber sem desviar os olhos de mim. Nossos rostos não estão muito separados. Quando ela baixa o copo, o laço grande da blusa quase roça em meu queixo. Seu rosto parece vulgar com tanta maquilagem, mas os olhos são profundos e espetacularmente brilhantes, o ar fervilha com fragrâncias cosméticas, perfume e as emanações corpóreas de nossa proximidade. Parece que a conversa vem pairando assim, em círculos lânguidos, como um gavião sobre as colinas, há horas.

O que mais eu quero?, pergunto.

Acho que você sabe, ela diz.

Eu sei?

Acho que sabe.

Acho que eu sei, respondo. Mas há uma coisa que ainda não sei.

Há?

Não sei direito como conseguir... o que eu quero.
Não sabe?
Não muito bem.
Não muito bem?
Não sei mesmo.
O sorriso de Carolyn, tão arqueado e delicadamente contido, agora se expande e ela diz:
Basta pegar.
Pegar?
Basta pegar, ela diz.
Agora?
Basta pegar.

O ar entre nós parece tão cheio de sentimento que é quase como um nevoeiro. Lentamente, estendo a mão e encontro a beira lisa do laço de cetim brilhante. Não chego a tocar em seu seio ao fazer isso. E depois, sem desviar os olhos dela, puxo aos poucos a fita larga. Desliza com perfeição e o nó se desfaz, deixando à mostra o botão na gola da blusa, e nesse instante sinto a mão de Carolyn flutuando por baixo da mesa, adejando como algum passarinho, uma unha comprida desliza por um instante sobre a minha intumescência dolorida. Quase grito, mas tudo acaba se reduzindo a um estremecimento e Carolyn murmura que devemos pegar um táxi.

– E foi assim que começou minha ligação – digo a Robinson. – Levei-a para seu elegante apartamento e fizemos amor nos tapetes gregos verdes. Agarrei-a no instante em que ela pôs a tranca na porta, levantando a saia com uma das mãos e enfiando a outra pela blusa. Muito suave. Gozei como um raio. E depois fiquei estendido sobre ela, examinando o cômodo, a teca e a nogueira, as estatuetas de cristal, pensando que parecia muito com a vitrine de uma loja luxuosa do centro e especulando que porra estava fazendo com a minha vida ou mesmo *em* uma vida na qual o auge de uma paixão por tanto tempo cultivada passava tão depressa que eu mal podia acreditar que acontecera mesmo. Mas não houve muito tempo para pensar nisso, pois tomamos um drinque e depois fomos para o quarto, onde assistimos às reportagens sobre o nosso caso nos últimos noticiários da televisão, e a essa altura eu já era capaz de novo e depois, naquele momento, quando subi nela, eu sabia que estava perdido.

10

— Qualquer coisa que eu possa fazer por você, Rusty. Tudo o que precisar.

Assim diz Lou Balistrieri, o comandante dos serviços especiais do Departamento de Polícia. Estou sentado em sua sala na McGrath Hall, onde funcionam as centrais das seções de operações da polícia. Não sei dizer quantos Lous existem por lá, caras de 55 anos, com cabelos grisalhos e barrigas que pendem como alforjes, as vozes roucas de tanto fumar. Um burocrata eficiente, implacável com qualquer subordinado, e um bajulador desavergonhado com todas as pessoas que, como eu, têm poder suficiente para prejudicá-lo. Ele está no telefone agora, ligando para o laboratório legal, que se encontra sob o seu controle.

– Morris, aqui é Balistrieri. Chame Dickerman. Isso mesmo, agora. Se ele estiver no

banheiro, entre e tire-o de lá.

Balistrieri pisca para mim. Fez a ronda das ruas por vinte anos, mas agora trabalha sem uniforme. A camisa de raiom está suada debaixo dos braços.

– Dickerman? O caso Polhemus. Rusty Sabich está aqui comigo. Isso mesmo, Sabich. Sabich, pelo amor de Deus! Certo, o cara de Horgan. O segundo homem. Temos um copo ou qualquer coisa assim. Claro que sei que há três latentes. É por isso que estou ligando. O que você acha? Claro, sou mesmo um idiota. Mas não se esqueça de uma coisa: este idiota pode mandar você para casa com os colhões num saquinho de papel. Certo, certo. Mas o que estou querendo saber é o seguinte: não podemos fazer uma verificação de computador com aquele negócio de laser para confrontar com nossas impressões conhecidas? Isso mesmo, você não tem três boas impressões aí? Então o que precisa é passá-las pelo computador e descobrir se são de alguém que conhecemos. Soube agora que o tira no caso vem pedindo isso há dez dias, você já devia ter cuidado disso. Murphy? Qual deles, Leo ou Henry? Porque Henry é um imbecil. Ótimo! Diga a ele para jogar tudo para o alto. E não me venha com essas besteiras de computador. Não entendo nada dessa merda. Não, não. Não é suficiente. Está bem. Ligue-me de volta. Daqui a dez minutos. Dez. Vamos resolver logo esse negócio.

O problema, aos poucos fica patente, não é o equipamento, mas o fato de o computador se encontrar sob a jurisdição de outra seção. O departamento possui apenas um aparelho e as pessoas que fazem coisas como a folha de pagamento acham que deve ser encarado como sua propriedade exclusiva.

– Está bem, está bem, vou perguntar a ele – diz Balistrieri, ao atender a ligação de volta. Ele cobre o fone com a mão. – Querem saber a extensão que você quer verificar. Podemos comparar com todos os crimes ou todas as impressões conhecidas no condado. Todo mundo que já tirou impressões. Como funcionários públicos e outras merdas.

Penso por um instante.

– Só o crime provavelmente será suficiente. Posso cuidar do restante depois, se precisarmos.

Balistrieri faz uma careta.

– Peça tudo logo de uma vez. Só Deus sabe quando conseguirei pegar essa turma de novo. – Ele tira a mão do bocal antes que eu tenha a oportunidade de responder. – Faça tudo. Que prazo? Mas que porra é essa de uma semana? O cara está cuidando do maior caso de homicídio da cidade e tem de ficar puxando seu saco? Que se foda a análise estatística de Murphy. Isso mesmo. Diga a ele que eu falei. Certo. – Ele desliga. – Uma semana, provavelmente dez dias. Eles estão com a folha de pagamento e depois o chefe precisa de algumas estatísticas. Vou pressionar, mas duvido que você tenha alguma coisa antes. E mande seu tira tirar o copo do meio das provas e levá-lo de volta ao laboratório, para o caso de precisarem.

Agradeço a Lou pela ajuda e me encaminho para o laboratório de patologia. O prédio parece mais ou menos com uma velha escola secundária, com remates de carvalho envernizado e corredores gastos. Há tiras de parede a parede, homens – e mais do que umas poucas mulheres hoje em dia – de camisa azul e gravata preta correndo afobados de um lado para outro e fazendo piadas entre si. O pessoal da minha geração e nível social não gosta de tiras. Estão sempre batendo em nossas cabeças e farejando por tóxicos. Eram broncos. Assim, quando entrei para a promotoria, parti de alguma distância lá atrás, a qual nunca superei, para dizer a verdade. Há anos que trabalho com policiais. De alguns, eu gosto; da maioria, não. Quase todos têm dois defeitos. São duros. E são loucos. Vêem coisas demais; vivem com o nariz na sarjeta.

Há três ou quatro semanas fiquei por mais tempo do que deveria no Gil’s, numa noite de sexta-feira. Comecei a beber com um tira das ruas chamado Palucci. Ele tomou umas poucas

cervejas e tragos de uísque, pôs-se a falar sobre um coração que encontrara naquela manhã numa bolsa Ziploc. Era tudo. Apenas o órgão e os grandes vasos, dentro de uma sacola, ao lado de uma lata de lixo, no final de um beco. Ele pegou, deu uma olhada, foi embora. Mas depois se obrigou a voltar. Levantou a tampa da lata e remexeu o lixo. Não havia nenhum fragmento de corpo lá dentro.

– E foi isso aí. Cumpri meu dever. Levei à chefatura e disse que fizessem o que achassem melhor.

Uma loucura. São os nossos paranóicos remunerados. Um tira vê uma conspiração num dia nublado; desconfia de traição quando você diz bom-dia. Uma confraria sombria, acalentada em nosso meio, pensando mal a respeito de todos nós.

O elevador me leva ao porão.

– Dr. Kumagai – eu o cumprimento. Sua sala fica bem ao lado do necrotério, com suas mesas de aço inoxidável e os odores horríveis de cavidades peritoneais abertas. Através das paredes, posso ouvir uma serra cirúrgica rangendo. A mesa de Indolor é uma confusão, papéis e publicações formando um parapeito, transbordando de bandejas de madeira. Num canto há um pequeno aparelho de televisão ligado, com o volume baixo, transmitindo uma partida de beisebol vespertina.

– Sr. Savage. Uma coisa importante à beça, hem? Temos o subchefe conosco.

Indolor é esquisito por todos os lados, um japonês de 1,65 metro, com sobrancelhas espessas e um bigodinho dividido sobre a metade do lábio. Um tipo agitado, sempre se esquivando e se contorcendo, falando com as mãos no ar. O cientista louco, só que não há nada de benevolente nele. Quem quer que teve a idéia de que Indolor estaria melhor trabalhando com cadáveres empurrou-o na direção certa. Não posso imaginar seu comportamento à cabeceira de um doente. Ele é do tipo de jogar coisas em você, insultá-lo. Com toda certeza, qualquer que seja a idéia amarga que surja em seu cérebro, vai encontrar expressão. É uma dessas pessoas dais quais o mundo parece repleto em certos momentos. Não o compreendo. Se tento com bastante empenho, nesse esforço instintivo que todos fazemos de pseudotelepatia, minha tela fica embaçada. Não posso imaginar o que se passa por sua cabeça quando faz seu trabalho, assiste à televisão ou se vira para contemplar uma mulher. Sei que poderia perder uma aposta mesmo que tivesse dez chances para acertar o que ele fez na noite do último sábado.

– Só vim para buscar um relatório. Você ligou para Lipranzer.

– Claro, claro – diz Indolor. – Está bem aqui, em algum lugar. Aquele sacana do Lipranzer. Quer que você ligue imediatamente para ele e conte tudo.

Indolor trabalha com as duas mãos, transportando pilhas de papel pela mesa, enquanto procura o relatório novo.

– Quer dizer que você não vai ser o subchefe por muito mais tempo, hem? Acho que Della Guardia vai acertar um chute em cheio no rabo de Raymond Horgan. Hem?

Ele me fita à espera de uma resposta. Indolor está sorrindo, como é seu costume quando lida com alguma coisa que outros acham desagradável.

– Veremos. – Faço uma pausa e decido ser mais agressivo. – Delay é seu amigo, doutor?

– Nico é um cara sensacional. Isso mesmo, sensacional. Trabalhamos juntos em todos os grandes casos de homicídio. E ele é bom, bom de verdade. Quando chega o momento, ele desanca todos aqueles advogados de defesa. É assim que se faz. – Ele joga uma pasta de arquivo na minha direção e se vira para a televisão. – Aquele sacana do Dave Parker. Agora ele só mete as coisas numa narina e está acertando a porra da bola que é uma beleza.

Eu não percebera antes a ligação entre Nico e Indolor, mas é natural, o promotor dos

grandes casos de homicídio e o patologista da polícia. Precisariam um do outro e desesperadamente de tempos em tempos. Pergunto a Indolor se posso sentar por um momento.

– Claro, claro...

Ele muda de lugar uma pilha de pastas e torna a olhar para a televisão.

– Lipranzer e eu temos pensado ultimamente numa teoria. Melhor dizendo, uma idéia. Talvez tenha sido um caso de perversão manietada que escapou ao controle. Talvez Carolyn estivesse vivendo perigosamente e, quando o namorado pensou que ela havia apagado, acertou uma porrada em sua cabeça para dar a impressão de que era outra coisa. Acha que é possível?

Indolor, em seu jaleco branco, apóia os cotovelos nas torres de papel.

– Não há a menor possibilidade.

– Não?

– Absolutamente nenhuma. Burrice da polícia – diz Indolor, o patologista da polícia. – Alguma coisa difícil, eles tornam fácil. Alguma coisa fácil, eles tornam difícil. Leia a porra do relatório. Escrevo um relatório, é para ser lido. Lipranzer fica insistindo para eu me apressar e depois não lê a porra do relatório.

– Este relatório?

– Não, este relatório. – Ele dá um tapa no novo relatório quando o levanto. – Meu relatório. Da autópsia. Vê qualquer coisa como equimoses nos pulsos? Equimoses nos tornozelos? Equimoses nos joelhos? A mulher morreu da porrada, não de estrangulamento.

– Ela estava bem amarrada. Pode-se ver a marca da corda no pescoço, nas fotografias.

– Claro, claro. Ela estava amarrada para valer, bem apertada. Parecia uma porra de arco e flecha quando a trouxeram. Mas tem uma marca no pescoço. Alguém puxando aquela corda mais e mais apertado, a corda vai se mexer. E fazer uma equimose larga. E ela só tem uma marquinha de nada no pescoço.

– O que isso significa?

Indolor sorri. Adora guardar os trunfos. Aproxima o rosto do aparelho de televisão, a tal ponto que o brilho cinzento da tela se reflete na testa.

– Primeiro e terceiro.

– O que significa a existência de uma marca estreita? – torno a perguntar.

Espero. O locutor da televisão fala sobre uma jogada.

– Preciso de um mandado? – indago suavemente. Tento sorrir, mas há alguma irritação em minha voz.

– O quê? – pergunta Indolor.

– O que acha das equimoses no pescoço?

– Acho que a corda foi apertada ali primeiro. Certo?

Demoro um momento para absorver. Como Indolor sabe, estou perdido.

– O tempo se esgotou – declaro. – Pensei que a teoria corrente fosse a de que alguém bateu nela para subjugá-la. O golpe foi letal, mas o nosso cara não percebe isso ou não se importa. Amarra a vítima e a estupra, com aquele bizarro nó corrediço, de tal forma que a estrangula ao mesmo tempo. Entendi direito ou você mudou de idéia?

– Eu, mudar? Olhe a porra do relatório. Não diz nada disso. Eu não disse nada disso. Parece assim, talvez. Talvez seja o que os tiras pensam. Não eu.

– E o que você pensa?

Indolor sorri e dá de ombros.

Fecho os olhos por um instante.

– Estamos há dez dias numa importante investigação de homicídio e escuto agora, pela

primeira vez, que você acha que a corda foi posta no pescoço primeiro. Eu teria agradecido se soubesse disso há algum tempo.

– Pergunte. Lipranzer me fala: “Depressa. Preciso de um relatório.” Muito bem, ele tem um relatório. Ninguém me pergunta o que eu penso.

– Acabei de perguntar.

Indolor se recosta na cadeira.

– Talvez eu não pense nada.

Ou esse cara é mais sacana do que eu lembrava ou tem alguma coisa fora de prumo. Delibero por um momento, voltando atrás.

– Está querendo me dizer que acha que ela foi estuprada e depois amarrada?

– Amarrada por último, sim. Acho isso. Estuprada? Agora estou pensando que não.

– Agora?

– Agora – confirma Indolor. Ficamos olhando um para o outro. – Leia o relatório.

– A autópsia?

– Este relatório. A porra deste relatório.

Ele bate na pasta de arquivo que estou segurando. E leio o relatório. É do setor de química legal. Outra substância na vagina de Carolyn foi identificada como nonoxynol 9. Pelas concentrações, o químico conclui que derivou de geléia espermicida. É por isso que não há espermatozóides viáveis.

Indolor exibe um sorriso enorme e sem qualquer generosidade quando torno a levantar os olhos.

– Estamos dizendo que a mulher usava um anticoncepcional? – pergunto.

– Não dizendo. Ela usava mesmo. Geléia anticoncepcional. Concentração de dois por cento. Base de celulose. Usada com diafragma.

– Diafragma? – Sou extremamente lento. – Perdeu um diafragma durante a autópsia?

– Porra, claro que não! – Indolor bate na mesa. Ri de mim. – Você esteve presente na autópsia. Abri a mulher toda. Não havia diafragma naquela mulher.

Mais tempo. Indolor sorri e eu o observo. Morderei a isca.

– Onde foi parar?

– Meu palpite?

– Por favor.

– Alguém tirou.

– A polícia?

– Os tiras não são tão estúpidos assim.

– Quem então?

– Não foram os tiras. Não fui eu. Só pode ter sido o cara.

– O assassino?

– Acertou!

Pego o relatório para ler de novo. Quando o faço, noto mais alguma coisa e a conversa se torna subitamente compreensível. Tento me controlar, mas o sangue sobe à cabeça. Posso sentir o calor se espalhar até as orelhas. Talvez Indolor perceba a reação, pois depois de me espicaçar por mais de dez minutos ele finalmente se torna franco. Provavelmente calcula que mais cedo ou mais tarde eu acabaria arrancando toda a história.

– Quer saber o que penso? Acho que é uma encenação. O cara que mata a mulher é seu amante. Aparece. Toma uns drinques. A mulher tem intercurso com o homem, certo? Muito bom. Mas ele é um cara zangado. Pega alguma coisa, mata a mulher, tenta dar a impressão de

que foi um estupro. Amarra a mulher. Tira o diafragma. É isso o que eu penso.

– E qual é a opinião de Tommy Molto? – pergunto a ele.

Indolor Kumagai, o filho-da-puta sádico, está finalmente acuado. Sorri insípido, tenta rir. Na verdade, "rir" não é a palavra certa. Ele resfolega. A boca se mexe, mas não fala.

Devolvo o relatório, o qual, noto de passagem, tem a data de cinco dias atrás. Aponto para a anotação com sua letra em cima: "Molto 762-2225."

– Não quer copiar isto para ter certeza de que poderá encontrar Molto quando precisar dele?

Indolor está outra vez se reaprumando.

– Ah, Tommy... – Ele se sai melhor bancando o cordial. – Bom sujeito. Bom sujeito.

– Como ele está?

– Muito bem, muito bem.

– Diga a ele para nos ligar qualquer dia desses. Talvez eu possa descobrir o que está acontecendo na porra da minha investigação. – Levanto. Aponto para Kumagai. Chamo-o pelo nome que sei que ele detesta. – Indolor, avise a Molto, e a Nico também, que isso é sacanagem. Uma política ordinária. E uma tremenda sacanagem do Departamento de Polícia. É melhor Deus ajudar a eles e a você para eu não entrar com um processo de obstrução.

Arranco o relatório da mão de Indolor e vou embora sem esperar uma resposta. Meu coração está disparado e os braços, fracos de raiva. Como era de se prever, Raymond não está quando volto ao escritório, mas aviso a Loretta para dizer a ele que entre em contato comigo, é urgente. Procuro por Mac, mas ela também sumiu. Sento na minha sala, remoendo. Muito hábil. Tudo o que pedimos. E mais nada. Apresente os resultados – mas não a opinião. Avise quando chegar o relatório do laboratório, mas não mencione o que diz. Deixar a gente correr pelo máximo de tempo possível na direção errada. Enquanto isso, passe tudo o que souber para Molto. Essa é a parte que me deixa mais irritado. Acho que a política é sórdida. E o Departamento de Polícia é ainda mais sórdido. Os Médici não viveram num mundo tão cheio de intrigas. Cada lealdade secreta se manifesta. Para o vereador, seu *bookmaker* e sua namorada. Para os parentes, seu irmão imprestável, o cara da loja de ferragens que sempre barganhou nos parafusos. Para o novato que você tem de tomar conta, o viciado cuja sinceridade abjeta o comove ou o alcagüete por quem tem de velar. Para o inspetor de licenciamento que ajudou seu tio ou o tenente que você acha que está numa boa com Bolcarro e muito em breve será capitão, talvez mais. O companheiro, o vizinho, o cara da ronda que é bom e simples. Cada um precisa de uma oportunidade. E você oferece. Num departamento de polícia de cidade grande, pelo menos no Condado de Kindle, não existe essa história de jogar pelas regras. O livro de regras já foi jogado fora há muitos anos. Em vez disso, todos os dois mil caras de uniforme azul jogam apenas por seu próprio time. Indolor estava simplesmente jogando como todos os outros. Talvez Nico tivesse lhe dito que poderia promovê-lo a legista.

O telefone toca. Mac. Passo pela porta de ligação e anuncio a ela:

– Finalmente sabemos o que Tommy Molto anda fazendo.

Quando estou indo embora, tarde da noite, vejo luzes acesas na sala de Raymond. São quase 21 horas e meu primeiro pensamento é de que se trata de alguém que não deveria estar ali. O encontro com Kumagai, há três dias, deixou-me nervoso e desconfiado, por isso fico um pouco surpreso quando deparo com Raymond à sua mesa, olhando para o que parece ser um impresso de computador estranhamente à vontade por trás da fumaça do cachimbo. É uma visão rara, a essa altura da campanha. Raymond é um cara trabalhador e sempre houve noites prolongadas em que permanecia na sua sala com uma pilha de sumários ou indiciamentos, no mínimo preparando um discurso iminente; mas, com seu cargo em jogo, ele tem passado a maioria das noites, ultimamente, em reuniões e comícios. E quando se encontra aqui, está em companhia de Larren e dos outros manda-chuvas de sua campanha, tramando. É um momento bastante excepcional para ser considerado particular e por isso arranho dois dedos na velha porta de carvalho ao passar.

– Adivinhando em folhas de chá? – pergunto.

– Mais ou menos – ele responde. – Só que muito mais acurado. Infelizmente. – Raymond adota um tom público. – A pesquisa feita pelo Canal 3–*Tribune* mostra que o desafiante Nico Della Guardia está na frente do encarregado Raymond Horgan, faltando oito dias de campanha.

Minha reação é sucinta:

– Besteira.

– Leia e chore.

Ele empurra o impresso de computador na minha direção. Não consigo entender nada naquele emaranhado de números.

– A linha do fundo – diz Raymond.

– "I" é indecisos? – pergunto. – 43% contra 39, 18% de indecisos. Você ainda está no páreo.

– Sou o encarregado. A partir do momento em que o público concluir que Delay tem uma chance, vai se virar para o seu lado. Caras novas são sempre atração numa primária.

A sabedoria política de Raymond é quase sempre délfica, ainda mais porque representa não apenas suas percepções, mas também as de Mike e Larren. Mesmo assim, tento permanecer otimista.

– Você teve duas semanas difíceis. Nico soube tirar proveito do assassinato de Carolyn. Mas vai se recuperar. Apenas deixou-o sobressair por um instante. Seja como for, qual é a margem de erro desse negócio?

– Felizmente ou infelizmente para mim, é de quatro por cento.

Mike Duke, ele me diz, está na emissora de tevê tentando convencer o pessoal de que a pesquisa deve ser apresentada como o reflexo de uma disputa árdua. Larren, despachado para cumprir a mesma missão no jornal, já obtivera um acordo com seus editores, dependendo da posição do Canal 3.

– O jornal não vai contradizer a emissora de tevê na interpretação de uma pesquisa conjunta – explica Raymond. Ele tira uma baforada do cachimbo. – E meu palpite é de que vai ser assim mesmo. Vão me dar um refresco. Mas de que adiantará? Números são números. Todo mundo na cidade vai sentir cheiro de carne morta.

– O que dizem seus próprios números?

– Não valem nada.

A campanha não teve dinheiro para fazer um bom trabalho. Essa pesquisa é de uma organização nacional. Todo mundo – Larren, Mike, o próprio Raymond – estava com a impressão de que a situação não era tão ruim assim, mas ninguém pôde contestá-la.

– Você, provavelmente, está certo sobre Carolyn. Prejudica, e muito. Mas o grande

problema é a perda de ímpeto. – Raymond Horgan larga o cachimbo e me fita nos olhos. – Vamos perder, Rusty. Você é o primeiro aqui a saber.

Contemplo o rosto consumido de Raymond Horgan, meu velho ídolo, meu líder. Suas mãos estão cruzadas. Ele se mantém em repouso. Doze anos depois de começar a falar sobre revolucionar a idéia de aplicação da lei e um ano tarde demais para os melhores interesses de nós dois, Raymond Horgan finalmente perdeu o controle. Agora, tudo é problema de alguém mais. E para o pequeno íncubo que argumenta que há princípios e questões envolvidos, existe apenas, depois de 12 anos, a resposta de um homem esgotado. Idéias e princípios não prevalecem aqui. Não quando não se dispõe de prisões suficientes para se meterem todos os patifes que se prendem ou não há tribunais suficientes para julgá-los; não quando o juiz que ouve o caso é, muitas vezes, um medíocre que fez um curso noturno de direito porque o irmão já preenchera a única vaga disponível na agência de seguros do pai, e que obteve sua designação por causa de trinta anos de lealdade política. Haverá os mesmos imperativos na administração de Nico Della Guardia, não importa o que ele esteja dizendo nos comerciais de televisão: crimes demais e nenhuma maneira sensata de enfrentá-los, advogados demais, pedidos demais de favores políticos, miséria demais e mal demais. Tudo continuará a acontecer apesar de todas as idéias e os princípios do promotor público. Ele pode ter sua vez. E o mergulho de Raymond no abismo também é o meu.

– Que se foda – murmuro.

– É isso aí – diz Raymond, depois de soltar uma risada.

Ele vai para a mesa de reunião num canto da sala e pega a garrafa pequena que sempre guarda na gaveta. Serve dois copos que estão na bandeja com a garrafa d'água. Eu me adianto e pego um copo.

– Eu não bebia quando comecei aqui – comento. – Não tenho um problema de bebida, é claro, não estou me queixando, mas há 12 anos eu simplesmente não bebia nada. Nem cerveja, nem vinho, nem rum com Coca-Cola. E agora estou aqui tomando uísque puro. – Faço isso; meu esôfago se contrai, lágrimas afloram aos olhos. Raymond serve outra dose. – O tempo é foda!

– Está entrando na meia-idade, Rusty. Toda essa porra de olhar para trás. Uma vantagem do divórcio é que toda essa besteira acabou para mim. Deixo o cargo e não vou passar quatro meses chorando e tomando cerveja, a recordar os bons tempos de antigamente.

– Em vez disso, vai sentar numa daquelas gaiolas de vidro no quadragésimo andar do prédio da IBM, com secretárias eficientes e um monte de colegas que ganham uma fortuna perguntando se trinta horas por semana não é tempo demais pelo privilégio de ter seu nome na porta.

– Isso é besteira, Rusty.

– Claro que é.

Em momentos de ansiedade, nos últimos anos, tenho ouvido Raymond projetar essa fantasia para si mesmo – uns poucos anos para acumular um bom dinheiro, depois se tornar juiz, provavelmente no nível de apelação, depois a ascensão ao tribunal superior estadual.

– Talvez – Raymond acaba dizendo e partilhamos uma risada. – É o seu caminho também?

– Duvido que me reste alternativa. Delay vai promover Tommy Molto a seu subchefe. Isso é mais do que evidente.

Raymond balança os ombros largos.

– Nunca se pode saber com Della Guardia.

– De qualquer forma, já está na hora de eu seguir adiante.

– Não podemos levá-lo para a magistratura, Rusty?

Este é o grande momento para mim: aqui está por fim a recompensa à lealdade. Quero ser

juiz? Um ônibus tem rodas? Os Yankees jogam beisebol no Bronx? Tomo um gole de uísque, com um súbito comedimento.

– Claro que eu pensaria nessa possibilidade. Mas teria de considerar também a perspectiva de abrir um escritório. E analisar o ângulo do dinheiro. Mas pensaria a respeito, com toda certeza.

– Veremos então o que vai acontecer. O pessoal me deve alguma coisa. Vão querer que eu saia sorrindo. Lealdade partidária. Toda essa merda. Devo ter influência suficiente para arrumar a vida de algumas pessoas.

– Eu ficaria grato.

Raymond serve-se de outra dose.

– Como vão as coisas no meu caso de homicídio sem solução predileto?

– Muito mal. De um modo geral. Sabemos um pouco mais sobre o que parece ter acontecido. Isto é, a se acreditar no patologista. Mac lhe falou sobre Molto?

– Falou, sim. Que história é essa?

– Parece que Dubinsky estava certo: Nico pôs Tommy para vigiar nossa investigação.

– Vigiar ou subverter?

– Provavelmente, um pouco das duas coisas. Mas eu diria que, na maior parte, Molto está apenas recolhendo informações. Sabe como é, procurando velhos companheiros no departamento, obtendo relatórios em caráter particular. Talvez tenham retardado o trabalho no laboratório, mas como se poderia provar? Ainda não tenho certeza do que eles estão querendo. Talvez no fundo pensem que não passo de um palhaço e estão tentando resolver o caso por conta própria. Seria um grande golpe se aparecesse com o assassino no dia da eleição.

– Nada disso. Seria apenas o que eles diriam. Eu arrasaria os dois por se intrometerem em nossa investigação e eles voltariam com Molto, chefe interino da minha Seção de Homicídios, dizendo que estava preocupado com a possibilidade de estragarmos as coisas. Nada disso. Sei muito bem por que Nico pôs Tommy para desencavar informações. É vigilância. Muito esperto. Ele observa como estamos indo e sabe exatamente com que intensidade pode levantar o problema, com um mínimo de risco. E, a cada vez que nos vê tropeçar, ele pode aumentar mais um pouco o controle do volume.

Conversamos um momento sobre Kumagai. Concordamos que é improvável que ele tenha alterado os resultados. Estava apenas retendo informações. Poderíamos incumbir o assistente de repassar seu trabalho, mas isso parece não fazer muita diferença agora. Quando a pesquisa for divulgada amanhã, não teremos mais qualquer lealdade no Departamento de Polícia. Todos os tiras que já chamaram Nico pelo primeiro nome passarão a fornecer-lhe informações, investindo no futuro.

– Onde essa nova pista nos deixa? – pergunta Raymond. – Quem é o nosso bandido?

– Talvez seja um namorado, talvez um cara que ela encontrou por acaso. Parece que é alguém que sabia o bastante sobre Carolyn para compreender a impressão que devia deixar, mas também pode ter sido coincidência. Quem sabe? – Contemplo a lua de luz na superfície do meu uísque. – Posso fazer uma pergunta?

– Acho que sim.

É o momento natural para descobrir o que Raymond estava fazendo com o Arquivo B em sua gaveta. Sem dúvida, é o que ele espera. Mas há outra coisa que eu gostaria de saber. É uma emboscada, depois de dois tragos juntos, desfrutando o momento de maior intimidade que tive com Raymond Horgan desde o último caso que levamos a julgamento juntos, uma das conspirações dos Night Saints, anos atrás. E sei que é injusto usar a pose de investigador para

explorar minhas obsessões. Sei de tudo isso, mas pergunto assim mesmo.

– Você estava tendo um caso com Carolyn?

Raymond ri, uma risada expansiva, de tal forma que todo ele treme, dando a impressão de que sente o uísque mais do que na realidade. Reconheço a reação de um veterano de bar, uma maneira de protelar, quando se está chumbado e se precisa de tempo para pensar: a vagabunda errada que quer ir para casa com você, o membro de um comitê cujo nome não consegue lembrar, um repórter em tom de brincadeira, mas tentando chegar fundo demais. Se houvesse algum gelo no copo, seria o momento de mastigar um cubo, a fim de ter alguma coisa na boca.

– Não posso deixar de lhe dizer uma coisa sobre sua técnica como interrogador, Rusty. Faz rodeio demais. Precisa aprender a ser mais direto.

Ambos rimos. Mas eu não digo nada. Se ele quer escapar do anzol, terá de se contorcer.

– Digamos que a falecida e eu éramos independentes e ambos adultos – ele diz finalmente, olhando para seu copo. – Isso não constitui um problema, não é mesmo?

– Não, se isso não lhe proporciona alguma idéia de quem a matou.

– Não foi esse tipo de coisa. Quem sabia os segredos daquela mulher? Para ser franco, o que houve entre nós foi breve e doce. Eu diria que passou para a história há uns quatro meses.

Há muito jogo de xadrez por aqui, muita pose. Mas, se Carolyn deixou Raymond desbaratado, ele não demonstra. Parece ter superado com a maior facilidade. Mais do que posso dizer. Torno a olhar para o meu copo. O Arquivo B, alguns comentários do filho de Carolyn, tudo eram indicações, mas a verdade é que eu adivinhara o relacionamento dela com Raymond há muito tempo, só de observar os sinais reveladores, quantas vezes ela ia à sala de Raymond, as horas em que os dois se retiravam. Claro que àquela altura eu estava familiarizado com os costumes locais. Já fizera minha jornada à terra estranha de Carolyn – e tivera uma partida abrupta. Observara suas andanças com uma mistura ardente de nostalgia de turista e um anseio muito mais escabroso. E agora me pergunto por que me arrisquei à ofensa de ouvir essa confirmação.

– Você sabia alguns segredos dela – comento. – Conheceu o garoto.

– É verdade. Conversou com ele?

– Na semana passada.

– E ele acreditou na proteção da mãe?

Respondo que sim. Sei o quanto um homem na posição de Raymond quer acreditar que era inescrutável.

– Um garoto infeliz – murmura Raymond.

– Ele me contou que Carolyn queria o seu lugar.

– Ela mesma me contou isso. E eu lhe disse que precisaria trabalhar muito para conseguir. Ou se tem proeminência profissional ou ligações políticas. Não se pode simplesmente chegar e sentar.

O tom de Raymond é casual, mas ele me lança um olhar penetrante: não sou tão estúpido quanto você pensa, ele está dizendo, posso distinguir a floresta das árvores. Doze anos de poder e adulação não o embotaram tanto. Volto a sentir, com satisfação, uma lufada de orgulho e respeito por Raymond. Ótimo para você, penso.

Foi assim que aconteceu. Há quatro meses eles acabaram, disse Raymond. A aritmética se ajusta: Raymond anunciou sua decisão e ela se afastou. Calculara, como todo mundo, que Raymond não concorreria à reeleição, que poderia entregar o manto a quem escolhesse. Talvez fosse possível persuadi-lo a entregar a uma mulher – partir com um derradeiro gesto na direção do progresso. O único enigma é o motivo pelo qual a ascensão de Carolyn para a glória passara

primeiro por mim. Por que perder tempo com o trem local, quando se está pronta para embarcar no expresso? A menos que fosse tudo um pouco menos calculista do que parece agora.

– Aquela mulher era um bocado dura – comenta Horgan. – Uma boa pessoa, mas dura, muito dura.

– Tem razão, boa, dura e morta.

Raymond se levanta e indago:

– Posso fazer mais uma pergunta?

– Quer entrar no terreno pessoal agora, hem? – Raymond sorri, todo charme irlandês, mostrando os dentes. – Deixe-me adivinhar: que porra eu estava fazendo com aquele arquivo?

– Chegou perto. Mas entendo por que você não queria que ficasse dando sopa por aí. Por que entregou a ela em primeiro lugar?

– Merda, ela pediu. Não quer ser cínico? Ela pediu *e* eu estava indo para a cama com ela. Acho que ela soube por intermédio de Linda Perez. – Uma das assistentes judiciárias que liam a correspondência dos malucos. – Sabe como era Carolyn. Um caso quente. Acho que ela pensou que seria bom para a sua carreira. Considerei que era besteira desde o início. Como é mesmo o nome do cara?

– Noel?

– Isso mesmo, Noel. Ele deu um golpe para cima do tal cara. – Ficou com o dinheiro. – Essa é a minha opinião. Não concorda?

– Não sei.

– Ela deu uma olhada, saiu, foi revirar os registros na 32ª Delegacia. Não havia nada lá. Foi o que ela me contou.

– Eu gostaria de ter sido informado sobre o caso – declaro, com a língua solta de um bêbado rápido.

Raymond balança a cabeça. Toma mais um gole de uísque.

– Sabe como são essas coisas, Rusty. Você faz uma coisa estúpida, logo tem de fazer outra. Ela não queria que eu falasse a respeito. Alguém pergunta por que entreguei o caso a ela e logo todo mundo sabe que está trepando com o chefe. E o chefe também não se importava de guardar isso em segredo. Entenda a situação. A quem poderia prejudicar?

– A mim – respondo, como há muitos anos venho tencionando fazer.

Ele balançou a cabeça diante disso também.

– Lamento muito, Rusty. Lamento de verdade. Sou o filho-da-puta mais arrependido da cidade.

Ele vai até um aparador e olha para uma fotografia dos filhos. São cinco. Começa a pôr o casaco. Braços e mãos se movem de maneira irregular; tem dificuldades para ajeitar a gola.

– Quer saber de uma coisa? Se eu perder mesmo a porra da eleição vou largar tudo. Deixo Nico comandar o espetáculo, como ele tanto quer. – Raymond pára. – Ou talvez você. Não quer exercer o cargo por algum tempo?

Obrigado, Raymond, penso. Muito obrigado. Ao final, talvez Carolyn tivesse o enfoque certo.

Mas não posso me controlar. Também me levanto. Ajeito a gola de Raymond. Apago as luzes, tranco sua sala e aponto a direção certa no corredor. Cuido para que ele pegue um táxi. E a última coisa que lhe digo é:

– Seus sapatos são grandes demais.

E, é claro, os velhos hábitos sendo o que são, quando as palavras saem, estou falando sério.

12

De alguma forma, o desejo desvairado que eu sentia por Carolyn manifestou-se no ressurgimento do vício em rock.

– Isso nada tinha a ver com os gostos de Carolyn – expliquei a Robinson.

Mesmo no hospício que era o gabinete da promotoria, ela mantinha o rádio em sua sala sintonizado numa emissora de música sinfônica. E também não era algum tipo de nostalgia adolescente. Não ansiava pelo soul ou pelo rock em moda nos anos 1960, a trilha sonora do final da minha adolescência e início dos 20 anos. O que me atraía era o lixo da new wave: música estridente, lamurienta, com letras absurdas e ritmos irregulares como a chuva. Comecei a ir de carro para o trabalho, dizendo a Barbara que passava por minha fobia anual contra o ônibus. O carro, é claro, tornava mais fáceis minhas escapadas noturnas para o apartamento de Carolyn; mas isso poderia ser arrumado de alguma outra forma. O que eu queria mesmo era a oportunidade de guiar por cinqüenta minutos com as janelas fechadas, enquanto a Rádio Rock, WNOF, berrava pelos alto-falantes, o volume tão alto que o pára-brisa tremia quando o grave se tornava proeminente em certas canções.

– Eu me sentia completamente confuso, atordoado.

Quando descia pela rua, depois de estacionar o carro, estava meio intumescido, por começar um dia que era, eu assim sentia, um arrastar doce e irresistível para o encontro secreto com Carolyn. Suava o dia inteiro, o pulso em disparada. E a cada hora ou por aí, no meio de um telefonema ou uma reunião, recebia a visita de visões, tão palpáveis e imediatas, de Carolyn em repouso arrebatado, que ficava perdido no tempo e no espaço.

Carolyn, por sua vez, mantinha um controle frio da situação. No fim de semana depois da primeira noite que passamos juntos, passei horas – horas enevoadas, atordoadas – ponderando sobre o próximo encontro. Não tinha idéia do que se seguiria. À porta do seu apartamento, ela me beijara a mão e dissera simplesmente: “Até mais.” Para mim, não havia qualquer pensamento de resistência. Aceitaria o que me fosse concedido.

Na manhã de segunda-feira, apareci na porta da sala de Carolyn com uma pasta de arquivo na mão. Minha pose e meu ritmo haviam sido incansavelmente planejados. Encostei-me no batente. Sorri, controlado e calmo. Carolyn encontrava-se à sua mesa. Uma sinfonia espalhava-se pela sala.

Sobre o caso Nagel, eu digo.

Os Nagel constituíram outra visita ao lado tenebroso das comunidades suburbanas: uma dupla de estupro e sodomia formada por marido e mulher. Ela abordava mulheres na rua, ajudava no seqüestro, empenhava-se em usos imaginativos de um consolo elétrico. Carolyn queria cuidar do caso no tribunal, aceitando o reconhecimento de culpa, com a esposa recebendo uma sentença menor.

Posso admitir tudo, digo a ela, mas acho que precisamos de duas denúncias.

Só agora Carolyn levanta os olhos de seu trabalho. Impassível, os olhos não hesitam. E ela sorri, num estilo suave, colegial.

Quem a pegou?, pergunto, querendo saber quem é o advogado de defesa da mulher.

Sandy, responde Carolyn, referindo-se a Alejandro Stern, que parece representar todas as pessoas de boa educação que são acusadas de algum crime neste estado.

Avise a Sandy, eu digo, que ela deve se declarar culpada também de lesões corporais. Não

queremos que o juiz pense que estamos tentando amarrar suas mãos.

Nem que a imprensa pense que estamos oferecendo *sursis* às mulheres que cometem crimes sexuais, diz Carolyn.

Isso também, eu digo. Somos promotores de oportunidades iguais.

Sorrio. Ela sorri. Eu me demoro. Ensaiei tudo isso, mas meu coração está disparado e receio que haja alguma coisa palpitante e insípida em minha expressão.

Muito bem. Bato com a pasta de arquivo na coxa. E me viro.

Precisamos tomar um drinque, ela diz.

Balanço a cabeça, os lábios contraídos.

No Gil's?

Que tal o lugar em que terminamos na última sexta-feira?, ela sugere.

Seu apartamento. Minha alma se expande. Ela exibe a insinuação de um sorriso, mas já volta a olhar para o trabalho, antes mesmo de eu me retirar.

– Pensando agora, eu me vejo naquele limiar com imensa compaixão. Transbordava de esperança. E de gratidão. Mas deveria conhecer o futuro pelo passado.

Houve muita paixão em meu amor por Carolyn, mas raramente alegria. Daquele momento em diante, quando compreendi que assim continuaria, fui como a mandrágora nos poemas antigos que lia no colégio, arrancada da terra a gritar. Estava devastado pela paixão. Arrasado. Dizimado. Dilacerado. Cada momento era um turbilhão. O que se abatera sobre mim era antigo, escuro e profundo. Não tinha uma visão de mim mesmo. Era como um fantasma cego tateando por um castelo e gemendo por amor. A idéia de Carolyn, mais até do que a imagem, me dominava a cada instante. Eu a queria de uma maneira que não podia recordar – e o desejo era insistente, obsessivo e, por causa disso, um tanto degradado. Agora penso em Pandora, a quem quando criança sempre confundi com Peter Pan, abrindo uma caixa e descobrindo aquela torrente de sofrimentos desencadeada.

– HAVIA ALGUMA coisa muito real na carne de outra mulher – eu disse ao analista.

Depois de quase vinte anos dormindo com Barbara, eu não mais ia para a cama apenas com ela. Deitava com cinco mil outras trepadas; com a recordação de corpos mais jovens; com as preocupações por um milhão de coisas que sustentavam e envolviam nossa vida: as calhas corroídas, a resistência de Nat a estudar matemática, a maneira como Raymond, ao longo dos anos, passara a encarar meu trabalho com uma atenção para os defeitos e não para os sucessos, o brilho arrogante que surgia nos olhos de minha sogra quando falava de qualquer pessoa fora de sua família imediata, inclusive de mim. Em nossa cama, eu procurava Barbara por meio da intervenção espectral de todos esses visitantes, durante todo o tempo.

Mas Carolyn era puro fenômeno. Eu me sentia estonteado. Desorientado. Depois de 17 anos de fidelidade conjugal, de impulso errante reprimido pelo bem da vida doméstica tranqüila, eu não podia acreditar que estava ali, a fantasia se tornando realidade. Eu estudava seu corpo nu. As aréolas grandes e deslumbrantes, os mamilos compridos, o brilho da carne estendendo-se da barriga às coxas. Estava perdido e inebriado, na terra além da contenção, resgatado dos círculos diligentes e de lento movimento da minha vida. Cada vez que a penetrava eu sentia que dividia o mundo.

– Eu me encontrava com ela três ou quatro noites por semana. Tendíamos a uma rotina. Ela deixava a porta destrancada para mim e a televisão estava ligada no noticiário quando eu chegava.

Carolyn arrumava o apartamento, bebia, abria a correspondência. Uma garrafa de vinho branco, gelada e molhada como alguma pedra do fundo do rio, estava desarrolhada na mesa da

cozinha. Ela jamais corria para me receber. Sua ocupação, qualquer que fosse, a absorvia. De um modo geral, seus comentários para mim, enquanto se movimentava entre os cômodos, eram sobre o escritório ou os acontecimentos políticos locais. Eram intensos então os rumores de que Raymond não disputaria a reeleição e Carolyn acompanhava essa possibilidade com o maior interesse. Parecia recolher boatos de toda parte – no escritório, na polícia, na associação dos advogados.

E depois, finalmente, ela encontraria seu caminho para mim. Abriria os braços, me abraçaria, me daria boas-vindas. Encontrei-a tomando banho uma vez e fiz amor ali mesmo. Peguei-a uma vez enquanto se vestia. Mas, de modo geral, cumpríamos o ritual em relação um ao outro, o tempo passando até que finalmente ela estava pronta para me levar ao quarto, quando começaria minha hora de culto.

O tratamento que eu lhe dispensava era de devoção. Com mais freqüência, descobria-me de joelhos. Tirava sua saia, a anágua, a calcinha, deixando à mostra aquelas coxas perfeitas, o triângulo adorável, enquanto ela se mantinha de pé à minha frente; antes mesmo de eu começar a comprimir o rosto contra ela, aquele intenso aroma feminino impregnava a atmosfera. Movimentos perfeitos, desvairados, desenfreados. Ajoelhado, ansioso e cego, empurrando o rosto para dentro dela, a língua em trabalho febril, um silêncio ululante, enquanto eu estendia as mãos para cima, sondando pelos trajes à procura dos seios. Minha paixão naqueles momentos era tão pura quanto música.

E depois, lentamente, Carolyn assumia o controle. Ela gostava de um ato brusco e, depois de algum tempo, eu era chamado a me lançar dentro dela. Ficava de pé ao lado da cama. Punha as mãos em sua bunda e sacudia-a.

– Ela não parava de falar.

– Dizendo o quê? – perguntou Robinson.

– Você sabe... murmúrios, palavras. “Bom.” “Mais.” “Assim, ah, assim.” “Oh, duro, duro.” “Espere mais um pouco, meu bem, por favor.”

Não éramos, compreendi mais tarde, amantes que satisfaziam as necessidades um do outro. À medida que o tempo passava, a atitude de Carolyn em relação a mim parecia se tornar cada vez mais de confrontação. Apesar de toda a sua farsa de sofisticação, descobri que ela podia beirar a vulgaridade. Gostava de falar obscenidades. Gabava-se. Gostava de falar sobre as minhas partes: vou chupar seu pau, seu pau duro e cabeludo. Esses arroubos me espantavam. Certa ocasião eu ri, mas sua expressão revelou um desprazer tão óbvio, quase uma fúria, que aprendi a absorver esses comentários predatórios. Deixava-a fazer como queria. Para ela, ao longo dos dias, percebi que havia uma progressão. Aquele ato de amor parecia ter para ela um destino, um objetivo. Precisava ter o domínio. Vagueava, tomava o pênis na boca, deslizava a mão além do escroto, sondando naquele buraco. Certa noite, ela me perguntou: “Barbara faz isso por você?” Trabalhando ali. E olhando para cima e me perguntando de novo, serena, imperiosa: “Barbara faz isso por você?” Ela não demonstrava qualquer relutância, nenhum medo. Àquela altura, Carolyn sabia que não haveria paroxismo de vergonha definhante de minha parte à menção do nome de Barbara. Ela sabia. Poderia trazer minha esposa para a cama e torná-la mais uma testemunha do quanto eu estava disposto a abandonar.

NA MAIORIA DAS NOITES, pedíamos comida chinesa. O mesmo garoto sempre a trazia, de olhos contraídos e contemplando ávido Carolyn, em seu robe de seda cor laranja. E depois deitávamos na cama, passando as embalagens de um para outro. A televisão estava ligada. Sempre, onde quer que Carolyn se encontrasse, havia uma televisão ou um rádio ligados, um hábito, eu compreendi, de seus muitos anos sozinha. Na cama, conversávamos. Carolyn era uma

observadora arguta do turbilhão da política local e suas buscas intermináveis e implacáveis de elevação pessoal e poder. Encarava-a nesses termos, porém com mais excitamento do que eu e menos diversão. Não se mostrava disposta a repudiar a busca pela glória pessoal. Considerava-a um direito natural de todos, inclusive seu.

Enquanto eu me encontrava com Carolyn, Nico estava nos estágios iniciais de sua campanha. Àquela altura, eu não o levava a sério. Nenhum de nós, inclusive Carolyn, acreditava que ele tivesse qualquer possibilidade de vencer. Carolyn, no entanto, via um potencial diferente, que me explicou uma noite, não muito antes de nosso pequeno paraíso chegar ao fim. Eu discorria sobre a minha última análise a respeito dos motivos de Nico.

Ele quer uma compensação, comentei com Carolyn. Espera que os amigos de Raymond encontrem alguma coisa para ele. Não é uma boa política partidária, no Condado de Kindle, iniciar uma luta na primária. Lembre-se de Horgan. Bolcarro nunca o deixou esquecer que Raymond concorreu contra ele para prefeito.

E se Bolcarro quiser se desforrar?

Bolcarro não é o partido. Algum dia ele vai se afastar. E Nico é tolo demais para se agüentar sozinho.

Carolyn discordou. Percebia, com muito mais lucidez do que eu, como Nico estava determinado.

Nico acha que Raymond está cansado, ela disse. Ou que pode convencê-lo de que deve se sentir cansado. Muitas pessoas acham que Raymond não deveria concorrer de novo.

Pessoas do partido?, indaguei.

Àquela altura, eu nunca tinha ouvido falar nisso. Muitas pessoas disseram que Raymond não disputaria a eleição, mas não que ele fosse indesejável.

Gente do partido. O pessoal do prefeito. Nico prejudicou-o só com o anúncio de sua candidatura. Estão dizendo que Raymond deveria se afastar.

Ela pegou outra embalagem com comida e um seio aflorou fascinante quando o lençol caiu.

Raymond fala a respeito?, ela perguntou.

Não comigo.

Se começar a receber as vibrações erradas, ele pensará a respeito?

Fiz uma careta. A verdade é que eu não tinha muita idéia do que Raymond pensava ultimamente. Com o passar do tempo, desde o seu divórcio, ele se tornara cada vez mais isolado. Embora me nomeasse seu subchefe, provavelmente me fazia menos confidências.

Se ele concordasse em se afastar, comentou Carolyn, o partido provavelmente o deixaria decidir quem deveria ser o candidato. Ele poderia negociar a indicação. Sabem que ele não vai querer entregar tudo a Nico.

Com toda certeza.

A quem ele escolheria?, ela perguntou.

Provavelmente, alguém do escritório. Para dar continuidade às tradições.

Você?, ela perguntou.

Talvez Mac. Ela daria uma candidata sensacional, na cadeira de rodas.

Não há a menor possibilidade, disse Carolyn levantando *moo shu* nos pauzinhos. Não hoje em dia. Acho que ele escolheria você. É o sucessor natural.

Sacudi a cabeça. Foi um reflexo. Talvez, naquele momento, eu até tivesse mesmo essa intenção. Estava na cama de Carolyn e sentia que já me entregara a uma tentação demasiada.

Carolyn largou a comida. Pegou-me o braço e fitou-me nos olhos.

Rusty, se você o fizer saber que quer, será você.

Observei-a em silêncio por um momento.

Está querendo dizer que acha que eu deveria procurar Raymond e dizer-lhe que seu tempo se esgotou?

Poderia falar com tato, disse Carolyn. Ela me fitava inflexível.

Não há a menor possibilidade, declarei.

Por que não?

Não vou comer naquela mão. Se ele quiser sair, terá de tomar a decisão por si mesmo. E tenho a impressão de que eu não lhe diria para se afastar mesmo que pedisse meu conselho. Ainda é o candidato mais forte para enfrentar Della Guardia.

Ela sacudiu a cabeça.

Sem Raymond, Nico não tem qualquer base. Você reúne o pessoal do partido e o pessoal de Raymond por trás do outro candidato, que poderia entrar no gabinete do promotor público. Não estaria fechado.

Estou vendo que tem pensado bastante a respeito, comentei.

Ele precisa de um empurrão, disse Carolyn.

Pois então dê você esse empurrão, eu disse a ela. Não terei nada a ver com isso.

Carolyn levantou-se, nua. De pé, descalça, parecia flexível e forte. Pôs o robe. E compreendi então que ela estava perturbada.

Por que se sente tão infeliz?, perguntei. Estava pronta para se tornar subchefe?

Ela não respondeu.

– NA ÚLTIMA VEZ em que fui para a cama com Carolyn, ela me empurrou no meio do ato e virou-se para o lado.

Não compreendi a princípio o que ela queria. Mas ela ficou batendo com a bunda contra mim, até que percebi o que me era oferecido, um prêmio atraente.

Não, eu disse.

Experimente. Ela virou a cabeça para me fitar por cima do ombro. Por favor.

Cheguei mais perto de sua bunda.

Devagar, ela disse. Só um pouquinho.

Entrei muito depressa.

Não tanto assim, ela disse. Oh!

Enfiei, fiquei, comecei a mexer. Ela arqueou, claramente sentindo alguma dor.

E descobri, subitamente, que eu estava emocionado.

Ela revirou a cabeça para trás. Os olhos continham lágrimas. Depois abriu-os e me fitou. Seu rosto estava radiante.

Barbara faz isso?, ela sussurrou. Barbara faz isso por você?

13

A agitação normal de uma delegacia de polícia está escondida na 32ª DP. Há cerca de sete anos, quando estávamos no meio de nossa investigação, um dos Night Saints entrou na delegacia com

uma espingarda de cano serrado sob o blusão. Estava aconchegada contra seu peito como um bebê protegido da brisa fria e, assim, ele precisou apenas baixar o zíper um pouco antes de encostar o cano sob o queixo do infeliz policial de plantão na recepção, um cara de 28 anos chamado Jack Lansing, que continuara a escrever algum relatório. O jovem com a espingarda, que nunca foi identificado, teria sorrido e depois estourado o rosto de Jack Lansing.

Desde então, os homens daquela delegacia lidam com o público por trás de um vidro à prova de bala com 15 centímetros de espessura, mantendo as conversas por um sistema de rádio, que dá a impressão de que o sinal se refletiu primeiro na lua. Há áreas públicas em que ficam os queixosos, as vítimas, grupos de policiais, mas, depois que se passa pela porta de metal com 10 centímetros, dispondo de uma tranca eletrônica, há quase a esterilidade. Os prisioneiros ficam em celas lá embaixo e nunca têm permissão, por qualquer propósito, para subir acima desse nível. Lá em cima, grande parte da turbulência usual foi eliminada, de modo que até parece uma corretora de seguros. As escrivaninhas dos policiais ficam numa área aberta que poderia passar por qualquer escritório comum, os caras mais graduados ocupam compartimentos ao longo da parede dos fundos. Em um dos compartimentos maiores encontro Lionel Kenneally. Quase não nos vimos desde que terminaram os casos dos Night Saints.

– O porra do Savage – ele me diz. – O porra do Savage.

Ele apaga o cigarro e me dá um tapa nas costas.

Lionel Kenneally é tudo o que uma pessoa sensata não gosta na polícia. Fala duro, é dogmático, francamente mau, um racista ostensivo. Ainda estou para conhecer uma situação em que apostaria sequer uma hora de salário em seus escrúpulos. Mas gosto dele, em parte porque é uma forma autêntica, sem mistura e sem desculpa, um tira típico, dedicado às lealdades furtivas e aos mistérios da vida pelas ruas. Pode encontrar as coisas na cidade como um cachorro farejando um cheiro, levantando o focinho para a brisa. Durante a investigação dos Night Saints, Lionel era o cara a quem eu recorria quando precisava que alguém fosse encontrado. Ele nunca falhava – ia buscá-los nas galerias de tiro ao alvo ou nos conjuntos da Grace Street às 4 horas, o único momento em que um policial podia circular por lá com alguma segurança. Vi-o em ação algumas vezes, 1,95 metro ou por aí, batendo a uma porta com tanta força que se podia vê-la vergando no batente.

Quem é?

Abra a porta, Tyrone. É sua fada madrinha.

Trocamos reminiscências; ele me conta sobre Maurice Dudley. Já ouvi a história, mas não interrompo. Maurice, um cara de 110 quilos, um assassino, um animal, aprofundou-se em estudos da Bíblia em Rudyard. Vai ser ordenado.

– Dizem que Harukan... – O líder dos Night Saints – ... está tão irritado que nem mesmo fala mais com ele. Pode imaginar uma coisa dessas?

– Quem disse que não existe uma coisa chamada reabilitação?

Isso nos parece extremamente engraçado. Talvez ambos estejamos pensando na mulher em cujo braço Maurice outrora escreveu seu nome com uma faca de cozinha. Ou nos tiras desta delegacia que juraram, nas histórias exageradas que circulam pela polícia e pela justiça, que ele soletrou errado.

– Está de passagem ou o quê? – Kenneally finalmente me pergunta.

– Não sei direito por que estou aqui. Gostaria de descobrir algo.

– Sobre o que agora? Carolyn?

Aceno com a cabeça.

– Qual é a história por lá? – indaga Kenneally. – A última notícia que tive do centro é a de

que estão dizendo que não foi realmente estupro.

Ofereço a Lionel um relato de dois minutos sobre a situação de nossas provas.

– Está pensando o que agora? – ele pergunta. – Que o cara com quem ela tomou um coquetel foi o mesmo que a liquidou?

– Isso parece óbvio. Mas realmente não posso deixar de especular. Não tivemos um *voyeur*, talvez há uns dez anos, que ficava observando os casais e depois se aproveitava também da mulher sob a mira de uma arma?

– Você está mesmo perdido – diz Kenneally. – Está procurando por alguém ligado à aplicação da lei... um tira, um promotor-assistente, um detetive particular... alguém que sabia a impressão que queria dar depois que a liquidou. Eu pensaria assim. Se algum namorado dela tivesse passado por lá naquela noite, deixando-a viva, já teria recebido notícias dele a esta altura. Ele ia querer ajudar.

– Se não tivesse uma esposa para dar explicações.

Kenneally considera essa possibilidade por um instante. Recebo uma resposta que parece um dar de ombros. Posso estar certo.

– Quando foi a última vez em que a viu? – pergunto a ele.

– Há quatro meses ou por aí. Ela esteve aqui.

– Fazendo o quê?

– A mesma coisa que você está fazendo: investigando algo e tentando não revelar o quê.

Solto uma risada. O tira típico. Kenneally levanta. Vai até uma pilha de casos de transferência num canto.

– Ela arrumou um garoto para olhar esta porra, a fim de não lascar as unhas ou correr um fio das meias.

– Deixe-me adivinhar: registros de casos ocorridos há nove verões.

– Acertou em cheio.

– Havia algum nome específico?

Kenneally pensa por um momento.

– Acho que sim, mas não me lembro. Alguma coisa estava errada com isso também.

– Leon?

Lionel estala os dedos.

– UND. – Último Nome Desconhecido. – Era isso que estava errado. Ela jogava no escuro.

– E o que descobriu?

– Porra nenhuma.

– Tem certeza?

– Claro que tenho. Não que ela desse muita importância. Passou a maior parte do tempo tentando verificar quem estava contemplando seu rabo. O que era todo mundo na casa, como ela sabia muito bem. Digamos que ela se divertiu muito ao voltar para cá.

– Voltar?

– Ela trabalhou no Distrito Norte quando era agente de liberdade condicional. E também não sabia que porra estava fazendo naquele tempo. Um verdadeiro tipo de assistente social. Nunca pude entender por que Horgan a contratou para promotora-assistente.

Eu esquecera aquilo. Provavelmente sabia, mas não me lembrava. Carolyn trabalhara no Distrito Norte como agente de liberdade condicional. Penso na secretária que o namorado de Noel mencionou. Ela não disse negra ou branca, gorda ou magra. Mas disse garota. Alguém descreveria Carolyn como “garota”, mesmo há nove anos?

– Você não gostava muito dela.

– Ela era uma sacana – diz Kenneally, sempre direto. – Só estava interessada em si mesma. Ia para a cama a fim de chegar lá em cima, sem a menor hesitação. Qualquer um podia perceber isso.

Olho ao redor por um momento. Nossa conversa parece ter chegado ao fim. Pergunto mais uma vez se ele tem certeza de que Carolyn não descobriu nada.

– Porra nenhuma. Pode conversar com o garoto que a ajudou, se quiser.

– Se você não se importar, Lionel.

– Por que eu me importaria?

Ele pega o interfone e chama um guarda de nome Guerash.

– Por que ainda está perdendo tempo com essa coisa? – Kenneally me pergunta, enquanto esperamos. – Será problema de outro muito em breve, não é mesmo?

– Está se referindo a Delay?

– Acho que ele já ganhou.

Durante a última semana isso é tudo o que escuto dos policiais. Eles nunca fingiram gostar de Raymond.

– Nunca se pode saber. Talvez eu resolva este caso e consiga salvar Raymond.

– Nem Deus descendo do Sinai poderá salvá-lo, pelo que tenho ouvido. Lá no centro, dizem que Bolcarro vai anunciar seu apoio a Nico esta tarde.

Fico remoendo essa informação. Se Bolcarro apoiar Nico seis dias antes da eleição, então Raymond não será mais do que uma memória política.

Guerash entra na sala. Parece com a metade dos jovens na força policial, bonito de uma maneira antiquada, empertigado, exibindo uma disciplina militar. Os sapatos brilham e os botões da túnica também. Os cabelos estão repartidos com absoluta precisão.

Kenneally se dirige a ele.

– Lembra daquela promotora-assistente que esteve aqui... Polhemus?

– Um belo par de pulmões – comenta Guerash.

Kenneally se vira para mim.

– Está vendo? O garoto vai dar um bom tira. Nunca esquece o tamanho de um sutiã.

– É a tal que foi liquidada lá na beira do rio? – Guerash me pergunta.

Respondo que sim. Kenneally continua, para Guerash:

– Muito bem. O Rusty aqui é o subchefe da promotoria. Quer saber se ela levou alguma coisa ao sair daqui.

– Não, ao que eu saiba – responde Guerash.

– O que ela procurava? – pergunto.

– Queria ver os registros de um dia. Disse que devia haver sessenta ou setenta pessoas fichadas por atentado ao pudor. Estamos falando de um passado distante, há oito ou nove anos, por aí. Trouxe as caixas para cá.

– Como ela pôde determinar um dia específico?

– Não tenho a menor idéia. Parecia saber o que procurava. Apenas me disse para verificar o dia em que se efetuou a maioria das prisões. E foi o que eu fiz. Devo ter passado uma semana ou mais para verificar toda aquela porcaria. Havia quinhentas prisões por 42.

Um 42 é atentado ao pudor.

Um dia. Penso outra vez na carta. Não havia nada no arquivo que permitisse reduzir o período a um único dia. Talvez Carolyn desistisse antes mesmo de começar, pensara em fazer apenas uma amostragem.

– Encontrou o que ela queria?

– Achei que sim. Liguei e ela veio aqui dar uma olhada. Deixei-a com o material nesta mesma sala. Ela me disse que não havia encontrado nada.

– Lembra alguma coisa do que mostrou a ela? Qualquer coisa em comum nas prisões?

– Todas na Floresta Pública. Todos homens. Pensei que era provavelmente uma manifestação ou algo parecido. Não sei.

– Essa não! – exclama Kenneally para Guerash, com evidente repulsa. – Por atentado ao pudor? – Ele pergunta a mim: – É o caso das bichas, não é mesmo? Na ocasião em que Raymond teve colhões por um dia e meio.

– Ela falou algo sobre o que estava procurando? Um nome? Qualquer coisa?

– Ela não tinha sequer um sobrenome. Apenas o primeiro nome. Não ficou muito claro para mim se ela conhecia ou não o cara. – Guerash faz uma pausa. – Por que acho que tinha alguma coisa a ver com Natal?

– Noel? Ela lhe deu esse nome?

Guerash estala os dedos.

– Isso aí.

– Não Leon?

– Claro que não. Foi Noel. Ela me disse que procurasse por Noel UND. Lembro disso porque ela escreveu para mim e a coisa do Natal ficou gravada na minha cabeça.

– Pode me mostrar o que ela viu?

– Não sei. Acho que já guardei tudo.

– Não guardou porra nenhuma – intervém Kenneally. – Já pedi três vezes. Tome aqui, sirva-se.

Ele aponta para as caixas no canto.

Guerash pragueja ao abrir a primeira caixa. Pega um punhado de folhas soltas por cima das pastas de arquivo.

– Uma coisa posso garantir: ela não era muito organizada. Estes arquivos estavam em perfeita ordem quando entreguei a ela.

Eu perguntaria se Guerash tem certeza, mas não haveria sentido. É o tipo de coisa de que ele lembraria e posso constatar a ordem das pastas restantes. Além do mais, seria típico de Carolyn pegar registros que outros passaram anos mantendo e tratá-los como lixo.

Guerash, por instinto, começa a pôr em ordem os registros e eu ajudo. Kenneally também ajuda. Ficamos de pé em torno de sua mesa, amaldiçoando Carolyn. Cada pasta deve conter um relatório da polícia, uma ficha de prisão com a foto e as impressões digitais do réu e o recibo da fiança, mas nenhuma dessas sessenta ou setenta pastas está completa. Faltam papéis em cada uma e os documentos lá dentro foram virados ao contrário ou de lado. A ordem numérica foi alterada.

Kenneally não pára de dizer que ela era uma sacana.

Estamos empenhados no trabalho há cerca de cinco minutos quando me ocorre o óbvio – esta desordem não é acidental. Os papéis foram deliberadamente embaralhados.

– Quem andou mexendo nestas caixas desde que Carolyn esteve aqui? – pergunto a Kenneally.

– Ninguém. Estão largadas naquele canto há quatro meses, esperando que este cabeça de merda as guarde de volta no lugar. E só ele e eu sabemos que estão aqui. Certo?

Guerash confirma.

– Lionel, você conhece Tommy Molto? – pergunto.

– Claro que conheço Tommy Molto. Pela metade de minha vida. O sacana foi promotor-

assistente aqui.

Eu sabia disso, bastaria ter pensado um pouco a respeito. Molto era notório por suas batalhas com os juízes do Distrito Norte.

– Ele esteve aqui mais ou menos na mesma ocasião em que Carolyn era agente de liberdade condicional?

– Provavelmente. Deixe-me pensar... Merda, Rusty, não tenho o cartão de ponto dessa turma.

– Quando foi a última vez que o viu?

Lionel pensa por um instante.

– Três ou quatro anos. Talvez tenha esbarrado nele num jantar ou algo parecido. Sabe como é, está tudo bem com ele, eu o vejo, falo um pouco. Você me conhece.

– Mas ele não veio procurar esses registros?

– Ei, deve prestar mais atenção aos meus lábios – diz Lionel. – Você. Eu, Guerash. Ela. Mais ninguém.

Quando estamos arrumando, Guerash verifica as pastas duas vezes.

– Está faltando uma, certo? – pergunto.

– Falta um número – ele confirma. – Mas pode ter sido um erro.

– Você ficha sessenta bichas, não está muito preocupado em manter uma contagem perfeita – sugere Kenneally.

Pergunto a Lionel:

– Mas é possível que a pasta tenha desaparecido?

– Isso também.

– Mas ainda haveria um registro no tribunal, não é mesmo?

Kenneally olha para Guerash. Guerash olha para mim. Anoto o número. Deve estar em microfilme. Lipranzer vai adorar fazer isso.

Depois que Guerash se retira, passo mais um momento com Kenneally.

– Não quer dizer o que está investigando? – ele pergunta.

– Não posso, Lionel.

Ele acena com a cabeça. Mas posso perceber que está contrariado.

– Foram dias divertidos por aqui – comenta Lionel. – Uma porção de histórias.

Seu olhar se fixa em mim casualmente, só para me fazer saber que ambos temos nossos segredos.

Lá fora há calor de verdade, a temperatura se encontra um pouco acima de 26ºC. À beira de um recorde para abril. No carro, ligo o rádio e sintonizo a emissora de notícias. É uma transmissão ao vivo do gabinete do prefeito. Pego só o final, mas escuto o suficiente da conversa mole de Sua Senhoria para compreender o sentido. O gabinete da promotoria precisa de sangue novo, uma nova direção. O povo quer isso. O povo merece isso.

Terei de começar a procurar um emprego.

A bola na elevação. À claridade minguante da tarde de primavera, o jogo começa na Liga de Pais/Alunos da segunda série. O céu paira baixo sobre o campo aberto, uma campina de aterro sobre o que outrora era um brejo, enquanto os Stingers da Sra. Strongmeyer ocupam lentamente suas posições no losango, garotos e meninas com blusões fechados até a gola e luvas de beisebol. Pais se movimentam ao longo das linhas, enquanto o crepúsculo se adensa. Na base, o mamute de um garoto de 8 anos chamado Rocky gira seu bastão duas ou três vezes nas proximidades da bola, em cima do suporte comprido de borracha. Depois, com uma espantosa concentração de força, ele acerta na bola e a lança para o espaço exterior. Cai no centro à esquerda, além da indecisa defesa dos Stingers.

– Nathaniel! – eu grito, junto com muitos outros. – Nat!

Só agora ele desperta. Alcança a bola um passo antes de uma ágil garota chamada Molly, cujo rabo-de-cavalo esvoaça por trás do gorro de beisebol. Nat pega a bola, vira e arremessa, num único movimento. A bola descreve um arco espetacular na volta e aterrissa com um baque surdo entre a posição de guarda e a terceira base, no momento em que Rocky chega ao quadrilátero. De acordo com a etiqueta local, somente eu posso censurar meu filho. Avanço ao longo da linha entre a segunda e a terceira base, batendo palmas.

– Ei, acorde! Vamos acordar por aí!

Por Nat, não tenho medo. Ele dá de ombros, levanta a mão enluvada e exibe toda a extensão do sorriso de caveira de abóbora com falhas nos dentes, os dentes novos, ainda pontiagudos, parecendo um pouco com velas espetadas num bolo.

– Papai, eu me perdi! – ele grita. – Só isso!

Os pais ao redor me acompanham na súbita risada. Repetimos o comentário entre nós. Cliff Nudelman me dá um tapinha nas costas. Ele se perdeu. Pelo menos o garoto já aprendeu o jargão.

Outros homens, quando meninos, sonham com seus filhos? Eu me projetava vinte anos à frente com paixão e esperança. Como sempre o via, meu filho seria uma alma gentil e obediente. E bom; com muita virtude e talento.

Nat não é assim. Não é um mau menino. O que é um refrão em nossa casa. Barbara e eu estamos dizendo isso um ao outro desde que ele tinha 2 anos. Nat não é, dizemos, realmente não é um mau menino. E eu acredito nisso. Fervorosamente. E com um coração transbordando de amor. Ele é sensível. É gentil. E é sôfrego e distraído. Determina os próprios horários desde o nascimento. Quando leio para ele, Nat vira as páginas em minhas mãos para descobrir o que há mais à frente. Não escuta ou pelo menos não parece se importar. Sempre foi um problema na escola.

Ele é salvo pelo charme despreocupado e pelos dotes físicos. Meu filho é bonito. Estou falando sobre mais do que a beleza habitual da infância, as feições suaves, o fulgor floral de ser novo. Este garoto tem olhos escuros e intensos, um olhar cativante. As feições delicadas e regulares não vieram de mim. Sou maior e atarracado. Tenho um nariz volumoso; uma espécie de crista de Neanderthal por cima dos olhos. Todos os parentes de Barbara são menores e bem-apessoados, é a eles que rotineiramente concedemos o crédito. Particularmente, no entanto, tenho pensado em muitos momentos, com alguma aflição, em meu pai e em sua beleza penetrante e sombria, tipicamente eslava. Talvez porque eu desconfie dessa fonte, oro o tempo todo, em meu altar interior, para que essa bênção não desencaminhe Nat, levando-o à arrogância ou mesmo à crueldade – características que as pessoas bonitas que tenho conhecido parecem às vezes encarar em si mesmas como aflições naturais ou, pior ainda, como um direito.

Com o final da partida, todos nos dispersamos aos pares, a caminho da manada de

caminhonetes, encurraladas no estacionamento de cascalho. Em maio, quando o tempo muda e se torna mais ameno, o time fica depois das partidas para um piquenique. Às vezes, é combinada a entrega de pizzas. Os pais se revezam na responsabilidade semanal de trazer cerveja. Depois de comer, os meninos e as meninas voltam ao beisebol, enquanto os pais se acomodam na grama, conversando sobre a vida. Aguardo ansioso por isso. Entre esse grupo de homens que não conheço muito bem parece haver um acordo sereno, algo semelhante à maneira como os fiéis devem se sentir em relação uns aos outros ao deixarem a igreja. Pais com seus filhos, além das preocupações semanais da vida profissional ou mesmo dos prazeres e responsabilidades do casamento. Pais ligeiramente iluminados nas noites de sexta-feira, à vontade com essas obrigações incomensuráveis.

Nessa época mais fria e mais escura, prometi a Barbara que iremos encontrá-la para um jantar rápido numa casa de panquecas local. Ela já está esperando no banco de vinil vermelho quando chegamos e, mesmo enquanto beija Nat e recebe um relato sobre a quase vitória dos Stingers, Barbara olha além dele para me receber com uma expressão fria de desaprovação. Estamos no meio de um período melancólico. A fúria de Barbara por meu papel na investigação do assassinato de Carolyn não diminuiu e, esta noite, há uma nova irritação em sua insatisfação. Meu primeiro pensamento é o de que devemos estar muito atrasados, mas confiro no relógio do restaurante e constato que até chegamos um minuto mais cedo. Só posso adivinhar o que fiz para provocá-la.

Para Barbara, no entanto, tornou-se muito fácil, ao longo dos anos, desaparecer nas florestas escuras de seus ânimos. Os elementos do mundo exterior que outrora poderiam detê-la já foram, a esta altura, relegados ao passado. Seis anos como professora no North End acabaram com sua fé na reforma social. Quando Nat nasceu, ela renunciou a outras buscas. A vida numa comunidade suburbana, com seus limites rígidos e valores peculiares, aquietou-a e exagerou sua disposição de se manter sozinha. A morte do pai, há três anos, foi encarada com um ato de deserção, parte de seu padrão vitalício de ignorar as necessidades de Barbara e da mãe, aguçando seu senso de privação. E nossos momentos frios de convivência conjugal privaram-na da alegria espontânea que outrora era um contraponto a esses períodos mais tenebrosos. Nessas ocasiões, seus desapontamentos, virtualmente com todas as pessoas, se mostram de uma maneira tão ostensiva que às vezes tenho a impressão de que o sabor seria amargo se pegasse sua mão e lambesse sua pele.

E depois o tempo muda. Embora esse rompimento, causado por minha infidelidade, seja naturalmente o mais prolongado de nossa vida conjugal, ainda mantenho alguma expectativa de melhora. Mesmo agora, Barbara não fala em advogados ou divórcio, como aconteceu em novembro. Ela está aqui. Ressaltado com tanta evidência, esse fato me inspira alguma calma. Sou como o sobrevivente de um naufrágio, agarrando-me com vigor aos destroços, aguardando a chegada do transatlântico programado. Mais cedo ou mais tarde, estou convencido, terei uma mulher de bom humor, inteligência fulgurante, com percepções sutis e espírito insinuante, com um interesse profundo por mim. Essa é a pessoa em quem ainda penso como minha esposa.

Agora essa mesma mulher exibe uma expressão da dureza do diamante enquanto esperamos na fila para sentar. Nat se afastou e contempla com ar de adoração o balcão de doces. A calça de beisebol escorregou por cima dos sapatos, ele encosta um joelho e as mãos no vidro, olhando com a maior ansiedade para as fileiras proibidas de balas açucaradas e barras de chocolate. Balança um pouco, é claro – o objeto em movimento. Como sempre, Barbara e eu o observamos.

– E então? – ela me pergunta subitamente.

É um desafio. Eu deveria entretê-la.

– E então o quê?

– E, então, como está o trabalho? A grande investigação ainda está fervendo?

– Não há pistas e não há resultados – respondo. – É uma confusão total. Para dizer a verdade, todo o escritório está murchando. É como se deixassem o ar escapar de um balão. Você sabe... agora que Bolcarro anunciou seu apoio a Delay.

À menção desse evento, Barbara estremece, depois me fita mais uma vez com uma expressão ácida. Reconheço, por fim, o último ultraje. Ontem voltei para casa tarde e fiquei embaixo, pensando que ela dormia. Barbara desceu de camisola. Perguntou-me da escada o que eu estava fazendo. Quando lhe disse que preparava meu currículo, ela virou-se e tornou a subir.

– Raymond não mencionou hoje sua designação para juiz? – ela pergunta.

É a minha vez de estremecer, dominado pelo pesar de tola vaidade que me levou a mencionar essa perspectiva. Minhas chances são mínimas agora. Bolcarro demonstrou há dois dias como está preocupado em manter Raymond Horgan feliz.

– O que quer que eu faça, Barbara?

– Não quero que faça nada, Rusty. Já parei de querer que você fizesse alguma coisa. Não é o que prefere?

– Ele fez um bom trabalho, Barbara.

– E o que você fez por ele? Está com 39 anos. Tem uma família. E agora vai entrar na fila do seguro-desemprego. Ele deixou que você carregasse o fardo e resolvesse os problemas que lhe cabiam; e quando chegou o momento de cair fora, ele levou você junto para o buraco.

– Fizemos boas coisas.

– Ele usou você. As pessoas sempre o usaram. E você não apenas deixa que façam isso. Até gosta. E gosta de verdade. Prefere ser abusado a dar atenção às pessoas que tentam se preocupar com você

– Está se referindo a si mesma?

– A mim. Sua mãe. Nat. É um padrão que dura a vida inteira. E que não tem saída.

Não Nat, eu quase respondo, mas um senso de diplomacia ou autopreservação interfere. A recepcionista do restaurante, uma mulher jovem e pequena, com o corpo esguio de ginástica, nos conduz à mesa. Barbara negocia a refeição com Nat. Batatas fritas está bem, mas leite, não Coca-Cola. E ele deve comer salada. Nat resmunga e se agita. Eu lhe dou um tapa de leve e recomendo que sente direito. Barbara permanece alheia, por trás da barreira do cardápio.

Ela era mais feliz quando a conheci? Devia ser, embora eu não tenha uma recordação nítida. Ela me deu aulas quando planejei – insanamente – superar a exigência de uma matéria de ciência da universidade com o curso de cálculo. Nunca teve a oportunidade de cobrar seus honorários. Apaixonou-se por mim e eu me apaixonei por ela. Amei sua inteligência feroz, a beleza adolescente, as roupas discretas, o fato de que era filha de um médico e assim, pensei, alguém “normal”. Amei até as correntezas rochosas de sua personalidade, a capacidade de expressar tantas coisas, o que, para mim, parecia algo remoto. Acima de tudo, amei sua paixão onívora por mim. Ninguém, em toda a minha vida, demonstrara tanto desejo por minha companhia, tão feliz em manifestar apreciação com cada ângulo do meu ser. Conheci meia dúzia de homens que cobiçavam Barbara. Ela queria apenas a mim, até me perseguia, com um ardor que a princípio achei embaraçoso. Imaginei que era o espírito da época que a levava a querer contentar aquele garoto desajeitado, sombrio e cheio de um pesar secreto, mesmo sabendo que seus pais o considerariam menos do que ela merecia.

Como eu, como Nat, ela foi filha única e sentiu-se oprimida por sua criação. As atenções dos pais foram sufocantes e ela achava que, sob certos aspectos, também falsas. Alegou ter sido

dirigida, usada em todos os momentos como um instrumento dos desejos dos pais, não dos seus. Disse-me muitas vezes que fui a única pessoa que conheceu que também era como ela – não apenas solitária, mas sempre sozinha. É a triste reciprocidade do amor que você sempre queria o que pensa que está dando? Barbara esperava que eu fosse como uma espécie de príncipe encantado, um sapo que ela poderia transformar com suas carícias, que poderia entrar nos bosques sombrios em que era mantida cativa e arrebatá-la dos demônios que a cercavam. Ao longo dos anos, tenho falhado com muita freqüência nessa missão.

A vida atomizada do restaurante rodopia a nosso redor. Em mesas separadas, casais conversam; os trabalhadores jantam sozinhos; as garçonetes servem café. E aqui está sentado Rusty Sabich, 39 anos, sobrecarregado de fardos vitalícios e da fadiga cotidiana. Digo a meu filho para tomar seu leite. Mordisco minha carne de hambúrguer. A um metro de distância se encontra a mulher que eu disse ter amado por quase vinte anos, fazendo os melhores esforços para me ignorar. Compreendo que há momentos em que ela se sente desapontada. Compreendo que, às vezes, ela está desconsolada. Compreendo. Compreendo. Esse é o meu dom. Mas não tenho a capacidade de fazer coisa alguma a respeito. Não é apenas a rotina da vida adulta que mina minhas forças. Falta em mim algum elemento humano. E só podemos ser o que podemos ser. Tenho a minha própria história; memórias; o labirinto sem solução de meu próprio eu, no qual me sinto tantas vezes perdido. Ouço o clamor interior de Barbara; compreendo sua necessidade. Mas só posso responder com silêncio e lamento. Muito de mim – demais até! – deve ser preservado para a tarefa monumental de ser Rusty.

15

O dia da eleição é de tempo claro. Ontem à noite, quando sentei na sala de Raymond, com ele, Mike Duke, Larren e Horgan, todos achavam que o bom tempo ajudaria. Agora que a festa pertence a Della Guardia, Raymond precisa dos eleitores que são inspirados por seu candidato, e não pelos desejos do capitão da delegacia. A última semana foi uma estranha lição. A cada vez que ocorre um desdobramento negativo, você diz que é um caso perdido. E depois olha para a frente. No escritório de Raymond, ontem à noite, eles ainda falavam em vitória. A última pesquisa, patrocinada pelo jornal e pelo Canal 3, foi realizada no dia da manifestação do apoio de Bolcarro e apontava Raymond apenas cinco pontos atrás. Duke disse estar convencido de que as coisas haviam melhorado desde então, que Raymond parece ter recuperado um pouco do antigo impulso com sua condição de vencido. Sentamos ali, quatro homens maduros, agindo como se isso pudesse ser verdade.

No trabalho, como sempre, o dia da eleição produz um sentimento de indefinição, em todos os aspectos. Os funcionários do gabinete do promotor, outrora um grupo de cabos eleitorais, foram desencorajados ao longo do mandato de Raymond de qualquer envolvimento político ativo. Pertencem ao passado os dias em que os promotores-assistentes vendiam ingressos nos tribunais para as excursões da campanha; em 12 anos, Raymond nunca solicitou uma moeda sequer em doações ou um minuto de ajuda na campanha dos membros de sua equipe. Mesmo assim, muitos dos funcionários administrativos, contratados antes da eleição de Raymond,

continuaram a cumprir as obrigações políticas com os patrocinadores no partido em que obtiveram seus empregos. Como parte do frágil acordo que fizera há uma década com Bolcarro, Raymond concordou em dar folga no dia da eleição à maioria do pessoal do escritório. Assim, os ligados ao partido podem cumprir os deveres partidários: bater às portas, distribuir volantes, conduzir os idosos, vigiar as urnas. Este ano estarão fazendo tudo isso por Nico Della Guardia.

Não há obrigações definidas para os demais. Passo a maior parte do dia no escritório, primeiro-imediato no comando do navio que naufraga. Uns poucos outros também se encontram ali, quase todos advogados, trabalhando em sumários ou julgamentos, esvaziando suas mesas. Cerca de vinte assistentes mais jovens foram designados para trabalhar com o pessoal da procuradoria federal em patrulhas de vigilância contra fraudes eleitorais. De um modo geral, isso envolve cuidar de problemas sem importância: uma máquina de votar que não funciona; alguém está armado numa seção eleitoral; um juiz eleitoral usa um emblema de campanha ou aconselha os eleitores mais idosos. Recebo informações ocasionais pelo telefone e atendo às ligações da imprensa, comunicando zelosamente que não há sinais de interferência no processo democrático.

Por volta das 16h30 recebo um telefonema de Lipranzer. Alguém instalou uma câmera de tevê no corredor, perto da minha porta, mas não há nada a noticiar. As urnas só serão fechadas dentro de uma hora e meia. Os primeiros noticiários contêm apenas comentários irrelevantes sobre o comparecimento em massa dos eleitores.

– Ele perdeu – Lip me diz. – Meu amigo no Canal 3 viu as pesquisas de boca-de-urna. Ele garante que Nico vencerá por oito ou dez pontos se o padrão se mantiver.

Meu coração torna a se contrair, sinto um frio no estômago. É estranho, mas desta vez acredito realmente. Olho pela janela para as colunas do tribunal, os telhados planos dos outros prédios do centro, as águas escuras e onduladas do rio, que fazem uma volta, como um cotovelo, a dois quarteirões daqui. Minha sala fica do mesmo lado deste prédio há quase sete anos, mas, ainda assim, a vista não me parece familiar.

– Muito bem – digo finalmente, com toda solenidade. – E que mais?

– Nada. Apenas achei que você deveria saber. – Lip espera. – Ainda estamos trabalhando no caso Polhemus?

– Tem alguma coisa melhor a fazer?

– Não, não tenho. Estiveram aqui hoje e levaram todos os meus relatórios. Para Morano, o chefe de polícia. – Ele quer dar uma olhada.

– E daí?

– Achei estranho. A sogra dele foi assaltada sob a mira de uma arma há três anos e ele nem quis ver os relatórios.

– Você entenderia isso se tivesse uma sogra. – Lip aceita meu humor conforme a intenção: uma oferenda, um pedido de desculpas por minha impaciência um momento antes. – Estão apenas querendo providenciar para que Nico esteja bem informado. O que é uma piada. Molto, provavelmente, vem recebendo cópias de todos os relatórios da polícia da seção de datilografia.

– É provável. Não tenho certeza. Mas alguma coisa não combinava. Schmidt veio pessoalmente. Muito sério. Como se alguém tivesse atirado no presidente.

– Querem apenas parecer competentes.

– Deve ser isso mesmo. Vou dar um pulo no Distrito Norte para concluir o exame daqueles arquivos. – Lip se refere aos registros que estamos procurando desde a minha visita à 32ª DP. – Prometeram que trariam o microfilme do depósito antes das 17 horas. Quero chegar lá antes que mandem de volta. Onde você estará esta noite, caso eu descubra alguma coisa?

Respondo que estarei na festa de Raymond, em algum lugar do hotel. Não há sentido agora

em correr com os resultados da investigação, mas Lip diz que passará por lá de qualquer maneira, quanto menos não seja para cumprimentá-lo. E comenta:

– Os irlandeses sempre fazem um bom velório.

A PREVISÃO DE LIPRANZER é confirmada. A banda toca alto. As moças que sempre estão por aqui ainda exibem a animação do evento, com faixas sobre o peito e chapéus da campanha equilibrados com perfeição sobre os penteados. Em tudo se lê horgan!, no verde-lima gaélico. Na frente, nos lados da plataforma do orador vazio, há duas ampliações de 3 metros de "a imagem". Vagueio pelo salão de baile, espetando bolinhos de carne e me sentindo muito mal.

Por volta das 19h30 subo para a suíte de Raymond no quinto andar. Várias pessoas da campanha circulam pelos cômodos. Há três bandejas de frios e algumas garrafas de bebida em cima de uma cômoda, mas recuso o convite para consumir. Deve haver dez telefones nos três cômodos, todos tocando.

As três emissoras de tevê locais já projetaram Della Guardia como o vencedor a esta altura. Larren – Juiz Lyttle – aproxima-se com um copo de uísque na mão, resmungando contra a pesquisa de boca-de-urna.

– É a primeira vez que vejo um corpo declarado morto antes mesmo de bater no chão.

Raymond, no entanto, está exuberante. Sentado em um dos quartos, assiste à televisão e fala ao telefone. Ao me ver, larga o telefone e vem me abraçar.

– Rozat – ele diz, meu nome de batismo.

Sei que o gesto foi repetido com 12 pessoas ou mais naquela noite, mas me sinto profundamente grato e comovido por ser incluído na família enlutada.

Eu me sento ao lado de Raymond, no banquinho para os pés da poltrona que ele ocupa. Há uma garrafa aberta de Jack Daniel's na mesinha ao lado da poltrona, assim como um sanduíche parcialmente comido. Raymond continua a falar ao telefone, conferenciando com Larren, Mike e Joe Reilly. Não me mexo. Recordo as noites em que sentava ao lado de meu pai enquanto ele assistia a um jogo transmitido pela televisão ou escutava rádio. Sempre pedia permissão antes de ocupar um lugar a seu lado no divã. Foram os momentos de maior intimidade que tivemos. Quando me tornei mais velho, meu pai tomava sua cerveja e de vez em quando me passava a garrafa. E ocasionalmente fazia um comentário em voz alta sobre o jogo.

A conversa acaba se desviando para o protocolo do reconhecimento. Raymond deve se comunicar com Della Guardia primeiro ou descer para falar ao seu público? Della Guardia, eles decidem. Mike diz que Raymond deve telefonar. Joe diz para enviar um telegrama.

– Essa não! – exclama Raymond. – O homem está no outro lado da rua. Darei um pulo até lá e apertarei sua mão.

Ele pede a Larren para providenciar tudo. Falará com Nico, depois fará seu discurso e voltará à suíte para conceder entrevistas aos repórteres. Não há motivo para tratá-los mal. Ele diz a Mac para começar a marcar as entrevistas a partir das 9h30. Às 10 horas, terá uma entrevista ao vivo com Rosenberg. Não havia notado a presença de Mac até este momento: quando se vira em sua cadeira, ela me diz uma única palavra:

– Triste.

Raymond pede para falar comigo a sós. Vamos para um quarto de vestir, entre os dois quartos de dormir da suíte, nada mais do que um closet grande, com um lavatório.

– Como você está? – pergunto.

– Já houve coisas que doeram mais. Amanhã será horrível. E no dia seguinte. Mas vamos sobreviver. Escute, Rusty. Sobre o que falei na outra noite: quando me encontrar com Nico, vou oferecer minha renúncia. Não quero dar o espetáculo do perdedor prestes a se aposentar. Prefiro

fazer uma saída de classe. Se Nico quiser disputar a eleição geral como encarregado, muito bem. Direi a ele que está livre para assumir o cargo, se o executivo do condado aprovar.

É uma piada. Bolcarro é o executivo do condado. O presidente do partido. Prefeito. O cara tem mais títulos do que o presidente de uma república de bananas.

Digo a Raymond que ele tomou uma sábia decisão. Olhamos um para o outro.

– Acho que devo lhe pedir desculpas, Rusty. Se houvesse um assistente que eu gostaria que assumisse o cargo, seria você. Eu deveria ter tentado dar um jeito para que isso acontecesse, em vez de disputar pessoalmente. Os caras me pressionaram muito para concorrer mais uma vez.

Aceno com a mão, sacudo a cabeça. Proíbo o pedido de desculpas.

Larren estica a cabeça.

– Eu estava dizendo a Rusty que nunca deveria ter concorrido de novo, que deveria dar a oportunidade a ele – explica Raymond. – Cara nova. Carreira como promotor. Apolítico. As coisas teriam sido diferentes, não concorda?

– Mas que merda! – diz o juiz. – Daqui a pouco vai me fazer acreditar nisso.

Todos rimos.

Larren relata sua conversa com o pessoal de Della Guardia. Falou com Tommy Molto, que aflorou esta noite como o ajudante-de-ordens da primária. Preferiam não ter um encontro pessoal esta noite. Molto e Nico querem falar com Raymond pela manhã.

– Dez horas – diz Larren. – Ele me disse, não perguntou. E disse também: por favor, cuide para que Raymond esteja sozinho. O que acha disso? Um chefete de merda. – Larren se entrega a um momento em particular com seu descontentamento. – Eu disse que você ligaria para Nico, a fim de fazer o reconhecimento formal. Quando estiver pronto.

Raymond pega o copo de uísque de Larren e toma um gole.

– Estou pronto.

A lealdade só vai até esse ponto. Não quero escutar. Retorno ao salão de baile.

Perto do bar, encontro com George Mason, um velho amigo de Raymond. Ele já está de porre. Ambos somos empurrados.

– Uma multidão e tanto – ele comenta.

Apenas perto do bar, penso. Mas guardo esse pensamento.

– Ele disputou com todo empenho – diz George. – Fez um bom trabalho. Vocês todos deveriam estar orgulhosos.

– E estamos – respondo. – Eu estou.

– O que você vai fazer agora? Abrir um escritório?

– Acho que sim, pelo menos por algum tempo.

– Advocacia criminal?

Quantas vezes já conversei sobre isso esta noite? Digo a George que provavelmente, verei, quem sabe. Tirarei umas férias, com toda certeza. George me dá seu cartão e me diz para procurá-lo. Talvez conheça algumas pessoas com as quais eu queira conversar.

Horgan aparece no salão de baile vinte minutos depois. Os idiotas da televisão abrem caminho até a frente, levantam suas câmeras, refletores e microfones, não dá para se ver muita coisa. Raymond está sorrindo e acenando. Duas filhas se encontram em sua companhia na plataforma. A banda toca uma cantiga irlandesa. Raymond acaba de dizer “Obrigado” pela terceira vez, está a meio caminho de aquietar a multidão quando alguém me segura o braço. Lipranzer. Parece mortificado por ter de abrir caminho pela multidão para me alcançar. Há muito barulho ali para falar: gente batendo os pés, gritando, assoviando. Algumas pessoas lá no fundo até começaram a dançar. Lipranzer aponta para fora e o acompanho sob uma placa de saída. E

terminamos, inesperadamente, numa viela ao lado do hotel. Lip se encaminha para um lampião. Quando o examino agora, percebo que alguma coisa está errada.

Ele parece quase desmoronado, comprimido por alguma preocupação. O suor brilha perto das têmporas. Daqui, posso ouvir a voz de Raymond lá dentro, mas não o que ele diz.

– A coisa toda é muito estranha – diz Lip. – Há algo pairando no ar. E muito errado.

– Por quê?

– Não sei. Mas estou recebendo vibrações como não acontecia há anos. Recebi um recado para comparecer ao gabinete de Morano, amanhã de manhã, às 8 horas, para ser entrevistado. Por Molto. Esse foi o recado. Não para conversar. Ou discutir. Para uma entrevista. Como se estivessem atrás de mim. E tem mais. Quando voltei esta noite, disseram-me que Schmidt recolheu os recibos de todas as provas que inventariei no caso Polhemus. Qualquer pergunta, falar com ele.

– Parece-me que você está fora do caso.

– Claro. Tudo bem. Mas tem mais. Apareci no Distrito Norte antes das 17 horas. Tudo isso aconteceu por volta das 18 horas, 18h30. E olhe o que encontrei lá.

Ele enfia a mão por dentro do blusão para alcançar o bolso da camisa. Mostra quatro ou cinco folhas de papel ofício, fotocópias. Documentos do tribunal. Reconheço o número do processo: é o que estava faltando na 32ª DP. A primeira folha é uma cópia da capa do processo. *O povo contra Leon Wells*. Um processo de atentado ao pudor. Arquivado por ordem do tribunal num dia de julho, há nove anos.

– Bingo – digo em voz alta.

– Veja esta página – diz Lip.

É uma ordem de fiança. Em nosso estado, um réu pode satisfazer a exigência de fiança em pequenos casos com a simples assinatura numa nota promissória, prometendo pagar uma quantia – fixada por lei em menos de 5 mil dólares – no caso de sua ausência. As únicas condições são de que se abstenha de cometer outros crimes e se comunique uma vez por semana, por telefone, com um agente do departamento de liberdade condicional do tribunal. A agente designada para o caso de Leon, segundo a ficha, foi Carolyn Polhemus. Seu nome e telefone estão ali.

– Espere um pouco. Aqui está o melhor.

Lip estende a última folha. É uma cópia da ordem de arquivamento do caso pelo tribunal. Tem a indicação de Petição para Arquivar o Processo Sem Restrições. Apresentada pelo promotor. “Raymond Horgan, Promotor Público do Condado de Kindle” está impresso na parte inferior da página. O assistente que cuida do caso tem de assinar. Não consigo entender a assinatura a princípio. E depois percebo quem é.

– Molto?

Lipranzer e eu continuamos parados sob o lampião por mais um momento, examinando os papéis. Quase não falamos. Há um tremendo estrépito lá dentro; e depois a banda recomeça a tocar “Quando olhos irlandeses estão sorrindo”. Raymond, eu presumo, admitiu a derrota.

Tento acalmar Lipranzer. Fique firme, digo a ele. Não temos certeza de coisa alguma.

– Fique com isso.

Ele me entrega as cópias dos documentos do tribunal.

Volto para o salão de baile. Lip se afasta sozinho, passando pelos detritos e latas de lixo na viela, desaparecendo na escuridão.

16

— E assim acabamos, e acabamos muito mal – eu disse a Robinson. – Uma semana, ela me viu menos. E na semana seguinte, nenhuma vez. Nem almoços, nem telefonemas, nem visitas à minha sala. Nada de “drinques”, como dizíamos tão graciosamente.

Eu sabia que ela prezava a independência. E a princípio tentei conter o pânico dizendo a mim mesmo que era apenas isso: uma demonstração de liberdade. Melhor não resistir. Mas a cada dia o silêncio me corroía e aumentava meu anseio patético. Sabia que ela estava apenas um andar abaixo. Não queria mais nada além de estar na mesma sala. Por três dias consecutivos fui ao Third Floor, na Morton, onde sabia que ela gostava de almoçar. No terceiro dia, ela apareceu – com Raymond. Não pensei em nada. Estava cego na ocasião. Não imaginava rivais. Permaneci sentado por meia hora, sozinho, remexendo folhas de alface na tigela de salada e olhando para uma mesa a 50 metros de distância. Sua tonalidade! Seus cabelos! Quando a sensação de sua pele me envolvia, eu sentava sozinho em alguma restaurante e me lamuriava.

Na terceira semana, não agüentava mais. Não precisei tomar coragem; apenas me deixei levar pelo impulso. Fui direto para a sala de Carolyn, às 11 horas. Não levava uma pasta de arquivo, um memorando ou qualquer item para servir de pretexto.

Ela não estava.

Fiquei parado ali, no batente, de olhos fechados, ardendo de humilhação e tristeza, sentindo que morreria de frustração.

E, quando assim ainda me encontrava, nessa pose, ela voltou.

Rusty, ela disse, jovialmente. Um alegre cumprimento. Passou por mim. Observei-a se inclinar para tirar uma pasta de arquivo da gaveta. Uma flecha ressequida de sensação me atravessou, pela maneira como a saia de tweed levantou atrás, deixando à mostra a suavidade das pernas na meia-calça. Ela estava ocupada. Parou junto à mesa, lendo as anotações na capa, batendo com um lápis num bloco.

“Eu gostaria de vê-la novamente”, eu disse.

Ela levantou os olhos. Sua expressão era solene. Contornou a mesa e estendeu uma das mãos além de mim para fechar a porta.

E falou imediatamente.

Acho que não é uma boa idéia. Não agora. Não é certo para mim agora, Rusty. Ela tornou a abrir a porta.

Voltou para trás da mesa. Concentrou-se no trabalho. Ligou o rádio. Não olhou para o lugar em que permaneci parado por mais alguns momentos.

Não creio que eu tenha acreditado por um instante sequer que Carolyn Polhemus me amasse. Pensei apenas que a agradava. Minha paixão, minha obsessão a lisonjeavam e expandiam. E assim não sofri rejeição; não fui devastado pela dor. Quando finalmente me ocorreu que poderia ter um sucessor, não acalentei fantasias de sua destruição. Teria concordado em partilhar. Estava arrasado pela negativa, pelo anseio. Queria apenas o que já tivera. Ansiava por Carolyn e minha liberação nela de uma maneira que não acabava.

Nunca acabou para mim. Não havia nada para fazer terminar. A disposição de Carolyn sempre fora apenas secundária, conveniente. Eu queria minha paixão, em seus grandes momentos exultantes, a consumação ardente do meu culto, minha servidão. Não ter isso era, de certa forma, estar morto. Eu ansiava. Ansiava! Passava noites sentado na cadeira de balanço

imaginando Carolyn, sufocado de compaixão por mim mesmo.

Minha vida parecia ter explodido naquelas semanas. Perdi o senso de proporção; meu julgamento assumiu os exageros grotescos de uma caricatura cruel. Uma garota de 14 anos fora seqüestrada, metida como mercadoria no porta-malas do carro do réu, sodomizada de uma maneira ou outra a cada uma ou duas horas, durante três dias, depois espancada por ele, cegada (a fim de não poder fazer uma identificação) e abandonada para morrer. Li os relatórios sobre o caso, compareci a reuniões em que as provas foram discutidas. E pensava em mim mesmo todo o tempo, sofria por Carolyn.

Em casa, fiz a confissão absurda para Barbara, chorei à mesa do jantar, as lágrimas caindo no copo de uísque. Tenho coragem de dizer isso? Eu queria sua compaixão. Aquele instante louco e egocêntrico, como era de se esperar, agravou meu sofrimento. Barbara não suportaria a visão em mim de qualquer dor visível. Não me restava agora qualquer lugar. No trabalho, não fazia nada. Observava os corredores, à espera de um vislumbre de Carolyn passando. Em casa, minha mulher era agora uma carcereira, desafiando-me, com a ameaça do fim iminente da vida familiar, a exibir qualquer sinal de necessidade. Passei a fazer caminhadas. Dezembro virou janeiro. A temperatura baixou quase a zero e assim permaneceu por algumas semanas. Arrastava-me por nossa cidadezinha horas a fio, o cachecol sobre o rosto, a beira de pele do casaco ardendo quando encostava na parte exposta da testa e da face. Minha própria tundra. Minha Sibéria. Quando terminaria? Eu queria apenas ter, ou, se não tivesse, encontrar alguma paz.

Carolyn me evitava. Era tão hábil nisso quanto em muitas outras coisas. Enviava-me memorandos, deixava recados pelo telefone com Eugenia. Não ia às reuniões a que eu deveria comparecer. Tenho certeza de que a levei a isso, que nos momentos em que nos víamos ela podia perceber minha expressão patética e faminta.

Em março, liguei para ela, de casa. Aconteceu algumas vezes. Ela preparara um indiciamento num caso de reincidência, com acusações complexas, remontando à década de 1960. Disse a mim mesmo que seria mais fácil discutir os problemas legais envolvidos sem as interrupções do escritório. Esperei Nat dormir e Barbara se encerrar no útero fechado de seu estúdio, de onde eu sabia que nunca poderia me ouvir telefonando. Procurei o número de Carolyn na pequena lista mimeografada que Mac distribuía, contendo os telefones de todo o pessoal da promotoria. Não precisava olhar para recordar o número, mas suponho que naqueles momentos de compulsão encontrava alguma estranha satisfação em ver seu nome impresso. Prolongava, de certa forma, a combinação; significava que minha fantasia era real. Assim que ouvi a voz de Carolyn, compreendi como minhas desculpas haviam sido falsas. Não fui capaz de emitir um único som.

Alô? Alô?

Derreti quando a ouvi falar num tom sem censura. Quem ela estaria esperando agora?

Cada vez que ligava, tinha certeza de que o orgulho me levaria a dizer uma ou duas palavras. Planejava meticulosamente a conversa antes. Comentários jocosos para demovê-la da indiferença ou da tristeza. Declarações sinceras para o instante em que receberia a metade de uma chance. Só que não conseguia fazer com que nada disso acontecesse. Ela atendia e eu esperava num poço ardente de vergonha. Lágrimas me afloravam aos olhos. Sentia um aperto no coração.

Alô? Alô?

Ficava aliviado quando ela batia o telefone, quando eu rapidamente guardava a lista na mesa do vestíbulo.

Carolyn sabia, é claro, que era eu. Havia provavelmente algo desesperado e suplicante em

minha respiração. Numa noite de sexta-feira, no final de março, sentei no Gil's, terminando um drinque que começara com Lipranzer, antes de ele ir para casa. Descobri-a me contemplando pelo espelho por trás do balcão. Seu rosto pairava por cima das garrafas de uísque; os cabelos haviam sido feitos pouco antes, ainda lustrosos e duros. A ira em seu olhar era cruel.

A farsa foi muito mais fácil. Desviei o olhar de Carolyn e disse ao *bartender* que lhe servisse um Old-Fashioned. Ela disse não, mas ele não ouviu. Ela esperou até que o homem trouxesse o drinque. Estava de pé. Eu continuava sentado. O tumulto intenso da noite de sexta-feira no Gil's prosseguiu a nosso redor. A vitrola automática berrava, os risos eram desenfreados. O clima era o quente das sextas-feiras, a fragrância de sexualidade aflorando depois da contenção da semana. Terminei a cerveja e, finalmente, graças a Deus, encontrei força para falar.

Sou como um garoto, eu disse a ela. Falava sem olhar em sua direção. Estou contrariado demais neste momento, sentado aqui, quero ir embora. E na maior parte do tempo penso que a única coisa que quero na vida é conversar com você.

Levantei os olhos para descobrir como ela estava reagindo e constatei que sua expressão era basicamente indiferente.

É isso o que venho fazendo há meses, passando por você. Não é nada sensacional, não é mesmo?

É seguro, disse ela.

Não é sensacional, repeti. Mas sou inexperiente. Gostaria de ter esse ar de fastio, esse sentimento de "E daí?", mas não estou conseguindo, Carolyn. Fiquei noivo quando tinha 22 anos. E pouco antes do casamento tomei um porre e comi uma mulher numa caminhonete, atrás do bar. É isso aí, eu disse, é toda a história das minhas infidelidades, minha vida de paixões desvairadas. Estou morrendo. Neste exato momento. Sentado na porra deste banco de bar, estou praticamente morto. Gosta disso? Estou tremendo. Meu coração disparou, precisarei de ar. Não é nada sensacional, não é mesmo?

E o que você quer de mim, Rusty? Era a sua vez agora, olhando para o espelho.

Alguma coisa, respondi.

Conselho?

Se isso for tudo o que eu puder receber.

Ela pôs o copo no bar. Pôs a mão em meu ombro. Fitou-me diretamente pela primeira vez.

Cresça, ela disse, afastando-se em seguida.

– E por um instante, ali – eu disse a Robinson –, senti o desejo mais desesperado de que ela estivesse morta.

17

Tommy Molto tinha no escritório o apelido de Monge Doido. É um ex-seminarista quase chegando ao 1,70 metro, com sorte, 15 ou 20 quilos de excesso de peso, todo bexiguento, as unhas roídas até o sabugo. Uma personalidade compulsiva. O tipo que passa a noite inteira trabalhando num sumário, passa três meses sem tirar um fim de semana de folga. Um advogado competente, mas prejudicado pela pobreza de julgamento do fanático. Como promotor, sempre

me pareceu que tentava determinar os fatos, em vez de compreendê-los. Arde numa temperatura muito alta para valer grande coisa diante de um júri, mas foi um bom assistente para Nico – reúne as qualidades de disciplina de que Della Guardia carece. Ele e Delay são colegas desde a escola primária, em St. Joe's. A sociedade dos carcamanos. Molto é um dos caras que foram incluídos antes de a turma ter idade suficiente para se preocupar com quem estava por dentro das coisas. A vida pessoal de Tommy é um enigma. Ele é solteiro e nunca o vi com uma mulher, o que inspira a conjetura inevitável; mas, se eu fosse dar um palpite, diria que ele ainda é celibatário. Aquela intensidade singular parece ter uma fonte subterrânea.

Tommy, como sempre, está sussurrando para Nico com veemência quando passo pela recepção. Houve a maior movimentação no escritório, arquivistas e secretárias correndo para a janela da recepcionista, a fim de ver como parece o novo chefe. Como se pudessem ter esquecido em nove meses. O pessoal da televisão acompanhou Nico até aqui em cima, fez tomadas de Nico e Tommy sentados em cadeiras de madeira, esperando para se encontrarem com Horgan, mas isso agora já passou. Os repórteres se dispersaram e dois deles parecem desamparados quando passo. Nico nem mesmo tem sua flor. Não posso resistir a espicaçar Molto.

– Tommy Molto – eu digo. – Tivemos um cara com esse nome que trabalhava aqui, mas pensamos que ele podia estar morto. Continue a telefonar e escrever, Tom.

A caçoada, que fiz com o maior bom humor, não apenas parece cair mal, mas também inspira uma expressão de horror. As sobrancelhas espessas se unem e Molto até parece se encolher quando lhe estendo a mão. Tento aliviar a tensão, virando-me para Delay. Ele aceita meu aperto de mão, embora também pareça um tanto relutante em receber minhas congratulações.

– Jamais direi que você não me avisou antes – admito.

Nico não sorri. Ao contrário, olha para o outro lado. Está bastante contrafeito. Não sei se a campanha deixou uma esteira de amargura ou se Delay, como tantos de nós, está simplesmente apavorado, agora que conseguiu o que tanto queria.

De uma coisa tenho certeza depois deste encontro: Nico não fará o convite para manter meus serviços. E tomo a providência de ligar para o arquivo e pedir que me providenciem algumas caixas. Mais tarde, ainda pela manhã, ligo para Lipranzer no McGrath Hall. Seu telefone, que nunca responde quando ele não se encontra lá, é atendido por alguém cuja voz não reconheço.

– 34068.

– Dan Lipranzer?

– Não está. Quem deseja falar, por favor?

– Quando ele deve voltar?

– Quem está falando?

– Não há recado.

Desligo e vou bater à porta adjacente, para saber o que Mac acha de tudo isso. Ela não está. Pergunto a Eugenia para onde foi e ela me diz que Mac está na sala de Raymond, em reunião, como explica, "com o Sr. Della Guardia". E lá se mantém há quase uma hora. Paro ao lado da mesa de Eugenia, combatendo minha amargura. Em tudo e por tudo, a situação mudou. Nico é agora o Sr. Della Guardia. Mac está em sua equipe até assumir o cargo de juíza. Raymond vai enriquecer. Tommy Molto ocupará meu lugar. E terei sorte se no próximo mês puder pagar a hipoteca da casa.

Ainda estou parado junto de Eugenia quando o telefone toca.

– O Sr. Horgan deseja lhe falar – ela anuncia.

APESAR DE TODAS AS CENSURAS firmes que fiz a mim mesmo enquanto marchava pelo corredor, o ímpeto juvenil de sensação que experimento ao me deparar com Nico na cadeira do promotor público me espanta. Sou imobilizado pelos sentimentos de raiva, ciúme e repulsa. Nico assumiu um ar perfeito de proprietário. Tirou o paletó e o rosto se mostra controlado e grave, uma expressão que compreendo ser completamente artificial, pois eu o conheço muito bem. Tommy Molto está sentado a seu lado, a cadeira recuada alguns centímetros na sala. Fico impressionado por constatar que Tommy já dominou a arte de ser um bajulador.

Raymond gesticula para que eu sente. Diz que na realidade a reunião agora é de Nico, por isso ofereceu-lhe sua cadeira. O próprio Raymond fica de pé ao lado do sofá. Mac rolou sua cadeira até a janela e olha para fora. Ainda não me cumprimentou e percebo agora, por sua atitude, que Mac gostaria de estar em qualquer outro lugar que não ali. O velho adágio: mais difícil para ela do que para mim.

– Tomamos algumas decisões aqui – diz Raymond.

Ele se vira para Della Guardia. Silêncio. Delay, em seu primeiro trabalho como promotor público, não sabe o que dizer.

– Talvez eu deva explicar essa parte primeiro – acrescentou Raymond.

Ele está extremamente sombrio. Conheço sua expressão forçada bastante bem para saber que está furioso e esforçando-se ao máximo para manter o controle. Pode-se dizer, apenas pelo clima, que houve contusões na reunião anterior.

– Falei ontem à noite com o prefeito e lhe disse que não tinha desejo de permanecer no cargo, à luz das preferências dos eleitores. Ele me sugeriu que nesse caso deveria passá-lo para Nico, se ele quiser assumir mais cedo. Ele quer... e, portanto, é o que vai acontecer. Com a concordância do Conselho do Condado, deixarei o cargo na sexta-feira.

Não posso me conter.

– Sexta-feira!

– É um pouco mais rápido do que eu previa, mas há determinados fatores...

Raymond pára. Há algo insólito em seu comportamento. Está se debatendo. Desliza até o aparador e procura por alguma coisa ali. Endireita os papéis na mesinha. É evidente que se encontra angustiado. Resolvo facilitar a situação para todos.

– Nesse caso, também me afastarei. – Nico fez menção de falar, mas não deixo e acrescento: – Será melhor se tiver um começo inteiramente novo, Delay.

– Não é isso o que eu ia dizer. – Nico levanta-se. – Quero que saiba por que Raymond está saindo tão cedo. Haverá uma investigação criminal em sua equipe. Temos informações... algumas nos chegaram durante a campanha, mas não quisemos entrar nesse argumento de sarjeta. Mas temos informações e achamos que há um problema grave.

Estou confuso com a ira aparente de Nico. Especulo se fala a respeito do Arquivo B. Talvez haja alguma razão para a ligação de Molto com aquele caso.

– Deixe-me explicar – diz Raymond. – Rusty, acho que a melhor maneira de lidar com a situação é ser direto. Nico e Tom levantaram algumas dúvidas sobre a investigação do caso Polhemus. Não estão confiantes na maneira como você vem conduzindo os trabalhos. E concordei agora em ficar de lado. Eles podem examinar o caso da maneira que julgarem melhor. Tudo ficará a critério do julgamento profissional deles. Mas Mac sugeriu... bom, todos concordamos que você deveria ser informado da situação.

Espero. O senso de alarme espalha-se por mim antes do instante de compreensão.

– Estou sob uma investigação criminal?

Solto uma risada. Do outro lado da sala, Mac finalmente fala:

– Não tem nada de engraçado, McGee. – Não há humor em sua voz.

– Tudo isso é besteira – eu digo. – O que esperavam que eu fizesse?

– Rusty – intervém Raymond –, não precisamos desse tipo de discussão agora. Nico e Tom acham que há algumas coisas que você deveria ter falado. Isso é tudo.

– Isso não é tudo – diz Tommy Molto subitamente. Seu olhar é penetrante. – Acho que você se lançou na direção errada, escondeu a bola, ficou fazendo rodeios, há quase um mês. Estava querendo se resguardar.

– E eu acho que você está doente – declaro a Tommy Molto.

Mac virou sua cadeira de rodas.

– Não precisamos disso – ela protesta. – Esta discussão deve ocorrer em outro lugar, com outras pessoas.

– Não me venham com essa – eu digo. – Quero saber logo do que se trata.

– Trata-se do fato de que você esteve no apartamento de Carolyn na noite em que ela foi morta – diz Molto.

Meu coração bate tão forte que a visão se torna desfocada. Esperava que alguém me punisse pela ligação com a falecida. Mas isso é incompreensível. E é o que digo. Ridículo. Besteira.

– Quando foi mesmo? Numa noite de terça-feira? Barbara está na universidade e eu fico tomando conta de meu filho.

– Rusty – diz Raymond –, meu conselho é para que você mantenha fechada a porra da boca.

Molto está de pé. Aproxima-se de mim, ameaçador. Mostra-se furioso.

– Temos os resultados das impressões digitais. As que você nunca se lembrou de pedir. E são suas as impressões no copo. Suas. Rozat K. Sabich. Bem naquele copo no bar. A 1,50 metro do lugar em que a mulher foi encontrada morta. Talvez você não tenha se lembrado a princípio de que todos os funcionários do condado devem tirar as impressões digitais.

Levanto-me.

– Isso é um absurdo.

– E os RLUs que você pediu a Lipranzer para esquecer? Os de sua casa? Obtivemos da companhia telefônica esta manhã. Estão a caminho daqui neste momento. Você ligou para ela durante todo o mês. Há uma ligação de sua casa naquela noite.

– Acho que já ouvi demais. Com licença.

Chego à saleta de Loretta quando Molto me chama. Ela me acompanha até a ante-sala. Posso ouvir Della Guardia gritando o nome de Molto.

– Quero que tenha certeza de uma coisa, Sabich. – Ele me aponta um dedo. – Eu sei.

– Claro que sabe.

– Vamos pedir um mandado contra você no primeiro dia em que nos instalarmos aqui. É melhor você arrumar um advogado, cara, e que seja dos bons.

– Para a sua teoria de merda de um caso de obstrução?

Os olhos de Molto estão ardendo.

– Não finja que não está entendendo. Eu sei. Você a matou. É o nosso cara.

Raiva; como se o sangue acelerasse; como se as veias estivessem cheias apenas com aquele veneno negro. Quão antigo e familiar, quão perto do meu ser parece. Chego perto de Tommy Molto. E sussurro.

– Isso mesmo, você está certo.

E me afasto.

Verão

TRIBUNAL SUPERIOR DO CONDADO DE KINDLE

	)	
	)	
O POVO	)	–––––––––––––––––––
CONTRA	)	VIOLAÇÃO
ROZAT K. SABICH	)	Seção 76610 E.R.E.
	)	
	)	

O GRANDE JÚRI DO CONDADO DE KINDLE, SESSÃO DE JUNHO, formula a seguinte acusação:
A ou por volta de 1º de abril deste ano, no foro do Condado de Kindle,

ROZAT K. SABICH

réu aqui indiciado, cometeu homicídio em primeiro grau por ter agido conscientemente, intencionalmente e com abuso de força e armas da pessoa de Carolyn Polhemus, assim tirando a vida da referida Carolyn Polhemus;

Em violação da Seção 76610, os Estatutos Revisados do Estado.

O referido é verdade e dou fé:

_____
Joseph Doherty, Primeiro Jurado
Grande Júri do Condado de Kindle
Sessão de junho

_____
Nico Della Guardia
Promotor Público do Condado de Kindle

Feito no vigésimo terceiro dia de junho

[CARIMBO]

18

— Os documentos e relatórios estão na frente, os depoimentos das testemunhas, atrás – diz Jamie Kemp, ao pôr uma pesada caixa de papelão sobre o verniz impecável da mesa de reunião de nogueira.

Estamos na pequena sala de reunião do escritório de seu patrão, Alejandro Stern, meu advogado. Kemp está suando. Andou dois quarteirões ao sol de julho, desde o prédio do condado, trazendo esses papéis. A gravata azul-marinho entortou no colarinho e parte dos cabelos louros, num penteado ao estilo Príncipe Valente, uma afetação que sobrou dos dias mais jovens, gruda nas têmporas.

– Vou verificar os recados telefônicos e depois voltarei para examinar essas coisas com você. E não se esqueça... – Kemp aponta. – Não entre em pânico. Os advogados de defesa têm um nome para o que está sentindo. Chamam de *clong*.

– E o que é *clong*?

– O fluxo de merda para seu coração quando vê as provas do Estado. – Kemp sorri. Fico contente por ele pensar que ainda posso aceitar uma piada. – Não é fatal.

Estamos no dia 14 de julho, três semanas desde o indiciamento pelo assassinato de Carolyn Polhemus. Esta tarde deverei comparecer à presença do presidente do Tribunal Superior, Juiz Edgar Mumphrey, para a denúncia. Pelos estatutos estaduais que regem a revelação pública em casos criminais, a promotoria é obrigada, antes da denúncia, a colocar à disposição da defesa todas as provas físicas que tenciona apresentar, assim como uma lista das testemunhas, incluindo cópias de seus depoimentos. É o que contém esta caixa. Olho para a etiqueta familiar, colada no papelão: O POVO CONTRA ROZAT K. SABICH. Sou outra vez dominado pelo sentimento: isso não aconteceu. Sozinho, nesta sala confortável, com seus lambris escuros e fileiras de livros de direito encadernados em vermelho, espero passar essa combinação agora familiar de temor e anseio.

Há outra cópia do indiciamento na frente da caixa. Sempre focalizo as mesmas palavras. Abuso de força e armas. Abuso *vi et armis*, uma expressão do direito consuetudinário. Com essas mesmas palavras, por séculos, nos países de língua inglesa, pessoas foram acusadas de atos de violência. A expressão é arcaica, há muito abandonada na maioria das jurisdições, mas consta do nosso código estadual e lê-la aqui sempre me deixa com a sensação de uma herança bizarra. Estou equiparado aos grandes astros do crime, John Dillinger, Barba Azul, Jack, o Estripador, assim como milhões de figurantes menores, os meio loucos, oprimidos, pervertidos, os muitos que se renderam à terrível tentação de um momento, a um instante em que tomaram conhecimento de nossa natureza mais selvagem, nosso lado mais tenebroso.

Depois de dois meses de vazamento diário para a imprensa de rumores, insinuações, intrigas cruéis, declarei resoluto que seria um alívio se viesse logo um indiciamento. Estava enganado. No dia anterior, Delay mandou para Stern o que é conhecido como “cópia de cortesia” do réu. Li primeiro as acusações a cerca de 12 metros daqui, ao final do corredor, na sala decorada com bom gosto de Sandy, em tons pastel; meu coração e todos os outros órgãos pararam de funcionar

no mesmo instante, a dor foi tão intensa que tive certeza de que alguma coisa naquelas regiões estourara. Pude sentir o sangue se esvair do rosto e compreendi que meu pânico era visível. Tentei dar a impressão de que mantinha o controle da situação, não para demonstrar coragem, mas porque descobria subitamente que era a única alternativa.

Sandy estava a meu lado no sofá e mencionei Kafka para ele.

– Parece horrível e banal dizer que não posso acreditar nisso? – indaguei. – Que estou cheio de incompreensão e raiva?

– Claro que não – respondeu Sandy. – Eu, que exerço a advocacia criminal nesta cidade há trinta anos, também não sou capaz de acreditar e a esta altura pensava que já tinha visto tudo. Mas tudo mesmo. E não digo isso levianamente. Tive um cliente, Rusty, não posso revelar seu nome, é claro, que um dia pôs 25 milhões de dólares em barras de ouro exatamente no lugar em que você está sentado agora. Apenas as barras, mais de meio metro de altura. E eu, que já vi essas coisas, sento em casa à noite e penso: isso é mesmo extraordinário e assustador.

Partindo de Sandy, as palavras tinham profundidade, a envergadura de uma sabedoria autêntica. Com o suave sotaque hispânico, há uma elegância até mesmo no som de sua fala comum. Ele possui uma dignidade tranqüilizadora. Com o tempo, descobri que acompanho ansioso, como um amante, cada gesto cortês.

– Rusty – Sandy me disse, tocando no papel que eu tinha na mão –, você não se referiu à única coisa... – Ele fez uma pausa, procurando a palavra – ... que é animadora.

– E o que é?

– Não há aviso. Não há qualquer comunicado do Parágrafo 5.

– Ah...

Um calafrio percorreu-me o corpo. Em nosso estado, a promotoria deve comunicar, por ocasião do indiciamento, se vai solicitar a pena de morte. Apesar de todos os meus cálculos meticulosos sobre as intenções de Delay, ao longo dos meses, alguma zelosa defesa interna impedira minha mente de sequer aventar essa possibilidade. Creio que minha expressão revelou algum constrangimento, até humilhação, por já me encontrar tão desligado das perspectivas profissionais rotineiras.

– Presumi – balbuciei.

– Claro, claro. – Sandy sorriu gentilmente. – Temos esses hábitos.

A CONSELHO DE SANDY, não estávamos na cidade quando o indiciamento foi oficializado. Barbara, Nat e eu fomos para uma cabana de amigos dos pais dela, perto de Skageon. À noite, podia-se ouvir o barulho de Crown Falls, as cataratas a 1,5 quilômetro de distância, e a pesca de truta foi melhor do que em qualquer outra ocasião que eu pudesse recordar.

Mas é claro que a calamidade a 650 quilômetros ao sul nunca me saía da cabeça. No dia seguinte, George Leonard, do *Trib*, descobriu de alguma forma o telefone da cabana e pediu-me um comentário. Encaminhei-o a Stern. Mais tarde, entrei na cabana para ouvir Barbara conversando com a mãe. Depois que ela desligou, perguntei, sentindo de certa forma que era isso o que deveria fazer:

– A notícia se espalhou?

– Por toda parte. Televisão. Jornais. Primeira página. Fotos. Seu velho colega Delay divulgou todos os detalhes sujos.

O que ainda se encontrava aquém da realidade. Meu caso é o assunto maior dos tablóides de supermercado: PROMOTOR ACUSADO DE HOMICÍDIO – MANTINHA ROMANCE COM A VÍTIMA. Sexo, política e violência misturam-se no Condado de Kindle. Não apenas a imprensa local noticiou o caso por dias, mas também os veículos de comunicação nacionais. Por curiosidade, comecei a ler

os relatos. A biblioteca em Nearing possui uma excelente seção de periódicos e eu tinha pouco a fazer durante o dia. A conselho de Stern, recusei-me a renunciar ao cargo de promotor-assistente e fui colocado em licença administrativa remunerada, por tempo indeterminado. Em decorrência, tenho passado mais tempo na biblioteca do que poderia esperar. Junto-me aos velhos e às mulheres, desfrutando o silêncio e o ar-condicionado, enquanto inspeciono os relatos nacionais de meu caso. *The New York Times*, como sempre, descreveu secamente os fatos, referindo-se a todos como "senhor" e expondo as circunstâncias grotescas. Surpreendentemente, foram as revistas noticiosas nacionais, *Time* e *Newsweek*, que se empenharam ao máximo para criar um clima sensacionalista. Cada artigo era acompanhado pela mesma foto, tirada por algum idiota que vi espreitando das moitas por dois dias. Stern acabou me aconselhando a sair e deixá-lo bater a foto, sob a condição de que ele prometesse distribuí-la. Deu certo. As unidades de Minicam, que, segundo os vizinhos, se mantiveram acampadas diante da casa por uma semana, enquanto nos escondíamos perto de Skageon, ainda não voltaram.

Na prática, isso não faz muita diferença. Depois de 12 anos em que atuei em alguns dos maiores casos da cidade, os jornais e emissoras de tevê me focalizaram o bastante para mostrar meu rosto por toda parte. Não posso andar por Nearing sem suportar olhares intermináveis. Há agora uma hesitação permanente no comportamento de todos, umas poucas frações de um segundo perdidas antes de um cumprimento. Os comentários de conforto oferecidos, bem poucos, são ridículos e ineptos – a faxineira dizendo "Coisa terrível" ou o frentista adolescente do posto de gasolina indagando se sou mesmo eu a pessoa sobre a qual tem lido no jornal. Outra coisa que me agrada na biblioteca é que ninguém tem permissão para falar.

E como me sinto, tão subitamente caído, derrubado da posição de cidadão exemplar para me tornar um pária? Dizer que não há palavras é inexato. Há palavras, mas seriam demais. Meu espírito aderna violentamente. A ansiedade é corrosiva e passo muito tempo num misto de raiva e incredulidade. Na maior parte do tempo, há um torpor – uma sensação de refúgio vazio. Mesmo na preocupação por Nat, como tudo isso poderá prejudicar seu futuro, o pensamento que aflora é o de que aconteceu, em última análise, apenas comigo. Eu sozinho sou a maior vítima. E, até certo ponto, posso suportar isso. Adquiri mais do fatalismo de meu pai do que imaginava; um lado meu sempre viveu sem fé na razão e na ordem. A vida é apenas experiência; por razões que nem sempre são discernidas prontamente, tentamos continuar. Há ocasiões em que me espanto por estar aqui. Passei a observar meus sapatos enquanto caminho pela rua, pois o fato de que estou em movimento, vou a algum lugar, faço alguma coisa, impressiona-me, nos momentos mais inesperados, como espantoso. E que no meio desse infortúnio a vida continue parece algo bizarro.

E, acima de tudo, estou assim, flutuante e remoto. Claro que também consumo muito tempo a especular por que isso ocorreu. Mas descubro que, em algum ponto ao longo do caminho, cessa minha capacidade de análise. A especulação parece me levar a uma periferia escura e assustadora, à beira de um vórtice negro de paranóia e raiva, do qual até agora tenho recuado prontamente. Sei que em alguns níveis não posso absorver muito mais e simplesmente não o faço. Em vez disso, preocupo-me com o momento em que tudo acabará e qual será o resultado. Quero, com um desespero cujo tamanho não pode ser abrangido pela metáfora, quero que tudo isso nunca tenha acontecido; quero que as coisas sejam como antes... antes de permitir que minha vida fosse devastada por Carolyn e tudo o que se seguiu. E há também a ansiedade corrosiva por Nat: o que lhe acontecerá? Como poderá ser resguardado? Como posso protegê-lo da vergonha? Como fui capaz de levá-lo à beira de se tornar, para todos os propósitos, meio órfão? São esses, sob alguns aspectos, os piores momentos: a frustração furiosa e agressiva, o senso de

incompetência, as lágrimas. E depois, uma ou duas vezes, nas últimas semanas, um sentimento extraordinário, mais leve do que o ar, mais tranqüilizante do que uma brisa, uma esperança que parece se insinuar sem explicação e que me deixa com a impressão de que subi em um parapeito muito alto e tenho a coragem de olhar para a frente.

O CASO CONTRA MIM, pelo que avalio do conteúdo da caixa de papelão, é direto. Nico relacionou meia dúzia de testemunhas sólidas, mais da metade relacionada às provas concretas e científicas que planeja apresentar. Lipranzer será chamado, aparentemente para contar que eu o instruí a não citar os telefonemas do número de minha casa. A Sra. Krapotnik identificou-me como alguém que viu no prédio de Carolyn, embora não tenha certeza se sou o estranho que observou na noite do crime. Também está relacionada uma criada de Nearing, cujo depoimento um tanto enigmático sugere que me viu perto do ônibus Nearing-Centro, numa noite próxima ao assassinato de Carolyn. Raymond Horgan está relacionado; Tommy Molto; Eugenia, minha secretária; Robinson, o psiquiatra que procurei algumas vezes; e diversos peritos científicos, inclusive Indolor Kumagai.

Mesmo assim, é obviamente um caso circunstancial. Ninguém dirá que me viu matar Carolyn Polhemus. Ninguém confirmará minha confissão (se não se considerar Molto, cujo memorando arquivado pretende tratar meu último comentário com ele, naquela quarta-feira em abril, como tal, se não tivesse sido feito em tom de vá-se-foder). A base do caso está nas provas físicas: o copo com duas de minhas impressões digitais, identificadas das conhecidas que tirei há 12 anos quando me tornei promotor-assistente; os registros telefônicos, mostrando uma ligação de minha casa para Carolyn, cerca de uma hora e meia antes do crime; o exame vaginal, revelando a presença na genitália de Carolyn de espermatozóides do meu tipo sangüíneo, frustrados em sua urgente e cega migração por um composto anticoncepcional, cuja existência sugere um ato sexual consensual; e, finalmente, as fibras cor de malte de Zorak V encontradas nas roupas de Carolyn e também no cadáver, espalhadas pelo apartamento, que combinam com amostras recolhidas do carpete em minha casa.

As duas últimas provas decorreram da visita à minha casa de três patrulheiros estaduais, que ocorreu um ou dois dias depois da reunião da Quarta-feira Negra, como Barbara e eu agora a chamamos, na sala de Raymond. A campainha da porta tocou e lá estava Tom Nyslenski, que nos últimos seis anos, pelo menos, vem apresentando intimações para o gabinete da promotoria. Eu ainda me encontrava tão desfocado que minha reação inicial foi de suave satisfação ao vê-lo.

Não gosto de estar aqui, ele disse. Depois me entregou duas intimações do grande júri: uma, para apresentar uma prova material – espécime de sangue – e, outra, para depor. Também tinha um mandado de busca, autorizando os patrulheiros a recolherem amostras de carpetes por toda casa e de cada peça de roupa que eu possuía. Barbara e eu sentamos na sala de estar, enquanto os três homens de uniforme bege circulavam de cômodo em cômodo, com pequenos sacos de plástico e tesouras. Passaram uma hora em meu closet, cortando pedaços mínimos das costuras. Nico e Molto haviam sido bastante espertos para não procurarem pela arma do crime também. Um profissional da justiça saberia que não deveria manter a arma por perto. E, se os patrulheiros procurassem, os promotores teriam de admitir no tribunal que não fora encontrada.

A coisa que tem aqui se chama Zorak V?, perguntei a Barbara, baixinho, enquanto os patrulheiros estavam lá em cima.

Não sei o que é, Rusty. Barbara, como sempre, parecia dar muito valor a manter a compostura. A expressão estava um pouco contraída, meio irritada, mas não pior do que isso. Como se houvesse garotos de 14 anos soltando bombinhas na rua tarde da noite.

É sintético?, perguntei.

Acha que temos condições de comprar tapetes de lã?, ela respondeu.

Telefonei para Stern, que me mandou fazer um inventário de tudo o que eles levassem. No dia seguinte, voluntariamente, forneci uma amostra de sangue na chefatura. Mas nunca prestei depoimento. Stern e eu tivemos uma discussão séria a respeito. Sandy repetiu a sabedoria aceita de que o alvo de uma investigação não tem qualquer proveito com um depoimento antes do julgamento, o único resultado sendo o de preparar o promotor para a defesa. À sua maneira gentil, Stern lembrou-me do dano que eu já causara com minha explosão no gabinete de Raymond. Mas, ao final de abril, ainda não indiciado, e convencido de que nunca seria acusado, meu objetivo era impedir que o episódio absurdo prejudicasse minha reputação. Se eu me recusasse a depor, como tinha o direito de fazer, o fato provavelmente nunca chegaria aos jornais, mas todos os advogados no gabinete da promotoria saberiam e, por intermédio deles, os outros na rua. A opinião de Sandy prevaleceu quando chegaram os resultados do exame de sangue e me identificaram como um segregador – isto é, alguém que produzia anticorpos tipo A, tal como o último homem que estivera com Carolyn. A possibilidade de ser uma coincidência era de uma em dez. Compreendi que passara minha última oportunidade de me livrar rapidamente da acusação. Tommy Molto recusou-se a aceitar meu pedido de isenção numa tarde desolada de maio e eu, como tantos outros de quem muitas vezes escarnecera, compareci ao grande júri, uma sala pequena e sem janelas, parecendo uma sala de projeção, e repeti em resposta a 36 perguntas diferentes:

– A conselho de meu advogado, eu me recuso a responder, porque isso pode me incriminar.

– E ENTÃO? – indaga Sandy Stern. – O que acha de ver o mundo do outro lado?

Absorvido nos mistérios da caixa de papelão, não notei quando ele entrou na sala. Sandy fica de pé, uma das mãos na maçaneta da porta, um homem baixo, arredondado, num terno impecável. Há apenas uns poucos fios de cabelo espalhando-se pelo couro cabeludo lustroso irradiando-se do que fora outrora um bico-de-viúva. Há um charuto entre os dedos. É um hábito do qual ele só desfruta no escritório. Seria descortês num lugar público e Clara, sua mulher, proíbe em casa.

– Eu não o esperava de volta tão cedo, Sandy.

– O cronograma do Juiz Magnuson não é fácil. Como era de se esperar, a sentença só sairá mais tarde. – Ele está se referindo a outro caso sob os seus cuidados. Ao que parece, passou muito tempo esperando no tribunal e a questão ainda não foi concluída. – Rusty, você se incomodaria muito se Jamie o acompanhasse à denúncia? – Ele inicia uma longa explicação, mas logo o interrompo:

– Não tem problema.

– Obrigado, Rusty. Talvez depois possamos conversar sobre o material que seu amigo Della Guardia mandou. Como é mesmo que o chama?

– Delay.

A consternação de Sandy é evidente. Não pode imaginar o motivo para o apelido e é polido demais para me pedir que revele sequer a confidência mais trivial do gabinete da promotoria, com o qual a todo instante entra em conflito. Tira o casaco e pede café. A secretária traz, e também um cinzeiro grande de cristal para o charuto.

– Muito bem, Rusty. Compreendemos agora o caso de Della Guardia?

– Acho que sim.

– Ótimo! Deixe-me ouvir. Um resumo em trinta segundos, por favor, das alegações iniciais de Nico.

Quando contratei Sandy, três ou quatro horas depois do bizarro encontro na sala de

Raymond, passamos meia hora conversando. Ele me disse quanto custaria – um sinal de 25 mil dólares, contra honorários a serem calculados na base de 150 dólares por hora fora do tribunal e 300 dólares por hora no tribunal, o saldo, estritamente como uma cortesia a mim, sendo devolvido se não houvesse indiciamento; disse-me para não falar com ninguém sobre as acusações e, em particular, não fazer mais discursos insultuosos a promotores; disse-me para evitar os repórteres e não largar o emprego; disse-me que a situação era assustadora, reminiscente das cenas de sua infância na América Latina; disse-me que estava confiante de que, com os meus antecedentes extraordinários, o problema seria resolvido de maneira favorável. Mas Sandy Stern – com quem mantenho relações profissionais há mais de uma década, contra quem trabalhei em meia dúzia de casos e que sempre soube que podia aceitar minha palavra em questões de muita ou pouca importância – nunca me perguntou se cometi o crime. Indagou algumas vezes sobre detalhes. Perguntou uma vez, sem muita cerimônia, se eu tivera um relacionamento físico com Carolyn e respondi sem hesitar que sim. Mas Stern evitou formular a pergunta fundamental. Nesse ponto, ele é como todos os outros. Até mesmo Barbara, que manifesta em várias proclamações a convicção acerca de minha inocência, nunca me perguntou expressamente. As pessoas lhe dizem que é terrível. Aproximam-se ou, com mais freqüência, parecem repelidas. Mas ninguém tem coragem suficiente para fazer a única pergunta que você sabe que todos têm em mente.

Em Sandy, essa esquiva parece mais com o seu comportamento clássico, a presença formal que o envolve, como cortinas de brocado. Mas sei que não é apenas isso. Talvez ele não pergunte porque não tem certeza da sinceridade da resposta que pode obter. É um pressuposto do sistema judiciário penal, um axioma tão certo quanto as leis da gravidade, que os réus raramente dizem a verdade. Policiais e promotores, advogados de defesa e juízes – todos sabem que eles mentem. E mentem solenemente; com as palmas suadas e os olhos evasivos; ou, mais freqüentemente, com uma expressão de inocência colegial e uma incredulidade exasperada quando sua credibilidade é posta em dúvida. Mentem para se proteger; mentem para proteger os amigos. Mentem pelo prazer de mentir ou porque é assim que sempre fizeram. Mentem sobre os grandes e pequenos detalhes, sobre quem começou, quem pensou, quem fez e quem se arrependeu. Mas mentem. É o credo dos réus. Mentir para a polícia. Mentir para o advogado. Mentir para o júri que julga o caso. Quando condenado, mentir para o agente de liberdade condicional. Mentir para o companheiro de cela na penitenciária. Proclamar sua inocência. Deixar os filhos-da-puta nojentos com uma semente de dúvida. Alguma coisa sempre pode mudar.

Assim, seria um ato contrário à sua perspicácia profissional se Sandy Stern concedesse uma fé irrestrita a tudo o que eu dissesse. Em vez disso, ele não pergunta. O que proporciona uma vantagem adicional. Se eu me defrontasse com alguma prova nova, contradizendo o que dissera a Sandy no passado, a ética legal poderia exigir que ele me mantivesse afastado do banco das testemunhas, ao qual, quase com toda certeza, tenciono subir. É melhor saber de tudo que a promotoria tem, estar certo de que minha memória, como dizem os advogados, foi plenamente “refrescada”, antes de Sandy indagar minha versão. No meio de um sistema em que o cliente tende a mentir e o advogado, que busca a confidência do seu cliente, não pode ajudá-lo a fazer isso, Stern trabalha nos pequenos espaços abertos que ainda restam. Acima de tudo, ele deseja fazer uma apresentação coerente. Não quer ser induzido a erro ou ter suas opções prejudicadas por declarações precipitadas que se mostrariam inverídicas. À medida que o julgamento se aproximar, ele precisará saber mais. Pode então fazer a pergunta; e com toda certeza eu lhe darei a resposta. Por enquanto, Stern encontrou, como sempre, a maneira mais engenhosa e indefinida para sondar.

– A teoria de Della Guardia é mais ou menos a seguinte – eu digo. – Sabich está obcecado por Polhemus. Telefonando para sua casa. Não consegue esquecê-la. Precisa vê-la. Uma noite, sabendo que a esposa vai sair e que poderá encontrar Carolyn às escondidas, ele telefona, suplica para vê-la, Polhemus acaba concordando. Ela aceita suas atenções pelos velhos tempos, mas depois alguma coisa não dá certo. Talvez Sabich tenha ciúme de outro relacionamento. Talvez Carolyn tenha dito que foi o grande final. Seja como for, Sabich quer mais do que ela está disposta a dar. E explode. Agride-a com algum instrumento pesado. E decide dar a impressão de que foi um estupro. Sabich é promotor. Sabe que assim haverá dezenas de outros suspeitos. Por isso ele a amarra, abre todas as portas e janelas para ficar parecendo que alguém entrou furtivamente e depois... essa é a parte diabólica... tira o diafragma, a fim de que não haja qualquer indício de consentimento. Como todos os criminosos, é claro, ele comete alguns erros. Esquece o drinque que tomara ao chegar, o copo que deixou no bar. E não se lembra... talvez nem mesmo compreenda... que o laboratório da polícia poderá identificar a presença do espermicida. Mas sabemos que ele fez mal a essa mulher, porque nunca revelou... mentiu... sua presença na noite do crime, o que está comprovado por todas as evidências físicas.

A exposição é estranhamente reconfortante para mim. A análise fria do crime é parte da minha vida e não posso me sentir abalado ou sequer sentir um fragmento de preocupação. O mundo do crime tem seu jargão tão implacável quanto o jazzista é doce; ao proferi-lo de novo, retorno ao convívio dos vivos, daqueles que encaram o mal como um fenômeno familiar, embora odioso, com que precisam lidar, como o cientista estudando doenças por intermédio do microscópio.

E continuo.

– Essa é a teoria de Nico, algo mais ou menos assim. Ele deve insistir um pouco na questão da premeditação. Pode alegar que Sabich tinha a intenção de liquidá-la, que escolheu aquela noite porque contava com um álibi, caso ela se recusasse a reacender o fogo antigo. Talvez Sabich estivesse numa viagem diferente: não pode viver se não for minha. Isso dependerá do desenvolvimento das provas. Provavelmente, Nico fará alegações preliminares que não o deixarão amarrado. Mas não ficará muito longe disso. O que acha?

Sandy olha por cima do charuto. São cubanos, ele me disse há poucas semanas. Um antigo cliente os fornece, ele não pergunta como. Queima tão bem que é possível ver os veios da folha dentro das cinzas.

– Plausível – ele diz finalmente. – O aspecto do motivo não é muito forte aqui. E geralmente é crítico num caso circunstancial. Não há nada que o ligue a qualquer instrumento de violência. O Estado tem outra desvantagem porque você era, em essência, um oponente político de Della Guardia... não importa que nunca se considerasse um funcionário político, um júri jamais acreditará nisso e, para os nossos propósitos, também não deve ser informado. Há uma prova adicional de ressentimento entre você e o promotor, já que pessoalmente o despediu. A importância dessas questões, no entanto, pode ser reduzida de maneira considerável se o promotor público não atuar diretamente no caso.

– Pode esquecer – garanto a Sandy. – Nico não vai querer perder a oportunidade à luz dos refletores.

Stern parece sorrir, enquanto aspira a fumaça do charuto.

– Concordo plenamente. Assim, contaremos com essas vantagens. E tais fatores, que levantariam indagações na mente de qualquer homem razoável, assumirão uma importância ainda maior num caso circunstancial... e nós dois sabemos como os júris são avessos a casos assim. De qualquer forma, Rusty, devemos ser bastante objetivos para dizer a nós mesmos que o

total das provas é muito prejudicial.

Sandy não faz uma pausa das mais prolongadas, mas as palavras, embora eu próprio talvez dissesse a mesma coisa, parecem alguma coisa cravada fundo em meu coração. As provas são mesmo danosas.

– Devemos esmiuçar tudo, Rusty. Sei que é difícil e tenho certeza de que estou sendo implacável, mas este é o momento em que você deve pôr sua mente excepcional para trabalhar neste caso. Deve me apontar cada falha, cada defeito. Devemos analisar meticulosamente cada prova, cada testemunha, muitas e muitas vezes. Não vamos dizer que alguma parte desse trabalho árduo pode ser deixada para amanhã. É melhor começar hoje, agora. Quanto mais deficiências encontrarmos neste caso circunstancial, melhores serão nossas chances, mais Nico terá de explicar... e explicar com dificuldade. Não tenha medo de ser técnico. Cada ponto que Della Guardia não puder explicar aumentará suas possibilidades de absolvição.

Embora eu tenha me preparado, uma palavra me atinge como um golpe. Possibilidades, eu penso.

SANDY CHAMA Jamie Kemp para participar da discussão, já que é inevitável a sugestão de várias petições para a revelação compulsória de fatos do processo que teremos de apresentar em breve. Para reduzir minhas despesas, Stern concordou em me deixar ajudar na pesquisa e na investigação, mas devo agir sob sua orientação. Com Kemp, partilho o trabalho de advogado assistente; tenho apreciado essa colaboração mais do que imaginava. Kemp trabalha com Stern há cerca de um ano. Pela história que me contam, Kemp foi guitarrista de um conjunto de rock de popularidade média. Dizem que passou por todo esquema, com gravações, tietes e excursões, mas se mandou para a Faculdade de Direito de Yale quando a situação começou a declinar. Tratei com ele na promotoria em duas ou três ocasiões, sem qualquer problema, mas Jamie tinha uma reputação de ser metido a besta, impressionado com sua beleza loura e uma vida inteira de sorte. Gosto dele, embora, às vezes, Jamie não consiga reprimir um pouco daquela diversão do típico aristocrata branco americano por um mundo que, está convencido, nunca haverá de atingi-lo.

– Primeiro – anuncia Stern –, devemos apresentar um bom álibi.

É uma declaração, não uma indagação. Vamos notificar formalmente a promotoria de nossa intenção de manter minha declaração na sala de Raymond, de que me encontrava em casa na noite em que Carolyn foi assassinada. Essa posição me priva do que, em teoria, é provavelmente a melhor defesa – admitir que vi Carolyn naquela noite, por um motivo não-relacionado com o crime. Isso reduziria a força da prova material e transferiria o foco para a ausência de qualquer prova que me ligasse ao homicídio. Há semanas venho esperando algum esforço engenhoso de Stern para me fazer renunciar ao álibi e agora descubro que estou aliviado. O que quer que Sandy pense sobre o que eu disse, ele aparentemente reconhece agora que uma inversão a essa altura seria muito difícil. Teríamos de conceber uma explicação inocente para minha explosão na Quarta-feira Negra – por que me dei ao trabalho de mentir, em tom indignado, ao meu chefe, à minha amiga e aos dois principais advogados da nova administração.

Stern puxa a caixa e começa a folhear os documentos a partir das provas físicas.

– Vamos ao ponto principal – diz ele. – O copo.

Kemp sai para tirar cópias do relatório sobre as impressões digitais e nós três as lemos. O pessoal da informática fez as descobertas no dia anterior à eleição. A essa altura, Bolcarro já se aliara a Nico e era quase certo que Morano, o chefe de polícia, fizera a mesma coisa. O relatório deve ter ido direto para os altos escalões e ter sido comunicado a Nico. Portanto, Delay provavelmente dissera a verdade quando alegara naquela quarta-feira, na sala de Horgan, que

obtivera provas significativas contra mim durante a campanha e preferira não divulgá-las. Muita confusão de última hora, eu diria.

Quanto ao relatório, diz, em síntese, que meu polegar direito e o dedo médio foram identificados. A outra latente permanece desconhecida. Não é minha; não é de Carolyn. É possível que pertença a um dos espectadores iniciais da cena: os guardas que atenderam o chamado, que sempre parecem tocar em tudo, antes que apareçam os detetives da Divisão de Homicídios; o administrador do prédio, que encontrou o corpo; os paramédicos; talvez mesmo um repórter. De qualquer forma, será um dos detalhes inexplicados que Della Guardia terá dificuldade para explicar.

– Eu gostaria de dar uma olhada naquele copo – anuncio. – Pode me ajudar a tirar algumas conclusões.

Stern aponta para Kemp e lhe diz para anotar uma petição de apresentação da prova material.

– Além disso, queremos que eles apresentem todos os relatórios de impressões digitais – acrescento. – Examinaram o apartamento inteiro.

Stern me incumbe disso. Entrega-me um bloco.

– Petição para apresentação de todos os exames científicos: relatórios secundários, espectrografias, gráficos, análises químicas, *et cetera*, *et cetera*. Sabe melhor do que eu.

Faço a anotação. Stern tem uma pergunta.

– Tomou drinques no apartamento de Carolyn quando lá esteve no passado?

– Claro. E ela não era grande coisa como dona de casa. Mas acho que lavaria um copo em seis meses.

– Tem razão – diz Stern.

Ambos estamos sombrios.

Kemp tem uma idéia.

– Eu gostaria de ter um inventário completo de tudo o que havia no apartamento. Cada objeto. Onde está o gel anticoncepcional ou o que quer que seja que o tal químico diz que está presente? Não seria guardado no armário de remédios?

Ele me olha em busca de confirmação, mas balanço a cabeça.

– Nem me lembro de ter discutido controle de natalidade com Carolyn. Posso ser o porco chauvinista do ano, mas nunca perguntei o que ela fazia.

Stern está ruminando, contemporizando no ar com o charuto.

– É preciso ter cautela aqui – ele diz. – Os pensamentos são produtivos, mas não queremos levar Della Guardia a provas que ele nunca pensou em obter. Nossos pedidos, quaisquer que sejam, devem ser discretos. Lembrem-se de que todas as descobertas da promotoria favoráveis à defesa nos devem ser entregues. Será melhor esquecer qualquer coisa que discutimos que possa ser útil a eles.

Sandy me lança um olhar de lado, divertido. Gosta de ser tão franco com um antigo adversário. Talvez esteja pensando em alguma prova específica que tenha ocultado de mim no passado.

– É melhor conduzir a pesquisa por nós mesmos, sem revelar nossas intenções. – Stern aponta para Kemp; é a vez dele. – Outra petição: um inventário de todos os itens encontrados no apartamento da vítima e a oportunidade de efetuar uma inspeção direta. – Ele me pergunta: – O apartamento continua lacrado?

– Acho que sim.

– Além disso, sua menção aos hábitos pessoais de Carolyn leva a outra idéia – acrescenta

Stern. – Devemos intimar seus médicos. Nenhum privilégio sobrevive à sua morte. Quem sabe o que podemos descobrir? Tóxicos?

– Os segredos tenebrosos, a corda queimando no passado – comenta Kemp.

Todos rimos, um momento de humor negro.

Sandy, decoroso como sempre, indaga se "conheço" o nome de algum médico de Carolyn. Não conheço, mas todos os funcionários do condado estão cobertos pela Blue Cross. Uma intimação para eles, sugiro, vai revelar muitas informações, inclusive os nomes dos médicos. Stern fica satisfeito com a contribuição.

Os documentos que examinamos em seguida são os registros telefônicos meus e de Carolyn, um maço de folhas xerocadas com quase 3 centímetros de espessura, uma sucessão interminável de números de 14 dígitos. Entrego as folhas a Stern, uma a uma. Do meu telefone, há ligações de um minuto para o de Carolyn registradas em 5, 10 e 20 de março. Quando chego a 1º de abril, passo muito tempo olhando. Ponho um dedo no número que está registrado ali às 19h32. Uma ligação de dois minutos.

– Carolyn – eu digo a ele.

– Ah... – murmura Stern. – Deve haver uma explicação banal para tudo isso.

Observar Stern trabalhando é como acompanhar a fumaça, ver uma sombra se alongar. É o sotaque que lhe permite ressaltar de maneira tão perfeita e sutil a palavra "deve"? Sei qual é meu dever.

Ele fuma.

– O que você faz em casa quando toma conta do menino?

– Trabalho. Leio memorandos, indiciamentos, sumários de acusação.

– Deve conferenciar com os outros promotores-assistentes?

– De vez em quando.

– Claro – diz Stern. – De vez em quando, há necessidade de fazer uma pergunta rápida, marcar uma reunião. Sem dúvida, em todos esses meses de registros – Stern bate nas cópias – há diversas ligações para outros promotores-assistentes, além de Carolyn.

Aceno com a cabeça a cada sugestão.

– Há muitas possibilidades – declaro. – Tenho a impressão de que Carolyn estava trabalhando em um importante indiciamento naquele mês. Vou verificar.

– Ótimo.

Stern volta a se concentrar nos meus registros telefônicos da noite do crime. Os lábios se contraem, a expressão perturbada.

– Não há ligações depois das 19h32 – ele ressalta, apontando.

Em outras palavras, não há prova de que eu me encontrava em casa quando disse que estava.

– Isso é mau – murmuro.

– Muito mau – concorda Stern. – Alguém teria ligado para você naquela noite?

Balanço a cabeça. Ninguém, ao que me lembre. Mas agora já conheço minhas falas.

– Pensarei a respeito.

Pego de volta o RLU de 1º de abril, estudo-o por um momento.

– Essas coisas podem ser alteradas? – pergunta Kemp.

Aceno com a cabeça.

– Eu estava mesmo pensando nisso. O gabinete da promotoria recebe uma pilha de cópias xerocadas de impressos de computador da companhia telefônica. Se um promotor-assistente ou alguém mais quisesse incriminar um réu, poderia usar tesoura e cola e ninguém jamais saberia a

diferença. – Torno a acenar com a cabeça e olho para Kemp. – Essas coisas podem ser alteradas.

– E devemos insistir nessa possibilidade?

Há alguma insinuação de censura na voz de Stern? Ele estuda um fiapo tirado da manga da camisa, mas, quando seus olhos fixam-se nos meus, por um breve instante, são penetrantes como laser.

– Podemos pensar a respeito – respondo finalmente.

– Hum, hum... – murmura Stern para si mesmo. Ele está bastante solene. Aponta para Kemp fazer uma anotação. – Não creio que devamos explorar isso antes da conclusão da apresentação das provas do Estado. Não gostaria de vê-los destacar o fato de que envidamos os maiores esforços para contestar a acurácia desses registros e não conseguimos.

Ele dirige o comentário a Kemp, mas é evidente para mim quem deve compreender sua importância.

Stern pega outra pasta, resoluto. Confere o relógio de ouro suíço, bem fino. A denúncia será dentro de 45 minutos. O próprio Sandy deve voltar ao tribunal mais cedo. Sugere que conversemos sobre as testemunhas. Resumo o que li até agora. Menciono que Molto e Della Guardia não forneceram os depoimentos de duas testemunhas relacionadas: Eugenia, minha secretária, e Raymond. Sandy, distraído, diz a Kemp para anotar outra petição para a apresentação desses depoimentos. Ele volta a pôr os óculos, aros pela metade de casco de tartaruga, e continua a estudar a relação de testemunhas.

– A secretária não me preocupa, por motivos que explicarei – ele comenta. – Mas Horgan, francamente, me preocupa.

Estremeço quando Sandy diz isso.

– Há algumas testemunhas que Della Guardia tem de chamar, quaisquer que sejam as desvantagens para ele – explica Sandy. – E é claro que você sabe disso, Rusty, muito melhor do que eu. O Detetive Lipranzer é um exemplo. Ele foi bastante franco na entrevista com Molto no dia seguinte à eleição e admitiu que você solicitou que ele não pedisse os registros telefônicos de sua casa. É bastante útil para a promotoria chamar Lipranzer, apesar das muitas coisas favoráveis que ele dirá a seu respeito, pessoalmente. Horgan, por outro lado, não é uma testemunha que um bom promotor normalmente estaria ansioso em convocar, em minha opinião. Será conhecido de todos os jurados e sua credibilidade é tamanha que parece muito arriscado chamá-lo, a menos...

Sandy espera. Torna a pegar o charuto.

– A menos o quê? – pergunto. – A menos que ele seja hostil à defesa? Não creio que Raymond Horgan se vire contra mim. Não depois de 12 anos. Além do mais, o que ele poderia dizer?

– É uma questão de tom, não tanto de conteúdo. Presumo que ele vá depor sobre a declaração que você fez em sua sala, no dia seguinte à eleição. Era de se esperar que Nico preferisse chamar a Sra. MacDougall, se tinha de aceitar uma testemunha hostil. Pelo menos ela não é uma personalidade local há mais de dez anos. Por outro lado, se parecer que Horgan, adversário político de Della Guardia e seu amigo e chefe há 12 anos, é simpático à promotoria... isso poderia ser extremamente prejudicial. É o tipo de nuança de tribunal, como nós dois sabemos muito bem, que pode virar os casos mais difíceis.

Fito-o nos olhos.

– Não acredito nisso.

– Compreendo. E você provavelmente está certo. Deve haver alguma coisa que não percebemos e que se tornará óbvia quando soubermos do possível depoimento de Horgan. Mesmo assim... – Sandy pensa. – Raymond se encontraria com você?

– Não posso imaginar por que não.

– Ligarei para ele e saberemos. Onde ele está agora?

Kemp lembra o escritório de advocacia. Cerca de seis nomes. A Liga das Nações. Cada grupo étnico está representado. O'Grady, Steinberg, Marconi, Slibovich, Jackson e Jones. Ou algo parecido.

– Devemos promover uma reunião com Horgan, você e eu, o mais depressa possível.

Estranhamente, é a primeira coisa que Sandy diz que é ao mesmo tempo inesperada e cujo efeito não consigo perceber. É verdade que não tenho notícias de Raymond desde aquele dia de abril em que saí de sua sala, mas ele também tem suas preocupações: novo emprego, novo escritório. Mais particularmente, é um advogado criminalista experiente e sabe como nossas conversas devem ser restritas. Assumiu seu silêncio como uma acomodação profissional. Até agora. Especulo se não é simplesmente algum esforço insidioso dos promotores para me deixar apreensivo. Seria típico de Molto.

– Por que ele precisa de Raymond para testemunhar, se deseja chamar Molto? – pergunto.

Principalmente, diz Stern, porque Molto, ao que tudo indica, não vai testemunhar. Della Guardia comentou diversas vezes que Tommy atuaria no caso. Um advogado está proibido de ser ao mesmo tempo testemunha e parte no mesmo processo. Não obstante, Sandy lembra a Jamie que devemos apresentar uma petição para desqualificar Molto, já que ele está incluído no rol de testemunhas. Se nada mais, isso causará consternação na promotoria. E obrigará Nico a renunciar a qualquer uso de minha declaração a Molto. Como eu, Sandy considera improvável que Nico queira mesmo incluir o comentário na apresentação da promotoria. Como melhor amigo e principal assistente de Della Guardia, seria muito fácil impugnar Molto. Mas, por outro lado, a declaração poderia ser usada de maneira eficaz em minha reinquirição. Portanto, é melhor apresentar a petição e forçar Nico a se manifestar. Sandy segue adiante e diz:

– Isto aqui, não entendo. – Ele levanta o depoimento da criada que declara ter me visto num ônibus de Nearing para a cidade, numa noite próxima ao assassinato de Carolyn. – O que Nico está querendo?

– Só temos um carro – explico. – Tenho certeza de que Molto verificou os registros. Barbara levou-o naquela noite. Assim, eu precisava de algum outro meio para alcançar Carolyn. Aposto que puseram um guarda de plantão na estação rodoviária em Nearing por uma semana, procurando alguém que pudesse me descrever.

– Isso me interessa – comenta Stern. – Ao que tudo indica, eles aceitam que Barbara o deixou em casa naquela noite. Entendo por que admitiriam que ela levou o carro. Tem havido muitos episódios lamentáveis com mulheres na área da universidade para alguém acreditar que ela usaria o sistema de transporte público à noite. Mas por que concordar que ela saiu de casa? Nenhum promotor haveria de querer argumentar que o réu partiu de ônibus para um assassinato. Não parece autêntico. Não devem ter encontrado nada com as empresas de táxi ou de aluguel de carros. Presumo que estão procurando algum registro que confirme a ausência de Barbara.

– Provavelmente a folha de registro da universidade. – Nat e eu fomos uma vez observar a mãe trabalhar no computador. – Mostrará que ela usou a máquina. Costuma assinar quando chega.

– Ah... – murmura Stern.

– A que horas isso aconteceria? – indaga Jamie. – Não muito tarde, não é mesmo? Ela saberia que você estava em casa por ocasião do crime... ou pelo menos que o deixara lá, não é mesmo?

– Absolutamente. Seu horário de computador é às 20 horas. Ela parte para a universidade às

19h30, 19h40, o mais tardar.

– E Nat? – pergunta Sandy. – A que horas ele vai dormir?

– Mais ou menos no mesmo horário. Na maioria das vezes, Barbara o põe na cama antes de partir.

Kemp pergunta:

– Nat se levanta com freqüência ou tem um sono profundo?

– Dorme como uma pedra – respondo. – Mas nunca o deixo sozinho em casa.

Stern solta um grunhido. Não é o tipo de coisa que poderemos provar.

– De qualquer forma – ele acrescenta –, esses fatos são úteis. Temos direito a conhecer quaisquer registros que eles possuam. É material *Brady*... prova favorável à defesa. Devemos apresentar outra petição. Inflamada e indignada. Um bom trabalho para você, Rusty.

Stern sorri, gentilmente. Tomo a anotação. Digo a Sandy que só há mais uma testemunha sobre a qual gostaria de falar. Aponto para o nome de Robinson.

– Ele é um médico de cabeça – informo. – Fui a seu consultório algumas vezes.

Molto, tenho certeza, está por trás do gesto terrível de indicar meu ex-psiquiatra como uma testemunha em potencial. Tommy quer me pressionar. Eu costumava fazer coisas assim com os réus. Deixá-los saber que reviraria suas vidas pelo avesso. No mês passado, Molto entrou com uma citação para examinar minha conta bancária em Nearing. O diretor do banco, um velho amigo do falecido pai de Barbara, Dr. Bernstein, não me olha mais quando vou lá. Por intermédio de meus cheques, sem dúvida, Molto obteve o nome de Robinson.

Fico surpreso com a reação de Stern à minha revelação.

– Ah, sim, o Dr. Robinson. Ele me ligou logo depois do indiciamento. Esqueci de mencionar o fato. – Foi muito decoroso, é o que Stern está querendo dizer. – Ele viu meu nome no jornal como seu advogado. Queria apenas me informar que fora identificado e que a polícia tentara uma entrevista. Achava melhor não incomodá-lo com essa informação. De qualquer forma, disse-me que se recusou a prestar qualquer depoimento, sob a alegação de privilégio. Confirmei que tinha essa prerrogativa e que não renunciaríamos a esse direito.

– Podemos renunciar – anuncio. – Não me importo.

E não me importo mesmo. Parece uma pequena intromissão, comparado com o que ocorreu nos últimos meses.

– Pois seu advogado está ordenando que se importe. Della Guardia e Molto, com certeza, estarão esperando uma renúncia de nossa parte, com a convicção de que esse médico testemunhe a favor de sua saúde mental geral e da improbabilidade de um comportamento criminoso.

– Aposto que será isso mesmo.

– Vejo que não entendeu meu argumento – insiste Stern. – Já disse antes. A prova do motivo é fraca neste caso. Acho que você resumiu muito bem a teoria de Della Guardia. Sabich está obcecado, você disse. Sabich não quer desistir. Gostaria que me dissesse uma coisa, Rusty. Examinou a causa de Della Guardia. Onde está a prova de qualquer relacionamento amoroso anterior entre réu e vítima? Uns poucos telefonemas que podem ser explicados como necessidade profissional? Não há diário no caso. Não há bilhete acompanhando flores. Não há correspondência de amantes. Por isso, presumo, é que sua secretária será chamada, para acrescentar o que puder, o que espero que não seja muito.

– Bem pouco – confirmo.

Sandy está certo. Não percebi a falha. Como promotor, eu jamais a perderia. No entanto, é mais difícil quando se dispõe de todos os fatos. Ainda assim, reprimo uma sensação inebriante de esperança. Não posso acreditar que Nico seria tão fraco nesse ponto essencial. Aponto para os

registros telefônicos.

– Há ligações para minha casa do apartamento de Carolyn no final de outubro do ano passado.

– E daí? Quem pode garantir que não são da Sra. Polhemus para você? Trabalharam juntos num caso importante, julgado no mês anterior. Sem dúvida, houve ocorrências posteriores. Questões de finanças. Pelo que me recordo, houve uma disputa grande sobre a custódia do menino. Como era mesmo seu nome?

– Wendell McGaffen.

– Isso mesmo, Wendell. Seria difícil para o subchefe da promotoria dispensar toda a atenção necessária no escritório.

– E por que pedi a Lipranzer que não incluísse as ligações para a minha casa?

– Isso é mais difícil. – Sandy acena com a cabeça. – Mas considero que uma pessoa inocente se excluiria como suspeita e evitaria que um detetive ocupado desperdiçasse seu tempo.

A maneira como ele apresenta as coisas. Não posso deixar de aceitar. Com prestidigitação.

– E a Sra. Krapotnik? – pergunto, aludindo a seu depoimento esperado, de que me vira perto do apartamento de Carolyn.

– Trabalharam juntos no julgamento. Havia problemas a discutir. Se queriam se reunir fora do gabinete da promotoria do Condado de Kindle, um ambiente dos mais lúgubres, não iriam até Nearing, onde você mora. Ninguém nega que tenha estado no apartamento em algumas ocasiões. Concordamos. Suas impressões digitais estão no copo. – O sorriso de Sandy é latino, complexo. Sua defesa vai assumindo forma, ele é bastante persuasivo. – Della Guardia não pode chamá-lo, é claro, nem à sua esposa, devemos presumir – continua Sandy. – Assim, ele enfrenta dificuldades. Não tenho a menor dúvida de que as más línguas estiveram em ação, Rusty. E estou convencido de que metade dos advogados do Condado de Kindle agora acredita que desconfiava do romance. Mas boatos não serão aceitos no tribunal. A acusação não tem testemunhas. E assim não tem provas do motivo. Eu seria mais esperançoso se não fosse pelo problema de seu depoimento.

Os olhos de Sandy, grandes e escuros, profundos e sérios, cruzam por um instante com os meus. Os problemas do meu depoimento. O problema – é a isso que ele se refere – de dizer a verdade.

– Mas essas são questões para o futuro. Nosso trabalho, afinal, é apenas o de levantar uma dúvida. E é possível que o júri, quando Della Guardia concluir sua apresentação, seja levado a especular se você não é vítima de uma lamentável coincidência.

– Ou se não foi uma armação.

Sandy é um homem objetivo e ponderado. Adquire outra vez aquela expressão solene ao reagir à minha sugestão. É evidente que prefere que não haja ilusões entre cliente e advogado. Olha para o relógio. Está quase na hora do espetáculo. Toco em seu pulso.

– O que você diria se eu lhe contasse que Carolyn parece ter tido algum envolvimento com um caso em que um promotor-assistente foi subornado? E que o promotor-assistente que atuava na causa em questão era Tommy Molto?

Sandy demora muito tempo processando a informação, o rosto contraído.

– Explique, por favor.

Falo a ele, sucintamente, sobre o Arquivo B. Explico que, até agora, achei melhor não contar a ninguém.

– E aonde chegou em sua investigação?

– A lugar algum. Parei no dia em que saí.

– Devemos encontrar alguma forma de continuar. Normalmente, eu sugeriria um investigador particular. Talvez você tenha outra idéia.

Sandy apaga o charuto. Esmaga a ponta com todo cuidado e contempla-a reverente por um instante. Suspira, antes de se levantar para pôr o paletó.

– Atacar o promotor, Rusty, é uma tática que quase sempre agrada ao cliente, mas raramente é convincente para um júri. As questões que mencionei antes... sua oposição política a Della Guardia, o fato de despedi-lo... vão prejudicá-lo, diminuir sua credibilidade. Ajudarão a explicar o empenho do promotor em acusar com provas insuficientes. Mas, antes de nos arriscarmos a uma acusação concreta, devemos analisar o problema com muito cuidado. Como você sabe muito bem, são bastante raros os sucessos em decorrência da sugestão de motivos sinistros do Estado.

– Claro que compreendo tudo isso – respondo. – Queria apenas que você soubesse.

– Agradeço a atenção.

– E acontece que é assim que me sinto. Que não é apenas uma coincidência o que está ocorrendo. – E agora, num súbito impulso, finalmente sou levado a dizer o que um vestígio de orgulho impediu por tanto tempo: – Sandy, sou inocente.

Stern se inclina e, como só ele podia fazer, me afaga a mão. Exibe uma expressão de profunda tristeza, embora experiente. E, ao contemplar aquela expressão de cocker spaniel de olhos castanhos, compreendo que Alejandro Stern, um dos melhores advogados desta cidade, já ouviu muitas vezes antes essas fervorosas proclamações de inocência.

19

Faltam dez minutos para as 14 horas quando Jamie e eu encontramos Barbara na esquina da Grand com a Filer e seguimos juntos para o tribunal. A horda da imprensa nos espera na escadaria, abaixo das colunas. Conheço uma entrada pelos fundos, pelo sistema de aquecimento e refrigeração, mas calculo que só posso usar esse expediente uma vez e tive o pensamento desolador de que pode haver outro dia em que estarei particularmente ansioso em evitar essa massa faminta, com suas luzes de halogênio e microfones, empurrões e gritos. Por enquanto, limito-me a abrir caminho pela multidão, dizendo: “Nada a declarar.”

Stanley Rosenberg, do Canal 5, esplendidamente bonito, exceto pelos dentes da frente bastante proeminentes, é o primeiro a nos alcançar. Deixou a equipe de câmera e som para trás e se aproxima sozinho, pondo-se a seguir a nosso lado. Tratamos um ao outro pelo primeiro nome.

– Alguma possibilidade de você dizer alguma coisa diante das câmeras?

– Nenhuma – respondo.

Kemp já está tentando interferir, mas eu o contenho, enquanto continuamos a andar.

– Se mudar de idéia, promete que me chamará primeiro?

– Não agora – diz Jamie, pondo a mão na manga de Stanley.

Stanley, para seu crédito, mantém o bom humor. Apresenta-se e argumenta com Kemp. Imediatamente antes do julgamento, diz Rosenberg, uma entrevista de Rusty pela televisão seria benéfica a todos. Stern nunca me permitirá fazer declarações para ninguém, mas Kemp, ao nos

aproximarmos da escadaria e da multidão expectante de câmeras, luzes e microfones, limita-se a dizer:

– Pensaremos a respeito.

Stanley fica para trás, enquanto começamos a subir, Kemp e eu flanqueando Barbara, mais ou menos levantando-a pelos cotovelos, abrindo caminho.

– O que acha do fato de Raymond Horgan testemunhar contra você? – grita Stanley, enquanto nos afastamos.

Giro rapidamente. Os dentes ruins de Stanley estão todos à mostra. Ele sabia que me atingiria com isso. Especulo de onde tirou essa idéia. Stanley pode ter feito suposições com base na leitura dos registros do tribunal, onde foi arquivado o rol de testemunhas de Nico. Mas Rosenberg tem ligações antigas com Raymond e o instinto me diz que não usaria o nome de Horgan levianamente.

As câmeras estão proibidas, por ordem judicial, de entrar no tribunal; depois que passamos pelas portas giratórias de latão, apenas os repórteres de imprensa e rádio nos seguem, uma matilha, empurrando seus gravadores e gritando perguntas, a que nenhum de nós responde. Ao nos apressarmos pelo corredor, na direção dos elevadores, seguro a mão de Barbara, passada por meu braço.

– Como você está? – pergunto.

Sua expressão é tensa, mas ela me diz que está bem. Stanley Rosenberg não é uma pessoa tão simpática como parece na televisão, ela acrescenta. Nenhum deles é, eu garanto.

A denúncia é formulada na presença do Meritíssimo Edgar Mumphrey, presidente do Tribunal Superior do Condado de Kindle. Ed Mumphrey estava deixando o gabinete da promotoria mais ou menos na ocasião em que lá comecei. Era considerado com alguma reverência mesmo então, por um motivo: é muito rico. Seu pai abriu uma cadeia de cinemas nesta cidade, que mais tarde converteu em hotéis e emissoras de rádio. Ed, como era de se esperar, tem se empenhado em parecer imune à influência de sua fortuna. Foi o promotor-assistente por quase uma década; depois, trabalhou num escritório de advocacia, onde permaneceu por apenas um ou dois anos, antes de ingressar na magistratura. Provou ser um juiz íntegro e competente, faltando bem pouco para ser considerado brilhante. Assumiu a presidência do tribunal no ano passado, um cargo que é basicamente administrativo, embora escute todas as denúncias e aceite as alegações de culpa, quando são apresentadas no início do processo.

Sento no tribunal escuro e ao estilo rococó do Juiz Mumphrey, na primeira fila. Barbara senta a meu lado, num elegante tailleur azul. Por motivos que me escapam, ela resolveu usar um chapéu, do qual desce uma tela preta, talvez com a intenção de sugerir um véu. Penso em lhe dizer que ainda não é o funeral, mas Barbara nunca partilhou o lado mais negro do meu senso de humor. Perto de mim, trabalhando febrilmente, estão três desenhistas das emissoras de tevê locais, fazendo meu perfil. Por trás se encontram os repórteres e os aficionados do tribunal, todos aguardando minhas reações ao ser chamado pela primeira vez de assassino em público.

Às 14 horas, Nico vem do lavatório, com Molto logo atrás. Delay não demonstra qualquer comedimento e continua a responder às perguntas dos repórteres, que o acompanham até a pequena ante-sala lateral. Fala-lhe através da porta aberta. O promotor público, o procurador-geral do condado, reflito. A porra do promotor. Barbara segurou minha mão e, com o aparecimento de Nico, aperta-a com um pouco mais de força.

Quando conheci Nico, há 12 anos, reconheci-o no mesmo instante como o garoto étnico espertinho, que me era familiar da escola secundária e das ruas, o tipo que, ao longo dos anos, eu optara contrafeito por não ser: mais por dentro das coisas do que esperto, arrogante, sempre

falando. Mas, com poucos outros à disposição, formei com Nico o tipo de associação rápida de novos recrutas. Almoçávamos juntos. Ajudávamos um ao outro em sumários. Depois dos primeiros anos, nos afastamos, uma conseqüência das diferenças naturais. Tendo trabalhado para o presidente da Suprema Corte Estadual, eu era considerado um profissional. Nico, como tantos outros promotores-assistentes, chegou ao cargo por conta de suas ligações políticas já consolidadas. Eu costumava escutá-lo ao telefone. Nico fora o encarregado de um distrito eleitoral na organização de seu primo, Emilio Tonnetti, um comissário do condado que obtivera sua nomeação, uma das últimas contratações políticas com que Raymond concordara. Nico conhecia a metade dos funcionários no prédio do condado e nunca deixava de comprar ingressos para os piqueniques e banquetes da polícia, estava sempre fazendo a ronda.

Para dizer a verdade, ele provou ser um advogado melhor do que se esperava. Sabe escrever, embora deteste perder tempo na biblioteca; e é bastante eficiente diante de um júri. Sua personalidade no tribunal, como tenho observado ao longo dos anos, é típica de muitos promotores: sem qualquer humor, implacável, um pouco mesquinha. Possui uma intensidade excepcional, que sempre ilustro contando o que é conhecido como a história do orgasmo. Relatei-a na semana passada a Sandy e Kemp, quando me perguntaram sobre o último caso em que trabalhei com Della Guardia.

Foi há quase oito anos, logo depois que fomos designados para as varas criminais. Estávamos ambos ansiosos por um trabalho de júri e por isso concordamos em atuar num caso de estupro que parecia uma derrota certa, redistribuído de alguém mais esperto.

– Delay pôs a testemunha queixosa, Lucille Fallon, no banco das testemunhas – eu disse a Sandy e Kemp.

Lucille, uma mulher negra, estava num bar às 16 horas quando conheceu o réu. O marido, desempregado, se encontrava em casa com os quatro filhos. Lucille pôs-se a conversar com o réu, Freddy Mack, e concordou em aceitar uma carona até sua casa. Freddy era um eterno perdedor, com um caso anterior de estupro e agressão – do qual, é claro, o júri nunca tomou conhecimento –, e ficou um pouco ansioso demais, tirou do bolso uma navalha e com isso serviu-se de tudo o que, a situação indicava, acabaria obtendo de qualquer maneira. Hal Lerner defendeu o réu e tirou todos os negros do júri. Assim, havia 12 pessoas brancas de meia-idade olhando para aquela negra, que recebera um tratamento mais rude do que desejava ao sair para vaguear.

Nico e eu passávamos horas tentando preparar Lucille para seu depoimento, sem resultados visíveis. Ela parecia terrível, uma negra desmazelada e gorda, num vestido apertado, divagando sobre aquela coisa horrível que lhe acontecera. O marido estava na primeira fila e ela exagerou, inventando uma versão inteiramente nova dos acontecimentos em pleno tribunal. Agora, ela conhecera Freddy quando ele saíra do bar e lhe pedira uma orientação. Já se encaminhava para a devastação na reinquirição quando Nico começou finalmente a lhe arrancar o testemunho sobre o ato.

E o que o Sr. Mack fez então, Sra. Fallon?

Ele fez aquilo.

Fez o quê, madame?

O que ele disse que ia fazer.

Ele teve relações sexuais com você, Sra. Fallon?

Sim, senhor, ele fez isso.

Pôs seu órgão sexual dentro do seu?

Hã-hã.

E onde estava a navalha?

Bem aqui. Na minha garganta. Apertando tanto que eu pensava que ia me cortar cada vez que respirava.

– Muito bem, madame. – Delay já ia seguir adiante quando eu, sentado à mesa da promotoria, lhe entreguei um bilhete. – É verdade, disse Nico, eu já ia esquecendo. Ele teve um orgasmo, madame?

Senhor?

Ele teve um orgasmo?

Não, senhor. Estava num Ford Fairlane.

Delay nem sorriu. O Juiz Farragut ria tanto que se escondeu sob a bancada, enquanto um dos jurados, literalmente, caiu da cadeira. Nico nem mesmo tremeu.

– E depois que eles voltaram com o veredicto de inocente – contei a Jamie e Sandy –, ele jurou que nunca mais trabalharia num caso comigo. Só porque não consegui manter uma expressão séria, ele disse que dei ao júri a impressão de que não era um caso sério.

Nico parece bastante feliz hoje. A radiância de poder paira a seu redor. Usa outra vez o cravo e não poderia estar mais empertigado. Está aprumado e elegante, num terno escuro novo. Há nele uma vitalidade atraente, enquanto se movimenta de um lado para outro, trocando comentários com os repórteres, misturando respostas e perguntas sérias com observações pessoais. Uma coisa é certa, penso: o filho-da-puta está se divertindo à minha custa. É o herói dos meios de comunicação da estação, o homem que resolveu o crime do ano. Não se pode pegar um jornal local sem ver seu rosto. Duas vezes na semana passada vi colunas sugerindo que Nico podia tentar a disputa para prefeito, daqui a dois anos. Nico respondeu com uma declaração de lealdade a Bolcarro, mas pode-se especular de onde saiu a inspiração para essas colunas.

Mesmo assim, Stern insiste que Nico tem se empenhado em cuidar do caso com imparcialidade. Já falou com a imprensa muito mais do que qualquer de nós julga ser apropriado, mas nem todos os vazamentos partiram dele ou mesmo de Tommy Molto. O Departamento de Polícia está além de sua escassa capacidade de discrição num caso como este. Nico tem sido franco com Stern sobre o progresso das investigações; partilhou as provas físicas à medida que foram surgindo e me avisou sobre o indiciamento. Concordou que eu não era um risco de fuga e consentirá com uma fiança por assinatura. E talvez, mais importante, até agora me fez o favor de não acrescentar uma acusação adicional de obstrução da justiça.

Foi Stern, durante uma de nossas primeiras reuniões, quem ressaltou o risco em que eu me encontrava de ser indiciado por ocultar deliberadamente fatos relevantes para a investigação.

– Um júri, Rusty, pode muito bem acreditar que você esteve no apartamento naquela noite e que no mínimo deveria ter falado a respeito, que certamente não mentiu em seu encontro com Horgan, Molto, Della Guardia e MacDougall. A conversa com o Detetive Lipranzer sobre os registros telefônicos também é bastante prejudicial.

Stern foi bastante casual em relação a tudo isso. O charuto se encontrava metido no canto da boca enquanto falava. Quer saber se seus olhos faiscaram por um instante sequer? É o homem mais sutil que já conheci. Eu sabia por que o assunto fora levantado. Ele deveria procurar Nico para propor um acordo? Era o que Sandy estava perguntando. Eu não poderia receber mais de três anos por obstrução da justiça. Sairia em 18 meses. Teria meu filho de novo antes que se tornasse crescido. Em cinco anos, provavelmente, conseguiria recuperar a licença para exercer a advocacia.

Não perdi a capacidade de raciocínio. Mas não posso superar a inércia emocional. Quero de volta a vida que eu tinha. Nada menos. Quero que isso não exista. Não quero ser um homem

marcado enquanto viver. Reconhecer a culpa para obter uma sentença menor seria a mesma coisa que admitir uma amputação desnecessária. Pior.

– Nada de reconhecimento de culpa – eu disse a Sandy.

– Não, claro que não. – Ele me fitou com incredulidade. – Não levantara a possibilidade.

Nas semanas subseqüentes, presumimos que Della Guardia incluiria essa acusação certa no indiciamento. Em momento de estranha animação, particularmente nas últimas semanas, quando se tornou evidente que as acusações estavam sendo definidas, fantasiei que o indiciamento poderia ser apenas por obstrução. Em vez disso, o indiciamento foi apenas por homicídio. Há razões táticas para que um promotor faça essa opção. Um enquadramento de obstrução ofereceria um compromisso tentador – e, para um promotor, insatisfatório – para um júri propenso a me considerar culpado, mas apreensivo com a natureza circunstancial da causa de Nico. No dia em que o indiciamento foi formulado, Sandy me transmitiu o que achei um relato surpreendente acerca da decisão de Nico.

– Tenho passado muito tempo ultimamente conversando com Nico – disse-me Sandy. – Ele fala de você e Barbara com algum sentimento. Contou-me duas ou três histórias dos primeiros tempos de vocês no escritório. Sumários que diz que você escreveu para ele. As noites que passou com vocês dois, enquanto ele esteve casado. Devo dizer, Rusty, que ele me parece sincero. Molto é um fanático. Odeia todas as pessoas que acusa. Mas não tenho tanta certeza em relação a Nico. Acredito, Rusty, que ele ficou profundamente afetado por este caso e que tomou sua decisão como uma questão de justiça. Concluiu que seria irresponsabilidade acabar com sua vida profissional apenas porque você foi indiscreto, qualquer que tenha sido o motivo ou grau. Se for culpado deste homicídio, então deve ser punido, ele pensa. Se não for, ele acha que deve deixá-lo livre. E eu aplaudo essa atitude. – E o advogado, a quem paguei 25 mil dólares para me defender, acrescentou: – Acho que é o tratamento correto.

– PROCESSO CRIMINAL 86-1246 – grita Alvin, o belo escrevente negro do Juiz Mumphrey.

Meu estômago se contrai e me encaminho até o púlpito. Jamie está logo atrás. O Juiz Mumphrey, que entrou apenas um momento antes, ainda se acomoda em seu lugar. Os cínicos às vezes explicam a ascensão de Ed à presidência do tribunal como uma decorrência de sua boa aparência. Ele foi uma concessão do Judiciário à era das comunicações, alguém em quem os eleitores pensariam com tranqüilidade ao enfrentarem as urnas. A aparência de Ed é maravilhosamente judicial, os cabelos lisos prateados penteados para trás das feições regulares, mas bastante definidas para serem firmes. Algumas vezes por ano ele é convidado a posar em algum anúncio para as publicações especializadas.

Della Guardia acaba se postando a meu lado. Molto se mantém um pouco atrás. Enquanto Nico se mostra impecável, Tommy é uma confusão desgrenhada. O colete, absurdo por si mesmo em julho, subiu acima da barriga considerável, as mangas da camisa se projetam muito além do paletó. Os cabelos não foram penteados. Agora que vi Molto, o impulso de chamá-lo de inseto, que eu pensava que teria de reprimir, passou. Em vez disso, procuro fitar Nico nos olhos. Ele acena com a cabeça.

– Rusty – ele diz simplesmente.

– Delay – respondo.

Quando baixo os olhos para sua cintura, descubro que ele ofereceu a mão discretamente.

Não tenho a chance de verificar toda a extensão da minha caridade. Kemp pega a manga do meu paletó e dá um puxão brusco para me levar para o lado. Vem se interpor entre mim e Della Guardia. Ambos sabemos que não preciso ser advertido para não falar com os promotores.

O Juiz Mumphrey, da bancada de nogueira, olha para baixo e me sorri circunspecto antes de

falar. Fico agradecido pelo reconhecimento.

– Este é o Processo Criminal 86-1246. Peço que as partes se identifiquem para o registro.

– Meritíssimo, sou Nico Della Guardia, em nome do povo do Estado. Comigo está o subchefe da promotoria, Thomas Molto.

São curiosas as coisas que atingem as pessoas. Não posso reprimir um som quando escuto meu título com o nome de Molto. Kemp torna a puxar minha manga.

– Quentin Kemp, meritíssimo, do escritório de advocacia Alejandro Stern, representando o réu, Rozat K. Sabich. Solicito permissão, excelência, para registrar nossa posição.

O pedido de Jamie é atendido e os registros do tribunal agora indicam oficialmente que Stern & Cia. são meus advogados. Jamie continua:

– Meritíssimo, o réu está presente no tribunal. Acusaríamos o recebimento do Indiciamento 86-1246 e renunciaríamos à leitura formal. Em nome do Sr. Sabich, meritíssimo, pediríamos ao tribunal para registrar a declaração de inocente da acusação.

– Declaração de inocente do indiciamento – diz o Juiz Mumphrey, fazendo uma anotação no registro do tribunal. A fiança é fixada por acordo em 50 mil dólares, pela assinatura de uma promissória. – Há pedido de qualquer das partes para uma conferência antes do julgamento?

Esta é uma sessão de negociação, quase sempre automática, pois ajuda as partes a ganharem tempo. Delay começa a falar, mas Kemp o interrompe.

– Meritíssimo, tal conferência seria um desperdício desnecessário do tempo do tribunal. – Ele consulta o bloco onde estão as palavras que Sandy escreveu. Quando sair, Kemp repetirá o mesmo discurso para as equipes de Minicam da televisão, ao vivo. – As acusações neste processo são muito graves e inteiramente falsas. A reputação de um dos melhores servidores públicos e advogados desta cidade foi maculada e talvez até destruída, sem base nos fatos. No sentido mais autêntico da palavra, a justiça neste caso deve ser rápida e por isso pedimos ao tribunal que fixe imediatamente a data do julgamento.

A retórica é esplêndida, mas a tática orienta a solicitação. Sandy ressalta que um julgamento no mais breve prazo possível evitará a pressão interminável sobre minhas emoções já abaladas. Por mais transtornado que eu esteja, no entanto, posso reconhecer a razão fundamental. O tempo está do lado do promotor neste caso. As provas principais de Delay não vão se deteriorar. Minhas impressões digitais não perderão a memória. Os registros telefônicos não morrerão. Uma testemunha da cena do crime pode aparecer. Talvez surja alguma explicação do que aconteceu com a arma do crime.

O pedido de Kemp é um desvio considerável dos procedimentos habituais, já que a maioria dos réus encara o adiamento como a segunda melhor alternativa para a absolvição. O pedido parece pegar Nico e Molto de surpresa. Della Guardia começa a falar, mas é outra vez interrompido, agora pelo Juiz Mumphrey. Por qualquer motivo, ele acha que já ouviu o bastante.

– O réu renunciou à conferência antes do julgamento. Sendo assim, o julgamento será marcado imediatamente. Sr. Escrevente, tire um nome, por favor.

Há cerca de cinco anos, depois de um escândalo no gabinete do escrevente, o presidente do tribunal anterior, Foley, solicitou sugestões sobre um método para garantir que a seleção de um juiz para um julgamento fosse completamente casual. Apresentei a idéia de que o sorteio fosse efetuado em pleno tribunal, na frente de todo mundo. A proposta – apresentada no nome de Horgan, é claro – foi prontamente adotada e creio que foi o fator fundamental para a convicção de Raymond em minha capacidade executiva. Agora, pequenas placas de madeira, cada uma com o nome de um juiz, são giradas dentro de uma gaiola fechada, emprestada de um jogo de bingo. Alvin, o escrevente, rola os ossos, como são conhecidos. E tira a primeira plaqueta que cai na

abertura.

– Juiz Lyttle – ele anuncia.

Larren Lyttle. O antigo sócio de Raymond, o sonho de qualquer advogado de defesa. Sinto-me exultante. Kemp inclina-se para trás e sem outro movimento me aperta a mão. Molto solta um resmungo. Fico satisfeito ao constatar que, lá em cima, o Juiz Mumphrey parece sorrir por um instante.

– O processo será encaminhado ao Juiz Lyttle para petições e julgamento. As petições do réu serão arquivadas dentro de 14 dias, o promotor público devendo responder de acordo com as determinações do Juiz Lyttle.

O Juiz Mumphrey pega o martelo. Está prestes a encerrar a audiência, mas olha para Nico por um momento.

– Sr. Della Guardia, eu devia ter interrompido o

Sr. Kemp, mas acho que este processo deve inspirar muitos discursos até sua conclusão. Não tenho a intenção de endossar suas palavras. Mas ele está correto quando diz que são acusações muito graves contra um advogado que, todos sabemos, serviu a este tribunal com distinção por muitos anos. Quero lhe dizer apenas, senhor, que eu, como todos os outros cidadãos deste condado, espero que neste se faça justiça... como tem sido feito.

Ed Mumphrey torna a acenar com a cabeça para mim, e o próximo caso é chamado.

Della Guardia se retira como chegou, pela saída do lavatório. Kemp se esforça para manter uma expressão impassível. Jamie guarda o bloco na pasta, observa Nico se afastar e comenta:

– Não acha que ele consegue andar muito bem com tudo aquilo enfiado em seu rabo?

20

— Presumo que você está bastante satisfeito com Larren – comenta Barbara.

Estamos agora na estrada, finalmente livres do tráfego do centro da cidade. Barbara está ao volante. Aprendemos nas últimas semanas que minha falta de concentração é tão grande que o mundo não fica seguro quando eu guio. Há um alívio primitivo em deixar as câmeras e o clamor para trás. A matilha da imprensa acompanhou-nos na saída do tribunal, pela rua, tirando fotografias, as enormes câmeras de vídeo avançando em nossa direção como os olhos de algum monstro. Andamos devagar. Tentem parecer descontraídos, Stern nos aconselhara antes. Deixamos Kemp na esquina, dois quarteirões depois. Se todos os dias transcorrerem assim, ele disse, Nico não vai passar das alegações preliminares. Jamie é por natureza uma alma animada, mas há uma sombra em sua bonomia. Nem todos os dias serão como este. Momentos mais sombrios espreitam à frente. Apertei sua mão e lhe disse que era um verdadeiro profissional. Barbara o beijou no rosto.

– Larren é uma boa escolha – respondo –, provavelmente a melhor.

Hesito apenas por causa de Raymond. Nem ele nem o Juiz Lyttle se comunicaram fora do tribunal sobre o processo, mas a presença do melhor amigo do juiz como testemunha não pode deixar de causar algum impacto, de um jeito ou de outro, dependendo do lado para o qual penderem as simpatias de Raymond. Toco na mão de Barbara, ao volante.

– Estou grato por sua presença.

– Não me importo. De verdade. Foi muito interessante – ela acrescenta, sincera como sempre em sua curiosidade –, se não se levarem em consideração as circunstâncias.

Meu caso, como os advogados costumam dizer, é de "alto destaque" – a atenção da imprensa continuará a ser intensa. Em tal situação, a comunicação com os jurados começa muito antes que se apresentem ao tribunal para o serviço do júri. Nico ganhou até agora as batalhas da imprensa. Tenho de fazer todo o possível para projetar uma imagem positiva. Como sou acusado, em essência, de homicídio e adultério, é importante que o público acredite que minha esposa não perdeu a fé em mim. A presença de Barbara em cada evento com a cobertura da imprensa é fundamental. Stern insistiu que ela fosse a seu escritório, a fim de poder lhe explicar isso pessoalmente. Em conseqüência de sua aversão a aparições públicas, suas suspeitas permanentes em relação aos estranhos, eu esperava que Barbara considerasse essa missão um ônus pesado demais. Mas ela não ofereceu resistência. Seu apoio nos últimos dois meses tem sido inabalável. Embora continue a me considerar uma vítima de minhas próprias loucuras – agora, por me ter enamorado da vida pública e me ligado a políticos implacáveis –, ela reconhece que as coisas já passaram muito além do estágio em que eram uma lição bem merecida. Manifesta regularmente a confiança em minha defesa e, sem que eu dissesse nada, ofereceu-me um cheque de 50 mil dólares para cobrir o sinal pago a Sandy e os honorários posteriores, sacado de um fundo que o pai deixou sob seu controle exclusivo. Escuta com toda atenção as horas de conversa à mesa em que desanco Nico e Molto ou descrevo as complexidades de pequenas estratégias projetadas por Stern. Embora demonstre bravura, sei que há momentos em que, sozinha, ela chora.

Não apenas a tensão desses eventos extraordinários, mas a alteração radical de meu horário acrescentou um novo ritmo às nossas relações. Vou à biblioteca; faço anotações para minha defesa; trabalho inutilmente no jardim. Mas agora, durante a maior parte do tempo, ficamos juntos e a sós. Com o verão, Barbara tem menos responsabilidades na universidade e nos demoramos no desjejum, depois que levo Nat para o acampamento. No almoço, saio e escolho verduras para a salada. E uma nova languidez sexual insinuou-se em nosso relacionamento.

– Eu estava pensando que deveríamos fazer isso – ela anunciou uma tarde, do sofá, onde se achava estendida, com um obscuro material de leitura e chocolates belgas.

Assim, um encontro vespertino tornou-se parte de nossa nova rotina. É mais fácil para ela gozar agachada por cima de mim. Os passarinhos cantam além das janelas; a luz do dia filtra-se pelas beiras das persianas do quarto. Barbara se mexe comigo dentro dela, o vórtice musculoso em ação, os olhos fechados mas revirando, o rosto afora isso sereno, enquanto a cor aumenta e ela se empenha para alcançar o ponto de explosão.

Barbara é uma amante imaginativa e atlética; não foi a privação sensual que me levou a Carolyn. Não posso me queixar de inibições ou fetiches ou do que Barbara não fará. Mesmo nos piores momentos, mesmo em meio à turbulência que se seguiu às minhas confissões idiotas do inverno passado, o sexo não foi abandonado. Somos da geração revolucionária. Falamos abertamente de sexualidade. Quando éramos jovens, cuidávamos disso como se fosse uma lanterna mágica e continuamos a encontrar seu lugar. Viramos peritos na fisiognomia do prazer, os nódulos a pressionar, os pontos a massagear. Barbara, uma mulher dos anos 1980, consideraria um insulto adicional passar sem isso.

Por enquanto, o aspecto clínico que prevaleceu em nossas relações por meses desapareceu. Mas mesmo agora encontro algo desesperado e triste no ato de amor de Barbara. Há distâncias que ainda precisam ser transpostas. Direto na cama nas doces tardes, enquanto Barbara cochila, a tranqüilidade do dia numa comunidade suburbana tranqüilizante e agradável, depois de anos na

confusão do centro, reflito sobre o mistério que minha esposa representa para mim.

Mesmo no auge da paixão por Carolyn, não pensei em sair de casa. Se o casamento com Barbara às vezes se mostra um equívoco, o mesmo não acontece com nossa vida familiar. Ambos dedicamos um amor incondicional a Nat. Cresci sabendo que outras famílias viviam de maneira diferente da minha. Conversavam à mesa do jantar; iam juntas ao cinema e à lanchonete. Eu as via correndo e jogando bola nos campos abertos da Floresta Pública. Ansiava por isso. Aquelas pessoas partilhavam uma vida. Nossa existência como uma família, como pais e filhos, é a única aspiração da minha infância que sinto ter realizado, o único ferimento daquele tempo que curei.

No entanto, pretender que Nathaniel seja nossa única salvação é algo muito cético. Pessimista. Falso. Mesmo no período mais sombrio, ambos reagimos a comandos interiores que encontram algum valor aqui. Minha esposa é uma mulher atraente – e muito. Usa o espelho com todo cuidado, assumindo ângulos determinados para ter certeza de que permanece intacta: a linha do busto ainda empinada; a cintura, apesar da gravidez, ainda de uma moça; as feições precisas ainda sem perder a elegância com qualquer acúmulo de adiposidade ou flacidez sob o queixo. Ela pode, com certeza, arrumar pretendentes; prefere não fazê-lo. É uma mulher capaz. E, por ocasião da morte do pai, 100 mil dólares foram depositados num fundo para ela; com isso, não precisa se preocupar com quem irá sustentá-la no caso de uma separação. Para o melhor ou para o pior, deve haver alguma verdade nas palavras amargas que ela às vezes me lança, no calor das discussões: que sou a única pessoa, além de Nat, que ela já amou.

Nos períodos clementes, como agora, a devoção de Barbara tende a ser extremada. Ela se mostra ansiosa para que eu absorva suas atenções. Tornei-me seu embaixador para o mundo exterior, trazendo de volta a Nearing observações e histórias. Quando estou em julgamento, muitas vezes chego em casa às 23 horas ou à meia-noite para encontrar Barbara esperando de robe, com meu jantar quente. Sentamos juntos e ela escuta com uma curiosidade intensa o que ocorreu durante o dia, quase como se fosse uma criança dos anos 1930 diante do rádio. Os pratos retinem; falo com a boca cheia, Barbara ri e se espanta com as testemunhas, a turma da polícia, os advogados, que ela só conhece por meu intermédio.

E para mim? O que existe? Claro que prezo lealdade e dedicação, gentileza e atenção, quando são demonstradas. Os instantes de amor altruísta de Barbara, tão concentrados em mim, são como um bálsamo para meu ego corroído. Mas seria falso e vazio se eu alegasse que não há momentos em que também a desprezo. Como filho magoado de um homem irado, não posso controlar plenamente minha vulnerabilidade a seus ânimos mais sombrios. Nos acessos de sarcasmo contundente que ela tem, sinto as mãos se contraírem com o impulso para o estrangulamento. Em resposta a essas crises, condicionei-me a manifestar certa indiferença, que com o passar do tempo começou a se tornar real. Tropeçamos num ciclo doentio, um cabo-de-guerra em que cada um manobra em busca de posição, com um recuo eterno.

Mas esses tempos estão distantes agora e quase perdoados. Em vez disso, esperamos à beira da descoberta. O que me segura? Algum anseio. Nas tardes lânguidas, pareço quase captá-lo, mesmo quando portas e janelas da minha alma se encontram escancaradas para uma gratidão fundamental. Nunca passamos sem erupções momentâneas; Barbara é incapaz da serenidade a longo prazo. Mas também efetuamos nossas viagens aos pontos mais brilhantes e lugares mais altos; com Barbara Bernstein, conheci, sem dúvida, os melhores momentos da minha vida. Os primeiros anos foram inocentes, ardentes, repletos daquela paixão clamorosa e um senso de mistério que ultrapassa o que pode ser descrito: anseio às vezes, numa recordação arrebatada, definho com uma sensação tateante – sou como uma coisa bastarda deixada ao fim das aventuras

de ficção científica, que cambaleia com cotos estendidos, acenando para as criaturas de que foi uma outrora: deixe-me ser outra vez! Um esforço perdido.

Quando eu estava na faculdade de direito, Barbara dava aulas. Morávamos num apartamento de dois cômodos e meio, antigo, infestado de insetos, num desmazelo escandaloso. Os radiadores esguichavam jatos de água fervendo no meio do inverno; os camundongos e as baratas reivindicavam como seu domínio qualquer espaço de armário abaixo da pia. Só por ser considerada alojamento de estudantes é que aquela casa escapava à classificação como o que era então considerado habitação miserável. Os senhorios eram dois gregos, marido e mulher, cada um mais doente do que o outro. Viviam um andar acima e no outro lado do pátio. Podíamos ouvir as erupções enfisêmicas do marido em qualquer estação. O problema da mulher era artrite e doenças degenerativas do coração. Eu temia subir para pagar o aluguel a cada mês, por causa do odor de deterioração, um cheiro estranho, denso, podre, parecido com repolho, que impregnava o ar no instante em que a porta era aberta. Mas era tudo o que tínhamos condição de alugar. Com o custo da faculdade deduzido do salário inicial de professora, ficávamos bem próximos dos padrões burocráticos da pobreza reconhecida.

Tínhamos uma piada permanente: a de que éramos tão pobres que a única forma de diversão a que podíamos nos dedicar era foder. Esse humor se enquadrava mais na natureza do constrangimento partilhado, pois sabíamos que beirávamos o excesso. Foram anos sensuais. O fim de semana era uma coisa para a qual eu me arrastava ansioso. Fazíamos o nosso Sabá: jantar a sós, garrafa de vinho e depois um amor longo, maravilhoso, perambulante. Podíamos começar em qualquer lugar do apartamento e continuar, em crescente *déshabillé*, através do tapete, na direção do quarto. Às vezes, isso se prolongava por mais de uma hora, eu ansioso e priápico e minha pequena beldade morena, os seios enrijecidos em êxtase, enquanto rolávamos e nos entrelaçávamos um no outro. E foi uma noite assim, enquanto eu levava Barbara para os estágios finais no quarto, que percebi nossa janela aberta e, por cima, dois vizinhos idosos observando. Havia alguma coisa tão fascinada e inocente em suas expressões que, em reconstituição, eles me parecem como animais sobressaltados: corças, coelhos: uma expressão de espanto incompreensivo, os olhos arregalados. Nunca desconfiei que espiavam há muito tempo, um sentimento que não atenuou absolutamente minha vergonha. Fiquei parado ali, o membro ereto naquele instante na mão de Barbara, que se encontrava untada com óleo de amêndoa. Barbara também os viu, tenho certeza. Porque, no instante em que recuei e comecei a me encaminhar para a janela, ela me deteve. Tocou em minha mão; e depois tornou a me segurar.

– Não olhe, não olhe – ela murmurou, a respiração doce e quente em meu rosto. – Eles estão quase gozando.

21

Uma semana depois da denúncia, Sandy e eu estamos de pé na sala de recepção da firma de advocacia da qual Raymond Horgan é sócio desde maio. Um lugar de muita classe. O chão é de parquete, coberto por um dos maiores tapetes persas que já vi, tonalidade rosa sobre um vibrante fundo azul-marinho. Muita arte abstrata de aparência dispendiosa nas paredes, mesas de cromado

e vidro em cada canto, com exemplares de *Forbes* e *The Wall Street Journal* em fileiras. Uma loura meiga, que provavelmente ganha 2 mil dólares extras por ano só pelo fato de ser tão atraente, está por trás de uma elegante escrivaninha de pau-rosa, anotando nomes.

Sandy segurou minha lapela de leve, instruindo-me num murmúrio. Os jovens advogados que passam afobados, em mangas de camisa, talvez nem mesmo possam ver seus lábios mexerem. Não devo travar uma discussão, diz Sandy. Ele fará as perguntas. O propósito da minha presença, ele explica, é apenas servir como estimulante. Acima de tudo, ele diz, devo me manter controlado, qualquer que seja o clima da acolhida.

– Sabe de alguma coisa? – pergunta.

– Estão surgindo comentários – responde Sandy. – Mas a especulação não tem sentido, quando em breve saberemos as respostas diretamente.

Sandy, na verdade, ouve muitas coisas. Um bom advogado de defesa dispõe de uma rede complexa. Clientes trazem informações. Repórteres. Às vezes, há tiras que são amigos. Para não mencionar outros advogados de defesa. Quando eu era promotor, a turma da defesa parecia uma espécie de tribo, sempre batendo em seus tantãs quando havia alguma notícia que podia comunicar. Sandy me contou que Della Guardia intimou Raymond a comparecer ao grande júri, logo depois de assumir o cargo; Raymond tentou resistir, sob a alegação de privilégio exclusivo. Sandy sabe disso, ele garantiu, de excelente fonte. Em vista dessa escaramuça, era de se esperar uma hostilidade incessante entre Raymond e Nico, mas a reação de Sandy ao ver o nome de Raymond na relação de testemunhas sugere outra informação. Sandy, é claro, jamais revelaria a confidência de quem quer que lhe tenha fornecido uma idéia das intenções de Raymond.

A secretária de Raymond vem nos buscar, e no meio do caminho para a sua sala deparamos com o próprio Raymond. Ele está em mangas de camisa, sem paletó.

– Sandy. Rusty. – Ele me segura o ombro por um instante, enquanto trocamos um aperto de mão. Engordou e a barriga se projeta contra os botões inferiores da camisa. – Já estiveram aqui antes?

Raymond nos leva numa excursão. Com os incentivos fiscais, os escritórios de advocacia se transformaram em novos Versalhes. Raymond nos fala sobre as obras de arte, nomes que sei que ele só aprendeu nas revistas. Stella. Johns. Rauschenberg.

– Gosto especialmente desta peça – ele diz.

Curvas e quadrados. Numa sala de reunião há uma mesa de 10 metros, inteiriça, de malaquita. Sandy pergunta pelo trabalho de Raymond. A maior parte na área federal até agora, informa Raymond, o que ele acha muito bom. Está com um grande júri em Cleveland. O cliente vendeu pára-quedas ao Departamento de Defesa; tinham cordas defeituosas.

– Um equívoco de pura inadvertência – comenta Raymond, com um sorriso insinuante. – Cento e dez mil peças.

Chegamos finalmente à sala de Raymond. Deram-lhe uma sala de canto, com uma vista espetacular, para oeste e sul. O Muro do Respeito foi reinstalado aqui, com alguns acréscimos. Uma fotografia panorâmica do palanque na última posse de Raymond ocupa o centro agora. Lá estou, com quarenta outros, bem à direita.

Eu não notara a presença de um rapaz, até que Raymond o apresenta. Peter de tal. Um associado. Peter empunha um bloco e uma caneta. Peter é o conferente. Dará cobertura a Raymond caso haja alguma controvérsia posterior sobre o que ele disse.

– Em que posso servi-los? – indaga Raymond, depois de pedir café.

– Primeiro – diz Sandy –, Rusty e eu queremos lhe agradecer por ter dispensado um tempo para nos receber. Foi muita cortesia.

Raymond acena, dispensando o agradecimento.

– O que posso dizer?

Uma espécie de *non sequitur*. Creio que ele pretende sugerir que quer ajudar, sem dizer isso expressamente.

– Acho que é melhor e tenho certeza de que você compreende se Rusty não participar de nossa conversa – diz Sandy. – Espero que não se importe se ele apenas escutar.

Ao falar isso, Sandy olha para Peter, que levantou o bloco e já está tomando anotações, implacável.

– Claro. O espetáculo é seu. – Raymond começa a mexer em sua mesa, espanando uma poeira que não posso ver... e tenho certeza de que ele também não. – Fico surpreso que tenha pedido para ele acompanhá-lo. Mas isso é problema de vocês.

Sandy contrai a testa tipicamente, um desses gestos latinos que refletem alguma coisa muito delicada ou imprecisa para dizer.

– Então, o que quer que eu lhes diga? – Raymond torna a perguntar.

– Encontramos seu nome no rol de testemunhas de Della Guardia. É o que motiva nossa visita.

– Claro. – Raymond levanta as mãos. – Sabe como são essas coisas, Alejandro. O cara lhe manda um convite para a festa, você não pode deixar de comparecer.

Já vi mil vezes antes esse comportamento efusivo de Raymond. Ele gesticula muito; as feições largas sempre tendem para um sorriso. Os olhos raramente se encontram com os da pessoa com quem conversa. É assim que negociamos com os advogados de defesa. Sou um cara sensacional, mas não posso fazer nada. Depois que os visitantes se retiravam, Raymond muitas vezes lhes aplicava alguns epítetos.

– Então vai comparecer por intimação?

– Pode apostar que sim.

– Entendo. Não recebemos o depoimento. Devo presumir que não falou com os promotores?

– Não. Conversei um pouco com eles. Falo com vocês, falo com eles. Tivemos algumas dificuldades a princípio. Mike Duke precisou definir algumas coisas. E a essa altura já me encontrei umas poucas vezes com Tom Molto. Merda, mais do que umas poucas vezes. Mas sabe como é, um a um. E não assinei um depoimento ou qualquer coisa assim.

Um mau sinal. Péssimo. Pânico e ira afloram em mim, mas tento afugentá-los. Raymond está recebendo o tratamento de testemunha principal. Não há depoimentos formais, para reduzir ao mínimo as incoerências que o poriam em risco de reinquirição. Sessões múltiplas com o promotor, porque ele é muito importante para o caso.

– Menciona dificuldades – diz Sandy. – Não é uma questão de imunidade, presumo.

– Claro que não. Nada parecido. Acontece apenas que alguns dos caras por aqui, meus novos sócios... Toda essa história os está deixando nervosos. – Ele solta uma risada. – É uma maneira terrível para se começar. Estou aqui há três dias e recebo uma intimação do grande júri. Aposto que Solly Weiss adorou isso.

Ele está se referindo ao sócio da firma que é o administrador. Sandy fica em silêncio. Está com o chapéu e a pasta depositados decorosamente no colo. Estuda Horgan, sem a menor cerimônia, sondando-o. O homem não deixa transparecer coisa alguma. Stern se comporta assim em algumas ocasiões; abandona subitamente toda a sua cortesia afável e parece afundar abaixo da superfície das coisas.

– E o que disse a eles? – Sandy finalmente indaga, ainda muito quieto.

– Meus sócios?

– Claro que não. Estava querendo saber o que poderíamos esperar de seu depoimento. Já esteve neste lado das coisas antes.

Sandy retorna a seu tom mais familiar, gentil e indireto. Quando indagou o que Raymond lhes dissera, um momento antes, foi como um relâmpago subitamente refletido. Seu temperamento foi ao mesmo tempo óbvio e plenamente demonstrado.

– Hã... não quero entrar num relato palavra por palavra.

Raymond acena com a cabeça na direção do jovem tomando notas.

– Claro que não – diz Sandy. – Tópicos. Áreas de atuação. Qualquer coisa que se sinta à vontade para contar. É muito difícil para quem está de fora sequer adivinhar às vezes o que uma testemunha pode ser chamada a relatar. Sabe disso muito bem.

Sandy está sondando alguma coisa que não entendo direito. Poderíamos levantar agora e partir, se estivéssemos aqui apenas para descobrir o propósito previamente anunciado da visita. Sabemos qual é a posição de Raymond Horgan. Ele não é um amigo.

– Vou testemunhar sobre a maneira como Rusty conduziu a investigação. Como me disse que estava interessado em cuidar do caso. E uma conversa posterior que tivemos, sobre aspectos da minha vida pessoal...

– Espere um pouco. – Não consigo mais me conter. – Como *eu* estava interessado em cuidar da investigação? Raymond, você me pediu para assumir o caso.

– Houve uma conversa entre nós.

Pelo canto dos olhos, noto Stern levantando a mão, mas continuo a me concentrar em Horgan.

– Raymond, você me *pediu*. Disse que andava muito ocupado com a campanha, que precisava estar nas melhores mãos, não podia se preocupar com a possibilidade de outro meter os pés pelas mãos.

– É possível.

– Foi o que aconteceu.

Olho para Stern, em busca de apoio. Ele se recosta na cadeira, fitando-me. Está simplesmente furioso.

– Desculpe – murmuro.

Raymond continua alheio à minha comunicação com meu advogado.

– Não me lembro disso, Rusty. Talvez tenha sido assim que aconteceu... como você disse, eu andava ocupado com a campanha. Mas, pelo que me lembro, tivemos uma conversa, um ou dois dias antes do funeral. Ao final dessa conversa, concordamos que você cuidaria do caso. A impressão que tenho é de que a idéia de você assumir foi mais sua do que minha; fui receptivo, admito, mas lembro de alguma surpresa pela maneira como as coisas terminaram.

– Raymond... O que está tentando fazer comigo, Raymond? – Olho para Sandy, que mantém os olhos fechados. – Não posso nem lhe perguntar isso?

Mas já levei a situação além da crista; Raymond desce a encosta a toda velocidade, no seu próprio impulso. Inclina-se através da mesa o máximo possível.

– O que estou tentando fazer com você? – Ele repete a pergunta duas vezes, cada vez mais vermelho. – O que *você* estava tentando fazer *comigo*, Rusty? O que suas impressões digitais estavam fazendo na porra daquele copo? E que história foi aquela de sentar em minha sala e me perguntar com quem eu estava fodendo e nunca, naquele momento, quando seria amigável, ou duas semanas antes, quando o designei para a investigação... e, ao que me lembro, censurei-o umas duas vezes por não avançar na investigação... – Ele se vira abruptamente para Sandy e

aponta. – Eis aí mais alguma coisa sobre a qual vou testemunhar. – Torna a me fitar. – Nunca, duas semanas antes, quando seria a atitude profissional a assumir, *nunca*, em qualquer ocasião, você me contou que estava comendo a mesma mulher. Pensei durante muito tempo naquela conversa, Rusty, perguntando a mim mesmo o que você estava fazendo lá. O que era, Rusty?

A cena é mais do que Peter, o advogado associado, pode absorver. Ele parou de escrever e se limita a nos observar. Stern aponta para Peter.

– Nessas circunstâncias, estou aconselhando meu cliente a não responder. Obviamente, ele bem que gostaria.

– Então é isso o que vou testemunhar – Raymond diz a Sandy. Ele se levanta e enumera nas pontas dos dedos. – Que ele queria o caso. Que tive de alertá-lo várias vezes para acelerar a investigação. Que ele estava mais interessado em descobrir quem mais andava fodendo com Carolyn do que em descobrir quem a assassinara. E que, quando finalmente houve uma pressão para valer, ele sentou em minha sala e nos disse uma porção de besteiras, que nem chegou perto do apartamento de Carolyn naquela noite. É isso o que vou testemunhar. E com o maior prazer.

– Muito bem, Raymond – diz Sandy.

Ele pega o chapéu, um melão cinza de feltro, da cadeira em que o largara no meio de seus esforços para me aquietar.

Fito Horgan. Ele sustenta o olhar.

– Nico Della Guardia foi honesto quando disse que estava a fim de me sacanear – diz Horgan.

Sandy se interpõe entre nós. Puxa-me para ficar de pé, as duas mãos em meu braço.

– Já chega – ele declara.

– Filho-da-puta – resmungo, enquanto andamos depressa na frente de Peter, a caminho da saída. – Filho-da-puta.

– Sabemos onde estamos – diz Stern calmamente.

Ao entrarmos na recepção, ele me pede, baixinho, em tom sibilante, para ficar calado. O silêncio forçado assenta em minha boca como uma mordaça. Enquanto o elevador desce, descubro-me com uma ansiedade desesperada para falar. Seguro o braço de Sandy assim que chegamos ao térreo.

– O que deu nele?

– Ele é um homem com muita raiva. – Stern avança determinado pelo saguão de mármore.

– Eu percebi. Nico o convenceu de que sou culpado?

– Provavelmente. E com toda certeza acha que você poderia ter sido muito cauteloso, em particular no que se refere a ele.

– Não fui um servidor fiel?

Sandy faz outro de seus movimentos latinos: mãos, olhos, testa. Pensa em outras coisas. Enquanto anda, lança um olhar solene em minha direção.

– Eu não sabia que Horgan tivera uma ligação com Carolyn. Ou que você tivesse conversado com ele a respeito.

– Não me lembrava dessa conversa.

– Não duvido. – O tom de Stern insinua que ele duvida, e muito. – Bom, acho que Della Guardia poderá tirar proveito disso. Quando foi que ocorreu o relacionamento entre Raymond e Carolyn?

– Logo depois que ela deixou de se encontrar comigo.

Sandy pára. Não faz o menor esforço para esconder sua aflição. Fala a si mesmo, por um instante, em sua língua natal.

– Nico está chegando perto de um motivo.

– Mas ainda se encontra a alguma distância – comento, esperançoso. Ele ainda não pode provar o relacionamento principal, entre Carolyn e mim.

– Alguma – murmura Sandy.

Há uma determinação deliberada em sua expressão. É evidente que está irritado comigo, tanto por meu desempenho lá em cima como por não lhe revelar um detalhe significativo. Diz que temos muito a conversar. Mas nesse momento precisa comparecer a uma audiência no tribunal. Põe o chapéu e se aventura pelo calor escaldante, sem olhar para trás.

E ali, no saguão, sinto-me no mesmo instante desconsolado. Tantas emoções estão aflorando que há uma espécie de vertigem. Acima de tudo, há uma vergonha cáustica por minha estupidez. Depois de tantos anos, ainda deixei de perceber como aqueles acontecimentos teriam impacto sobre Raymond Horgan, embora agora a trajetória de suas emoções parecesse tão previsível quanto uma curva hiperbólica. Raymond Horgan é um homem público. Tem vivido para projetar sua reputação. Disse que não era um político, mas tem o mel do político: viceja com a aclamação, anseia pela opinião favorável de todos. Não se importa com minha culpa ou inocência. Está abalado pela própria desgraça. Seu próprio subchefe indiciado por homicídio. A investigação, que ele me deixou conduzir, sabotada diante de seus olhos. E terá de subir ao banco das testemunhas, revelar as próprias indiscrições. Haverá piadas de bar por anos sobre a situação de uma promotora-assistente *sob* Raymond Horgan. Entre o seu comportamento e o meu, o escritório vai parecer mais ativo do que as termas romanas. E o pior de tudo é que o homicídio afastou Raymond da vida que realmente amava; mudou o curso da eleição; mandou-o para cá, para sua gaiola de aço e vidro. O que enfurece Raymond, inspira sua raiva, não é realmente que eu tenha cometido o crime. É que ele acredita que estava destinado a ser outra vítima. Foi o que disse quando finalmente abriu as comportas. Eu o sacaneei. Matei Carolyn para derrubá-lo. E consegui. Horgan acha que já definiu tudo. E é evidente que planejou sua vingança.

Deixo o prédio. O calor é intenso; o sol é ofuscante. Sinto-me no mesmo instante com as pernas meio bambas. Compulsivamente, tento calcular os mil impactos sutis do depoimento de Raymond sobre o julgamento, de sua inequívoca hostilidade contra mim, mas isso logo se desvanece. As idéias vêm e vão de maneira desordenada. Vejo o rosto de meu pai. Não consigo relacionar as coisas. Depois de tantas semanas, depois de tudo o que tem acontecido, sinto que finalmente vou desmoronar e descubro, atordoado, ao me virar na rua, que estou orando, um hábito de infância, quando tentava cobrir as apostas com Deus, em quem sabia que não acreditava muito.

E agora, caro Deus, penso, caro Deus em quem não acredito, rezo para que acabe com isso, pois estou apavorado. Caro Deus, farejo meu medo com um odor tão distinto quanto ozônio no ar depois de um relâmpago. Sinto o medo de maneira tão palpável que ele tem uma cor, um vermelho ardente, sinto terrivelmente nos ossos, que doem. Minha aflição é tão intensa que mal consigo me movimentar por esta avenida quente e por um momento não consigo me mexer, enquanto a espinha dorsal se curva em medo, como se um ferro em brasa ali encostasse. Oh, Deus, oh, Deus, estou em agonia e medo, o que quer que eu tenha feito para atrair tudo isso peço que me livre, por favor, eu oro, livre-me do sofrimento. Livre-me. Oh, Deus, em quem não acredito, oh, Deus, permita que eu me livre disso.

Nos Estados Unidos, a promotoria num processo penal não pode apelar do resultado. É um princípio constitucional, declarado pelo Supremo Tribunal Federal. Um promotor americano, o único entre todos os advogados que se apresentam num tribunal – entre os sofisticados e mercenários, uma coleção de advogados em seus ternos de raiom, os magnatas das falências, os que berram nos tribunais de divórcio, os advogados agressivos ou os serenos como Sandy Stern, os "litigantes" dos grandes escritórios que executam até as tarefas mais rotineiras no tribunal aos pares –, o promotor é o único que não tem o direito de buscar revisão das decisões de um juiz no julgamento. Qualquer que seja a majestade do cargo, o poder dos policiais que ele comanda, a predisposição a seu favor que os jurados sempre levam para o tribunal, o promotor, muitas vezes, se descobre sobre o dever permanente de suportar em silêncio várias formas de abuso judicial.

Em nenhum outro lugar, enquanto trabalhei na promotoria, essa obrigação foi imposta de maneira mais sistemática e regular do que no tribunal do Juiz Larren Lyttle. Ele é irônico, douto e indisposto pela experiência de uma vida inteira contra a posição do Estado. Os hábitos de vinte anos como advogado de defesa, em que sistematicamente maltratou e menosprezou promotores e policiais, nunca o deixaram quando passou para a magistratura. Além disso, ele tem a autêntica educação de um negro nas maneiras incontáveis em que o arbítrio da promotoria pode ser usado para desculpar arrogantemente um capricho irracional. As injustiças aleatórias e completas que testemunhou nas ruas tornaram-se uma espécie de enciclopédia emocional para ele, informando cada decisão, que é tomada quase que num reflexo contra o Estado. Depois de dois ou três anos, Raymond desistiu de comparecer ao tribunal para argumentar. Os dois berravam um com o outro, como devia acontecer no antigo escritório de advocacia que partilhavam. Depois, Larren batia o martelo, mais intransigente do que nunca, e declarava recesso, a fim de que ele e Raymond pudessem fazer as pazes em sua sala e planejassem um drinque juntos.

O Juiz Lyttle está na bancada, recebendo relatórios de situações sobre outros casos, quando Stern e eu chegamos. É sempre como se houvesse um refletor. Ele é a única pessoa que você vê – bonito, exuberante, extraordinariamente cativante. O Juiz Lyttle é um ser humano muito grande, com 1,95 metro de altura ou por aí, quase tanto de largura. Começou a adquirir fama como herói do futebol americano e do basquete na universidade, que cursou com uma bolsa de estudos. Tem uma cabeça cheia de cabelos africanos de comprimento médio, a maior parte já grisalha, um rosto grande, mãos enormes, um esplêndido estilo de oratória, a voz sonora. Sua inteligência excepcional também é transmitida de alguma forma por sua presença. Alguns dizem que Larren encara seu futuro na magistratura federal; outros sugerem que seu verdadeiro objetivo é suceder Albright Williamson como o congressista do distrito ao norte do rio, quando este deixar de desafiar a idade e as predições do cardiologista. Quaisquer que sejam suas inclinações, Larren é alguém cujas perspectivas e poderes pessoais o convertem, por estas bandas, numa pessoa de importância capital.

Fomos chamados ontem pela manhã para vir aqui por um telefonema do escrevente do juiz. Com a apresentação das petições do réu antes do julgamento, há dois dias, o meritíssimo deseja realizar uma oitiva sobre o processo. Desconfio que ele queira decidir algumas de nossas petições e talvez discutir uma data para o julgamento.

Sandy e eu esperamos em silêncio. Kemp ficou no escritório. Nós três passamos o dia de ontem juntos e eu lhes contei tudo o que sabia sobre as testemunhas que Nico relacionou. As perguntas de Stern permaneceram precisas e restritas. Ele ainda não me perguntou se trepei com Carolyn naquela noite ou se lá estive por qualquer outro motivo, nem se possuo, apesar de todas as minhas afirmativas anteriores, algum instrumento que possa se conformar com a fratura no topo da cabeça da vítima.

Passo esses momentos, um intervalo familiar na vida de um advogado atuando em tribunal, olhando ao redor. Todos os repórteres estão aqui de novo, embora os desenhistas tenham ficado em casa. O Juiz Lyttle, político nos aspectos em que um juiz pode ser, trata os repórteres muito bem. Há uma mesa reservada para eles junto da parede do lado oeste e o juiz sempre avisa à sala de imprensa antes de emitir qualquer decisão relevante. O tribunal em que será determinado o curso do resto de minha vida é uma jóia. O recinto do júri é separado por uma grade de nogueira e colunas de esferas de madeira lindamente granulada. O local das testemunhas é similar, ao lado da bancada do juiz, bastante elevada e coberta por um dossel de nogueira, sustentado por duas colunas de mármore vermelho. O escrevente, o oficial de justiça e o taquígrafo (que registra todas as palavras pronunciadas no tribunal em sessão) ficam bem à frente da bancada. Uns poucos passos além foram colocadas duas mesas, também em nogueira mais escura, as pernas trabalhadas. Servem para os advogados que atuam no julgamento, perpendiculares à bancada. A promotoria, por tradição, sentará mais perto do júri.

Depois que todos os outros assuntos são resolvidos, nosso processo é chamado. Alguns repórteres se aproximam da mesa da defesa para ouvir melhor e os advogados – e eu – se reúnem diante da bancada. Stern, Molto e Nico enunciam seus nomes. Sandy registra minha presença. Tommy me lança um pequeno sorriso. Aposto que ele já tomou conhecimento de nosso encontro com Raymond na semana passada.

– Senhores – o Juiz Lyttle começa –, pedi que viessem aqui porque pensei que poderíamos realizar um pequeno trabalho para adiantar este caso. Tenho algumas petições do réu e estou disposto a deferi-las, a menos que os promotores estejam particularmente ansiosos em contestá-las.

Tommy fala no ouvido de Nico.

– Apenas a petição para impugnar o Sr. Molto – diz Nico.

Naturalmente, eu penso. Todo um escritório trabalhando para ele e ainda hesita em pôr as coisas no papel.

Larren diz que deixará a petição de impugnação para o fim, embora tenha algumas idéias a respeito.

– Vamos à primeira petição – diz Larren, com a pilha de papel à sua frente. – É para se marcar uma data imediata do julgamento. Pensei bem a respeito. Como os promotores sabem, o caso *Rodriguez* foi adiado no início desta manhã. Assim, estarei livre por 12 dias de julgamento, daqui a três semanas. – Larren consulta o calendário. – Dia 18 de agosto, Sr. Stern. Poderá comparecer?

É uma perspectiva extraordinária. Não esperávamos nada antes do outono. Sandy terá de deixar todo o resto de lado... mas nem por isso hesita.

– Com prazer, meritíssimo.

– E a promotoria?

Nico tenta se esquivar. Tem férias planejadas. E o mesmo ocorre com o Sr. Molto. Ainda restam provas a serem apuradas. Com isso, o Vesúvio entra em erupção.

– Não quero saber de nada. Nem pense nisso, Sr. Delay Guardia. – O Juiz Lyttle pronuncia o nome de Nico assim, como se tentasse incorporar o apelido. Com Larren, nunca se pode saber. – Estas acusações aqui... São acusações de um crime muito grave... O que mais poderia fazer com o Sr. Sabich? Promotor por toda a sua vida profissional e levanta acusações desse tipo. Todos sabemos por que o Sr. Stern deseja um julgamento rápido. Não há segredos aqui. Todos passamos boa parte de nossas vidas atuando em julgamentos. O Sr. Stern examinou as provas que lhe foram fornecidas pela cláusula da revelação, Sr. Delay Guardia, e está convencido de que

seu caso não é grande coisa. Ele pode não estar certo. Eu não saberia dizer. Mas, se procura este tribunal e acusa um homem de crime, é melhor estar pronto para prová-lo. Imediatamente. E não me venha falar sobre novas provas. Não pode deixar isso pairando sobre o Sr. Sabich como aquela velha espada de Dâmocles. Não, senhor. Teremos um julgamento dentro de três semanas.

Meu sangue virou gelo. Sem pedir licença, sento-me à cabeceira da mesa da defesa. Stern olha para trás por um instante e parece sorrir.

– O que mais temos? – diz Larren.

Apenas por um momento, enquanto olha ao redor, ele exibe um sorriso particular. Jamais consegue esconder inteiramente a satisfação em relação a si mesmo sempre que desanca um promotor. Ele examina rapidamente nossas petições. Cada uma é deferida, como não poderia deixar de acontecer. Tommy protesta um pouco contra a petição para apresentação do copo. Lembra ao tribunal que a promotoria tem o ônus de provar uma seqüência de custódia – isto é, que o copo nunca esteve fora das mãos do Estado –, uma impossibilidade se o copo for entregue à defesa.

– O que a defesa quer fazer com esse copo?

Levanto no mesmo instante.

– Quero dar uma olhada nele, meritíssimo.

Sandy me lança um olhar corrosivo. Com a mão em meu antebraço, ele me obriga a sentar de novo. Terei de aprender: não me compete falar.

– Muito bem – diz Larren. – O Sr. Sabich quer ver o copo. Isso é tudo. Ele tem esse direito. A promotoria está obrigada a lhe mostrar a prova. Examinei as informações fornecidas pela promotoria e compreendo por que o Sr. Sabich pode querer examinar esse copo com toda atenção. Portanto, a petição está deferida. – Larren aponta para mim. É a primeira vez que acusa de forma concreta ter conhecimento da minha presença ali. – E, já que estamos tratando disso, Sr. Sabich, claro que será ouvido por intermédio de seu advogado, mas se quiser falar pessoalmente terá esse direito. A qualquer momento. Também tem todo direito de estar presente nas reuniões particulares ou sessões públicas. Quero que saiba disso. Todos sabemos que o Sr. Sabich é um dos melhores advogados criminais destas bandas, e estou certo de que ficará curioso em saber vez ou outra o que estamos fazendo.

Olho para Sandy, que acena com a cabeça, antes de responder. Agradeço ao tribunal. Digo que escutarei. Meu advogado falará.

– Muito bem. – Os olhos do juiz irradiam a luz de uma simpatia que nunca encontrei ali antes. Sou um réu agora, sob sua custódia especial. Como um chefe de quadrilha ou um *don* da Máfia, ele me deve alguma proteção, enquanto estiver sob a sua jurisdição. – Temos em seguida a petição para entrar no apartamento.

Molto e Nico conferenciam.

– Sem objeções – diz Nico –, desde que um agente da polícia esteja presente.

Ao que Sandy protesta prontamente. Seguem-se uns poucos momentos de uma típica escaramuça de tribunal. Todos sabem o que está acontecendo. Os promotores querem descobrir o que procuramos. Por outro lado, eles têm um argumento válido. Qualquer interferência no conteúdo do apartamento de Carolyn prejudicará a possibilidade de uso adicional do local do crime para obter novas provas.

– Já há muitas fotografias a essa altura – diz Larren. – Cada vez que tenho um caso assim, não posso deixar de me perguntar se os promotores não teriam algum acordo com a Kodak.

Os repórteres riem e o próprio Larren sorri. Ele é assim. Adora uma gracinha. Aponta o seu martelo para Della Guardia.

– Pode colocar um guarda na porta, a fim de ter certeza de que nenhum membro da defesa vai remover qualquer coisa, mas não permitirei que bisbilhote o que eles estão procurando. A promotoria teve quatro meses para examinar todo aquele apartamento. – Larren inclui em sua contagem o mês em que estive no comando da investigação. – Acho que a defesa tem direito a uns poucos minutos em paz. Sr. Stern, prepare uma ordem apropriada e eu a assinarei. E não se esqueça de dar um aviso prévio ao administrador, executor ou quem quer que represente o espólio da Sra. Polhemus, a fim de que saiba o que o tribunal tenciona autorizar. E agora vamos falar sobre a petição para a impugnação do Sr. Molto.

É a nossa petição para impedir que Tommy Molto atue no julgamento, porque Nico disse que ele pode ser uma das testemunhas.

Nico começa a falar imediatamente. Desqualificar um dos promotores a três semanas do julgamento seria um fardo oneroso. Inadmissível. O Estado talvez nunca esteja pronto. Não sei se Nico procura ganhar tempo ou derrotar a petição. É provável que nem ele próprio tenha certeza disso.

– Não fui eu quem lhe disse para pôr o Sr. Molto no rol de testemunhas, Sr. Della Guardia – declara o Juiz Lyttle. – Não consigo imaginar como pensou que poderia ter um promotor que talvez fosse testemunha. Um advogado não pode ser parte e testemunha no mesmo processo. Operamos assim em nossos tribunais há cerca de quatrocentos anos. E não tenciono mudar para este julgamento, não importa quão relevante seja para qualquer das partes, não importa quantos repórteres apareçam aqui do *Time*, *Newsweek* ou de qualquer outro lugar.

O Juiz Lyttle faz uma pausa e desvia os olhos contraídos para os repórteres, como se só agora notasse que se encontram ali.

– Mas deixe-me dizer uma coisa... – Larren levanta e se põe a andar por trás da bancada. Começando de 2,50 metros do chão, ele fala de uma enorme altura. – Presumo, Sr. Delay Guardia, que o depoimento a que se refere é a resposta do Sr. Sabich à acusação de homicídio do Sr. Molto, quando ele disse “Você está certo”.

– “Isso mesmo, você está certo” – diz Nico.

Larren aceita a correção, inclinando a imensa cabeça.

– Muito bem. O Estado ainda não apresentou o depoimento. Contudo, indicou suas intenções e o Sr. Stern apresentou a petição por esse motivo. Mas me ocorre uma coisa. Não tenho certeza se essa declaração entrará nas provas. O Sr. Stern ainda não apresentou qualquer objeção. Prefere antes ver o Sr. Molto desqualificado. Mas imagino, Sr. Delay Guardia, que durante o julgamento o Sr. Stern vai dizer que essa declaração não é relevante.

Esse é um dos meios prediletos de Larren de ajudar a defesa. Prevê objeções que provavelmente ouvirá. Algumas – como esta – são claramente inevitáveis. Outras nunca teriam ocorrido à defesa. De qualquer forma, quando apresentadas formalmente, as objeções previstas sempre são deferidas.

– Meritíssimo – diz Nico –, o homem admitiu o crime.

– Ora, Sr. Delay Guardia, é justamente aonde estou querendo chegar – diz o Juiz Lyttle. – Falar a um homem que ele está fazendo alguma coisa errada e a resposta é “Isso mesmo, você está certo”. Todos reconhecem que é uma resposta jocosa. Todos estão familiarizados com isso. Se o Sr. Sabich viesse do mesmo lugar em que fui criado, teria respondido “É isso aí, cara”.

Há gargalhadas no tribunal. Larren volta a acertar em cheio. Ele senta, rindo para si mesmo.

– Mas tenho a impressão de que na parte da cidade em que o Sr. Sabich foi criado costuma-se dizer “Isso mesmo, você está certo”, quando na verdade querem dizer “Está enganado”. – Uma pausa. – Para ser polido.

Mais risos.

– Meritíssimo – diz Nico –, essa não é uma questão para o júri?

– Ao contrário, Sr. Delay Guardia, é inicialmente uma questão para o tribunal. Devo ser convencido de que a prova é relevante. Que torna mais provável a proposição pela qual é apresentada. Ainda não estou decidindo, é claro, mas, a menos que seja muito mais persuasivo do que até agora, senhor, creio que me verá decidir que essa prova não é relevante. E talvez queira levar isso em consideração ao tratar da petição do Sr. Stern, porque, se não vai apresentar a prova nem utilizá-la na reinquirição do réu, então eu teria de indeferir a petição.

Larren sorri. Nico, obviamente, está perdido. O juiz praticamente lhe disse que a declaração não será admitida. A opção de Nico é perder Molto e fazer um esforço inútil para introduzir a prova ou manter Tommy e abandonar a prova. Não chega a ser uma opção – é sempre melhor ter pouco do que nada. Minha declaração para Tommy acaba de desaparecer do processo. Molto aproxima-se da bancada.

– Juiz...

Ele não vai além. Larren o interrompe. O rosto perde todo o bom humor.

– Ora, Sr. Molto, não vou escutá-lo discorrer sobre a admissibilidade do próprio depoimento. Talvez possa me convencer de que essa regra consolidada pelo tempo, que proíbe um advogado de ser testemunha num caso em que atue, não deve ser aplicada aqui, mas até lá não quero ouvir mais nada de sua parte, senhor.

Larren se apressa em encerrar a audiência. Diz que nos verá para o julgamento em 18 de agosto. E se retira, depois de lançar mais um olhar para os repórteres.

Molto ainda se encontra parado ali, com uma expressão patente de irritação. Tommy sempre teve o péssimo hábito, para um advogado de júri, de permitir que sua insatisfação se torne evidente. Mas o Juiz Lyttle e ele batalham há muitos anos. Posso não ter lembrado a atuação de Carolyn no Distrito Norte, mas nunca poderia esquecer Larren e Molto. Exilado por Bolcarro para aquela Sibéria judicial, o Juiz Lyttle aplicava a própria justiça. Os policiais eram culpados de maltratar os presos até prova em contrário. Molto, pressionado e amargamente infeliz, costumava alegar que os cafetões, viciados e pequenos ladrões, alguns dos quais compareciam todos os dias ao tribunal de Larren, levantavam-se para aplaudi-lo quando ele aparecia para a sessão matutina. A polícia desprezava o Juiz Lyttle. Inventavam epítetos raciais que demonstravam a mesma imaginação que a humanidade dispensou à lua. Larren já se encontrava no centro há anos quando concluí a investigação dos Night Saints e Lionel Kenneally ainda se queixava sempre que ouvia seu nome. Havia uma história que Kenneally deve ter me contado umas dez vezes sobre um caso de agressão, levado por um policial que alegou que o réu resistira à prisão. O tira, chamado Manos, explicou que se metera numa briga com o réu, logo depois que este o xingara.

– E xingou de quê? – quis saber Larren.

– Preferia não dizer aqui no tribunal, juiz – respondeu Manos.

– Por acaso está com receio de ofender os presentes? – Larren gesticulou para os bancos da frente, onde ficavam os réus da sessão matutina, um bando de vigaristas, punguistas e ladrões viciados. – Pode falar sem constrangimento – disse o Juiz Lyttle.

– Ele me chamou de filho-da-puta, meritíssimo.

Houve assovios, vaias, muita alegria nos bancos. Larren bateu com o martelo para impor silêncio, mas também estava rindo.

– Ora – disse Larren, ainda sorrindo –, não sabia que é um termo carinhoso em nossa comunidade?

As pessoas nos bancos entraram em delírio: saudações do *black power*, um frenesi de palmas. Manos aceitou tudo em silêncio. Um minuto depois, quando Molto encerrou sua argumentação, Larren ofereceu um veredicto para a defesa.

– E o melhor de tudo – Kenneally me contou –, é que Manos foi então até a bancada, parou ali com o chapéu na mão e disse a Lyttle, doce como um garoto de escola: "Obrigado, filho-da-puta." Virou as costas e foi embora.

Já ouvi esta história de duas outras pessoas. Concordam quanto ao final. Mas ambas juram que o último comentário partiu da bancada.

23

Toda semana, quase sempre na noite de quarta-feira, o telefone toca. Mesmo antes de ele começar a falar, eu já sei quem é. Posso ouvi-lo tragando a droga do cigarro. Eu não deveria falar com ele. E ele não deveria falar comigo. Ambos temos nossas ordens. Ele não diz seu nome.

– Como você está? – ele pergunta.

– Esperando.

– Seu pessoal está bem?

– Agüentando.

– É uma coisa terrível.

– Pode me falar quanto.

Ele ri.

– Não. Acho que não tenho de lhe dizer. Precisa de algo? Qualquer coisa que eu possa fazer?

– Não muito. Mas é bom você ligar.

– Sei disso. É que calculo que muito em breve você estará outra vez comandando o espetáculo. E tenho de me cobrir.

– Sei disso. E você? Como está indo?

– Sobrevivendo.

– Schmidt ainda está pisando nos seus calos? – pergunto, referindo-me a seu chefe.

– Sempre. Esse é o cara. Mas ainda vai se dar mal comigo.

– Eles estão tornando as coisas difíceis para você?

– Aqueles idiotas? Não há como.

Mas sei que Lip passa por momentos terríveis. Mac, que também me telefonou algumas vezes, contou que o levaram de volta ao McGrath Hall, removeram-no do Comando Especial do escritório da promotoria. Schmidt acorrentou-o a uma escrivaninha, conferindo os relatórios de outros detetives. O que não pôde deixar de levá-lo à loucura. Mas Lip sempre andou na corda bamba no departamento. Tinha de manter as multidões deslumbradas para conter seus detratores. Muita gente esperava ansiosa por sua queda. E foi o que aconteceu agora. Os tiras sempre vão achar que Lipranzer sabia e me permitiu esconder. É assim que eles pensam.

Ligarei na próxima semana, ele sempre promete ao final de cada conversa.

E ele liga mesmo, fielmente. Nossas conversas parecem não variar mais que uma ou duas

frases. Cerca de um mês depois que a coisa toda começou, quando se tornava evidente para todos que o negócio era sério, ele me ofereceu dinheiro. Sei que essas coisas podem ser caras, ele disse. E você sabe que um bronco como eu sempre tem alguma grana guardada.

Eu disse a ele que Barbara me tirara do aperto. Ele fez um comentário sobre o casamento com uma judia.

Esta semana, quando o telefone toca, estou esperando.

– Como você está? – ele pergunta.

– Esperando.

Barbara atende na extensão, bem a tempo de ouvir esse diálogo.

– É para mim, Barb – eu aviso.

Sem saber de nosso acordo, ela diz simplesmente, antes de desligar:

– Oi, Lip.

– O que está acontecendo?

– Vou a julgamento agora – respondo. – Daqui a três semanas. Menos.

– Sei disso. Li nos jornais.

Ambos pensamos a respeito por um momento. Não há nada que Dan Lipranzer possa fazer em relação a seu depoimento. Será terrível para mim, ambos sabemos, e não há alternativa. Lip respondeu às perguntas de Molto no dia seguinte à eleição, antes de poder avaliar a situação: e tendo a pensar que as respostas seriam as mesmas, ainda que Lip soubesse das conseqüências. O que aconteceu é um fato. É assim que ele explicaria para si mesmo.

– E você está se aprontando? – ele pergunta.

– Estamos trabalhando para valer. Stern é sensacional. E muito. É o melhor, de longe.

– É o que dizem. – Quando ele faz uma pausa, reconheço o estalido do isqueiro. – Precisa de alguma coisa?

– Preciso, sim.

Se ele não tivesse perguntado, eu não diria coisa alguma. Foi esse o trato que fiz comigo mesmo.

– Pode falar.

– Tenho de encontrar o tal de Leon. Leon Wells. Lembra quem é, o cara que teria subornado o promotor no Distrito Norte? O réu naquele processo arquivado que você desencavou no tribunal, o que tinha o nome de Carolyn e Molto? Stern contratou um detetive particular e ele voltou com um zero total. Até onde ele pode dizer, esse cara nem mesmo existe. Não conheço nenhuma outra maneira de encontrá-lo. Não posso ter uma conversa franca com Tommy Molto.

O investigador particular se chamava Ned Berman. Sandy disse que ele era bom, mas o cara parecia não ter a menor idéia do que estava fazendo. Dei-lhe cópias das folhas do arquivo do tribunal. Três dias depois, ele voltou dizendo que não podia fazer nada. O Distrito Norte, ele disse, era um autêntico zoológico naquele tempo. Eu lhe desejo boa sorte. Sinceramente. Não dava para saber por lá quem estava fazendo o quê com quem.

Lipranzer leva algum tempo para responder ao pedido, mais do que eu esperava. Sei qual é o problema. Se descobrirem no departamento que ele ajudou na preparação da minha defesa, poderão despedi-lo. Insubordinação. Deslealdade. Quinze anos de serviço e a pensão perdidos.

– Eu não pediria, você sabe que eu não pediria, se não pensasse que pode ser muito importante.

– Como? – ele pergunta. – Está pensando que Tommy ficou pirado por causa disso? E resolveu incriminá-lo para impedir que investigasse?

Posso perceber que Lipranzer tenta não fazer julgamentos, mas considera que a idéia é

absurda.

– Não sei o que dizer. Quer me ouvir dizer que não acho que é possível? Pois acho mesmo. Mas quer ele esteja ou não me incriminando por isso, ficaria muito mal se conseguíssemos descobrir o que aconteceu. Uma coisa assim pode atrair a atenção de um júri.

Ele fica em silêncio outra vez.

– Depois de eu testemunhar – finalmente responde. – Os caras estão de olho em mim. E não quero ninguém me fazendo perguntas onde terei de dar as respostas erradas sob juramento. Muita gente gostaria de ver isso. Depois de eu testemunhar, eles vão relaxar. Trabalharei então. Com o maior empenho. Certo?

Não está certo. Provavelmente, será tarde demais. Mas já pedi muito.

– Está ótimo. Você é um amigo e tanto.

– Acho que você voltará em breve a comandar o espetáculo – ele diz. – Estou apenas me garantindo.

O BEISEBOL outra vez. A liga de verão. Neste circuito, ainda bem, não há ranking, pois os Stingers melhoraram apenas um pouquinho. No ar pesado dos finais de tarde de agosto, as bolas ainda parecem desconcertar nossos jogadores. Caem sem qualquer empecilho com a velocidade da chuva. As garotas reagem melhor às instruções. Lançam e batem com crescente habilidade. Mas os meninos, na maior parte, parecem inacessíveis. Não há como ensiná-los sobre o mérito de um impulso controlado com o bastão. Cada menino de 8 anos se apresenta com os sonhos de mágica violenta em seu bastão. Imagina batidas que lhe permitirão um circuito completo das bases. Para os meninos, não há sentido nas instruções repetitivas para manter a bola no chão.

Nat, surpreendentemente, é uma espécie de exceção. Neste verão ele está mudando, começando a adquirir algum foco do mundo. Parece recém-consciente de seus poderes e do fato de que as pessoas consideram a maneira como se fazem as coisas um sinal de caráter. Quando chega a sua vez como batedor e ele acerta na bola, observo a maneira como levanta os olhos ao contornar a primeira base, antes de correr para a segunda. Não é suficiente dizer que ele está apenas imitando os jogadores na televisão, porque o importante é que ele notou em primeiro lugar. Nat começa a se preocupar com o estilo. Barbara diz que ele parece mais exigente com suas roupas. Eu me sentiria mais satisfeito com tudo isso se não estivesse cauteloso sobre os motivos para esse súbito amadurecimento. Ele não teria se desenvolvido tanto se não tivesse sido bruscamente arrancado de seu estado de sonho. Nathaniel concentrou sua atenção no mundo, eu desconfio, por saber que este está causando tantos problemas a seu pai.

Voltamos para casa sozinhos depois do jogo. Ninguém foi tão insensível a ponto de sugerir que nos abstivéssemos do piquenique, mas foi melhor assim. Comparecemos uma vez depois do indiciamento e o tempo passou aos arrancos, com silêncios súbitos e opressivos surgindo à simples menção dos tópicos mais corriqueiros – o trabalho ao qual não mais vou; as histórias de detetive na televisão que mostram situações como a minha –, levando-me a compreender que não poderíamos voltar. Esses homens são generosos o bastante para aceitar minha presença. O risco que represento para as crianças. Devemos todos pensar nos meses pela frente, a impossibilidade que haveria de explicar para onde eu fora... e o que fiz. É injusto prejudicar essas ocasiões esplêndidas com o presságio do mal. Em vez disso, Nat e eu partimos com um aceno amigável. Carrego o bastão, a luva. Ele sai pisando nos dentes-de-leão.

De Nathaniel, não há palavras de queixa. E me sinto pateticamente comovido por isso, pela lealdade de meu filho. Só Deus sabe as agressões que está sofrendo por parte dos amigos. Nenhum adulto pode plenamente imaginar as piadas insidiosas, a crueldade rotineira que ele suporta. No entanto, ele se recusa a me abandonar, o vaso de onde se derramou tal sofrimento.

Ele não me idolatra. Mas permanece a meu lado. Levanta-me do sofá para treinar beisebol com ele; acompanha-me à noite quando saio para buscar o jornal e o leite. Anda a meu lado pelos pequenos bosques entre o nosso bairro e o centro verde de Nearing. Não demonstra medo.

– Está assustado? – pergunto subitamente esta noite, enquanto andamos.

– Assustado com a possibilidade de você não escapar?

O julgamento assoma tão próximo, tão imenso, que até meu filho de 8 anos sabe no mesmo instante a que estou me referindo.

– Isso mesmo.

– Não.

– Por que não?

– Não estou e isso é tudo. É tudo uma porção de mentiras, não é mesmo?

Ele me fita com os olhos semicerrados, por baixo da pala do boné torto de beisebol.

– Por assim dizer.

– Eles farão esse julgamento, você contará o que realmente aconteceu e será o fim de tudo. É o que mamãe diz.

Ah, coração, explode coração: é o que mamãe diz. Passo o braço por meu filho, mais espantado do que nunca por sua fé na mãe. Não posso imaginar as prolongadas sessões terapêuticas entre mãe e filho, em que ela o levou a esse nível de apoio. É um milagre que só Barbara poderia realizar. Como uma família, estamos fadados a permanecer juntos por essa simetria: o que mais amo no mundo é Nat, e ele adora a mãe. Mesmo nessa idade belicosa, cheio da energia furiosa de uma pessoa de 8 anos, ele se enternece pela mãe como ninguém mais. Somente ela é capaz de mantê-lo quieto por algum tempo; e desfrutam uma simpatia especial, certa comunhão, uma dependência ainda mais profunda do que as profundezas insondáveis entre mãe e filho. Ele é mais parecido com ela do que comigo, altamente sensível e com uma inteligência compulsiva, aqueles ânimos sombrios e particulares. Barbara iguala essa devoção. Ele nunca está fora de sua imaginação. Acredito quando ela diz que nunca poderia extrair de si a mesma emoção por outro filho.

Nenhum dos dois se separa do outro tranqüilamente. No verão passado, Barbara passou quatro dias em Detroit, visitando uma amiga de colégio, Yetta Graver, que ela descobriu ser agora professora de matemática. Barbara telefonava duas vezes por dia. E Nat se manteve sombrio, mal-humorado, angustiado. A única maneira que eu encontrava para aquietá-lo na hora de dormir era imaginar o que a mãe e Yetta estariam fazendo naquele momento.

– Elas estão num restaurante sossegado – eu dizia a ele. – Comendo peixe. E grelhado, com bem pouca manteiga. Tomam um copo de vinho. À sobremesa, vão perder o controle e comer alguma coisa tentadora demais.

– Torta? – perguntava Nat.

– Torta – eu respondia.

Meu filho, o filho com quem sempre sonhei, dormia pensando na mãe comendo doce.

— Oi – diz Marty Polhemus.

– Oi – respondo.

Ao sair do patamar e divisar a figura e os cabelos compridos, pensei que fosse Kemp, com quem deveria me encontrar aqui. Em vez disso, deparo com este garoto, em quem nem mesmo pensei em meses. Estamos parados sozinhos no corredor diante do apartamento de Carolyn, olhando um para o outro. Marty estende a mão e aperta a minha com firmeza. Não demonstra qualquer relutância óbvia, quase como se estivesse satisfeito por me ver.

– Não esperava encontrá-lo – digo finalmente, enquanto procuro algum meio de indagar por que está aqui.

Ele tira do bolso da camisa uma cópia da ordem do Juiz Lyttle, permitindo-nos inspecionar o apartamento.

– Recebi isto – diz Marty.

– Ah, entendo agora. Isso foi apenas uma formalidade. – O juiz ordenou que notificássemos o advogado do espólio, um antigo promotor-assistente, Jack Buckley. Jack, ao que parece, encaminhou o aviso ao garoto. – A idéia era apenas permitir que você objetasse, se se importasse que nós entrássemos e examinássemos as coisas de Carolyn. Não precisava vir até aqui.

– Não tem problema. – O garoto se mexe e se inclina enquanto fala. Para a frente e para trás. Não dá qualquer sinal de ir embora.

Tento puxar conversa, perguntar o que ele anda fazendo.

– Na última vez em que conversamos, você planejava ser reprovado e voltar para casa.

– Foi o que fiz – ele diz, sem o menor constrangimento. – Para dizer a verdade, acabei suspenso. Fui reprovado em física. E tive um D em inglês. Tinha quase certeza de que também seria reprovado em inglês. Voltei para casa há seis semanas. E vim para cá ontem, a fim de buscar minhas coisas.

Peço desculpas e explico que, por sua presença, presumi que as coisas haviam se resolvido.

– E se resolveram. Pelo menos como eu queria.

– Como seu pai encarou isso?

Ele dá de ombros.

– Não ficou muito feliz. Especialmente com o D. Feriu fundo seus sentimentos. Mas ele disse que tive um ano difícil. Trabalharei por algum tempo e depois voltarei a estudar. – Marty olha ao redor, para nada em particular. – Seja como for, quando recebi essa coisa, pensei em dar um pulo até aqui para saber do que se tratava.

Os psicólogos têm um termo, “inadequado”. É esse garoto. Batendo papo na frente do apartamento em que a mãe foi assassinada com o cara que todo mundo acha que a matou. Por um instante, especulo se ele sequer sabe o que está acontecendo. Mas o aviso estava em destaque na notificação: O POVO CONTRA SABICH. E ele não pode ter ignorado o noticiário do indiciamento nos jornais. Não ficou ausente por tanto tempo assim.

Não tenho a oportunidade de sondar mais, porque neste momento Kemp aparece. Posso ouvi-lo na escadaria. Está discutindo, e quando surge descubro com quem – Tom Glendenning, um tira grandalhão, de quem jamais gostei muito. Glendenning é o branco entre os brancos. Muitas piadas étnicas e raciais. E não tem nada de brincadeira. Toda a sua sensibilidade gira em torno do fato de que é branco e agora está na polícia. Trata todos os demais como se fossem intrusos. Sem dúvida, ficará feliz em me considerar assim. Quantos mais se desviarem do caminho, melhor Tom se sente. Kemp está explicando que Glendenning não pode entrar enquanto examinamos o apartamento. Glendenning protesta que não é isso o que entendeu das instruções de Molto. Acabam concordando que Glendenning descerá para usar o telefone.

Enquanto ele se afasta, apresento Kemp a Marty Polhemus.

– Você está certo – anuncia Glendenning, ao voltar. – Aquele juiz deu uma ordem assim.

Pela maneira como ele diz “aquele”, sabe-se exatamente o que está pensando.

Kemp revira os olhos. É um bom advogado, mas ainda excessivamente um aristocrata branco do Leste. Não hesitará em deixar as pessoas saberem quando as considera tolas.

Um aviso grande, em laranja fosforescente, com um adesivo atrás, foi grudado na porta do apartamento de Carolyn. Declara que é o local de um crime, lacrado por ordem do Supremo Tribunal do Condado de Kindle, a entrada ali está proibida. O aviso estende-se pela soleira, de tal forma que a porta não pode ser aberta. Enfiaram blocos plásticos nas fechaduras. Glendenning corta o aviso com uma lâmina, mas leva algum tempo para limpar as fechaduras. Depois que acaba, tira do bolso o chaveiro de Carolyn, em que há uma etiqueta grande, vermelha e branca. Há uma fechadura para a maçaneta e outra isolada. Como eu disse a Lipranzer, há muito tempo, Carolyn não facilitava.

Com o chaveiro na fechadura inferior, Glendenning se vira e, sem dizer uma só palavra, revista Kemp e a mim, depois Marty. Isso nos impedirá de plantar qualquer coisa lá dentro. Mostro a ele um bloco de papel que tenho na mão. Ele pede nossas carteiras. Kemp começa a protestar, mas eu lhe faço um gesto para ficar quieto. Sem dizer nada outra vez, Glendenning faz a mesma coisa com Marty, que já está com sua carteira na mão.

– Puxa – murmura Marty. – Olhem só para todas essas coisas. O que vou fazer com isso?

Ele avança à frente de Kemp e de mim. Troco um olhar com Jamie. Nenhum dos dois sabe se temos autoridade para mantê-lo do lado de fora ou se há algum motivo para nos incomodarmos com isso. Glendenning grita para Marty:

– Ei, você aí! Não toque em nada. Absolutamente em nada. Só eles podem tocar. Certo?

Marty parece acenar com a cabeça. Atravessa a sala de estar a caminho das janelas, aparentemente para conferir a vista.

O ar aqui dentro está abafado e viciado, quente pelo calor do verão. Alguma coisa, em algum lugar, pode estar apodrecendo; há um cheiro tênue. Embora a temperatura lá fora seja moderada hoje, o apartamento, com as janelas fechadas, não chegou a esfriar depois do calor intenso da semana passada. Deve estar próximo dos 30 graus.

Jamais acreditei em fantasma, mas é inquietante estar de volta. Sinto um arrepio, uma estranha sensação me percorrendo a espinha. O apartamento parece estranhamente arrumado, ainda mais porque tudo foi deixado como estava. A mesa e a poltrona malva continuam viradas. No assoalho de carvalho claro, perto da cozinha, os contornos do corpo de Carolyn estão desenhados a giz. Mas tudo mais parece ter adquirido uma densidade adicional. Ao lado do sofá, em outra mesa de vidro, permanece a caixinha marchetada que eu comprara para Carolyn. Ela a admirara na Morton’s, no dia em que lá estivéramos, durante o julgamento McGaffen. Um dos dragões vermelhos de seu biombo chinês me avalia com seus olhos inflamados. Oh, Deus, eu penso. Oh, Deus, nunca mais vou me meter em nenhuma encrenca.

Kemp faz um gesto para mim. Vai começar a olhar ao redor. Entrega-me um par de luvas de plástico, folgadas, como sacos de dedos. Não há uma verdadeira necessidade disso, mas Stern insiste. É melhor não brigar sobre impressões digitais que Tommy Molto pode alegar ter descoberto muito antes.

Paro por um momento no bar. Fica na parede que dá para a cozinha. Pensei que podia ver o que estou procurando pelas fotografias da polícia, mas quero ter certeza. Paro a um metro e conto os copos alinhados sobre uma toalha. Foi num copo deste jogo que identificaram minhas impressões digitais. Há 12 copos aqui. Conto duas vezes para ter certeza.

Jamie vem se postar a meu lado. E sussurra:

– O que estamos procurando?

Ele quer verificar se há acessórios à mão usados por Carolyn para a prevenção de concepção.

– Há um banheiro ali – informo baixinho. – Armário de remédios e toucador.

Digo a ele que vou verificar o quarto. Olho primeiro no armário. O cheiro de Carolyn está por toda parte; reconheço as roupas que a vi usar. Essas vistas despertam uma sensação tênue, competindo contra alguma coisa que quer que tudo isso seja sufocado. Não sei se é um impulso para ser objetivo ou o senso – que antes eu sempre parecia experimentar na porta do apartamento – do que é proibido. Passo a examinar as gavetas.

A mesinha-de-cabeceira, uma peça de aparência atarracada, com os pés tortos, ao estilo Queen Anne, contém o telefone. É um lugar tão provável de se encontrar alguma coisa quanto qualquer outro, mas, quando abro a única gaveta, deparo apenas com uma meia-calça. Enfio a mão e descubro um caderno de telefones, fino, com uma capa de couro marrom-claro de bezerro. A polícia sempre deixa escapar alguma coisa. Não posso resistir. Verifico em *S*. Nada. Depois penso em *R*. Ali está. Pelo menos achei seu caderno de telefones. Folheio por um momento. Horgan está aqui. Molto não está relacionado pelo nome, mas há alguém chamado *TM* que provavelmente é ele. Lembro que deveria procurar os médicos de Carolyn. *D*, aqui está. Anoto os nomes e guardo o papel no bolso. Ouço um movimento lá fora. Por algum motivo, meu primeiro pensamento é de que se trata de Glendenning, que decidiu ignorar o juiz e bisbilhotar. Viro as páginas do caderno de telefones para proteger o que descobri, mas, quando o vulto passa pela porta, constato que é apenas Marty, vagueando. Ele dá uma olhada pelo quarto e acena. A página para a qual virei é *L*. "Larren", está escrito bem no alto. Há três números relacionados. É isso aí, penso. A turma lá no Distrito Norte devia ser bem unida. Todo mundo está aqui. Penso mais um pouco. Nem todos. Procuro em *N* e *D*, até mesmo em *G*, Nico jamais alcançou o caderno. Torno a colocá-lo sob a meia-calça.

Marty está espreitando à porta do quarto.

– Muito estranho, hem?

É isso mesmo. Aceno com a cabeça, tristemente. Ele me diz que vai esperar lá fora. Tento lhe dizer que está livre para ir embora, mas o garoto é obtuso e não entende a insinuação.

Quando encontro Kemp, ele está examinando a sala de estar.

– Não há nada aqui – ele me diz. – Nem espuma, nem creme. Nem mesmo encontrei uma caixa de diafragma. Estou perdendo alguma coisa? As mulheres costumam esconder essas coisas?

– Não, ao que eu saiba. Barbara guardaria na primeira gaveta da cômoda. Eu não saberia dizer sobre qualquer outra pessoa.

– Se o químico garante que há creme anticoncepcional e não foi tirado do apartamento, então eu gostaria que me dissesse onde se encontra.

– Acho que o levei, quando peguei o diafragma.

Com Kemp e Stern, adquiri esse hábito de especular na primeira pessoa sobre o que Nico dirá que fiz. Jamie, especialmente, acha engraçado.

– Por que faria isso?

Penso por um momento.

– Talvez para esconder o fato de que levei o diafragma.

– Isso não faz sentido. Deveria parecer estupro. Que diferença teria o que ela fazia quando *queria* ter sexo?

– Acho que eu não estava pensando claramente. Se estivesse, não deixaria o copo no bar.

Kemp sorri. Gosta do aparte, palavras rápidas.

– Isso ajuda. Não há nada por aqui. Mas vamos esperar por Berman. – Ele se refere ao investigador particular. – Ele precisa examinar tudo pessoalmente, a fim de poder testemunhar a respeito. Deverá chegar aqui dentro de uma hora. Espere só até Glendenning saber que terá de aguardar. Ele vai estourar.

Nós quatro nos reunimos diante do apartamento e observamos Glendenning trancar a porta. Ele volta a nos revistar. Como Kemp previu, recusa-se a esperar por Berman. Kemp lhe diz que tem de esperar, a ordem do tribunal nos concede acesso ao apartamento durante o dia inteiro.

– Não aceito ordens de nenhum advogado roqueiro – diz Glendenning.

Mesmo quando estava do seu lado, eu já achava que esse cara era todo simpatia.

– Pois então vamos falar com o juiz – sugere Kemp.

Jamie aprendeu depressa o jogo de Glendenning. O tira olha para o teto, como se aquilo fosse a coisa mais absurda que já ouviu, mas a essa altura já se encontra acuado. Ele e Kemp descem, trocando palavras. Fico com Marty Polhemus.

– Um cara simpático, hem? – comento com Marty.

Ele me pergunta, com toda seriedade:

– Qual deles?

– Eu estava falando do policial.

– Ele me pareceu um cara legal. Disse que o Sr. Kemp tocava no Galactics.

Confirmo a informação e o garoto, previsivelmente, solta uma exclamação de espanto. E depois fica em silêncio. Ainda parece esperar por alguma coisa.

– Falei com eles, deve saber. A polícia.

– É mesmo? – Estou pensando nos copos no bar.

– Sabia que perguntaram sobre você? Sobre a ocasião em que foi me procurar.

– É o trabalho deles.

– Queriam saber se você disse alguma coisa sobre o seu relacionamento com ela... com Carolyn. Sabia?

Tenho de exercer todo controle para evitar o reflexo de me virar. Havia esquecido. Havia esquecido de que falara para aquele garoto miserável. Essa é a prova de Nico, é assim que ele vai confirmar a ligação. Uma sensação densa e com gosto de bílis me surge na garganta.

– Perguntaram algumas vezes. E eu disse... achei que tivemos uma conversa de verdade, entende?

– Claro.

– Eu disse a eles que você não falou coisa alguma a respeito.

Olho para o garoto.

– Está bem assim?

Claro que eu deveria lembrá-lo que tem a obrigação de dizer a verdade.

– Está.

– Acho que não foi você o cara que a matou.

– Obrigado.

– É como carma. Não combina.

Sorrio. Levantando a mão para orientá-lo na direção do patamar, e é nesse instante que me atinge. É como correr contra uma parede, o reconhecimento e o pânico. Fico tão apavorado que as pernas começam a ceder, chegam a vergar, estendo a mão para a grade. Seu idiota, penso, seu idiota. Ele está armado. Está usando um gravador. Nico e Molto o prepararam. É o que ele está

fazendo aqui, por isso é que não parece certo. E não está mesmo. Ele nos acompanha ao apartamento e observa tudo o que fazemos, depois me atrai para fora, a fim de suborná-lo. E acabei de me condenar. Estou perdido. Sinto que vou desmaiar. Cambaleio outra vez, mas agora me viro de costas. Marty estende a mão.

– O que foi?

Olho para ele e sei que estou louco. Absurdo. Ele está vestido para a estação, com uma camiseta justa e short. Nem mesmo um cinto. Ninguém pode esconder um equipamento sob uma roupa assim. Observei Glendenning revistá-lo. E também não há nada em seus olhos. Tudo o que vejo é um garoto tímido, gentil, completamente perdido.

Suei subitamente de molhar a camisa. Estou abalado e fraco. A pulsação acelerada.

– Estou bem – murmuro. Mas Marty me pega pelo cotovelo assim mesmo, enquanto começamos a descer as escadas. – É o lugar – acrescento. – Faz coisas terríveis comigo.

25

Três horas da madrugada. Quando acordo, o coração está disparado e filetes de suor frio arranham o pescoço, de tal forma que na idiotice do sono estou tentando afrouxar o colarinho. Tateio; depois me recosto. A respiração é curta e as batidas do coração trovejam intermitentes no ouvido contra o travesseiro. O sonho ainda é claro: o rosto de minha mãe em agonia; aquela imagem cadavérica consumida ao se aproximar do fim e, pior ainda, a expressão de terror perdido, mudo.

Quando ficou doente e morreu rapidamente, minha mãe se encontrava no período mais pacífico de sua vida adulta. Ela e meu pai não mais viviam juntos, embora ainda trabalhassem lado a lado todos os dias, na padaria. Ele fora viver com uma viúva, a Sra. Bova, cuja presença insistente, ao entrar na loja, ainda posso recordar, mesmo nos anos antes da morte do marido. Para minha mãe, cuja vida com papai fora um autêntico domínio do medo, esse arranjo foi como uma libertação. Seu interesse pelo mundo exterior aumentou de repente. Tornou-se uma das primeiras participantes assíduas daqueles programas de entrevista com a intervenção dos ouvintes pelo telefone. Diga-nos o que acha das relações inter-raciais, legalização da maconha, quem matou Kennedy. Ela cobria a mesa da sala de jantar com antigos recortes de jornais e revistas, blocos e fichas de arquivo, fazendo anotações para si mesma, em preparativo para os programas do dia seguinte. Mamãe, que tinha fobia em se aventurar além do nosso prédio ou da padaria, que tinha de iniciar os preparativos no início da manhã se ia sair de casa em algum momento naquela tarde, que desde que eu tinha 8 anos me mandava ao mercado para não ter de sair – mamãe tornou-se uma espécie de personalidade local por suas opiniões francas a respeito de várias controvérsias do mundo ao largo. Não fui capaz de conciliar esse desenvolvimento com os ajustamentos que tive de fazer comigo mesmo muito antes, a fim de poder aceitar suas excentricidades ou os limites restritos de sua vida anterior.

Ela estava com 28 anos, quatro mais que meu pai, quando casaram, a sexta filha de um organizador sindical judeu e uma irlandesa de Cork. Papai casou, tenho certeza, pelas economias dela, que lhe permitiram abrir a padaria. Também não havia qualquer indício de que mamãe

tenha casado por amor. Embora fosse uma solteirona e, tenho a impressão, muito esquisita para atrair outros pretendentes. Seu comportamento, como testemunhei, era propenso a ser excessivo e incontrolável, com oscilações maníacas de pináculos de hilaridade rósea a horas de aparência soturna. Às vezes, ela se tornava frenética. Estava sempre correndo para vasculhar as gavetas apinhadas da cômoda, remexendo na caixa de costura, enquanto soltava ruídos estridentes. Como raramente saía de casa, as irmãs adquiriram o hábito de procurá-la. O que era um empenho que exigia coragem. Quando minhas tias apareciam, papai as criticava, em conversa em voz alta consigo mesmo, como intrometida e até podia chegar a ameaças concretas de violência, se a visita ocorria quando ele estava embriagado. As duas que se arriscavam com mais freqüência, tias Flo e Sarah, eram ousadas e determinadas, filhas de seu pai, capazes de controlar papai com olhares firmes e uma atitude destemida, não muito diferente da que assumiriam se confrontassem algum vira-lata latindo. Eram inabaláveis em sua missão não-anunciada de proteger os fracos – Rosie (minha mãe) e, especialmente, a mim. Para mim, essas irmãs foram uma presença permanente durante toda a infância. Traziam-me balas; levavam-me para cortar os cabelos e comprar roupas. Supervisionaram minha criação de maneira tão rotineira que eu já havia entrado na casa dos 20 anos quando reconheci suas intenções... e bondade. De alguma forma, sem querer compreender que acontecera, cresci para saber que havia dois mundos, o de mamãe e o outro, habitado por suas irmãs, o mundo a que acabei reconhecendo que também pertencia. Foi uma idéia fixa da minha juventude pensar que mamãe não era, como eu expressava para mim mesmo, regular; saber que minha adoração por ela era uma questão exclusivamente particular, incompreensível para outros e além da minha capacidade de explicar.

Será que realmente me importo com o que ela pensaria agora? Acho que sim. Que filho não se importaria? Fico quase contente por ela não ter vivido para testemunhar tudo isso. Ela ficou conosco nos últimos meses. Ainda morávamos na cidade, num apartamento de um quarto, mas Barbara recusou-se a permitir que mamãe fosse para qualquer outro lugar. Ela dormia num sofá-cama na sala de estar, do qual raramente se levantava. Barbara, na maior parte do tempo, sentava numa cadeira de madeira ao lado. Quase ao final, mamãe conversava constantemente com Barbara. A cabeça se recostava no travesseiro, o rosto tristemente reduzido pela doença, os olhos contraídos para focalizarem, sua luz enfraquecendo. Barbara segurava sua mão. Murmuravam. Eu não podia entender as palavras – mas o som era constante, como uma torneira escorrendo. Barbara Bernstein, filha de uma presunçosa matrona de uma comunidade suburbana elegante, e mamãe, de mente vagueando e disposição permanentemente doce, viajavam uma para a outra, atravessavam estreitos de solidão, enquanto eu, como sempre, estava dominado demais por minha dor particular para tentar uma aproximação. Observava-as da porta: para Barbara, uma mãe que não fazia exigências; para Rosie, uma filha que não a negligenciaria. Quando eu tomava o lugar de Barbara, mamãe me segurava a mão. Tive a decência de lhe dizer muitas vezes que a amava; ela sorria fracamente, mas quase nunca falava. Quase ao final, era Barbara quem lhe aplicava as injeções de Demerol. Algumas seringas ainda se encontravam lá embaixo, numa caixa com as mais insólitas lembranças de mamãe, guardadas por Barbara: bilros antigos e fichas de arquivo; a caneta Parker de ponta de ouro com que ela costumava escrever anotações para suas intervenções no rádio.

Ando pelo escuro para encontrar os chinelos, tiro o robe do closet. Sento na sala de estar, os pés levantados, escarrapachado numa cadeira de balanço. Ultimamente, venho pensando em voltar a fumar. Não sinto anseios, mas seria alguma coisa para fazer nessas horas abjetas, na calada da noite, em que agora me descubro desperto com tanta freqüência.

Um jogo que faço comigo mesmo é chamado “Qual a Pior Parte?”. Tantas coisas parecem

triviais. Não me importo muito agora com a maneira pela qual as mulheres me olham boquiabertas quando circulo pelo centro de nossa pequena comunidade. Não me preocupo com a reputação ou com o fato de que pelo resto da vida, mesmo que as acusações sejam retiradas amanhã, muitas pessoas se encolherão num reflexo quando ouvirem meu nome. Não me preocupo com a dificuldade que terei em encontrar trabalho como advogado, se for absolvido. Mas a incessante erosão emocional, a insônia e a ansiedade obsessiva são coisas que não posso ignorar ou menosprezar. O pior são essas vigílias de madrugada e os instantes antes de poder me controlar, quando tenho certeza de que o terror nunca vai acabar. É como tatear em busca do interruptor no escuro, mas nunca tenho certeza – e aqui o terror é pior –, nunca sei se o encontrarei. À medida que a busca se torna cada vez mais prolongada, o pouco de bom senso que ainda resiste em mim se esvai, desmorona, se extingue em borbulhas como uma pastilha largada na água, enquanto a escuridão sinistra de algum pânico ilimitado e eterno começa a me tragar.

Isso é o pior; isso e as preocupações por Nathaniel. No domingo, vamos embarcá-lo num trem para o Campo Okawaka, perto de Skageon, onde ele deverá permanecer pelas três semanas que o julgamento provavelmente vai durar. Lembrando isso, subo as escadas em silêncio e paro no corredor diante de sua porta. Escuto até conseguir captar o ritmo de sua respiração e depois forço minha respiração para acompanhar a dele. Enquanto observo Nat dormir, a estranheza da ciência me envolve: penso em átomos e moléculas, pele e veias, músculos e ossos. Tento compreender meu filho por um instante, como uma compilação de partes. Mas não é possível. Não podemos sequer expandir o reino de nossa compreensão final. Conheço Nathaniel como a massa quente de meus sentimentos por ele; contemplo-o como não menor, mais finito ou reduzível do que minhas paixões. Não será repartido ou analisado. É meu filho, gentil e belo no sono, e sinto-me grato, muito grato, a tal ponto que o coração chega a doer e ameaça explodir, porque nesta vida árdua experimentei tamanha ternura.

Se eu for condenado, eles me afastarão de meu filho. Até mesmo Larren Lyttle me mandará para a prisão por muitos anos, e a perspectiva de perder o restante de sua vida jovem me abala, me deixa em pedaços. Estranhamente, sinto pouco medo consciente da prisão em si. Temo o exílio e a separação. A idéia de confinamento pode me deixar consternado. Mas os horrores físicos concretos que certamente vou sofrer raramente afloram em minha mente, mesmo quando me imponho o pensamento das conseqüências extremas que posso enfrentar.

No entanto, eu sei. Passei dias em Rudyard, a penitenciária estadual para onde são enviados todos os assassinos. Lá, fui para entrevistar uma testemunha, mas as cenas são aterradoras. As barras são de ferro, pintadas de preto, por trás se encontram todos aqueles filhos-da-puta que agora – isso lhe ocorre – são muito parecidos. Os negros descarregando sua raiva maníaca. Os brancos com seus gorros de tricô enrolados. Os latinos olhando com uma ira ostensiva. Coletivamente, são todos os homens que você evitou num corredor ou estação rodoviária, cada garoto que identificou na escola como fadado a ser vagabundo. São os que sempre usaram suas deficiências como cicatrizes, encaminhando-se à penitenciária quase tão certamente quanto uma flecha disparada para o céu mergulhando de volta à terra.

Não é mais possível acalentar qualquer tipo de sentimento em relação a esse grupo. Já ouvi todas as histórias macabras. E sei que essas anedotas de horror constituem um pouco da tinta invisível que escurece meus sonhos. Para mim, não será algo muito longe da tortura. Sei das curras durante a noite, sei das chupadas forçadas que ocorrem quando se está no chuveiro. Conheço a história de Marcus Wheatley, um dos caras que tentei persuadir a falar sobre os Night Saints, que passou alguém para trás numa transação de tóxicos lá dentro, foi obrigado a deitar de costas no ginásio e levantar as mãos; depois lhe deram um haltere com 110 quilos em cada

extremidade, e isso o asfixiou, ao mesmo tempo em que agiu quase como uma guilhotina. Sei da demografia local, dezesseis por cento de assassinos, mais da metade dos presos confinada ali por alguma forma de crime violento. Sei sobre a comida horrível. Quatro homens numa cela. O odor de excremento é insuportável em algumas alas. Sei que cada mês há áreas controladas pelos criminosos de maneira tão completa que os guardas se recusam a entrar lá por dias. Sei sobre os próprios guardas e os oito que foram condenados no tribunal federal por uma festa de ano-novo em que usaram espingardas para alinhar 12 prisioneiros negros revezando-se em espancá-los com pedras e tijolos.

Sei o que acontece a homens como eu ali, porque sei o que aconteceu com alguns que ajudei a mandar para lá. Sei sobre Marcy Lupino, que é a pessoa mais provável de recordar sempre que os pensamentos me levam até lá. Marcello era um tipo comum, americano dinâmico, um contador que no início da carreira trabalhou na contabilidade de alguns rapazes do seu antigo bairro. Seu escritório prosperou e ele acabou concluindo que não precisava mais de outro emprego, ao que John Conte, um dos rapazes, informou que não era o tipo de emprego que ele pudesse deixar quando quisesse. E foi assim que continuou. Marcy Lupino, respeitável contador, presidente da Associação de Pais e Professores e membro do conselho de dois bancos, um homem escrupuloso com os livros de seus maiores clientes, saía do escritório todas as tardes às 15h30 em ponto, a fim de calcular as chances dos cavalos no dia seguinte. Tudo correu bem até o dia em que um alcagüete federal instalou um microfone em sua sala. Os agentes da receita federal passaram pela porta e encontraram Marcy Lupino entre meia dúzia de pessoas e 3 milhões de dólares em bilhetes de apostas. Os federais quiseram que ele falasse da pior maneira. Mas Marcy era muito bom em aritmética. Dois anos por acusações de jogo, fraude postal e telefônica, além de extorsão, o que mais os federais pudessem lhe imputar, eram melhores do que John Conte e os rapazes poderiam fazer em dez minutos. Cortariam seus testículos e dariam para ele comer, obrigando-o a mastigá-los. E isso, Marcy Lupino sabia, não era uma figura de retórica.

Mike Townsend, da Força de Combate ao Crime Organizado, me procurou. Queria proporcionar incentivos a Marcy. Assim, acusamos Marcy num tribunal estadual e, condenado, ele foi para Rudyard, e não para a penitenciária federal com que contava, um lugar com um bar de saladas e quadras de tênis, onde ensinaria contabilidade aos presos e copularia com a Sra. Lupino a cada noventa dias, como parte do programa especial de licenças. Em vez disso, nós o mandamos algemado, acorrentado a um homem que arrancara os olhos da filha pequena com uma chave.

Seis meses depois, Townsend me procurou e fizemos uma viagem ao norte para verificar se Lupino reagira ao tratamento. Fomos encontrá-lo num campo com uma pá. Nós nos reapresentamos, o que não chegava a ser necessário. Marcy Lupino apoiou o braço na pá, enquanto chorava. E chorou como eu nunca vira um homem fazer; tremia da cabeça aos pés, o rosto ficou roxo, a água despejava dos olhos, de verdade, como se fosse uma torneira. Um homem um pouco gordo, calvo, de 48 anos, chorando tudo o que podia. Mas não quis falar. Só nos disse uma coisa:

– Não tenho mais dentes.

E nada mais.

Enquanto voltávamos, o guarda explicou.

Um negro enorme, Drover, queria Lupino como sua boneca. Ele é do tipo a quem ninguém diz não, nem mesmo os italianos por aqui. Entrou na cela de Lupino uma noite, tirou o pau e mandou Lupino chupar. Lupino não quis, Drover pegou a cara de Lupino e bateu na grade até

que não restou mais nenhum dente; algumas raízes doloridas, alguns cacos, mas nenhum dente.

O diretor tem uma regra, disse o guarda. Você recebe ataduras para os ferimentos, nós costuramos você, mas não há nenhum tratamento especial enquanto não falar. A porra do Lupino não vai ganhar uma dentadura até contar quem sapateou sua cara. E a porra do Lupino não dirá nada, sabe o que é bom para ele, ninguém por aqui é tão estúpido. Não, o guarda garantiu, ele não vai abrir o bico. E o velho Drover está rindo, diz que fez um bom trabalho, que agora seu pau enorme entra ali macio como seda; diz que já esteve em muitas xoxotas que não eram tão gostosas. O guarda, o grande humanitário, encostou-se na espingarda e riu. O crime, ele comunicou a Townsend e a mim, não compensa. Fuja, eu penso agora, sentado no escuro, lembrando Marcy Lupino. Fuja. O pensamento sempre aflora subitamente: fuja. Como promotor, nunca pude compreender por que eles ficavam esperando tudo desmoronar para enfrentar o julgamento, a condenação, a prisão. Mas, na maior parte, eles ficavam, como estou fazendo. Há 1.600 dólares em minha conta bancária e não tenho outro dinheiro no mundo. Se saqueasse o fundo de Barbara, teria o suficiente para fugir, mas também provavelmente perderia o único verdadeiro motivo que tenho para ficar em liberdade – a chance de ver Nat. E mesmo que pudesse passar os verões com ele no Rio ou no Uruguai, onde quer que não haja extradição por homicídio, os poderes até mesmo de uma fantasia desesperada são escassos para imaginar como eu sobreviveria sem uma língua que conheço ou os talentos que essas culturas reconheçam. Poderia simplesmente desaparecer no centro de Cleveland ou Detroit, tornar-me alguém diferente, nunca mais ver meu filho. Mas a verdade é que nada disso é a visão do que reconheço como vida. Até nessas horas escuras quero as mesmas coisas que queria ao desembarcar do ônibus à noite na aldeia verde de Nearing. Somos muito simples às vezes, e fortalecidos de uma maneira bastante estranha. Sento aqui no escuro, os calcanhares puxados contra o corpo e, enquanto estremeço, imagino o cheiro da fumaça de cigarros.

26

— O povo contra Rozat K. Sabich! – chama Ernestine, escrevente do Juiz Lyttle, no tribunal apinhado. É uma negra de expressão carrancuda, mais de 1,80 metro de altura. – Em julgamento!

Não há muita coisa parecida com o primeiro dia de um julgamento por homicídio. O alvorecer na manhã da batalha; cristãos contra leões em Roma. Sangue no ar. Espectadores comprimem-se em cada centímetro linear disponível, ao longo dos bancos para o público. Há quatro filas repletas de imprensa, cinco desenhistas à frente. A equipe do juiz – a secretária e os oficiais de justiça, que normalmente não comparecem aos julgamentos – senta em cadeiras dobráveis contra a parede dos fundos do tribunal, perto da porta para sua sala. Os guardas, armados para esta ocasião solene, estão postados nos cantos à frente da bancada, ao lado das colunas de mármore. O clima é movimentado e intenso, há um murmúrio incessante. Ninguém aqui se sente entediado.

O Juiz Lyttle entra e todos se levantam. Ernestine faz os anúncios.

– Atenção! Atenção! O Tribunal Superior do Condado de Kindle está agora em sessão, presidido pelo Meritíssimo Juiz Larren L. Lyttle. Aproximem-se, dêem sua atenção e serão

ouvidos. Deus salve os Estados Unidos e este Respeitável Tribunal.

Ernestine bate seu martelo. Depois que todos sentam, ela chama meu processo para julgamento.

Os advogados e eu nos aproximamos da bancada. Stern e Kemp; Molto e Nico; Glendenning apareceu e será o investigador do processo, sentando-se com os promotores. Paro atrás dos advogados. O Juiz Lyttle assoma lá em cima, os cabelos recém-cortados e alisados. Dia 18 de agosto, faltam poucos dias para completar dois meses desde que fui indiciado.

– Estamos prontos para convocar um júri? – pergunta Larren.

– Juiz – diz Kemp –, temos algumas questões que gostaríamos de levantar enquanto manda os jurados em perspectiva subirem.

O papel de Kemp será o de Homem da Lei. Stern encarregou-o da pesquisa e Jamie falará ao juiz sobre as questões legais, fora da presença do júri. Depois que os jurados estiverem em seu recinto, ele não dirá uma palavra sequer.

Pelo telefone do tribunal, Ernestine liga para o oficial na recepção e pede por um *venire*, o grupo de cidadãos convocados para o dever do júri e que serão interrogados pelo juiz e pelos advogados para determinar se podem servir neste caso.

– Juiz – insiste Kemp –, recebemos tudo o que ordenou à promotoria. Com uma única exceção. Ainda não nos foi dada a oportunidade de ver aquele copo.

Stern instruiu Jamie a levantar esse problema por motivos além de nossa curiosidade sobre o copo. Quer que o Juiz Lyttle saiba que os promotores se enquadram em suas expectativas desfavoráveis. Dá certo. Larren fica irritado.

– O que tem a dizer, Sr. Delay Guardia?

É evidente que Nico não sabe. Ele olha para Molto.

– Juiz – diz Tommy –, cuidaremos disso depois da sessão.

– Está bem – diz Larren. – Mas terá de ser feito hoje.

– Além disso – diz Kemp –, o senhor ainda não decidiu sobre a nossa petição argüindo a suspeição do Sr. Molto.

– Tem razão. Estou esperando pela resposta do promotor. E então, Sr. Delay Guardia?

Tommy e Nico trocam olhares e acenam com a cabeça um para o outro. Agirão de acordo com sua combinação anterior, qualquer que seja.

– Meritíssimo, o Estado não chamará o Sr. Molto. Sendo assim, sugerimos que a petição seja indeferida.

Stern se adianta e pede para ser ouvido.

– Devo compreender, meritíssimo, que o Sr. Molto não será chamado sob quaisquer circunstâncias... que seu depoimento é dispensado ao longo do julgamento e em todos os estágios?

– É isso mesmo – confirma Larren. – Eu gostaria que todos nós fôssemos claros desde o início, Sr. Delay Guardia. Não quer ouvir depois que não esperava isso ou não esperava aquilo. O Sr. Molto não vai prestar testemunho neste julgamento. Correto?

– Correto – diz Nico.

– Muito bem. Vou indeferir a petição do réu, com base na declaração dos promotores de que o Sr. Molto não será chamado como testemunha neste julgamento.

Ernestine sussurra para ele. Os jurados em potencial estão no corredor.

E agora eles entram, 75 pessoas, 12 das quais estarão em breve incumbidas de decidir o que vai acontecer com minha vida. Nada de especial, apenas pessoas comuns. Podem-se omitir as convocações e os questionários e agarrar as primeiras 75 pessoas que passarem pela rua.

Ernestine chama 16 para sentarem no recinto do júri e orienta as restantes para os primeiros quatro bancos por trás da mesa da promotoria, de onde os guardas removeram os espectadores, em meio a muitos resmungos, mandando-os formar uma fila de espera no corredor.

Larren começa por dizer aos possíveis jurados qual é o caso. Provavelmente já testemunhou mil júris escolhidos durante a sua carreira. Sua comunicação é instantânea: aquele negro enorme, de boa aparência, meio engraçado, meio esperto. Os brancos também gostam dele, talvez pensando que todos deveriam ser assim. Em nenhum outro momento num julgamento a vantagem que Larren oferece à defesa pode ser maior do que neste estágio. Ele é hábil em se dirigir aos jurados, astuto em adivinhar motivações ocultas e empenhado até o fundo de sua alma nas noções fundamentais. O réu é presumido inocente. Inocente. Enquanto sentam aqui, devem pensar que o Sr. Sabich não cometeu o crime.

– Com licença, senhor. Aí na primeira fila. Qual é o seu nome?

– Mahalovich.

– Sr. Mahalovich, o Sr. Sabich cometeu o crime de que é acusado?

Mahalovich, corpulento, de meia-idade, está com o jornal dobrado no colo. Dá de ombros.

– Não sei, juiz.

– Está dispensado, Sr. Mahalovich. Senhoras e senhores, deixem-me dizer outra vez o que devem presumir. O Sr. Sabich é inocente. Eu sou o juiz. Estou lhes dizendo isso. Presumam que ele é inocente. Quando sentarem aí, quero que olhem e digam para si mesmos: ali está um homem inocente.

Ele continua em exercícios similares, explicando a obrigação do Estado de provar a culpa além de qualquer dúvida razoável e o direito do réu de permanecer em silêncio. Falando a uma mulher magra e grisalha, de blusa enfiada pela saia, sentada ao lado da cadeira que Mahalovich desocupou:

– Não acha, madame, que uma pessoa inocente deve se levantar e dizer que não fez nada?

A mulher está aflita. Viu o que aconteceu com Mahalovich. Mas não se mente a um juiz. Ela toca na gola da blusa antes de falar.

– Acho que sim.

– Claro que deve achar. E deve também presumir que o Sr. Sabich pensa a mesma coisa, já que estamos presumindo que ele é inocente. Mas ele não precisa fazer isso. Porque a Constituição dos Estados Unidos diz que ele não precisa. E o que isso significa é que, se vocês foram escolhidos para jurados deste caso, prometeram remover esse pensamento de sua mente. Porque o Sr. Sabich e seu advogado, Sr. Stern, podem decidir usar esse direito constitucional. As pessoas que redigiram a Constituição disseram “Deus o abençoe, senhor”, Deus o abençoe, Sr. Sabich, não precisa explicar nada. O Estado tem de provar que você é culpado. Não precisa dizer nada, se não quiser. E o Sr. Sabich não pode realmente receber essa bênção se algum de vocês mantiver a noção de que ele deve explicar de qualquer maneira.

Como promotor, eu costumava achar essa parte da rotina de Larren insuportável. Agora, Nico e Molto parecem pálidos e contrariados. Não importa quantas vezes tenha dito a si mesmo que o juiz está certo, não pode acreditar que alguém jamais pensou que isso fosse explicado de maneira tão enfática. Nico parece particularmente contrafeito. Escuta com uma expressão alerta, desprovida de qualquer humor. Emagreceu e há manchas escuras na pele amarelada por baixo dos olhos. Preparar um processo dessa dimensão em três semanas é um terrível fardo e ainda por cima ele tem de dirigir o escritório. Além disso, deve ter lhe ocorrido muitas vezes o quanto deu corda. Pegou luzes de Klieg e projetou-as pelo céu, dizendo ao mundo próximo para ficar de olho em Nico Della Guardia. Se perder, nunca mais terá a mesma credibilidade. Sua campanha

silenciosa para ser identificado como o sucessor de Bolcarro terminará não muito depois do começo. Sua carreira, muito mais do que a minha, está em jogo. Nos últimos tempos, compreendi que minha carreira, depois do indiciamento e do estardalhaço deste julgamento, quase com certeza está encerrada de qualquer maneira.

Larren concentra-se em seguida na questão da publicidade. Interroga os jurados sobre o que leram. Para os que se mostram esquivos, ele lembra a matéria anunciando o início do julgamento na primeira página do *Trib* de hoje. Os jurados sempre mentem sobre isso. As pessoas que querem escapar ao serviço de júri geralmente encontram uma maneira. Os que vieram ao tribunal estão, em sua maior parte, ansiosos em servirem e menos dispostos a confessar suspeições óbvias. Mas Larren, lentamente, lhes arranca a verdade. Quase todos aqui ouviram alguma coisa sobre este caso e durante cerca de vinte minutos o Juiz Lyttle lhes diz que tudo são informações sem o menor valor.

– Ninguém sabe coisa alguma sobre este caso – ele declara –, porque ainda não se ouviu uma única palavra sobre as provas.

Ele dispensa seis pessoas que admitem que não serão capazes de apagar a publicidade de suas mentes. É perturbador refletir sobre o que os outros, sujeitos à sanha de publicidade de Nico, devem pensar a respeito do caso. É difícil acreditar que alguém possa de fato pôr de lado completamente as predisposições.

Ao final da manhã, começa o interrogatório sobre os antecedentes dos jurados – esse processo é conhecido como *voir dire*, a revelação da verdade, e continua ao longo da tarde e pela segunda manhã. Larren pergunta tudo em que pode pensar e os advogados acrescentam ainda mais. O Juiz Lyttle não permitirá um interrogatório sobre questões do processo, mas os advogados podem vaguear livremente pelos detalhes pessoais, limitados em grande parte por sua relutância em violar qualquer dispositivo legal. Que programas de televisão você vê, que jornais lê? Pertence a alguma organização? Seus filhos trabalham fora? Em sua casa, é você ou o cônjuge que cuida do orçamento mensal? É um jogo psicológico sutil para calcular quem está predisposto a favorecer o seu lado. Os consultores ganham agora centenas de milhares de dólares fazendo tais predições para os advogados, mas um homem como Stern sabe a maior parte por instinto e experiência.

A fim de escolher um júri de maneira eficiente, é preciso conhecer o caso em que se vai atuar. Stern não me disse nada, mas está se tornando cada vez mais evidente que ele não tenciona apresentar qualquer prova pela defesa. Acha que pode destruir as provas de Nico. Talvez minhas ações no passado, quando escapei ao controle apesar de suas instruções, o tenham convencido de que eu não seria uma boa testemunha em minha própria defesa. Sem dúvida, a decisão de testemunhar ou não será minha, ao final. Mas desconfio que Stern tente levar as coisas a um ponto em que ficarei convencido de que podemos vencer sem meu depoimento, antes de me pressionar. Seja como for, ele passou bem pouco tempo conversando comigo sobre a argumentação da defesa. Mac e uns poucos juízes concordaram em se apresentar como testemunhas de caráter. Stern também me perguntou sobre os vizinhos que estariam dispostos a oferecer esse tipo de depoimento. É óbvio, porém, que ele deseja defender a posição de dúvida razoável. Ao final, se tudo correr como ele espera, ninguém saberá o que aconteceu. O Estado não conseguirá realizar o ônus da prova e deverei ser absolvido. Com esse objetivo, precisamos de jurados bastante inteligentes para compreenderem os dispositivos legais e bastante determinados para os aplicarem sem hesitação – pessoas que não me condenarão apenas porque estão desconfiadas. Por esse motivo, Sandy me disse que acha os jurados mais jovens, de um modo geral, melhores do que os mais velhos. Além disso, eles podem estar mais sintonizados

com algumas das nuanças nas relações entre homem e mulher que tanto impregnam o caso. Em outras palavras, ele quer pessoas que possam acreditar que colegas de trabalho se encontram no apartamento de uma mulher por outros motivos que não o intercurso sexual. Por outro lado, ele comentou, as pessoas mais velhas terão um respeito mais imediato por minhas realizações passadas, posição e reputação.

Quaisquer que sejam os planos, você sempre acaba se baseando nas impressões instintivas. Certos jurados apenas parecem ser pessoas como você pensa, gente com quem pode conversar. Na segunda manhã, ao começarmos as escolhas, Stern, Kemp e eu tivemos poucas divergências. Sentamos à mesa da defesa, discutindo as decisões sobre os jurados em potencial, analisados em grupos de quatro. Barbara é convidada por Sandy a vir do banco de espectadores mais próximos e participar de nossas conferências. Ela põe a mão de leve em meu ombro, mas não faz qualquer comentário. Parada perto de mim enquanto conversamos, usando um tailleur de seda azul-escuro e um chapéu combinando, ela transmite uma impressão de austera dignidade e desgosto sob controle. No global, o efeito é um pouco como o das viúvas Kennedy. Ela desempenha muito bem seu pequeno papel. Na noite passada, depois que o *voir dire* começou, Sandy explicou a Barbara que a chamaria assim. Em casa, ela manifestou sua apreciação pela cortesia de Sandy e expliquei-lhe que a cortesia não era a intenção primária. Stern quer que os jurados constatem desde o início que minha esposa se encontra a meu lado e que nós, nesta era moderna, solicitamos a opinião das mulheres.

A defesa tem o direito de dispensar dez jurados sem explicação – os chamados peremptórios. A promotoria, seis. O plano de Nico parece ser o inverso do nosso, embora com menos recusas ele não tenha a mesma oportunidade de moldar o júri. De um modo geral, ele parece estar procurando por seus eleitores, tipos étnicos mais velhos, de preferência católicos romanos. Por esse motivo, sem ter planejado fazê-lo antes, riscamos todos os italianos.

Fico mais satisfeito com o grupo que terminamos do que acontecia com freqüência quando era promotor. Há uma predominância de pessoas mais jovens, muitas solteiras. A gerente de uma drogaria, com vinte e tantos anos. Uma moça que trabalha na contabilidade de uma corretora. Um homem de 26 anos que é contramestre numa linha de montagem e outro mais ou menos da mesma idade que dirige os serviços de restaurante num hotel local e também mexe com computadores. Há uma jovem negra que faz auditoria numa seguradora local. Entre os 12, temos ainda uma professora divorciada, uma secretária numa ferrovia local, um homem que se aposentou no ano passado depois de dirigir o programa de música numa escola secundária e um mecânico de automóvel; há também um estagiário de gerente do Burger King, uma ajudante de enfermagem aposentada e uma vendedora de cosméticos da Morton’s. Nove brancos, três negros. Sete mulheres, cinco homens. Larren também escolhe quatro eventuais substitutos, que ouvirão os testemunhos, mas não participarão das deliberações, a menos que um dos 12 regulares fique doente ou seja dispensado por qualquer outro motivo.

Com o júri escolhido, no início da segunda tarde estamos prontos para iniciar meu julgamento.

FALTAM DEZ MINUTOS para as 14 horas quando voltamos ao tribunal para as alegações preliminares. O clima agora é o mesmo da manhã passada. O hiato da escolha do júri pertence ao passado e há certo anseio no ar. O excitamento adrenalinado do começo se torna uma espécie de irritação dolorosa que sinto vazar para os ossos. Kemp me chama para o corredor junto do tribunal e andamos por algumas distâncias para escapar ao bando de infelizes espectadores, para os quais os guardas não conseguiram encontrar lugares. Aqui fora nunca se pode ter certeza de quem está escutando. Os melhores jornalistas jamais divulgariam o que ouviram de passagem,

mas nunca se sabe quem está falando com os promotores.

– Quero dizer uma coisa – anuncia Jamie.

Ele cortou 5 ou 6 centímetros de cabelos compridos e se apresentou num distinto terno azul listrado, adquirido na J. Press, em New Haven. É bastante bonito para ter escolhido Hollywood, em vez do direito. Pelos comentários, descobri que ele ganhou bastante dinheiro tocando guitarra para levar uma vida confortável sem trabalhar. Em vez disso, vai ao escritório, estuda processos, redige petições, conferencia com Stern e comigo até as 23 horas, meia-noite.

– Gosto de você – diz Jamie.

– Eu também gosto de você – respondo.

– Espero sinceramente que saia vencedor. Nunca disse isso antes a um cliente. Mas acho que vai superar tudo isso.

Não há mais que um ou dois anos de clientes na carreira de Jamie e por isso o comentário não vale mais do que uma predição, mas fico comovido por sua disposição. Claro que ele não me disse que sou inocente. Sabe que não deve assumir tal convicção; as provas estão contra mim. Provavelmente, se eu o sacudir no meio da noite para acordá-lo e formular a pergunta, ele dirá que não sabe.

Stern aparece agora. Está quase lépido. A carne parece revigorada pelo excitamento; o tecido da camisa é tão branco e sem rugas que dá a impressão de ser quase imaculado. Está prestes a apresentar as alegações preliminares no caso mais famoso de sua carreira. E de repente me sinto cheio de inveja. Não pensei em todos esses meses no quanto seria divertido atuar neste caso, uma omissão compreensível. Mas as antigas inclinações afloram subitamente neste ar supercarregado. O grande caso dos Night Saints, uma conspiração de 23 réus em que atuei junto com Raymond, teve uma fração dessa atenção, mas ainda assim foi como um fio desencapado, um excitamento intenso que não parou, mesmo no sono, por sete semanas. Como motociclismo ou montanhismo: você sabe que esteve lá. Sinto-me triste, desesperado por um instante por meu ofício perdido.

– E então? – Sandy me pergunta.

– Eu disse que achava que ele ganharia – comenta Kemp.

Stern fala em espanhol; as sobrancelhas se alteiam para a crista sem cabelos da cabeça.

– Nunca em voz alta. Nunca. – Depois, ele me pega a mão e me fita com seu olhar mais profundo. – Rusty, faremos o melhor que pudermos.

– Sei disso.

Voltando ao tribunal, Barbara, que deu um pulo na universidade durante a hora do almoço, emerge da multidão para me abraçar. É um meio abraço, um braço enlaçando firme minha cintura. Ela me beija o rosto, depois limpa o batom com a mão. Fala com Nat.

– Ele quer que você saiba que o ama – diz ela. – E eu também.

Barbara fala de maneira graciosa, de tal forma que o tom, apesar de suas boas intenções, ainda é um tanto hesistante. Não obstante, ela fez o melhor. É o momento certo e o lugar certo para o desempenho máximo.

OS JURADOS VÊM da sala de espera, onde mais tarde vão deliberar. Fica à direita, por trás do recinto do júri. A professora divorciada chega a sorrir para mim ao sentar.

Larren explica a função das alegações preliminares: uma indicação das provas. Uma previsão.

– Não é uma argumentação – ele diz. – Os advogados não discorrerão sobre as inferências que percebem nas provas. Simplesmente lhe dirão, de forma lacônica, quais são as provas concretas.

Larren diz isso, sem dúvida, como uma advertência a Delay. Num caso circunstancial, um promotor precisa, de alguma forma, desde o início, fazer o júri compreender como tudo se ajusta. Mas Nico terá de fazer isso com todo cuidado. Apesar de tudo o que Della Guardia possa sentir em relação a Larren, o júri já está apaixonado pelo juiz. Seu charme é como uma fragrância floral que se espalha pelo ar. Nico nada ganhará ao ser censurado.

– Sr. Delay Guardia – chama Larren.

Nico se levanta. Aprumado, empertigado, eriçado na expectativa. Uma pessoa no topo.

– Se apraz ao tribunal – ele diz, o início tradicional.

Desde o começo, ele se mostra surpreendentemente mal. Compreendo no mesmo instante o que aconteceu. As pressões do tempo e o fardo de dirigir o escritório afetaram bastante seus preparativos. Nunca passou por isso antes. Uma parte está sendo improvisada, talvez por causa da advertência de Larren pouco antes de começar. Nico não consegue livrar-se da expressão contraída, nervosa, não consegue encontrar o ritmo. Hesita em diversos pontos.

Mesmo com a preparação inadequada de Nico, é difícil para mim ouvir muita coisa do que ele diz. Nico pode carecer do estilo e da organização habituais, mas ainda acerta nos alvos. O contraponto das provas materiais contra o que eu disse e não disse a Horgan e Lipranzer é, como sempre temi, bastante eficaz. Por outro lado, Delay perde os pontos de ênfase. Fala muito pouco ao júri sobre as coisas que deveria ser ele a revelar. Um promotor esperto geralmente procura desarmar as provas da defesa ao mencioná-las primeiro, demonstrando que sua argumentação pode suportar os golpes mais fortes da defesa. Mas Nico não detalha de maneira adequada meus antecedentes – deixa de informar que eu era o segundo homem no escritório – e, ao descrever meu relacionamento com Carolyn, omite qualquer menção ao julgamento *McGaffen*. Quando Stern se levantar, com seu jeito tranqüilo, fará com que essas omissões pareçam um encobrimento.

Na esfera das minhas relações com Carolyn, Nico faz o único desvio do que preveríamos. O problema de Nico é mais profundo do que eu ou mesmo Stern compreendêramos. Delay não apenas carece de prova acerca do meu relacionamento com Carolyn. Nem mesmo adivinhou corretamente o que aconteceu.

– As provas mostrarão que o Sr. Sabich e a Sra. Polhemus tinham um relacionamento pessoal que se prolongou por muitos meses, pelo menos sete ou oito, antes do assassinato. Ela o procurava pelo telefone. Ele ligava para ela. Era, como eu disse, um relacionamento pessoal. – Ele fez uma pausa. – Um relacionamento íntimo. Mas nem tudo estava bem nesse relacionamento. O Sr. Sabich era, aparentemente, muito infeliz. O Sr. Sabich era, ao que parece, muito ciumento.

Larren, lá em cima, virou-se com uma expressão furiosa. Nico está fazendo o que o juiz lhe advertira para não fazer, argumentando em vez de se limitar a descrever suas provas. Em sua agitação, o juiz a todo instante lança olhares para Sandy, um sinal para ele protestar. Mas Stern se mantém quieto. Interrupções são uma descortesia e Sandy é autêntico no tribunal. Mais importante, Nico está no ponto de sua oração em que diz coisas que Stern sabe que não pode provar.

– O Sr. Sabich estava com ciúme. Estava com ciúme porque a Sra. Polhemus não se encontrava apenas com ele. A Sra. Polhemus iniciara um novo relacionamento que aparentemente enfureceu o Sr. Sabich. – Outra pausa solene. – Um relacionamento com o promotor público Raymond Horgan.

Essa informação não fora divulgada antes. Nico, sem dúvida, planejava resguardar sua nova aliança com Raymond; mas não pôde se conter, ainda é Nico, chega a se virar para as fileiras da

imprensa ao soltar essa notícia no mundo. Há uma agitação audível no recinto do tribunal e Larren, com a menção de seu antigo sócio, finalmente perde a calma.

– Sr. Delay Guardia! – ele troveja. – Foi avisado, senhor. Seus comentários não podem ter a natureza de alegações finais. Vai se limitar a um relato *estéril* dos fatos ou suas alegações preliminares serão encerradas. Estou sendo claro?

Nico vira-se para o juiz. Parece realmente surpreso. O pomo-de-adão proeminente balança enquanto ele engole em seco.

– Está, sim.

Ciúme, escrevo no bloco, passando para Kemp. Diante da opção entre nenhum motivo e um motivo que não pode provar direito, Nico escolheu o segundo. Pode ser até a manobra mais esperta. Ao final, no entanto, ele estará se esforçando para exagerar os fatos.

Stern adianta-se assim que Nico termina. O juiz propõe um recesso, mas Sandy sorri gentilmente e diz que está pronto para continuar imediatamente, se apraz ao tribunal. Não está disposto a deixar que os comentários de Nico ganhem força pela reflexão.

Ele contorna o púlpito e ali apóia um cotovelo. Usa um terno marrom, sob medida, que se amolda sutilmente com os contornos cheios. O rosto forte está imóvel.

– Como vamos responder a isso, Rusty Sabich e eu? – ele indaga. – O que podemos dizer quando o Sr. Della Guardia lhe fala sobre as duas impressões digitais, mas não sobre a outra? O que podemos dizer quando as provas vão lhes revelar falhas, suposições, intrigas e insinuações cruéis? O que podemos dizer quando um eminente servidor público é levado a julgamento com base em provas circunstanciais, que não alcançam, como poderão determinar, aquele precioso padrão de dúvida razoável? Dúvida razoável. – Sandy se vira, avança, aproxima-se dois passos do júri. – A promotoria deve provar a culpa acima e além de uma dúvida razoável.

Ele rememora tudo o que os jurados ouviram do Juiz Lyttle durante os dois últimos dias. No começo, Stern dá a mão, perante os jurados, a esse jurista vigoroso e douto, um artifício bastante eficaz à luz da primeira censura de Larren a Delay. Sandy usa o termo “prova circunstancial” reiteradamente. Menciona as palavras “rumores” e “boatos”. Depois, fala a meu respeito.

– E quem é Rusty Sabich? Não apenas, como o Sr. Della Guardia lhes disse, um importante assistente no escritório do promotor público. *O* principal assistente. Entre um punhado dos melhores advogados de júri neste condado, neste estado. As provas lhes mostrarão isso. Formado com distinção na faculdade de direito de nossa universidade. Membro da *Law Review*. Trabalhou com o presidente do Supremo Tribunal Estadual. Devotou sua carreira, sua vida, ao serviço público. Para deter, evitar e punir o comportamento criminoso, não... – Stern lança um olhar desdenhoso para os promotores – ... para cometê-lo. Escutem, senhoras e senhores, os nomes de algumas das pessoas que as provas lhes mostrarão que Rusty Sabich levou à justiça. Prestem atenção, porque são pessoas cujos erros foram tão conhecidos que até mesmo vocês, que não freqüentam regularmente este tribunal, reconhecerão os nomes e, tenho certeza, mais uma vez se sentirão gratos pelo trabalho de Rusty Sabich.

Ele passa cinco minutos falando sobre os Night Saints e outros casos, por mais tempo do que deveria, mas é muito difícil Della Guardia objetar depois que Sandy suportou suas alegações preliminares sem se queixar.

– Ele é filho de um imigrante, um combatente da liberdade iugoslavo que foi perseguido pelos nazistas. Seu pai chegou aqui chegou em 1946, a uma terra de liberdade, onde não haveria mais atrocidades. O que Ivan Sabich pensaria hoje?

Eu me contorceria todo se não estivesse sob ordens rigorosas para não demonstrar coisa alguma. Sento com as mãos cruzadas e olho para a frente. Em todos os momentos, devo parecer

resoluto. Lamentavelmente, Stern não me informou antes sobre essa parte. Mesmo que eu testemunhe, não será sobre isso – e não é provável que os promotores venham a contestar.

A atitude de Stern é bastante impressiva. O sotaque acrescenta algum fascínio a seu discurso e a formalidade cortês lhe dá substância. Não faz predições do que a defesa vai apresentar. Mantém-se a distância de prometer meu testemunho. Em vez disso, concentra-se nas deficiências. Não há prova, não há qualquer lampejo de prova direta de que Rusty Sabich tenha empunhado alguma arma do crime. Não há indício de que Rusty Sabich tenha participado de qualquer violência.

– E qual é a pedra fundamental deste caso circunstancial? O Sr. Della Guardia lhes disse muitas coisas sobre o relacionamento entre o Sr. Sabich e a Sra. Polhemus. Não lhes disse, como as provas vão demonstrar, que os dois eram colegas de trabalho, que se encontraram como promotores atuando juntos, não como amantes, num caso da maior importância. Ele não mencionou isso. Deixou para mim a incumbência de lhes dizer. Pois muito bem, estou lhes dizendo, e as provas confirmarão isso também. Devem dar a maior importância ao que as provas mostram e o que não mostram sobre o relacionamento entre Rusty Sabich e Carolyn Polhemus. Concentrem-se nisso com toda atenção, neste caso circunstancial, em que o Sr. Della Guardia procura provar a culpa acima e além de uma dúvida razoável. Declaro categórica e terminantemente que as provas não lhes mostrarão o que o Sr. Della Guardia disse. Não mostrarão. Este caso não envolverá fatos, mas sim suposições em cima de suposições, conjeturas em cima de conjeturas...

– Sr. Stern – interveio Larren, suavemente. – Parece estar caindo na mesma armadilha do Sr. Della Guardia.

Sandy vira-se; chega a fazer uma mesura.

– Lamento muito, meritíssimo – ele diz. – Parece que ele me inspirou.

Uma risada, discreta, de todos. Do juiz. De diversos membros do júri. Uma pequena risada à custa de Delay.

Sandy torna a se virar para o júri e comenta, como se estivesse falando para si mesmo:

– Devo tomar cuidado para não me deixar arrebatar por este caso.

E, depois, ele planta sua última semente. Sem compromissos, apenas umas poucas palavras.

– Não se pode deixar de perguntar a razão. À medida que tomarem conhecimento das provas, perguntem por quê. Não por que Carolyn Polhemus foi assassinada. Isso, lamentavelmente, é uma coisa que ninguém saberá pelas provas a serem apresentadas aqui. Mas por que Rusty Sabich está sentado aqui, falsamente acusado. Por que apresentar um caso circunstancial, um caso que deveria apresentar a culpa acima e além de qualquer dúvida razoável e não o faz?

Sandy pára. Talvez conheça a resposta; talvez não. Ele acrescenta suavemente:

– Por quê?

É a última coisa que diz.

27

Eles não conseguem encontrar o copo.

Nico admite isso assim que Stern, Kemp e eu chegamos, na terceira manhã no julgamento. As primeiras testemunhas serão chamadas hoje.

– Como é possível? – pergunta Stern.

– Peço desculpas – diz Nico. – Tommy me falou que esqueceu a respeito no começo. E realmente esqueceu. Agora estão procurando por toda parte. Vai aparecer. Mas tenho um problema.

Della Guardia e Stern se afastam, conferenciando. Molto observa-os com uma preocupação óbvia. Parece relutante em deixar seu lugar à mesa da promotoria, como um cachorro açoitado. Na verdade, Tommy não parece muito bem. Ainda é muito cedo no julgamento para ele estar tão exausto quanto aparenta. A pele tem um tom amarelado e o terno, o mesmo de ontem, dá a impressão de que não teve nenhum descanso. Eu não ficaria surpreso se soubesse que Molto não foi para casa ontem à noite.

– Como eles podem perder uma prova assim? – pergunta-me Kemp.

– Está sempre acontecendo – respondo.

O Centro de Provas da Polícia, lá em McGrath Hall, tem mais itens não-reclamados do que uma loja de penhores. Etiquetas são arrancadas; números são trocados. Comecei muitos casos com provas extraviadas. Infelizmente, Nico tem razão: o copo vai aparecer.

Stern e Della Guardia concordam em comunicar ao juiz esse fato, antes que a sessão seja iniciada. Todos voltaremos à sua sala. Isso poupará Nico de uma censura pública. A concessão de Stern em pontos assim, as pequenas cortesias, é o tipo de coisa que o tornou popular no escritório da promotoria. Outros advogados exigiriam o registro nos autos, a fim de que Nico fosse desancado na presença da imprensa.

Todos esperamos por um momento na ante-sala do juiz, enquanto sua secretária, Corrine, se mantém de olho na luz do telefone, a fim de saber quando Larren tiver concluído a ligação que faz agora. Corrine é imponente, de busto enorme, os gozadores do tribunal especulavam regularmente sobre a natureza de seu relacionamento com Larren, até o outono passado, quando ela casou com um agente de liberdade condicional chamado Perkins. Larren sempre foi um conquistador de algum renome. Divorciou-se há cerca de dez anos e sempre ouvi muitas histórias a seu respeito, bebendo Jack Daniel’s nas casas noturnas do Bayou Boulevard, uma faixa de grandes atrações que certos sábios costumam chamar de Rua dos Sonhos.

– Ele diz que podem entrar – Corrine nos comunica, desligando o telefone após uma breve conversa com o juiz para anunciar nossa presença.

Kemp, Nico e Molto nos precedem. Stern quer um momento para conferenciar comigo.

Quando entramos, Nico já começou a falar ao juiz sobre o problema. Ele e Kemp ocupam cadeiras de braços diante da mesa do juiz. Molto senta a alguma distância, no sofá. A sala, o santuário do juiz, tem uma decoração distinta. Uma parede está coberta pelas lombadas em tons dourados dos anais judiciários do Estado. Larren também tem o seu Muro do Respeito. Há uma

fotografia grande do juiz e Raymond, entre várias outras fotos do juiz com políticos, negros em sua maioria.

– Meritíssimo – Nico está dizendo –, soube pela primeira vez ontem à noite, por intermédio de Tommy...

– Ora, pensei que Tommy tivesse indicado ontem que vocês continuavam com o copo e ele simplesmente esquecera. Tommy, vou lhe dizer uma coisa imediatamente.

O juiz está de pé atrás da mesa, parecendo magnífico numa camisa de tom púrpura, com o colarinho e os punhos brancos. Esteve vagueando por seus livros e papéis enquanto escutava, mas agora se vira e aponta um dedo grosso para Molto.

– Se eu tiver o mesmo tipo de besteira de você que agüentei no passado, vou metê-lo na prisão. Juro que vou. Não me diga uma coisa pensando em outra. E quero dizer isso na presença do promotor público. Nico, você sabe que sempre nos demos bem. Mas há uma história diferente aqui. – O juiz inclina a enorme cabeça na direção de Molto.

– Juiz, eu compreendo. Compreendo perfeitamente. Por isso fiquei preocupado assim que soube do problema. Estou realmente convencido de que se trata de um engano.

Larren lança um olhar malicioso para Della Guardia pelo canto dos olhos. Nico nem mesmo vacila. Está fazendo um bom trabalho. Mantém as mãos no colo e se esforça ao máximo para parecer suplicante. Não é uma atitude que lhe venha com naturalidade e a disposição para se humilhar diante do juiz é cativante. Deve ter havido o diabo ontem à noite entre Molto e ele. É por isso que Tommy parece tão mal.

Larren, no entanto, não está disposto a abandonar o assunto. Como sempre, percebeu num instante todas as implicações. Durante mais de um mês os promotores prometeram apresentar um copo que sabiam que não podiam encontrar.

– Não é uma coisa da maior importância? – indaga o juiz, olhando para Stern, em busca de apoio. – Sabe, Nico, não dou essas ordens apenas por dar. Pode fazer o que quiser com suas provas, mas realmente... Quem foi o último a estar com o copo?

– Há alguma divergência, juiz, mas achamos que foi a polícia.

– Era de se imaginar. – Larren desvia o olhar para algum ponto a distância, irritado. – Pense no que temos aqui. Vocês ignoraram uma ordem do tribunal. A defesa não teve a oportunidade de se preparar. E apresentou alegações preliminares, Nico, em que deve ter se referido meia dúzia de vezes a essa prova. Mas isso é problema seu agora. Quando encontrar o copo, presumindo que isso acontecerá, então determinaremos se será ou não incluído nas provas. Vamos julgar este caso.

As dificuldades de Nico, no entanto, são mais complexas do que lidar com um juiz furioso. A argumentação do Estado foi preparada com as testemunhas esperadas numa seqüência definida, conhecida como uma ordem de prova. A primeira pessoa a testemunhar deve descrever a cena do crime e mencionará o copo.

– Não no meu tribunal – diz Larren. – De jeito nenhum. Não vamos mais falar sobre uma prova que ninguém consegue encontrar.

Stern finalmente fala. Anuncia que não temos objeção a que Delay prossiga como planejara.

– Meritíssimo, se a promotoria não puder encontrar o copo, objetaremos a qualquer prova adicional relacionada. – Ele se refere, é claro, às impressões digitais. – Mas, por enquanto, não há propósito em protelar, se o meritíssimo assim permitir.

Larren dá de ombros. O processo é de Sandy. Esse foi o assunto que Sandy e eu discutimos na ante-sala do juiz. Se objetarmos, poderemos obrigar Nico a mudar a ordem planejada das testemunhas, mas Sandy acha que a vantagem é maior se a primeira testemunha de Nico tiver de

explicar que uma das provas está desaparecida. É melhor que eles pareçam como os Keystone Kops, é assim que Stern expressa. A desorganização causará péssima impressão no júri. Além disso, há pouco prejuízo para mim no mero fato de um copo ser encontrado. E, como ressaltei para Kemp, os guardiães das provas na polícia acabarão localizando o copo; é o que sempre acontece.

– Acho que devem dar ao Sr. Stern uma ordem de prova, a fim de que ele saiba quando voltaremos a essa área.

Molto intervém:

– Temos uma, juiz. Vamos dá-la agora.

Tommy vasculha a pilha desleixada de papéis em seu colo, entrega uma folha a Kemp.

– E vamos incluir isso nos autos – decide Larren.

A punição de Nico. No final das contas, ele terá de explicar a confusão em público.

Enquanto os advogados se postam na frente da bancada, repetindo a conferência privada na presença do taquígrafo do tribunal, examino a ordem de prova. Estou ansioso em saber quando Lipranzer vai testemunhar. Quanto mais cedo isso acontecer, mais cedo ele poderá reiniciar a busca por Leon. Tentei fazer com que o investigador particular de Sandy continuasse a pesquisar o caso, mas ele alega que não há nada a fazer. A lista, porém, não proporciona boas notícias. Lip está marcado para a última parte do julgamento. Leon e eu teremos de esperar.

Mesmo em meu desapontamento, reconheço que Tommy e Nico delinearam sua argumentação com todo cuidado. Começarão com a cena do crime e a coleção das provas materiais, depois passarão para uma demonstração, em lenta aceleração, dos motivos pelos quais sou o assassino. Primeiro, apresentarão suas provas, por mais reticentes que sejam, do meu relacionamento com Carolyn; depois, a condução questionável da investigação; quase ao final, exibirão os diversos fragmentos de provas que me situam no local do crime: as impressões digitais, as fibras, os registros telefônicos, a criada de Nearing, os resultados do exame de sangue. Indolor Kumagai testemunhará por último e imagino que vai apresentar uma opinião de perito sobre a maneira como o exame foi feito.

Lá em cima, na bancada, Larren ainda está censurando Nico, para registrar nos autos.

– E os promotores comunicarão imediatamente à defesa quando a prova for localizada. Está correto?

Nico promete.

Com essa questão resolvida, o júri é chamado e Nico anuncia o nome da primeira testemunha da promotoria. O Detetive Harold Greer. Ele vem do corredor e pára diante do Juiz Larren para prestar juramento.

ASSIM QUE GREER senta, é evidente para todos por que Nico queria manter a ordem de prova predeterminada. Os jurados, por motivos óbvios, tendem a lembrar a primeira testemunha e Greer é impressivo, um negro enorme, bem-falante, calmo e ordenado em sua apresentação. Com ou sem o copo, é a imagem da competência. O departamento está repleto de agentes como Greer, homens e mulheres com o QI de professores universitários que se tornaram policiais porque isso era, dentro de seus horizontes, a melhor coisa disponível.

Molto está conduzindo o interrogatório. Parece amarfanhado, mas a inquirição direta está bem preparada.

– E onde estava o corpo?

Greer foi o terceiro policial a aparecer na cena do crime. Carolyn foi descoberta por volta das 9h30. Faltou a uma reunião às 8 horas e a uma audiência no tribunal às 9 horas. Sua secretária ligou para o zelador. Tudo o que ele fez, como me disse há meses, foi abrir a porta e

olhar ao redor. Compreendeu no mesmo instante que precisava da polícia. Os policiais da ronda chamaram Greer.

Greer descreve o que observou e a maneira como os técnicos trabalharam, sob sua orientação. Identifica um saco de plástico lacrado que contém as fibras tiradas do corpo de Carolyn e um saco maior em que está sua saia, da qual foram obtidas mais fibras de Zorak V. Molto e ele passam rapidamente pelo copo. Green descreve como o encontrou no bar, observou os técnicos colocarem a prova num saco plástico e lacrá-lo.

– E onde está o copo neste momento?

– Tivemos um pequeno problema em localizá-lo. Deve aparecer na sala de provas da polícia.

Molto levanta em seguida o espectro do diafragma removido. Greer diz que numa revista meticulosa do apartamento não encontrou qualquer artefato anticoncepcional. Depois, com todas as provas que a polícia descobriu inventariadas para o júri, Molto alcança o clímax.

– Baseado em sua experiência de nove anos como detetive de homicídios e a aparência do local, ensaiou alguma opinião sobre o que ocorrera? – pergunta Molto.

Stern apresenta seu primeiro protesto diante do júri.

– Meritíssimo, isso é especulativo – ele protesta. – Não pode ser considerado uma opinião de perito. O Sr. Molto está pedindo um palpite.

Larren afaga o rosto com a mão enorme, mas sacode a cabeça.

– Indeferido.

Molto repete a pergunta.

– Baseado na posição do corpo – responde Greer –, a maneira como estava amarrado, os sinais de desordem, a janela aberta junto da escada de incêndio, à primeira vista do local concluí que a Sra. Polhemus fora assassinada no curso ou como resultado de um atentado sexual.

– Um estupro? – pergunta Molto, uma questão da maior importância, em geral não permitida na inquirição direta, mas inofensiva nessas circunstâncias.

– Isso mesmo.

– E os fotógrafos da polícia estavam no local?

– Estavam.

– O que eles fizeram, se é que fizeram alguma coisa?

– Pedi-lhes que tirassem diversas fotos do local. E foi o que eles fizeram.

– Em sua presença?

Do carrinho de provas que os promotores trouxeram para o tribunal pela manhã, Molto tira a coleção de fotos que examinei há quatro meses em minha sala. Mostra cada uma a Sandy, antes de apresentá-las a Greer. Molto arquitetou o exame com extrema habilidade. De um modo geral, o juiz limita o uso de fotografias pela acusação num caso de homicídio. É macabro e pernicioso. Mas, enfatizando as aparências, que a promotoria vai argumentar que foram encenadas, Tommy privou-nos da base usual para objeções. Ficamos sentados, tentando parecer impassíveis, enquanto Greer descreve cada uma das fotos horríveis e as identifica como um reflexo acurado da cena. Quando Molto as oferece, Sandy aproxima-se da bancada e pede ao juiz para examiná-las pessoalmente.

– Podemos ficar com apenas duas do corpo – decide Larren.

Ele tira outras duas, mas permite que Molto circule as que foram admitidas entre os jurados, ao final da inquirição de Greer. Não me atrevo a levantar os olhos com muita freqüência, mas posso sentir, pelo silêncio no recinto do tribunal, que o sangue e o cadáver contorcido de Carolyn exerceram o efeito que os promotores esperavam. A professora não tornará a sorrir para mim por

algum tempo.

– Reinquirição – diz o juiz.

– Apenas umas poucas dúvidas. – Sandy sorri um pouco para Greer. Não vamos contestar esta testemunha. – Mencionou um copo, detetive. Onde está? – Stern começa a procurar entre as provas que Greer identificou.

– Não se encontra aqui.

– Desculpe. Pensei que tivesse testemunhado sobre isso.

– E testemunhei.

– Ah... – Sandy parece confuso. – Mas não tem o copo?

– Não, senhor.

– Quando foi a última vez que o viu?

– Na cena do crime.

– Não mais o viu desde então?

– Não, senhor.

– Tentou encontrá-lo?

Greer sorri, provavelmente a primeira vez desde que sentou no banco das testemunhas.

– Tentei, sim, senhor.

– Posso deduzir por sua expressão que empenhou esforço nisso?

– Claro, senhor.

– E, mesmo assim, o copo não foi encontrado?

– Não, senhor.

– E quem foi o último a ter a posse do copo?

– Não sei. O Sr. Molto tem os recibos das provas.

– Ah... – Sandy vira-se na direção de Tommy, que parece um pouco divertido. É a encenação de Sandy que ele acha engraçada, mas o júri não sabe que essa é a fonte do sorriso. Para eles, Tommy deve parecer um tanto arrogante. – O Sr. Molto está com os recibos?

– Está, sim, senhor.

– Normalmente ele também ficaria com as provas?

– Isso mesmo, senhor. O promotor fica com as provas e também com os recibos originais.

– E o Sr. Molto tem o recibo mas não o copo?

– Isso mesmo.

Sandy torna a se virar para Molto. Enquanto o fita, acrescenta:

– Obrigado, detetive.

Ele parece ruminar por um momento, antes de se virar novamente para a testemunha. Passa alguns minutos analisando as diversas provas. Ao chegar ao diafragma, faz uma pausa, com uma ênfase evidente.

– Um artefato anticoncepcional não foi a única coisa que deixou de encontrar, não é mesmo, detetive?

O rosto de Greer se contrai. Não encontrou o Diamante Hope ou o lencinho de renda perdido de Tia Tillie. A pergunta não pode ser respondida.

– Você e os homens sob o seu comando efetuaram uma busca meticulosa no apartamento, não é mesmo, detetive?

– Claro que sim.

– E, mesmo assim, deixou de encontrar não apenas um diafragma, mas também qualquer creme, gel ou outra substância que se costuma usar junto... isso não é correto?

Greer hesita. Não havia pensado nisso antes.

– Isso é correto – ele acaba dizendo.

Nico vira-se no mesmo instante para Tommy. Estão sentados a menos de 5 metros de mim, de frente para o júri. Ainda não tivera a oportunidade de observar meus oponentes. Da mesa da promotoria é possível focalizar os jurados. Nico está sussurrando. Parece indagar: onde estão essas coisas? Uns poucos membros do júri reagem alertas a essa parte da reinquirição.

Stern está prestes a sentar quando lhe peço para me dar as fotografias. Ele me lança um olhar sombrio. É o tipo de prova que Sandy prefere que seja esquecida o mais depressa possível. Mas faço outro gesto e ele me entrega a pilha. Encontro a fotografia do bar e explico tudo para Stern. Ele se inclina para mim por um instante, antes de voltar à testemunha.

– Identificou esta fotografia, Detetive Greer, a Prova do Estado 6-G?

– Sim, senhor.

– Mostra o bar em que encontrou o copo?

– Isso mesmo.

– Diga-me, senhor... seria mais fácil se tivéssemos o copo, mas sua lembrança dessa prova é boa?

– Acho que sim. O copo é igual aos que aparecem na foto.

– Muito bem. O copo que pegou era deste jogo que se encontra aqui, sobre uma toalha?

Sandy virou a fotografia, a fim de que tanto Greer quanto os jurados pudessem ver a parte indicada.

– Era, sim.

– Pode contar os copos, por favor?

Greer põe o dedo na foto e conta lentamente.

– Doze – ele diz.

– Doze – repete Stern. – Então, com o copo desaparecido, seriam 13?

Greer sabe que isso é estranho. Balança a cabeça.

– Acho que sim.

– Um jogo estranho?

Molto protesta, mas Greer responde “Muito”, antes que Larren possa decidir.

No recesso para o almoço, Sandy me diz:

– Agradeço seus pensamentos, Rusty, mas deveria partilhá-los conosco antes do último momento. Esse detalhe pode ser significativo.

Olho para Stern, enquanto deixamos o tribunal.

– Só percebi agora.

OS PROMOTORES TÊM uma tarde horrível. Nunca atuei em um julgamento como promotor-assistente que não tivesse um ponto baixo, uma fossa, um lugar em que as provas eram fracas. Costumava comentar que estava atravessando o Vale da Morte. Para Nico, como já sabemos há muito tempo, o vale é tentar provar o que havia entre mim e Carolyn. Sua esperança, obviamente, é apresentar indícios suficientes para que o júri possa fazer uma suposição tranqüila. O plano global que ele e Molto formularam, ao que tudo indica, foi o de começar forte com Greer, passar depressa por essa parte e depois correr para a base, com as provas materiais proporcionando um clima de crescente credibilidade. Uma estratégia razoável. Mas todos os advogados voltam ao tribunal, depois do almoço, sabendo que aquelas horas pertencerão à defesa.

A testemunha seguinte do Estado é Eugenia Martinez, minha ex-secretária. É evidente que ela encara o depoimento como seu grande momento. Apresenta-se com um chapéu grande de aba caída e brincos enormes. Nico apresenta seu testemunho, que é sucinto. Eugenia diz que trabalha

há 15 anos no escritório da promotoria. Durante dois desses 15 anos, até abril último, ela trabalhou para mim. Um dia, ao final de setembro ou outubro, quando atendia o telefone, Eugenia pegou a linha errada. Ouviu apenas umas poucas palavras da conversa, mas reconheceu as vozes, a minha e a da Sra. Polhemus. Eu falava em encontrar a Sra. Polhemus em seu apartamento.

– E como eles pareciam? – indaga Nico.

– Protesto ao "pareciam" – diz Stern. – Implica uma caracterização.

– Protesto deferido.

Nico vira-se para Larren.

– Juiz, ela pode testemunhar sobre o que ouviu.

– O que ouviu, mas não suas opiniões. – Da bancada, Larren acrescenta para Eugenia: – Sra. Martinez, não pode nos contar o que pensou quando ouviu a conversa. Apenas as palavras e a entonação.

– Qual foi a entonação? – pergunta Nico, quase de volta ao ponto que queria.

Eugenia, no entanto, não está preparada para a pergunta.

– Simpática – ela finalmente responde.

Stern protesta, mas a resposta é inócua demais para merecer exclusão. Larren sacode a mão e diz que a resposta pode ficar.

Nico está tendo um momento difícil com uma coisa importante. Ocorre-me outra vez como foi difícil para ele se preparar.

– Eles pareciam íntimos? – é sua pergunta seguinte.

– Protesto! – Stern levanta no mesmo instante. A pergunta é tendenciosa e injustamente sugestiva.

Larren passa outra descompostura em Nico na frente dos jurados. A pergunta foi claramente imprópria, diz Larren. É eliminada, e os jurados recebem a ordem de ignorá-la. Mas há um método na violação de Nico. Ele tentava encontrar algum meio de se comunicar com Eugenia.

– Pode dar outra descrição do tom dos comentários que ouviu?

Stern protesta mais uma vez, com veemência. A pergunta já fora formulada e respondida. Larren olha para baixo.

– Sr. Delay Guardia, sugiro que siga adiante.

E, subitamente, Nico recebe ajuda de uma fonte inesperada.

– Ele disse "meu anjo" – diz Eugenia.

Nico vira-se para ela, aturdido.

– Foi o que ele disse. Certo? Ele disse que chegaria às 20 horas e chamou-a de "meu anjo".

Pela primeira vez, desde que o julgamento começou, perco a compostura diante do júri. Deixo escapar um som. Meu rosto, tenho certeza, está afogueado. Kemp põe sua mão sobre a minha.

– Meu anjo! – eu sussurro. – Pelo amor de Deus!

Por cima do ombro, Stern olha para mim com reprovação.

Inesperadamente à frente do ponto que esperava, Nico senta.

– Reinquirição.

Sandy avança para Eugenia. Fala assim que levanta, não espera para alcançar o púlpito. Manteve a mesma expressão carrancuda com que me fitou poucos segundos antes.

– Para quem trabalha agora no gabinete da promotoria, Sra. Martinez?

– Trabalho?

– Para quem faz serviços de datilografia? Para quem atende telefonemas?

– Para o Sr. Molto.

– Aquele cavalheiro? O promotor à mesa? – Eugenia diz que sim. – Quando o Sr. Sabich foi obrigado a entrar de licença, por causa desta investigação, o Sr. Molto ocupou o cargo do Sr. Sabich... estou certo?

– Está, sim, senhor.

– E esse cargo é de considerável autoridade e influência no escritório da promotoria, não é mesmo?

– O segundo homem mais importante – responde Eugenia.

– E o Sr. Molto estava encarregado da investigação que o levou ao cargo do Sr. Sabich?

– Protesto!

– Meritíssimo – Sandy diz ao juiz –, tenho o direito de verificar a predisposição. A mulher está testemunhando diante de seu chefe. Sua percepção dos motivos dele é importante.

Larren sorri. Stern está desenvolvendo mais do que isso, mas a desculpa será aceita. A objeção é indeferida.

O taquígrafo do tribunal relê a pergunta e Eugenia responde afirmativamente. Sandy, em suas alegações preliminares, referiu-se apenas de passagem à eleição e à mudança na administração. Esta é a sua primeira tentativa de projetar a rivalidade pelo poder como um tema. Explicará, em parte, sua indagação ao júri, nas alegações preliminares, sobre o motivo pelo qual os promotores podem ir adiante com provas insuficientes. Nunca me ocorrera que ele poderia fazer isso se concentrando em Molto, em vez de Della Guardia.

– No curso da investigação do Sr. Sabich, o Sr. Molto lhe pediu para falar com um agente de polícia sobre o que lembrava acerca do relacionamento do Sr. Sabich com a Sra. Polhemus?

– Como, senhor?

– Não falou em maio com o policial Glendenning?

Tom entra e sai do tribunal a todo instante, mas neste momento se encontra aqui e Sandy aponta para ele, sentado à mesa da promotoria de uniforme.

– Falei, sim, senhor.

– E sabia que a investigação era muito importante, particularmente para o seu chefe, o Sr. Molto, não é mesmo?

– Era o que parecia.

– No entanto, madame, quando foi interrogada sobre o relacionamento do Sr. Sabich com a Sra. Polhemus, nunca disse ao policial Glendenning que ouviu o Sr. Sabich chamar a Sra. Polhemus de “meu anjo”, não é mesmo? – Sandy fala com uma ênfase fria especial. Parece furioso pelo perjúrio. Tem na mão o relatório de Glendenning.

Eugenia percebe de súbito que está acuada. Assume uma expressão relutante, murcha um pouco. Provavelmente, não tinha idéia de que a defesa saberia o que ela disse antes.

– Não, senhor.

– Não disse ao policial Glendenning que se lembrava de o Sr. Sabich ter usado qualquer termo carinhoso, não é mesmo, madame?

– Não, senhor.

Ela está mal-humorada; já vi essa expressão centenas de vezes. Os olhos fecham; os ombros se contraem. É quando Eugenia se mostra mais mesquinha.

– Nunca falei nada assim.

– Não para o Sr. Glendenning?

– Em nenhuma ocasião.

Sandy, antes de mim, percebe para onde Eugenia está indo. Ela pensou numa saída. E ele se

antecipa alguns passos.

– Não testemunhou há cinco minutos, madame, que o Sr. Sabich chamou a Sra. Polhemus de “meu anjo”?

Eugenia se empertiga no banco das testemunhas, arrebatada e orgulhosa.

– De jeito nenhum – ela diz bem alto.

Três ou quatro jurados desviam os olhos. Um deles, o homem que está aprendendo sobre hambúrgueres, solta uma risada, apenas um pequeno soluço. Sandy estuda Eugenia.

– Entendo – ele diz finalmente. – Diga-me uma coisa, Sra. Martinez: quando atende o telefone do Sr. Molto agora, costuma escutar suas conversas?

Os olhos intensos de Eugenia se desviam para o lado em desdém.

– Claro que não.

– Não escutaria por mais um momento do que o necessário para constatar que tem alguém na linha, não é mesmo?

Claro que é esse o problema de Eugenia. Provavelmente, ela ouviu muito mais ao telefone entre Carolyn e mim do que revelou. Mas mesmo com o promotor público e seu principal assistente atuando no caso, ela não pode admitir que escuta às escondidas. Os ventos da fortuna mudam muito depressa e Eugenia, um animal burocrático, sabe que tal admissão seria a dinamite há muito esperada para desalojá-la de sua sinecura no concreto do serviço público.

– O que ouviu, ouviu num instante?

– Isso é tudo.

– Não mais?

– Não, senhor.

– E nos diz que foi “simpática”? Não foi esta a palavra que usou?

– O que eu digo, sim, senhor.

Stern vai se postar ao lado de Eugenia. Ela pesa cerca de 90 quilos. Tem um rosto largo e soturno, e mesmo vestida da melhor forma, como está hoje, ainda não tem uma aparência das mais atraentes. O vestido é muito espalhafatoso e bastante apertado sobre tanto volume.

– Baseia a resposta em suas experiências nessas coisas? – Stern pergunta.

Sandy mantém uma expressão impassível, mas alguns jurados percebem. Baixam os olhos enquanto sorriem. Eugenia também entende. Os olhos dos assassinos não se tornam mais frios.

Stern não pede uma resposta.

– E diz que essa conversa sobre o encontro no apartamento da Sra. Polhemus ocorreu em setembro passado?

– Isso mesmo, senhor.

– Lembra que o Sr. Sabich e a Sra. Polhemus atuaram juntos num caso, como co-promotores, em setembro passado?

Eugenia faz uma pausa.

– Não.

– Não lembra do caso *McGaffen*? Uma criança, um menino que foi brutalmente torturado pela mãe? A cabeça posta num torno? O ânus queimado com cigarros? Não lembra que o Sr. Sabich conseguiu a condenação dessa... – Stern dá a impressão de que procura por uma palavra, antes de concluir com: – ... mulher?

– Ah, isso. Lembro, sim.

– O caso *McGaffen*, presumo, não foi lembrado em sua conversa com o Sr. Molto?

– Protesto.

Larren pondera.

– Retiro a pergunta – diz Stern.

Ele já comunicou o que queria ao júri. O promotor Molto parece estar se estrepando hoje, até agora. Tem o recibo do copo desaparecido. Inspirou o perjúrio de Eugenia.

– Sra. Martinez, lembra como fazia calor no Condado de Kindle no início de setembro do ano passado?

Ela franze as sobrancelhas. Já apanhou tanto que agora tenta cooperar.

– Beirou os 40 graus em dois dias.

– Correto – diz Stern, impropriamente. – O escritório da promotoria tem ar-condicionado?

Eugenia solta uma risada desdenhosa.

– Só se acreditar no que eles dizem.

Risos por todo o tribunal. O juiz, os jurados, os espectadores. Até mesmo Stern acaba sorrindo.

– Presumo que procura ir embora assim que o expediente termina, quando o calor é intenso.

– Claro.

– Mas os promotores, quando estão no meio de um julgamento, não vão embora no final do expediente, não é mesmo?

Ela olha desconfiada para Sandy.

– Não é comum, em sua experiência, que o subchefe da promotoria se prepare para o dia seguinte do julgamento durante a noite?

– É, sim.

– Pode me dizer, madame, se não preferia trabalhar no ar-condicionado a ficar no escritório da promotora numa noite muito quente?

– Protesto – diz Nico.

É inútil, em grande parte.

– Mantenho a pergunta.

– Certamente que sim.

– Não sabe por si mesma se o apartamento da Sra. Polhemus tinha ar-condicionado, não é mesmo?

– Não, senhor, não sei.

– Mas sabe que a beira do rio é muito mais próxima do escritório da promotoria do que a casa do Sr. Sabich em Nearing?

– Sei, sim, senhor.

O que quer que o júri pense de Eugenia, provavelmente é favorável em comparação com as opiniões da Sra. Krapotnik, que é chamada em seguida. Seus poucos minutos no banco das testemunhas alcançam o nível do burlesco puro. A Sra. Krapotnik é viúva. Não diz do que o Sr. Krapotnik morreu, mas é difícil acreditar que a Sra. Krapotnik não tenha sido pelo menos em parte a causa. Tem um busto enorme e uma maquilagem berrante. Os cabelos são avermelhados, arrumados de tal maneira que parecem uma moita, as jóias são grosseiras. Um ser humano difícil. Ela se recusa a responder a perguntas e narra, num fluxo livre. A Sra. Krapotnik explica durante o depoimento que o falecido Sr. Krapotnik era um empresário de algum tipo. Comprou a propriedade à beira do rio quando, conforme a Sra. K. expressa, “a vizinhança era uma porcaria, com caminhões de lixo por toda parte”. Ela acena com a cabeça para os jurados ao dizer isso, confiante de que vão entender o que está querendo sugerir. O Sr. Krapotnik conduziu pessoalmente a reforma da propriedade.

– Ele era um visionário. Entendem o que estou dizendo? Via as coisas. Aquele lugar... sabe o que havia ali? Pneus, não estou brincando, Sr. Dioguardi. Pneus. Não se pode acreditar no

cheiro. Não sou melindrosa e é embaraçoso dizer isso, mas juro por Deus que houve uma ocasião em que ele me levou lá e senti vontade de vomitar.

– Madame – diz Nico, não pela primeira vez.

– Ele era um bombeiro. Quem podia imaginar que conhecia o mercado imobiliário? O que é, Sr. Dioguardi? – Ela contrai os olhos. – É esse o seu nome? Dioguardi?

– Della Guardia – diz Nico, virando o rosto para Molto, desesperado, em busca de ajuda.

Dali a pouco, a Sra. Krapotnik chega a Carolyn. Ela foi inquilina deles quando se mudou para lá, há quase uma década. Durante a onda de conversão, o prédio virou um condomínio e Carolyn comprou seu apartamento. Escutando a Sra. Krapotnik, escrevo um bilhete para Kemp: "Onde uma agente de liberdade condicional, cursando a faculdade de direito à noite, conseguiu dinheiro para um apartamento à beira do rio?" Kemp acena com a cabeça. Pensou a mesma coisa. Por quase uma década, Carolyn viveu no segundo andar e a Sra. Krapotnik, no primeiro. Carolyn mandou flores, o que não foi exatamente a coisa certa, quando o Sr. Krapotnik morreu. Nico está ansioso em tirar a Sra. Krapotnik de lá. A mulher está fora de qualquer controle. Ele não se dá o trabalho de perguntar sobre a noite em que Carolyn foi assassinada. Qualquer identificação que a Sra. Krapotnik possa fazer a esta altura seria bastante prejudicada pelas falhas anteriores. Em vez disso, Nico limita-se a perguntar:

– Vê alguém no tribunal, Sra. Krapotnik, que já tenha avistado nas proximidades do apartamento da Sra. Polhemus?

– Sei que vi aquele.

Ela estende as mãos e as pulseiras retinem na direção do juiz. Larren cobre o rosto com as duas mãos. Nico belisca a ponta do nariz. Os risos nas áreas de espectadores são reprimidos, mas parecem aumentar depois de alguns instantes. A Sra. Krapotnik, percebendo a gafe, olha ao redor, desesperada. Aponta para Tommy Molto, sentado à mesa da promotoria.

– Aquele também.

Molto torna as coisas ainda piores ao se virar para ver se há alguém por trás.

A esta altura, os jurados estão rindo.

Nico recua para o carrinho de provas e leva para a Sra. Krapotnik a foto que ela identificou antes como sendo eu. Ela examina a foto. Levanta os olhos em minha direção e dá de ombros. Quem sabe?

– Lembra de ter identificado antes a fotografia número 4? – Nico pergunta.

Desta vez ela diz em voz alta:

– Quem sabe? – Quando Nico fecha os olhos, em frustração, ela acrescenta: – Está bem, está bem, eu disse que era ele.

Nico encaminha-se para seu lugar.

– Reinquirição.

– Uma pergunta – diz Stern. – Sra. Krapotnik, seu prédio tem ar-condicionado?

– Ar-condicionado? – Ela vira-se para o juiz. – Que história é essa se temos ar-condicionado?

Larren levanta-se, põe as mãos no outro lado da bancada, inclinando-se sobre a Sra. Krapotnik, uns 2 metros acima de sua cabeça.

– Sra. Krapotnik – ele diz suavemente –, essa pergunta pode ser respondida com sim ou não. Se disser mais alguma coisa, eu vou citá-la por desacato ao tribunal.

– Sim – diz a Sra. Krapotnik.

– Nada mais – diz Stern. – Meritíssimo, os autos vão registrar que não houve uma identificação do Sr. Sabich?

– Os autos registrarão isso – diz o Juiz Lyttle, sacudindo a cabeça. – O Sr. Sabich foi uma das poucas pessoas no tribunal que a Sra. Krapotnik omitiu.

Larren deixa a bancada, as risadas ainda ressoando.

Depois, os repórteres agrupam-se em torno de Stern. Querem um comentário seu sobre os depoimentos do primeiro dia, mas ele não faz nenhum.

Kemp está guardando na pasta grande que Sandy usa no julgamento todos os documentos – cópias de depoimentos e provas que retiramos durante o dia e agora se espalham pela mesa. Estou ajudando, mas Stern me pega pelo cotovelo e me conduz para o corredor.

– Nada de exultação – ele diz. – Temos uma longa noite de trabalho. Amanhã eles vão chamar Raymond Horgan.

COMO TUDO, isso parece familiar. Volto para casa à noite com o mesmo cansaço de operário que sempre acompanhou um dia no tribunal. Os ossos parecem ocos da carga de alta voltagem do dia; meus músculos têm a sensibilidade nevrálgica do superaquecimento de adrenalina. Meus poros, ao que parece, não fecham depressa e o suor do excitamento extremo continua a aflorar durante a noite. Volto para casa com a camisa me envolvendo como se fosse um papel de embrulho.

Sentado no tribunal, chego até a esquecer, em determinados momentos, quem está em julgamento. Claro que não há o aspecto do desempenho, mas a gratificação da atenção constante é grande. E, uma vez que retornamos ao escritório, posso ser um advogado de novo, estudando os livros, fazendo anotações e redigindo memorandos. Nunca careci de intensidade. Quando o ônibus pára em Nearing, pouco antes de 1 hora, e caminho pelas ruas iluminadas e silenciosas desta aprazível comunidade, todos os sentimentos são conhecidos e, por serem conhecidos, seguros. Estou num porto seguro. Minha ansiedade estanca; estou em paz. Como faço há anos, paro junto à porta, numa cadeira de balanço, tiro os sapatos, a fim de, ao subir, não incomodar Barbara, que a esta altura deve dormir. A casa está escura. Absorvo o silêncio e, finalmente sozinho, reflito sobre os acontecimentos do dia. E neste momento, talvez estimulado por tudo o que disse a seu respeito ou apenas pelo sentimento momentâneo de que finalmente retrocedi para o passado melhor ou até mesmo por uma recordação inconsciente de outras voltas furtivas para casa, fico aturdido quando Carolyn se ergue à minha frente, como surgia para mim durante aquele mês em que pensei ter encontrado o Nirvana, nua até a cintura, os seios empinados e espetacularmente redondos, os mamilos vermelhos, eretos e grossos, os cabelos cheios de estática da turbulência do quarto, a boca sensual entreaberta para oferecer algum comentário inteligente, picante e estimulante. E outra vez fico quase sem movimentos pela força do desejo, intenso, faminto, devasso. Não me importo se é uma loucura, se não há esperança: sussurro seu nome no escuro. Dominado pela vergonha e pelo anseio, sou como um cristal vibrando, a ponto de se partir.

– Carolyn.

Inútil. Absurdo. E não posso acreditar em minha própria convicção, de que não é realmente uma idéia, mas sim uma coisa profundamente enraizada, aquela emoção que é um desejo de poder fazer tudo de novo. De novo. De novo.

E depois o fantasma retrocede. Ela se desvanece no ar. Continuo sentado, imóvel, a espinha rígida. A respiração está acelerada. Horas se passarão agora, eu sei, antes de conseguir dormir. Tateio no armário do saguão, à procura de alguma coisa para beber. Devo fazer a mente trabalhar no significado dessa visitação noturna. Mas não sou capaz. Tenho a sensação, tão determinada quanto o anseio de poucos momentos antes, de que é tudo passado. Sento na cadeira de balanço na sala de estar. Por algum estranho motivo, sinto-me melhor com a pasta e a ponho no colo.

Mas a proteção é incompleta. A esteira daquela intromissão deixa as correntes de minhas emoções agitadas, em turbilhão. Sento no escuro, posso sentir a força dos grandes personagens de minha vida circulando ao redor, como luas múltiplas de algum planeta distante, cada um exercendo sobre a minha pessoa os impulsos profundos de marés. Barbara. Nat. Meus pais. Ah, esse cataclismo de amor e afeição. E vergonha. Sinto a oscilação de tudo isso e um enjôo intenso de pesar. Desesperadamente, desesperadamente prometo a cada um – a todos eles; a mim mesmo; ao Deus em quem não acredito – que farei melhor se sobreviver. Melhor do que até agora. Uma aliança urgente, tão sincera e solene quanto qualquer desejo no leito de morte.

Tomo meu drinque. Sento aqui, no escuro, espero por paz.

28

A primeira coisa que noto quando Raymond Horgan entra no tribunal é que ele está com o mesmo terno que usou para enterrar Carolyn, um sarja azul discreto. O peso adicional não diminuiu sua pose pública. Poder-se-ia descrevê-lo agora como corpulento e, ainda assim, pela maneira ondulante como anda, uma pessoa de estatura. Ele e Larren trocam o mesmo sorriso circunspecto enquanto Raymond presta juramento. Sentado, Horgan avalia a multidão, ao estilo contido de um profissional. Acena com a cabeça primeiro para Stern, depois seu olhar cruza com o meu e acusa minha presença. Não permito que sequer uma pestana adeje. Neste momento gostaria, com toda a força de meu coração, de ser absolvido, não pelo bem geral da liberdade, mas para poder ver a cara de Raymond Horgan na primeira vez em que tiver de me encarar na rua.

Aqui, no tribunal, aguardando a entrada de Raymond, havia mais do que o clima épico, a amperagem extra de um momento especial – quatrocentas pessoas na maior ansiedade, um tom de expectativa intensa nos murmúrios. Hoje, posso notar, a galeria da imprensa está maior em uma fila e meia e o primeiro time jornalístico se acha presente – os locutores principais dos noticiários e os colunistas. Tenho me surpreendido durante o julgamento pela maneira como os repórteres se mostram dispostos a aceitar as exortações de Stern para se manterem à distância de mim. Agora que já dispõem de cenas da minha entrada no tribunal, que podem ser exibidas todas as noites com o noticiário do dia, Barbara e eu podemos ir e vir em relativa paz. De vez em quando, alguém – quase sempre um jornalista que conheço há anos – me pára no saguão com uma pergunta. Encaminho tudo a Stern. Na semana passada, também deparei com um jornalista independente de Nova York que diz estar pensando em escrever um livro a respeito do caso. Está convencido de que dará uma boa leitura. Recusei seu convite para me pagar um jantar.

Eu seria indiferente à imprensa se não fosse pelos jornais matutinos. Deixei de assistir aos relatos pela televisão. Os sumários são tão ineptos que me deixam furioso, mesmo quando erram a meu favor. Mas não posso evitar as manchetes, que vejo nas máquinas automáticas de venda de jornal, quando seguimos para a cidade. Os dois diários parecem ter entrado numa briga para saber qual consegue divulgar as manchetes mais sensacionalistas na cobertura do caso. A revelação de Nico nas alegações preliminares, sobre os amores de Raymond com Carolyn, produziu manchetes de mau gosto por dois dias. SEXO NA PROMOTORIA, alardeou o *Herald*,

com todos os tipos de chamadas e subtítulos. É impossível que os jurados não tenham visto também essas manchetes. Prometeram durante o *voir dire* que não leriam os jornais, mas é uma promessa em que poucos advogados confiam.

No recinto do júri, no momento, há uma agitação considerável. Os jurados parecem muito mais excitados por verem Raymond do que aconteceu, por exemplo, quando tiveram o primeiro vislumbre de Nico, durante o *voir dire*. Observei então apenas uns poucos jurados em potencial inclinando-se uns para os outros e acenando com a cabeça na direção de Delay. Horgan traz uma aura maior ao tribunal. Sempre foi bastante conhecido durante a maior parte de sua vida adulta. É uma celebridade; Della Guardia é seu substituto. Talvez a sugestão de intriga sexual que Nico lançou nas alegações preliminares também contribua para o grande interesse. É evidente, no entanto, como Stern previu há semanas, que chegamos a um ponto crítico no julgamento. Cada jurado vira a cadeira para ficar de frente para o banco das testemunhas. Quando Molto se encaminha ao púlpito, para a inquirição direta, o tribunal fica em silêncio.

– Declare seu nome, por favor.

– Raymond Patrick Horgan. O terceiro.

Com isso, ele oferece um sorriso rápido para Larren. Uma piada particular. Eu nunca soube que Raymond era um terceiro. Espantoso, às vezes, o que aflora sob juramento.

Molto outra vez preparou-se com cuidado para o testemunho. Raymond, sem dúvida, sabe o que está por vir, como deveria. Ele e Tommy logo desenvolvem um bom ritmo. As mãos de Horgan estão cruzadas. Em seu terno azul e sua melhor pose pública, ele parece sereno. Todo o seu charme fascinante está presente; sua franqueza. O tom rouco de barítono se acha reduzido um ponto no registro de volume, um esforço para uma fala suave.

Tommy não se apressa. Vão arrancar tudo o que puderem de Horgan, pois querem se recuperar rapidamente da derrota do dia anterior na guerra das impressões. Cobrem os antecedentes de Raymond. Nascido nesta cidade. Escola secundária no East End e St. Viator's. Dois anos de colégio, depois a morte do pai. Tornou-se policial. Sete anos no departamento, já era sargento quando se formou no curso noturno da faculdade de direito. Receio por um momento que Molto comente que Raymond exerceu a advocacia junto com Larren, mas esse fato é omitido. Horgan limita-se a dizer que era um escritório com três sócios, trabalhando basicamente com direito penal. Depois de 16 anos na advocacia particular, a política.

– Venci algumas eleições, perdi outras – diz Raymond.

Com isso, ele se vira e sorri afetuosamente para Nico, à mesa da promotoria. Delay levanta um pouco a cabeça meio calva de suas anotações e retribui com um sorriso radiante. Santo Deus, como eles se olham! Grandes amigos. Os jurados parecem encantados com essa aliança, forjada de uma hostilidade no passado bastante conhecida. A sorridente professora observa o diálogo silencioso entre os dois com uma satisfação inequívoca. Sinto que minha alma afunda. Este será um dia muito difícil.

– E conhece o réu, Rozat Sabich?

– Conheço Rusty – diz Raymond.

– Você o está vendo aqui no tribunal?

– Sim.

– Pode apontá-lo e descrever o que ele está vestindo?

– Ao lado do Sr. Stern. O segundo na mesa da defesa, num terno azul listrado.

É uma formalidade, para determinar que o Sabich referido sou eu. Ontem, com Eugenia, Sandy levantou e concordou – "estipulou" é o termo – com a identificação, a fim de não precisarmos passar pela rotina de apontar o dedo. Mas agora Stern me diz baixinho:

– Levante-se.

Obedeço. Levanto-me devagar e fito Raymond Horgan. Não sorrio nem faço uma careta, mas tenho certeza de que minha fúria intensa está patente. E a afabilidade de Raymond se desvanece um pouco, mesmo enquanto sua mão está no ar.

– É ele – diz Raymond.

Molto passa depressa pela história de minha associação com Raymond. De qualquer forma, Sandy apresentará o assunto em detalhes. E depois pergunta a Raymond sobre Carolyn. Neste ponto, Horgan se torna compenetrado no mesmo instante. Baixa os olhos para a grade do recinto das testemunhas e diz:

– Eu também a conheci.

– Qual era a natureza de seu relacionamento?

– Eu a conheci como uma agente de liberdade condicional. Depois, durante oito anos, ela foi promotora-assistente em nosso escritório; e por um breve período, ao final do ano passado, tivemos também um relacionamento pessoal.

Suave, sucinto. Passam para o crime. Molto nunca menciona a eleição, mas isso aflora por interferência nas respostas de Raymond.

– E há algum costume no escritório da promotoria de supervisionar as investigações policiais?

– Num caso importante... e este é um caso importante, a meu ver... sempre houve o costume de designar um promotor-assistente para orientar e ajudar a polícia.

– Quem fez a indicação neste caso?

– Para abreviar um pouco as coisas, eu diria que o Sr. Sabich e eu decidimos que ele deveria assumir as funções neste caso.

Tommy hesita pela primeira vez. Raymond, ao que parece, pode ter recuado um pouco, em conseqüência do encontro com Stern e comigo. Molto não esperava por isso. Pergunta de novo:

– Como o Sr. Sabich obteve a designação?

– Não me lembro realmente se fui eu quem sugeriu ou se foi ele. Como todos os outros, eu me sentia muito confuso e transtornado na ocasião. Ele ficou com o caso. E parecia bastante satisfeito por isso. Lembro nitidamente. Não demonstrou a menor relutância e prometeu que conduziria as investigações com o maior vigor.

– E foi o que ele fez?

– Não, em minha opinião.

A resposta é passível de protesto, como uma conclusão, mas Stern não quer interromper. Um de seus dedos grossos estende-se do queixo ao nariz e ele observa atentamente, sem se preocupar em tomar anotações. Em muitas ocasiões, sua concentração no tribunal parece um estado de transe. Demonstra muito pouco, apenas absorve. Tenho a mesma impressão que experimentei quando nos encontrávamos na sala de Horgan, a de que os cálculos de Sandy não são sobre fatos ou estratégia, mas sobre caráter. Está tentando compreender Horgan.

Raymond registra suas queixas sobre a maneira como tratei do caso, inclusive a necessidade de me exortar a apressar os relatórios sobre as fibras e as impressões digitais. A impressão nítida é de que eu estava atrapalhando as investigações deliberadamente. E depois ele descreve a conversa em sua sala na noite em que ambos concluímos pela primeira vez que ele perderia a eleição.

– Ele me perguntou se eu fora íntimo de Carolyn.

– E o que respondeu?

– A verdade – diz Raymond, com toda simplicidade. Nada de importante. – Tivemos um

relacionamento por três meses e depois acabamos.

– E, quando lhe disse isso, o Sr. Sabich manifestou surpresa de alguma forma?

– Absolutamente nenhuma.

Já entendi. Eles vão raciocinar ao inverso. Perguntei, mas já sabia: qual a teoria deles? Que fiquei indignado quando descobri? Ou que cedi ao peso dos ressentimentos acumulados? Nenhuma das duas faz um sentido completo quando se supõe, como acontece com Nico, que meu relacionamento com Carolyn continuava. Ignorar os fatos certos sempre prejudica. Posso sentir muitos jurados me observando agora, tentando descobrir em mim a verdade da conjetura dos promotores.

– E em algum momento, nessa conversa ou em qualquer outra anterior, o Sr. Sabich o informou de que ele próprio tinha um relacionamento pessoal com a Sra. Polhemus?

Sandy volta à vida no mesmo instante, levantando-se.

– Protesto. Meritíssimo, não há simplesmente qualquer prova nos autos de um relacionamento pessoal entre o Sr. Sabich e a Sra. Polhemus.

Uma boa tática, quanto menos não seja para romper o ritmo agora e desviar a atenção do júri para o dia de ontem. Mas esse obstáculo que levantamos ainda representa uma posição difícil para mim. Não podemos continuar a ressaltar essa falha nas provas se eu tiver de testemunhar e declarar ao júri que é verdade tudo o que Stern contestou por duas semanas: que Carolyn e eu tivemos mesmo um romance ardente. Esse é um dos muitos meios sutis que Stern vem usando, aparentemente para desencorajar meu testemunho.

– Muito beeeem – diz Larren, com a voz arrastada. Ele se vira na cadeira. – Eu diria *quase* nenhuma prova. – Um bom comentário para a defesa. – Aceitarei a pergunta, mas quero dar ao júri uma instrução restritiva – ele encara os jurados. – Senhoras e senhores, o Sr. Molto está fazendo uma pergunta baseada numa suposição. Cabe a vocês decidirem, com base nas provas que ouvirem no tribunal, se essa suposição é verdadeira. Apenas porque ele diz não faz com que seja. O Sr. Stern alega que não há provas suficientes para justificar essa suposição e ao final do julgamento essa será uma das coisas que deverão determinar. Continue, Sr. Molto.

Molto repete a pergunta.

– De jeito nenhum – responde Raymond.

O humor gaélico agora desapareceu por completo de seu rosto.

– É alguma coisa que gostaria de saber?

– Protesto.

– Reformule, Sr. Molto. É algo que a testemunha esperaria que o Sr. Sabich lhe contasse, com base na compreensão da testemunha acerca das práticas no escritório?

É raro para Larren ser tão prestativo com os promotores. Posso ver que Raymond está sofrendo o impacto que há muito eu temia.

Depois que a pergunta é formulada da maneira sugerida pelo juiz, Raymond me enterra.

– Claro que eu esperava isso. Nunca teria permitido que ele conduzisse a investigação. Isso levanta mais indagações do que responde. O público deve saber que tais coisas são feitas por motivos profissionais, não pessoais.

O comentário final é um tiro gratuito. Stern, na minha frente, franze o rosto.

Molto leva Raymond até o fim. A reunião em sua sala. Horgan relata fielmente minhas explosões, apesar de suas advertências e as de Mac.

– Descreva a aparência do Sr. Sabich ao deixar a reunião.

– Eu diria que ele parecia bastante agitado. Muito transtornado. Dava a impressão de ter perdido o controle por completo.

Molto olha para Nico, depois diz que nada mais tem a perguntar na inquirição direta.

Larren determina um recesso antes da reinquirição. No banheiro, quando saio de um reservado, deparo com Della Guardia a duas pias de distância. Seus cabelos estão muito ralos agora para pentear; em vez disso, ele tenta ajeitá-los no lugar com as pontas dos dedos. Os olhos se agitam um pouco, quando nota minha presença pelo espelho.

– Não foi uma má testemunha, hem? – ele pergunta.

É difícil adivinhar sua intenção. Não sei se é um comentário casual ou exultante. Continuo com a impressão de que Nico se encontra emocionalmente deslocado. Não parece orientado para o caso – como indica o fato de me oferecer a mão no dia da denúncia. Ele nunca foi o tipo de pessoa que desfecha um ataque frontal às coisas desagradáveis, ainda mais depois que alguém teve um relacionamento com ele. Lembro quando ele se divorciou de Diana; embora ela estivesse empenhada numa aventura extraconjugal, ele aceitou-a de volta no apartamento por algumas semanas, depois que o outro cara a mandou embora. Nico interpreta alguma coisa em minha hesitação.

– Isto é, você tem de admitir que não foi uma má testemunha.

Enxugo as mãos. Percebo agora qual é o problema. Nico ainda quer que eu goste dele. Oh, Deus, os seres humanos são muito estranhos. E talvez Nico tenha seu lado redentor. Horgan, neste momento, seria tão frio quanto a lâmina de um sabre. Parece inútil, neste breve instante, resistir a ele. Sorrio um pouco. Uso seu apelido.

– Melhor do que a Sra. Krapotnik, Delay.

– BEM, SR. HORGAN, mencionou que tinha um relacionamento pessoal com a Sra. Polhemus. Está certo?

– Está, sim.

– E também nos disse que acha que o Sr. Sabich deveria tê-lo informado que manteve igualmente um relacionamento assim?

– Numa ocasião posterior – diz Raymond, com evidente cuidado. Quer excluir o ciúme de sua parte. – Depois que a investigação começou, ele tinha a obrigação profissional de me contar.

– Tem algum conhecimento pessoal, Sr. Horgan, de que houve tal relacionamento entre o Sr. Sabich e a Sra. Polhemus?

– É essa a questão – diz Horgan. – Ele nunca me contou.

Sandy não aceita ser enrolado de bom grado. Fita Horgan demoradamente. Quer que o júri saiba que Raymond Horgan está se esquivando.

– Por favor, responda à pergunta que lhe fiz. Lembra qual foi?

– Sim.

– Mas prefere não responder?

A boca de Raymond se mexe, sem palavras.

– Peço desculpa, Sr. Stern. Não tenho conhecimento pessoal de tal relacionamento.

– Obrigado. – Sandy divaga. – Mas, presumindo que houvesse alguma coisa a revelar, acha que um servidor honesto faria tais revelações a alguém numa posição responsável?

– Sim.

– Entendo...

Stern demora um momento a fitar Raymond. Sandy é baixo e delicado, mas no tribunal irradia uma força incrível. É visivelmente igual a Raymond Horgan, que também olha com muita firmeza. Senta ali com sua corpulência avermelhada de irlandês, as mãos cruzadas, esperando pela investida de Sandy. Presumindo que saia intacto de tudo isso, a combinação de proeminência e talento de Raymond deve torná-lo o mais eminente advogado de defesa desta

cidade. Seu rival mais próximo será o homem que o interroga agora. Nos anos pela frente, não resta a menor dúvida de que haverá casos de vários réus em que os dois sentarão juntos, como colegas na defesa. Num sentido muito pragmático, a preservação de seu relacionamento com Raymond é muito mais importante para Stern do que qualquer coisa que possa me acontecer. A regra da vida no círculo dos advogados de defesa é seguir em frente e conviver com todos. O Estado é o único inimigo profissional que esses caras querem ter.

Ao reconhecer tudo isso, ponho minha hostilidade de lado e digo a Sandy que tem a minha bênção para tratar Raymond com a devida gentileza. Como Stern ressaltou antes, a credibilidade de Raymond, nascida de anos sob a atenção pública, tornará muito difícil, de qualquer forma, algum ataque. Mas é evidente por sua atitude que Stern não será cortês nem acomodadiço com Raymond. Talvez Stern ache que a inquirição direta tenha sido prejudicial demais para simplesmente absorver. Mas fico surpreso por Sandy iniciar o ataque de maneira tão abrupta. Há algumas coisas favoráveis que Raymond terá de admitir – elogios ao meu desempenho no escritório no passado, por exemplo. A sabedoria tradicional diz que se deve arrancar o que uma testemunha tem para dar antes de esbofeteá-la.

– E aplicou esses padrões de revelação também a si mesmo?

– Tentei.

– Certamente, daria todas as informações pertinentes a alguém de sua equipe a quem incumbisse de um trabalho?

– Outra vez, Sr. Stern, eu tentaria.

– E o caso envolvendo a morte da Sra. Polhemus era muito importante em seu escritório?

– Tendo em vista o significado político, eu diria que era crítico.

Raymond olha em minha direção ao dizer isso. Seus olhos são duros como bilhas.

– Mas, embora considerasse esse caso tão crítico, não forneceu ao Sr. Sabich todas as informações de que dispunha a respeito da questão ou sobre a Sra. Polhemus, não é mesmo?

– Tentei.

– Tentou mesmo? Não era muito importante saber de tudo em que a Sra. Polhemus estava trabalhando, a fim de que se pudesse identificar qualquer pessoa que tivesse algum motivo para lhe fazer mal?

Raymond percebe subitamente para onde se encaminham as perguntas. Recosta-se na cadeira. Mas ainda tenta lutar.

– Isso não era a única coisa importante.

Um erro crasso. Os advogados são realmente péssimas testemunhas. Raymond vai negar que a agenda de casos aos cuidados de Carolyn fosse uma fonte importante de pistas. Sandy deixa-o completamente embaraçado nos momentos seguintes. As pessoas incumbidas da aplicação da lei temem represálias daqueles que acusam? Tais represálias ocorrem com muita freqüência? A aplicação da lei seria impossível se promotores e policiais pudessem ser agredidos, mutilados ou assassinados por aqueles que investigam? Quando a Sra. Polhemus foi assassinada, não se pensou, não se chegou até a especular na imprensa, que um antigo réu poderia ser o culpado? Raymond percebe que está perdido depois de algumas perguntas e limita-se a responder afirmativamente.

– Sendo assim, todos os casos da Sra. Polhemus não eram importantes? Não era importante saber quem ela estava investigando, o que procurava?

– Sim.

– E, apesar de saber disso, Sr. Horgan, retirou pessoalmente uma pasta de arquivo da gaveta da Sra. Polhemus depois que começou a investigação de seu homicídio, não é mesmo?

– Sim.

– Não era uma questão bastante delicada?

Larren contentava-se em observar a reinquirição, recostado em sua cadeira. Durante a maior parte do tempo, parecia se divertir com aquela competição entre dois profissionais bastante conhecidos. Intervém agora.

– Qual é a relevância disso, advogado?

Sandy fica embatucado por um momento.

– Meritíssimo, acho que a relevância é evidente.

– Não para mim.

– A testemunha declarou na inquirição direta que o Sr. Sabich não levou ao seu conhecimento informações que o Sr. Horgan julgava pertinentes. O réu tem o direito de verificar os padrões do Sr. Horgan nesse aspecto.

– O Sr. Horgan foi promotor público, Sr. Stern – diz o juiz. – Está misturando alhos com bugalhos.

O socorro vem de uma fonte inesperada. Della Guardia está de pé.

– Não temos objeção a essa linha de interrogatório, senhor juiz.

Larren prolonga seu olhar na direção de Nico. Molto segura o antebraço de Nico no mesmo instante. Presumo que Delay queira a continuação da discussão acerca dos padrões profissionais na convicção de que esclarecerá o júri ainda mais sobre a extensão de meu desvio. Mas ele está deslocado aqui. Por um lado, Horgan não é sua testemunha. E presumo, pela maneira veemente com que Molto lhe fala enquanto Delay torna a sentar, que Nico não percebe o rumo do interrogatório. Especulo se ele sequer sabe sobre o Arquivo B ou apenas o esqueceu. Faço uma anotação para entregar a Stern no recesso: a quem Horgan falou sobre o Arquivo B? Molto? Nico? Nenhum dos dois?

Com a nova oportunidade, Sandy avança rapidamente.

– Como eu disse, era uma questão bastante delicada, não é mesmo?

– Sim.

– Envolvia alegações...

Larren volta a interferir, mais fiel do que um cachorro labrador.

– Não precisamos dos detalhes do funcionamento interno do escritório da promotoria ou de suas investigações, muitas das quais, devo lembrá-lo, Sr. Stern, estão protegidas pelo regulamento de sigilo do grande júri. Era um caso muito delicado. Vamos seguir adiante.

– Claro, meritíssimo. Eu não tinha o menor interesse em revelar qualquer segredo.

– Claro que não. – Larren sorri, com aparente incredulidade, vira-se para a garrafa com água, que por acaso se encontra na direção do júri. – Continue.

– E, na verdade, esse caso era tão delicado, Sr. Horgan, que designou a Sra. Polhemus para investigá-lo sem informar a qualquer outra pessoa em seu escritório que assim fizera, não é?

– Sim.

Sandy relaciona rapidamente todas as pessoas no escritório que não foram informadas: Mac. O chefe de Investigações Especiais, Mike Dolan. Mais três ou quatro nomes. Termina comigo. Raymond confirma cada nome.

– E só entregou o arquivo ao Sr. Sabich quando ele pessoalmente o informou de que uma pasta de arquivo parecia ter desaparecido da sala da Sra. Polhemus, não é verdade?

– Sim.

Sandy faz uma pequena excursão pelo tribunal para deixar que todas essas informações sejam absorvidas. Raymond fora maculado. O júri está prestando bastante atenção.

– A Sra. Polhemus era uma mulher ambiciosa, não é mesmo?

– Acho que isso depende do que está querendo dizer com a palavra ambiciosa.

– Ela gostava de atenção pública, queria progredir em seu escritório, não é mesmo?

– Tudo isso é verdade.

– Ela queria cuidar desse caso?

– Pelo que me lembro, sim.

– Sr. Horgan, entregou esse caso à Sra. Polhemus, esse assunto extremamente delicado, esse caso de que somente os dois tinham conhecimento, esse caso que ela se mostrou ansiosa em investigar, enquanto estavam pessoalmente envolvidos, não é mesmo?

Raymond recomeça a se remexer na cadeira. Sabe que Stern não o poupará de coisa alguma agora. Encolheu-se um pouco, de tal forma que me dá a impressão de que tenta se abaixar.

– Não me recordo exatamente quando lhe entreguei essa incumbência.

– Pois então deixe-me lembrá-lo.

Sandy pega a capa da pasta, mostra a Raymond a data, lembra-o do testemunho direto, quando se referiu à ocasião em que manteve um relacionamento com Carolyn.

– Portanto – ele concluiu –, entregou esse caso tão delicado à Sra. Polhemus quando estava pessoalmente envolvido com ela, não é mesmo?

– Parece que aconteceu nessa ocasião.

Stern fica imóvel, olhando para Horgan.

– A resposta à pergunta é sim – diz Raymond.

– A omissão em informar a qualquer um sobre essa incumbência não contradizia os procedimentos definidos em seu escritório?

– Eu era o promotor público. Decidia quando haveria exceções à regra.

Ele aproveita a deixa de Larren.

– E abriu uma exceção para a Sra. Polhemus?

– Isso mesmo.

– Com quem estava... Risque isso. Normalmente, um caso assim não seria encaminhado a um advogado com mais experiência em tais questões?

– É uma consideração normal.

– Mas não foi uma consideração aqui?

– Não.

– E isso não permaneceu em segredo com a Sra. Polhemus, mesmo depois que o relacionamento pessoal terminou?

– É verdade. – Raymond sorri pela primeira vez em algum tempo. – Não houve mudança em meu comportamento.

– Porque estava envolvido?

– Isso não me ocorreu.

– E quando o Sr. Sabich tentava reunir todas as informações no escritório sobre os casos da Sra. Polhemus, não lhe ocorreu que fora à sala dela, pegara a pasta e a guardara na própria gaveta?

– Acho que não.

– Não estava tentando esconder alguma coisa, não é mesmo, Sr. Horgan?

– Claro que não.

– Não havia uma campanha eleitoral em andamento?

– Havia.

– Uma campanha difícil?

– Brutal.

– Uma campanha que, como se verificou, estava per-dendo?

– Isso mesmo.

– Uma campanha em que seu adversário, o Sr. Della Guardia, fora assistente em seu escritório, onde tinha muitos amigos?

– É verdade.

– E não estava preocupado, Sr. Horgan, no meio dessa campanha brutal, com a possibilidade de vazar alguma notícia, por intemédio de um dos amigos do Sr. Della Guardia, de que entregava missões seletas a uma assistente com quem dormia?

– Talvez tenha passado pela minha cabeça. Quem pode saber, Sr. Stern? Não era uma situação ideal.

– Longe disso – diz Stern. – Pergunto de novo, senhor, não estava tentando esconder o fato de que tinha uma ligação amorosa com uma pessoa de sua equipe?

– Não era uma coisa de que eu falasse normalmente, se é isso o que está querendo saber.

– Não devia ser mesmo. Podia ser encarado como um comportamento antiprofissional.

– Podia ser encarado assim, mas não foi. Ambos éramos adultos.

– Entendo. Tinha confiança em seu julgamento, apesar dessa ligação?

– Tinha, e muita.

Stern se aproxima gradativamente de Horgan. Agora dá os últimos passos e estende a mão para tocar na grade do recinto das testemunhas, a pouca distância de Raymond.

– No entanto, senhor, vem a este tribunal, onde a vida de um homem que o serviu fielmente por 12 anos agora se encontra em jogo, e nos diz que não teria a mesma confiança nele?

O olhar de Horgan engata com o de Stern. Do lugar em que estou, não posso ver direito a expressão de Raymond. Ele finalmente desvia o rosto e, quando o faz, está com a língua comprimida contra a bochecha. Olha agora na direção de Della Guardia, um tanto contrafeito. Não tenho certeza se procura ajuda ou oferece uma desculpa.

– Eu gostaria que ele tivesse dito alguma coisa, isso é tudo. Pareceria melhor para ele. E pareceria melhor para mim.

Um dos jurados murmura “Hum”. Ouço o som, mas não vejo de quem sai. Outros olham para o chão. É difícil entender por que isso parece causar tanto impacto. Nada mudou as impressões digitais, as fibras ou os registros do meu telefone. Mas foi um momento esplêndido para a defesa. Molto e Nico trouxeram Raymond Horgan a este tribunal como o modelo de correção, o árbitro de padrões. Agora se descobre que as coisas foram exageradas. Assim como fizera ao defender Colleen McGafen, Sandy Stern encontrou a mensagem para este júri que deseja transmitir, mas nunca expressa em voz alta. E daí?, ele está dizendo. Suponhamos que seja verdade que Sabich e a vítima tenham sido íntimos. Suponhamos que ele tenha decidido, sensatamente ou não, guardar isso para si mesmo. Ainda não é diferente do que Horgan fez. Se me senti muito embaraçado em confessar aspectos de minha vida passada, todos devem compreender. O nó entre o que eu não disse e o que fiz está desfeito; foi cortada a conexão entre homicídio e omissão.

Sandy se afasta. Deixa Horgan permanecer sentado. Raymond suspira umas duas vezes e pega o lenço. Ao passar pela nossa mesa, Stern põe a mão em meu ombro e eu a cubro com a minha. Um gesto espontâneo, mas parece cair bem com um ou dois jurados que percebem.

– Vamos a outro assunto, Sr. Horgan. Como conheceu o Sr. Sabich?

Sandy ainda está andando, voltando agora para a testemunha; por baixo da mesa eu lhe faço um gesto: “Não.” Esqueci de avisá-lo para não fazer essa pergunta.

– Talvez não devêssemos perder tempo com histórias antigas – diz Sandy, casualmente. – Retirarei a pergunta, se apraz ao tribunal. Para ser franco, meritíssimo, se este for um momento conveniente, talvez todos possamos aproveitar um intervalo para o almoço.

– Está certo – diz Larren.

Ele parece bastante sóbrio depois do desempenho de Raymond. Antes de se retirar, o Juiz Lyttle lança um olhar para Horgan, que ainda não se mexeu.

29

— Então, o que achou desta manhã? – Stern estende a mão para a bandeja de aperitivos. – Devia experimentar este prato de milho, Rusty. É bem simples, mas muito bem preparado.

Stern trabalhou durante o almoço nos dias anteriores, mas dá para perceber que essa não é sua rotina preferida. Uma vida civilizada inclui uma refeição no meio do dia, ele diria; e hoje, com ou sem Horgan, ele me leva a seu clube para almoçar. Fica no 46º andar do Morgan Towers, um dos prédios mais altos da cidade. Daqui, é possível contemplar a curva do rio e, mais além, o horizonte serrilhado da cidade, que hoje em dia parece muito com caixas de sapatos empilhadas. Se você tivesse uma luneta, provavelmente poderia até divisar minha casa em Nearing.

Eu teria esperado me tornar mais chegado a Sandy. Gosto dele e meu respeito por sua capacidade profissional, nunca pequeno, aumentou progressivamente. Mas não diria que nos tornamos amigos. Talvez seja porque sou um cliente acusado de homicídio, nada menos. Mas a visão de Stern acerca da capacidade humana é tão grande que duvido que um ato, qualquer que seja, por mais hediondo, possa desqualificar alguém de suas afeições. O problema, se é que existe um problema, é o homem e suas barreiras interiores. Ele traça linhas em sua vida profissional e duvido que alguém as ultrapasse. Está casado há trinta anos. Encontrei Clara uma ou duas vezes. Os três filhos estão agora espalhados por todo o país; a filha caçula concluirá a Faculdade de Direito de Colúmbia no próximo ano. Mas, pensando a respeito, não conheço muitas outras pessoas que aleguem ser íntimas de Stern. É uma companhia agradável em qualquer ocasião social e um refinado contador de histórias. Lembro que um amigo do pai de Barbara me disse há anos que Stern conta histórias maravilhosas em iídiche, um talento que eu, é claro, não posso confirmar. Sei muito pouco do que ele realmente pensa, em particular a meu respeito.

– Tenho dois comentários sobre esta manhã – digo, enquanto me sirvo do milho. – Achei que tudo correu bem e gostei muito. A reinquirição foi brilhante.

– Ótimo.

Apesar de suas boas maneiras, Sandy é um egocêntrico considerável, como todos os outros famosos advogados de júri. Sacode a cabeça, mas depois demora um momento a saborear meu elogio. Alguns repórteres e observadores do tribunal sussurraram seus elogios, quando vínhamos para cá. Stern ainda exibe um ligeiro ar de triunfo.

– No fundo, ele fez tudo para si mesmo. Creio que eu não sabia, antes do começo deste caso, como Raymond é vaidoso. Mesmo assim, não sei até onde isso nos leva.

– Deixou-o bastante embaraçado.

– Não podia ser de outra forma. E algum dia ele vai me lembrar disso. Mas esse não é nosso problema agora.

– Fiquei surpreso por Larren se mostrar tão protetor em relação a Raymond. Se eu tivesse de adivinhar, apostaria que ele se recostaria para dar a impressão de neutralidade.

– Larren nunca teve medo de ser considerado um homem com afinidades. – Sandy inclina-se para trás, enquanto o garçom põe seu prato. – Só espero que nos saiamos tão bem no próximo ponto crítico. Não estou otimista.

Não entendo sobre o que está falando.

– Há duas reinquirições fundamentais neste julgamento, Rusty. Estamos apenas no meio da primeira.

– Qual é a outra... Lipranzer?

– Não. – Stern franze um pouco o rosto, infeliz, ao que parece, apenas com a perspectiva do testemunho de Lip. – O Detetive Lipranzer será para nós, basicamente, uma ação secundária. Em seu caso, devemos esperar apenas atenuar os prejuízos. Eu estava pensando no Dr. Kumagai.

– Kumagai?

– Isso mesmo. – Sandy acena com a cabeça para si mesmo. – Deve compreender, é claro, que as provas materiais constituem a base de argumentação dos promotores. Mas, para utilizar plenamente essas provas, Nico precisa chamar um perito científico. Della Guardia não pode se apresentar aos jurados no final do julgamento e se limitar a oferecer conjeturas sobre a maneira como o ato ocorreu. Suas teorias devem ser apoiadas pelas opiniões de um cientista. Por isso, ele vai chamar Kumagai. – Sandy prova o almoço, com uma apreciação óbvia. – Perdoe-me por ser didático. Não estou acostumado a defender advogados que também atuam no júri. De qualquer forma, o testemunho de Kumagai torna-se crítico. Se ele se sair bem, vai consolidar a posição da acusação. Mas seu depoimento também oferece uma oportunidade para nós. É a única chance que teremos de neutralizar um pouco as provas materiais... as impressões digitais, as fibras, todos aqueles itens que normalmente são incontestáveis. Se conseguirmos fazer com que Kumagai pareça incerto, as provas materiais, sem exceção, ficarão prejudicadas.

– E como faria isso?

– Ah, você sempre apresenta todas as perguntas difíceis – diz Stern, um tanto ansioso. – Devemos concentrar nossa atenção nisso muito em breve. – Ele pega a faca de pão e levanta os olhos para a linha do horizonte, sem chegar a focalizá-la. – Kumagai não é um indivíduo dos mais simpáticos. Um júri não vai apreciá-lo. Alguma coisa haverá de surgir. Enquanto isso... – Stern torna a me olhar, abruptamente. – Qual foi o erro crasso que quase cometi? Alguma coisa horrível seria revelada quando perguntei como você e Horgan se conheceram?

– Achei que você não gostaria que o júri soubesse que o combatente da liberdade iugoslavo foi para uma penitenciária federal.

– Seu pai? Essa não! Rusty, devo lhe pedir desculpas pelo improviso do outro dia. Ocorreu-me quando estava lá. Tenho certeza de que compreende essas coisas.

Digo a Sandy que compreendo.

– Seu pai foi para a cadeia? Como aconteceu? Horgan o representou?

– Steve Mulcahy. Raymond apenas ajudou em duas audiências. Foi assim que nos conhecemos. Ele me tratou muito bem. Eu estava muito transtornado.

– Mulcahy era o outro sócio? – Naquele tempo era Mulcahy, Lyttle & Horgan. – Ele está morto há muitos anos. Presumo que falamos de um passado remoto.

– Eu ainda estava na faculdade. Mulcahy era meu professor. Acompanhei meu pai quando ele recebeu a primeira intimação. Sentia-me terrivelmente embaraçado. Pensava que o quesito de

caráter e idoneidade poderia me excluir.

– Da Ordem dos Advogados? Essa não! Qual foi o crime?

– Impostos. – Provo a primeira porção do meu almoço. – Meu pai não apresentou declaração de rendimentos por 25 anos.

– Vinte e cinco anos? Incrível! Como está seu peixe?

– Ótimo. Quer um pouco?

– Se não se importa. Obrigado. É muito gentil. Preparam este prato muito bem aqui.

Sandy fala suavemente. Sente-se sereno e à vontade entre a prataria e os garçons em fraques claros. Seu refúgio. Dentro de 45 minutos recomeçará a reinquirição de um dos mais proeminentes advogados da cidade. Mas, como todos os virtuosos, ele possui uma fé inabalável em seus instintos. Trabalhou com afinco. O resto é inspiração.

Quando a refeição está quase no fim, mostro a Sandy as anotações que fiz pela manhã.

– Ótimo – ele me diz. Algumas coisas, ele está determinado a nem responder. – Você é acusado falsamente e ele diz que parece carecer de compostura? Ora, isso é absurdo demais para ser repetido.

Ele avista um amigo em outra mesa, um homem mais velho, ruivo, Sandy se afasta por um instante para cumprimentá-lo. Verifico o bloco que trouxe do tribunal; a maior parte já foi coberta em nossa conversa. Olho para a cidade e, como sempre, penso em meu pai com desespero. Fiquei furioso com ele durante todo aquele episódio, por causa do meu embaraço e também porque achava que meu pai não tinha o direito de procurar atenção, depois de ignorar a doença de mamãe, então em seu estágio inicial. Mas, observando-o na ante-sala de Mulcahy, uma angústia começara a me corroer o coração. Em sua perturbação, meu pai, geralmente tão rigoroso com sua higiene pessoal, deixara de fazer a barba. Crescia depressa e a face estava coberta por pêlos esbranquiçados. Segurava com os dedos a aba do chapéu de feltro e revirava-o entre as mãos. Estava de gravata, uma coisa que raramente usava; o nó era uma confusão amarrotada, puxado para o lado, com a camisa suja no colarinho. Não parecia encher a cadeira ou mesmo as roupas. Olhava para os pés no chão. Dava a impressão de ser muito mais velho. E estar extremamente apavorado.

Não creio que tenha visto antes meu pai tão visivelmente assustado. Seu semblante quase invariável era de indiferença agressiva e soturna. Não especulei sobre o motivo da mudança. Meu pai raramente falava a respeito de sua história. Tudo o que eu sabia, praticamente, vinha dos parentes. O fuzilamento de seus pais; a fuga de meu pai; os campos de prisioneiros de um lado ou de outro em que passou os últimos anos de sua juventude. Comeram um cavalo, meu primo Ilya me contou certa ocasião, quando eu tinha 9 ou 10 anos. A história me inspirou pesadelos por quase uma semana. Um velho matungo morrera. Caíra durante a noite e congelara. Ficara na neve três dias e depois um policial permitira que os prisioneiros o arrastassem além da cerca de arame farpado do campo. Os prisioneiros atacaram-no; arrancaram a pele com as mãos nuas e agarraram a carne. Alguns pensavam apenas em ter alguma coisa para cozinhar, mas outros, dominados pelo pânico, começaram a comer como estava, ali mesmo. Meu pai testemunhara isso. Viera para a América. Sobrevivera. E agora, no escritório de um advogado, quase três décadas depois, podia prever uma repetição. Eu tinha 25 anos e compreendi então mais um pouco da vida de meu pai e como suas privações, na estranha hereditariedade dos efeitos materiais, se tornaram minhas – e reconheci mais de tudo isso em um momento do que em todo o tempo anterior. E me senti sufocado de angústia.

Mulcahy declarou meu pai culpado e pediu clemência. O promotor-assistente federal prometeu não recomendar mais de um ano de prisão e o velho Juiz Hartley, sempre brando, deu-

lhe apenas noventa dias. Só o vi uma vez enquanto esteve preso. Não tinha estômago para isso e minha mãe estava, então, se aproximando do fim.

Quando lhe perguntei como estava, ele olhou ao redor, como se somente agora visse o lugar pela primeira vez. Mascava um palito de dentes.

Já estive em lugares piores, ele me disse. Recuperara toda a sua antiga aspereza e achei que era mais desconcertante do que o medo. Cabeça-dura, ignorante, enfrentava os infortúnios mais profundos com uma espécie de orgulho. As coisas pelas quais não apenas ele, mas eventualmente eu também, tinha de sofrer eram ostentadas como emblemas de conquista. Participara das olimpíadas do confinamento. Podia sobreviver a uma cadeia local. Não tinha gratidão a me conceder; nenhuma desculpa por minha vergonha ou sua estupidez. Nenhum conhecimento de sua verdadeira prisão. Já estava na última etapa de sua vida; morreu menos de três anos depois. Mas a verdade é que, apesar de tudo o que ocorreu antes, foi só naquele momento que finalmente renunciei a meu pai.

A REINQUIRIÇÃO À TARDE começa onde eu pensava que seria o início pela manhã, nas áreas em que Horgan é uma testemunha a nosso favor. O primeiro ponto levantado por Stern é o das ligações em março do meu telefone para o de Carolyn. Horgan recorda prontamente o indiciamento do estuprador reincidente em que ela trabalhava naquele mês e reconhece que uma das funções principais do subchefe da promotoria é ajudar na elaboração de acusações, principalmente em casos complexos. Raymond não resiste à sugestão de Stern de que a programação de audiência de Carolyn e minha agenda cheia durante o dia no escritório poderiam facilmente fazer com que essas consultas ocorressem à noite, por telefone; ou pelo menos a possibilidade de contatos telefônicos noturnos para marcar reuniões no dia seguinte sobre o indiciamento proposto.

Das ligações, Stern passa para a conversa na sala de Raymond, na quarta-feira seguinte à eleição. Ao apresentar minha declaração de que estava em casa na noite em que Carolyn foi assassinada, a promotoria, em essência, ofereceu uma prova de minha defesa; Stern trata agora de desenvolvê-la.

Sandy enfatiza que minha declaração foi voluntária. A Sra. MacDougall encorajou o Sr. Sabich a não falar? Também lhe disse para não falar, Sr. Horgan? E disse isso nos termos mais veementes, senhor? Mandou que ficasse de boca fechada? Mas ele falou e foi visivelmente provocado, não é mesmo? Não havia nada de calculado em sua atitude? Os comentários pareciam espontâneos? Stern discorre longamente sobre o conhecimento de um promotor sobre os riscos de falar numa investigação. A implicação, projetada com muito cuidado, é a de que qualquer pessoa com minha experiência, dispondo de tempo para avaliar a possibilidade de um confronto, saberia que é melhor não falar, ainda mais daquela maneira. Um homem que esteve no local do crime, Stern está sugerindo, que fez o que os promotores dizem que fiz, que estava no comando da investigação, teria bastante bom senso para não optar por uma mentira tão facilmente exposta. Só uma pessoa que realmente não estivera no local e que ignorasse as verdadeiras circunstâncias poderia ser provocada por insultos a explodir com aquela reação sincera que o acaso bizarramente deturpara. Ao observar Stern na reinquirição, prevejo suas alegações finais e percebo claramente os motivos para não me levar ao banco de testemunhas. Rusty Sabich ofereceu uma explicação espontânea no primeiro dia em que foi confrontado. O que mais ele pode acrescentar agora, tanto tempo depois do fato?

Com minha versão apresentada ao júri, Stern passa a construir minha credibilidade. Leva Raymond por uma longa excursão sobre as minhas realizações como subchefe da promotoria. Começa pela *Law Review* e continua pelos anos subseqüentes. Quando Molto finalmente objeta

que isso é desnecessário, Sandy explica que Horgan questionou meu julgamento na condução da investigação Polhemus. É conveniente que o júri conheça toda a extensão dos meus antecedentes profissionais, a fim de que possa compreender que a atitude apresentada como relutância ou insubordinação pode ter sido apenas uma divergência entre dois veteranos advogados da promotoria. A lógica dessa posição é essencialmente incontestável e Larren determina que Molto torne a sentar. A canonização de São Rozat continua.

– E assim, há quase dois anos – Sandy acaba perguntando –, quando o Sr. Sennett, que era seu subchefe, mudou-se para San Diego, convidou o Sr. Sabich para ocupar o cargo?

– Sim.

– É justo dizer que o subchefe é a pessoa no escritório em cujo julgamento deposita a maior confiança?

– Pode-se dizer que sim. Eu o considerava o melhor advogado para o cargo.

– Muito bem. Tinha outros 120 assistentes?

– Mais ou menos isso.

– Inclusive o Sr. Della Guardia e o Sr. Molto?

– Inclusive.

– E escolheu o Sr. Sabich?

– Isso mesmo.

Nico levanta os olhos, irritado, mas nem ele nem Molto protestam. Sandy trabalha como um ourives, martelando e martelando os temas de ressentimentos passados. Dois jurados parecem assentir.

– E não pensou que o Sr. Sabich cometeria um crime, tinha confiança absoluta e completa em seu julgamento e integridade, baseada numa cooperação estreita por mais de uma década?

A pergunta é composta e argumentativa, mas também óbvia.

– Está mantida – decide Larren, quando Molto objeta.

Raymond avalia a resposta.

– É isso mesmo – ele finalmente diz.

Essa pequena concessão parece exercer um efeito considerável no júri. Compreendo agora por que Stern atacou Raymond no início. Queria impor uma posição. Não para o júri... mas para Raymond Horgan. As coisas já não são mais tão claras para Raymond como eram no momento em que entrou no tribunal.

– Muito bem. E não era necessário que ele o consultasse em todos os assuntos, a fim de ter certeza de que agia exatamente da maneira como desejava?

Presumo que Stern tenta atenuar o significado da minha demora em obter o relatório das impressões digitais.

– Sempre dei alguma liberdade de ação às pessoas que trabalham para mim.

– Não é verdade, Sr. Horgan, que o Sr. Sabich sabia, na condução da investigação do assassinato da Sra. Polhemus, que o chefe confiara em seu julgamento em muitas ocasiões no passado, inclusive em questões muito importantes?

– Não sei o que ele sabia, mas é óbvio que aprovei seu julgamento no passado em uma porção de coisas.

– Por exemplo – diz Sandy, sem qualquer indicação do que está para vir –, deu ao Sr. Sabich a autoridade para decidir como e quando despedir o Sr. Della Guardia.

Nico, compreensivelmente, explode. Larren fica perturbado. Convoca no mesmo instante uma conferência com os advogados, fora da presença do júri. Alguns juízes realizam essas reuniões no próprio tribunal, ao lado da bancada, longe dos jurados. O costume de Larren –

determinado a evitar que os jurados escutem os argumentos das partes – é deixar totalmente a sala do tribunal e discutir na ante-sala de seu gabinete.

Della Guardia, Molto, Kemp, Stern, o taquígrafo do tribunal e eu seguimos o juiz pela porta dos fundos, atrás da bancada. É evidente, antes mesmo de todos se acomodarem, que o juiz está furioso com Stern. Considera que a última pergunta foi um golpe baixo.

– O que vamos fazer aqui? – ele pergunta a Sandy. – Reviver a história antiga dia a dia? Não podemos transformar este julgamento numa competição de personalidades.

Molto e Nico também falam. Qualquer antagonismo passado entre o promotor e o réu é irrelevante, eles dizem. É evidente que o Juiz Lyttle está propenso a concordar.

– Meritíssimo – diz Stern –, não acusamos o Sr. Della Guardia pessoalmente de má-fé. Mas acreditamos que essa é uma circunstância que indica como e por que ele pode ter sido induzido a erro.

Sem dizer isso expressamente, Stern se concentra outra vez em Molto. Tomou o cuidado de escolhê-lo e não a Nico, desde o início. Della Guardia é agora uma pessoa popular nesta cidade, conhecido dos jurados. Molto é um enigma. Talvez Sandy também pretenda tirar algum proveito da promessa inequívoca, formulada no começo, de que Molto não testemunharia.

– Por que o Sr. Della Guardia pode ter sido induzido a erro, Sr. Stern, é irrelevante. O que o promotor pensa do seu caso não importa para este julgamento. Deus sabe que não vai querer entrar nesse mérito.

– Meritíssimo – diz Stern, solenemente –, a teoria da defesa é a de que o Sr. Sabich foi incriminado falsamente neste caso.

Do grupo amontoado, dou um passo para trás. Estou atordoado. Stern rejeitara essa tática de maneira tão categórica, há algumas semanas, que eu não mais pensara a respeito. E as coisas pareciam correr bem sem isso. O testemunho direto de Horgan fora tão devastador assim? Não entendo mais a teoria de defesa do meu próprio advogado. Um momento atrás, pensava que ele trabalhava numa de suas delicadas mensagens subliminares para o júri: Molto queria o cargo de Sabich. Ele pressionou com todo o empenho para construir um caso com a intenção de obtê-lo e Della Guardia não percebeu porque, mesmo inconscientemente, acalentava o próprio ressentimento. Essa era a impressão que Sandy Stern, numa hábil avaliação da fragilidade humana, comunicava discretamente, destinada a diminuir a credibilidade dos promotores e a demonstrar como aquele erro grotesco – de me acusar – se concretizara. É o tipo de sugestão plausível que os jurados recebem com a maior ansiedade. Mas esta agora é uma técnica arrogante, que não vale o risco, como eu tivera de concordar com Stern. Não estava preparado para aquela mudança de rumo sem uma consulta prévia. E ainda por cima oficialmente. Essas conferências no corredor são acessíveis ao público. No recesso, os repórteres vão cercar o taquígrafo do tribunal e pedir que leia suas anotações. Posso ver a manchete: SABICH INCRIMINADO FALSAMENTE, DIZ ADVOGADO. Só Deus sabe o que os jurados pensarão, se algum deles deixar de perceber o inevitável. Ao improvisar, Sandy aumentou as apostas.

Enquanto isso, Nico anda de um lado para outro do corredor, resmungando.

– Não acredito – ele diz duas ou três vezes.

Larren olha para Molto, à espera de uma resposta.

– Ridículo – diz Molto.

– Sua negativa está registrada nos autos. Isto é, sua resposta à indicação da prova. Se o Sr. Stern vai mesmo se empenhar em demonstrar que o caso contra o Sr. Sabich foi fabricado, então suponho que essa história de antagonismo é relevante para tais propósitos.

Esse, é claro, vem a ser um dos motivos pelos quais Stern pode ter cruzado a estrada:

apresentar ao júri provas normalmente inadmissíveis.

– Devo dizer, Sr. Stern – acrescenta o juiz –, que está brincando com fogo. Não sei aonde isso nos levará, mas posso lhe adiantar duas coisas. Primeiro: é melhor estar preparado para a resposta da promotoria. Porque o promotor terá direito a muita amplitude ao responder. E segundo: é melhor apresentar a prova dessa acusação ou eliminarei toda a reinquirição sobre esse tema e farei isso na presença do júri.

Larren, de sua altura considerável, olha diretamente para Stern. Nesse momento, a maioria dos advogados de defesa, acuada além dos limites, recuaria e retiraria a questão. Mas Stern diz simplesmente:

– Eu compreendo. E acho que o meritíssimo verá exatamente como isso vai se desenvolver. Apresentaremos provas relativas à questão.

– Está certo.

Voltamos ao tribunal.

– Mas o que ele está fazendo? – pergunto a Kemp, ao sentarmos de novo à mesa de defesa.

Jamie sacode a cabeça. Sandy também não conversou com ele a respeito.

Stern abandona rapidamente o tema da demissão de Nico e passa para coisas menores. Conquista mais alguns pontos sem grande importância ao acaso e depois retorna à mesa de defesa para conferenciar.

– Quase pronto – ele sussurra para mim e Kemp. – Só tenho uma área adicional. Mais alguma coisa?

Pergunto o que ele estava fazendo lá fora, Sandy põe a mão em meu ombro. Diz que discutirá o assunto depois. Kemp informa a Sandy que não tem mais nada e Stern volta a se dirigir à testemunha.

– Só mais umas poucas perguntas, Sr. Horgan. Tem se mostrado bastante paciente. Falamos antes sobre um caso que entregou à Sra. Polhemus, dos mais delicados. Recorda essa parte do testemunho?

– Creio que a lembrarei por muito tempo – diz Raymond.

Mas ele sorri.

– Sabia, Sr. Horgan, que o Sr. Molto estava envolvido no referido caso?

Nico está de pé, berrando em indignação. Larren, pela primeira vez na presença do júri, demonstra raiva com Stern.

– Senhor, eu o adverti sobre essa área de inquirição.

– Meritíssimo, é relevante para a posição da defesa que apresentei antes na conferência longe do júri. – Ele se refere à teoria da falsa incriminação. Stern está sendo elíptico, a fim de evitar que o conteúdo da conversa chegue ao conhecimento do júri, que não deve saber de nada. – Devo declarar ao tribunal que temos todas as intenções de continuar a investigar esse arquivo com o júri e a oferecer provas a respeito, quando chegar nossa vez. Na verdade, essa é a prova a que aludi. – Stern está dizendo que vamos apresentar provas sobre o Arquivo B para apoiar a acusação de que o caso é fabricado. Mais uma vez, fico atônito com sua posição. O juiz recosta-se; repousa as mãos no topo da cabeça e bufa, para descarregar um pouco do vapor.

– Por enquanto, já ouvimos o suficiente – ele diz.

– Mais duas perguntas – diz Sandy, com uma autoridade magistral. Ele se vira de volta para Horgan, sem esperar que o juiz lhe diga que não pode fazê-lo. – O Sr. Molto lhe perguntou alguma vez sobre aquele arquivo?

– Pelo que me recordo, sim. Depois que renunciei ao cargo de promotor público, ele verificou tudo o que Rusty... o Sr. Sabich... fizera no caso Polhemus.

– E o Sr. Molto estava então com o referido arquivo?

– Sim.

– E sabe que investigação, se é que alguma, ele conduziu sobre as alegações contidas ali?

– Não, não sei.

– Eu respondo a isso – diz Nico subitamente.

Ele está de pé. É evidente que perdeu a calma. Sua cor está mais vermelha e os olhos, arregalados.

– Ele não tomou nenhuma atitude. Não vai partir atrás das pistas falsas de Rusty Sabich.

Tal discurso diante do júri seria normalmente de uma impropriedade total. Mas é justamente o tipo de resposta ao qual a advertência de Larren lá fora parecia convidar e Della Guardia tratou de aproveitar ao máximo a oportunidade. Sem dúvida, ele e Tommy discutiram o assunto e decidiram que Nico tentaria uma defesa vigorosa de Molto na presença do júri. Stern não apresenta uma objeção; em vez disso, vira-se lentamente para Molto.

– Sr. Della Guardia, talvez todos possamos aprender alguma coisa sobre pistas falsas. – Ele fez uma pausa. – E bodes expiatórios.

Estas são as últimas palavras de Stern na reinquirição de Raymond.

Larren determina o recesso pelo resto da semana. Às sextas-feiras, ele ouve petições em outros casos. Espero alguma explicação de Stern sobre sua nova tática, mas ele se limita a recolher em silêncio os papéis na mesa da defesa. Raymond pára e aperta a mão de Sandy, a caminho da saída. Passa ao largo de mim.

Stern finalmente se aproxima de mim. Enxuga o rosto com o lenço. Parece relaxado. Pondo de lado a última parte, a reinquirição de Raymond transcorreu de forma admirável.

Contudo, estou muito preocupado para lhe dar os parabéns.

– O que aconteceu? – pergunto. – Pensei que tivesse me dito que não seguiríamos pelo caminho da acusação.

– É evidente, Rusty, que mudei de idéia.

– Por quê?

Stern me oferece seu sorriso latino: o mundo está repleto de mistérios.

– Instinto.

– E quais são as provas que vamos apresentar?

– Foi bom você me lembrar. – Sandy é bem mais baixo do que eu e não pode passar o braço por meus ombros de maneira muito confortável. Em vez disso, ele usa outro gesto confidencial, segurando-me a lapela. – Por enquanto, terei de deixar isso a seus cuidados.

Ele se vira e se afasta.

30

Esta noite eu digo que me sinto exausto e deixo Stern e Kemp mais cedo, pois tenho um encontro marcado. Telefonei depois da sessão no tribunal e, cumprindo sua palavra, Lionel Kenneally está aqui, num bar de bairro chamado Six Brothers. O motorista do táxi me lança um olhar esquisito quando desembarco. Não porque não haja mais brancos por aqui. Umas poucas

famílias estóicas ainda resistem contra os porto-riquenhos e negros, mas não usam ternos listrados nem carregam pastas de executivos. Em vez disso, seus bangalôs de tábuas estão espremidos entre os armazéns e as fábricas, que ocupam a maior parte de cada quarteirão. Há uma fábrica de salame no outro lado da rua e o ar está impregnado pelo cheiro de condimentos e alho. O bar é como tantos outros por estas bandas: apenas uma espelunca com mesas de fórmica, chão de vinil, luzes por cima dos espelhos. Há um cartaz em néon da Hamm's que projeta estranhas sombras de cascata incessante.

Kenneally nem mesmo espera por mim. Começa a andar quando entro e trato de acompanhá-lo para uma sala menor nos fundos, com quatro mesas, onde ele diz que não seremos incomodados.

– Que porra está querendo?

Ele sorri, mas o tom não é de todo amistoso. Atraí o chefe de ronda para um encontro com um indiciado, um inimigo do Estado, um acusado de homicídio. Não é o tipo de companhia na qual um agente policial dos altos escalões pode ser visto.

– Agradeço sua vinda, Lionel.

Ele dispensa os agradecimentos com um aceno. Quer que eu diga logo do que se trata. Uma mulher enfia a cabeça pela porta. Recuso um drinque a princípio, mas depois mudo de idéia e peço um uísque com gelo. Lionel já tem um uísque na mão.

– Preciso lhe fazer algumas perguntas. Deveria tê-las feito quando estive lá no distrito, em abril.

– Sobre?

– Sobre o que estava acontecendo no Distrito Norte há oito ou nove anos.

– Em que sentido?

Seu olhar é atento: não quer ser desencaminhado.

– Alguém estava tomando dinheiro?

Kenneally toma um gole. Está pensando.

– Você sabe que está um bocado quente, não é mesmo? – ele pergunta.

– Leio os jornais.

Ele me fita.

– Vai se aprofundar nesse negócio?

Respondo a verdade.

– Acho que não. Stern é um mago. Tem três ou quatro jurados pensando em convidá-lo para jantar, pode-se perceber por suas expressões. Arrasou com Horgan hoje.

– Estão dizendo lá na chefatura que Nico não tem muita munição. Que atacou muito cedo, Molto forçou sua mão. Dizem que se ele tivesse algum miolo meteria você numa sala com um gravador e alguém em quem confiasse, em vez de deixar Mac fazê-lo revelar a você o que tinha.

Compreendo agora que a coisa que eu pensava ser um embaçamento de álcool não passa de raiva. Lionel Kenneally está furioso. Ouviu o suficiente sobre o caso para concluir que fez uma coisa que não ocorre com freqüência: cometeu um erro de julgamento.

– Pessoalmente, acho que você pode acabar se estrepando. Não me contou que andou por lá pegando em copos, quando nos encontramos antes.

– Quer que eu lhe diga que não a matei?

– É isso aí.

– Não a matei.

Kenneally continua a me fitar, uma expressão agressiva, imóvel. Sei que minha declaração foi muito comedida para lhe proporcionar qualquer segurança.

– Você é um porra de um filho-da-puta estranho – ele diz.

A garçonete, usando uma dessas antigas blusas franzidas para mostrar o começo dos seios, entra com meu uísque. Também põe outro copo na frente de Lionel K.

– Quer saber de uma coisa? – digo a Kenneally, enquanto tomo um gole. – Está aí uma coisa que nunca entendi em mim. Minha velha era tão esquisita quanto aquelas mulheres lá do centro circulando com bolsas de compras e meu velho passou a maior parte da Segunda Guerra Mundial comendo cavalo morto e coisas assim, que tiveram algum efeito em seu cérebro, pode ter certeza. Tudo, em toda a minha vida, foi esquisito. Até isso acontecer, eu pensava que era um cara certinho. Era assim que eu queria ser, o que pensava que era. Juro que eu pensava que era o escoteiro sempre alerta ou quem quer que seja o garoto bonzinho hoje em dia. E praticamente a única coisa que ganhei dessa experiência até agora é ouvir você me dizer que sou um filho-da-puta estranho e escutar aquele pequeno acorde de harpa dentro do peito que soa quando alguém, mesmo que esteja meio de porre, diz uma coisa que é absolutamente verdadeira. Eu lhe agradeço por isso.

Bato em seu copo com o meu. Não tenho certeza se Lionel gostou desse discurso. Ele me observa em silêncio por um momento.

– Por que me procurou, Rusty?

– Já lhe disse. Quero que responda a uma pergunta.

Kenneally suspira.

– Você é mesmo um tremendo sacana. Uma pergunta, está bem? E o que eu disser, fica aqui. Entre mim e você. Não quero saber da porra dessas histórias de filhos-da-puta sobre seus direitos constitucionais e outras merdas. Ninguém vai me chamar para depor contra o promotor público. Se isso acontecer, o mundo vai pensar que você confessou tudo aqui, esta noite.

– Já conheço as regras do jogo.

– Sua resposta é a seguinte: não sei com certeza. Talvez eu tenha ouvido algumas coisas, entende? Mas não era minha praia. As coisas por lá corriam um pouco frouxas. Entende o que estou dizendo? Lembre-se de que estamos falando sobre uma época antes de Felske pisar na merda. – Felske era um responsável por fianças que costumava dar boa vida a certos tiras que lhe encaminhavam negócios. Quando a lei da fiança foi alterada, permitindo o reconhecimento pessoal da responsabilidade e eliminando a necessidade de garantias externas, Felske e seus amigos passaram a vender, a fim de manter os rendimentos, a assistência ocasional dos tiras. Às vezes, eles persuadiam uma testemunha a não aparecer. Outras, os tiras esqueciam coisas quando testemunhavam. Felske, no entanto, um dia fez essa proposta a um homem com um alfinete de lapela eletrônico. O tira envolvido, chamado Grubb, cantou tudo para o FBI e arrastou Felske e mais três outros tiras na queda. Isso aconteceu há cinco anos. – Naquele tempo o lugar vivia escancarado.

– Tommy Molto foi uma das pessoas sobre as quais você ouviu histórias?

– Pensei que tivesse feito uma pergunta.

– Tinha desdobramentos.

Kenneally não sorri. Baixa os olhos para o copo.

– Neste trabalho, a gente aprende que é melhor não dizer nunca. – Ele solta uma risada. – Olhe só para você. Certo? – Kenneally ri de novo. Ainda está furioso consigo mesmo. Tudo isso é contra o seu melhor julgamento. – Mas Molto... nunca. Ele é da porra do seminário. Levaria um rosário para o tribunal. Não tem a menor possibilidade de esse cara tomar a grana de alguém.

– Carolyn estava envolvida com qualquer coisa que ocorria por lá?

Ele sacode a cabeça. Não está dizendo não. Está se recusando a responder.

– Escute, Rusty, não lhe devo porra nenhuma, certo? Pensei que havia feito seu trabalho como um profissional. Apareceu por aqui antes de o pessoal lá de longe sequer saber que as quadrilhas existiam e deu duro no trabalho. Eu lhe dou esse crédito. O que mais tenha feito, isso não se pode negar. Foi comigo aos cortiços de madrugada. Ficou com a porra das mãos sujas. Mas não me peça demais, está bem? Há caras a quem eu devo. Você não é um deles.

Lealdade de tira. Ele passaria por cima do cadáver de uma velha. Kenneally toma um gole do uísque e olha pela porta.

– Carolyn tinha alguma coisa com Molto... uma coisa pessoal?

– Porra, por que essa obsessão com Molto? O cara é esquisito como todo mundo.

– Digamos apenas que ele é minha melhor alternativa.

– Que porra está querendo dizer com isso?

Dispenso a pergunta com um aceno.

– Pois não imagino aquele cara sequer farejando a Polhemus. Você o conhece. Um cara esquisito, certo? Eram amigos, e isso é tudo. Colegas. Às vezes, ela ajeitava as merdas para ele. – Kenneally toma outro gole. – Não era com ele que ela trepava.

– Com quem então?

– Essa não. Você já ouviu demais.

– Lionel... – Não quero suplicar. Ele se recusa a me fitar. – Isso não é fofoca, pelo amor de Deus. É a porra da minha vida.

– O crioulo.

– Como?

– Ela estava dormindo com o crioulo.

Não entendo a princípio. E depois percebo tudo.

– Larren?

– Você esteve no Distrito Norte. Lembra como era. Parecia que todo mundo trabalhava na mesma sala. Três portas, todas levando para a mesma sala. Agente de liberdade condicional. Promotor-assistente. Nick Costello cuidava dos tiras que iam testemunhar. Havia uma mesa ali. A sala do juiz também dava para a sua mesa. Ele vinha do tribunal ao meio-dia e ela entrava rebolando. Não faziam segredo da coisa.

Kenneally faz uma pausa.

– Uma foda atrás da outra. Contei mais ou menos a você na última vez que conversamos. Não se lembra? Falei como ela trepou para subir. Não dava para imaginar por que Horgan a contratou. Foi ele quem arrumou para ela. Seu velho amigo por lá, o Juiz Filho-da-puta. Ele e Horgan tinham alguma ligação.

– Foram sócios num escritório de advocacia – informo. – Há muitos anos.

– É isso aí.

Lionel balança a cabeça em repulsa.

– E não vai me dizer se Carolyn estava suja?

Ele levanta um dedo.

– Vou me mandar. – Fica em silêncio por um momento. – Às vezes ela ajeitava as coisas, como eu disse. Molto e o juiz não se davam muito bem. Talvez já tenha ouvido histórias.

– Algumas.

– Ela era a amiguinha de todo mundo naquele tempo. A agente de liberdade condicional. Às vezes, ela convencia o juiz a não aporrinhar. Noutras, persuadia Molto a recuar dois passos. Era uma espécie de árbitro. Talvez você esteja certo. Talvez Molto tivesse mesmo uma porra de uma paixão por ela. Talvez fosse por isso que ele tinha areia na vaselina sempre que encarava o juiz.

Quem sabe? Não dá para entender as pessoas.

Posso perceber que já tenho tudo o que vou conseguir lhe arrancar. Essa última parte foi rigorosamente uma esmola.

Pego minha pasta e deixo o dinheiro para os uísques.

– Você é um bom sujeito, Kenneally.

– Sou a porra de um idiota, isso é que sou. Metade da chefatura estará falando sobre este negócio amanhã. O que vou dizer a eles?

– Estou cagando e andando. Diga o que bem quiser. Diga a eles a verdade. A esta altura, Molto já sabe o que estou procurando. Talvez seja por isso que estou metido nessa encrenca, para começar.

– Você não acredita nisso.

– Não sei de mais nada... só que alguma coisa não está certa.

31

Passamos o fim de semana empenhados no trabalho, os dois dias. Minha missão é preparar para o final da apresentação do Estado, quando a defesa, como uma questão de rotina, entra com uma petição para um veredicto dirigido de absolvição – um pedido para que o juiz encerre o julgamento declarando que não há provas suficientes para um júri razoável condenar. Em geral, isso é inútil. Ao decidir sobre a petição, o juiz deve avaliar as provas à luz mais favorável para o Estado, significando, por exemplo, que o Juiz Lyttle terá de aceitar o depoimento de Eugenia, inclusive seus anjos. Contudo, uma decisão de veredicto dirigido não está sujeita a qualquer revisão; o Estado não pode apelar. Em conseqüência, alguns juízes – e Larren é notório – usam isso como um artifício para impor o resultado que favorecem. Assim, embora nossas possibilidades sejam mínimas, Stern quer apresentar a argumentação mais consistente possível. Minha incumbência é encontrar precedentes que de alguma forma aceitem a ausência de prova de motivo num caso circunstancial. Passo horas na biblioteca.

Temos uma reunião na manhã de domingo para discutir a estratégia. Sandy ainda não quer falar em detalhes sobre a base da defesa. Não faz menção a meu depoimento ou de outras testemunhas. Em vez disso, analisamos o restante das provas do Estado. Lipranzer deve testemunhar na segunda-feira. A argumentação do Estado começará agora a adquirir velocidade. As provas físicas passarão a ser apresentadas: as fibras; os registros telefônicos, as impressões digitais (presumindo que conseguirão descobrir o copo); a criada que acha que me viu no ônibus e Kumagai.

Stern volta a ressaltar o fator que me expôs outro dia durante o almoço: nossa necessidade de levantar dúvidas de alguma forma sobre Kumagai. Se não conseguirmos, os promotores chegarão ao final de sua apresentação com um tremendo ímpeto; e isso, por sua vez, pode obrigar Sandy a mudar sua estratégia para nossa apresentação. É um dos motivos pelos quais Stern reluta em chegar a opiniões finais sobre o que devemos fazer. Juntos, Stern, Kemp e eu procuramos meios de atacar Kumagai. Stern interrogou Kumagai em diversos julgamentos e partilha a opinião geral de que Indolor é um cara dos mais desagradáveis. O júri não se mostrará

ansioso em acreditar nele. Relato algumas histórias antigas sobre Indolor; finalmente, sugiro que sua ficha pessoal no departamento de polícia, onde estão registradas as queixas sobre o desempenho passado de Kumagai, seria uma boa fonte para examinarmos.

– Excelente idéia – diz Stern. – É maravilhoso ter um promotor do nosso lado.

Ele manda Jamie preparar imediatamente uma petição para a obtenção da ficha e outra para os registros do laboratório de patologia, a fim de descobrirmos o que mais Indolor estava fazendo em abril. Não emitimos a maioria dessas intimações de julgamento a que temos direito porque muitos dos assistentes do xerife, incumbidos de apresentá-las, avisam aos promotores, dando-lhes a oportunidade de combater as provas obtidas ou, pior ainda, aproveitarem-nas se forem favoráveis ao Estado. Mas agora que a apresentação da acusação está quase completa, devemos entrar em ação. Jamie vasculha suas anotações antigas para se certificar de que não vamos esquecer qualquer dos itens que desejamos obter. Ele prepara citações para cada um dos médicos de Carolyn, identificados por seu caderno de telefones, que encontrei no apartamento.

– E você queria também citar a companhia telefônica – Kemp me diz –, a fim de podermos examinar os dados sobre os RLUs de sua casa.

– Não se incomode com isso – eu me apresso em sugerir.

Não levanto os olhos, mas posso sentir o peso do olhar surpreso de Kemp fixado em mim. Stern, no entanto, continua a falar, sem pestanejar.

– Talvez, se não for produtivo levantar questões – diz Sandy –, devêssemos considerar estipulações.

Uma estipulação é uma declaração acertada entre promotoria e defesa com o relato do que uma testemunha diria, a fim de que não haja necessidade de chamá-la. À medida que pensa em voz alta sobre essa possibilidade, Stern se torna mais convencido de que é o caminho certo. Concordaremos com esse testemunho não apenas dos representantes da companhia telefônica, mas também dos peritos em Cabelos e Fibras e do químico da polícia. Com isso, abreviaremos o tempo em que essas provas danosas estarão expostas ao público. Della Guardia pode não aceitar a proposta, mas é provável que concorde. Para o promotor, há sempre uma bênção em não ter de discutir suas provas.

Tomadas essas decisões, Kemp e eu voltamos à biblioteca, uma sala de reunião no escritório de Stern em que códigos e anais judiciários se encontram em prateleiras de carvalho escuro do chão ao teto, pelas quatro paredes. Trabalho em uma mesa, Kemp em outra. Depois de alguns minutos, percebo que Jamie me observa, mas mesmo assim não levanto os olhos.

– Não entendi – ele diz finalmente, não me dando opção. – Você disse que havia alguma coisa errada com aqueles registros telefônicos.

– Deixe como está, Jamie. Tenho pensado a respeito desde então.

– Disse-me que deveríamos verificar se haviam sido ou não adulterados.

A intensidade em seus olhos não é raiva genuína. Há alguma coisa vulnerável. Como raramente acontece, Quentin Kemp, com suas botas de vaqueiro e casaco esporte de tweed, parece indefeso e jovem. Considera-se muito esperto para se deixar enganar.

– Jamie, é uma coisa que falei. Certo? Nessas circunstâncias, deve compreender.

Mas posso ver que ele não entende absolutamente nada. Incomoda-me a expressão em seus olhos, a convicção de que agora não pode acreditar em mim. Arrumo meu bloco e visto o paletó. Sandy ainda está em sua sala e lhe digo que estou indo embora. Ele estuda as resmas de provas científicas que Nico entregou em resposta a nossas petições. Espectrografias. Impressos de computador. O relatório completo da autópsia de Carolyn. Ele veste roupas informais, uma suéter bonita e calça esporte, parece relaxado sob a copa de vidro verde da lâmpada, fumando

seu precioso charuto.

LIPRANZER ESTÁ NO BANCO das testemunhas na manhã de segunda-feira. Nico toma o cuidado de mantê-lo longe de mim. A equipe da promotoria desce o corredor com Lip no momento em que Ernestine anuncia o início da sessão. Lipranzer veste terno, algo que detesta fazer, porém ainda parece mais com um condenado do que com um policial. É um terno pavoroso, com uma padronagem de tapeçaria. O penteado de rabo-de-pato parece especialmente oleoso. Acabo segurando a porta quando Lip entra no tribunal; apesar da presença de Nico na frente e de Glendenning atrás, Lipranzer me oferece um aceno e uma piscadela. Sinto-me fortalecido só por tornar a vê-lo.

Nico conduz Lip muito bem. É sua melhor inquirição no julgamento até este momento. Ele se mostra tranqüilo e obtém o que quer rapidamente. Sabe que Lip não é amistoso. Dirá a verdade, mas – bem diferente de Horgan – está aguardando uma oportunidade de morder os calcanhares de Nico. Delay toma precaução de não lhe dar essa chance. Se ele for profissional, sabe que poderá esperar que Lip aja da mesma forma. Ambos são contidos e breves.

– O Sr. Sabich alguma vez lhe disse que teve um relacionamento pessoal com Carolyn Polhemus?

– Protesto.

– Na mesma base como com o Sr. Horgan, Sr. Stern? – indaga o juiz.

– Isso mesmo.

– O protesto será indeferido. Senhores e senhores, tenho certeza de que recordam o que eu lhes disse na semana passada sobre as perguntas baseadas em pressuposições. Não é um fato só porque o Sr. Della Guardia está dizendo. Pode continuar.

Especulei como Lip responderá à pergunta. Mas ele diz simplesmente não. Nico não perguntou se eu havia sugerido que tal relacionamento podia existir ou se era um fato tacitamente compreendido por ambos, uma pergunta que Della Guardia não pode apresentar de maneira apropriada. Ele perguntou se eu lhe disse e Lipranzer respondeu corretamente. Limitado pelas formalidades das regras sobre as provas, nosso sistema de descobrir a verdade elimina a metade do que comumente se sabe.

Num estilo incisivo, quase britânico, Nico extrai o fato de que eu disse a Lip para não pegar os registros telefônicos de minha casa. E também arranca de Lipranzer as ocasiões em que ele teve de me lembrar para pedir a análise de computador das impressões digitais encontradas no copo em outros lugares do apartamento de Carolyn. Tudo emerge entre ambos com alguma estranha carga. Tenho certeza de que o júri sabe que alguma coisa não está certa aqui. E Nico é bastante esperto para informar ao final o que é. Depois de obter todo o necessário de Lipranzer, ele arma para a reinquirição, mostrando predisposição. Pergunta sobre os casos em que Lip e eu trabalhamos juntos.

– Seria justo dizer que, a esta altura, os dois formavam uma espécie de equipe de promotoria ou investigação?

– Sim, senhor.

– E, em decorrência do trabalho como equipe, vocês desenvolveram uma amizade pessoal?

– Sem dúvida.

– Uma amizade íntima?

Os olhos de Lip se desviam para mim por um momento.

– Acho que sim.

– Confia nele?

– Confio.

– E ele sabe disso?

Stern protesta: Lip não pode responder sobre o que eu sei e o promotor está extrapolando. A testemunha já caracterizou o relacionamento. Larren aceita a objeção por todas as alegações.

– Deixe-me formular a pergunta da seguinte maneira: foi designado para o caso inicialmente?

– Não, senhor.

– Quem foi designado?

– Harold Greer, um detetive da 18ª Delegacia, onde o crime ocorreu.

– Ele é um investigador competente?

– Na minha opinião?

Nico toma cuidado aqui, a fim de evitar objeções e impedir que Lip se esquive.

– O Sr. Sabich alguma vez lhe manifestou quaisquer restrições à capacidade de Harold Greer?

– Não, senhor. Todo mundo sabe que penso em Harold Greer como um policial do primeiro tipo.

– Obrigado. – Nico sorri, saboreando a bonificação. – E quem, pelo que sabe, decidiu entregar o caso ao Comando Especial e incumbi-lo da investigação, Detetive Lipranzer?

– O Sr. Sabich pediu que eu fosse designado para o caso, se é isso o que está querendo saber. Tinha autorização do Sr. Horgan.

– Segundo seu conhecimento, Detetive Lipranzer, o réu tem um relacionamento pessoal íntimo com alguém na força policial?

Lip dá de ombros.

– Não, que ele tenha mencionado.

Nico se pavoneia um pouco.

– Portanto, não é justo dizer, detetive, que você é a pessoa menos provável na força policial da cidade de suspeitar que o Sr. Sabich cometeu um assassinato?

A pergunta é passível de objeção. Stern começa a se mover, depois pára, as mãos nos braços da cadeira. Desta vez, estou de acordo com ele. Sandy percebera Lip hesitar e sabe que Nico, ao improvisar, cometeu seu primeiro erro. Ofereceu uma abertura a Lipranzer e vai sofrer um golpe.

– Eu nunca acreditaria nisso – diz Lip, simplesmente.

Ele enfatiza o “nunca” apenas um pouco. O que cairá bem com o júri. Não vai sair de seu caminho para desancar Nico. Mas aproveitou a oportunidade para manifestar seus sentimentos.

Sandy se levanta para a reinquirição. Conversamos ontem à noite sobre não reinquirir Lip. Stern não queria enfatizar os pontos favoráveis de Nico. Mas, ao que parece, a inquirição direta transcorreu ainda melhor para o Estado do que Stern previa. A atuação de Nico abriu a porta para uma espécie de catálogo dos sucessos que Lip e eu conquistamos juntos, como um meio de explicar por que eu o escolheria para o caso. Stern os repassa, um a um.

– E, diga-se de passagem – diz Stern, ao final disso –, mesmo em meio a essa investigação de homicídio, não estava investigando outro assunto junto com o Sr. Sabich?

Lip fica aturdido.

– Não havia um arquivo que estava guardado na gaveta do Sr. Horgan...

Sandy não segue adiante, porque Nico está de pé, gritando. Larren pega seu martelo e aponta para Stern.

– Sr. Stern, eu já lhe disse mais de uma vez que não quero mais ouvir falar sobre esse arquivo durante a apresentação da promotoria. Foi muito longe quando o Sr. Horgan estava depondo e não permitirei que isso volte a acontecer.

– Meritíssimo, essa prova é crítica para a nossa defesa. Tencionamos continuar a explorar o assunto desse arquivo quando for nossa vez de apresentar provas.

– Se é crítico para sua defesa, então podemos discutir a possibilidade de chamar de novo o Detetive Lipranzer nessa ocasião. Mas eu o advirto, senhor, a passar para outra área de inquirição, porque já ouvi o suficiente sobre essa história agora. Estou sendo claro?

O Juiz Lyttle espia por cima da bancada, com uma concentração impressionante nas feições.

Stern faz uma pequena mesura, inclinando a cabeça e os ombros. Descubro-me desconcertado pelo lapso de julgamento de Sandy. Ele sofreu uma descompostura na presença do júri, um revés inteiramente previsível, e ainda não entendo o que está tentando. Já lançou dúvidas sobre Molto por causa desse arquivo. Por que insiste? O júri, inevitavelmente, ficará desapontado, ainda mais porque ele continua a prometer provas de que não dispomos. Não podemos apresentar a carta que encontrei no Arquivo B porque é boato. Não compreendo a manobra de Stern e ele se esquiva sempre que o conduzo para o assunto. Trata-o como se fosse apenas mais um efeito de tribunal.

Stern, enquanto isso, voltou à mesa da defesa.

– Detetive Lipranzer, o Sr. Della Guardia fez-lhe algumas perguntas sobre os registros telefônicos. – Sandy levanta os documentos. – Pelo que entendi do seu depoimento, foi quem levantou com o Sr. Sabich a questão do número de sua casa, não é mesmo?

– Sim, senhor.

– Não foi ele?

– Não.

– Ele não lhe pediu de antemão que não obtivesse os registros de sua casa? Estou certo?

– Absolutamente correto.

– Mais do que isso, ele informou-o logo no início de que poderia encontrar ligações da Sra. Polhemus para um dos seus telefones?

– O telefone de seu escritório. Certo.

– Ele não lhe pediu ou disse para deixar de procurar quaisquer registros por esse motivo, não é mesmo?

– Não, senhor.

Há uma ênfase retumbante em todas as respostas de Lip. Stern está fazendo uma demonstração agora, mostrando o que um reinquiridor pode fazer com uma testemunha amistosa. Mas tudo é bastante evidente. Não há resistência. Lip está mais ou menos deixando que Stern testemunhe. Endossa prontamente a proposição de Stern de que foi sua a idéia de não obter os registros telefônicos de minha casa. Considerou-os irrelevantes; eu me limitei a concordar com a sugestão, dizendo, como as pessoas fazem com freqüência, que era melhor evitar uma citação, já que poderia perturbar minha esposa. Sandy volta à mesa da defesa para pegar um documento. Dá seu número e o entrega a Lip para identificação. É a citação original *duces tecum* à companhia telefônica.

– Que promotor emitiu essa citação?

– Rusty. O Sr. Sabich.

– O nome dele aparece como a autoridade que assinou a autorização, não é mesmo?

– É, sim.

– E, por seus termos, essa citação exigiria a apresentação daqueles registros?

– De acordo com o que diz?

– É a minha pergunta.

– A resposta é sim. A citação cobriria aqueles registros.

– Contém alguma isenção do telefone da casa do Sr. Sabich?

– Não.

– E a qualquer momento em que você ou alguma outra pessoa quisesse examinar os registros da casa do Sr. Sabich, essa citação exigiria a apresentação de tais registros?

– Sim.

– E mais uma coisa... não responda se estiver além de seu conhecimento... quando o Sr. Molto e o Sr. Della Guardia decidiram que queriam esses registros, basearam-se na autoridade dessa citação para obtê-los, não é mesmo?

– Acho que sim.

– E, portanto, o Sr. Sabich se encontra aqui em julgamento com base em provas que ele solicitou, certo?

Há uma agitação no tribunal. Nico protesta:

– A pergunta é argumentativa.

Larren sacode a cabeça, afavelmente.

– Sr. Della Guardia, está tentando demonstrar que o Sr. Sabich tentou estorvar a aquisição de provas como um meio de comprovar seu reconhecimento de culpa. E a promotoria tem direito a fazer isso, mas a defesa também tem o direito de mostrar que as provas apresentadas foram obtidas graças aos esforços do réu. Não sei de que outra forma elas poderiam contestar suas provas. Protesto indeferido.

– Repito – diz Sandy, postando-se na frente de Lipranzer. – O Sr. Sabich está sendo julgado aqui com provas que ele próprio solicitou.

– Certo. – Ansioso como um recruta, Lip acrescenta: – E o mesmo ocorreu com as impressões digitais.

– Tem razão – diz Sandy, e passa para as impressões digitais. Foi Sabich quem visitou pessoalmente o McGrath Hall, reuniu-se com Lou Balistrieri, exigiu que as impressões fossem processadas. É verdade que Sabich andava muito ocupado, dirigindo todo o escritório da promotoria enquanto Horgan se dedicava à campanha, mas também foi por seus esforços que se obteve a prova que agora é usada na tentativa de condená-lo. – Ele obstruiu seu trabalho? – pergunta Sandy ao final.

Lip se empertiga na cadeira.

– Não.

– Ele o estorvou de alguma forma?

– Não, em minha opinião.

– Creio que disse ao Sr. Della Guardia, detetive, que mesmo que tivesse conhecimento dessas provas, seu respeito e afeição por Rusty Sabich, depois de tantos anos de amizade, fariam com que nunca desconfiasse, muito menos acreditasse, que ele cometera esse homicídio. Estou certo?

Pela maneira como Lip hesita, receio por um momento que Stern tenha ido longe demais. Mas depois compreendo que Lip está apenas fazendo um esforço desajeitado de efeito dramático.

– Nunca – ele repete.

Stern senta. Ao fazê-lo, sorri furtivamente para mim, um gesto destinado em grande parte ao júri. Não obstante, pela primeira vez tenho a impressão de que os jurados não estão satisfeitos com o desempenho de Stern. Não foi convincente. Aquele *tour de force* ainda não explica por que não ofereci voluntariamente a Lip a informação sobre as ligações de minha casa, especialmente a que foi feita na noite do crime. O novo interrogatório de Stern não oferece qualquer explicação para que eu não pudesse trabalhar com Harold Greer, cuja aparência é muito

mais significativa para o júri que a de Lipranzer. Ela não oferecia outra alternativa a não ser procurar Lou Balistrieri quando Lipranzer – para não mencionar Horgan – me pressionava a fazer isso. E o diálogo final, embora comovente em sua falta de jeito, é mera conversa fiada. Ninguém poderia deixar de se sentir embaraçado pela descoberta dos registros telefônicos e impressões digitais. A natureza duvidosa da reinquirição é enfatizada pela reação obediente de Lip à orientação de Stern. Tudo está bem claro: Lipranzer é um amigo e está disposto a se deixar guiar. É impossível que o júri não perceba isso. É como eu sempre temi. A regra da reação igual e contrária também se aplica no tribunal. Devido em grande parte à sua relutância visível, Dan Lipranzer foi até agora a testemunha mais prejudicial para mim.

A TARDE CONTINUA o movimento descendente. As estipulações são preparadas e lidas. Vindo na esteira do depoimento de Lipranzer, a revelação do conteúdo dos registros telefônicos é terrível. Nico lê pessoalmente a estipulação. Finalmente apreendeu a medida daquele júri. É uma turma esperta e eles querem que os fatos sejam apresentados sem qualquer verniz. Nico assume um tom comedido e só levanta os olhos um pouco ao concluir a leitura, a fim de poder observar a prova sendo absorvida. Os jurados estão atentos e sinto o peso de seus cálculos. Descubro que, na condição de réu, experimentam-se os momentos de baixa no tribunal muito mais intensamente do que como advogado. Minha tarde assenta numa sensação de fraqueza e depressão, com um coeficiente de náusea palpável.

A estipulação sobre as fibras de carpete é longa, mas tem um impacto similar. Ao concordar em abrir mão do testemunho, Nico perdeu, em tese, o drama de uma apresentação ao vivo. Mas as testemunhas técnicas tendem a ser secas e exageradamente envolvidas. Os sumários por escrito são bastante objetivos para causar algum impacto. E, assim, não há possibilidade de que Stern possa se empenhar em algum desvio ou atenuação magistral. Os fatos, como são, afloram com uma saliência terrível. O único aspecto favorável – de que nenhuma das minhas roupas combinava com qualquer das fibras encontradas – pode ser explicado com bastante facilidade. As roupas que eu usava naquela noite foram descartadas – junto com a arma do crime. Ou simplesmente não soltaram fibra alguma. Essas conclusões, inevitáveis e aritmeticamente diretas, parecem adensar o ar no tribunal. Posso senti-las se instalando em todos os lados. E, com isso, uma espécie de quietude ou calmaria habita o lugar. É mais do que a modorra do meio da tarde. Em vez disso, parece que todos os observadores, inclusive os jurados, perceberem uma mudança de rumo, uma oscilação do impulso mais em consonância com as expectativas originais. Os promotores levaram mais tempo do que deveriam, mas estão assumindo o controle do julgamento, provando suas alegações.

Como sempre, é Molto, descuidado e ansioso demais, quem começa a me arrastar de volta do abismo. Depois que a última estipulação é lida, ele pede uma conferência de corredor.

– O que é? – pergunta Larren, quando todos estamos reunidos.

– Juiz – ele diz –, estamos prontos para apresentar o perito em impressões digitais. Só há um pequeno problema.

Kemp olha para mim com um júbilo malicioso. O pequeno problema, assim chamado, é óbvio para nós dois: eles não encontraram o copo. O sorriso de Jamie é bem-vindo. É o primeiro sinal de simpatia renovada entre nós por mais de um dia e ocorre no momento certo, pois os membros da defesa permaneceram mudos e sombrios durante toda a tarde. No recesso das 15h30, encontrei Stern no banheiro e não trocamos uma palavra sequer. Ele se limitou a me oferecer um típico dar de ombros judeu-latino. Os olhos estavam apáticos. Sabíamos que isso estava para acontecer, ele pareceu me dizer. Nosso tempo na corda bamba terminara.

Agora, na pequena ante-sala de seu gabinete, o Juiz Lyttle fulmina. Molto ainda não é capaz

de fazer qualquer coisa certa aos olhos de Larren.

– Está querendo me dizer que concluiu sua busca e esse objeto não pode ser absolutamente encontrado?

– Juiz... – ele começa a dizer.

– Porque esse é um fato decisivo. E terei de decidir sobre essa base. Mas, se está dizendo que acha que a coisa vai aparecer, mas neste momento lhe é mais conveniente continuar sem isso, então é algo muito diferente. Não vamos falar em continuar agora e descobrir a prova mais tarde. Entendido?

Nico segura o braço de Tommy. Diz ao juiz que gostariam de procurar por mais uma noite.

– Muito bem – diz Larren. – Devo presumir que vai propor um recesso até amanhã?

Nico responde em tom incisivo:

– Isso mesmo.

É evidente que o sucesso do dia o fortaleceu. Pode tolerar a adversidade sem aflição. Parece recuperar sua antiga confiança.

– Meritíssimo – diz Stern –, espero que o tribunal não tenha decidido permitir que a acusação prossiga com a prova das impressões digitais na ausência do copo. Se apraz ao meritíssimo, gostaríamos de ser ouvidos nessa questão.

– Compreendo perfeitamente – diz Larren. – Pode querer fazer alguma pesquisa sobre esse assunto, Sr. Stern. E terei o maior prazer em ouvi-lo. E posso lhe garantir desde já que não estou disposto a deixar que alguém sente no banco das testemunhas em meu tribunal e manifeste suas opiniões sobre o que diz ter observado uma vez em algum objeto físico que ninguém consegue mais encontrar. – Ele lança um olhar furioso para Molto. – Portanto, consulte os livros esta noite e eu o escutarei. E, Sr. Della Guardia, se eu estivesse no seu lugar, enrolaria as mangas da camisa e procuraria pessoalmente essa prova.

– Sim, meritíssimo – diz Nico, submisso.

Stern me lança um olhar expressivo debaixo da testa ampla, enquanto voltamos ao tribunal. Parece estar indagando. É quase como se achasse que posso explicar a ausência do copo. Talvez seja apenas um senso de promessa que empresta essa expressão a Sandy. Se Larren impedisse os promotores de apresentar a prova das impressões digitais, o caso contra mim fracassaria sem dúvida alguma. Stern não tem certeza se deve ou não se sentir esperançoso. Nem eu.

Ele pensaria mesmo em manter essa prova de fora? Pergunto a Stern, enquanto paramos atrás da mesa da defesa.

Estamos esperando que o júri volte ao tribunal, a fim de que o juiz possa dispensá-lo pelo restante do dia.

– Parece-me que é uma questão de prova das mais sérias. Não concorda? Devemos estudar o assunto esta noite.

Mais tempo para Kemp e para mim na biblioteca. Aceno com a cabeça, aceitando a instrução tácita de Stern.

POR VOLTA DAS 21h30 daquela noite, Kemp volta à pequena biblioteca de Stern e informa que há uma ligação para mim. Ele permanece na biblioteca para examinar as séries de precedentes que copiei dos anais do supremo estadual e dos tribunais de apelação, enquanto vou à mesa da recepcionista, onde Jamie atendeu ao telefonema. Uma linha está piscando, à espera. Presumo que seja Barbara. Ela quase sempre me liga mais ou menos a essa hora, a fim de conversar sobre os acontecimentos do dia por alguns momentos; e todas as noites eu me entrego a arabescos de hesitação e respostas contidas.

A verdade é que tenho me esforçado ao máximo para evitar Barbara desde os dias

imediatamente anteriores ao julgamento. Sugeri que ela fosse dormir a cada noite antes de minha volta; tenho jantado com Stern e Kemp, impedindo-a sequer de me deixar uma refeição preparada. Não posso suportar ter sua curiosidade teórica focalizada em cada prova como uma luz de alta potência. Não quero essas cenas tarde da noite em que remoemos os acontecimentos do julgamento, como fazíamos com os criminosos que eu acusava. Ficaria insuportavelmente constrangido em ouvir Barbara se empenhar numa análise profunda das decisões táticas tomadas neste julgamento por minha vida. Acima de tudo, não desejo ser atraído a discussões sobre o meu desconforto. Com as provas sendo desfiadas todos os dias diante de nossos olhos, sei quais são as conclusões a que ela pode chegar e, no meu estado atual, não agüentaria a confrontação – para atenuar as suspeitas ou confirmá-las.

Mas, quando pego o fone, não é a voz de Barbara que escuto.

– Como está? – diz Lip. – Pensei que iam lhe dar uma medalha ou qualquer coisa assim pelos feitos sensacionais que fizemos juntos.

– Você foi ótimo – digo a ele.

Não há sentido em dizer a verdade.

– Delay é um sacana – diz Lip. – Schmidt me procurou nesta manhã, antes de eu ir para o tribunal. Disse que um passarinho queria ter certeza de que eu entendia o recado, que se fizesse alguma sacanagem no banco das testemunhas estaria designado para a ronda sozinho no durante a madrugada. O cara é muito sutil.

Solto um grunhido, de concordância. Também mandei alguns recados, de tempos em tempos, para tiras que tinham alguma amizade peculiar com um advogado de defesa; que conheciam o réu há muito tempo. Isso faz parte da função.

– Pensei que poderíamos nos encontrar esta noite – diz Lip. – Para conversar sobre aquela coisa em que eu disse que o ajudaria. – Ele se refere a procurar Leon. – Que tal eu levá-lo para casa no meu carro? Ainda ficará aí mais algum tempo?

– Provavelmente mais umas duas horas.

– Está ótimo para mim. Eles me puseram no turno das 16 horas à meia-noite. Sairei para o meu café mais cedo. Esquina da Grand e Kindle às 23h30? Estarei com o Áries sem identificação.

Operamos como num filme de espionagem. Espero no saguão até o carro aparecer e Lip mal pára cinco segundos junto ao meio-fio antes de tornar a partir. Agora que já passou pelo banco das testemunhas, a pressão diminuiu, mas ainda há muitas pessoas que lhe diriam que a sabedoria maior neste momento é manter-se longe de mim. Ele vira a esquina tão depressa que a traseira derrapa um pouco na rua escorregadia de uma chuva leve. Torno a elogiá-lo por seu depoimento.

– Foi bom, porque você jogou limpo.

– Estou tentando. – Ele estende a mão para o rádio, que está fazendo o maior alarido. – Isso é grande – comenta Lip, referindo-se ao rádio. – Estamos trabalhando numa grande operação de tóxico com os federais para compensar aquele fiasco de abril. Os caras entram no ar a todo instante para se certificar de que ninguém vai sair da linha. É melhor torcerem para que o alvo não tenha um monitor, porque se tiver não poderia deixar de tomar conhecimento da festa.

Pergunto o que está acontecendo.

– A história é ótima – responde Lip. – Arrumaram uma linda agente num casaco de pele, que foi presa na última vez em que a força especial deu uma batida na espelunca do Muds Corvino. Ela está bancando uma dessas suburbanas viciadas e vai comprar coca de alguém lá em Nearing.

– Provavelmente um dos meus vizinhos – comento. – Há um cara no quarteirão chamado Cliff Nudelman que tem o nariz mais vermelho que já vi.

Ficamos em silêncio, escutando o rádio. Polícia e ladrão. Experimento uma vaga melancolia ao admitir para mim mesmo que sinto saudade. Há muita estática por causa da chuva. Relâmpagos e trovoadas não devem estar distantes. Reluto em mencionar Leon primeiro, mas acabo perguntando a Lip como estão as coisas.

– Não comecei – ele responde. – Mas vou fazê-lo. A primeira coisa. Só que não tenho a menor idéia de onde procurar. É isso que eu queria saber. Tem alguma sugestão?

– Não sei, Lip. Não deve ser tão difícil encontrar uma bicha chamada Leon. Entreviste garçons. Ou decoradores de interior.

– Provavelmente se mudou para São Francisco. Ou morreu de Aids ou alguma porra assim.

Recuso-me a responder à insinuação de Lip de que seus esforços seriam inúteis. Passamos um momento calados; o rádio berra.

– Posso fazer uma pergunta? – ele diz depois de algum tempo. – É tão importante assim?

– Para mim?

– Isso mesmo.

– E muito.

– Posso perguntar por quê? Acha mesmo que esse veado vai lhe contar alguma coisa?

Digo a ele a mesma coisa que falei antes.

– Quero descobrir uma coisa, Lip. Essa é a maneira mais honesta que posso explicar.

– Sobre Molto?

– Sobre Molto. Exatamente. Foi assim que calculei. Até onde posso calcular alguma coisa.

Estamos perto do terminal rodoviário, um lugar desolado a qualquer hora, mas especialmente à meia-noite e com chuva. Olho em sua direção, uma massa triste no escuro. A fé definhante de Lip em mim paira aqui com uma tristeza enevoada própria. Mais até do que os riscos, é isso o que o incomoda. Ele também calculou as coisas, de sua perspectiva pessoal. Quero usar essa coisa com Molto como uma manobra diversionária – para repetir Nico, uma pista falsa. A relutância de Lip é óbvia para nós dois e é um sinal angustiante da minha posição de que devo usar nossa amizade como uma alavanca para levá-lo a fazer o que sei que resistiria em relação a quase todo mundo.

– Vamos pelo menos tentar encontrar sua ficha. Berman, o investigador particular de Sandy, disse que nem mesmo conseguiu obter um registro de prisão do departamento.

– Já lhe disse, cara, que eles estão abafando a coisa. Vão esfolar Kenneally vivo por ter se encontrado com você.

Demoro algum tempo para absorver a informação.

– Como soube disso?

– O chefe da ronda não pode ir a lugar algum sem que as pessoas percebam. – A chuva bate na janela. O ar é abafado. Compreendo agora aquele negócio de encontro de espiões na esquina. – O que ele contou?

– Não muita coisa. Disse que Carolyn e Larren tiveram um caso há muito tempo. O que acha disso?

– Acho que ele se virava – diz Lipranzer –, a mesma coisa que sempre pensei.

– Ele disse que Larren a colocou no escritório da promotoria por intermédio de Raymond.

– Dá para imaginar.

– Também pensei assim.

– Ele contou mais alguma coisa?

– Mais história antiga. Sabe como é: o Distrito Norte era um lugar muito sujo, mas ele acha que Molto estava limpo.

– E acredita nele... a repeito de Molto?

– Não quero acreditar.

– Uma coisa posso lhe garantir: eu não aceitaria as opiniões daquele cara sobre sujo ou limpo. Só Deus sabe de onde ele vem.

– O que há entre você e Lionel?

– Não é meu tipo de tira – diz Lip simplesmente.

Atravessamos a ponte de Nearing a esta altura e entramos na súbita escuridão da pequena comunidade, longe do brilho vistoso das luzes amareladas da estrada.

– Trabalhei com ele quando comecei.

– Eu não sabia.

– Pois trabalhei. E o vi em ação. Não é meu tipo de tira.

Decido não perguntar.

Lip olha pelo pára-brisa. As sombras dos limpadores deslizam pelo seu rosto.

– Estamos falando de 12 a 14 anos atrás – ele finalmente acrescenta. – As coisas eram diferentes. Sou o primeiro a admitir isso, entendido? Todo mundo entrava na grana naquele tempo. Certo? Mas todo mundo mesmo.

Lip olha para mim e compreendo o que está querendo dizer. Acho desconcertante.

– Os cafetões, os donos dos bares, todos tinham que dar algum dinheiro. Nem mesmo se falava a respeito. Estava ali. Portanto, não estou jogando pedra em ninguém, entende? Mas uma noite estou saindo de um lugar... 2 ou 3 horas da madrugada... e um carro da polícia vem descendo a rua a toda velocidade e pára de repente. A primeira coisa que penso é que está atrás de mim. E por isso chego um pouco mais perto. Mas ele nem mesmo me vê. É Kenneally. Sabe como é, ele é um sargento a esta altura, por isso está sozinho, supervisor de ronda. E está olhando para o outro lado da rua. Para um portal. Há uma vigarista ali, entende? Uma negra. Daquele tipo, com a saia lá no queixo e uma malha por baixo ou qualquer merda assim. Escuto Kenneally assoviar. Pode imaginar como é? Como se chamasse um cachorro ou um cavalo. Uma coisa alta assim. E ele entra com o preto-e-branco num beco. Salta e vai olhar pela rua para a profissional, apontando com o dedo assim.

Lip estica um indicador para a virilha.

– Um sorriso grande. E a mulher espera e espera. E ele continua a apontar e sorrir. Diz alguma coisa que não entendo direito. Não diga não. Ou qualquer coisa por aí. E a vigarista começa a atravessar a rua lentamente como... Cara, não era fácil, ela arrastava a bolsa como se tivesse uma bigorna lá dentro. E Kenneally continuava com aquele sorriso grande. Senta no carro da polícia. Tudo o que dá para eu ver são as suas pernas se projetando pela porta, a cueca nos tornozelos, a mulher ajoelhada, enquanto trabalha. O sacana nem mesmo tirou o chapéu.

Lip entra no caminho da minha casa. Desliga o motor e acende um cigarro. E repete:

– Ele não é meu tipo de tira.

32

A primeira batalha encarniçada no tribunal por uma questão de direito ocorre no dia seguinte e ocupa a manhã inteira. Nico descreve uma busca de seis horas, item a item, na sala de provas da polícia. Não conseguem encontrar o copo. Ambas as partes prepararam petições por escrito sobre a aceitação do testemunho a respeito das impressões digitais no copo, apesar disso. Kemp escreveu nossa petição em algum momento depois de meia-noite. Molto deve ter começado ainda mais tarde, já que Nico disse que procuraram a prova até 1 hora. Cada homem exibe uma expressão nebulosa, os olhos injetados, de um advogado em pleno julgamento. Larren retira-se para seu gabinete, a fim de ler as petições, depois volta para ouvir as sustentações orais. A princípio, somente Nico e Stern devem se dirigir ao tribunal, mas cada um recorre com tanta freqüência a seus respectivos assistentes que não tarda muito para que todos os quatro advogados estejam falando, com o juiz interrompendo, formulando perguntas hipotéticas e, de vez em quando, pensando em voz alta. Stern apresenta seus argumentos com mais veemência do que em qualquer outra ocasião do julgamento. Talvez preveja uma oportunidade para o triunfo; talvez o desespero esteja aumentando, depois dos acontecimentos desfavoráveis de ontem. Continua a enfatizar a injustiça fundamental de obrigar o réu a confrontar um testemunho científico cuja base não tivemos a oportunidade de avaliar. Nico e depois Molto insistem que a chamada cadeia de custódia é incontestável. Quer o copo venha a ser encontrado ou não, os testemunhos de Greer, Lipranzer e Dickerman, o supervisor do laboratório, determinam, no conjunto, que as impressões foram identificadas das amostras encontradas no copo, obtidas no dia seguinte ao assassinato.

A discussão entre os advogados é interminável e descubro meu ânimo numa espiral vertiginosa, escalando e mergulhando no instante seguinte, da exultação ao lamento amargo. É evidente que o juiz está indeciso. É uma dessas questões, como há muitas durante um julgamento, em que qualquer decisão de um juiz está dentro dos limites legais. As autoridades apóiam uma decisão para qualquer lado. A maneira como Larren desanca Nico e Tommy pela negligência da polícia me deixa convencido, em alguns momentos, de que a prova será excluída. Mas os promotores são francos sobre a devastação que isso acarretaria para o seu caso e, sem dizê-lo expressamente, insinuam a inconveniência de encerrar um julgamento tão divulgado em decorrência de negligência policial. Ao final, esse argumento parece o mais persuasivo e Larren decide contra a defesa.

– Vou aceitar esse testemunho – o juiz anuncia, pouco depois que o relógio do tribunal passou de meio-dia.

Ele explica em seguida a base de sua decisão para os autos, a fim de que o tribunal de apelações possa avaliar seu julgamento, se chegarmos a isso.

– Devo dizer que reluto bastante em fazê-lo, mas estou influenciado por sua importância óbvia para o caso. Claro que esse mesmo fato, considerando-se o conjunto de algumas das coisas que aconteceram aqui – o juiz olha para Molto – ... leva-me a compreender o ceticismo da defesa. Eles estão certos ao ressaltar que não tiveram a oportunidade de examinar um objeto de

prova mateiral. Por outro lado, o objeto propriamente dito não será apresentado. A falha é atribuída ao depósito de provas da polícia. Quero que fique registrado nos autos que os responsáveis pelo depósito de provas da polícia são culpados há anos por esse tipo de desleixo na guarda e apresentação de objetos essenciais a um julgamento. Esse é, provavelmente, o exemplo mais dramático mas não o único de que todos temos conhecimento. E devo dizer que é esse conhecimento, obtido fora dos autos, que me influencia a permitir o testemunho. O fato é que os promotores mais bem-intencionados... e não estou absolutamente decidindo sobre as intenções do Sr. Della Guardia ou do Sr. Molto, que parece ter sido a última pessoa a estar com o copo em seu poder... – Larren lança outro olhar sombrio para Tommy. Greer realmente disse isso?, especulo. – ... mas os promotores mais bem-intencionados não são capazes, ao que tudo indica, de controlar o que acontece com as provas depois que deixam suas mãos. É possível que haja má-fé aqui. Estarei atento a indicações adicionais sobre isso: e se houver esse tipo de má-fé, então esta acusação estará encerrada. Ponto final. Mas, de um modo geral, essa possibilidade me parece tão inadmissível que vou presumir que não é verdadeira. Contudo, darei ao júri instruções restritivas sobre o testemunho e quero aproveitar a hora do almoço para elaborá-las. A sessão será reiniciada às 14 horas.

O juiz deixa a bancada, pedindo aos advogados que permaneçam no tribunal por mais alguns momentos, a fim de ouvir suas opiniões sobre as instruções que vai elaborar. Sandy se mostra filosófico. É patente agora que ele acreditava que ganharíamos. Explico o que aconteceu a Barbara, que parece bastante transtornada pela decisão de Larren.

– Não é justo – ela me diz. – Você não teve nenhuma chance de examinar o copo.

– Mas eu compreendo. É uma dessas decisões que um juiz tem de tomar.

Não estou tentando ser heróico. Durante todo o tempo, avaliei Larren contra o meu barômetro interno. Neste caso, eu teria decidido da mesma maneira.

Vou ao banheiro. Quando saio, encontro Nico outra vez na pia, lavando as mãos, virando a cabeça para a esquerda e a direita, a fim de verificar a posição dos cabelos sob a luz.

– E então, Rusty, vamos ouvi-lo na próxima semana? – ele pergunta.

Pelas leis de informação do Estado, a defesa não tem obrigação de comunicar à promotoria quais são suas testemunhas. Se o réu vai ou não depor é muitas vezes o segredo mais bem guardado da defesa. A promotoria deve encerrar amanhã. Presumindo que o juiz conceda um dia para as discussões sobre a petição de veredicto dirigido, nossa apresentação começará na próxima segunda-feira. Se os promotores não receberem qualquer indicação de nossas intenções, não saberão se passamos o fim de semana nos preparando para reinquirições ou para as alegações finais. Na maioria das vezes, acaba-se dividido entre as duas direções.

– Tenho certeza de que Stern lhe dirá, Delay, assim que decidirmos.

– Aposto dez pratas como você vai depor.

Nico está jogando, sondando meu autocontrole. Mostra-se muito mais duro do que em nosso encontro aqui na semana passada. Este é o velho e astuto Nico.

– Talvez você ganhe – eu digo. – Preparou a reinquirição?

– Tinha de preparar. Afinal, não podia reinquirir Barbara. Ela é simpática demais.

Nico está sondando de novo. Quer saber se Barbara vai testemunhar para confirmar meu álibi. Talvez esteja tentando descobrir se me horrorizo à perspectiva de Molto inquirindo minha mulher.

– Você é muito mole, Nico.

Olho para o meu reflexo no espelho. Já cansei dessa conversa. Nico, animado pelo rumo favorável dos acontecimentos nos dois últimos dias, não quer desistir.

– Não me decepcione, Rusty. Quero realmente ouvir tudo. Sabe, às vezes fico pensando: como é possível que o cara que conheci tenha feito uma coisas dessas? Não posso deixar de especular.

– Se eu lhe contasse o que realmente aconteceu, Nico, você não ia acreditar.

– O que está querendo dizer com isso?

Eu me viro e ele me segura pelo cotovelo.

– O que isso significa? – Nico insiste. – Não é aquela besteira sobre Tommy querer incriminá-lo, não é mesmo? Isso foi uma coisa para os jornais, Rusty. Lembre-se, está falando com Delay. – Ele toca em sua camisa. – Não pode acreditar nisso. Não passa de um monte de besteiras. Em particular, vamos deixar essa merda de lado. Só você e eu. Aqui. Velhos companheiros. Ninguém repete nada. Está me dizendo que acredita nessa besteira?

– Onde está o copo?

– Ora, que se foda isso! A polícia perde tudo. Nós dois sabemos disso.

– Ele parece ter ensaiado muito bem com Eugenia.

– Como assim? Pensa mesmo que ele mandou Eugenia dizer “meu anjo”? Não me venha com essa. Ele aplicou alguma pressão nela. Admito. E foi uma estupidez. Eu lhe disse isso. Pode estar certo de que eu disse. Tommy é compulsivo. E você sabe disso. Gostava muito de Carolyn. Era muito chegado a ela. Considerava-a uma de suas melhores amigas. Quase que esse negócio de irmã mais velha. Tinha o maior respeito por Carolyn. E por isso está tão empenhado neste caso.

– Chegou a examinar aquela pasta, Nico?

– A que estava na gaveta de Raymond?

– Faça seu dever de casa. Sozinho. Pode ter algumas surpresas. Sobre a irmã mais velha e o irmão caçula.

Nico sorri e balança a cabeça para indicar que não compra a história. Mas posso perceber que absorveu o recado. Divirto-me com a vantagem. Há anos conheço as encenações de Nico. Enxugo as mãos numa toalha de papel, com a boca contraída para mostrar que não falarei mais nada.

– Então é isso, hem? Esse é o grande segredo. Tommy é o culpado. É o que estou esperando para ouvir?

– Vá em frente, Delay – digo suavemente, ainda de costas para ele. – Eu lhe darei uma prévia. Uma pergunta. Bem aqui. Eu e você, como disse. Em particular. Apenas os velhos companheiros. Ninguém repete nada para ninguém.

Eu me viro e olho para ele.

– Foi você? – pergunta Nico.

Eu sabia que ele faria esta pergunta. Mais cedo ou mais tarde, alguém tinha de perguntar expressamente. Acabo de enxugar as mãos e convoco tudo em mim que pertence à verdade, cada grama de sinceridade que possuo em minha atitude.

– Não, Nico – murmuro, fitando-o nos olhos. – Não matei Carolyn.

Posso perceber que o atinjo: alguma dilatação nas pupilas; os olhos se tornam mais velados no mesmo instante. Alguma coisa parece mudar em seu rosto.

– Muito bom – ele diz finalmente. – Será bastante convincente. – E depois sorri. – Então tudo não passou de uma sacanagem, hem? Acusado falsamente e todo o resto?

– Vá se foder, Delay.

– Eu sabia que também ouviria isso.

Ambos saímos do banheiro rindo. Quando levanto os olhos, descubro que atraí a atenção de

Stern e Kemp, que estão parados a alguma distância no corredor, conferenciando com Berman, o investigador particular. Ele é muito alto, com uma barriga enorme e uma gravata vistosa. A expressão de Stern é de irritação. Talvez esteja contrariado por me ver com Nico, mas parece que foi interrompido. Acena com a mão, dispensando os outros dois, volta a entrar no tribunal. Kemp se afasta alguns passos com Berman, depois volta ao meu encontro. Observamos Delay seguir Sandy até a sala do tribunal.

– Não estarei aqui esta tarde – diz Jamie. – Surgiu uma novidade.

– Uma coisa boa?

– Muito boa, se for confirmada.

– É um segredo?

Jamie olha para a porta do tribunal.

– Sandy disse para não falar nada neste momento. Para não levantar falsas esperanças. Ele prefere ser cauteloso. Você tem de compreender.

– Não posso.

Berman, a alguma distância, diz a Kemp que eles têm de ir logo. Jamie toca em meu braço.

– Se der certo, você ficará muito satisfeito. Confie em mim.

Minha expressão, tenho certeza, é abjeta, confusa, de frustração com meus próprios advogados. Mas sei que não posso protestar. Eu mesmo ensinei Jamie Kemp a ser frugal com sua confiança. Eu o instruí no ceticismo profissional, em acreditar que o melhor julgamento é esperar.

– Aconteceu algo com uma das citações – ele diz.

Berman chama de novo: disseram ao cara que estariam lá às 13 horas. Jamie se afasta.

– Confie em mim – ele diz mais uma vez, antes de atravessar o corredor a passos rápidos.

– SENHORAS E SENHORES – Larren lê, em voz alta. – Estão prestes a ouvir o depoimento de um perito em impressões digitais, Maurice Dickerman, sobre a prova que ele alega ter identificado num determinado copo. Ao considerarem essa prova, vocês devem... eu digo *devem*... lembrar que a defesa não teve a oportunidade de examinar esse copo. O testemunho é válido, mas cabe a vocês determinar que peso lhe dar. A defesa não teve nenhuma oportunidade de verificar que explicação científica pode haver para a prova da acusação. Não teve a oportunidade de verificar se havia alguma forma de chicana... não estou afirmando que houvesse, mas sim que a defesa não teve uma chance de chamar seu próprio cientista para dizer sim ou não a respeito. Não teve a possibilidade de verificar se não havia algum equívoco. Um equívoco inocente, mas, ainda assim, um equívoco. Não teve sequer a oportunidade de saber se algum outro cientista não olharia para o copo e diria que aquelas impressões digitais pertenciam a outra pessoa.

"E estou lhes instruindo como uma questão de direito, senhoras e senhores, que ao final das apresentações, quando estiverem deliberando a respeito, têm o direito de considerar não apenas este depoimento, mas também a impossibilidade da acusação de apresentar o copo, favoráveis à defesa. E é admissível... não estou lhes dizendo o que fazer... mas é admissível que um fato somente levante em suas mentes uma dúvida razoável que exigiria a absolvição do Sr. Sabich.

"Muito bem, vamos continuar."

Molto, no púlpito, demora um momento a fitar o juiz. A esta altura, os dois abandonaram qualquer farsa. Há um ódio evidente entre eles, e isso é visível e intenso. Nesse meio tempo, o impacto da instrução restritiva de Larren se abate sobre o tribunal. A defesa, neste instante, leva uma vantagem considerável. A prova das impressões digitais foi contestada pelo próprio juiz. A absolvição, ele apregoa, é uma conclusão admissível. A sugestão de que um erro foi cometido, de que houve um equívoco, é decisiva num julgamento criminal.

Morrie Dickerman sobe ao banco das testemunhas. Um autêntico profissional. Um nova-iorquino magro, de óculos grandes, aros escuros, Morrie acha que as impressões digitais são fascinantes. Gostava de mim porque eu sentava ali e o escutava. Morrie é tão bom quanto Indolor é ruim... o tipo de miscelânea que se encontra no serviço público. Senta ali com suas fotografias e slides, mostra ao júri como se faz. Explica como ocorrem as impressões digitais, um resíduo de óleo deixado por determinadas pessoas, em determinadas ocasiões. Algumas pessoas nem deixam impressões. A maioria deixará impressões em algumas ocasiões, não em outras. Depende do quanto suam. Mas, quando deixam uma impressão, é única. Nenhuma impressão digital é igual a qualquer outra. Morrie discorre sobre tudo isso à sua maneira generosa, depois me arrasa nos últimos cinco minutos do depoimento com suas fotografias do bar, o copo, as impressões, as ampliações da minha ficha de funcionário público. Todos os pontos similares de comparação foram assinalados com flechas vermelhas. Morrie, como sempre, veio bem preparado.

Stern passa algum tempo de pé, estudando a ampliação fotográfica de uma das minhas impressões no copo, antes de começar. Vira a fotografia para Morrie.

– Em que momento de 1º de abril foi feita esta impressão, Sr. Dickerman?

– Não sei dizer.

– Mas tem certeza de que foi feita em 1º de abril?

– Também não há meio de dizer isso.

– Como? – Stern contrai a boca numa falsa surpresa. – Mas pode, é claro, nos garantir que foi feita por volta de 1º de abril?

– Não.

– Quanto tempo as impressões digitais podem durar?

– Anos.

– Como?

– Podem se passar anos antes que os óleos se desfaçam.

– Qual é a impressão digital mais antiga que já tirou durante todo o tempo em que trabalha no departamento de polícia?

– Num caso de seqüestro, tirei uma impressão digital do volante de um carro abandonado que tinha três anos e meio.

– Três anos e meio? – Stern solta uma exclamação aturdida. Ele é uma maravilha. O homem que arrasou com Raymond Horgan simula agora um suave espanto, toda a deferência com o perito. Age como se estivesse medindo cada passo enquanto avança. – Quer dizer que o Sr. Sabich poderia ter pegado este copo seis meses antes, quando esteve no apartamento da Sra. Polhemus durante o julgamento *McGaffen*?

– Não posso dizer quando o Sr. Sabich pegou o copo. Só posso dizer que há duas de suas impressões digitais. Isso é tudo.

– Vamos supor que o Sr. Sabich tenha tocado no copo por algum motivo... limitou-se a tomar um pouco de água, o que passou despercebido, ou apenas o interior do copo foi enxaguado... é possível que suas impressões ali permanecessem?

– É, sim. E por falar nisso, é teoricamente possível que o copo inteiro tenha sido submerso. De um modo geral, sabão e água removem os óleos, mas há exemplos na literatura em que impressões digitais foram identificadas mesmo depois de o objeto ter sido lavado com água e sabão.

– Mas isso é incrível! – exclama Sandy Stern, maravilhado.

– Eu nunca vi isso – diz Dickerman.

– Bom, pelo menos sabemos que ninguém mais pegou no copo, porque não havia outras

impressões digitais.

– Não.

Stern fica imóvel.

– Como?

– Há outra latente.

– Isso é incrível!

Há uma estranha teatralidade em Sandy. No início do julgamento, o júri não o vira bastante para saber que ele estava representando. Agora, na segunda semana, ele se mostra mais expansivo em alguns gestos, como se reconhecesse a determinação de seu comportamento. Eu sei e vocês sabem, ele está dizendo aos jurados. Um ato de confiança. A fim de que eles compreendam que Sandy não está tentando pôr coisa alguma além do conhecimento dos jurados.

– Está querendo dizer que havia outra impressão digital no copo?

– Isso mesmo.

– Seria possível, senhor, que o Sr. Sabich tivesse tocado no copo meses antes e alguém mais voltasse a tocá-lo em 1º de abril?

– Seria, sim – responde Dickerman calmamente. – Qualquer coisa é possível.

– Mas sabemos que o Sr. Sabich esteve lá naquela noite porque suas impressões estão em muitos outros objetos no apartamento, não é mesmo?

– Não, senhor.

– Deve haver algumas coisas. Por exemplo, as trancas das janelas estavam abertas. Não havia impressões identificáveis ali?

– Identificáveis, senhor. Mas não identificadas.

– Eram impressões digitais de alguém, mas não do Sr. Sabich?

– Nem da Sra. Polhemus. Também a excluímos.

– Uma terceira pessoa deixou aquelas impressões?

– Isso mesmo, senhor.

– Assim como no copo?

– Isso mesmo.

Stern repassa toda a lista de lugares no apartamento em que foram encontradas impressões não identificadas como minhas. A mesinha que estava virada. Os instrumentos da lareira com o pensamento de que um deles poderia ser a arma do crime. A superfície do bar. As mesinhas de coquetel. A janela. A porta. Cinco ou seis outros lugares.

– E as impressões do Sr. Sabich não estavam em nenhum desses lugares?

– Não, senhor.

– Apenas neste copo que não pode mais ser encontrado?

– Sim, senhor.

– Um lugar?

– Isso é tudo.

– Ele teria deixado impressões por todo o apartamento se lá estivesse, não é mesmo?

– Poderia, sim. Ou não. O vidro é uma superfície excepcionalmente receptiva.

Stern, é claro, conhecia a resposta.

– E a mesa, as janelas? – ele pergunta.

Dickerman dá de ombros. Não está ali para explicar. Apenas para identificar impressões digitais. Stern tira o máximo proveito da incapacidade de Dickerman e, pela primeira vez desde que começamos, olha diretamente para o júri, como em busca de consolo.

– Senhor – ele pergunta –, quantas outras impressões identificáveis havia lá de uma terceira

pessoa que não o Sr. Sabich ou a Sra. Polhemus?

– Acho que cinco. Uma no trinco. Uma na janela. Duas nas garrafas de bebida. Uma numa mesinha de coquetel.

– E algumas dessas foram feitas pela mesma pessoa?

– Não sei.

Stern, que ainda não saiu do lado da mesa da defesa, inclina-se um pouco para a frente, a fim de indicar que não compreende.

– Como? – diz mais uma vez.

– Não há como saber. Posso garantir que a pessoa não foi fichada pelo condado, porque fizemos uma verificação de computador. As impressões não têm registro criminal. E não pertencem a algum dos servidores públicos. Mas podiam ser cinco pessoas diferentes ou a mesma pessoa. Podiam ser impressões da faxineira, de uma vizinha ou algum namorado. Não posso dizer.

– Não estou entendendo – comenta Stern, que entende tudo muito bem.

– As pessoas têm dez dedos, Sr. Stern. Não posso determinar se a impressão A desconhecida é o dedo indicador ou se B é o terceiro dedo. Se é da mão direita ou esquerda. Não há como saber sem impressões conhecidas para se fazer uma comparação.

– Ora, Sr. Dickerman, com toda certeza... – Stern pára. – Que promotor supervisionou suas atividades depois do Sr. Sabich?

– Molto.

Tem-se a impressão no mesmo instante de que Morrie não gosta muito de Tom.

– Bem, certamente ele lhe pediu para comparar essas cinco impressões não identificadas, a fim de verificar se duas podem ser do mesmo dedo, não é?

Muito bom, penso. Excelente. É o tipo de detalhe que sempre ignorei como promotor. Pensava unicamente no réu e o réu, como não podia deixar de ser, pensava em todos os demais.

– Não, senhor, ele não pediu.

Nesse momento, um dos jurados, o que mexe com computadores parte do dia, vira-se e sacode a cabeça. Olha direto para mim, como a perguntar: pode acreditar numa coisa dessas? Fico atônito por termos voltado tanto desde ontem. O jurado se vira para a pessoa a seu lado, a moça que dirige a drogaria, trocam comentários.

– Pode ser feito da noite para o dia – acrescenta Dickerman.

– Tenho certeza de que o Sr. Molto pode lembrar agora. – Stern está prestes a sentar. – Sabe por que o Sr. Molto não lhe pediu para fazer essa comparação das outras impressões, Sr. Dickerman?

Um bom advogado de júri nunca pergunta por que, a menos que saiba a resposta. Stern sabe, tanto quanto eu. Negligência. Coisa demais para fazer e falta de tempo suficiente para tudo. O problema do foco. Qualquer resposta servirá para levantar dúvidas sobre Molto.

– Presumi que talvez ele não se importasse com isso – responde Dickerman.

Morrie está tentando atenuar o significado da omissão, mas a resposta tem um ar sinistro, como se Molto não estivesse interessado na verdade.

Stern, que nunca se afastou da mesa da defesa, permanece de pé por mais um instante.

– É isso aí – ele diz. – É isso aí.

MOLTO ENCAMINHA-SE para o púlpito e a Sra. Maybell Beatrice, que trabalha como doméstica em Nearing, é chamada. Sinto-me aliviado ao ver Tommy lá em cima de novo. Apesar de todo o seu desleixo, Nico parece agora ter encontrado seu lugar no tribunal. Tommy é muito menos flexível. No escritório da promotoria, sempre houve uma espécie de divisória cultural, uma barreira em

que minha amizade com Nico acabou encalhando. Raymond escolhia um corpo de elite, jovens advogados com credenciais da faculdade de direito que ele apreciava e, depois de algum aprendizado, punha-os para trabalhar em Investigações Especiais. Levávamos a julgamento os culpados e ricos por suborno e fraude; conduzíamos as investigações a longo prazo do grande júri; aprendíamos a atuar em julgamentos contra homens como Stern, advogados que argumentavam a lei para os juízes e nuanças para os jurados. Molto e Della Guardia nunca se elevaram acima dos julgamentos de crimes de rua. A mistura particular de orgulho e paixão de Tommy se nutriu por tempo demais em tribunais de homicídio e cortes distritais. São os lugares em que não há barreiras, em que os advogados de defesa usam todas as estratégias e artifícios ordinários, e os promotores aprendem a imitá-los. Tommy tornou-se o tipo de promotor-assistente que o escritório produz com freqüência: um advogado que não sabe mais distinguir os limites entre persuasão e impostura, que considera o julgamento de um processo judicial uma sucessão de truques e recursos vulgares. Pensei a princípio que seria sua personalidade impetuosa o fator que prejudicaria o Estado. Em vez disso, o fardo que ele impõe à acusação é sua incapacidade de escapar da experiência pessoal. Ele é mais inteligente do que Nico, com uma astúcia de olhos penetrantes, e está sempre preparado, mas a esta altura todas as pessoas no tribunal desconfiam de que seu ardor não tem limites. Ele fará qualquer coisa para vencer. Qualquer que fosse a antiga rivalidade ou o ciúme envolvendo Carolyn, calculo que essa característica deve ser também uma fonte parcial da antipatia entre o juiz e ele.

E é a mesma coisa que mantém minha curiosidade aguçada sobre Leon e o Arquivo B, quaisquer sombras que espreitem no passado de Molto. Fiquei intrigado com o comentário de Nico a respeito das relações íntimas entre Molto e Carolyn. Quem sabe exatamente de que forma ela o atraía? Cada vez mais, como todos os outros aqui, descubro-me convencido de que há algo sinistro no caráter de Molto. É muito fácil para Molto justificar todo o seu comportamento: não existe um limite abaixo do qual ele não afunde. O que começou como mais uma das ilusões de Stern no tribunal parece ter adquirido vida própria. Tenho especulado, enquanto tento adivinhar qual é a revelação que Kemp foi procurar, se Molto não é o alvo. Não resta a menor dúvida de que Molto, quando Stern recorreu ao velho artifício de colocar o promotor em julgamento, reagiu muito mal. E ele comete o que talvez seja seu maior erro até agora na inquirição direta desta criada de Nearing.

A Sra. Beatrice diz que viu um branco no ônibus das 20 horas, numa noite de terça-feira, em abril. Ela não sabe que noite de terça-feira foi, mas tem certeza de que era terça-feira porque trabalha até tarde nas terças e que era abril porque lembrava como o último mês antes de falar pela primeira vez com a polícia, que efetuou entrevistas ao acaso na estação rodoviária no mês de maio.

– E agora, madame – diz Molto –, peço que corra os olhos pelo tribunal para ver se há alguém aqui que a senhora reconheça.

Ela aponta para mim.

Molto senta.

Stern começa a reinquirição. A Sra. Beatrice cumprimenta-o com apreensão. É uma mulher idosa, bastante corpulenta, com um rosto vivo e gentil. Os cabelos grisalhos estão presos atrás num coque e ela usa óculos redondos, de aros finos.

– Sra. Beatrice – diz Stern, amavelmente –, presumo que é o tipo de pessoa que chega à estação rodoviária um pouco cedo.

Stern sabe disso, é claro, por causa da hora registrada de sua entrevista com a polícia.

– Isso mesmo, senhor. A Sra. Youngner me leva de carro até lá todos os dias uns 15

minutos antes, a fim de eu poder comprar o jornal e um chocolate, sentar um pouco.

– E o ônibus em que volta para a cidade é o mesmo ônibus que vem da cidade?

– É, sim, senhor.

– Termina a corrida em Nearing e volta?

– Faz a volta em Nearing, sim, senhor.

– E a senhora está todas as noites, 15 minutos antes de o ônibus chegar?

– Quinze para as seis. Quase todas as noites, senhor. Menos nas terças, como expliquei.

– E as pessoas que voltam da cidade saltam do ônibus e passam pela senhora, e pode ver seus rostos?

– Sim, senhor. Parecem muito cansadas, a maioria.

– E agora, madame... eu não deveria lhe perguntar isso... – Stern consulta novamente o relatório da entrevista da polícia. – Não está dizendo que reconhece o Sr. Sabich como o homem que viu no ônibus naquela noite de terça-feira, não é mesmo?

Não há nada a perder com a pergunta. A inquirição de Molto deixou a impressão de que esse é realmente o caso. Mas a Sra. Beatrice faz uma careta. Balança a cabeça de forma categórica.

– Não, senhor. Está aí uma coisa que eu gostaria de explicar.

– Pois então explique, por favor.

– Eu sabia que tinha visto aquele cavalheiro. – Ela acena com a cabeça para mim. – Disse isso ao Sr. Molto mais de uma vez. Via aquele homem quando ia pegar o ônibus. E lembro que havia um homem naquele ônibus numa noite de terça-feira, porque trabalho até tarde nessa noite, pois a Sra. Youngner só volta para casa perto das 19h30 nas terças. E lembro que era um branco porque não são muitos os cavalheiros brancos que viajam para a cidade naquele ônibus àquela hora da noite. Mas não posso me lembrar se era aquele homem ou algum outro homem. E sei que aquele homem me pareceu familiar, mas não posso dizer que isso acontece porque já o vi na estação ou porque o vi no ônibus naquela noite.

– Tem alguma dúvida de que era o Sr. Sabich a pessoa que viu no ônibus naquela noite?

– Isso mesmo. Não posso dizer que era ele. Podia ser ele. Apenas não posso afirmar.

– Conversou com o Sr. Molto sobre o seu depoimento?

– Muitas vezes.

– E disse a ele o que acabou de nos contar?

– Claro que disse, senhor.

Sandy vira-se para Molto com uma expressão de censura silenciosa e agressiva.

DEPOIS DA SESSÃO, Stern me manda ir para casa. Ele pega Barbara e a puxa para mim.

– Leve sua linda esposa para jantar fora. Ela merece uma recompensa por seu excelente apoio.

Digo a Stern que esperava que pudéssemos começar a conversar sobre a defesa, mas ele balança a cabeça.

– Deve me perdoar, Rusty. – Como presidente do Comitê de Processo Penal da Associação dos Advogados, ele é responsável por um jantar formal que será oferecido na noite de amanhã em homenagem à aposentadoria do Juiz Magnuson, que foi juiz criminal por três décadas. E ele acrescenta, casualmente: – E preciso passar uma ou duas horas com Kemp.

– Poderia me dizer onde ele esteve?

Stern contrai o rosto.

– Peço que me desculpe, por favor, Rusty. – Ele volta a pegar o braço de Barbara e o meu. – Temos algumas informações. Só posso lhe adiantar isso. Guardam relação com o depoimento do

Dr. Kumagai amanhã. Mas não vale a pena comentar agora. Pode ser um mal-entendido total. Não desejo levantar falsas esperanças. É melhor você ficar no escuro do que ter suas expectativas frustradas. Por favor, aceite meu conselho a respeito. Tem trabalhado demais. Tire uma noite de folga. Poderemos discutir a defesa durante o fim de semana, se chegar a isso.

– Se chegar a isso?

O significado é indefinido. Ele está propondo que não apresentemos qualquer prova? Ou essa nova informação é tão explosiva que poderá acabar com o julgamento?

– Por favor – repete Sandy.

Ele começa a nos conduzir para fora do tribunal. Barbara interfere agora. Pega minha mão.

Vamos jantar no Rechtner's, um restaurante alemão antiquado, perto do tribunal, que sempre apreciei. Barbara parece bastante alegre, depois dos acontecimentos favoráveis de hoje. Ela também, ao que parece, foi afetada pelas tristes ocorrências de ontem. Sugere uma garrafa de vinho e, depois que é aberta, interroga-me sobre o julgamento. Gosta da oportunidade de finalmente ter-me por perto. É evidente que minha indisponibilidade a deixou frustrada. Faz perguntas objetivas, os olhos grandes e escuros com uma expressão solene e atenta. Está muito preocupada com a estipulação de Fibras e Cabelos da véspera. Por que escolhemos isso, em vez de um depoimento pessoal? Quer um relato completo de tudo o que foi revelado no informe do laboratório. Depois, indaga sobre Kumagai e o que seu depoimento deve revelar. Minhas respostas, como acontece desde o início, são lacônicas. Respondo depressa, dizendo-lhe para comer, enquanto tento reprimir meu constrangimento. Como sempre, há um aspecto no interesse de Barbara que acho assustador. Sua curiosidade é de fato tão abstrata quanto parece? São os procedimentos e enigmas que a atraem, mais até do que o impacto sobre mim? Tento mudar o rumo da conversa, pedindo notícias sobre Nathaniel, mas Barbara percebe que está sendo desviada.

– Sabe, você está ficando como era antes – ela diz.

– O que isso significa? – Uma terrível evasiva.

– Está outra vez daquele jeito... distante.

Estou onde estou e ela se queixa. Mesmo com o vinho, uma descarga de ira galvânica me envolve. Meu rosto, imagino, está como o de meu pai, com aquela expressão monumental de algo sinistro e indomado. Espero até passar.

– Não é uma experiência fácil, Barbara. Estou tentando superá-la. Dia após dia.

– Quero ajudá-lo, Rusty. Por todos os meios que puder.

Não respondo. Talvez eu devesse ficar irado outra vez, mas, como sempre acontece, na esteira da raiva, sou deixado nas cavernas sem luz da tristeza mais profunda de minha vida.

Inclino-me sobre a mesa e pego suas mãos entre as minhas.

– Não desisti – eu digo. – Quero que saiba disso. Está muito difícil agora e apenas tento chegar ao fim. Mas não estou renunciando a coisa alguma. Quero que sobre tanto quanto possível, se tiver a oportunidade de começar de novo. Está bem?

Ela me fita com uma intensidade que raramente demonstra, mas acaba acenando com a cabeça.

Enquanto voltamos para casa, pergunto outra vez por Nat, e Barbara me conta, o que não fez antes, que recebeu alguns telefonemas do diretor do acampamento. Nathaniel está acordando duas vezes por noite, gritando por conta de pesadelos. O diretor, que inicialmente classificou o problema sob a rubrica de ajustamento, decidiu agora que o problema é grave. O garoto tem mais do que saudade de casa. Há uma ansiedade especial por meu destino, que foi exagerada pela separação. O diretor recomendou que ele voltasse para casa.

– Como Nat parece estar ao telefone?

Barbara ligou para ele duas vezes, durante os recessos para almoço, a única ocasião em que se pode fazer contato. Eu estava com Stern e Kemp em ambas as ocasiões.

– Ele parece muito bem. Tenta bancar o corajoso. Mas não consegue direito. Acho que o diretor tem razão. Ele estará melhor se voltar para casa.

Concordo prontamente. Fico comovido e, de algum modo, animado pela preocupação de meu filho. Mas o fato de que Barbara guardou essa informação desperta acordes antigos. Descubro-me mais uma vez à beira da raiva, mas digo a mim mesmo que isso é absurdo, irracional. A idéia, eu sei, é não aumentar meus fardos. Contudo, ela possui uma maneira impecável e indefinível de guardar as informações.

O telefone está tocando ao abrirmos a porta. Calculo que é Kemp ou Stern, finalmente prontos a partilharem a grande notícia, qualquer que seja. Mas é Lipranzer, que ainda não diz seu nome.

– Acho que temos alguma coisa – ele diz. – Sobre aquele assunto.

Leon.

– Pode falar agora?

– Não. Quero apenas ter certeza de que você estará livre amanhã à noite. Depois que eu deixar o serviço.

– Depois de meia-noite?

– Isso. Pensei que poderíamos dar uma volta. Não quer visitar um cara?

– Descobriu-o?

Meu coração dispara. Espantoso. Lipranzer encontrou Leon.

– Parece que sim. Saberei amanhã com certeza. Você vai adorar também essa história. – Pelo telefone, escuto alguém falando perto. – Escute, tenho de desligar agora. Apenas queria que você soubesse. Amanhã à noite.

Ele ri, um som raro de Dan Lipranzer, especialmente em ocasiões como esta. E arremata:

– Você vai adorar.

33

— Doutor Kumagai – diz Sandy Stern, num tom que desde a primeira sílaba transborda desdém.

Passam cinco minutos das 14 horas, o início da sessão da tarde, estas são as primeiras palavras de uma reinquirição que será a mais sensacional de todo o julgamento, como Kemp e Stern me prometeram em particular.

Tatsuo Kumagai – Ted para os amigos –, a última testemunha do Estado, fita Stern, inerte na indiferença. As mãos estão cruzadas. O rosto moreno se mantém plácido. Para esta audiência, ele se apresenta como um homem sem necessidade de expressão. É um perito, um observador impassível dos fatos. Veste um terno azul e os cabelos pretos abundantes estão meticulosamente levantados num pequeno topete. Esta manhã, a inquirição direta foi a primeira ocasião em que vi Indolor testemunhar, e ele se mostrou um tanto melhor do que eu esperava. A terminologia

médica e o jeito de falar singular fizeram com que o taquígrafo do tribunal interrompesse algumas vezes para pedir que as respostas fossem repetidas ou soletradas. Mas ele tem uma presença inegável. A arrogância natural se transforma, no banco das testemunhas, numa confiança desenvolvida de um perito médico. Suas credenciais são impressionantes. Ele estudou em três continentes. Tem estudos publicados no mundo inteiro. Testemunhou como patologista legal em casos de homicídio por todos os Estados Unidos.

Essas credenciais afloram como parte do processo prolongado de qualificar Indolor como um perito. Ao contrário da chamada testemunha de ocorrência, que está confinada a dizer o que viu, ouviu ou fez, Indolor tem a incumbência de analisar todas as provas patológicas e oferecer uma opinião sobre o que aconteceu. Antes de seu aparecimento, são lidas diversas estipulações. A análise do químico legal. Os resultados dos exames de sangue. No banco das testemunhas, Indolor usou esses fatos e o próprio exame do corpo para fornecer um relato amplo. Na noite de 1º de abril a Sra. Polhemus teve relações sexuais, quase que certamente de natureza consensual. Essa opinião baseou-se na presença de uma concentração de dois por cento do produto químico nonoxinol-9 e várias bases de gel, indicando o uso de um diafragma. O homem com quem a Sra. Polhemus teve intercurso era, como eu sou, um segregador do tipo A. Pouco depois de ter relações sexuais – o tempo relativo indicado pela profundidade na vagina do depósito seminal primário –, a Sra. Polhemus foi golpeada por trás. O atacante era destro, como eu sou. Isso pode ser determinado pelo ângulo do golpe, no lado direito da cabeça. A altura do atacante não pode ser aproximadamente calculada sem se conhecer a posição da Sra. Polhemus no momento do ataque ou a extensão da arma do crime. A melhor indicação do ferimento craniano é que ela ficara de pé, mesmo que por um instante, ao ser golpeada. O diafragma aparentemente foi removido nessa ocasião e a Sra. Polhemus, já morta, foi amarrada. Sem qualquer protesto de Stern, Indolor testemunhou que a presença do composto espermicida e as portas e janelas destrancadas levaram-no a acreditar que um estupro fora simulado, a fim de ocultar a identidade do assassino, e que essa pessoa era alguém que conhecia os métodos de detecção de crime e as responsabilidades rotineiras da Sra. Polhemus no escritório da promotoria.

Ao conduzir Indolor por esse sumário, Nico perguntou se sua opinião sobre a maneira como o crime ocorrera me fora comunicada.

– Foi, sim, senhor. Tive uma reunião com o Sr. Sabich em 10 ou 11 de abril deste ano e discutimos o caso.

– Conte-nos o que foi dito.

– O Sr. Sabich tentou me convencer de que a Sra. Polhemus devia ter morrido acidentalmente, como parte de alguma atividade sexual pervertida, em que se deixara voluntariamente amarrar.

– E como você reagiu?

– Eu disse que era absurdo e expliquei o que as provas indicavam que realmente ocorrera.

– E depois que informou sua teoria ao Sr. Sabich, houve mais alguma discussão?

– Houve, sim. Ele ficou bastante transtornado. Furioso. Levantou-se. Ameaçou-me. Disse que era melhor eu tomar cuidado ou iria me processar por obstruir uma investigação. Houve mais alguma coisa, mas basicamente foi isso.

Tanto Stern como Kemp, me flanqueando, observaram Indolor dizer tudo isso com uma calma que beirava a beatitude. Nenhum dos dois se deu ao trabalho de tomar anotações. Ainda não sei o que está para acontecer, embora a opção seja minha.

Kumagai cometeu um erro, Kemp me disse quando cheguei ao escritório de Stern esta manhã. E dos grandes.

– Até que ponto? – perguntei.

– Enorme – respondeu Kemp. – Imenso.

Assenti. E pensei que, se fosse qualquer outro que não Indolor, eu ficaria mais surpreso.

– Quer saber o que é? – Kemp me perguntou.

Estranhamente, descobri que a avaliação de Stern estava correta. Era melhor não saber dos detalhes. Apenas saber que havia um erro descomunal era o suficiente para me levar à periferia da raiva mais intensa. Não tinha o menor desejo de entrar nessa região de distúrbio.

"Prefiro que me surpreenda", disse a Kemp. "Saberei de tudo no tribunal."

E, agora, espero. Indolor senta ali, inabalável, impassível. No almoço, Kemp me disse que acreditava que a carreira de Kumagai poderia estar encerrada naquela noite.

– DOUTOR KUMAGAI – Stern começa –, testemunhou aqui como perito, não é mesmo?

– Sim, senhor.

– Falou-nos sobre seus diplomas e estudos, não é mesmo?

– Respondi a perguntas sobre isso.

– Disse que testemunhou em muitas ocasiões anteriores.

– Centenas.

Cada resposta possui um tom de agressividade. Ele se apresenta como um cara esperto e duro, melhor do que qualquer reinquiridor.

– Doutor, sua competência alguma vez foi posta em dúvida, ao que saiba?

Indolor se ajusta na cadeira. O ataque começou.

– Não, senhor.

– Doutor, não é verdade que muitos promotores-assistentes, ao longo dos anos, queixaram-se de sua competência como patologista legal?

– Não para mim.

– Não, não para você. Mas para o chefe de polícia, resultando em pelo menos um memorando que foi incluído em sua ficha pessoal?

– Não sei de nada sobre isso.

Sandy mostra o documento primeiro a Nico e depois a Kumagai no recinto das testemunhas.

– Eu nunca tinha visto isso – diz Kumagai prontamente.

– Não deve ser notificado, pelos regulamentos da polícia, sobre qualquer acréscimo à sua ficha pessoal?

– É possível, mas o senhor pergunta o que me lembro. E não me lembro disso.

– Obrigado, doutor.

Sandy tira o documento das mãos de Kumagai. Ao voltar para a nossa mesa, ele pergunta:

– Tem algum apelido?

Kumagai fica imóvel. Talvez esteja desejando ter assumido o conhecimento do documento.

– Os amigos me chamam de Ted.

– E além disso?

– Não uso apelidos.

– Não senhor, não que os use. Mas por que apelido é conhecido?

– Não estou entendendo a pergunta.

– Alguém já se referiu a você como Indolor?

– A mim?

– Ou a qualquer outra pessoa, ao que saiba.

Indolor torna a demorar um momento para mudar de posição na cadeira.

– É possível – ele finalmente diz.

– Não gosta do apelido, não é mesmo?

– Não penso a respeito.

– Adquiriu esse apelido há alguns anos, de um antigo subchefe da promotoria, Sr. Sennett, num contexto pouco lisonjeiro, não é mesmo?

– Você é quem diz.

– O Sr. Sennett não lhe disse na cara que estragara uma autópsia e que a única pessoa que trabalhava com você sem sentir dor era o cadáver, porque estava morto?

Trovoada de risos no tribunal. Até mesmo Larren está rindo. Mudo de posição na cadeira. É melhor que seja boa a informação de que Stern dispõe, porque pela primeira vez ele abandonou seu decoro natural. Sua reinquirição até agora está próxima da crueldade.

– Não me lembro disso – diz Indolor friamente, quando o tribunal volta à ordem.

Ao longo dos anos, ele se tornou competente no conhecimento dos regulamentos das provas. Todos os policiais e promotores-assistentes do Condado de Kindle conhecem essa história. Stan Sennett teria o maior prazer em contá-la no banco das testemunhas. Mas não é provável que o juiz permita esse desvio, conhecido como impugnação paralela. Indolor empinou os ombros. Olha para Stern, esperando por mais. Aparentemente sente algum prazer no que considera seu pequeno triunfo.

– O Sr. Della Guardia e o Sr. Molto são duas pessoas do escritório da promotoria com quem trabalhou com menos... digamos incompatibilidade, não é mesmo?

– Claro. São meus amigos.

Neste ponto, ao que parece, Indolor foi bem instruído. Reconhecerá seus contatos com Tommy e Delay, a fim de reduzir sua importância.

– Discutiu esta investigação com qualquer dos dois enquanto se encontrava em andamento?

– Converso com o Sr. Molto de vez em quando.

– Com que freqüência conversou com ele?

– Sempre mantemos contato. E nos falamos volta e meia.

– Conversou com ele mais de cinco vezes nas primeiras semanas de abril?

– Claro, se é isso o que diz.

Indolor não está correndo riscos. Sabe que foram emitidas intimações. E não sabe de quem foram os RLUs obtidos.

– E falou em detalhes sobre esta investigação?

– O Sr. Molto é meu amigo. Pergunta o que estou fazendo e eu lhe digo. Conversamos sobre informações públicas. Não tocamos em informações sigilosas do grande júri.

Indolor retoma o sorriso satisfeito. Essas repostas, sem dúvida, foram o tema de uma conversa anterior com os promotores.

– Comunicou ao Sr. Molto os resultados da análise do químico legal antes de transmiti-los ao Sr. Sabich? Estou me referindo especificamente à amostra que apresentava o gel espermicida.

– Já entendi – diz Indolor, bruscamente.

Ele olha diretamente para Tommy. A mão de Molto cobre parcialmente o rosto; com o olhar de Kumagai, ele se empertiga e a remove.

– Acho que sim – diz Kumagai.

Ainda não concluiu sua resposta quando Larren interrompe.

– Só um segundo – diz o juiz. – Só *um* segundo. Os autos registrarão que o Promotor Molto acaba de fazer um gesto que reconheço como um sinal para a testemunha, relacionado com sua última resposta. Haverá novas medidas legais em relação ao Sr. Molto mais tarde. Continue, Sr. Stern.

Tommy está vermelho quando se levanta.

– Meritíssimo, lamento profundamente. Não sei do que está falando.

Também não sei e estava observando Molto. Mas Larren se mostra inflamado.

– Este júri não é cego, Sr. Molto. E eu também não sou. Continue – ele diz a Stern. Mas a raiva é grande demais para ser contida e ele se vira na cadeira, na direção de Molto, gesticula com o martelo. – Eu avisei. Já lhe disse antes. Estou muito aborrecido com seu comportamento durante este julgamento, Sr. Molto. Haverá medidas legais.

– Juiz – insiste Tommy, em desespero.

– Sente-se, senhor. Pode continuar, Sr. Stern.

Stern aproxima-se da mesa. Relato o que vi. Ele também não percebeu nada. Mas Stern não deixa o incidente passar sem registro. Num tom afetado, ele pergunta:

– É justo dizer, Dr. Kumagai, que sempre manteve uma boa comunicação com o Sr. Molto?

A pergunta provoca algumas risadinhas, especialmente da seção dos repórteres. Kumagai pisca em desdém e não responde.

– Dr. Kumagai – pergunta Stern –, sua ambição não é tornar-se o médico-legista do Condado de Kindle?

– Gostaria de ser o médico-legista – responde Indolor, quase sem hesitação, desconcertado. – O Dr. Russell está fazendo um bom trabalho agora. Daqui a dois anos ele se aposenta, talvez eu me candidate ao cargo.

– E a recomendação da promotoria o ajudaria a obter o cargo, não é mesmo?

– Quem sabe? – Indolor sorri. – Não pode fazer mal.

Embora com alguma relutância, não posso deixar de admirar Delay. Kumagai é sua testemunha e obviamente aconselhou-o a ser franco sobre qualquer coisa ocorrida durante a campanha eleitoral. Nico, sem dúvida, quer ter alguma franqueza da acusação para exibir ao júri, a fim de compensar as gafes de Molto. E concluo que seu julgamento é correto. Se não fosse pelo incidente com o juiz, um momento antes, tudo seria muito bem aceito.

– Não conversou com o Sr. Molto, em abril, sobre a possibilidade de se tornar médico-legista, Dr. Kumagai?

– Já disse. O Sr. Molto e eu somos amigos. Falo sobre o que desejo fazer, ele fala sobre o que está querendo. E conversamos durante todo o tempo. Abril. Maio. Junho.

– E em abril também falou sobre essa investigação algumas vezes, antes de receber o relatório do químico legal?

– Eu diria que sim.

– Esse relatório, senhor, não era sobre a espécie de sêmen que retirara da Sra. Polhemus durante a autópsia?

– Isso mesmo.

– E é essa espécie que foi identificada como sendo o tipo de sangue do Sr. Sabich e como contendo substâncias químicas relativas ao uso pela Sra. Polhemus de um artefato anticoncepcional... um diafragma. Estou correto?

– Está, sim.

– E a presença nessa amostra de uma substância química anticoncepcional, o espermicida, é fundamental para a sua opinião, não é mesmo?

– Todos os fatos são importantes, Sr. Stern.

– Mas esse fato é particularmente importante, porque quer nos fazer acreditar, senhor, que esse trágico incidente apenas teve a aparência de um estupro, não é mesmo?

– Não quero fazer com que acredite em qualquer coisa. Apenas emito minha opinião.

– Mas é sua opinião... para ir direto aos fatos, como se costuma dizer... que o Sr. Sabich tentou fazer com que parecesse um estupro, não é mesmo?

– Se é o que diz...

– Não é o que está tentando sugerir? Você, o Sr. Molto e o Sr. Della Guardia? Sejamos francos com essas pessoas. – Sandy aponta para o júri. – Sua opinião é a de que foi um estupro encenado. E que a maneira como foi feito sugere algum conhecimento das técnicas de investigação e das funções regulares da Sra. Polhemus no escritório da promotoria, não é mesmo?

– Foi o que eu disse na inquirição direta.

– E tudo isso aponta para o Sr. Sabich, não é mesmo?

– Se é o que diz – Indolor acaba respondendo com um sorriso.

Pode-se perceber sua relutância em acreditar que Stern é bastante inepto para incriminar o próprio cliente. Mas Sandy continua a insistir na questão, dizendo mais do que Kumagai se arriscaria a falar por si mesmo. Indolor exibe seu prazer característico pelo infortúnio de outra pessoa.

– E todas essas deduções dependem, em última análise, da presença do gel espermicida na amostra que enviou para o químico legal, não é mesmo?

– Mais ou menos.

– Muito mais do que menos, não é?

– Eu diria que sim.

– Portanto, essa amostra e a presença do espermicida são fundamentais para sua opinião de perito? – diz Stern, chegando ao ponto em que se encontrava um momento antes.

Desta vez, Indolor admite. Dá de ombros e diz que é isso mesmo.

– Sua opinião de perito, Dr. Kumagai, leva em consideração o fato de que não foi encontrado nenhum gel espermicida no apartamento da Sra. Polhemus? Está a par do depoimento que foi prestado aqui pelo Detetive Greer?

– Minha opinião baseia-se em provas científicas. Não li a transcrição.

– Mas está a par do depoimento?

– Ouvi a respeito.

– E não está preocupado, como perito, que sua opinião dependa da presença de uma substância que não foi encontrada entre os pertences da vítima?

– Se estou preocupado?

– É essa minha pergunta.

– Não, não estou preocupado. Baseei minha opinião numa prova científica.

Stern lança um olhar demorado para Indolor.

– O espermicida veio de algum lugar, Sr. Stern. Não sei onde a mulher escondia essas coisas. Está na amostra. O exame diz o que diz.

– É o que diz – murmura Sandy Stern.

– Aceitou a estipulação – diz Kumagai.

– Que o espermicida estava na amostra que mandou. Sim, senhor, concordamos com isso.

Sandy caminha pelo tribunal. Ainda não posso adivinhar onde Kumagai errou. Até Indolor mencionar a estipulação, estava disposto a apostar que o espermicida fora identificado erroneamente.

– Suas impressões iniciais no momento da autópsia, senhor – diz Stern –, não levaram em conta a presença de um espermicida não é mesmo?

– Não me lembro agora.

– Pense um pouco, por favor. Sua teoria original não foi a de que a última pessoa que teve intercurso com a Sra. Polhemus era estéril?

– Não me lembro.

– É mesmo? Não disse ao Detetive Lipranzer que o atacante da Sra. Polhemus parecia ter uma condição em que produzia espermatozóides mortos? O Detetive Lipranzer já testemunhou uma vez perante o júri, tenho certeza de que não seria problema para ele voltar. Por favor, Dr. Kumagai, reflita. Não foi o que disse?

– Talvez. Impressões preliminares.

– Muito bem, foi sua opinião preliminar. Mas era sua opinião na ocasião?

– Acho que sim.

– Lembra as descobertas físicas que o levaram a essa opinião?

– Não, senhor.

– Na verdade, doutor, tenho certeza de que tem dificuldade para recordar, sem ajuda, qualquer autópsia dias depois de ser efetuada, não é mesmo?

– Às vezes.

– Quantas autópsias efetua numa semana, Dr. Kumagai?

– Uma, duas. Às vezes, dez. Depende.

– Lembra quantas efetuou nos trinta dias em torno da morte de Carolyn Polhemus?

– Não, senhor.

– Ficaria surpreso em saber que foram 18?

– Parece correto.

– E com essa quantidade não é óbvio que os detalhes específicos de um exame possam escapar de sua mente?

– É verdade.

– Mas, quando falou com Lipranzer, os detalhes eram mais nítidos. Não eram?

– Provavelmente.

– E lhe disse na ocasião que acreditava que o atacante era estéril?

– Lembro vagamente.

– Vamos revisar as descobertas por um momento, a fim de que daqui a pouco recorde o que pode tê-lo levado a essa opinião preliminar.

Sandy repassa as informações rapidamente. A rigidez cadavérica, a coagulação do sangue e as enzimas digestivas determinaram a hora da morte. O depósito primário de fluidos masculinos no fundo da vagina, longe da vulva, indicavam que Carolyn passara pouco tempo de pé depois do sexo, significando que o intercurso ocorrera perto da ocasião em que sofrera o ataque. E havia a ausência nas trompas de Falópio de qualquer espermatozóide vivo, como se poderia esperar encontrar dez a 12 horas depois do intercurso, presumindo que não houvera o uso de qualquer anticoncepcional.

– E, para explicar esses fenômenos, particularmente os espermatozóides mortos, teorizou que o atacante era estéril. Não lhe ocorreu a princípio, doutor, que um espermicida fora usado, não é mesmo?

– É claro que não.

– Recordando agora, deve pensar que foi um tolo por deixar de perceber uma coisa tão óbvia como o uso de um espermicida anticoncepcional?

– Cometo erros – concede Indolor, com um aceno de mão.

– É mesmo? – Stern olha para o perito da acusação. – Com que freqüência?

Kumagai não responde. Reconhece que cometeu um lapso.

– Sr. Stern, não encontrei qualquer artefato anticoncepcional. Não havia diafragma. Presumi que não fora usada qualquer forma de contracepção.

– Mas certamente, Dr. Kumagai, um perito de sua estatura não se deixaria enganar com tanta facilidade, não é mesmo?

Kumagai sorri. Sabe que está sendo espicaçado.

– Qualquer fato é importante – ele diz. – O tipo de coisa que o assassino sabe.

– Mas não estava tentando desorientar o Detetive Lipranzer quando lhe deu sua impressão inicial, não é mesmo?

– Claro que não.

Indolor balança a cabeça vigorosamente. Foi preparado para essa sugestão.

– Devia estar convencido na ocasião, doutor, de que não fora usado qualquer tipo de contraceptivo... tão convencido que excluiu a possibilidade do uso de um espermicida?

– Escute, Sr. Stern, formulo uma opinião. O químico tem resultados. A opinião muda. Lipranzer conhece a opinião preliminar.

– Vamos analisar algumas alternativas. Por exemplo, Sr. Kumagai, estaria convencido de que medidas anticoncepcionais não seriam usadas por uma mulher que sabia que não podia gerar, não é mesmo?

– Claro. Mas a Sra. Polhemus teve um filho.

– É o que demonstram as evidências – comenta Stern. – Mas não vamos considerar os particulares da Sra. Polhemus. Peço que se concentre em meu exemplo. Se uma mulher soubesse que não podia conceber, não seria despropositado que ela usasse um espermicida?

– Claro. Irracional. – Indolor concorda, mas suas respostas estão se tornando mais lentas. Os olhos parecem ficar embaçados. Ele não tem a menor idéia do ponto a que Stern está querendo chegar.

– Absurdo?

– Eu diria que sim.

– Como um perito em medicina legal, pode imaginar algum motivo para que uma mulher assim usasse um diafragma ou um espermicida?

– Não estamos falando sobre uma mulher na menopausa?

– Estamos falando de uma mulher que sabe sem a menor sombra de dúvida que não pode conceber.

– Não há motivo. Nenhum motivo clínico. Não me ocorre nada.

Sandy olha para Larren.

– Meritíssimo, o taquígrafo do tribunal pode marcar as últimas cinco perguntas e respostas, a fim de que possa lê-las mais tarde, se for necessário?

Kumagai realiza uma lenta vistoria do tribunal. Olha para o juiz, o taquígrafo, finalmente para a mesa da promotoria. Está agora com o rosto franzido. A armadilha, qualquer que seja, foi armada. Todos sabem disso. O taquígrafo prende um clipe na folha estreita das anotações.

– Não é sua opinião de perito, Dr. Kumagai – pergunta meu advogado, Alejandro Stern –, que Carolyn Polhemus era uma mulher que sabia que não podia conceber?

Kumagai olha para Stern. Inclina-se sobre o microfone diante da cadeira das testemunhas.

– Não – diz Indolor.

– Por favor, doutor, não se apresse. Efetuou 18 autópsias naquela semana. Não gostaria de consultar suas anotações originais?

– Sei que a mulher usou um anticoncepcional. Você aceitou a estipulação.

– E eu digo mais uma vez, senhor, que concordamos com a estipulação da identificação do

químico sobre a amostra que *você* mandou.

Stern volta à nossa mesa. Kemp já está estendendo o documento que Sandy quer. Stern deixa uma cópia com a promotoria e entrega o original a Kumagai.

– Reconhece as anotações de sua autópsia da Sra. Polhemus, Dr. Kumagai?

Indolor folheia algumas páginas.

– Minha assinatura – ele diz.

– Poderia fazer o favor de ler em voz alta o pequeno trecho assinalado pelo clipe? – Sandy vira-se para Nico. – Página 2.

Kumagai tem de mudar os óculos.

– "As trompas de Falópio estão ligadas e separadas. As extremidades fimbriadas parecem normais."

Kumagai examina a página que acabou de ler. Folheia de novo até o fim. Franze o rosto, agora profundamente. Acaba balançando a cabeça.

– Não está certo – ele diz.

– Suas anotações na autópsia? Não as ditou enquanto efetuava a autópsia? Por acaso está sugerindo que cometeu um erro na ocasião, doutor?

– Não está certo – Kumagai repete.

Stern volta à mesa da defesa para buscar outro documento. Já entendi tudo agora. Olho para ele quando pega o documento seguinte, estendido por Kemp. E sussurro:

– Está me dizendo que Carolyn Polhemus tinha as trompas ligadas?

É Kemp quem acena com a cabeça.

Os poucos segundos seguintes ficam em branco. Estranhamente, inexplicavelmente, eu me sinto sozinho, encerrado em minhas sensações oscilantes. Uma conexão essencial foi interrompida. Por um momento, é como *déjà vu*. Não posso definir os motivos. O que ocorre no tribunal parece remoto. Estou consciente, de uma maneira desarticulada, que Indolor Kumagai está sendo arrasado. Ele nega mais duas ou três vezes que seja possível que a Sra. Polhemus tivesse as trompas ligadas cirurgicamente para impedir a concepção. Stern indaga se outros fatos poderiam afetar sua opinião e põe nas mãos de Kumagai os registros do ginecologista do West End que realizou a operação, depois que Carolyn passou por um aborto. Foi esse médico, sem dúvida, que Kemp visitou ontem à tarde.

– Pergunto outra vez, senhor, se esses registros não alterariam sua opinião de perito?

Kumagai não responde.

– Senhor, é agora sua opinião de perito que Carolyn Polhemus sabia que não podia conceber?

– Parece que sim. – Kumagai levanta os olhos do documento. Em minha confusão, descubro que estou com pena dele. Ele está lerdo agora, murcho. E é para Molto e Nico que fala, não para Stern ou o júri: – Eu esqueci.

– Senhor, não é absurdo acreditar que Carolyn Polhemus tenha usado um espermicida na noite de 1º de abril?

Kumagai não responde.

– Não é irracional acreditar nisso?

Kumagai não responde.

– Não há qualquer motivo conhecido para explicar por que ela faria isso, não é mesmo, senhor?

Kumagai levanta os olhos. Não há como saber se ele está pensando ou simplesmente sendo consumido pela vergonha. Segurou a grade do recinto das testemunhas. E ainda não responde.

– Devo pedir ao taquígrafo do tribunal que leia as respostas que ofereceu às minhas perguntas há poucos momentos?

Kumagai sacode a cabeça.

– Não é evidente, Dr. Kumagai, que Carolyn Polhemus não usou um espermicida em 1º de abril? Não seria essa sua opinião de perito? Não lhe parece, senhor, como perito e cientista, o motivo mais óbvio para que não se encontrasse o menor vestígio de espermicida em seu apartamento?

Kumagai dá a impressão de suspirar.

– Não posso responder às suas perguntas, senhor – ele diz, com alguma dignidade.

– Pois responda a esta pergunta, Dr. Kumagai: não é evidente, diante dos fatos aqui expostos, que a amostra que mandou para o químico não foi retirada do corpo de Carolyn Polhemus?

Kumagai agora se recosta. Empurra os óculos para o alto do nariz.

– Tenho um procedimento regular.

– Está dizendo a este júri, senhor, que tem uma lembrança nítida de recolher a amostra, marcá-la, despachá-la?

– Não.

– Repito: não é provável que a amostra contendo o espermicida, a amostra identificada como contendo os fluidos do tipo sangüíneo do Sr. Sabich, não tenha sido tirada do corpo de Carolyn Polhemus?

Indolor torna a sacudir a cabeça. Mas não se trata de uma negativa. Ele não sabe o que aconteceu.

– Senhor, não é provável?

– É possível – ele diz finalmente.

Posso ouvir um dos homens dizer, no recinto no júri, no outro lado do tribunal:

– Pelo amor de Deus!

– E essa amostra, senhor, não foi enviada quando estava tendo uma de suas conversas regulares com o Sr. Molto?

Com isso, Kumagai finalmente recupera o ânimo. Empertiga-se na cadeira.

– Está me acusando, Sr. Stern?

Algum tempo se passa antes que Sandy fale.

– Já tivemos acusações demais sem qualquer base para um caso – ele diz. E, em seguida, antes de voltar à sua cadeira, Stern acena com a cabeça na direção da testemunha, como a dispensá-la. E acrescenta: – Dou-tor Kumagai.

DEPOIS DA SESSÃO, Jamie Kemp e eu sentamos na sala de reunião de Stern, descrevendo a reinquirição de Kumagai para uma pequena audiência, composta pela secretária de Sandy, o investigador particular Berman e dois estudantes de direito que trabalham no escritório como ajudantes. Kemp trouxe uma garrafa de champanha e um dos rapazes ligou um rádio. Como um bom ator, Kemp faz uma encenação em que representa as partes de Stern e Kumagai. Repete as perguntas mais danosas de Stern num tom insistente e depois cai numa cadeira, batendo com os pés e emitindo os grunhidos de uma pessoa que está sendo sufocada. Estamos explodindo em gargalhadas quando Stern passa pela porta. Está vestido a rigor... ou melhor, vestido em parte: apenas a calça listrada e a camisa de peitilho engomado; uma gravata-borboleta vermelha, ainda solta, pende do colarinho. Inspecionando a cena, ele fica lívido; uma raiva intensa contrai suas feições. Pode-se perceber que faz um grande esforço para manter o controle.

– Isso é impróprio – ele diz, falando para Kemp. – Totalmente impróprio. Ainda estamos

num julgamento. Não é o momento para nos congratularmos. Não podemos levar sequer um vestígio de presunção ao tribunal. Os jurados sentem essas coisas intuitivamente. E se ressentem. Agora, se fizer o favor de arrumar tudo aqui, eu gostaria de falar com meu cliente. Rusty, quando você tiver um momento...

Ele se vira e eu o acompanho à sua sala, com a decoração suave, quase feminina. Desconfio que Clara teve alguma participação na decoração. Tudo tem o mesmo tom pastel. Cortinas compridas cobrem as janelas e móveis estofados com algodão haitiano espalham-se pela sala, de tal forma que a impressão é que se está sendo empurrado para um assento. Há um pesado cinzeiro de cristal em cada canto da mesa de Stern.

– É mais culpa minha do que de Jamie – digo ao entrar na sala.

– Agradeço, mas você não tem a incumbência de fazer julgamentos neste momento. Ele tem. E era totalmente inadequado.

– Foi um grande triunfo. Ele trabalhou com afinco. Estávamos desfrutando a vitória. E Jamie tentava deixar seu cliente tranqüilo.

– Não precisa defender Kemp para mim. Ele é um advogado de primeira classe e dou o maior valor a seu trabalho. Talvez o culpado seja eu. Sempre fico tenso quando um caso se encaminha para a conclusão.

– Deveria saborear o dia de hoje, Sandy. Nenhum advogado costuma se sair tão bem, especialmente com o perito do Estado.

– Tem razão. – Stern se permite um breve sorriso de satisfação. – Um erro colossal. – Ele emite um som, uma espécie de grunhido, balança a cabeça. – Mas isso é passado agora. Você tem sido bastante insistente e por isso eu queria conversar por um momento, discutir a posição da defesa. Gostaria de dispor de mais tempo, mas assumi há meses esse compromisso com o jantar do Juiz Magnuson. Della Guardia também estará presente e assim teremos uma desvantagem igual. – Sandy sorri, em reconhecimento a seu humor comedido. – Seja como for, a defesa é sua. As decisões a respeito são sempre do cliente. Se você quiser, eu lhe darei meu conselho. Caso contrário, sinta-se à vontade para decidir. Estou à sua disposição.

Como eu previa desde o início, Sandy esperou até que todos os pontos ficassem definidos antes de me permitir tomar decisões. Sei o que ele sugeriria.

– Acha que teremos sequer a oportunidade de apresentar uma defesa?

– Está querendo saber se acho que o Juiz Lyttle vai nos oferecer um veredicto dirigido amanhã?

– Em sua opinião, isso é possível?

– Eu ficaria surpreso. – Ele pega o charuto no cinzeiro. – Sendo realista, minha resposta é não.

– O que resta para me ligar ao crime?

– Rusty, não há necessidade de que eu faça uma apelação para você. Mas deve lembrar que as inferências a esta altura devem ser consideradas à luz mais favorável para a promotoria. Até mesmo o testemunho direto de Kumagai, por mais absurdo que agora pareça, deve ser levado em conta nos propósitos da petição. E a resposta à sua pergunta é que as provas, sob qualquer aspecto, o ligam à cena do crime. Suas impressões digitais estão lá. Fibras de um carpete que pode ser o seu estão lá. Os registros telefônicos mostram que você mantinha contato com a vítima. E tudo isso foi ocultado.

“Num nível mais prático, nenhum juiz está ansioso em usurpar o papel do júri como o tomador da decisão num caso com esta dimensão. Ele convida às críticas e, o que talvez seja ainda mais importante, deixa uma ampla impressão de que o caso nunca foi devidamente

resolvido. Considero as provas da acusação, neste momento, muito frágeis. É provável que o juiz pense da mesma maneira. Mas, sem dúvida, ele deve preferir que o júri o absolva. E se, inexplicavelmente, os jurados não fizerem isso, ele pode deferir uma petição de absolvição pós-julgamento, independente do veredicto. É o que eu consideraria mais provável neste caso.

As palavras de Stern fazem sentido, mas eu esperava que ele dissesse outra coisa.

– E isso nos leva ao problema da defesa – continua Sandy. – Se continuarmos, devemos apresentar alguns documentos. Teremos de provar que Barbara estava mesmo na universidade, como você alegou. Assim, apresentaremos o registro do computador para demonstrar que ela o assinou pouco depois das 20 horas. Teremos de mostrar que as companhias de aluguel de carro e de táxis não têm registros para comprovar a tese de que você viajou para a cidade na noite de 1º de abril. E é claro que a ficha do ginecologista, de que falamos hoje, será apresentada. E mais diversas coisas. Tudo isso está fora de dúvida. A questão é a seguinte: os testemunhos que chamaríamos.

– Em quem você pensaria?

– Testemunhas de caráter. Barbara, com toda certeza.

– Não quero que ela testemunhe – digo prontamente.

– Ela é uma mulher atraente, Rusty, e há cinco homens no júri. Barbara pode confirmar seu álibi com bastante eficácia. E, sem dúvida, ela está disposta a isso.

– Se eu testemunhar e ela estiver sentada na primeira fila, sorrindo para mim, o júri saberá que confirma meu álibi. Não há necessidade de Barbara ser massacrada.

Stern solta um grunhido. Atrapalhei seus planos.

– Não quer que eu preste depoimento, não é mesmo, Sandy?

Ele não responde a princípio. Em vez disso, espana um resquício de cinza de charuto das dobras da camisa.

– Reluta por causa de meu relacionamento com Carolyn? – pergunto. – Não vou negá-lo e você sabe disso.

– Claro que sei, Rusty. E não acho muito animador. Creio que ajudaria o Estado, o que eles estão precisando desesperadamente. Para ser franco, corremos algum risco de que os mesmos fatos possam também aflorar na reinquirição de Barbara. O privilégio das comunicações confidenciais provavelmente impediria indagações sobre as confissões que você fez à sua esposa a respeito da ligação, mas nunca se pode ter certeza. De um modo geral, provavelmente não vale o risco.

Stern parece casual ao admitir que eu estava certo, no final das contas: não faz muito sentido chamar Barbara para depor.

– Mas a revelação dessas coisas não é minha principal preocupação em relação a seu testemunho – diz Sandy, levantando-se.

Ele simula se espreguiçar, mas já sei a esta altura que quer sentar a meu lado no sofá, o lugar em que transmite todas as más notícias. Ajusta um retrato de Clara e das crianças no pequeno aparador por trás de sua mesa; depois, com aparente naturalidade, instala-se a meu lado.

– Rusty, prefiro ver o réu prestar depoimento. Não importa com que freqüência e insistência se diga aos jurados que não devem considerar o silêncio de um réu contra ele, é uma instrução impossível de seguir. Qualquer júri quer ouvir uma negativa, ainda mais quando o réu é uma pessoa acostumada a se apresentar em público. Mas, neste caso, sou contra. Ambos sabemos de uma coisa: dois grupos de pessoas são boas testemunhas: os que são essencialmente sinceros, e os mentirosos hábeis. Você é essencialmente uma pessoa sincera e, em circunstâncias normais, seria uma boa testemunha em sua defesa. É certo que tem anos de treinamento em se comunicar

com um júri. Não tenho a menor dúvida de que, se testemunhasse tudo o que sabe, seria muito convincente e acabaria absolvido. Com absoluta justiça, posso acrescentar.

Ele me fita em silêncio por um instante, um olhar rápido, mas penetrante. Não tenho certeza se é um voto de confiança em minha inocência ou outro comentário sobre a fragilidade da apresentação do Estado, mas sinto o primeiro e me descubro agradavelmente surpreso. Com Stern, no entanto, é possível que ele ofereça isso agora só para adoçar a pílula.

– Contudo, Rusty, estou convencido, depois de observá-lo por vários meses, de que não vai testemunhar tudo o que sabe. Algumas coisas permanecem como um segredo seu. E pode estar certo de que, a esta altura, não tenho a menor intenção de bisbilhotar. E falo isso com toda sinceridade. Há certa necessidade de persuasão com alguns clientes. Com outros, é melhor não saber. Em uns poucos casos, devem-se deixar as coisas como estão. Essa é minha impressão aqui. Estou convencido de que a opção que você adotou é deliberada e foi bastante analisada. Mas, mesmo assim, quando alguém sobe ao banco das testemunhas determinado a dizer menos do que a verdade, é como um animal de três pernas no meio da selva. Você não é um mentiroso dos mais hábeis. E se Nico se embrenhar por essa área de sensibilidade, qualquer que seja, as coisas ficarão muito ruins para você.

Uma pausa, um silêncio apenas um pouco mais longo do que o necessário, se interpõe entre nós.

– Devemos avaliar o caso como está – diz Stern. – Ainda não tivemos um dia ruim para a defesa. Isto é, talvez um. Mas não há uma única prova que permaneça imaculada. E esta tarde desfechamos um golpe do qual o Estado não deve se recuperar. Meu melhor julgamento profissional é o de que você não deve testemunhar. Quaisquer que sejam suas chances... e admito que as considero muito grandes depois de hoje... quaisquer que sejam suas chances, serão maiores assim.

"Depois de dizer tudo isso, deixe-me lembrá-lo de que a decisão é sua. Sou seu advogado. E apresentarei seu testemunho, se preferir assim, com confiança e convicção... não importa o que você resolva dizer. E é claro que não precisamos tomar qualquer decisão esta noite. Mas eu queria que você iniciasse seu período de reflexão final conhecendo minhas opiniões.

Ele parte poucos momentos depois, a gravata com um laço perfeito e o paletó impecável tirado do cabide atrás da porta. Permaneço em sua sala, um tanto sombrio pelos comentários que ouvi. É o mais próximo que Sandy e eu já chegamos de uma conversa franca. Depois de tantos meses de contenção, sua franqueza é desconcertante, não importa quão gentil ou elegantemente tenha sido formulada.

Vagueio pelo corredor com a idéia de tomar outra taça de champanhe. A luz de Kemp está acesa. Ele trabalha em sua pequena sala. Por cima de um arquivo, apenas grudado na parede, há um cartaz. Contra o fundo de um vermelho vivo, há um jovem num casaco de lantejoulas. Toca uma guitarra e a foto o surpreendeu em movimento, de tal forma que os cabelos se projetam para um lado. A palavra GALACTICS atravessa o cartaz de ponta a ponta, em letras brancas. Tenho certeza de que poucas pessoas que entram naquela sala reconhecem o Jamie Kemp de uma década atrás.

– Meti-o numa encrenca com o chefe – eu digo. – Desculpe.

– Oh, merda, a culpa foi minha. – Ele aponta para uma cadeira. – Ele é o ser humano mais disciplinado que conheço.

– E um tremendo advogado.

– Não é mesmo? Já tinha visto alguma coisa parecida com o que aconteceu hoje?

– Nunca. Nem uma única vez, em 12 anos. Há quanto tempo vocês sabiam disso?

– Sandy notou a linha na autópsia na noite de domingo. Obtivemos a ficha do ginecologista ontem. E quer saber de uma coisa? Stern acha que foi apenas um equívoco. Está convencido de que Kumagai faz tudo de maneira meio atrapalhada. Quando recebeu os resultados do químico, continuou a partir desse ponto e esqueceu a autópsia. Não aceito essa hipótese.

– Não? E qual é sua opinião?

– Acho que armaram tudo contra você.

– Tenho pensado nisso há muito mais tempo do que você – comento, depois de um momento.

– Eu acreditei – diz Kemp. – Na maior parte do tempo. – Tenho certeza de que ele pensa de novo nos registros telefônicos, mas não diz nada a respeito. – Sabe quem foi?

Levo um momento com a idéia.

– Por que eu não contaria a meus advogados?

– O que acha de Molto?

– Talvez. Provavelmente.

– O que ele conseguiria com isso? Impedi-lo de examinar aquele arquivo? Como é mesmo que o chama... Arquivo B?

– Isso mesmo, Arquivo B.

– Só que ele não pode acreditar que você deixará de mencioná-lo, apesar da pressão.

– Mas pense um pouco na posição em que me encontro. Você preferiria ser acusado pelo subchefe da promotoria ou por um homem desesperado que está acusando de homicídio? Além do mais, ele não saberia até que ponto fomos na investigação. Haveria de querer apenas evitar que alguém se adiantasse muito.

– Não acha que isso é espantoso? Bizarro?

– Esse é provavelmente um dos motivos pelos quais ainda não estou totalmente convencido.

– Quais são os outros?

Balanço a cabeça.

– Terei uma idéia melhor esta noite.

– O que vai fazer esta noite?

Torno a balançar a cabeça. Por Lipranzer, não posso correr qualquer risco. Será apenas entre nós dois.

– É aquele negócio de faça-você-mesmo esta noite? – ele pergunta.

– É, sim.

– É melhor tomar cuidado. Não comece a prestar algum favor a Della Guardia.

– Não se preocupe. Sei o que estou fazendo.

Levanto e reflito sobre a última frase, uma das declarações mais exageradas que já fiz nos últimos tempos. Desejo boa-noite a Kemp e desço pelo corredor, em busca de champanhe.

34

Como Papai Noel ou os demônios que saem da floresta, Lipranzer chega à minha casa depois de meia-noite. Parece animado e excepcionalmente bem-humorado quando Barbara o cumprimenta

na porta, já pronta para dormir. Aguardando Lip, não sentia a menor disposição para dormir. Em vez disso, os acontecimentos do dia combinaram-se de tal maneira que, pela primeira vez em meses, experimento uma sensação que reconheço como algo mais do que uma esperança nascente. É como a recepção trêmula das pálpebras fechadas à luz do novo dia. Em algum lugar, lá em meu íntimo, reacendeu-se a fé de que estarei livre. Nessa suave luminosidade, passei o momento mais agradável nos últimos meses com minha esposa. Barbara e eu tomamos café juntos por horas, conversando sobre o falecimento de Indolor Kumagai e a volta programada de Nathaniel na sexta-feira, a perspectiva de uma vida renovada a nos envolver como um bálsamo.

– Estão dizendo algumas coisas estranhas lá na chefatura – Lipranzer comenta conosco. – Pouco antes de deixar o Hall, conversei com um cara que ouviu a história de Glendenning. Dizem que Delay está falando em arquivar o caso e Tommy se esgoela e esperneia, tentando encontrar alguma coisa nova. Seria possível?

– Acho que sim – respondo.

À menção de Nico pedir o arquivamento do caso, Barbara pegou meu braço.

– O que aconteceu no tribunal hoje? – pergunta Lip.

Começo a lhe contar a história da reinquirição de Kumagai, mas ele já a ouviu.

– Já sei disso – ele diz. – O que estou querendo saber é outra coisa. Como é possível? Eu lhe contei que ele me disse que o cara disparava tiros de festim. E não quero saber quantas vezes ele vai negar. Mas Ted Kumagai virou história. Não há uma única alma lá na chefatura que não diga que ele será suspenso na próxima semana.

Como Kemp previu. A esta altura, descubro meus sentimentos de compaixão bastante reduzidos. Barbara nos acompanha até a porta.

– Tomem cuidado – recomenda.

Lipranzer e eu ficamos sentados por um momento no Áries sem identificação, estacionado no caminho da casa. Eu acabara de preparar outro bule de café – este com cafeína – quando Lip chegou e Barbara serviu-lhe uma segunda xícara como saída. Ele ainda o toma quando sentamos no carro.

– Para onde vamos? – pergunto.

– Quero que você adivinhe.

Claro que é um tanto tarde para visitas. Mas aprendi essa técnica com a polícia há muito tempo. Se você precisa encontrar alguém, a melhor ocasião é na calada da noite, quando quase todo mundo está em casa.

– Dê-me sua opinião sobre Leon – acrescenta Lip. – Diga-me o que pensa sobre ele.

– Não tenho a menor idéia. Talvez queira conservar algum emprego. Isso ficou patente pela carta. Portanto, deve ganhar uma boa grana. Talvez seja dono de um restaurante ou bar, seus sócios são certinhos. Pode ser qualquer coisa semi-respeitável. Dirige uma companhia teatral, o que acha? Estou perto?

– Você nunca chegaria perto. Ele é branco?

– Provavelmente. E bem próspero, o que quer que faça.

– Errado – diz Lipranzer.

– Fala sério?

Lipranzer está rindo.

– Muito bem – eu digo –, já esgotei minhas vinte perguntas. Qual é o caso?

– Não poderia imaginar. Ele é um Night Saint.

– Essa não!

– Uma ficha tão extensa quanto meu braço. A turma do crime organizado tem uma porção

de informações sobre ele. O cara é como um tenente agora. Ou qualquer outra coisa que eles chamam, um diácono. Manda em muita coisa lá nos cortiços. E está no topo há anos. Ao que parece, calculou que os companheiros não ficariam muito satisfeitos se descobrissem que costuma se esgueirar para a Floresta Pública, a fim de chupar o pau de garotos brancos. Esse é o seu problema. Mojoleski tem um informante, um bicha, professor de escola secundária, que lhe deu todas as dicas sobre esse cara. Parece que ele e Leon há anos tinham suas aventuras juntos. Ele foi professor de Leon. Eddie de Tal. Nove em dez como é o sujeito que gosta de escrever cartas.

– Filho de uma puta. E para onde vamos? Grace Street?

– Grace Street – confirma Lipranzer.

As palavras ainda são suficientes para me provocar um calafrio no coração e na espinha. Lionel Kenneally e eu passamos algumas noites ali. Madrugadas, para ser mais exato. Lá pelas 3 ou 4 horas. O momento mais seguro para um branco.

– Liguei para ele – diz Lipranzer. – É do tipo próspero. Tem telefone e tudo mais. No próprio nome, diga-se de passagem. Aquele tal investigador Berman fez um trabalho do cacete. Seja como for, liguei para ele há cerca de uma hora, dizendo que estava oferecendo assinaturas de jornal gratuitas. Ele não estava interessado, mas disse que sim quando perguntei se falava com Leon Wells.

"Um Night Saint", penso, enquanto seguimos para a cidade.

– Um Night Saint – murmuro em voz alta.

PASSEI A CONHECER os conjuntos habitacionais da Grace Street durante o meu quarto ano com promotor-assistente. A essa altura, ingressara no círculo seleto de Raymond Horgan e ele me escolhera para conduzir uma investigação em larga escala da polícia e um júri de instrução sobre os Night Saints. Essa investida contra a maior gangue de rua da cidade foi anunciada por Raymond bem a tempo de se tornar a plataforma principal de sua primeira campanha de reeleição. Para Raymond, era uma questão ideal. Os gângsteres negros não eram populares com ninguém do Condado de Kindle e o sucesso acabaria para sempre com a imagem de coração mole de Raymond. A investigação dos Saints foi minha viagem inicial para a luz dos refletores, a primeira vez que trabalhei com repórteres ao lado. Tomou quase quatro anos de minha vida. Quando Raymond concorreu à reeleição, já condenáramos 147 membros identificados da quadrilha. A imprensa alardeou o triunfo sem precedentes de Raymond Horgan e nunca mencionou os mais de setecentos Saints que continuaram nas ruas, fazendo as mesmas coisas de sempre.

A gênese dos Saints renderia um ensaio relativamente bom para um sociólogo. No início, eram os Proscritos da Noite, uma quadrilha pequena e não muito disciplinada do North End. O líder era Melvin White. Um americano de boa aparência, cego de um olho, leitoso e divagante, e usava um brinco de turquesa de 8 centímetros, talvez para compensar, pendendo da orelha oposta. Os cabelos tendiam para o liso e eram usados ao estilo de górgona, parecendo com um desleixado emaranhado africano. Melvin era um ladrão. Roubava calotas de automóveis, armas, correspondências, as moedas das máquinas automáticas de venda, todos os tipos de veículos motorizados. Uma noite, Melvin e três companheiros mataram o proprietário árabe de um posto de gasolina, que os surpreendeu quando esvaziavam sua caixa registradora. Alegaram homicídio involuntário e Melvin, que até então só estivera em campos de delinqüentes juvenis, foi para Rudyard. Ali, ele e seus três companheiros conheceram homens que passaram a admirar. Melvin saiu quatro anos depois de cafetã e amuletos, anunciou que era agora o Chefe Harukan, líder da Ordem dos Santos e Demônios da Noite. Vinte outros vestiram-se como ele e se instalaram na

mesma parte da cidade. Nos 12 meses seguintes, todos começaram, como disseram, a se envolver na comunidade. Melvin reuniu seus seguidores num prédio de apartamentos abandonado, a que chamava de seu *ashram*, o refúgio sagrado. Pregava por um alto-falante nos fins de semana e à noite. E durante o dia ensinava os que tinham alguma inclinação a roubar.

Inicialmente, foi correspondência. Os Saints tinham pessoas infiltradas nos correios. Muitas, para ser mais exato. Roubavam não apenas cheques e ingressos para eventos, mas também informações sobre contas bancárias, de tal forma que podiam fazer falsificações em qualquer banco. Harukan possuía o que, por falta de algo melhor, pode ser chamado de visão para reconhecer os princípios da iniciativa capitalista. Os lucros foram reinvestidos, em geral em propriedades desvalorizadas no North End, adquiridas em leilões do condado. Não demorou muito para que quarteirões inteiros pertencessem aos Saints. Eles circulavam de um lado para outro em carros enormes. Tocavam as buzinas e ligavam os rádios a todo volume. Prostituíam as garotas do bairro e transformavam os meninos em bandidos, de bom grado ou não. Enquanto isso, Harukan começou a se destacar como uma personalidade política. Os Saints distribuíam alimentos nos fins de semana.

Quando a situação dos Saints tornou-se mais consolidada, Melvin os levou para o negócio de tóxicos. Prédios inteiros transformaram-se em centros de processamento. Caras com diplomas de química processavam heroína com quinino e lactose, vigiados por dois homens armados com M-16. Em outro local, seis mulheres, completamente nuas para evitar que escondessem alguma coisa numa cavidade do corpo, preparavam os papelotes, os pequenos invólucros com doses de heroína. Nas ruas da Terra dos Saints a heroína era vendida em estandes. Havia guichês em garagens onde os garotos brancos das comunidades suburbanas podiam parar seus carros e comprar o que queriam. O tráfego era tão intenso nos fins de semana que um homem de cafetã e óculos escuros sempre aparecia, com um apito, para orientar os motoristas. Uma ou duas vezes, os jornais tentaram escrever sobre o que estava acontecendo, mas a polícia não gostou. Havia policiais subornados, algo que o departamento tradicionalmente preferia ignorar, enquanto os outros tiras estavam simplesmente assustados. Os Saints matavam. Atiravam, garroteavam, apunhalavam. Assassinavam, é claro, em brigas por causa de tóxicos; mas também matavam por causa de pequenas divergências de opinião, porque alguém criticava o estofamento do carro de alguém ou por conta de um inocente esbarrão na rua. Controlavam seis quarteirões desta cidade, seu território fascista, um quarto representado pelos conjuntos habitacionais da Grace Street.

Ouvi dizer em várias ocasiões que esses conjuntos se inspiraram nos mesmos projetos arquitetônicos dos dormitórios de estudantes em Stanford. Basta dizer, porém, que não existe agora qualquer semelhança. As pequenas varandas nos fundos de cada apartamento foram cercadas com tela de arame para acabar com a chuva de suicidas, bêbados, bebês e pessoas empurradas, que nos cinco primeiros anos tornou-se um molho sobre a calçada lá embaixo. A maioria das portas de vidro corrediças para as varandas foi substituída por lâminas de madeira compensada; e das varandas pende uma ampla variedade de objetos, inclusive roupa lavada, latas de lixo, bandeiras de gangues, pneus velhos, peças de carro ou, no inverno, qualquer coisa que se beneficie por ficar fora do calor. Nenhum sociólogo pode retratar quão longe é a vida nessas torres de concreto da experiência que a maioria das pessoas conhece. Não é a escola de catecismo, era a frase predileta de Lionel Kenneally. E ele estava certo; não era mesmo. Mas era mais do que a ironia vulgar ou mesmo o racismo rábico podia incluir. Era uma zona de guerra, próxima do que foi descrito pelos caras que conheci que voltaram do Vietnam. Era uma terra em que não havia futuro – um lugar em que havia pouco sentido real de causa e efeito. Sangue e fúria. Calor e frio. Esses eram os termos que tinham algum significado. Mas não se podia pedir a

ninguém que fizesse alguma coisa que acarretasse qualquer influência sobre o que poderia acontecer no ano seguinte, até mesmo na semana seguinte. Às vezes, quando escutava minhas testemunhas descreverem os eventos cotidianos da vida ali, à maneira desligada que a maioria tinha de fazer isso, eu especulava se não estavam sofrendo alucinações. Morgan Hobberly, minha principal testemunha, um Saint reformado que se tornara sinceramente religioso, contou-me que certa manhã rolou da cama ao som de tiros além de sua porta. Quando foi investigar, descobriu-se apanhado entre dois caras que tentavam se eliminar com carabinas. Perguntei a Morgan o que ele fizera.

– Voltei a dormir, cara. Não tinha nada a ver com aquilo. Coloquei o travesseiro por cima da cabeça.

Para dizer a verdade, meus quatro anos de investigação só tiveram sucesso por causa de Morgan Hobberly. Toda a heróica incursão pela vida da quadrilha, que Stern alardeou diante do meu júri várias vezes, reduziu-se a um golpe de sorte: descobrir Morgan. Uma organização como a de Harukan não tinha o tipo de membros que não podiam ser comprados. Dezenas eram informantes da polícia ou de agências federais. Mas Melvin era bastante esperto para ter uns poucos empenhados no trabalho de contra-informações. Nunca tínhamos certeza do que era certo, já que obtínhamos, por intermédio de nossas fontes, duas ou três histórias diferentes ao mesmo tempo.

Mas Morgan Hobberly era a coisa autêntica. Estava por dentro. Não particularmente porque queria estar, mas porque os Saints gostavam de tê-lo por perto. Todo mundo conhece um Morgan Hobberly. Ele nasceu simpático, propenso à graça, como algumas pessoas nascem para música, cavalos ou salto em altura. As roupas simplesmente caíam nele da maneira certa. Os movimentos eram graciosos. Não era tão bonito quanto equilibrado, tão atraente quanto presente. Alheamento não era a palavra certa tanto quanto magia. Havia certa vibração que ele despertava em mim que me fazia lembrar de alguma forma meus sentimentos por Nat. E, como alguma voz moral que ele tomou como divina lhe disse certa manhã que os caminhos de Harukan eram malignos, Morgan secretamente começou a trabalhar para o Estado. Pusemos um pequeno gravador escondido em seu corpo e ele participava das reuniões dos chefes. Forneceu-nos os números de telefones que acabamos grampeando. Nos setenta dias em que Morgan Hobberly nos ajudou, obtivemos praticamente todas as provas para os julgamentos que duraram por mais dois anos.

Ele não sobreviveu, é claro. Os bons, pelo que dizem, nunca conseguem. Foi Kenneally quem me informou que haviam encontrado Morgan. Receberam um aviso do comando do distrito da Floresta Pública, ele disse, e não parecia nada animador. Quando lá cheguei, já havia aquele estranho agrupamento de policiais, paramédicos e repórteres, presenças comuns no local de um assassinato. Ninguém quer falar com ninguém; ninguém quer permanecer perto do corpo. Há pessoas por toda parte, aflorando em lugares diferentes, como esporos. Eu não podia imaginar onde ele estava. Lionel já se encontrava ali, com as mãos enfiadas nos bolsos do blusão. Lançou-me aquele seu olhar insinuante, um olhar de patife. Fizemos uma cagada, ele estava dizendo; e depois seus olhos se desviaram por tempo suficiente para que eu adivinhasse a direção geral.

Ele morrera de afogamento. Foi o que o médico-legista Russell determinou mais tarde – eu não deixaria que Kumagai se aproximasse do corpo. Morrera de afogamento, o médico-legista constatou, na água de uma latrina pública. Era onde ele estava. Virado ao contrário, a cabeça enfiada lá dentro, os ombros quebrados, além do assento de madeira. A rigidez cadavérica já ocorrera, de forma que suas pernas se abriam num ângulo de espantalho, a calça simples de brim, as meias de náilon furadas e os sapatos surrados criando um clima de insuportável humildade. A

pele – a faixa de pele visível, onde calça e meias não se encontravam – era roxa, uma tonalidade de púrpura real. Fiquei parado na casinha de madeira, onde uma ou duas moscas ainda zumbiam, embora já fosse novembro, quando o ar era fétido mesmo sem o calor do verão, e contemplei o estranho humor de Hobberly, o éter em que sempre pensei que ele podia flutuar. Acreditei menos então em anjos e fantasmas, porque pensara que aquele era um homem que não podia ser tocado, enquanto abria seu caminho pelo mundo.

LIPRANZER ESTÁ parecendo frio – não sem emoção ou distante, mas realmente frio, embora a temperatura noturna em agosto ainda esteja oscilando em torno dos 25 graus. Os ombros estão contraídos e o blusão, completamente fechado. Eu o conheço bastante bem para compreender que isso é sinal de aflição, se não mesmo de medo. Nesta seara, provavelmente sou mais experiente.

– Como está indo, Charlie Chan? – pergunto, enquanto subimos a escadaria de concreto.

– Mim não gostar disso, patlão – ele diz, brincando. – Hum, hum. Não ter saída.

Nos conjuntos, a escadaria de um prédio é sua artéria principal. Os elevadores raramente funcionam e quando estão em operação ninguém entra neles de qualquer forma, já que não há misericórdia para aquele que se encontra entre dois andares num carro cheio de Saints. Em vez disso, todo o movimento acontece na escada. Tóxicos são vendidos aqui; vinho é vendido aqui; amor é feito aqui. São quase 3 horas e este Ganges vertical ainda não está completamente deserto. Perto do quarto andar, dois jovens estão bebendo alguma coisa num saco e tentando cantar uma moça, cuja cabeça está inclinada para trás, encostada no concreto.

– Como estão as coisas, irmão? – eles dizem para um negro que sobe as escadas à nossa frente.

Para Lip e para mim, eles não dizem nada, mas seus olhares são insolentes e frios. Lip, sem perder um passo, mostra sua ferramenta ao passarmos. Não quer ser confundido com um branco qualquer.

No topo da escadaria, o oitavo andar, Lip leva um dedo aos lábios e puxa sem fazer barulho a porta de aço da escadaria de incêndio. Eu o sigo pelo corredor, um típico corredor de conjunto; muito iluminado para desencorajar os intrusos, lixo nos lados, em pilhas isoladas, um cheiro intenso de uso humano. No meio do corredor, o gesso da parede foi arrebentado, num formato que parece a cabeça de alguém. Foi num corredor assim que um dos homens de Lionel Kenneally atirou em Melvin White, na noite seguinte à primeira rodada de indiciamentos. Eu estava lá fora para supervisionar as prisões, mas só uns vinte minutos depois de ouvirmos os tiros é que os policiais me deixaram entrar. A essa altura, a ambulância já chegara e subi com os paramédicos. Os médicos acabaram salvando a vida de Melvin, possibilitando seu retorno a Rudyard. Quando o vi, no entanto, as chances de Harukan não pareciam boas. Haviam-no estendido no meio do corredor, ao lado de seu rifle automático. Ele emitia um som muito elaborado e desesperado para ser chamado de gemido, a barriga e os braços, estendidos por cima, se encontravam tingidos de sangue. E por cima dele pairava Stapleton Hobberly, o irmão de Morgan, que começara a trabalhar para nós depois da morte de Morgan. Stapleton estava com o pênis nas mãos. E urinava na cara de Melvin White, enquanto diversos tiras se encostavam pelas paredes, observando.

“E o que vou dizer se esse cara morrer de afogamento?”, um dos paramédicos me perguntou.

Agora Lip está batendo à porta.

– Abra, Leon! Acorde! É a polícia! Vamos logo, cara. Queremos apenas conversar.

Esperamos. O prédio, de uma forma que é quase além do limiar da percepção, parece mais

silencioso agora. Lip bate outra vez, com a palma da mão. Não há como arrombar esta porta a pontapés. Todas são reforçadas com aço.

Lipranzer balança a cabeça. E nesse momento, súbita e silenciosamente, a porta é aberta. Bem devagar. Lá dentro, a sala está totalmente escura, não há sinal de luz. E começa uma extraordinária pressão de adrenalina. Se eu fosse definir os detalhes que desencadeiam essa reação, só poderia identificar o pequeno estalido de metal, mas antes mesmo há uma instantânea percepção de alarme. O perigo é palpável no ar, como se a ameaça de agressão fosse um odor, um movimento como o vento. Quando escuto o som da arma sendo engatilhada, compreendo que somos alvos perfeitos, parados ali, com o corredor iluminado por trás. Contudo, por mais claro que seja o pensamento, não tenho impulso para me mexer. Lipranzer, porém, não fica imóvel. Em algum momento, ele diz “Filho-da-puta” e, ao mergulhar no chão, se desvia na minha direção e me puxa as pernas. Aterrisso sobre um cotovelo, com a maior dor, rolo para o lado. Ambos terminamos de barriga no chão, olhando um para o outro, dos lados da porta. Lipranzer empunha a arma com as duas mãos.

Lip fecha os olhos e grita no volume máximo:

– Leon, eu sou a polícia! Este cara é a polícia! E se seu canhão não estiver aqui fora em dez segundos, vou chamar todo mundo e vão estourar seu rabo antes que possa dizer alguma merda. E agora começarei a contar!

Lip fica de joelhos e comprime as costas contra a parede. Gesticula com o queixo para que eu faça a mesma coisa.

– Um! – ele grita.

– Cara – nós ouvimos –, se você é da polícia, como vou saber? Hem? Como posso saber?

Lip tira do blusão suas credenciais – o emblema e a identificação com uma foto. Aproxima-se da porta e depois deixa apenas a mão passar além do umbral, ao jogá-las para dentro.

– Dois! – grita Lip.

Ele está recuando. Aponta para a placa iluminada de saída. Estaremos correndo para lá em breve.

– Três!

– Cara, vou acender as luzes agora. Está bem? Está bem? Mas fico com meu canhão.

– Quatro!

– Está bem, está bem, está bem.

O revólver desliza ruidoso pelos ladrilhos e vai parar com um baque surdo contra o rodapé do corredor. Uma coisa preta e pesada. Até parar, pensei que fosse um rato. A luz do apartamento se projeta pela porta aberta.

– Aqui fora, Leon – grita Lip. – De joelhos.

– Oh, cara.

– Agora!

– Merda!

Ele passa pela porta de joelhos. Está cômico agora. Os tiras, cara. Sempre tão sérios.

Lip o apalpa. E depois acena com a cabeça. E nós três nos levantamos. Lip recupera suas credenciais. Leon usa uma camiseta preta sem mangas e uma faixa vermelha na cabeça. Por baixo, veste apenas uma sunga. Ao que parece, nós o acordamos. Um homem de pele lisa e bastante forte.

– Sou o Detetive Lipranzer. Comando Especial. Gostaria de entrar e conversar.

– E quem é ele, cara?

– Ele é meu amigo. – Lip, que ainda está com sua arma na mão, empurra Leon. – E agora

vamos entrar.

Leon segue na frente. Lip cobre a porta; com a arma junto do rosto, ele olha de um lado para o outro do interior. Entra para uma revista. Depois de algum tempo, volta e faz sinal para eu entrar. Enfia a arma no coldre, por baixo do paletó.

– Puxa, teríamos sido manchete – eu digo a ele, minhas primeiras palavras desde que isso começou. – Se ele estivesse atirando, você poderia ter salvado minha vida.

Lip faz uma careta, visando me desmerecer.

– Se ele estivesse atirando, você já teria morrido quando o derrubei.

Lá dentro, Leon espera por nós. O apartamento é uma cozinha mínima e dois cômodos. Não há barulho de mais ninguém, mas ele senta num colchão no chão da sala. Vestiu a calça. Um despertador de plástico e um cinzeiro estão ao lado da cama, a seus pés.

– Queremos lhe fazer algumas perguntas – diz Lip. – Se abrir o bico direitinho, sairemos daqui em cinco minutos.

– Ei, cara, você aparece aqui às 3 horas. Vamos com calma, cara. Me dê um refresco. Chame Charley Davis, cara, ele é meu advogado. Converse com ele, porque estou cansado e vou dormir.

Ele se encosta na parede e fecha os olhos.

– Não precisa de um advogado, Leon.

Leon, ainda de olhos fechados, ri. Já ouviu isso antes.

– Você tem imunidade – Lipranzer diz a ele. – Este cara é promotor-assistente. Não é?

Leon abre os olhos a tempo de me ver acenar com a cabeça.

– Está vendo? Agora você tem imunidade.

– Sete, sete, dois – diz Leon –, cinco, oito, meia, oito. Este é o número, cara. Charley Davis.

– Leon – diz Lip –, há uns oito ou nove anos você deu 1.500 dólares a um promotor-assistente para resolver alguns problemas seus. Sabe do que estou falando?

– Sem essa, cara. Está bem? Entra aqui às 3 da matina, cara, vem me perguntar uma merda como essa. Pensa que sou idiota, cara? Hem? Uma porra de um imbecil? Que vou falar com uma porra de um tira branco sobre uma merda dessas? Sem essa, cara. Vá para casa, me deixa dormir.

Ele volta a fechar os olhos. Lip emite um som. Por algum motivo, tenho a impressão de que ele vai de novo sacar a arma e sinto o impulso de detê-lo, mas em vez disso ele avança lentamente para Leon. Agacha-se, junto da cabeceira da cama. Leon observou-o se aproximar, mas fecha os olhos no instante em que Lipranzer alcança seu nível. Lip estende o indicador e cutuca algumas vezes o antebraço de Leon. E depois aponta para mim.

– Está vendo aquele cara? É Rusty Sabich.

Leon abre os olhos. Capitão Matador de Saint. Bem aqui, na sua sala.

– Sem essa – diz Leon.

– Mostre sua carteira – diz Lipranzer.

Não estou preparado para isso e tenho de esvaziar os bolsos do casaco esporte. No processo, descubro que o casaco está todo cinzento na frente, por causa da sujeira do corredor. Trouxe os documentos que Lip obteve há meses do arquivo de Leon no tribunal, a agenda, a carteira. Encontro ali um cartão com as pontas meio dobradas. Entrego a Lipranzer, que o estende a Leon.

– Rusty Sabich – diz Lipranzer de novo.

– E daí? – pergunta Leon.

– Leon – diz Lip –, quantos dos seus irmãos de sangue você acha que estão no caderninho dele, hem? Vinte e cinco? Trinta e cinco? Quantos Saints você acha que ele pagou para dar informações? Volte a dormir, Leon, e Rusty Sabich estará no telefone amanhã de manhã. Vai

contar a todo mundo como você ia à Floresta Pública para chupar o pau dos garotos brancos. Vai entregar a eles quem, quando e onde. Vai contar como podem descobrir tudo sobre esse diácono bicha que eles têm, chamado Leon Wells. Entendido? Pensa que é sacanagem? Pois não é, cara. Este é o sujeito que deixou Stapleton Hobberly dar uma mijada na cara de Harukan. Já ouviu essa história, não é mesmo? Tudo o que queremos são cinco minutos do seu tempo. Você nos conta toda a verdade e o deixamos em paz. Precisamos saber de umas coisinhas. E isso é tudo.

Leon não se mexeu muito, mas os olhos estão arregalados enquanto escuta Lipranzer. Não há mais encenação em sua expressão.

– Sei disso, cara, e na semana que vem vai precisar de mais alguma coisa e vai bater à minha porta às 3 da matina e me jogar toda essa merda outra vez.

– Nós lhe diremos agora mesmo se algum dia precisaremos de qualquer outra coisa. Assim que responder às nossas perguntas.

O que vamos precisar é que Leon apareça no tribunal para testemunhar, se ele incriminar Molto. Mas Lip sabe das coisas; não diz nada a ele por algum tempo.

– E agora, Leon, não me venha com sacanagem. Aqui está a primeira pergunta: você pagou ou não pagou 1.500 dólares para dar um sumiço naquele caso?

Leon solta um grunhido. Empertiga-se.

– Aquele puto do Eddie – diz ele. – Você já sabe, cara. Certo? Então, por que está me aporrinhando?

– Leon – diz Lip suavemente –, você ouviu minha pergunta.

– Está bem, cara. Paguei os 1.500.

As batidas do meu coração aceleraram agora. Pam, pam. Espero ver o bolso saltando quando baixo os olhos para a camisa.

Falo pela primeira vez:

– A mulher teve alguma coisa a ver com essa história? Carolyn? A agente de liberdade condicional?

Leon ri.

– Claro que sim, cara. Pode apostar que sim.

– Como?

– Não me venha com essa, cara. Nada de merda para cima de mim. Aquela sacana armou a coisa toda, cara. Você sabe disso. Ela disse que eu não precisava me preocupar, sabia como cuidar de tudo. Uma beleza, cara. Uma beleza. Aposto que ela fez isso mil vezes. Disse-me para onde ir. Como trazer a grana, cara. Uma dona muito legal. Está me entendendo?

– Estou. – Eu me agacho agora, como Lipranzer. – E ela estava lá quando você fez a entrega?

– Estava, sim. Sentada bem ali. Na maior calma. Sabe como é, cara: “Como vai? Sente aqui.” E depois o cara começou a falar.

– Ele estava atrás de você?

– Pegou a coisa. Ela me falou quando entrei. Não se vire, apenas faça o que o cara disser.

– E ele disse para você pôr sobre a mesa?

– Não, cara. A mesa era onde eu estava sentado. Ele disse para deixar na gaveta de cima.

– Era o que eu estava querendo dizer. A mesa do promotor-assistente, certo?

– Isso mesmo. Aquela mesa.

– E pagou a ele, certo? – pergunta Lipranzer. – Ao promotor-assistente?

Leon olha para ele com irritação.

– Não, cara. Não ia pagar a um promotorzinho de merda. Pensa que sou otário? Ele pega

minha grana, cara, e depois diz que não pode fazer nada, a turma lá de cima deu as ordens. Já ouvi muito dessa merda.

Lipranzer olha para mim. Ainda não entendeu. Mas eu já. Finalmente. Por Deus, como sou obtuso. Estúpido.

– Então, quem foi? – pergunta Lip.

Leon faz uma careta. Não gosta de dizer a um tira qualquer coisa que ele já não saiba. Eu digo por ele.

– O juiz, Lip. Leon pagou ao juiz. Certo?

Leon acena com a cabeça.

– Um crioulo. Foi ele mesmo, cara. Por trás de mim? Pude reconhecer a voz quando ouvi no tribunal.

Leon estala os dedos, tentando lembrar o nome. Mas não há qualquer necessidade de que ele se incomode com isso. Está na ordem de arquivamento. Tiro do bolso para conferir. Não há como se enganar com a assinatura. Eu a vi dezenas de vezes nos últimos dois meses. É tão característica quanto tudo o mais que Larren faz.

– E AGORA? – pergunta Lip.

São quase 5 horas e estamos sentados no Wally's, uma espelunca que fica aberta a noite inteira, à beira do rio.

– Larren estava comendo a mulher e tomando dinheiro para mantê-la em grande estilo? – ele acrescenta.

Lip ainda está tenso. No caminho para cá, parou num buraco, um botequim miserável que ele conhecia, saiu com uma garrafa pequena de aguardente de pêssego. Bebeu como se fosse Coca-Cola. Ainda não havia descarregado a confrontação inicial na porta.

Santo Deus, ele disse para mim. Às vezes, detesto ser tira.

Agora, balanço a cabeça às suas perguntas. Não sei. A única coisa que já concluí com certeza, na última hora, é que era isso que Kenneally não queria me dizer quando nos encontramos na semana passada. Que Larren andava tomando grana. Era o que aporrinhava os tiras naquele tempo. O juiz também entrava na grana.

– O que me diz de Molto? – pergunta Lip. – Acha que ele também estava na jogada?

– Acho que ele estava fora. Não posso imaginar Larren Lyttle metido em qualquer triângulo. Nico disse que Molto sempre gostou de Carolyn. Provavelmente, ela lhe pediu para arquivar casos e ele se limitou a atender. Tenho certeza de que ele sentia tesão por ela, como todo mundo.

Tudo muito católico e reprimido, é claro. Isso faria sentido também. É o combustível que manteve o motor de Molto girando em alta potência. Paixão não-resolvida.

Conversamos por mais de uma hora. E chega o momento em que já é bem tarde para se fazer um desjejum, e ambos pedimos ovos. O sol está subindo agora, sobre o rio, aquela profusão espetacular de luz rosada.

Penso subitamente numa coisa e rio. Rio muito, com uma falta de autocontrole embaraçosa. Meu pensamento é ridículo, não tem nada de engraçado. Mas foi um dia comprido e muito estranho.

– O que foi? – pergunta Lip.

– Conheço você há uma porção de anos e nunca me ocorreu.

– Mas do que está falando?

Volto a rir. E um momento se passa antes que seja capaz de falar.

– Nunca imaginei que você andasse armado.

35

Barbara vê quando me aproximo de pijama do lado da cama.

– Já vai levantar? – Ela olha para o relógio, os olhos contraídos. São 6h30. – Não é um pouco cedo?

– Vou deitar agora – digo a ela.

Barbara estremece e se ergue, apoiada no cotovelo, mas aceno que não vale a pena conversar a respeito. Acho que não vou conseguir dormir, mas durmo. Sonho com meu pai na cadeia.

Barbara espera até o último minuto para me acordar e temos de correr. O tráfego na ponte é intenso e o tribunal já se encontra em sessão quando chegamos. Kemp e os dois promotores estão diante do juiz. Nico fala. Parece abatido e tenso, sua atitude ao se dirigir ao juiz só pode ser descrita como agitada.

Sento ao lado de Stern. Barbara ligara para ele, avisando que nos atrasaríamos, mas diplomaticamente omitiu qualquer menção ao motivo. Passo os primeiros momentos de minha conferência aos sussurros com Sandy, assegurando que ambos estamos com boa saúde. Depois, ele explica o que está acontecendo:

– A promotoria entrou na hora do desespero. Contarei tudo quando o juiz determinar o recesso. Eles querem que Molto testemunhe.

Pensei que era sobre isso que Nico estava falando. Depois que ele acaba de exortar o juiz, Larren olha para baixo e diz simplesmente:

– Não.

– Meritíssimo...

– Sr. Delay Guardia, discutimos isso com todo cuidado no primeiro dia de julgamento. Não pode chamar o Sr. Molto.

– Juiz, não tínhamos idéia...

– Sr. Delay Guardia, se eu estivesse inclinado a permitir que o Sr. Molto testemunhasse, então deveria declarar o julgamento nulo desde já, porque se algum dia for para um tribunal de apelações... e digo isso em termos hipotéticos... mas, se algum dia chegasse lá, eles mandariam o processo de volta no mesmo instante. O Sr. Stern perguntou no primeiro dia do julgamento sobre o depoimento do Sr. Molto e você disse que não, de jeito nenhum. Pois é assim que vai continuar.

– Juiz, disse que teríamos direito a alguma margem de ação, se a defesa insistisse na teoria da incriminação. Disse isso.

– E permiti que se postasse na frente do júri e fizesse uma declaração totalmente imprópria. Lembra o que ocorreu quando o Sr. Horgan estava no banco das testemunhas? Mas eu deveria ter mais fé na perspicácia profissional do Sr. Stern, em vez de supor que ele se aventuraria por tal caminho sem razão. Não sabia então, Sr. Delay Guardia, que a principal prova do Estado ia desaparecer, depois de ser vista pela última vez com o Sr. Molto. Não sabia que o Sr. Molto e o patologista chefe iriam fabricar uma prova ou testemunho... e posso lhe garantir, senhor, que essa é uma interpretação razoável dos acontecimentos de ontem. Ainda estou considerando a questão do que acontecerá com o Sr. Molto. Mas uma coisa que não vai acontecer é ele subir ao banco das testemunhas e piorar a situação ainda mais. E agora qual é a outra coisa que queria falar?

Nico fica em silêncio, a cabeça baixa por um segundo. Quando se empertiga, leva um

momento e ajeita o paletó.

– Juiz, vamos chamar uma nova testemunha.

– Quem?

– O Dr. Miles Robinson, psiquiatra do Sr. Sabich. Ele constava de nossa relação de testemunhas. Nós o omitimos da ordem de prova, mas comuniquei a mudança ao Sr. Stern ontem à noite.

Ao lado de Stern, fico tenso. Ele está com a mão em meu braço, a fim de impedir uma reação mais precipitada.

– Mas que história é essa? – sussurro.

– Ia discutir com você esta manhã – murmura Stern. – Falei com o médico. E lhe darei minha estimativa do que os promotores estão querendo dentro de alguns momentos.

– E qual é o problema? – pergunta Larren. – O Sr. Stern se opõe ao depoimento da testemunha sem aviso?

Stern se levanta.

– Não, meritíssimo. Eu me oponho ao depoimento da testemunha, mas não por esse motivo.

– Explique sua objeção, Sr. Stern.

– Meritíssimo, objetamos por dois motivos. Qualquer que possa ser a visão esclarecida da psicoterapia, muitas pessoas continuam a encará-la como um estigma. Sendo assim, esse depoimento possibilitaria um sério preconceito contra o Sr. Sabich. Mais importante, prevejo que o Sr. Molto... que interrogará o Dr. Robinson, pelo que sei... abordará um material que violaria o privilégio da comunicação entre médico e paciente.

– Entendo – diz Larren. – Vai apresentar uma petição para suprimir o depoimento?

Stern olha para mim. Está pensando em alguma coisa. Inclina-se em minha direção, depois parece mudar de idéia.

– Meritíssimo... meus comentários provavelmente serão uma violação, pelo que peço desculpas. Mas creio que são apropriados e necessários na defesa dos interesses de meu cliente. Juiz Lyttle, questiono os motivos dos promotores na apresentação dessa prova. Não percebo nenhuma base concreta para prevalecer sobre o privilégio testemunhal que impede um médico, ainda mais um psicoterapeuta, de testemunhar sobre suas conversas orientadas ao tratamento de um paciente. Creio que esse testemunho é proposto sabendo que a defesa deve pedir a supressão e que o tribunal deve deferir a solicitação. Quando isso acontecer, os promotores terão alguém para culpar quando o julgamento chegar ao fim, que todos sabemos agora ser inevitável.

Nico fica inflamado. Bate no púlpito, furioso com a insinuação de Stern de que ele e Molto estão querendo ludibriar o juiz.

– Nego isso! – ele diz. – Nego isso! Acho que é uma afronta!

Ele repete sua expressão de ira, virando-se, vai parar na mesa dos promotores, olhando encolerizado para Stern, enquanto bebe água.

Larren permanece em silêncio por um longo tempo. Quando fala, não faz qualquer comentário sobre o que Stern sugeriu.

– Sr. Della Guardia, em que base propõe superar o privilégio?

Nico e Molto conferenciam.

– Meritíssimo, esperamos que o testemunho demonstre que o Sr. Sabich só consultou o Dr. Robinson em umas poucas ocasiões. Por isso, acreditamos que as declarações do Sr. Sabich não tinham o propósito de procurar tratamento e assim não se incluem no privilégio.

Já ouvi tudo o que posso agüentar. E comento em tom audível, embora baixinho:

– Mas que besteira!

Talvez o juiz tenha escutado. Pelo menos olha em minha direção.

– Este julgamento não tem corrido muito bem para o Estado – diz Larren. – Qualquer idiota saberia disso e ninguém aqui é um idiota. Mas se acha, Sr. Delay Guardia, que vou permitir que obtenha um testemunho privilegiado, a fim de poder tirar um coelho da cartola, então é melhor pensar duas vezes. Não posso e não vou permitir isso. E agora, senhor, não vou impedir esse testemunho. Não tenho comentários a fazer sobre as observações do Sr. Stern. Não sei se ele está certo. Direi apenas que é adequado apresentar uma alegação de privilégio numa base de pergunta a pergunta. Se quer trazer essa testemunha à presença do júri, esteja à vontade. Mas posso lhe adiantar que já se encontra numa posição crítica. O comportamento de um dos promotores tem sido deplorável. E se ele começar a tentar arrancar material privilegiado na presença do júri, então o risco será grande. Conversou com o Dr. Robinson a fim de saber as áreas permissíveis de inquirição?

– O Dr. Robinson recusou-se a ter uma reunião conosco.

– Ótimo para ele – diz Larren. – Faça o que quiser, Sr. Delay Guardia. Mas é melhor ter muita coisa para obter dessa testemunha. Porque posso imaginar o que o júri está pensando a esta altura.

Nico pede um momento para conferenciar. Ele e Molto se encaminham juntos para um canto do tribunal. Tommy está veemente. O rosto fica muito vermelho, acena com as mãos enfaticamente. Não estou surpreso quando Nico anuncia que eles tencionam chamar mesmo a testemunha.

O JÚRI VOLTA ao tribunal e Miles Robinson sobe ao banco das testemunhas. Ele tem sessenta e poucos anos, está em boa forma e usa os cabelos brancos bem rentes. Fala macio e é extremamente distinto. É mais claro do que eu, mas é descendente de negros. Conheci-o rapidamente há muitos anos, quando foi chamado como testemunha num caso de insanidade. O maior perito da nação em perda de memória. É catedrático da faculdade de medicina da universidade, co-diretor do Departamento de Psiquiatria. Quando tive meus problemas, ele parecia obviamente o melhor psiquiatra que eu podia procurar.

– Conhece Rusty Sabich? – Molto pergunta, assim que Robinson acaba de enunciar nome, endereço e profissão.

O Dr. Robinson vira-se para o juiz.

– Tenho de responder a isso, meritíssimo?

Larren inclina-se e fala gentilmente.

– Dr. Robinson, o Sr. Stern ali... – ele aponta – ... representa o Sr. Sabich. Qualquer coisa que ele achar que o senhor não deve responder, tenho certeza de que vai protestar. Afora isso, deve responder às perguntas formuladas. Não se preocupe. Ele é altamente qualificado.

– Já conversamos – diz Robinson.

– Ótimo. – Larren acrescenta para o taquígrafo do tribunal. – Releia a pergunta.

Depois que isso é feito, Robinson responde:

– Conheço.

– Como o conhece?

– Ele foi meu paciente.

– Quantas vezes ele o procurou?

– Consultei meus registros ontem à noite. Cinco vezes.

– De quando a quando?

– De fevereiro a abril deste ano. O último dia foi 3 de abril.

– Três de abril? – indaga Molto.

Ele se vira para os jurados, que se recusam a fitá-lo. Sua intenção é chamar a atenção para o fato de que minha última sessão aconteceu dois dias depois do crime.

– Sim, senhor.

– O Sr. Sabich alguma vez lhe falou sobre Carolyn Polhemus?

O privilégio médico-paciente protege os diálogos, não os atos. Até este momento, Molto não pedira a Robinson para repetir qualquer coisa que eu dissera. Com essa pergunta, no entanto, Stern se levanta calmamente.

– Protesto – diz ele.

– Protesto deferido – diz o juiz, incisivo.

Ele cruzou os braços sobre o peito e olha furioso para Molto. É evidente que partilha a percepção de Sandy sobre os motivos aqui. E concebeu sua política de consolidação. Deixará Robinson testemunhar e aceitará todos os protestos a perguntas de conseqüência.

– Meritíssimo, pode explicar a base dessa decisão? – indaga Molto.

Ele olha para a bancada com um ar de desafio. Como esses homens se odeiam! A esta altura, seria preciso uma escavação arqueológica para atravessar as camadas sedimentares de ressentimentos acumulados ao longo dos anos. Alguma parte tem de ser Carolyn. Molto é muito primitivo para não sentir ciúme. Será que ele sabia, naquele tempo no Distrito Norte, da outra dimensão das relações de Larren com ela? Especulei a respeito durante a maior parte da noite. Quem sabia o quê sobre quem naquele tempo? E o que Larren pensa que Molto sabe agora? Teias emaranhadas. Mas, independentemente de tudo mais, é evidente que a divergência entre esses homens, a esta altura, não tem mais nada a ver comigo.

– Sr. Molto, conhece a base de decisão. Foi discutida antes de o júri entrar. Estabeleceu um relacionamento médico-paciente. Quaisquer comunicações são privilegiadas. E se questionar outra das minhas decisões na presença do júri, senhor, sua inquirição será encerrada. Continue.

– Dr. Robinson, não é verdade que o Sr. Sabich deixou de procurá-lo?

– É, sim, senhor.

– O tratamento do Sr. Sabich terminou?

– Sim, senhor.

– Juiz, alego que essas conversas não são privilegiadas.

– Está reincidindo, Sr. Molto. Continue em sua inquirição.

Molto olha para Nico. E depois não se contém mais. Considera seus armamentos e recorre à bomba nuclear.

– Rusty Sabich lhe disse alguma vez que matou Carolyn Polhemus?

Há um som abrupto de pessoas soltando exclamações de espanto, por todo o tribunal. Mas compreendo agora por que Nico estava batendo no púlpito. Esta é a pergunta pela qual trouxeram Robinson para responder. Nada de secundário, como se eu costumava ir para a cama com ela. Estão disparando um último tiro no escuro. O juiz, no entanto, está enfurecido.

– Já chega! – ele grita. – Já chega! Não admito mais nada de sua parte, Sr. Molto. Mais nada! Se as outras perguntas são privilegiadas, como esta poderia deixar de ser?

Sussurro para Stern. Ele diz para mim “Não” e eu digo para ele “Sim”. Chego até a pegar seu cotovelo e fazê-lo ficar de pé. Há um tom raro de incerteza quando ele fala.

– Meritíssimo, não objetamos a que essa pergunta, como foi formulada, seja respondida.

Larren e Molto demoram a reagir – o juiz, por causa de sua ira, e Molto, na mais absoluta confusão. E ambos, finalmente, compreendem ao mesmo tempo.

– Quero retirar a pergunta – diz Molto.

Mas o juiz sabe o que está acontecendo.

– Não, senhor. Não vou permitir que faça uma pergunta tão prejudicial na presença do júri e depois a retire. A fim de que fique tudo bem claro nos autos, Sr. Stern, está renunciando ao privilégio?

Stern limpa a garganta.

– Meritíssimo, a pergunta procura obter comunicações privilegiadas, mas, em minha opinião, da maneira como foi formulada, pode ser respondida sem violação do privilégio.

– Entendo – diz Larren. – Bom, imagino que está certo. Se seguir uma determinada direção. Está disposto a assumir o risco?

Os olhos de Stern se desviam para mim por um instante, mas ele responde com firmeza:

– Estou, sim, meritíssimo.

– Pois então vamos ouvir a resposta. Saberemos onde estamos. Sr. taquígrafo do tribunal, queira fazer o favor de ler a última pergunta.

Ele se levanta, com a fita taquigráfica na mão. Lê em voz alta sem qualquer inflexão:

– Pergunta do Sr. Molto: "Rusty Sabich lhe disse alguma vez que matou Carolyn Polhemus?"

Larren levanta a mão, a fim de que o taquígrafo possa sentar de novo e se preparar para anotar a resposta. Depois, o juiz acena com a cabeça para a testemunha.

– A resposta à pergunta... – diz Robinson, em seu tom comedido – ... é não. O Sr. Sabich nunca me disse nada assim.

O tribunal se agita, de uma maneira como ainda não aconteceu, com um ar de alívio. Os jurados acenam com a cabeça. A professora sorri para mim.

Molto nunca desistirá.

– Alguma vez falaram, de qualquer forma, sobre assassinar a Sra. Polhemus?

– Protesto contra esta pergunta e todas as perguntas adicionais envolvendo a comunicação entre o Sr. Sabich e o doutor.

– Protesto deferido. É considerado uma petição restritiva e está deferido. Qualquer outra pergunta que seja proibida ou irrelevante para este julgamento, tenciono encerrar a inquirição. Dr. Robinson, está dispensado.

– Meritíssimo! – grita Molto.

Mas Nico, no mesmo instante, puxa-o pelo braço. Afasta Tommy do púlpito, enquanto trocam algumas palavras. Nico balança a cabeça para acalmá-lo, mas parece ter uma firmeza, uma determinação que não compartilha com a indignação de Tommy.

O juiz olha apenas para Nico.

– Posso presumir, Sr. Delay Guardia, que o Estado encerra sua apresentação?

Nico responde:

– Pode, sim, juiz. Em nome do povo do Condado de Kindle, o Estado encerra sua apresentação.

Larren dispensará os jurados agora para o fim de semana e ouvirá a petição para um veredicto dirigido. Vira-se para eles.

– Senhoras e senhores, normalmente eu pediria que deixassem o tribunal a esta altura. Mas não farei isso. O serviço de vocês neste julgamento está agora encerrado...

Não compreendo as palavras, a princípio, mas quando sinto os braços de Jamie Kemp me envolverem, depois os de Stern, sei o que aconteceu. Meu julgamento acabou. O juiz continua a falar. Diz aos jurados que podem ficar, se assim desejarem. Estou chorando. Repouso a cabeça sobre a mesa por um momento. Estou soluçando, mas levanto a cabeça para escutar, enquanto Larren Lyttle me devolve a liberdade.

Ele está falando para o júri:

– Refleti muito sobre este julgamento durante as últimas 24 horas. A esta altura, normalmente, um advogado de defesa apresenta uma petição para um julgamento de absolvição. E, quase sempre, um juiz decide deixar o julgamento continuar. De um modo geral, há provas suficientes para que um júri razoável possa considerar que o réu é culpado. Creio que é justo dizer que deveria ser assim. Nenhum homem deve ser levado a julgamento sem provas suficientes para que algumas pessoas justas possam concluir, acima e além de qualquer dúvida razoável, que ele é culpado. Acho que a justiça exige isso. Mas acho também que neste caso não se fez justiça. Compreendo que os promotores tenham suspeitas. Antes de ontem, eu poderia até dizer que havia bases razoáveis para as suspeitas. Agora, não tenho tanta certeza. Mas não posso deixar que deliberem sobre provas como as que foram apresentadas, que são obviamente insuficientes. Seria injusto para vocês e... mais importante ainda... para o Sr. Sabich. Nenhuma pessoa deve ser levada a julgamento com base em provas assim. Não tenho a menor dúvida de que o veredicto de vocês seria um retumbante inocente. Mas o Sr. Sabich não deve ser obrigado a viver com esse espectro por mais um momento sequer. Não há prova de um motivo aqui, não há sequer uma evidência concreta de que houve um relacionamento íntimo. Não há prova convincente, pelo menos para mim, depois de ontem, para proporcionar a qualquer pessoa razoável bases para acreditar que o Sr. Sabich sequer tenha tido relações carnais com a Sra. Polhemus na noite de sua morte. Talvez ele tivesse estado lá naquela noite. O Estado pode ter direito a essa inferência. Se os promotores encontrassem o copo, eu poderia estar mais confiante. Mas, por todas as circunstâncias, não posso deixar este julgamento continuar.

– Meritíssimo. – Nico está de pé.

– Sr. Della Guardia, compreendo que se encontra desesperado neste momento, mas estou falando e gostaria que me ouvisse até o fim.

– Meritíssimo...

– Tenho algumas palavras a dizer a respeito do Sr. Molto.

– Juiz, quero pedir o arquivamento do caso.

Larren estremece, chega a se encolher. Há uma agitação maior no tribunal e depois ruídos sucessivos de pessoas em movimento. Sem olhar para trás, sei que os repórteres estão correndo para o telefone. O pessoal de televisão chamará as câmeras. Ninguém imaginava que a merda bateria no ventilador a esta altura. Larren bate com o martelo e exige ordem. Depois levanta a mão enorme para indicar que Nico pode continuar.

– Juiz, eu queria dizer algumas coisas. Primeiro, parece que muitas pessoas começaram a pensar que este caso é uma espécie de conspiração ou impostura. Nego isso. Quero negar isso. Em nome de todos os membros da promotoria. Acho que estávamos certos ao levar este caso...

– Tinha uma petição a apresentar, Sr. Delay Guardia?

– Isso mesmo, juiz. Eu esperava, quando cheguei ao tribunal esta manhã, que deixasse a decisão do caso ir para o júri. Creio que alguns juízes deixariam. E acho que seria o mais certo. Mas alguns juízes provavelmente não permitiriam. E como aparentemente já tomou sua decisão...

– Claro que já tomei.

– Pelo bem do Sr. Sabich, acho que não deve haver qualquer dúvida se esta foi ou não uma decisão legal apropriada de sua parte. Discordo de sua posição. Nós discordamos. Mas não creio que seja justo pretender que penso que está fora dos preceitos legais. E também não quero que alguém pense que estou procurando desculpas.

Nico se vira, apenas um pouco, olhando por cima de seu ombro na direção de Stern.

– Assim, por esses motivos, eu gostaria de aceitar seu julgamento e solicitar o arquivamento deste caso.

– A petição está deferida.

Larren se levanta.

– Sr. Sabich, está livre. Não tenho como lhe dizer o quanto lamento que tudo isso tenha ocorrido. Nem mesmo o prazer de vê-lo em liberdade pode compensar essa desgraça para a causa da justiça. Eu lhe desejo boa sorte.

Ele bate o martelo.

– Caso encerrado – diz Larren, retirando-se em seguida.

36

Tumulto. Minha mulher. Meus advogados. Repórteres. Espectadores, não sei. Todos desejam me tocar. Barbara é a primeira. A sensação de seus braços ao meu redor tão firmes, os seios se comprimindo contra mim, a pelve se espremendo contra a minha, é espantosamente estimulante. Talvez seja este o primeiro sinal da regeneração de minha vida.

– Estou tão contente! – Ela me beija. – Estou tão contente por você, Rusty.

Ela se vira e abraça Stern.

Hoje, resolvo fazer minha única saída pela central de aquecimento. Não desejo enfrentar a turba desordenada da imprensa. Conduzo Barbara, Stern e Kemp até a extremidade do saguão e depois desaparecemos. Mas é claro que não há escapatória. Outro bando está esperando quando chegamos ao prédio de Stern. Subimos com poucos comentários. De algum lugar, um banquete apareceu na sala de reunião, mas não há oportunidade de comer. Os telefones tocam. E as secretárias logo informam que a recepção está cheia de repórteres derramando-se pelos corredores. O monstro faminto deve ser alimentado. Não posso negar este momento a Stern. Ele o merece e as conseqüências desse tipo de sucesso num caso famoso, em termos de estatura econômica e profissional, engrandecerão sua carreira por anos. Agora ele é um advogado de projeção nacional.

E assim, depois de meio sanduíche de carne, todos descemos para o saguão do prédio, a fim de confrontar novamente a multidão de repórteres se empurrando e gritando, microfone, gravadores, as luzes intensas que se erguem em torno de mim como diversos novos sóis. Stern fala primeiro, depois eu.

– Não creio que alguém, nestas circunstâncias, possa dizer qualquer coisa adequada, ainda mais em tão pouco tempo. Sinto-me muito aliviado porque tudo isso acabou. Jamais compreenderei direito como aconteceu, em primeiro lugar. E estou grato por ter sido representado pelo melhor advogado do mundo.

Esquivo-me a perguntas sobre Della Guardia. Ainda não cheguei a uma conclusão. Já há uma parte grande de mim que se contenta com a idéia de que ele estava apenas cumprindo seu dever. Ninguém pergunta por Larren e não menciono seu nome. Apesar de minha gratidão, duvido que seria capaz de elogiá-lo depois da noite passada.

Tornando a subir, há agora champanhe, da mesma safra que Kemp abriu ontem à noite.

Stern prepara-se para a vitória ou sempre mantém uma caixa no gelo? Ainda há muitos visitantes no escritório. Fico entre eles, com Kemp e Stern, faço brindes a Sandy. Clara está aqui, a mulher de Sandy. Mac chega. Chora ao me abraçar em sua cadeira de rodas.

– Nunca tive qualquer dúvida – ela diz.

Barbara me encontra para dizer que está indo embora. Tem alguma esperança de que Nat possa voltar um dia antes. Talvez o diretor do acampamento possa arrumar um lugar no DC-3 que faz a ligação com Skageon. Isso exigirá muitos telefonemas. Eu a acompanho pelo saguão. Ela torna a me abraçar.

– Estou tão aliviada, muito e muito contente que tenha terminado assim – ela diz.

Mas alguma coisa entre nós é impenetravelmente triste. Não posso, neste momento, imaginar plenamente os estados interiores de Barbara, mas tenho a impressão de que até nesse instante de gratidão extasiada e alívio ela reconhece que ainda persiste alguma coisa suspensa. Na esteira de tudo isso, ir além de nossas antigas dificuldades exigirá uma viagem traiçoeira por abismos quase intransponíveis para a graça e o perdão.

Pessoas continuam a chegar ao escritório de Stern. Diversos tiras estão aqui, advogados de toda a cidade que vieram dar os parabéns a Sandy e a mim. Sinto-me contrafeito entre tanta gente, pois conheço apenas umas poucas. E minha euforia inicial há muito já passou, substituída por uma melancolia reprimida. Penso a princípio que estou exausto e com muita pena de mim mesmo. Mas acabo reconhecendo que a perturbação parece aflorar, como petróleo se filtrando da terra, de alguma coisa mais específica, uma idéia que parece exigir tempo para contemplação. Trato de me retirar, tão discretamente quanto possível. Não digo que estou de saída. Ofereço a desculpa de que vou ao banheiro. E deixo o prédio. É final de tarde. As sombras são mais compridas e do rio sopra uma brisa que recende a verão.

As edições vespertinas dos jornais estão nas bancas. A manchete do *Tribune* é de meia página: JUIZ LIBERTA SABICH. E o subtítulo: Chama Acusação de “Uma Desgraça”. Pago os 25 centavos. “Declarando que era ‘Uma desgraça para a causa da justiça’, o Juiz Larren Lyttle, do Tribunal Superior do Condado de Kindle, arquivou hoje as acusações de homicídio contra Rozat K. Sabich, antigo subchefe do Gabinete da Promotoria do Condado de Kindle, encerrando o julgamento de oito dias. O Juiz Lyttle criticou com veemência o caso apresentado por Nico Della Guardia, promotor público do Condado de Kindle, e disse em determinado momento estar convencido de que algumas provas contra Sabich, que era um rival político de Della Guardia, foram fabricadas pela promotoria.” Os dois jornais assumem a mesma linha. Nico entra na porrada. Um caso fabricado contra um antigo adversário político. Coisa terrível. A história será contada de costa a costa. Meu amigo Nico passará muito tempo na dança do lamento. A imprensa, cega como sempre aos semitons ou às obscuridades, não faz qualquer menção ao gesto final de decência de Nico, ao pedir o arquivamento do caso.

Desço para o rio. A cidade está estranhamente quieta esta noite. Um novo restaurante, com mesas ao ar livre, à beira do rio, foi inaugurado; tomo duas cervejas e como um sanduíche. Levanto a página de esportes do jornal à minha frente, um meio de evitar alguma resposta aos olhares persistentes dos passantes ocasionais, mas na maior parte do tempo me absorvo numa espécie de reflexão atordoada. Telefono para Barbara por volta de 18 horas, mas ninguém atende. Espero que ela esteja a caminho do aeroporto. Quero ir para casa e ver Nat. Mas, antes disso, há uma escala que tenho de fazer.

A PORTA DA FRENTE está aberta quando volto ao escritório de Stern, mas a suíte se encontra quase deserta. Escuto apenas uma voz, que pelo humor suave sei ser a de Sandy. Acompanho o som de sua voz até a sala elegante de Sandy. Pelo que ouço no corredor, presumo que ele está discutindo

outro processo. A vida do advogado, penso ao vê-lo ali. Esta manhã, Sandy Stern ganhou o caso mais famoso de sua carreira; esta noite continua a trabalhar. Há um sumário aberto à sua frente, enquanto fala ao telefone. Exemplares dos dois jornais vespertinos foram largados no sofá.

– Ah, sim – ele diz. – Rusty acaba de chegar. Isso mesmo. Não depois das 10 horas de amanhã. Prometo. – Ele desliga. – Um cliente. Então você voltou.

– Desculpe ter saído sem avisar.

Sandy levanta a mão. Não há necessidade de explicação.

– Mas eu queria falar com você – acrescento.

– Isso acontece – comenta Stern. – Tenho clientes, depois de julgamentos como este, experiências muito intensas, que voltam depois de dias, até semanas. É muito difícil acreditar que tenha acabado.

– É mais ou menos sobre isso que eu queria conversar. Posso?

Pego um dos charutos de Stern, que ele me ofereceu muitas vezes. Ele me acompanha e escolhe um, enquanto seguro a caixa. Fumamos, advogado e cliente.

– Eu queria lhe agradecer.

Sandy levanta a mão, da mesma maneira que antes. Eu lhe digo o quanto admirei sua defesa, como raramente me senti propenso a ter outras idéias. Você é mesmo o melhor, eu digo. O elogio parece envolver Sandy com o efeito suavizante de um banho de leite morno. Com esse último cumprimento, ele fez pouco mais do que rir e inclina o charuto, um de seus gestos corteses, desamparado diante da verdade.

– Também estive pensando sobre algumas coisas e gostaria de saber o que aconteceu naquele tribunal hoje.

– Hoje? – indaga Sandy. – Hoje você foi absolvido de acusações graves.

– Não, não – eu digo. – Quero saber o que realmente aconteceu. Ontem você me explicou por que Larren teria de deixar que o julgamento fosse para o júri. E hoje ele me absolveu, sem haver sequer uma petição da defesa.

– Rusty, fiz uma avaliação do que o juiz podia pensar. Que advogado você conhece que possui a capacidade de sempre prever corretamente as inclinações judiciais? O Juiz Lyttle decidiu não expô-lo ao risco de um veredicto do júri sem base nas provas, o que poderia aumentar a pressão sobre ele para se desviar do que considerava ser a posição correta. Devemos ambos estar gratos a ele por sua perspicácia e firmeza.

– Ontem à noite sua estimativa foi a de que a apresentação do Estado era bastante boa para ir a júri.

– Sou pessimista por natureza, Rusty. E não pode me censurar por minha disciplina. Se eu previsse a vitória e o resultado fosse o contrário, poderia entender sua preocupação. Mas isso não aconteceu.

– Não?

– Ambos sabemos que o caso da promotoria não era muito forte, para começar, e que enfraqueceu à medida que avançamos. Algumas decisões foram favoráveis. Algumas testemunhas refugaram. Algumas reinquirições foram bem-sucedidas. Uma prova desapareceu. Outra foi obviamente descaracterizada. A argumentação do Estado fracassou. Já vimos isso acontecer em muitas ocasiões anteriores. E a situação se tornou ainda pior para eles hoje. Pense no testemunho do Dr. Robinson esta manhã. Foi bastante eficaz.

– Acha mesmo? Eu não disse a ele que matei Carolyn. E daí? Sou um advogado. Um promotor. Sei que não devo confessar a ninguém.

– Mas visitar um psiquiatra dois dias depois do assassinato, ter a vantagem desse que é o

mais íntimo dos relacionamentos profissionais e não fazer qualquer declaração culpável... Rusty, isso foi uma prova significativa, ainda mais obtida pela própria acusação. Talvez, se eu soubesse disso, não teria feito a previsão que apresentei ontem à noite. – Sandy franze um pouco o rosto; os olhos estão desviados. – Num momento como este, Rusty, de mudança tão súbita, já vi pessoas reagirem de maneira estranha. Você não deveria permitir que os pensamentos sobre os acontecimentos em si afetassem a avaliação das questões.

Muito diplomático. Não deixe que o fato de tê-la matado influencie seu julgamento como um advogado. Essa pequena traição, por mais sutil que seja, é tão atípica que agora tenho certeza de que estou certo.

– Já freqüento esses tribunais há 12 anos, Sandy. Alguma coisa está errada.

Stern sorri. Larga o charuto. Cruza as mãos.

– Não há nada de errado aqui. Você está absolvido. O sistema opera assim. Volte para casa, para sua mulher. Nathaniel já voltou? Seria uma reunião maravilhosa para todos vocês.

Recuso-me a ser desviado do assunto.

– Sandy, o que explica os acontecimentos de hoje?

– As provas. Seu advogado. Os advogados no outro lado. Seu próprio bom caráter, que era bastante conhecido do juiz. Rusty, o que mais acha que posso lhe dizer?

– Acho que você sabe o que eu sei.

– O que, Rusty?

– Sobre o Arquivo B. Sobre Larren e Carolyn. Sobre o fato de que ela costumava levar dinheiro para ele.

Choque – surpresa intensa – não consta da escala emocional de Sandy Stern. Sua fé no próprio conhecimento da vida é tão grande que nunca permitiria que qualquer coisa o afetasse assim. Mas sua expressão adquire intensidade agora. A boca se contrai. E ele vira o charuto em sua direção e contempla a cinza, antes de olhar de novo para mim.

– Com todo o respeito, Rusty, você passou por muita coisa. Sou seu amigo. Mas também sou seu advogado. Seu advogado. Guardo seus segredos. Mas não lhe revelo os meus.

– Posso absorver os fatos, Sandy. Garanto que posso. Absorvi muita coisa nos últimos meses. E, como você me disse ontem à noite, sou muito bom em guardar segredos. Acontece apenas que tenho um bizarro empenho em conhecer a verdade. Gostaria que meu senso de ironia fosse completo.

Espero e Stern finalmente se levanta.

– Entendo o problema. Você se preocupa com a integridade do juiz.

– E com razão, não concorda?

– Não, eu não concordaria. – Stern se empoleira no braço do sofá, um tecido branco encaroçado. Leva um momento a afrouxar a gravata. – Rusty, o que lhe digo é o que eu sei. Como sei, não é da sua conta. Tenho tido muitos clientes. As pessoas se preocupam. Às vezes, procuram os conselhos de um advogado. Isso é tudo. E conversamos agora, esta noite, as coisas ditas aqui nunca mais serão faladas por qualquer de nós. Da minha parte, eu nunca lhe disse nenhuma dessas coisas. Combinado?

– Combinado.

– Sua dúvida sobre o caráter de Larren. Deve me perdoar, Rusty, um momento de filosofia, mas nem todo o mau comportamento humano decorre de flagrantes defeitos de caráter. As circunstâncias também pesam. Conheci Larren por toda a minha carreira e asseguro que ele não era ele próprio. O divórcio o deixou num estado de perturbação. Andava bebendo muito. Soube que também jogava. Caíra num relacionamento com uma mulher bonita e interesseira. E sua vida

profissional estava abalada. Renunciara ao escritório particular quando se encontrava no auge, tanto em termos de proeminência como de resultados financeiros. Tenho certeza de que pretendia com a mudança compensar os reveses na vida pessoal, mas em vez disso descobriu-se confinado, como um ato de vingança política, num vazadouro judicial, julgando questões insignificantes, que não tinham a menor relação com o que o atraíra na magistratura, para começar. Larren é um homem capaz, com uma mente extraordinária, durante anos cuidou apenas de infrações de tráfego, brigas em bares e interlúdios sexuais na Floresta Pública... questões na periferia da justiça pública. Todos esses casos terminam da mesma maneira, com o réu sendo posto em liberdade. Há apenas uma diferença de rótulos: caso arquivado. Supervisão pré-julgamento. Liberdade condicional pós-julgamento. De qualquer forma, o réu sempre volta para casa. E Larren se encontrava num ambiente cuja corrupção total sempre foi um dos segredos mais lamentáveis da cidade. Os profissionais da fiança. Os policiais. Os agentes de livramento condicional. Os advogados. O Distrito Norte era uma colméia de transações ilícitas. Acha mesmo, Rusty, que Larren Lyttle foi o primeiro juiz no Distrito Norte a resvalar para a margem do caminho?

– Não o pode estar desculpando.

A expressão de Stern se torna intensa – austera.

– Em momento algum – ele diz com veemência. – Em momento algum. Não posso justificar as coisas de que estamos falando. É uma desgraça. As instituições públicas desmoronam por tal comportamento. Se tais questões fossem o alvo de acusações e provas apropriadas, eu sendo o juiz perante as quais seriam julgadas, as sentenças de prisão seriam prolongadas. Provavelmente, prisão perpétua. Quaisquer que fossem minhas afinidades ou afeições.

"Mas o que aconteceu, aconteceu no passado. Um passado remoto. O Juiz Lyttle, eu lhe garanto, preferiria morrer... e digo isso com toda sinceridade... preferiria morrer a arriscar seu cargo no Tribunal Superior. Esta avaliação é sincera e não meramente hipocrisia de um advogado em relação a um juiz.

– Minha experiência como promotor, Sandy, foi de que as pessoas, em geral, não são apenas um pouco corruptas. Isso é uma doença progressiva.

– Este é um episódio que pertence ao passado, Rusty.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Isso é também outra história? Como terminou?

– Deve compreender, Rusty, que não tenho o conhecimento de um historiador. Ouvi relatos personalizados de determinados indivíduos.

– E como terminou, Sandy?

Ele me olha de cima do braço do sofá. Está com as mãos nos joelhos. Não há qualquer vestígio de humor no rosto. As confidências estão na base da vida profissional de Sandy Stern. Para ele, tais assuntos são íntimos e sagrados.

– Minha interpretação é que Raymond Horgan acabou tomando conhecimento do que estava ocorrendo e exigiu que cessasse – ele diz finalmente. – Algum policial da 32ª Delegacia começou a reunir provas. Outras pessoas a par da situação tinham temores profundos de que qualquer investigação de corrupção no Distrito Norte acabaria acarretando a ruína de muita gente, além do Juiz Lyttle. Para ser franco, foi de uma ou duas dessas pessoas envolvidas que ouvi este relato. Seja como for, elas decidiram que o promotor deveria ser devidamente informado sobre as possíveis conseqüências de uma investigação.

Stern parece distante por um momento e depois acrescenta, com o sorriso mais distante:

– Talvez tenha sido esse o conselho do advogado dessas pessoas. Particularmente, tenho certeza, esperava-se que Horgan comunicasse a seu velho amigo os perigos a que estava exposto e o aconselhasse a parar a qualquer custo. Creio que foi isso o que ocorreu. Enfatizo que não sei se estou ou não correto. Como sem dúvida percebe, sinto-me bastante constrangido com esse tipo de conversa e nunca fiz qualquer esforço para confirmar a informação.

Eu deveria ter imaginado que Horgan, de alguma forma, se encontrava envolvido na história. Fico em silêncio por um minuto. O que significa este sentimento? Alguma coisa entre desapontamento e escárnio.

– Sabe, Sandy, houve um tempo em que eu pensava que Raymond Horgan e Larren Lyttle eram heróis.

– Com toda razão. Eles fizeram muitas coisas heróicas, Rusty. Muitas.

– E o que me diz de Molto? Ouviu alguma coisa a seu respeito?

Stern balança a cabeça em negativa.

– Ele não sabia de nada, até onde sei. É difícil acreditar que isso de fato acontecia. Talvez ele estivesse exposto às suspeitas dos outros e se recusasse a acreditar. Estou convencido de que ele se encontrava sob o fascínio de Carolyn. Um cãozinho fiel. Um devoto. E tenho certeza de que ela era capaz de manipulá-lo. Na América Latina, pode-se encontrar... ou se podia, quando eu era jovem, não tenho a menor idéia do que acontece hoje... mas quando eu era jovem conheci muitas mulheres como Carolyn, mulheres que usavam sua sensualidade com o que podemos chamar de deformação agressiva. Agora, há algo mais perturbador numa mulher com essa visão antiquada e distorcida dos caminhos do poder. Parece algo mais sinistro. Mas ela era muito hábil.

– Ela era uma porção de coisas – comento.

Ah, Carolyn, penso subitamente, com uma tristeza insuportável. O que eu queria com você, Carolyn? Alguma coisa no momento me faz pensar que Stern não a entendeu direito. Talvez seja a provação passada e seu final extraordinário hoje: talvez seja a semana da anistia no Condado de Kindle – ninguém pode ser culpado; talvez seja mais um pouco da mesma obsessão aviltada – mas, por algum motivo, mesmo depois de tudo isso – de *tudo* mesmo –, sentado aqui, entre a fumaça de charuto e os móveis suaves, ainda sinto por ela, e acima de tudo sinto agora compaixão. É possível que eu tenha me enganado completamente a respeito de Carolyn. Talvez ela sofresse de algum defeito de nascença, como um recém-nascido que vem ao mundo com certos órgãos faltando. Talvez as partes do sentimento estivessem ausentes nela ou sujeitas a alguma atrofia congênita. Mas não creio nisso. Ela era, eu acho, como tantos dos magoados e mutilados que desfilaram à minha frente: as sinapses e os receptores funcionavam em seu coração e sentimentos – mas estavam sobrecarregados pela necessidade de proporcionar conforto a si mesma. Sua angústia. Sua angústia! Ela era como uma aranha aprisionada na própria teia. Ao final, à sua maneira monumental, ela devia estar em tormento. Certamente não foi acidente. Só posso adivinhar as causas; que forja de crueldade a produzir, não sei. Mas houve alguma forma de abuso, alguma mesquinhez prolongada, da qual ela obviamente tentava escapar. Procurou recriar a si mesma. Assumia o papel de forma brilhante. Uma prostituta. Uma estrela. Uma pessoa de grandes causas. Uma conquistadora de paixões volúveis. Uma promotora inteligente e inflexível, determinada a controlar e punir os tipos menores que não podiam conter impulsos repulsivos e violentos. Mas nenhum disfarce podia mudá-la. A hereditariedade do abuso é com freqüência mais abuso. Qualquer que fosse a crueldade que a criou, ela a absorveu e, com auto-ilusão, desculpas desvairadas, mas sempre, eu diria, com algum resquício tenso de angústia, lançou-a de volta contra o mundo.

– E então? – pergunta Stern. – Está mais satisfeito agora?

– Sobre Larren?

– O que mais?

Ao que parece, ele interpretou de forma errada meu momento de reflexão.

– Não, Sandy, não estou muito satisfeito. Ele não tinha por que presidir o julgamento. Deveria ter solicitado a dispensa no momento em que foi designado.

– É bem possível, Rusty, mas deixe-me lembrá-lo de que o Juiz Lyttle não tinha a menor idéia, quando o caso começou, que aquele arquivo... o Arquivo B, como você o chama... haveria de se tornar um elemento da defesa.

– Você tinha.

– Eu? – Stern dissipa um pouco da fumaça com a mão e faz um comentário em espanhol que não entendo. – Eu também sou o alvo da queixa? Não pensa que planejei me concentrar naquele arquivo desde o início, não é mesmo? E, mesmo que fosse esse o caso, Rusty, eu poderia apresentar uma petição para que o Juiz Lyttle se afastasse do caso? Como você poderia formulá-la? O réu pede ao tribunal que se declare suspeito porque a vítima outrora foi amante e parceira do crime do meritíssimo? Seria impossível, Rusty. Não quero parecer cínico. E partilho suas preocupações em relação aos padrões profissionais. Mas sugiro outra vez que você está reagindo ao choque dos acontecimentos. Tal escrúpulo, nessas circunstâncias, é um pouco surpreendente.

– Não estou querendo bancar o moralista. Se assim pareço, peço desculpas. Mas também não estou preocupado com a forma ou com as tecnicalidades. Tenho a impressão de que as coisas foram bastante distorcidas.

Stern recua, removendo o charuto. É um movimento longo e lento, destinado a demonstrar surpresa. Mas não é mais uma noite de estréia. Já observei os melhores movimentos de Sandy diversas vezes e não compro este.

– Sandy, estive pensando muito sobre as coisas durante as últimas horas. A carreira de Larren Lyttle estaria liquidada se as circunstâncias do Arquivo B fossem completamente exploradas. E você aproveitou todas as oportunidades para lhe dizer isso.

– Ora, Rusty, você deve saber coisas que eu ignoro. Não percebi nada que indicasse que o Juiz Lyttle tenha compreendido plenamente as implicações desse arquivo. Deve lembrar que seu conteúdo não foi descrito em testemunhos em nenhum momento. E o arquivo propriamente dito nunca sequer apareceu no tribunal.

– Sandy, você ficaria ofendido se eu lhe dissesse que ainda não acredito que está partilhando tudo comigo?

– Acho que ficamos muito tempo juntos neste caso, Rusty. Você começa a falar como Clara.

Ele sorri, mas novamente me recuso a ser dissuadido.

– Sandy, levei muito tempo para absorver tudo. Reconheço isso. Por algum tempo, pensei que era apenas uma estranha coincidência. Sabe, pensei que sua insistência em se referir ao arquivo era apenas um golpe de sorte, tirando proveito da vulnerabilidade de Larren. Mas compreendo agora que isso não era possível. Você tinha mesmo a intenção de atrair a atenção do juiz. Não havia outro motivo para que continuasse a se referir ao arquivo. Na última vez em que o fez... foi quando Lip estava depondo?... já passáramos há muito do ponto em que precisava levantar dúvidas sobre Tommy. A esta altura, já sabia de tudo sobre Kumagai. Sabia que liquidaria Molto com isso. Mas insistiu em dizer ao juiz que apresentaríamos provas sobre o arquivo na primeira oportunidade. Deve ter dito isso a ele, de um jeito ou de outro, meia dúzia de vezes. Queria que Larren acreditasse que estávamos determinados a revirar aquele arquivo pelo avesso em público. Foi por isso que mencionou toda aquela história de incriminação, quando

Horgan estava na reinquirição. Queria criar uma situação em que Larren pensaria que não tinha a menor possibilidade legal de impedi-lo de seguir em frente. No entanto, quando se reuniu comigo para conversar sobre a apresentação da defesa, não disse uma só palavra sobre o arquivo. Nada tínhamos a oferecer.

Stern fica em silêncio por algum tempo.

– Você é um excelente investigador, Rusty – ele diz finalmente.

– E você é muito lisonjeiro. Para ser franco, venho tendo a impressão ultimamente de que fui bastante obtuso. Ainda há uma porção de coisas que não entendi. Por exemplo, o que mencionou há pouco. Como sabia que Larren compreenderia que o Arquivo B envolvia um caso em que ele se sujou? O que mais há nessa história?

Stern e eu nos fitamos por um momento. Sua expressão é mais profunda e complexa do que nunca. Se está desconcertado, esconde muito bem.

– Não há mais nada a dizer, Rusty. Fiz certas suposições, particularmente quando observei as reações do juiz com Horgan no banco das testemunhas. Eles são muito ligados, é claro, e estou convencido, como disse, de que Raymond seria bastante sensível às implicações daquele arquivo. Parecia-me provável que ele e Larren tivessem se comunicado a respeito em algum momento do passado. Mas não tenho um conhecimento especial. Apenas intuição de advogado.

Horgan. Foi isso que não levei em conta. Raymond não pode ter deixado de contar a Larren sobre o arquivo há muito tempo. Stern está certo. Por um momento, desfio os cálculos adicionais que se seguem. Mas isso não é para agora. Primeiro, quero deixar tudo acertado com Stern.

– Então deixe-me ver se entendi – digo a ele. – Nem sonharia em ameaçar diretamente o juiz com a possibilidade de descoberta. Isso poderia ser contraproducente, até mesmo desastroso. E, simplesmente, não é o estilo de Stern. Tinha de encontrar sua maneira perfeita e sutil de fazer as coisas. Queria que Larren se preocupasse com o arquivo, mas pensasse que era o único a perceber o problema. E, por isso, em todos os momentos, procurou dar a impressão de que a defesa estava em cima de Tommy Molto. Agiu como se pensasse que ele era o bandido que o arquivo denunciaria. E o juiz engoliu a história. Fez o melhor que podia para nos desviar na direção errada. Fez todo o possível para que o empenho de Tommy parecesse sinistro. Larren escarneceu do caráter de Molto. Tratou-o com desprezo. Acusou-o de fabricar provas, de fazer sinais para testemunhas. Mas era uma faca de dois gumes. Quanto pior parecia a situação de Tommy, mais forte se tornava sua determinação de investigar o Arquivo B, porque começava a aumentar a impressão de que era mesmo uma incriminação falsa, planejada por Molto para impedir que Sabich descobrisse seu passado tortuoso. E, assim, tornou-se mais e mais importante para Larren encerrar o julgamento. Ele nunca poderia correr o risco de deixá-lo investigar aquele arquivo, como você insistia em dizer que queria fazer. Larren não sabia o que poderia aflorar, mas o pior de tudo, obviamente, era a verdade. Ele podia apostar que Tommy não guardaria tudo o que sabia a respeito de seu passado desonesto no Distrito Norte. Molto poderia se conter para proteger Carolyn e sua memória... mas não para salvar a pele de Larren, à custa da sua. E assim, sem sequer uma petição nossa, o Juiz Lyttle declara um nocaute técnico e me manda para casa. E havia um homem no tribunal, Sandy, que sabia que isso ia acontecer. Você calculou tudo.

Os olhos de Stern estão grandes, claros, sombriamente castanhos.

– Está me julgando com muito rigor, Rusty.

– Não. Partilho a perspectiva de Stern. Ninguém está acima da tentação.

Sandy sorri a isso, um tanto triste.

– Tem razão.

– Mas a tolerância não acarreta uma ausência de padrões. Sei que pareço um ingrato de

primeira classe, mas tenho de lhe dizer que não aprovo.

– Não agi em meu próprio benefício, Rusty. – Ele me fita à sua maneira familiar, baixando o queixo a fim de poder me observar por baixo da testa contraída. – Foi uma situação em que eu... em que nós nos encontramos. Não a criei. Minha recordação de algumas das coisas a que você se refere foi refrescada durante o julgamento. Concentrei-me em Molto inicialmente porque ele era um alvo muito mais fácil do que Della Guardia. Era necessário de alguma forma desenvolver o tema das rivalidades passadas. Quando outras questões afloraram em minha mente, tornou-se conveniente continuar da maneira como você descreveu. Mas não tive a intenção de coagir o juiz. Foi por esse motivo que converti Molto em nosso culpado principal, a fim de que o Juiz Lyttle não se sentisse compelido a fazer qualquer coisa precipitada. Estava consciente de que isso poderia criar certas pressões subterrâneas sobre Larren também?

Stern gesticula, quase sorri. Lá está outra vez aquela misteriosa expressão latina, usada desta vez como a forma mais relutante, embora filosófica, de aquiescência.

– Como você disse, avaliei um ponto de vulnerabilidade. Mas acho que, no conjunto, em sua análise, você me credita uma complexidade da mente de que nenhum ser humano... muito menos eu... é capaz. Fiz certos julgamentos, instantaneamente. Não foi um curso planejado. Permaneceu uma questão de intuição e avaliação durante todo o tempo.

– Sempre vou especular, Sandy, sobre o resultado.

– Seria bastante impróprio, Rusty. Compreendo sua preocupação agora. Mas hesitaria antes de aceitar sua opinião sobre a decisão final do juiz. Creio que, de um modo geral, ele conduziu o julgamento com imparcialidade. Se estivesse procurando uma maneira conveniente de encerrar o julgamento, poderia proibir que a promotoria apresentasse o testemunho das impressões digitais, na ausência do copo. Até mesmo Della Guardia, desapontado como estava, admitiu que a decisão de Larren hoje estava dentro dos limites do arbítrio legítimo do juiz. Acha que Nico teria feito o gesto bonito de pedir o arquivamento do processo se julgasse que a avaliação de Larren era infundada? O Juiz Lyttle tomou uma decisão apropriada; e se isso não acontecesse, tenho a certeza de que você seria absolvido. Não foi o que os jurados disseram à imprensa?

Foi de fato o que os jornais noticiaram. Três jurados disseram aos meios de comunicação, na escadaria do tribunal, que não votariam pela condenação. Mas Sandy e eu sabemos que essas impressões de três jurados, sabendo que o juiz no caso o havia declarado um perdedor, valem muito pouco... e não são determinantes, de qualquer forma, do que nove outras pessoas teriam feito.

Stern continua:

– Como eu disse, faço julgamentos. Se, em retrospectiva, qualquer um de nós dois os considera contestáveis, então isso deve ser um fardo sobre a minha consciência, não sobre a sua. Seu papel é aceitar a boa sorte pelo que é, sem qualquer outra reflexão. Este é o significado legal de uma absolvição. Este assunto está agora inteiramente superado. Eu o exorto a seguir em frente. Vai superar esta mancha em sua carreira. É um advogado de talento, Rusty. Sempre o considerei um dos melhores promotores de Horgan, se não mesmo o melhor. Fiquei bastante desapontado quando Raymond não teve o bom senso de ficar de lado no ano passado e tentar promover os acertos políticos necessários para que você o sucedesse.

Com isso, eu sorrio. Agora sei que o pior já passou realmente. Há meses que não ouvia isso.

– Creio que tudo acabará dando certo para você, Rusty. Sinto isso.

Da minha parte, sinto que Stern está prestes a dizer alguma coisa lamentável; talvez eu mesmo tenha me beneficiado com a experiência. Poupo-lhe a oportunidade. Pego minha pasta, que deixara aqui. Stern acompanha-me até a porta. Paramos no limiar, trocando um aperto de

mão, prometendo nos falar, sabendo que, no futuro, o que quer que aconteça, teremos muito pouca coisa para dizer um ao outro.

Outono

37

Apenas os poetas podem escrever sinceramente sobre a liberdade, essa coisa doce e inebriante. Em toda a minha vida, jamais conheci um êxtase tão suave ou completo como os instantes ocasionais de prazer palpitante quando compreendo mais uma vez que o perigo ficou para trás. Acabou. Não existe mais. Quaisquer que sejam as conseqüências colaterais, quaisquer que sejam as insinuações, as acusações silenciosas, a insolência ou o desdém com que outros possam me tratar, pela frente ou, mais certamente, pelas costas... o que quer que digam, o terror acabou; as madrugadas insones que passei tentando me projetar à frente do tempo, imaginando uma vida de trabalho duro e irracional durante o dia e à noite empenhado, como a metade dos outros presos, numa interminável sucessão de petições de *habeas corpus*, para entrar depois nas horas cautelosas e assustadoras de sono irrequieto num catre de prisão, aguardando qualquer terror perverso que a noite traria – todo esse horror pertence agora ao passado. E com um senso de alívio merecido. Cada pecado da minha vida parece realmente expiado. Minha sociedade julgou; nenhuma punição é devida. Cada clichê cediço está certo: um enorme peso foi removido; sinto como se pudesse voar, como se estivesse com 1 milhão de dólares, como se tivesse 3 metros de altura. Sinto-me livre.

E depois as sombras se afastam, penso no que passei, com enorme ira e amargura, um mergulho vertiginoso para a depressão. Como promotor, perdi casos mais do que gostaria, é claro, e tive a oportunidade de observar o réu absolvido no instante da vitória. A maioria chorou: quanto mais culpados eram, mais choravam. Sempre pensei que era alívio e culpa. Mas é, posso lhes garantir, a incredulidade de que a provação, o julgamento, tenham sido suportados sem outro sentido aparente que não sua desgraça, seu dano irreparável.

O retorno à vida é lento: uma ilha por que passa um vento ameno. O telefone não pára nos dois primeiros dias. Fico espantado como pessoas que não falaram comigo durante os últimos quatro meses podem imaginar que serei capaz de aceitar suas congratulações fáceis. Mas telefonam. E estou calculando o suficiente para saber que podem ser necessárias de novo; aceito os parabéns com algum aprumo. Mas fico sozinho durante a maior parte do tempo. Sinto-me dominado pelo desejo de sair no verão definhante e no outono que começa. Um dia, vou buscar Nat na escola e saímos para pescar numa canoa. O dia passa e quase nada falamos; mas estou contente pela companhia de meu filho e sinto que ele sabe disso. Em outros dias, caminho pelo bosque por horas. Pouco a pouco, começo a perceber coisas e noto assim o que não via antes. Minha vida, por quatro meses, foi um olvido, uma tempestade desesperançada de sentimentos tão intensos que não havia nada além. Cada rosto que se apresentava em minha imaginação tinha um impacto ciclônico nos recessos interiores, que agora, gradativamente, estão se aquietando e que, compreendo agora, com o tempo exigirão outra vez o movimento.

No momento, permaneço em casa. Os vizinhos dizem que eu deveria escrever um livro, mas ainda não estou preparado para qualquer iniciativa. Logo se torna evidente que Barbara considera desconcertante minha presença. Sua irritação comigo, reprimida durante muito tempo, agora volta de maneira peculiar. É óbvio que ela se sente incapaz de dizer o que pensa. Não há queixas

expressas, não há instantes de sarcasmo clamoroso. Em decorrência, ela parece mais do que nunca confinada dentro de si mesma. Descubro-a a me olhar com uma expressão intensa, transtornada, furiosa, eu penso.

– O que é? – pergunto.

Seu queixo forma uma covinha em desaprovação. Ela suspira. Desvia os olhos.

– Não voltará nunca a trabalhar? – ela me pergunta um dia. – Não posso fazer nada com você por aqui.

– Não a estou incomodando.

– É uma distração.

– Ficar sentado na sala de estar? Ou trabalhando no jardim?

Admito que estou tentando provocá-la. Barbara levanta os olhos para o céu; e se afasta. Agora ela nunca morde a isca. Esta batalha, tal como é, deve ser travada em silêncio.

É verdade que não fiz o menor esforço para arrumar um emprego. Os cheques continuam a chegar, a cada duas semanas, do gabinete da promotoria. Della Guardia, é claro, não tem um motivo justificado para me despedir. E o escritório desabaria em sua cabeça se eu voltasse a trabalhar. Nico está sendo assediado pela imprensa. O noticiário nacional aumentou o senso de embaraço local. O que poderia, em circunstâncias normais, passar como mera incompetência na administração dos assuntos do condado foi ampliado para um grande escândalo pela lente da atenção costa a costa. Nico Della Guardia fez com que os habitantes do Condado de Kindle parecessem ao mundo como bufões incultos e atrasados. Os editorialistas dos jornais e até mesmo os poucos políticos locais do partido de oposição exigem que Nico designe um promotor especial para investigar Tommy Molto. A seção local da Associação dos Advogados abriu um inquérito para determinar se Tommy deve ser expulso. A convicção geral é a de que Nico, em sua ambição para conquistar a cadeira do prefeito, pressionou demais e Molto reagiu com a fabricação de provas, em conluio com Indolor Kumagai. O pedido de arquivamento do caso por Nico é interpretado amplamente como uma confissão. Apenas de vez em quando são sugeridas outras motivações. Li no domingo um artigo de Stew Dubinsky que mencionava o Arquivo B e o clima que reinava no Distrito Norte durante aqueles anos. Mas nada jamais se segue. Qualquer que seja a noção geral, não me sinto propenso a corrigi-la. Não absolverei Nico, Tommy ou Indolor. Ainda não tenho o menor desejo de contar o que sei: que era o meu sêmen que foi tirado de Carolyn; que eram certamente minhas as impressões encontradas no copo no apartamento; que as fibras de carpete eram de minha casa; que todas as ligações que constavam dos registros foram feitas do meu telefone. E há uma justiça primitiva nisso. Que Tommy Molto tenha a experiência de tentar contestar o que as circunstâncias aparentemente tornam óbvio. Aceito os cheques.

O último ato de Mac como subchefe administrativa do escritório da promotoria, antes de ingressar na magistratura, é negociar uma data em que meu estipêndio pode terminar. Nico sugeriu mais seis meses. Exijo um adicional como reparação. Ao final, acaba-se concordando em nove meses. Em nossa conversa final sobre o assunto, Mac presta uma enorme homenagem à nossa amizade, pedindo-me para falar em sua posse. É minha primeira excursão em público. Ed Mumphrey, que preside a cerimônia, apresenta-me como “um homem que conhece muito sobre justiça”, e as trezentas ou quatrocentas pessoas que ali se reuniram para observar Mac se tornar juíza se levantam para me aplaudir. Sou agora o herói local. O Dreyfus do Condado de Kindle. As pessoas se arrependem um pouco do prazer que experimentaram ao me ver açoitado. Contudo, não me é possível esquecer como me sinto deslocado na sociedade. O julgamento ainda é como uma carapaça a meu redor. Não posso sair.

Como sou um dos três oradores na cerimônia, Nico não está presente. Mas Horgan não teria qualquer desculpa para não comparecer. Tento evitá-lo, porém mais tarde, em meio a mesas apinhadas de *hors d'oeuvres* na recepção no hotel, sinto uma mão em meu braço.

Raymond exibe seu sorriso insinuante. Não assume o risco de oferecer a mão.

– Como tem passado? – ele pergunta, de maneira efusiva.

– Estou bem.

– Precisamos almoçar juntos.

– Raymond, nunca mais farei qualquer coisa na vida que você diga que devo fazer.

Viro-me, mas ele me acompanha.

– Falei da maneira errada. Eu ficaria agradecido, Rusty, se você aceitasse almoçar comigo. Por favor.

Antigas afeições. Antigas ligações. Tão difíceis de romper; pois o que mais temos? Proponho uma data e me afasto.

ENCONTRO RAYMOND em sua firma de advocacia e ele sugere que não saiamos, se eu não me importar. Ambos podemos dispensar qualquer notícia irônica em alguma coluna de que Raymond H. e o subchefe absolvido enterraram a machadinha de guerra num churrasco no Satinay's. Em vez disso, Raymond providenciou para que um almoço fosse trazido ao escritório. Comemos *rémoulade* de camarão sozinhos, na enorme sala de reunião, a uma mesa de pedra que parece ser feita de uma única peça de um bloco de 10 metros, polido e instalado aqui como uma banca de leilão para os capitães da indústria. Raymond formula as perguntas obrigatórias sobre Barbara e Nat, fala sobre a firma de advocacia. Pergunta por mim.

– Não serei mais o mesmo – digo.

– Posso imaginar.

– Duvido que possa.

– Está esperando que eu diga que lamento muito?

– Não precisa. De qualquer forma, não significaria nada para mim.

– Então não quer que eu lhe diga que lamento muito?

– Estou lhe dando um conselho, Raymond, sobre a maneira de se comportar.

– Porque eu lamento.

– E deve mesmo.

Raymond não perde o aprumo. Estava preparado para algum rancor.

– E sabe por que lamento? Porque Nico e Tommy me fizeram acreditar na história. Nunca me ocorreu que eles haviam adulterado provas. Pensei que fariam como foram ensinados. Sabia que vão remover Della Guardia do cargo? Ou pelo menos estão tentando. Já há petições circulando.

Aceno com a cabeça. Já li a respeito. Nico anunciou na semana passada que não havia motivos para a indicação de um promotor especial para um inquérito. Manifestou sua confiança em Molto. E os editorialistas dos jornais e da televisão tornaram a pô-lo no pelourinho. Um legislador estadual fez um discurso no plenário da Câmara. A palavra de ordem da semana é encobrir.

– Sabe qual é o problema de Nico, não é mesmo? Bolcarro. Bolcarro não vai mais lhe conceder o centro do palco. E ficará de braços cruzados nesse movimento pelo afastamento de Nico. Assim, Nico terá de se virar sozinho. Bolcarro acha que lhe dá um impulso e daqui a pouco Della Guardia é candidato a prefeito. Não parece familiar?

– Hum, hum.

Quero parecer entediado. Quero parecer petulante. Vim aqui para deixar minha raiva

patente. Prometi a mim mesmo que não me preocuparei com o ponto a que posso baixar. Se sentir vontade de xingá-lo, eu o farei. Dar socos. Jogar comida. Não haverá qualquer nível abaixo do qual eu não possa descer.

– Escute, ponha-se no meu lugar – ele diz abruptamente. – Foi uma coisa difícil para todo mundo.

– Raymond, que sacanagem você fez comigo? E depois que comi sua merda por 12 anos.

– Sei disso.

– Estava a fim de me liquidar.

– Já falei, Nico me fez acreditar. E depois que se acredita, sou uma espécie de vítima de toda a coisa.

– Vá se foder, Raymond. E, quando estiver se fodendo, vá se foder de novo.

Limpo os cantos da boca com o guardanapo de linho. Mas não faço menção de me retirar. Isto é apenas o começo. Raymond me observa, amargura e consternação se estampando em seu rosto avermelhado. Finalmente, limpa a garganta e tenta mudar de assunto.

– O que vai fazer com sua carreira, Rusty?

– Não tenho a menor idéia.

– Quero que saiba que o ajudarei, de qualquer forma que puder. Se há alguma coisa na cidade que o interesse, basta dizer. Farei todo o possível.

– O único trabalho fora do escritório da promotoria que já me pareceu atraente foi uma coisa que você mencionou... ser juiz. Acha que pode fazer isso? Acha que pode me devolver a vida que eu tinha?

Olho para ele calmamente, empenhado em fazê-lo saber que esta ferida não pode ser reparada. Meu tom é sardônico. Nenhum candidato à magistratura pode ter em seu currículo um indiciamento por homicídio. Mas Raymond não se abala.

– Está bem – diz ele. – Quer que eu tente isso? Que eu veja se posso lhe arrumar uma vaga?

– Você está cheio de merda, Raymond. Não tem mais essa influência toda.

– Pode estar enganado nesse ponto, meu amigo. Augie Bolcarro acha que sou agora seu melhor companheiro. Assim que me tirou do caminho, ele concluiu que posso ser útil. Telefona-me para pedir opiniões duas vezes por semana. Não estou brincando. Ele se refere a mim como um estadista mais velho. Não é alguma coisa? Se você quiser, falarei com ele. E pedirei a Larren para falar também.

– Não faça isso – eu me apresso em lhe dizer. – Não quero sua ajuda. E também não quero a de Larren.

– O que há de errado com Larren? Eu diria que você deveria adorá-lo.

– Ele é seu amigo, para começar.

Horgan ri.

– Puxa, você veio aqui com uma idéia fixa, não é mesmo? Quer apenas me esculhambar. – Raymond empurra o prato para o lado. – Quer descarregar em cima de mim 12 anos de insultos em cinco minutos? Muito bem, vá em frente. Mas lembre-se de uma coisa. Não fui eu quem o incriminou. Quer descarregar em cima de alguém? Tommy o merece. E Nico também, a meu ver. Junte-se à multidão. Se quiser, tenho certeza de que pode entrar em contato com a Associação dos Advogados. Eles o colocarão no alto da lista e deixarão que despeje toda a merda sobre os dois.

– Já me procuraram. E respondi que não tinha nada a dizer.

– Então, por que logo eu? Sei que não gostou de me ver no banco das testemunhas, mas por acaso menti quando estava lá em cima? Não falei porra nenhuma que não tivesse acontecido. E

sabe disso, irmão.

– Mentiu para *mim*, Raymond.

– Quando?

Pela primeira vez, ele está surpreso.

– Quando me entregou o Arquivo B. Quando me contou como Carolyn o pediu. Quando me disse que era uma alegação inconseqüente.

– Ah... – murmura Raymond, lentamente. Ele leva um momento para se ajustar. Mas não vacila. Raymond Horgan, como eu sempre soube, é duro na queda. – Muito bem. Agora entendi. Algum passarinho andou sussurrando em seu ouvido, hem? Quem foi? Lionel Kenneally? Ele sempre foi seu amigo. Mas há algumas coisas que você poderia gostar de saber a respeito dele. Ninguém é herói, Rusty. Torceu o nariz por causa disso? Ótimo. Eu não sou um herói. Alguns outros não foram heróis. Isso nada tem a ver com o fato de você ser acusado de homicídio. – Ele aponta para mim, ainda inabalável.

– E o que me diz de eu ter um julgamento justo, Raymond? Pensou nisso? Sabia se Larren ia ou não me manipular porque queria que aquela coisa fosse mantida em segredo?

– Ele não é desse tipo.

– Não é desse tipo? Estamos falando de alguém que vendeu sua toga. Pare com isso. A única coisa com que ele se importava... e você também, diga-se de passagem... era cuidar para que ninguém descobrisse. Deixe-me lhe perguntar uma coisa, Raymond. Como o meu caso foi parar com Larren? Quem fez o contato com Ed Mumphrey?

– Ninguém fez contato algum com Mumphrey.

– Foi apenas um golpe de sorte, hem?

– Até onde eu sei.

– Alguma vez perguntou?

– Larren e eu não conversamos sobre o seu julgamento. Nunca. Nem uma única vez, ao que me lembre. Fui uma testemunha e, por mais estranho que isso possa lhe parecer, ambos nos comportamos da maneira apropriada. Sei o que está pensando, Rusty. Sei como parece. Mas tudo o que diz é besteira. É uma coisa que aconteceu com o cara há nove anos, quando ele se encontrava completamente desnorteado.

– Como aconteceu, Raymond? – pergunto, a curiosidade por um momento maior do que a raiva.

– Não sei direito como foi, Rusty. Conversei com ele a respeito apenas uma vez. E a conversa não durou mais do que o absolutamente necessário. Ele andava bêbado durante a metade do tempo naqueles dias. Ela era a agente de livramento condicional. Os caras lhe contavam sua história triste. Ela começou a dar uma palavrinha para o juiz. E ele concordava. Tenho certeza de que pensava que isso a tornaria mais feliz na hora de levantar a saia. E veio o dia em que um desses caras que ela ajudou lhe deu um dinheiro por seu empenho. Ela leva para Larren, a fim de saber o que fazer. Ele acha que é engraçado. Ela também. Os dois saem e gastam os 100 dólares num jantar. Uma coisa leva a outra. Acho que tudo era uma grande diversão para eles. Sempre pensei que encaravam como aquelas brincadeiras de estudantes. Os dois.

– E a contratou mesmo sabendo disso?

– Eu a contratei por causa disso, Rusty. Larren me jogou uma conversa fiada, como ela estava quebrada, tendo de pagar a faculdade e ganhando apenas 11 mil dólares por ano como agente de livramento condicional. Eu disse: Muito bem, dobrarei o salário dela, mas vocês têm de acabar com essa merda. Pensei em deixá-la lá mesmo, como promotora-assistente. Ninguém

jamais gostou desses postos. E, com outros dois promotores-assistentes vigiando, o que ela poderia fazer? E acabou que ela fez um trabalho sensacional. Espetacular. Não era grande coisa em matéria de escrúpulos, mas possuía uma inteligência excepcional. E finalmente consegui a transferência de Larren para o centro. E ele se saiu com a maior distinção. Irei para a sepultura acreditando nisso. Ninguém jamais poderá questionar a integridade de Larren no julgamento de um crime. Um ano depois, os dois eram tão respeitáveis que nem mesmo falavam um com o outro. Se ela trocou dez palavras com Larren nos últimos cinco ou seis anos, eu ficaria espantado. E com o passar do tempo chegou o momento em que pude ver nela a mesma coisa que Larren viu. E você sabe o que aconteceu.

Essa é a resposta para o que me intrigou na primavera passada. Por que Carolyn fez seu primeiro movimento para cima de mim e não de Raymond, quando percebeu a perspectiva de um vazio no comando do escritório. Não foi minha virilidade, minha atração morena. Eu era inexperiente, nem de longe tão sensato. Provavelmente, ela calculou que Raymond não cairia na armadilha. Ele deveria ter sabido; talvez até soubesse. Talvez tenha sido por isso que ela não acabou com o que queria, porque Raymond não deu sinal de ter se afligido. Viu-a preparando o bote. Sabia o que esperar.

– Não é uma história das mais agradáveis – eu digo. – Tudo resolvido. Até que você recebeu uma certa correspondência anônima. E entregou o caso a ela para escondê-lo.

– Não, senhor. De jeito nenhum. Eu não sabia do que se tratava. Disse a ela para investigar. E para não esquecer que nunca poderia saber quem estava olhando por cima de seu ombro. Foi tudo o que eu disse. O que quer de mim, Rusty? Estava saindo com ela na ocasião. Deveria fingir? Se fosse tão ordinário, teria feito o que você acaba de sugerir. Simplesmente destruiria a carta.

Balanço a cabeça. Ambos sabemos que ele é cauteloso demais para isso. Não há como prever quem pode procurar a carta. É o tipo de coisa em que um Médici como Raymond sabe que não deve se envolver, que é melhor passar adiante. E com instruções que não vão ricochetear para cima dele. Muito hábil. Investigue. Verifique o que está acontecendo. E o que passa tácito é que, se tiver alguma coisa a ver com Larren e você, limpe a sujeira com o maior cuidado. Carolyn certamente tentou. Não preciso mais especular sobre quem tirou a ficha da prisão de Leon da 32ª Delegacia.

– E quando ela apagou, você correu para pegar o arquivo?

– Quando ela “apagou”, como você disse, recebi um telefonema do meritíssimo. Eu havia lhe falado sobre a carta no momento em que chegou às minhas mãos. E lá está ele ao telefone no dia em que encontraram o corpo. Típico de Larren. Ele sempre foi um santarrão idiota. E me diz: pode ser politicamente sensível, por que não recolhe o arquivo?

Raymond ri. Sozinho. Eu não relaxo minha expressão severa.

– Mas quando você me pediu, Rusty, eu lhe dei a coisa.

– Não tinha alternativa. Mas tentou me desviar pelo caminho errado.

– Não se esqueça de que ele é meu amigo.

É a chave para o apoio dos negros a Raymond. Se Raymond algum dia acusasse Larren Lyttle ou deixasse que outra pessoa o fizesse, seria como renunciar à sua candidatura à reeleição. Mas não mencionou isso. A náusea finalmente reduziu um pouco da raiva.

Levanto-me para ir embora.

– Rusty – ele acrescenta –, eu estava falando sério. Quero ajudá-lo. Basta me dar o aviso e farei qualquer coisa que quiser. Se quiser que eu puxe o saco de Augie Bolcarro ao meio-dia, na Wentham Square, a fim de que ele o faça juiz, farei isso. Quer trabalhar por uma grana alta,

também arrumarei. Sei que estou lhe devendo.

O que ele quer dizer é que deseja me manter feliz, agora mais do que nunca. Mas, apesar de tudo, sua genuflexão é de certa forma um calmante. Não se pode continuar a bater num homem que está de joelhos. Não digo nada, mas aceno com a cabeça.

A caminho da saída, Raymond torna a apontar toda a arte moderna nas paredes. Aparentemente esqueceu que já fez essa mesma conferência para mim e Stern. E, quando estamos nos despedindo, diante do elevador, ele se inclina para a frente e tenta me envolver num abraço.

– Foi uma coisa terrível – ele diz.

Eu me desvencilho. Para ser mais exato, dou-lhe um pequeno empurrão. Mas há pessoas ao redor e Raymond finge não ter percebido. O elevador chega. Horgan estala os dedos. Alguma coisa acaba de lhe ocorrer.

– Sabe, Rusty – ele diz em voz baixa –, havia uma coisa que prometi a mim mesmo que lhe perguntaria hoje.

– E o que é, Raymond? – pergunto, já entrando no elevador.

– Quem a matou? Isto é, quem você acha que foi?

Não digo nada. Permaneço impassível. Depois, quando a porta do elevador começa a fechar, aceno com a cabeça para Raymond Horgan, com a maior polidez.

38

Um dia, em outubro, estou trabalhando no jardim e sinto uma estranha agitação. Conserto a cerca – retiro os postes, cravo novos no cimento, prego tudo. Por um momento, considero a ferramenta com que trabalho. É o que chamamos de Whatchamacallit. Uma espécie de herança do meu sogro. Depois de sua morte, a mãe de Barbara trouxe para cá todas as suas ferramentas. O Whatchamacallit é um pedaço de ferro preto, uma coisa intermediária entre uma marreta e um pé-de-cabra. Pode-se usá-lo para qualquer coisa. Na noite de 1º de abril foi usado para matar Carolyn Polhemus.

Logo depois do julgamento, notei que ainda havia uma crosta de sangue de um cabelo louro agarrado na beira de um dos dois dentes. Fiquei olhando para o Whatchamacallit por um longo tempo, depois levei-o para o porão e lavei-o no tanque. Barbara desceu quando eu fazia isso. Ela estacou abruptamente na escada ao me ver, mas tentei parecer jovial. Abri a água quente e comecei a assoviar.

Tenho pegado a ferramenta uma dúzia de vezes desde então. Não quero ter fetiches, tabus. E, depois de um momento de reflexão, concluo que não é o Whatchamacallit que me invade como um fantasma. Em vez disso, enquanto contemplo a relva, as roseiras e seus espinhos, o canteiro de legumes que ajudei Barbara a plantar nesta primavera, há o senso de que alguma coisa nesta casa, nesta terra, está irremediavelmente gasta e velha. Estou finalmente pronto para cogitar algumas mudanças. Encontro Barbara na sala de jantar, onde ela está revisando provas. Estão empilhadas pela mesa, como as revistas e fichas de mamãe no tempo em que era uma personalidade do rádio. Sento no outro lado.

– Devemos pensar em voltar para a cidade – digo a ela.

Claro que espero que essa concessão arrancará de Barbara a radiância da vitória. Ela defendeu essa mudança por muitos anos. Em vez disso, Barbara larga a caneta e franze a testa.

– Oh, Deus – ela diz.

Espero. Sei que alguma coisa horrível está para acontecer. Não me sinto assustado.

– Não queria falar sobre isso por enquanto, Rusty.

– Falar sobre o quê?

– O futuro. – Uma pausa e ela acrescentou: – Achei que não seria justo para você. Tão cedo.

– Está bem. Você acenou na direção do bom gosto. Por que não me diz o que está pensando?

– Não seja assim, Rusty.

– Sou assim. Gostaria de saber.

Ela cruzou as mãos.

– Aceitei um emprego para o período de janeiro na Wayne State.

A Wayne State não fica no Condado de Kindle. A Wayne State não fica a menos de 600 quilômetros daqui. A Wayne State, pelo que recordo, fica numa cidade que visitei uma vez, que se chama Detroit.

– Detroit, não é mesmo?

– É sim.

– Está me deixando?

– Eu não diria assim. Estou aceitando um emprego. Detesto fazer isso agora, Rusty. Mas sinto que devo. Eles haviam me contratado para o período de setembro. Eu ia contar a você em abril, mas depois toda aquela loucura começou... – Ela balança a cabeça, os olhos fechados. – Seja como for, eles foram bastante gentis para me conceder um adiamento. Mudei de idéia meia dúzia de vezes. Mas acabei concluindo que é melhor assim.

– Onde Nat vai ficar?

– Comigo, é claro.

A expressão de Barbara torna-se subitamente agressiva. Neste ponto, ela pretende dizer, não deve haver sequer o pensamento de que pode ceder. Ocorre-me, como uma espécie de reflexo, que eu poderia recorrer ao tribunal e tentar impedi-la. Mas neste momento não quero saber de nenhum litígio judicial. À sua estranha maneira, o pensamento inspira um sorriso, pesaroso e breve, uma reação que proporciona uma expressão vagamente esperançosa a Barbara.

– Que história é essa de que não está me deixando, apenas aceitando um emprego? – pergunto. – Estou convidado para ir para Detroit?

– Você iria?

– É possível. Não é uma ocasião das piores para eu começar tudo de novo. Há algumas lembranças desagradáveis me acompanhando por aqui.

Barbara tenta imediatamente me corrigir. Pensou em tudo, talvez para aliviar a consciência, provavelmente porque sempre há essas geometrias em sua cabeça.

– Você é um herói – diz Barbara. – Escreveram a seu respeito no *New York Times* e no *Washington Post*. Eu estava esperando que me dissesse qualquer dia que vai disputar a eleição para o cargo.

Rio alto, mas é um triste comentário. Mais do que qualquer outra coisa que Barbara disse, isso prova o quanto já nos afastamos. Interrompemos outra vez a comunicação. Não lhe falei o suficiente para que compreenda minha repulsa total a tudo o que tem acontecido no interesse da política.

– Ficaria ofendida se eu me mudasse para algum lugar mais perto, a fim de poder ver meu filho? Admitindo que não vamos viver na mesma casa...

Ela me fita.

– Não.

Contemplo a parede por um momento. Meu Deus, penso. O que acontece numa vida. E depois penso mais uma vez sobre como tudo isso começou e lamento, como tem ocorrido com bastante freqüência ultimamente. Oh, Carolyn, penso. O que eu queria com você? O que fiz? Mas não é mais como se eu estivesse totalmente sem uma explicação.

Tenho quase 40 anos agora. Não posso mais fingir que o mundo me é desconhecido ou que gosto da maioria do que conheci. Sou o filho de meu pai. Essa é minha herança – a perspectiva sombria gerada por saber que há mais crueldades na vida do que a simples inteligência pode compreender. Não alego que meus próprios sofrimentos tenham sido muitos. Mas tenho visto muita coisa. Vi a alma vacilante de meu pai, mutilada por um dos grandes crimes da história; vi o tormento e a necessidade, a ira casual e arrebatada, que acarreta tantas coisas horríveis em nossas ruas. Como promotor, eu tencionava combater tudo isso, declarar-me um inimigo declarado do espírito distorcido que comete cada violação com força e armas. Mas é claro que acabei sendo engolfado. Quem pode observar esse panorama de capacidade negativa e manter qualquer senso de otimismo? Seria mais fácil se o mundo não estivesse tão repleto de infortúnio casual. Golan Scharf, um vizinho, tem um filho que nasceu cego. Mac e o marido, num momento de alegria, viraram uma esquina e mergulharam no rio. E mesmo que a sorte, a sorte apenas, nos poupe do pior, ainda assim a vida consome muitos de nós. Rapazes de talento se embotam e definham na bebida. Moças de espírito geram filhos, alargam os quadris e encolhem na esperança, à medida que a meia-idade se aproxima. Cada vida, como cada floco de neve, parecia-me então singular, na definição de seus sofrimentos e na raridade e brandura de seus prazeres. As luzes se apagam, a escuridão se adensa. E uma alma só pode agüentar a escuridão até certo ponto. Procurei Carolyn. Com toda determinação e propósito. Não posso fingir que tenha sido um acidente, um evento fortuito. Era o que eu queria. Era o que eu queria fazer. Procurei Carolyn.

E por isso, agora, ainda olhando para a parede, começo a falar, dizendo em voz alta coisas que eu prometera a mim mesmo que nunca seriam faladas.

– Tenho pensado muito sobre os motivos – digo. – Não que alguma pessoa possa compreendê-los plenamente. Como quer que se chame a mistura absurda de raiva e loucura que leva um ser humano a matar outro... não é o tipo de coisa fácil de se compreender, em última análise. Duvido que alguém... nem a pessoa que faz nem qualquer outra... possa realmente apreender toda a coisa. Mas bem que tentei. Juro que tentei. Uma coisa que eu deveria dizer para começar, Barbara, é que peço desculpas a você. Acho que muitas pessoas achariam isso cômico. É o que eu diria. Mas penso assim.

"E há mais uma coisa que você precisa saber. E tem de acreditar: ela nunca foi mais importante para mim do que você é. Nunca. Acho, para ser absolutamente honesto, que devia haver alguma coisa ali que eu não acreditava que pudesse encontrar em qualquer outro lugar. Essa foi minha falha. Mas, como você mesma me disse, eu estava absolutamente obcecado por ela. Levaria horas para explicar a razão. Ela possuía essa força; eu tinha essa fraqueza. Mas sei muito bem que não conseguiria superá-la por anos, provavelmente nunca, enquanto ela continuasse a viver. O que estou querendo dizer é que não tenho qualquer justificativa ou desculpa. Não estou tentando fingir que existe. Mas pelo menos devemos ambos reconhecer as circunstâncias.

"Sempre achei que não serviria a ninguém falar a respeito. E presumi que era assim também

que você pensava. O que aconteceu não tem volta. Mas é claro que passei muito tempo pensando sobre como ocorreu exatamente. Não podia evitar. Creio que cada promotor aprende que vivemos muito mais perto do mal do que estamos dispostos a acreditar. A fantasia é muito mais perigosa do que as pessoas gostam de admitir. Você tem uma idéia, um plano elaborado e cuidadoso, acaba sendo estimulante pensar a respeito, anima e emociona, você persiste, dá o primeiro passo para a execução, é ainda mais estimulante e emocionante, não se pode deixar de levá-lo adiante. E ao final, depois que absorve tudo, dizendo a si mesmo durante todo o tempo que não houve qualquer dano concreto, quando se deleita no excitamento, na sensação de voar livre, basta um pequeno impulso para que a coisa toda ocorra de fato."

Finalmente desvio o olhar, Barbara está de pé agora, parada atrás de sua cadeira. Sua expressão á alarmada, como não podia deixar de ser. Não resta a menor dúvida de que ela preferia nunca ouvir isso. Mas eu continuo:

– Como eu disse, pensei realmente que nunca teria de falar sobre isso, mas levanto o assunto agora porque acho que devemos expressar tudo, de uma vez por todas. Não há qualquer ameaça aqui. Não há sequer a sombra de uma ameaça, entendido? Só Deus sabe o que alguém em sua posição poderia pensar, Barbara, mas não há nenhuma ameaça. Quero apenas pôr as cartas na mesa. Não quero ficar especulando sobre o que qualquer dos dois pensa ou sabe. Não quero que seja a causa de qualquer coisa que venhamos a fazer. Porque, em tudo e por tudo, embora provavelmente você esteja espantada por me ouvir dizer tudo isso e depois acrescentar ainda mais isso, eu esperava, acho que a palavra é queria, eu *quero* continuar. Há uma porção de motivos. Nat, em primeiro lugar e acima de tudo. Claro. E também quero atenuar os danos em nossas vidas. Porém, mais do que isso, não quero que aquele ato insano tenha alguma conseqüência decente. E, basicamente, ao tentar explicar por mim mesmo como e por que aquela mulher foi assassinada... que pequenos impulsos racionais tiveram a ver com isso e quão pouco valem como explicações... acho que sempre pensei que foi em parte por nós. Por nós. Pelo bem de nós dois. Deus sabe que muito foi em meu proveito, para... se a consciência pode suportar tal palavra... se vingar. Mas pensei que uma parte foi por nós também. E assim eu queria dizer isso, para descobrir se significa alguma coisa para você, se faz alguma diferença.

Acabei finalmente e me sinto satisfeito, de uma estranha maneira. E me saí tão bem quanto poderia imaginar. Barbara, minha mulher, está chorando, muito, silenciosamente. Olha para baixo enquanto as lágrimas caem. Arqueja, faz um esforço para recuperar o fôlego.

– Rusty, acho que não há nada que valha a pena dizer, exceto que lamento muito. Espero que acredite em mim algum dia. Lamento sinceramente.

– Eu compreendo, Barbara. E acredito em você agora.

– Eu estava pronta para contar a verdade. A qualquer momento. Até o final. Se fosse chamada como testemunha, eu teria contado o que aconteceu.

– Compreendo isso também. Mas não era o que eu queria. Francamente, Barbara, não adiantaria coisa alguma. Pareceria alguma desculpa desesperada. Como se você estivesse fazendo um esforço bizarro para me salvar. Ninguém jamais acreditaria que foi você quem a matou.

Estas palavras acarretaram novas lágrimas e depois, finalmente, o controle. Foi dito e ela está, de certa forma, aliviada. Barbara enxuga cada olho com o dorso da mão. Respira fundo. Fala, baixando os olhos para a mesa.

– Sabe como é se sentir louca, Rusty? Louca de verdade? Não ser capaz de ter qualquer noção de quem você é? Nunca sentir nenhuma segurança? Sinto a cada passo que o chão está se abrindo. Que vou resvalar pelo chão. E não posso continuar assim. Acho que nunca mais poderei

ser uma pessoa normal, se continuar a viver com você. Sei que isso é horrível. Mas é horrível para mim também. Não importa o que eu tenha pensado, ninguém volta às coisas como eram depois que acontece algo assim. Tudo o que posso dizer, Rusty, é que nada ocorreu como eu esperava. Jamais entendi a realidade da situação até o julgamento. Até sentar lá. Até ver o que estava acontecendo com você, finalmente sentir o quanto não queria que aquilo acontecesse. Mas isso é parte do que não posso superar. Não tenho vida aqui, exceto me sentir arrependida. E com medo. E, é claro... "envergonhada" não é a palavra. "Culpada"? – Ela balança a cabeça lentamente, olhando para a mesa. – Não há uma palavra.

– Podemos tentar partilhar e você sabe disso. A culpa.

Apesar do meu controle, o comentário tem uma qualidade extravagante. Barbara solta um pequeno ofego. Morde o lábio subitamente. Olha para o outro lado por um segundo e chora, numa exalação momentânea. Depois, volta a balançar a cabeça.

– Não penso que seja certo – ela diz. – O julgamento acabou como deveria, Rusty.

Isto é tudo o que ela diz. Eu poderia esperar por mais, mas é suficiente. Ela começa a deixar a sala, mas pára e deixa-me abraçá-la por um momento, na verdade por um longo momento, mas acaba se desvencilhando. Ouço-a subir. Conheço Barbara. Vai deitar na cama e chorar por mais algum tempo. E depois estará de pé outra vez. Começando a arrumar as malas para a viagem.

39

Um dia, pouco depois do Dia de Ação de Graças, quando vou à cidade para as compras de Natal, encontro Nico Della Guardia descendo pelo Kindle Boulevard. Ele se encolhe na gola da capa e tem uma expressão preocupada. Parece olhar para um lado e outro da rua. Vem em minha direção, mas tenho certeza de que ainda não me viu. Penso em me esquivar, entrando num prédio, não porque tenha medo de sua reação, ou da minha, mas apenas porque acho que poderia ser mais fácil para ambos evitar o encontro. A esta altura, porém, ele já me avistou e avança deliberadamente. Não sorri, mas estende a mão primeiro e eu a aperto. Por esse instante apenas, experimento uma dose de tremenda emoção – angústia ardente e pesar –, mas logo passa e fico parado ali, olhando afavelmente para o homem que, sob todos os sentidos práticos, tentou me tirar a vida. Uma pessoa, um homem num chapéu de feltro, aparentemente percebe o significado daquele encontro, vira-se para olhar, enquanto continua a andar, mas afora isso o tráfego de pedestres apenas se divide em torno de nós.

Nico pergunta como estou. Tem o tom ansioso que as pessoas tendem a adotar ultimamente e por isso sei que já soube. Eu lhe digo mesmo assim.

– Barbara e eu nos separamos.

– Já soube – diz ele. – E lamento. Lamento de verdade. Um divórcio é horrível. Você sabe. Agüentou-me chorando em seu ombro. E eu não tinha um filho. Mas talvez vocês possam se reconciliar.

– Duvido muito. Nat está comigo agora, mas apenas até Barbara se instalar em Detroit.

– É uma pena. De verdade. Uma pena.

O velho Nico, eu penso, ainda repetindo tudo.

Afasto-me para deixá-lo continuar seu caminho. E dessa vez estendo a mão primeiro. Quando a aperta, ele se aproxima e contrai tanto o rosto que sei que se encontra prestes a dizer alguma coisa que considera angustiante.

– Não armei a coisa contra você – ele diz. – Sei o que as pessoas pensam. Mas não mandei ninguém adulterar as provas. Nem Tommy. Nem Kumagai.

Quase estremeço ao pensar em Indolor. Ele pediu demissão do Departamento de Polícia. Não tinha saída. Só podia alegar conluio ou incompetência, e escolheu o menor – e creio que o mais apropriado – dos dois males. Claro que ele não adulterou a amostra de sêmen, mas estou convencido de que ninguém seria indiciado se Indolor examinasse suas anotações de autópsia. Ninguém poderia reunir um caso. Talvez Tommy também seja culpado por pressionar demais para juntar as provas circunstanciais. Imagino que ele tenha pensado que minha pele acalmaria sua angústia – ou inveja – qualquer que fosse o estado em que Carolyn o deixara e que tanto atiçava suas paixões.

Enquanto isso, Nico continuava a falar, sincero como sempre.

– Juro que não fiz isso. Sei o que está pensando. Mas tenho de lhe dizer isso. Não fiz nada assim.

– Sei que não fez, Delay. – E depois lhe digo o que julgo ser a verdade. – Fez seu trabalho da maneira como achava que deveria. Apenas se apoiou nas pessoas erradas.

Ele me observa.

– Provavelmente não será meu trabalho por muito mais tempo. Já soube da história da remoção? – Ele está outra vez olhando para um lado e outro da rua. – Claro que sim. Todo mundo já sabe. Bom, que diferença isso faz? Todo mundo me diz que minha carreira está liquidada.

Ele não está procurando por compaixão. Quer apenas que eu saiba que as ondas de calamidade espalharam-se e o envolveram também. Carolyn puxou a todos nós em sua sinistra esteira. Descubro-me a animá-lo.

– Não se pode pensar assim, Delay. Nunca se sabe para que lado as coisas virarão em seguida.

Ele sacode a cabeça.

– Não, não. O herói é você, eu sou o bode expiatório. Essa é ótima. – Nico sorri de maneira abrupta, deixando que a gente saiba que acha os próprios pensamentos esquisitos e impróprios. – Há um ano você poderia me vencer na eleição e agora pode de novo ganhar. Não é sensacional?

Nico Della Guardia ri alto, atiçado pela própria ironia, os registros peculiares de seus termos de referência. Abre os braços aqui, em pleno Kindle Boulevard.

– Nada mudou – ele diz.

40

Há uma desordem total na sala de frente da casa em que tenho vivido por mais de oito anos. Caixas abertas, meio cheias, estão por toda parte, coisas retiradas de gavetas e prateleiras espalham-se em todas as direções. Os móveis já foram. Jamais me importei muito com o sofá

grande ou o pequeno para duas pessoas e Barbara os queria para seu apartamento nos arredores de Detroit. Eu me mudarei em 2 de janeiro para um apartamento na cidade. Não é dos piores. O corretor disse que tive sorte em consegui-lo. A casa está para alugar. Resolvi que cada passo deve ser lento.

Agora que Nat foi embora, o trabalho de arrumar as coisas parece durar uma eternidade. Circulo de cômodo em cômodo. Cada peça me lembra alguma coisa. Cada canto parece conter sua quota de angústia e tristeza. Quando chego a meu limite, passo a trabalhar em algum outro lugar. Penso com freqüência em meu pai e naquela cena que recordei para Marty Polhemus, em que encontrei o velho, na semana seguinte à morte de mamãe, removendo as coisas do apartamento que abandonara alguns anos antes. Ele trabalhava numa camiseta sem mangas e tinha uma atitude impudente enquanto pegava os objetos remanescentes de sua vida adulta e metia em caixotes e caixas. Chutava as caixas da sua frente ao circular entre os cômodos.

Tive notícias de Marty na semana passada. Ele mandou um cartão de Natal. “Fico contente por saber que tudo acabou bem para você.” Ri alto quando li sua mensagem. Puxa, que jeito o garoto tem. Joguei o cartão fora. Mas o tributo da solidão é maior do que eu imaginava. Há umas duas horas estava vasculhando pelas caixas com refugos na sala de estar, à procura do envelope. Preciso do endereço para lhe escrever em resposta.

Nunca escrevi para meu pai. E ele partiu para o Arizona, não tornei a vê-lo. Liguei uma vez, mas apenas porque Barbara discou e pôs o fone em minha mão. Ele foi tão pouco comunicativo, tão parcimonioso com os detalhes de sua vida, que nunca valeu o esforço. Eu sabia que ele estava vivendo com uma mulher a esta altura, que trabalhava três dias por semana numa padaria local. Achava o Arizona quente.

A mulher, Wanda, telefonou-me para avisar que ele morrera. Isso já tem agora mais de oito anos, mas o choque da notícia, de certa forma, está comigo todos os dias. Ele era forte e saudável; eu encarava como um fato consumado que viveria até os 100 anos, que sempre haveria aquele alvo distante para a minha amargura. Ele já fora cremado. Wanda só encontrou meu telefone quando estava limpando o trailer em que viviam. Insistiu para que eu fosse ao Oeste a fim de acertar o restante das coisas de meu pai. Barbara se encontrava no oitavo mês de gravidez na ocasião e ambos consideramos aquela viagem ao Oeste a imposição final de meu pai. Wanda, descobri, era da cidade de Nova York, com cinqüenta e tantos anos, alta, um tanto atraente. Não hesitou em falar mal do falecido. Na verdade, ela me contou assim que cheguei, deixara-o seis meses antes. Telefonaram-lhe da padaria, onde ele caiu com um enfarte, porque não conheciam mais ninguém.

– Não sei por que faço essas coisas. Não posso deixar de lhe falar – ela disse depois de dois drinques –, mas ele era acima de tudo um escroto.

Ela não achou engraçado quando sugeri que essa frase era o que deveria ser esculpido na lápide.

Wanda deixou-me sozinho para vasculhar pelo trailer. Encontrei meias vermelhas na cama. E havia na cômoda seis ou sete dúzias de pares de meias de homem. Vermelhas e amarelas. Listradas. Com bolinhas. Losangos. Em seus últimos anos, meu pai finalmente encontrara uma indulgência.

A campainha da porta toca. Experimento um tênue ímpeto de expectativa. Anseio por um momento de conversa com o carteiro ou o homem da mudança.

– Lip – eu digo, através da porta de tempestade.

Ele entra e bate os pés para tirar a neve.

– Isso é o que se pode chamar de um ambiente aconchegante – diz Lip, contemplando o

desastre na sala de estar.

Parado no capacho, ele me entrega um pacote pequeno, não muito maior do que o laço de cetim por cima.

– Presente de Natal – ele diz.

– É muita gentileza.

Nunca tínhamos feito nada assim antes.

– Achei que poderia precisar de um revigorante. Nat viajou direitinho?

Aceno com a cabeça. Levei-o ao aeroporto ontem. Deixaram-no ser o primeiro a sentar. Quis entrar com ele no avião, mas Nat não permitiu. Da porta, observei-o avançar em seu blusão azul-escuro, sozinho e já perdido em sonhos. Ele é o filho de seu pai. Não se virou para acenar. Eu quero, pensei com toda lucidez, eu quero a vida que tinha antes.

Lip e eu passamos um momento a nos olhar. Ainda não tirei seu capote. Oh, Deus, é constrangedor e assim acontece com todos, pessoas na rua ou pessoas que conheço bem. Aconteceu-me tanta coisa que jamais contei. E como as pessoas vão reagir? De certa forma, não se ajusta em qualquer padrão de conversa aceitável dizer "É terrível o que houve com sua esposa, mas pelo menos não o prenderam por aquele assassinato".

Finalmente ofereço-lhe uma cerveja.

– Se você está bebendo – respondeu Lip, acompanhando-me até a cozinha.

Ali também metade das coisas está em caixas. Enquanto tiro um copo do armário, Lip aponta para o pacote que trouxe e que larguei em cima da mesa.

– Quero ver você abrir isso. Andei economizando um bocado para comprar.

Ele fez um trabalho meticuloso com o papel.

– Nunca vi um presente embrulhado com tanto cuidado antes – eu digo.

Amassado dentro de uma pequena caixa branca, encontro um envelope pardo, com a fita vermelha e branca de prova judicial. Rasgo o envelope e deparo com o copo que desapareceu durante o julgamento, o que foi tirado do bar de Carolyn. Ponho tudo sobre a mesa e dou um passo atrás. Eis aí uma adivinhação da qual eu nunca teria chegado nem perto.

Lip enfia a mão no bolso e tira o isqueiro. Segura um canto do envelope por cima da chama, até ter certeza de que está queimando, depois o joga na pia. E depois me entrega o copo. O pó azulado ainda está por toda parte, as três impressões parciais em destaque, como uma porcelana surrealista. Levanto o copo contra a luz que entra pela janela por um momento, tentando descobrir, por motivos que não posso discernir, quais das pequenas teias de linhas são as marcas do meu polegar direito e do dedo médio direito, os antigos sinais denunciadores. Ainda estou olhando para o copo quando começo a falar para Lipranzer.

– Há uma dúvida genuína aqui: se eu deveria ficar comovido... – Agora, finalmente, meus olhos se encontram com os dele. – ... ou chateado para valer.

– Como assim?

– É crime neste estado ocultar a prova de um processo criminal. Arriscou-se muito neste caso, Lipper.

– Ninguém jamais saberá. – Lip toma um gole da cerveja que acabei de abrir. – Além do mais, não fiz nada. Foram eles que fizeram a besteira. Lembra que mandaram Schmidt recolher todas as provas? O copo não estava lá. Eu o tinha levado para Dickerman. No dia seguinte, recebi um telefonema do laboratório, o teste estava pronto, podia buscar o copo. Quando lá cheguei, alguém assinara o recibo de devolução. Eu deveria levá-lo de volta ao lugar de onde o tirara. Só que não estava mais trabalhando no caso, não tinha como fazê-lo. Larguei numa gaveta. Calculei que mais cedo ou mais tarde alguém me pediria. Ninguém pediu. Enquanto isso,

Molto faz como todo promotor idiota. Assina todos os recibos sem verificar as provas. E três meses depois ele despeja um balde de merda na própria cabeça. Mas isso é problema dele. – Lip levanta o copo e esvazia a maior parte. – Nenhum deles jamais teve a menor idéia de onde estava a coisa. Contam histórias sobre a maneira como Nico revirou o escritório pelo avesso. Ouvi dizer que mandou até arrancarem o carpete.

Ambos rimos, conhecendo Nico. Quando ele fica muito excitado, pode-se ver o crânio avermelhar, onde os cabelos se tornaram ralos. As sardas parecem sobressair ainda mais. Depois do riso, esperamos por um momento de silêncio vazio.

– Você sabe por que estou aporrinhado, não é mesmo? – finalmente pergunto.

Lip dá de ombros e levanta a cerveja.

– Você pensou que eu a matei.

Ele está preparado para isso e nem mesmo hesita. Arrota antes de responder.

– A mulher era uma desgraça.

– O que torna certo eu tê-la matado?

– Foi você?

Isso, é claro, foi o que ele veio descobrir. Se quisesse apenas ser uma alma irmã, teria levado o copo na última vez que foi pescar e o largado em Crown Falls, as cataratas magníficas lá em Skageon. Mas isso devia estar corroendo-o. É por isso que me trouxe o copo, para que eu saiba que estamos juntos nisso.

– Acha que fui eu, não é mesmo?

Ele toma a cerveja.

– É possível.

– Essa não. Expõe seu pescoço desse jeito só porque é uma pequena possibilidade, como a vida em Marte?

Lip me fita nos olhos.

– Não estou com um gravador escondido.

– Eu não me importaria se estivesse. Fui julgado e absolvido. Não podem fazer mais nada comigo. Eu poderia publicar minha confissão no *Trib* amanhã e ninguém poderia me julgar de novo por homicídio. Só que ambos sabemos, Lip... – Tomo um gole da cerveja que abri para mim. – ... eles nunca admitem, não é mesmo?

Lip atravessa a cozinha na direção de alguma coisa que não está ali.

– Esqueça – diz ele.

– Não vou esquecer. Quero apenas que me diga o que pensa, está bem? Você acha que fui eu quem a liquidou. Não é apenas por esporte que um tira de 15 anos esconde a prova no maior caso de homicídio da cidade. Certo?

– Certo. Não foi apenas por esporte. – Meu amigo Dan Lipranzer olha para mim. – Acho que você a matou.

– Como? Afinal, deve ter calculado tudo em sua cabeça.

Ele não hesita por tanto tempo quanto eu esperaria.

– Acho que a matou num momento de raiva. O restante foi apenas para despistar. Não haveria muito sentido em dizer que você se arrependeu, depois que a matou.

– E por que fiquei com tanta raiva?

– Não sei. Quem pode saber? Ela lhe deu o fora, não é mesmo? Por Raymond. É suficiente para deixar alguém furioso.

Lentamente, tiro o copo de cerveja da mão de Lipranzer. Posso perceber sua apreensão quando faço isso. Está preparado para que eu o arremesse. Em vez disso, deposito-o sobre a

mesa da cozinha, ao lado do copo que ele trouxe, o que encontraram no bar de Carolyn, o que tem minhas impressões digitais. São idênticos. Vou ao armário e pego o restante do jogo, até que vejo 12 copos ali, em duas fileiras, o que tem espuma de cerveja na frente à esquerda, o que está coberto pelo pó azul na frente da outra fileira. É um momento raro, em que Lipranzer não exibe sua expressão impiedosa de quem sabe tudo.

Abro a torneira da pia, lavando as cinzas, depois encho-a com espuma. Começo a falar enquanto faço isso.

– Imagine uma mulher, Lip, uma estranha mulher, com uma mente matemática bastante precisa. Muito interiorizada. Encerrada em si mesma. Irada e deprimida. Na maior parte do tempo, ela está vulcanicamente furiosa. Com a vida. Com o marido. Com a miserável e triste aventura extraconjugal que ele teve, em que deu tudo o que ela queria para si a outra mulher. Ela queria ser sua obsessão e, em vez disso, ele se entregou a uma vagabunda manipuladora, que, qualquer um podia perceber, menos ele, considerava-o mero passatempo. Essa mulher, Lip, a esposa, está doente no espírito e no coração e talvez na cabeça, se vamos pôr todas as cartas na mesa.

"Ela está confusa. Está indecisa em relação ao casamento. Alguns dias ela tem certeza de que vai deixá-lo. Outros, ela quer ficar. De qualquer forma, ela tem de fazer alguma coisa. Aquilo tudo a está corroendo, destruindo. E ela tem um desejo, uma desvairada esperança secreta de que a mulher com quem o marido dormia possa acabar morta. Quando a raiva da esposa está no auge, ela se sente disposta a abandonar o marido, procurar lacunas. Mas não haveria satisfação nisso se a outra mulher estivesse viva, porque o marido, um pateta impotente, voltará rastejando para ela e terminará com o que a esposa pensa que ele quer. A esposa só pode se vingar se a outra mulher desaparecer.

"Mas é claro que você sempre magoa a pessoa a quem ama. E em seus humores depressivos ela anseia por tudo o que tinham, quer encontrar alguma maneira de ressuscitar os velhos tempos. Mas, mesmo nesses momentos, parece que a vida seria melhor se a outra mulher estivesse morta. Sem alternativa, ele finalmente renunciará à sua obsessão. Talvez então possam reciclar tudo, reconstruir sobre as cinzas.

A essa altura, a pia está coberta de espuma. O pó azul desprende-se do copo com a maior facilidade, embora haja um cheiro de enxofre quando entra em contato com a água. Depois, pego uma toalha e enxugo o copo, deixando-o limpo. Quando acabo, pego uma caixa e começo a acondicionar o jogo. Lip ajuda. Separa as folhas de jornal que o pessoal da mudança forneceu. Ele ainda não fala.

– E, assim, a idéia persiste. Está lá, dia após dia. A esposa só pensa em matar a outra mulher. Quer esteja no auge da raiva ou nas profundezas da depressão e autocompaixão, lá está essa noção excitante.

"E como não podia deixar de ser, à medida que a idéia prevalece, há outra distorção. O marido deve saber. Quando está com raiva, quando se encontra quase fora de si, é uma vingança deliciosa pensar no marido desconsolado e sabendo exatamente quem o deixou nesse estado. E nos momentos mais amenos, quando o pensamento é salvar o casamento de alguma forma, ela quer que o marido aprecie esse ato monumental de empenho e devoção, seu esforço para encontrar a cura milagrosa. Não terá sentido se ele pensar que tudo não passou de um acidente.

"Assim, isso torna-se parte da compulsão. Matar. E fazê-lo saber que foi ela. Como realizar tal coisa? É um enigma magnífico para uma mulher capaz dos níveis mais intrincados do pensamento complexo. Obviamente, ela não pode se limitar a contar ao marido. Por um lado, na metade do tempo, ela está planejando ir embora. E há também, num nível básico, o risco de que

o marido... para dizer o mínimo... possa não aprovar esse gesto. Ele pode falar. Ela tem de lhe tirar essa opção. E qual a melhor forma de fazê-lo? Felizmente, é previsível que o marido investigará o crime. O chefe da Seção de Homicídios deixou o escritório. O chefe interino é uma pessoa em quem ninguém confia. E o marido é o assistente predileto do promotor público. Ele será incumbido de recolher as provas, ele e seu amigo, o grande astro da investigação de homicídios, Lipranzer. Enquanto o marido avança, detalhe por detalhe, descobrirá que o culpado, aos olhos do mundo, parece ser ele próprio. Claro que saberá que não foi. E saberá também quem foi, porque só há uma pessoa no mundo que tenha acesso àquele copo ou a seu sêmen. Mas ele nunca será capaz de convencer qualquer outra pessoa disso. Sofrerá em silêncio solitário quando ela o deixar. Ou beijará sua mão ensangüentada com uma nova devoção quando ela ficar. No ato propriamente dito, haverá purificação e descoberta. Com a outra mulher desaparecida, ela poderá descobrir exatamente o que quer fazer.

"Mas deve ser um crime que o resto do mundo possa em geral considerar insolúvel, quando o marido assim declarar. Deve ser um crime em que somente ele compreenderá o que ocorreu. É por isso que ela procura dar a impressão de que é um estupro. E, assim, o plano continua a ser elaborado. Uma coisa que deve ser utilizada é um desses copos.

Mostro o copo que estou acondicionando a Lip. Ele está sentado agora numa das cadeiras da cozinha, escutando com uma expressão franca, um meio-termo entre o horror puro e uma espécie de admiração.

– Foi um copo como este que o marido pegou e chorou, na noite em que lhe contou sobre a ligação. O idiota egocêntrico sentou ali e arrasou-a com a verdade, chorou porque seus copos eram iguais aos da outra mulher. Será o cartão de visitas perfeito, a maneira perfeita de lhe dizer. Ele toma cerveja uma noite, enquanto assiste a uma partida pela televisão. Ela esconde o copo. Agora tem suas impressões digitais.

"E depois, em algumas manhãs, ela guarda a gosma que sai quando remove o diafragma. Põe num saco plástico, eu calculo, provavelmente guardado por algum tempo no freezer no porão.

"E é assim que acontece. Primeiro de abril. Ah-ah. Isso é para ajudá-lo a compreender. Ela dá um telefonema de casa, uma hora antes do evento. O marido está em casa, tomando conta do filho, mas, como Nico alegaria se Stern alguma vez ressaltasse que Barbara poderia estar presente quando fiz aquela ligação, pode-se usar o telefone no estúdio de Barbara sem que se ouça lá embaixo.

A cadeira de Lip faz um rangido ao se arrastar pelo chão para trás.

– Incrível! – ele diz. – Explique de novo. Quem telefonou? De verdade. Não o que Delay estava pensando. Ela?

– Ela – eu digo. – Naquela vez.

– Naquela vez?

– Isso mesmo. Não na anterior.

– Foi você antes?

– Sim.

– Hum... – murmura Lip, os olhos opacos, enquanto reflete, sem dúvida, sobre aquele dia de abril em que lhe pedi o que parecia ser um favor inofensivo, uma indiscrição trivial, não pegar os registros telefônicos de minha casa. – Hum...

Ele ri alto. Não compreendo a princípio, mas, quando vejo sua expressão um tanto jovial, concluo que está satisfeito. Só podemos ser quem podemos ser. O Detetive Lipranzer está satisfeito por saber que não se enganou completamente ao me julgar culpado de um mínimo de

má-fé.

– Quer dizer que ela telefonou naquela noite?

– Isso mesmo.

– Sabendo que você havia ligado antes?

– Não tenho certeza disso. Ela não poderia ter-me ouvido, porque não houve nada para ouvir. Mas, se quer um palpite, acho que ela sabia. Essa foi minha impressão. Provavelmente deixei a lista telefônica do escritório da promotoria aberta na página, quando liguei para Carolyn. É o tipo de coisa que Barbara notaria. Sabe como ela tem fixação em detalhes, especialmente em casa. Pode até ter sido o que lhe deu o empurrão final. Mas não sei com certeza. Pode ter sido também apenas uma coincidência. Ela precisava fazer contato com Carolyn de alguma forma. Não podia simplesmente aparecer.

– O que ela diria pelo telefone?

– Quem sabe? Qualquer coisa. Uma besteira. Marcou um encontro.

– E matou-a.

– E matou-a – repito. – Mas não sem passar primeiro pela universidade. Fez o registro no computador. Ninguém jamais verificou, mas aposto que ela acionou algum programa demorado. Sou capaz de garantir que a máquina ficou cuspindo papel por duas horas. Cada assassino esperto precisa de um álibi e Barbara, pode estar certo, considerara alguns detalhes. E depois pegou o carro e foi para o apartamento de Carolyn, que àquela altura esperava sua chegada. Carolyn a deixa entrar. E, quando vira a cabeça, Barbara calmamente a golpeia com uma pequena ferramenta chamada Whatchamacallit, que é bastante pequena para caber numa bolsa de mulher. Pega a corda que trouxe e amarra Carolyn. Deixa o copo no bar. E depois usa uma seringa e os conhecimentos adquiridos de leituras sobre inseminação artificial, injeta o conteúdo do saco plástico, cheio de esperma. Destranca as portas e janelas antes de se retirar.

"A investigação criminal, porém, é muito mais complicada do que Barbara imaginava. Há áreas inteiras de investigação desconhecidas para ela. Como a análise de fibras. Ela deixa vestígios com que nunca contou. As fibras do carpete de casa, que aderiram à bainha da saia. Ou uns poucos fios de cabelo. Lembra que Cabelos e Fibras não se preocuparam com os cabelos femininos encontrados no local? Tenho certeza de que ela nunca imaginou que alguém fosse ser tão detalhista a ponto de fazer uma análise do esperma. E sou capaz de apostar que Barbara não tinha a menor idéia dos registros telefônicos, e ficou espantada quando descobriu que sua ligação foi checada como sendo de nossa casa. Atraíra mais uma flecha para si mesma do que tencionava. A mesma coisa se aplica à terceira impressão digital no copo... provavelmente um momento de descuido. E é claro que nenhum de nós jamais previu que Carolyn ligara as trompas.

"Aí está a dificuldade, é claro. A vida, ao que parece, não segue as regras invariáveis da matemática. As coisas não correm como ela planejou. Molto vigia a investigação. Recolhe tudo o que ela nunca pretendeu deixar para trás, além de itens como impressões digitais, que Barbara provavelmente imaginou que eu poderia varrer para baixo do tapete. E a situação se torna negra para o marido. O mundo desmorona a seu redor. Ele parece completamente atordoado. Talvez nem mesmo saiba quem o incriminou. E agora ela se descobre no único lugar com que jamais contou: sente pena do marido. Ele sofre de formas que ela não desejava e, à luz fria da realidade, ela se sente envergonhada. Acalenta-o na provação. Está disposta a salvá-lo a qualquer momento com a verdade, até que felizmente isso se torna desnecessário. Mas, obviamente, não há finais felizes. Esta história é uma tragédia. As coisas estão melhores agora entre marido e mulher. Paixão e sentimento foram redescobertos. Mas agora o Ato se interpõe entre os dois. Há coisas que ele não pode dizer a ela. Coisas que ela não pode dizer a ele. E, pior de tudo, ela não pode

suportar a própria culpa... ou a recordação de sua insanidade.

Depois que acabo, olho para Lip. E Lip olha para mim. Pergunto se ele quer outra cerveja.

– Não, senhor – ele diz. – Preciso de uísque.

Ele se levanta para lavar o copo. E depois o guarda na caixa com os outros 11. Segura a caixa fechada enquanto eu a vedo com uma fita adesiva.

Sirvo a dose de uísque e ele se levanta, bebendo.

– Quando concluiu tudo isso? – ele pergunta.

– O quadro geral? Acho que fui juntando peças a cada dia. Houve dias, Lip, enquanto Nat estava na escola, em que eu nada fazia além de sentar no escuro e refletir sobre os detalhes. Vezes sem conta.

– Mas e quando soube o que aconteceu?

– Quando eu soube que ela matou Carolyn? Passou por minha cabeça quando soube que havia um telefonema daqui na noite em que ela foi assassinada. Mas pensei que Tommy poderia ter adulterado os registros telefônicos. Não soube com certeza até que vi os copos de novo no apartamento de Carolyn e compreendi que ela estivera lá.

Lip emite um ruído, um pouco irônico demais para ser chamado de grunhido.

– Como tudo isso fez você se sentir?

– Muito estranho. – Balanço a cabeça. – Olhava para ela. Lá está Barbara... fazendo o jantar para mim. Para Nat. E isso me deixava comovido. Mas depois tudo aflorava em minha cabeça com a maior clareza: eu havia pirado. Não acreditava absolutamente. Por dias, não acreditei. Às vezes, tinha certeza de que Tommy me incriminara com provas forjadas. Fazendo-me pensar que Barbara era parte de sua trama. Pensei muito nisso. Adoraria se Leon despejasse toda a merda em cima de Molto. Mas quer saber de uma coisa? Ao final, quando tive certeza, não fiquei nem um pouco surpreso.

– Não quer vê-la se estrepar?

Espicho o lábio. Lentamente, balanço a cabeça.

– Eu não poderia fazer isso, Lip. Não poderia fazer isso a Nat. Todos nós já sofremos mais do que o suficiente. *Eu* não poderia suportar. Não devo tanto assim a ninguém.

– E não se preocupa com o garoto? Com ela?

– Não – respondo. – Isso não. Eis uma coisa com que não me preocupo. Ela está melhor com Nat. Serve para contê-la. Barbara precisa ter por perto alguém que goste realmente dela. E Nat também. Sempre soube que não poderia separá-los... seria a pior coisa que eu poderia fazer a qualquer um dos dois.

– Pelo menos não tenho de especular por que você a mandou embora. – Lip faz aquele ruído de novo. – Incrível!

Sentei na cadeira da cozinha antes ocupada por Lip. Assim, estou sozinho no meio da cozinha quando falo.

– Vou lhe dizer uma coisa que o deixará espantado: foi ela quem se mandou. Não lhe pedi para ir embora. Suponho que daqui a seis meses eu poderia acordar e estrangulá-la no sono. Mas estava disposto a tentar. Queria realmente tentar. Por mais louca que ela seja, desvairada, não importa quantas vezes se vire pelo avesso, ainda se tem de dizer que ela fez isso por minha causa. Claro que não foi por amor. Mas pelo amor. Eu nem mesmo diria isso, mas ambos teríamos muita coisa para compensar.

Lip solta uma risada.

– Puxa, você tem mesmo um jeito diferente com as mulheres.

– Acha que eu teria perdido o juízo se ficasse com ela?

– Está pedindo minha opinião?

– É o que parece.

– Está melhor sem ela. Está lhe dando crédito demais. Acreditando numa porção de acidentes.

– Como assim?

– A maneira como está olhando todas essas coisas.

– Por exemplo?

– Suas impressões. Estão no copo, certo?

– Certo.

– E só você saberia? Não pode fazer uma identificação pessoalmente. Precisa de um laboratório para isso. O que significaria que alguém mais saberia de seu nome.

– Tem razão, mas acontece que sou um tremendo idiota. Deveria reconhecer o copo... Não pedir impressões digitais.

– Não pediria impressões num importante caso de homicídio?

Penso por um momento.

– Talvez ela não soubesse que podiam fazer uma verificação a laser. Minhas impressões só estavam ali para que eu soubesse.

– Claro, claro – diz Lip. – E enquanto isso o laboratório está examinando tudo, tirando conclusões. E encontraram as fibras do seu carpete.

– Ninguém liga essas coisas a mim.

– E o que me diz de seus registros telefônicos, se alguém pensasse em investigar? Você mesmo disse que ela provavelmente sabia que você andava usando este telefone para ligar para Carolyn. Por que ela ligaria daqui, com você em casa? Por que correria esse risco, em vez de usar um telefônico público? Acha que ela não sabia dos registros telefônicos? Ou das fibras? Ou de quem são as impressões no arquivo? Depois de 12 anos a escutar suas histórias? – Lip toma o resto do uísque. – Você não pensou direito no que aconteceu.

– Não? E o que você acha?

– Acho que ela queria Carolyn morta e você em cana pelo crime. Eu diria que a única coisa que aconteceu com que ela jamais contou foi você acabar se livrando. Talvez duas coisas.

Lipranzer pega uma das cadeiras da cozinha e senta. Estamos frente a frente agora.

– Aposto que ela ficou muito aporrinhada quando você pegou o caso. Nunca teria imaginado que isso pudesse acontecer. Você é o subchefe. Não se envolve com homicídio agora. Não tem tempo para isso. Tem a porra de um escritório para dirigir, enquanto Raymond tenta salvar a pele. A única coisa que ela saberia é que Raymond ficaria desesperado... gostaria de manter a coisa dentro de casa, sob seu controle rigoroso. Qualquer um saberia que Raymond providenciaria para que a investigação policial fosse efetuada pelo Comando Especial. Acho que ela calculou que algum esperto detetive de homicídios iria agarrar você. Alguém que estranhasse tantas portas e janelas abertas, que obtivesse um relatório sobre tudo o que havia no apartamento e percebesse que era uma armação... alguém que procuraria por um cara inteligente que soubesse como fazer essas coisas. Era com isso que ela contava... alguém que conhecesse você muito bem. Alguém que o acompanhasse à Cruz Vermelha e soubesse seu tipo de sangue. Talvez até o conhecesse bastante bem para saber que andava se divertindo com uma certa mulher. Que soubesse de que cor é o carpete que você tem em casa.

Subitamente, de maneira imprópria, Lip boceja, enquanto olha para a sala de estar.

– Isso mesmo – ele acrescenta. – Quando eu fosse procurá-lo com as pulseiras, tudo teria se encaixado. É isso o que eu penso.

Lipranzer me contempla com uma cara de sábio. Depois acena com a cabeça, convencendo a si mesmo.

– É possível – digo depois de um momento. – Pensei nisso. Mas ela disse que as coisas não correram como esperava.

– E o que isso significa? – ele pergunta. – Que não fritaram seu rabo? Afinal, você não poderia ouvir outra coisa além de conversa mole: Meu bem, eu salvaria você, se fosse necessário. O que você faria? Diria: Vá em frente e me denuncie?

– Não sei, Lip. – Olho para ele, depois bato de leve em seu ombro. – Há 15 minutos você pensava que eu a havia matado.

Em resposta, ele emite seu som característico.

– Não sei – digo de novo. – Acredito em duas coisas. Foi ela quem fez. E se arrependeu. Sempre acreditarei que ela se arrependeu. – Empertigo-me. – Além do mais, não teria adiantado coisa alguma para mim contar a verdade.

– Por falar em contar, você pelo menos disse a seus advogados?

– Não. A nenhum dos dois. Ao final, tive a impressão de que Sandy pode ter deduzido. Ele me falou uma noite em pôr Barbara no banco das testemunhas... e tive a nítida impressão de que ele não tinha realmente o menor interesse de fazer isso. E o garoto, Kemp, também teve alguma noção. Ele sabia que havia alguma coisa errada com os registros telefônicos. Mas nunca deixei qualquer dos dois nessa posição, ter de escolher entre mim e minha mulher. Pois eu não queria ser defendido assim. Como falei, não poderia tirar a mãe de meu filho. Além do mais, isso nunca daria certo. Se Barbara realmente previu tudo, Lip, então ela sabia disso também. Nico teria um lindo argumento se eu me levantasse e a acusasse. Diria que era o crime perfeito. Um casamento infeliz. Um promotor que conhece o sistema por dentro e por fora. Um cara que se tornou um misógino. Despreza Carolyn. Odeia a esposa. Mas ama o filho. Se ele e a mulher se separassem, ele nunca ficaria com a custódia. Nico diria que planejei tudo assim. Para dar a impressão de que foi uma armação dela. Até o ponto de pôr sua impressão digital no copo e injetar o espermicida. Talvez ele dissesse que eu estava usando Barbara como um último recurso, a pessoa que eu gostaria que fosse presa se todo o castelo de cartas caísse em cima de mim. Há muitos júris que poderiam engolir essa história.

– Mas não é verdade – diz Lip.

Olho para ele. Posso perceber que o levei de novo a flutuar apreensivo nas regiões etéreas da incredulidade.

– Não – digo a ele –, isso não é verdade.

Mas há um lampejo ali, o brilho rápido de uma dúvida insinuante. O que é mais difícil? Conhecer a verdade ou descobri-la, contá-la ou ser acreditado?

Alegações finais

Quando Raymond telefonou, eu lhe disse que a idéia era absurda.

– Reabilitação instantânea – ele insistiu.

– É impossível – respondi.

– Rusty – ele disse –, dê uma chance a uma consciência culpada.

Eu não sabia se ele estava se referindo a si mesmo ou a todos no Condado de Kindle. Mas ele insistiu que podia acontecer e finalmente eu lhe disse que, se fosse possível arranjar tudo, eu pensaria seriamente no assunto.

Em janeiro, em decorrência da pressão intensa, o Conselho Municipal autorizou um plebiscito sobre a remoção. Bolcarro poderia impedi-la, mas demonstrou uma acentuada neutralidade em relação a Della Guardia. Nico fez uma campanha vigorosa para manter o cargo e quase conseguiu. Despediu Tommy Molto cerca de duas semanas antes da eleição, mas vários líderes cívicos, inclusive Raymond, Larren e o Juiz Mumphrey, manifestaram-se contra ele. Della Guardia foi afastado por uma margem de dois mil votos. Ele não desistiu. Vai concorrer ao Conselho Municipal pelo South End e torço para que vença.

Bolcarro formou uma comissão de cidadãos a fim de fazer recomendações para o novo promotor público. Raymond era um dos membros. Foi o que o levou a me procurar. Os rumores são de que Mac foi a primeira opção, mas ela se recusou a deixar a magistratura. Raymond garantiu-me que os jornais haviam sido sondados e que eu receberia apoio unânime. Não pude pensar num bom motivo para dizer não. No dia 28 de março, quatro dias antes do aniversário do assassinato de Carolyn Polhemus, tornei-me o promotor público interino do Condado de Kindle.

Assumi o cargo com a proposta de não concorrer à reeleição. O prefeito me disse algumas vezes que acha que darei um ótimo juiz, mas ainda não pôs isso no papel. Neste momento desfruto o trabalho que realizo. Os noticiários referem-se a mim como "o promotor zelador". Minhas relações com muitas pessoas apresentam todos os tipos de tensões e hesitações peculiares, mas não é pior no trabalho do que quando desço para comprar uma dúzia de ovos. Aceitei que isso aconteceria quando resolvi permanecer no Condado de Kindle. Não é que seja valente ou mesmo obstinado. Apenas acho que os problemas de uma vida nova, em algum outro lugar, não seriam mais fáceis do que enfrentar o que existe aqui. Sempre serei uma espécie de peça de museu. Rusty Sabich. O maior idiota que você já conheceu. Incriminado falsamente, não resta a menor dúvida, e depois Della Guardia deu cobertura a Molto. Realmente patética, toda essa história. O cara não é mais o mesmo.

O assassinato de Carolyn Polhemus, é claro, continua insolúvel. Ninguém fala em prosseguir nas investigações, pelo menos não comigo, e, de qualquer forma, é uma impossibilidade prática julgar duas pessoas pelo mesmo crime. Há poucos meses surgiu um maluco na cadeia que estava querendo confessar. Mandei Lipranzer tomar seu depoimento. E Lip prontamente comunicou ao departamento sua opinião de que não passava de um monte de invenções.

Viajo para Detroit em muitos fins de semana. Com este cargo, é mais difícil do que eu planejara; mas, quando não posso ir, Barbara manda Nathaniel para cá. Na segunda viagem a Detroit, Barbara sugeriu que eu ficasse com eles. Uma coisa leva a outra e, de uma maneira meio irrealista, nos reconciliamos. Não é provável que ela volte para cá. Está indo muito bem no trabalho e a verdade, eu acho, é que ela gosta da distância de mim e das lembranças. Nenhum dos dois espera que o arranjo atual persista. Mais cedo ou mais tarde a onda vai recuar e um dos dois encontrará outra pessoa. Quando penso a respeito, espero que seja uma mulher alguns anos mais jovem. Gostaria de ter outro filho. Mas esse é o tipo de coisa que ninguém pode planejar. No momento, Nat parece encontrar algum conforto no fato de que a mãe e eu ainda estamos casados, não nos divorciamos.

Às vezes, admito, ainda penso em Carolyn. Não resta nada daquele anseio obsessivo, daquela fixação bizarra. Acho que ela finalmente encontrou seu lugar de repouso para mim. Mas especulo sobre a experiência de vez em quando. O que era?, ainda penso. O que eu queria com ela? O que parecia tão imperativo na situação? Ao final, devia ter alguma relação com meu sentimento de tormento, as agonias que a impeliam. O legado de angústia estava exposto – em sua atitude implacável, seu tédio depressivo, sua defesa ardorosa no tribunal de gente como Wendell McGaffen, os oprimidos e miseráveis. Ela foi alguém que sofreu muito – e que alegava, em todos os aspectos visíveis de seu ser, ter triunfado sobre isso. O que não era verdade. Ela não podia deixar para trás o peso horrível do passado, assim como aqueles heróis gregos não podiam voar perto do sol. Mas isso significaria que é impossível para todos nós?

Procurei por Carolyn. Em uma parte de mim, sabia que o gesto era malfadado. Devo ter percebido sua vaidade conturbada, a pobreza de sentimento que reduzia sua alma. Devo ter sabido que tudo o que ela oferecia era apenas a maior das ilusões. Mas ainda sinto pelo mito que ela criou sobre si mesma. A glória. O fascínio. A coragem. Toda a sua graça determinada. Voar acima deste mundo obscuro de angústia, deste universo tenebroso de sofrimento! Para mim, haverá sempre essa luta para escapar às trevas. Procurei por Carolyn. Adorava-a, como o curandeiro pela fé é adorado pelos aleijados. Mas eu queria, com um abandono desvairado, com um desejo impetuoso, desafiador, incontrolável, eu queria o extremo – a exultação, a paixão e o momento, o fogo, a luz. Procurei por Carolyn. Com esperança. Esperança. Eterna esperança.

fim

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Acima de qualquer suspeita:

Sobre o livro
- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=25666

Sobre o autor
- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=216

Livros do autor
- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=216

Página do livro no Skoob
- http://www.skoob.com.br/livro/1539-acima-de-qualquer-suspeita

Site oficial do autor
- http://www.scottturow.com/

Resenha do livro
- http://livrosemserie.com.br/2011/08/23/resenha-acima-de-qualquer-suspeita-de-scott-turow/

Página do autor na Wikipédia
- http://www.livronochadascinco.com.br/2012/01/estrela-mais-brilhante-do-ceu-marian.html

Entrevista com o autor
- http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/scott-turow-no-espelho/

Página do autor no Facebook
- http://www.facebook.com/scottturowbooks

Twitter do autor
- http://twitter.com/#!/ScottTurow

Table of Contents

Rosto
Créditos
Dedicatória
Alegações preliminares
Primavera
Verão
Outono
Alegações finais
Colofão
Saiba mais